

ENTREVISTAS
COM
Jesus

Reflexões Ecumênicas

(400 perguntas e respostas)

3ª edição revista

José Pinheiro de Souza

ENTREVISTAS
COM
Jesus

Reflexões Ecumênicas

(400 perguntas e respostas)

3ª edição revista

Fortaleza - 2012

Entrevistas com Jesus: Reflexões Ecumênicas (400 perguntas e respostas)

© 2012 Copyright by José Pinheiro de Souza

Contato com o autor:

E-mail: jpinheirosouza@uol.com.br

Blog: www.jpinheirosouza.blog.uol.com.br

Digitação Eletrônica

Juracy Pereira de Andrade Filho

Diagramação e Formatação

Franciana Pequeno

Revisão de Texto

José Pinheiro de Souza

Capa

Sandro Vasconcelos

Ilustrações da Capa e Miolo

Carlos Henrique (Guabiras)

S 719 c Souza, José Pinheiro de

Entrevistas com Jesus: reflexões ecumênicas (400 perguntas e respostas). / José Pinheiro de Souza. 3. ed. revista. - Fortaleza: Gráfica LCR, 2012.

390p. : il.

Inclui referências bibliográficas e apêndice.

ISBN -

1. Religião 2. Cristianismo 3. Ecumenismo
4. Espiritismo I. Título

CDD 280.042

À minha esposa IACI,

por me haver inspirado
com suas palavras e seu
testemunho de vida
a ideia maior deste livro de que
**A VERDADEIRA RELIGIÃO
É A VIVÊNCIA DO AMOR.**

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	9
NÃO IMPORTA O CAMINHO	11
CREDO MACROECUMÊNICO	12
APRESENTAÇÃO DA 1ª EDIÇÃO	13
PREFÁCIO DA 1ª EDIÇÃO	18
PREFÁCIO DA 2ª EDIÇÃO	20
PREFÁCIO DA 3ª EDIÇÃO	22
ABREVIATURAS E SIGLAS	26
INTRODUÇÃO	29
ENTREVISTA Nº 1: O FENÔMENO RELIGIOSO	41
ENTREVISTA Nº 2: O ECUMENISMO E O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO	107
ENTREVISTA Nº 3: CONFLITOS E DIVISÕES NO CRISTIANISMO AO LONGO DE SUA HISTÓRIA	137
ENTREVISTA Nº 4: INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA	179
ENTREVISTA Nº 5: O CRISTIANISMO COMPARADO COM OUTRAS RELIGIÕES OU FILOSOFIAS	269
CONCLUSÃO	359
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	361

ÍNDICE NUMÉRICO DOS TEMAS	375
APÊNDICE: REFERÊNCIAS À 1ª EDIÇÃO DESTA OBRA	387

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos às seguintes pessoas e/ou instituições:

Prof. Paulo Amorim Cardoso, Prof. Dr. Francisco Tarcísio Cavalcante, Prof. Dr. Horácio Dídimo, Prof. Vianney Mesquita e Prof^a. Fátima Maria Alencar Araripe – meus colegas de magistério da Universidade Federal do Ceará – pela leitura de versões anteriores do livro e pelos valiosos comentários que fizeram a seu respeito.

Prof. Pedro Arturo Rojas Arenas, por seus comentários sobre o bahaísmo e pela contribuição bibliográfica sobre essa religião.

Grande Loja Maçônica do Estado do Ceará, pelo material que me forneceu sobre a maçonaria e pela autorização de seu Grão Mestre Nathaniel Carneiro Neto, para usar neste livro as informações contidas no folheto *O QUE É MAÇONARIA*, lançado por essa Grande Loja em 2001.

Jaime Magalhães, do Centro Espírita Caminheiros da Luz, Fortaleza-Ceará, pela leitura de uma versão anterior deste trabalho e por seus úteis comentários à dimensão espírita kardecista do livro.

Centro Espírita de Umbanda Cabana Luz do Congo, na pessoa de seu dirigente, Pai Tobias, Fortaleza-Ceará e Centro Espírita de Umbanda São Sebastião, na pessoa de seu dirigente, João Rodrigues, Fortaleza-Ceará, pelas entrevistas e informações que gentilmente me concederam sobre a umbanda.

Franciana Pequeno da Silva e Juracy Pereira de Andrade Filho, pelo suporte na digitação eletrônica (PageMaker).

Minha esposa, Iaci, pelas leituras do trabalho e, principalmente, como expressei na Dedicatória, por me haver inspirado com suas palavras e seu testemunho de vida a ideia maior deste livro de que **a verdadeira religião é a prática do amor**.

Meus agradecimentos a todos aqueles que leram a 1^a ou a 2^a edição deste livro e me enviaram e-mails ou telefonemas, fazendo-me elogios, comentários e/ou críticas construtivas. Dentre esses, quero mencionar e destacar os seis nomes seguintes: 1) o professor universitário, jornalista e radialista espírita, Cid Saboia de Carvalho – apresentador da 1^a edição desta obra na noite de seu lançamento, em 21 de junho de 2005 (residente em Fortaleza-CE); 2) o escritor judeu Vicente Francimar de Oliveira (residente em Fortaleza-CE); 3) o escritor mineiro, teósofo e biblista

espírita, José Reis Chaves, autor do Prefácio desta 3ª edição (residente em Belo Horizonte, MG); 4) o historiador belga, e ex-padre católico, Eduardo Hoornaert (residente em Lauro de Freitas, BA); 5) o irmão espírita Alberto de Albuquerque Cordeiro, do Centro Espírita Simples Como a Fé (Fortaleza-CE); 6) o escritor, e ex-padre salesiano, Paulo Cabral da Rocha (residente em Fortaleza-CE).

Não posso esquecer-me de agradecer a Deus, a Jesus e a outros amigos espirituais, por terem me dado inspiração e coragem de escrever este livro, de natureza bastante polêmica, mas cujo objetivo último é contribuir para a verdadeira paz e fraternidade entre todas as pessoas, independentemente de suas crenças religiosas.

NÃO IMPORTA O CAMINHO

Um juiz passava por uma estrada e encontrou um preto velho enrolando seu cigarro de palha e cumprimentando a todos que por ali passavam, dizendo:

– “Deus te abençoe, meu filho! Deus te acompanhe! Deus te guie! Deus te proteja!”

O juiz, um tanto curioso, perguntou-lhe:

– “O Senhor sabe onde Deus está?”

E o preto velho respondeu-lhe:

– “O Senhor sabe onde Ele não está?”

O juiz, não satisfeito com a resposta, retrucou:

– “O Senhor deve ser muito religioso! Qual é a sua religião?”

E o preto velho respondeu-lhe:

– “Quando vou levar trigo à cidade, posso ir pela rodovia, pela montanha, ou pela estrada do rio, mas, quando chego lá, o patrão não quer saber por onde vim. Ele quer saber se o trigo é de boa qualidade!”

(Autor desconhecido)

Moral da história e sua aplicação a esta obra: Quando formos prestar contas a Deus de nossa vida, Ele não vai querer saber se professamos Religião A, B ou C, mas **se nossas obras foram de boa qualidade!** Ou seja, **para Deus, não importa a religião que se professa, mas o amor que se pratica!** Esta é a chamada tese pluralista da **equivalência funcional** (mas não **doutrinal**) de todas as religiões, defendida neste livro, em oposição aos pontos de vista religiosos que sustentam a exclusividade, unicidade e superioridade de **UM CAMINHO**, isto é, de uma religião em relação às demais. Por essa tese, o catolicismo é tão bom, válido e verdadeiro para os católicos, quanto o judaísmo o é para os judeus, o budismo para os budistas, o espiritismo para os espíritas e assim por diante. Essa tese não afirma, porém, que todas as religiões são igualmente verdadeiras do ponto de vista de suas crenças, de seus dogmas ou de seus mitos, uma vez que, em questões de doutrina, elas se contradizem em muitos pontos. Daí, a necessidade do diálogo religioso aberto e sincero para se saber quem está com a verdade em assuntos doutrinários.

CREDO MACROECUMÊNICO

CREMOS QUE SOMOS TODOS IRMÃOS,
FILHOS DO MESMO PAI.
CREMOS NO AMOR UNIVERSAL,
ENSINADO POR JESUS E POR TODOS
OS MENSAGEIROS DA PAZ,
ENVIADOS POR DEUS
AO LONGO DA HISTÓRIA HUMANA.
CREMOS QUE,
SOMENTE VIVENDO UNIDOS NO AMOR,
EVITANDO QUALQUER ATO DE VIOLÊNCIA
E DISCRIMINAÇÃO CONTRA QUEM QUER QUE SEJA,
PODEREMOS CONSTRUIR UM MUNDO MELHOR,
DE PAZ E FRATERNIDADE.
CREMOS QUE “NÃO IMPORTA O CAMINHO”, ISTO É,
QUE TODAS AS RELIGIÕES
SÃO CAMINHOS VÁLIDOS
NA BUSCA DA VERDADE,
DA PERFEIÇÃO
E DO CRESCIMENTO ESPIRITUAL.
CREMOS QUE
TODO REINO DIVIDIDO PERECERÁ.
CREMOS NO DIÁLOGO FRATERNAL
COMO MEIO DE ESCLARECIMENTO E DE
BUSCA COMUM DA VERDADE RELIGIOSA,
PARA QUE TODOS SEJAMOS UM.
AMÉM.

José Pinheiro de Souza

APRESENTAÇÃO DA 1ª EDIÇÃO

(Transcrição da fala do professor, jornalista e radialista espírita, Cid Carvalho, apresentador do livro na noite de seu lançamento, em 21 de junho de 2005, na Livraria Oboé, Fortaleza-Ceará)

Senhoras e Senhores, eu quero cumprimentar a todos neste momento, que é muito importante pelo lançamento da obra da qual eu falarei neste exato momento.

A primeira coisa que eu quero dizer é que se trata de mais uma edição da Universidade Federal do Ceará, e a história do livro na Universidade Federal do Ceará é muito importante, passando inclusive pela existência brilhante de Antônio Martins Filho, que foi o homem que editou, só na Universidade Federal do Ceará, mais de 300 obras, sem falar noutras atividades que igualmente ele as teve durante a vida, desde a década de 30, quando editou obras que são fundamentais para a ciência, para a literatura e para a arte do nosso Estado.

Senhoras e Senhores, caros companheiros, que aqui se encontram, naturalmente muitos professores universitários, colegas do autor e do apresentador, pessoas que aqui vieram para festejar este momento de tanta importância para a cultura e para a fé.

O livro que hoje se lança é um milagre da inteligência e, acima de tudo, um trabalho de muita persistência e, diria eu, de muita assistência espiritual, de muita clarividência, uma pessoa que teve inspirações especiais para elaboração dessa obra.

O Prof. José Pinheiro de Souza penetrou, no entanto, num tema difícilíssimo, porque um dos nomes mais pronunciáveis do mundo é o de Jesus Cristo e, ao mesmo tempo, eu acho que, sem a leitura de determinadas obras, esse personagem da História, esse personagem básico para a humanidade não é tão conhecido quanto parece.

O autor se socorreu de uma imagem, uma imagem extraordinária: entrevistar o próprio Jesus, com perguntas inteligentes e de cujas respostas saem verdadeiras lições. Se, por exemplo, você tem dúvidas sobre o que significa uma determinada religião, se ali é uma religião ou é uma seita, então da leitura de *Entrevistas com Jesus: reflexões ecumênicas* sairá a grande lição. E, como se trata de um autor que é

um professor universitário, muito embora atuando no setor linguístico, professor de inglês e com vários títulos exatamente em linguística, ele tem noções exatas de didática, e este livro prevalece exatamente pela didática; é de fácil compreensão, e a gente fica perguntando: como pôde o Prof. Pinheiro tratar de um assunto tão difícil, de maneira tão fácil e de modo tão eloquente? Fica exatamente essa exclamação a respeito da obra que está sendo lançada agora.

Mas ela leva a muitas reflexões, principalmente no campo da teologia, porque hoje os teólogos, inclusive os mais modernos, têm uma grande preocupação em explicar o Cristo de um modo mais histórico, assim como se o Cristo que está no Novo Testamento precise do Cristo histórico, a recomposição histórica, para que ele possa ser devidamente compreendido.

O grande fato, e é isso contra o que se volta o Prof. Pinheiro, o grande fato é que ninguém foi mais mal-entendido do que Jesus Cristo. E agora, chega a hora de uma afirmativa que parece absurda: as religiões de Cristo não o entenderam. E é muita ousadia a gente falar nisso aqui, que as religiões não traduzem o verdadeiro Cristo. E, na verdade, se nós formos examinar a história do mundo, basta a História de Portugal, nem precisa complicar muito, nós vamos encontrar a trajetória sinistra da Santa Inquisição, dos Tribunais da Santa Inquisição.

Um dia, eu encontrei, num sebo, um livro muito importante, intitulado *O Papa-Rei e o Concílio*, escrito por um professor chamado Giraudes, da Universidade de Coimbra, com quase o mesmo título de uma obra de um autor alemão chamado Janus (*O Papa e o Concílio*), que foi traduzida por Rui Barbosa. A obra de Janus também trata do papa como rei.

O Prof. Giraudes defendia que Igreja era uma coisa e que Estado era outra inteiramente diferente, e que você não podia ter a junção Estado e Igreja. Por ter escrito o livro *O Papa-Rei e o Concílio*, o Prof. Giraudes foi condenado a morrer, a morrer queimado, em Lisboa. Foi perseguido, fugiu para a Itália, antes passou pela Inglaterra e, depois de alguns anos, conseguiu o perdão do papa seguinte, cujo nome me foge à memória, e com isso pôde voltar para Portugal, mas já não encontrou seu livro. Coisa curiosa: toda a edição foi queimada. Os templos determinavam: quem for encontrado com esse livro responderá perante a Inquisição. E os livros foram recolhidos e queimados. Não existem. Os dicionários de bibliografia portuguesa, inclusive o famoso Dicionário de Inocêncio, diz o seguinte: Giraudes escreveu essa obra, mas ninguém a conhece.

E eu vou e encontro num sebo do Recife exatamente *O Papa-Rei e o Concílio*, uma obra cujo único exemplar de que se tem notícia é exatamente esse que eu possuo, uma edição mais que centenária e absolutamente destruída, restando esse exemplar como testemunho da História.

Sim, *O Papa-Rei*, porque nós tivemos na História da humanidade isso com o que se volta o Prof. Pinheiro. Nós tivemos as cruzadas por motivação religiosa. Nós tivemos guerras religiosas, a trucidação religiosa, a terrível Noite de São Bartolomeu, que abalou toda a França e que é um dos temas mais sangrentos da História de todos os povos. Tudo isto, em nome de Cristo. A Santa Inquisição, em nome de Cristo. Até o famoso Padre Antônio Vieira, autor dos Sermões mais famosos da História da humanidade, teve que responder perante a Inquisição por conta dos seus sermões da pregação de fé, nas horas em que tentou acabar com o Cristo guerreiro para criar um Cristo de Amor.

Mas, Prof. Pinheiro, pode ficar tranquilo. O Senhor está retornando ao Cristo do Amor, e não há mais o Tribunal da Inquisição. A Inquisição ficou como coisa da História, as Cruzadas ficaram como coisa da História, as grandes injustiças praticadas em nome de Cristo continuam de outro modo, não desse modo sangrento, com cabeças rolando, com corpos incendiados, com prisões e, acima de tudo, com a destituição patrimonial do condenado, porque – pasmem os Senhores – a Igreja ficava com todos os bens dos condenados. Tudo o que eles tivessem passava a ser da Igreja e a excomunhão ia até a quinta geração, uma coisa inteiramente bárbara.

O Prof. Pinheiro foi um homem sempre religioso e, como religioso, estudou a Igreja Católica, e a estudou com profundidade, até conhecer outras nuances da fé, não propriamente da religião, porque hoje se faz uma grande diferença entre fé e religião. Religião leva à guerra. Você tem esse conflito de palestinos e judeus, por causa de religião. Católicos não se entendem com judeus, por causa de religião. Ninguém entende quem condenou Cristo, exatamente por causa de religião. As religiões são agressivas; muitas vezes – me desculpem a palavra –, as religiões são ignorantes. São absolutamente ignorantes no amor de Deus, desconhecem o amor de Deus.

De tanto estudar, um caminho se abriu para o nosso Prof. José Pinheiro de Souza, um caminho de luz: estudar **O Cristo Verdadeiro**, o Cristo como Verbo de Amor. Para isso, ele retornou à fonte, e aí descobriu uma coisa importantíssima: uma coisa é **o cristianismo dos cristãos**,

outra coisa é **o cristianismo de Jesus Cristo**. São duas coisas inteiramente diferentes, porque o “cristianismo de Jesus Cristo” não é água toldada, não é água lamacenta, não é água suja, não tem mistificação. Jesus está na fonte. Falta é redescobri-lo, é alcançá-lo, e este livro é exatamente essa tentativa.

Vamos reconquistar o conhecimento de Cristo, com um detalhe: o Prof. Pinheiro ainda não se preocupou em descobrir quem foi Jesus durante aqueles períodos não mencionados nos Evangelhos. Ele colhe Jesus, tal como ele é possível de ser colhido nas fontes evangélicas, nos ensinamentos de amor, e a religião de Cristo levaria inteiramente a outros caminhos, bem diferentes dos caminhos abordados por muitas religiões, e que apenas servem para pôr um manto escuro sobre a imagem, a filosofia, a vida, a obra e a fé de Jesus Cristo.

Esse é o grande problema. Por isso, eu ousou dizer aos Senhores: o livro que está sendo autografado esta noite é de sapiência, é de persistência, é, acima de tudo, um livro de descoberta. E eu vou mostrar a vocês onde está esta descoberta. É que há muitos livros sobre Jesus, eu não saberia dizer quantos existem, nem saberia dizer quantos li, mas, a partir do título “*A Loucura de Jesus*”, muita coisa se arrasta sobre essa criatura formidável e milagrosa.

Li um livro, há muitos anos, em três volumes, em que religiosos católicos procuravam demonstrar que talvez houvesse existido vários Cristos, e não apenas um, porque não se explicava como sua presença se repetia de modo tão rápido, num tempo tão diferente, em matéria de transporte, quando estes lugares eram distantes entre si, e Cristo estava aqui, estava ali, e como Deus estava em todos os lugares. A teoria encontrada e a única justificação foi admitir, no estudo jesuístico, que Cristo não era apenas um, mas que vários nazarenos teriam existido.

É muito extravagante a literatura sobre Cristo, mas uma não é extravagante, que é exatamente a obra de Allan Kardec: *O Evangelho Segundo o Espiritismo, o Livro dos Médiuns, a Gênese, o Céu e o Inferno, o Que é o Espiritismo* e a obra fundamental *O Livro dos Espíritos*.

Por uma felicidade dos que vão ler este livro, um dia o Prof. Pinheiro teve uma inspiração e tratou de adquirir e de ler a obra de Kardec. Pois fiquem sabendo que ele descobriu uma fonte, porque Kardec é o responsável pela restauração do Evangelho. Até então, desde as edições bíblicas, desde que existe imprensa, desde as edições manuscritas da Bíblia, Cristo vinha sendo mistificado e adulterado por seitas e religiões absolutamente estranhas, inclusive com a criação de dogmas perversos,

e que levavam a que se matasse a criatura humana, tirando o dom da vida, em nome de Deus, em nome de Cristo, em nome da religião.

Kardec, na segunda metade do século 19, codificou o espiritismo, e a sua providência mais salutar foi restabelecer a fé em Cristo, foi recriar o Cristo, tirar todas as encenações, todas as mistificações, todas as adulterações e apresentar o Cristo como se ele estivesse pregando exatamente na segunda metade do século 19.

O Prof. Pinheiro conheceu esta obra. Por isso, é que este livro existe, muito embora, ele o tenha começado a escrever numa fase anterior a isto, o que não lhe impediu de fazer as devidas adaptações e de amoldar o pensamento, a humildade, porque a grande tarefa agora é saber: e agora, como é que eu vou amar, depois da Santa Inquisição, depois da Noite de São Bartolomeu, depois de tanto dogma, depois de tanta religião, como é que eu vou amar? E a resposta está exatamente no livro do Prof. Pinheiro, para quem eu faço a minha saudação e bato palmas [o auditório bate palmas].

Muito obrigado, dou o livro como apresentado.

PREFÁCIO DA 1ª EDIÇÃO

Todo autor, ao escrever um livro, pretende codificar uma determinada mensagem e espera que esta mesma mensagem seja corretamente entendida por seus leitores, independentemente de suas interpretações subjetivas e particulares.

Meu livro, *Entrevistas com Jesus: reflexões ecumênicas*, objetiva transmitir a ideia maior de que **A VERDADEIRA RELIGIÃO É A VIVÊNCIA DO AMOR**, porque só o amor é capaz de verdadeiramente libertar o ser humano e unir todas as religiões e todas as pessoas. Só o amor é eterno, enquanto as crenças religiosas particulares são todas passageiras. Só o amor permite a paz, pois não pode haver paz sem amor. A vivência do amor independe de se professar Religião A, B ou C. Nesse sentido, o livro defende a tese da **equivalência funcional** (mas não **doutrinal**) de todas as religiões, insistindo na ideia pluralista de que, para Deus, não importa a religião que se professa (**NÃO IMPORTA O CAMINHO!**), mas o amor que se pratica.

A tese pluralista defendida neste livro se opõe frontalmente à visão exclusivista das religiões, ou seja, aos pontos de vista religiosos que sustentam a exclusividade, unicidade e superioridade de **UM CAMINHO**, isto é, de uma religião, em relação às demais. Essa tem sido, por exemplo, a conhecida atitude do cristianismo tradicional, isto é, de ver o cristianismo como superior a todas as demais religiões do planeta Terra, e a pretensão da Igreja Católica de ser superior a todas as outras igrejas cristãs.

Partindo do princípio de que, sem diálogo entre as religiões, não haverá paz (nem verdadeiro amor) entre elas e, sem paz entre as religiões, não haverá paz na humanidade, também pretendo alcançar através do livro vários objetivos relacionados ao **ecumenismo** (o diálogo para reaproximação dos cristãos divididos) e ao **macroecumenismo** (o diálogo inter-religioso, para aproximar adeptos de diferentes religiões).

No contexto da oposição entre *pluralismo* e *exclusivismo*, o livro adota uma distinção de fundamental importância para o ecumenismo e o macroecumenismo entre duas modalidades de cristianismo: 1) **o cristianismo de Jesus** (ou **de Cristo**), conceituado, essencialmente, como um código de moral universal, resumido na lei do amor, pluralista, unificador (**o cristianismo que une**), “o terreno onde todos os cultos podem se reencontrar, a bandeira sob a qual todos podem se abrigar,

quaisquer que sejam suas crenças, porque jamais foi objeto de disputas religiosas, sempre e por toda parte levantadas pelas questões de dogma” (KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Introdução, 1º parágrafo), e 2) **o cristianismo dos cristãos**, caracterizado, sobretudo, por um conjunto de dogmas (ou de mitos) exclusivistas e divisionistas (**o cristianismo que divide**), fragmentado em centenas de igrejas, denominações e seitas, objeto de inúmeras controvérsias e de numerosos conflitos ao longo de sua história. Este livro gira quase todo em torno do debate ou do diálogo entre essas duas modalidades básicas de cristianismo.

A tese pluralista da equivalência das religiões tem sido fortemente combatida pela Igreja Católica, principalmente por Joseph Ratzinger (hoje o Papa Bento XVI), que a chama de “relativismo da fé”. Na missa que antecedeu o conclave que o elegeu papa, Ratzinger atacou novamente o pluralismo religioso, rotulando-o de “ditadura do relativismo”, porque defender a tese pluralista da equivalência das religiões, como faz a presente obra, significa eliminar a superioridade de qualquer religião sobre as demais e, logo, a primazia da Igreja Católica sobre as outras igrejas cristãs.

Meu livro defende o **pluralismo** religioso (em oposição ao **exclusivismo** das religiões), porque somente o pluralismo é plenamente compatível com a lei do amor universal, que une todas as pessoas e todas as religiões, além de permitir o diálogo religioso de igual para igual. Num mundo cada vez mais globalizado como o planeta Terra, em que os meios de transporte e de comunicação romperam as distâncias entre as culturas e entre as pessoas, não é mais possível manter exclusivismos de nenhuma espécie, principalmente o exclusivismo religioso, em que uma crença pretende ser superior às demais, ou se julga a depositária única da verdade. Em virtude da grande pluralidade de crenças religiosas no mundo, a tese de única religião verdadeira torna-se, portanto, completamente insustentável.

Com esta obra, espero pôr meu tijolinho na construção de um mundo mais fraterno, em que a vivência do amor universal possa, de fato, unir todas as pessoas, independentemente de estarem ou não filiadas a uma instituição religiosa ou filosófica particular.

Fortaleza, 5 de maio de 2005
José Pinheiro de Souza

PREFÁCIO DA 2ª EDIÇÃO

Sinto-me feliz ao ver que meu livro (*Entrevistas com Jesus: Reflexões Ecumênicas*), fruto de oito anos de intensa pesquisa, está sendo lançado agora para todo o mundo, via *internet*, através desta sua segunda edição, uma vez que a sua primeira edição foi muito restrita (geograficamente).

Fico mais feliz ainda, ao ver que este livro está sendo bem recebido por pessoas de diversos credos religiosos ou filosóficos, o que pode ser comprovado pelas referências à 1ª edição desta obra (ver Apêndice, p. 387-390). A aceitação do livro por parte de membros de diversas crenças religiosas e/ou filosóficas comprova que a obra está começando a atingir alguns de seus objetivos ecumênicos e macroecumênicos.

Esta segunda edição foi revista e ampliada, tendo sofrido, portanto, várias modificações, como correções redacionais, supressões, acréscimos, incluindo várias substituições e/ou inversões de temas e de perguntas. Mas, no geral, o livro não sofreu sérias mudanças em seu conteúdo, em sua estrutura, em seu estilo e em seu número de temas, perguntas e respostas.

Alguns leitores têm me perguntado se este livro é “espírita” ou simplesmente “espiritualista”, uma vez que não me defino no livro como espírita, mas apenas como “espiritualista reencarnacionista ecumênico”, “simpatizante” do espiritismo kardecista.

Respondendo a esses leitores, reafirmo que, embora eu seja grande “simpatizante” da Doutrina dos Espíritos e tenha escrito a maior parte deste livro com base nessa mesma Doutrina, hoje, não estou mais preocupado em ser adepto de Religião A ou B, mas somente em tentar ser praticante da religião do amor – o “cristianismo de Jesus” (**o cristianismo que une**), em contraposição ao “cristianismo dos cristãos” (**o cristianismo que divide**).

O “cristianismo de Jesus” consiste, essencialmente, num **código de moral (ou de ética) universal**, resumido na **lei do amor**, o único, portanto, que tem condições de realmente unir a cristandade e a humanidade, enquanto o “cristianismo dos cristãos” consiste, essencialmente, num conjunto de dogmas (ou de mitos) exclusivistas, que sempre dividiram (e continuam dividindo) a cristandade e a humanidade. Em virtude da oposição entre esses dois cristianismos,

este livro, conforme afirmei no Prefácio de sua 1ª edição, gira quase todo em torno do debate ou do diálogo entre essas duas modalidades antagônicas de cristianismo, defendendo, obviamente, com os espíritas (e outros espiritualistas), que o “cristianismo de Jesus” (também chamado de o “cristianismo de Cristo”) é a única forma de religiosidade (ou de espiritualidade) capaz de unir todas as pessoas e todas as crenças deste planeta.

Esta obra mostra que **o código de moral universal** ensinado por Jesus é, de fato, no feliz dizer de Allan Kardec, “o terreno onde todos os cultos podem se abrigar, quaisquer que sejam suas crenças, porque jamais foi objeto de disputas religiosas, sempre e por toda parte levantadas pelas questões de dogma” (KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Introdução, 1º parágrafo). Repito que, sem a prática desse **código de moral (ou de ética) universal**, também denominado por Allan Kardec de “código divino” (KARDEC, *ibid.*), jamais poderá haver união e paz na cristandade e na humanidade.

Além de fazer apologia da religião do amor (objetivo principal deste livro), relembro ao leitor que, em função de meus objetivos ecumênicos e macroecumênicos, me guio nesta obra, não pela “fé cega” da maioria das religiões, mas pela filosofia espírita da “fé raciocinada” (“aquela que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da Humanidade”), a única que realmente permite um autêntico diálogo entre as religiões.

Este livro, por conseguinte, mesmo não sendo totalmente espírita, objetiva divulgar o espiritismo, sem excluir nem discriminar, contudo, nenhuma outra crença religiosa ou filosófica que também tente vivenciar **a verdadeira religião – a religião do amor**.

Em função das melhorias realizadas na obra, espero que esta sua segunda edição possa ser ainda mais bem recebida do que a primeira.

Desejo bom proveito a todos os leitores, agradecendo-lhes antecipadamente os comentários, as correções e as críticas que me enviarem.

Fortaleza, 15 de janeiro de 2007
José Pinheiro de Souza

PREFÁCIO DA 3ª EDIÇÃO

É com imensa alegria que prefacio *Entrevistas com Jesus – Reflexões Ecumênicas*, do professor José Pinheiro de Souza, nascido em Cedro, CE, aposentado da Universidade Federal do Ceará e da Universidade Estadual do Ceará, possuidor dos títulos de Ph.D em Linguística e Mestre no Ensino de Inglês como Língua Estrangeira pela Universidade de Illinois (USA), licenciado em Letras, profundo conhecedor de Filosofia e Teologia, estudante que foi para padre Salesiano durante doze anos.

Expresso aqui ao autor os meus agradecimentos por me ter incumbido dessa subida honra de ser o prefaciador da 3ª edição revista dessa monumental obra de grande conteúdo filosófico-teológico-bíblico, rica de raciocínios lógicos, lúcidos, portanto, convincentes e que são próprios de um grande mestre na arte de pensar, com tudo bem concatenado e de conformidade com a Codificação Espírita, com que nos presenteou Kardec.

Com efeito, sem nenhum favor, ousou afirmar que quem ler essa obra não será mais o mesmo, mormente se se tratar de um leitor experiente no manuseio da Bíblia, de obras de peso filosófico, teológico, e da história dos dois cristianismos: o dos primórdios e o pós-constantiniano. E aqui julgamos necessária uma observação. Por um lado, foi providencial a entrada de Constantino no cristianismo, pois ela se constituiu numa espécie de instrumento que o salvou. Por outro lado, essa sua entrada no cristianismo foi também nefasta, pois ela abriu as portas para a Igreja misturar as coisas de Deus com as de César, as do reino dos céus com as do nosso ego, as mundanas, e as do Cristo com as do anticristo. Provavelmente isso seria inevitável, pelo menos é o que Jesus nos mostra na parábola do joio e do trigo. Os dois têm que crescer juntos. Mas um dia tem que haver a sua separação, não com vingança, como muitos pensam, mas com amor, para o bem dos representados pelo trigo e pelo joio, pois Jesus não vai pisar na bola, passando a praticar o ódio, que Ele tanto condenou. Mas é óbvio que é bom que os identificados com o trigo se desenvolvam bem, no que o Espiritismo desempenha um importante papel, como se fosse uma espécie de adubo e de um regar do trigo.

O autor se declara simpatizante da Doutrina Espírita e se intitula como sendo ecumênico. E ecumênico de verdade é aquele que, em

primeiro lugar, respeita, de fato, todas as religiões e, em segundo, dispõe-se a dialogar com todas as religiões. E esse é justamente um dos fundamentos do Espiritismo, que prima por um diálogo respeitoso, amigo e fraterno com todas as pessoas espiritualistas e até materialistas, fugindo sempre do fanatismo e do sectarismo religiosos. E o autor, ao longo desta obra, é pródigo nessas qualidades, o que o caracterizam como sendo, de fato, um verdadeiro ecumênico, um autêntico religioso pluralista e que tem até uma certa ojeriza pelo exclusivismo religioso.

O Prof. Pinheiro foi muito feliz na forma que adotou para escrever esse livro, ou seja, a de entrevistas e diálogos teológico-bíblicos, em que coloca em destaque Jesus, o homem mais perfeito, mais compreensivo, mais tolerante e mais amável que já se encarnou em nosso Planeta Terra. E o Prof. Pinheiro atuou como um grande mestre nas respostas que coloca na boca do Mestre, pois são sábias, ponderadas, racionais, lógicas, esclarecedoras e convincentes, próprias do Nazareno, pois o autor é hábil em seus recursos filosófico-teológico-bíblicos, numa linguagem simples, coloquial, fluente, sonora e acessível a todos, mas que não deixa de ser também escurita e erudita. Seu estilo é, pois, agradável de se ler, prendendo o leitor do princípio ao fim, o qual começa a sentir uma espécie de nostalgia, saudade e tristeza antecipadas – se é que posso me expressar assim – ao pressentir que está prestes a terminar a leitura.

E você, que está iniciando a leitura desta obra, verá que ela é como que uma seta que nos indica o caminho do verdadeiro ecumenismo, que, para ser verdadeiro mesmo, tem que ser universal, sem que o indivíduo se deixe dominar por um exclusivismo religioso, como sói acontecer com os adeptos de determinadas correntes religiosas, cujos seguidores só poderiam alimentar um falso ecumenismo, o que, aliás, está muito em voga também entre aqueles que, é verdade, querem realmente dar seus primeiros passos para o ecumenismo, mas que, não conseguindo desvencilhar-se de suas ideias religiosas preconcebidas, não dão nem o primeiro passo.

Dissemos que o Prof. Pinheiro, para escrever esta obra, foi muito feliz na escolha da forma de entrevistas e diálogos com o Mestre dos mestres. E não foi menos feliz na escolha do momento para lançá-la. De fato, a ocasião é propícia para tal, já que alguns teólogos católicos e protestantes renomados estão também começando a virar uma página melancólica da história da Teologia Cristã, ou seja, a intocabilidade dos dogmas, que estão sendo estremecidos em seus alicerces, e cujo

edifício, ao nosso ver, já está desmoronando. Dizendo em outros termos, no momento presente, os dogmas não estão sendo mais considerados indiscutíveis por teólogos que constituem as colunas doutrinárias das igrejas cristãs, principalmente por teólogos da Igreja Católica.

Um exemplo disso é o francês Claude Geffré, do Instituto Católico de Paris, que defende o pluralismo religioso, que ele denomina de teologia das religiões, e que é uma realidade do mundo atual vista por todos. E para Geffré, que tem muitos seguidores espalhados pelo mundo, inclusive no Brasil e, de modo especial, em Belo Horizonte, o maior núcleo de teologia da América Latina, é muito importante a teologia hermenêutica, contrária à teologia fundamentalista. Mas, segundo ele, isso não é o bastante, pois a teologia hermenêutica não pode deixar de reconhecer os valores da teologia das religiões. Ele condena a teologia dogmatista e aquela do magistério da Igreja, enfatizando a necessidade de uma teologia plural, ou seja, a que respeite as diferentes verdades teológicas de outras religiões, que ele denomina de teologia de fato, e, principalmente, quando se trata da teologia de princípio, que, para Geffré seria justamente um desejo de Deus para que haja a pluralidade de religiões. Aos interessados em saber mais sobre esse assunto, recomendo o livro *Pluralismo Religioso Contemporâneo - diálogo inter-religioso na teologia de Claude Geffré*, de Roberlei Panasiewicz, mestre e doutor em Ciências da Religião, professor do programa de pós-graduação da PUC Minas e da FUMEC, Editora PUC Minas e Paulinas, com a apresentação na capa do teólogo João Batista Libânio.

Entrevistas com Jesus - reflexões ecumênicas é uma obra de vulto, pois é ecumênica de verdade, e diríamos necessária para o momento atual vivido pelas grandes religiões do mundo, pois o entendimento entre elas pode constituir-se num fator de peso na construção da paz mundial. E o verdadeiro ecumenismo se estriba no pluralismo religioso, assunto muito bem desenvolvido pelo autor desta obra. Durante séculos, a teologia exclusivista, que discrimina as teologias das outras religiões, foi a tônica da Igreja Católica, que se julgava a única religião possuidora da verdade bíblica, o que, infelizmente, ainda ocorre hoje em alguns setores arqui-conservadores do Catolicismo. Isso, sem dúvida, foi fruto daquilo que mais empecilhos traz à nossa evolução espiritual, a saber, o ego, em cuja armadilha o clero católico, por se compor de seres humanos imperfeitos iguais a todos nós, não podia deixar de também cair. E não foi à toa que o Prof. Pinheiro descobriu concomitantemente o

pluralismo religioso e o Espiritismo, pois ambos têm muito em comum, por exemplo, o respeito a todas as correntes religiosas e, como vimos, até aos materialistas.

Parabéns ao ilustre autor cearense, que, com essa sua magnífica obra, traz muita luz para os espiritualistas e materialistas. E parabéns a você, também, que vai mergulhar no profundo e interessante pensamento do Prof. Pinheiro, que está em perfeita consonância com os princípios ensinados e vivenciados do cristianismo primitivo e, portanto, com os postulados espíritas, que são, hoje, o cristianismo redivivo, que sob a égide de Jesus nos incentiva a vivência do seu Evangelho.

Que respeitemos o sangue de Jesus derramado, mas que nos convençamos de que não é bem o seu sangue que nos redime, doutrina que chamo de teologia do sangue, mas de que o que nos salva ou liberta, de fato, é a prática do amor a Deus e ao nosso semelhante.

Com meus agradecimentos e o meu abraço fraterno para você, a quem desejo uma boa leitura!

José Reis Chaves.
Belo Horizonte, Outono de 2011.

ABREVIATURAS E SIGLAS

a.C.	Antes de Cristo
d.C.	Depois de Cristo
apud	Citado por (Junto a)
Cf.	Confira (ou confronte)
Ibid.	Ibidem (na mesma obra)
Id.	Idem (o mesmo autor ou a mesma autora)
Op. Cit.	Obra citada
X	<i>Versus</i> (por ex.: Cristianismo x Budismo)

ABREVIATURAS DE TEXTOS BÍBLICOS

Ap	Apocalipse
At	Atos dos Apóstolos
Cl	Colossenses
Dt	Deuteronômio
Ef	Efésios
Ex	Êxodo
Ez	Ezequiel
Gl	Gálatas
Gn	Gênesis
Hb	Hebreus
Is	Isaías
Jo	João
Jr	Jeremias
Js	Josué
Lc	Lucas
Lv	Levítico
Mc	Marcos
Mt	Mateus
Nm	Números
Rm	Romanos
1Rs, 2Rs	1º Livro dos Reis, 2º Livro dos Reis
1Tm, 2Tm	1ª Epístola a Timóteo, 2ª Epístola a Timóteo
1Sm, 2Sm	1º Livro de Samuel, 2º Livro de Samuel
1Cor	1ª Epístola aos Coríntios
Sl	Salmos
1Jo	1ª Epístola de João
Tb	Tobias
Tg	Tiago
1Ts, 2Ts	1ª/2ª Epístola aos Tessalonicenses
Tt	Tito

Observação: As citações bíblicas contidas neste livro seguem o texto da *BÍBLIA DE JERUSALÉM*, São Paulo, Edições Paulinas, 1981.

SIGLAS DE DOCUMENTOS PONTIFÍCIOS

- AG *Ad Gentes (A Todos os Povos/Decreto sobre a atividade missionária da Igreja)*
DA *Diálogo e Anúncio*
DH *Dignitatis Humanae (A Dignidade Humana/Declaração sobre a liberdade religiosa)*
DI *Dominus Iesus (O Senhor Jesus/Declaração sobre a unicidade e universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja)*
DM *Diálogo e Missão*
EN *Evangelii Nuntiandi (Anúncio do Evangelho/Exortação apostólica sobre a evangelização)*
ES *Ecclesiam Suam (A Igreja de Cristo/Carta encíclica sobre os caminhos da Igreja no mundo moderno)*
GS *Gaudium et Spes (Alegria e Esperança/Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje)*
LG *Lumen Gentium (Luz dos Povos/Constituição dogmática sobre a Igreja)*
NA *Nostra Aetate (Nossa Época/Declaração sobre a relação da Igreja com as religiões não cristãs)*
RH *Redemptor Hominis (O Redentor do Homem/Carta encíclica sobre o mistério da redenção)*
RM *Redemptoris Missio (Missão do Redentor/Carta encíclica sobre a validade permanente do mandado missionário)*
UR *Unitatis Redintegratio (Restauração da Unidade/Decreto sobre o ecumenismo)*
US *Ut Unum Sint (Para que Todos Sejam Um/Carta encíclica sobre o empenho ecumênico)*

DICIONÁRIOS DE RELIGIÕES

- DER *Dicionário Enciclopédico das Religiões* (de autoria de Hugo SCHLESINGER e Humberto PORTO, Volumes I e II. Petrópolis, Vozes, 1995, uma das principais fontes de pesquisa para este livro).
DRCO *Dicionário de Religiões, Crenças e Ocultismo* (de autoria de George A. MATHER e Larry A. NICHOLS. São Paulo, Vidas, 2000, publicado originalmente nos Estados Unidos, em 1993, outra fonte importante de pesquisa para este livro).

DICIONÁRIOS DA LÍNGUA PORTUGUESA

- HOUAISS HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
AURÉLIO FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed., rev. aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

INTRODUÇÃO

Para que o leitor possa contextualizar melhor meus pontos de vista expressos neste livro, quero iniciar esta Introdução com um pequeno histórico de minha vida religiosa e profissional.

Nasci, em 25 de fevereiro de 1938, no Município de Cedro-Ceará, numa família católica e minha mãe determinou que eu, por ser o seu filho mais velho, deveria ser padre, ao que meu pai e eu nos opusemos fortemente. Mesmo assim, depois que completei 13 anos (em 1951), minha mãe me internou no Seminário Salesiano de Juazeiro do Norte-Ceará, onde concluí meus estudos primários (1951-1952).

Minha intenção inicial era a de fugir do Seminário, logo que tivesse uma oportunidade. Ocorreu, porém, que, com o passar dos dias, comecei a gostar daquela vida totalmente nova para mim: jogos, passeios, estudo etc. Como resultado, retirei de minha cabeça a ideia de fugir do Seminário e decidi ser padre, mesmo se minha mãe não mais o desejasse.

Continuei meus estudos no Seminário Salesiano de Recife-Pernambuco, onde concluí o segundo grau (1953-1956). Em 1957, fiz o noviciado em Jaboatão-PE., onde me tornei membro da Congregação Salesiana (fundada por São João Bosco). Em 1958, fui para Natal-Rio Grande do Norte, onde iniciei o curso de Filosofia de Seminário (Filosofia “pura”, como costumávamos dizer). Em 1959, por motivos de saúde, interrompi os estudos de Filosofia e exerci o primeiro ano (de prática) de magistério (chamado à época de “tirocínio”) no Colégio Salesiano de Natal. Em 1960, fui transferido para Salvador-Bahia, onde exerci o segundo ano de magistério no Liceu Salesiano. Em 1961, fui dar prosseguimento ao curso de Filosofia, em São João del-Rei, Minas Gerais, onde concluí o segundo ano de estudos filosóficos. Em 1962, fui transferido para Lorena-São Paulo, a fim de concluir o terceiro ano de Filosofia. Em 1963, retornei ao Ceará para exercer o terceiro ano de magistério, no Ginásio Salesiano de Baturité. No início de 1964, quando deveria ter iniciado o curso de Teologia, deixei a Congregação Salesiana. Somando tudo, permaneci entre os Salesianos por 12 anos (de 1951 a 1963).

A propósito, nunca poderei deixar de agradecer a Deus e aos Salesianos pelos 12 anos vividos nas casas de Dom Bosco, onde recebi a maior parte de minha formação moral e intelectual.

Depois que deixei a Congregação Salesiana, com 25 anos de idade, dei prosseguimento ao curso de graduação na Ex-Faculdade Católica de Filosofia do Ceará, onde, em 1965, coleí grau em Letras, tornando-me professor de inglês.

Em 1966, recebi uma Bolsa de Estudos do Governo Americano (Bolsa Fulbright) para cursar o Mestrado no Ensino de Inglês como Língua Estrangeira na Universidade de Illinois (USA). Concluí o referido curso em 1968, retornei ao Brasil e ingressei no magistério superior (mediante concursos públicos) da Universidade Estadual do Ceará (1969) e da Universidade Federal do Ceará (1970).

Em 1979, recebi uma Bolsa de Estudos do Governo Brasileiro (Bolsa da CAPES) para cursar o Ph.D em Linguística na mesma Universidade de Illinois (USA). Concluí o referido curso em 1982 e retornei ao Brasil.

Nesse mesmo ano de meu retorno, minha esposa e eu fizemos o Cursinho da Cristandade e o Encontro de Casais com Cristo (ECC) da Paróquia de Santo Afonso (Fortaleza-Ceará). Atuamos juntos no ECC durante 14 anos (1982-1996), inclusive coordenando um Grupo de Estudo Bíblico para casais do ECC e para demais membros da Comunidade de Santo Afonso, grupo esse fundado por minha esposa, Iaci, e que funcionou por 20 anos (1985-2005), sob a sua coordenação.

Em 1995, já com a idade de 57 anos, ocorreu uma verdadeira “revolução copernicana” em meu modo de entender o cristianismo e, particularmente, o catolicismo, religião que professei por mais de meio século.

Até o ano de 1995, fora católico convicto. Para mim, o catolicismo era a única religião verdadeira (**O ÚNICO CAMINHO!**). Por isso, nunca tinha me interessado em conhecer outras religiões (**OUTROS CAMINHOS!**), pois achava que estava muito “seguro” de minha fé e julgava, portanto, ser perda de tempo conhecer as verdades de outras religiões. Mesmo assim, sem conhecer as outras doutrinas, julgava-as todas “falsas”, convicto de que “fora da minha Igreja não haveria salvação”. Comportava-me como inúmeras outras pessoas, que vivem a criticar as religiões dos outros sem conhecê-las devidamente.

Em um belo dia do mês de abril de 1995, porém, indo à minha agência do Banco do Brasil, vi que se encontrava lá uma mesa repleta de livros. Aproximei-me da mesa e perguntei à moça que lá se encontrava atendendo: – “Que livros são esses?”, ao que ela me respondeu: – “São livros espíritas”.

De início, senti uma espécie de arrepio e aquela aversão católica natural, mas, depois de pensar um pouco, “caí na tentação” de folhear

ligeiramente alguns deles, enquanto dizia à vendedora: – “Olha, eu nunca li livros espíritas”, eu sou católico, ao que ela retrucou: – “Não tem importância. Há muitos católicos que leem livros espíritas. Por que o Senhor não lê um destes livros, a fim de conhecer a doutrina espírita?” – “E qual é o livro mais importante para se conhecer o espiritismo?”, indaguei-lhe. E ela, mostrando-me um deles respondeu: – “É este aqui: *O Livro dos Espíritos*”.

Após alguns minutos de reflexão e de uma espécie de diálogo interno com minha consciência, não resisti à “tentação” e comprei *O Livro dos Espíritos*. Levei-o para casa, bem escondidinho numa pasta, para que ninguém o visse. À noite, quando todos da família estavam dormindo, comecei a ler e a gostar da “fruta proibida”. “Devorei” cerca de um terço do referido livro só nessa primeira noite. No dia seguinte, voltei à minha agência do BB, dirigi-me à mesma banca de livros do dia anterior e, desta vez, comprei todas as demais obras básicas do espiritismo kardecista: *O que é o Espiritismo, o Livro dos Médiuns, o Evangelho Segundo o Espiritismo, o Céu e o Inferno, a Gênese e Obras Póstumas*.

Continuei a ler *O Livro dos Espíritos*, até o fim, e dei início à leitura dos outros livros da codificação espírita. Quanto mais lia sobre o espiritismo, mais ficava fascinado com os seus ensinamentos, enquanto os fundamentos dogmáticos de minha fé católica começavam a balançar e a desmoronar, o que resultou, um ano depois (1996), no meu afastamento da Igreja Católica.

Como parte dessa reviravolta em minha fé, convenci-me de que é preciso distinguir duas modalidades antagônicas de cristianismo: 1) **o cristianismo de Jesus (ou de Cristo)**, definido, essencialmente, não como uma nova religião ou uma igreja, mas como um código de moral (ou de ética) universal, pluralista, unificador (**o cristianismo que une**), e 2) **o cristianismo dos cristãos**, definido como um novo credo religioso, caracterizado, sobretudo, por um conjunto de dogmas (ou de mitos) exclusivistas e divisionistas (**o cristianismo que divide**), fragmentado em centenas de igrejas, denominações e seitas, objeto de inúmeras controvérsias e de numerosos conflitos ao longo de sua história.

O **código de moral universal** ensinado por Jesus é, no correto dizer de Allan Kardec, “o terreno onde todos os cultos podem se reencontrar, a bandeira sob a qual todos podem se abrigar, quaisquer que sejam suas crenças, porque jamais foi objeto de disputas religiosas, sempre e por toda parte levantadas pelas questões de dogma” (KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Introdução, 1º parágrafo).

Infelizmente, o cristianismo que dominou a História por dois mil anos foi o “cristianismo dos cristãos” (o “cristianismo divisionista”), e não o “cristianismo de Jesus” (o “cristianismo unificador”). Por isso mesmo, conforme já mencionei, mas convém repetir, esta obra gira quase toda em torno do debate ou do diálogo entre essas duas modalidades antagônicas de cristianismo.

Diante desses **dois cristianismos**, decidi tentar seguir, a partir da reviravolta em minha fé, somente o “cristianismo de Jesus”, procurando ser “cristão” apenas no sentido definido por ele mesmo, como aquele que ama o próximo: “Nisso conhecerão todos que sois meus discípulos [isto é, que sois cristãos], se tiverdes amor uns pelos outros” (Jo 13,35).

Como o espiritismo, em sua dimensão religiosa, tenta seguir somente o “cristianismo de Cristo” (definindo-se como o “cristianismo redivivo”), reafirmo que me tornei “simpatizante” dessa doutrina e foi logicamente fundamentado nela, que escrevi a maior parte deste livro.

Desde 1995, venho estudando não somente o espiritismo, mas também várias outras religiões, sem ter me filiado, contudo, a qualquer uma delas em particular. Em suma, hoje, não tenho religião definida, mas sou “religioso” (**espiritualista reencarnacionista ecumênico**) e “cristão”, no sentido (definido por Jesus) de quem tenta pautar sua vida pela prática da verdadeira religião – a vivência do amor.

Após esse breve histórico de minha vida profissional e religiosa, reafirmo que escrevi este livro (*Entrevistas com Jesus: Reflexões Ecumênicas*) com o objetivo principal de defender a ideia de que **a verdadeira religião é a vivência do amor**, do “Amor Universal” – chamado também por alguns espiritualistas de “Amor Cósmico” (cf. RAMATÍS, 1996c, p. 280) – porque só este tipo de amor é capaz de verdadeiramente libertar o ser humano e unir todas as religiões e todas as pessoas (“amor” no sentido de união, altruísmo, doação, caridade, fraternidade, solidariedade e as suas demais características descritas pelo apóstolo Paulo em sua 1ª Epístola aos Coríntios, capítulo 13).

Como escrevi no Prefácio da 1ª edição deste livro, além desse meu objetivo principal, pretendo alcançar vários objetivos relacionados ao **ecumenismo** e ao **macroecumenismo**, dentre os quais destaco os dez seguintes:

1) Defender, numa *perspectiva religiosa pluralista*, a *equivalência funcional* (mas não *doutrinal*) de todas as crenças religiosas (**NÃO IMPORTA O CAMINHO!**), em oposição aos pontos de vista religiosos que sustentam a *exclusividade*, *unicidade* e *superioridade* de **UM**

CAMINHO, isto é, de uma religião, em relação às demais. Por essa tese da **equivalência funcional/pragmática** de todas as religiões, o catolicismo é tão bom, válido e verdadeiro para os católicos, quanto o judaísmo o é para os judeus, o budismo para os budistas, o espiritismo para os espíritas e assim por diante, o que não significa dizer que todas as crenças são igualmente verdadeiras do ponto de vista doutrinário.

2) Tentar eliminar ou reduzir preconceitos e barreiras entre as religiões ou entre divisões de uma mesma tradição religiosa.

3) Combater as pretensões exclusivistas das religiões, principalmente o chamado “mito da unicidade cristã”, segundo o qual o cristianismo tradicional é uma religião “excepcional” e “única”. “É necessário despir-se deste hábito dogmático e, se me permitem a expressão, presunçoso” (DONINI, 1965, p. 198). O livro mostra, bem ao contrário, que o cristianismo convencional, longe de ser algo de “excepcional” e “único”, tem muito em comum com todas as outras religiões: os mesmos ritos, os mesmos mitos, as mesmas lendas etc.

4) Refletir crítica e ecumenicamente sobre o fenômeno religioso, enfocando as questões que mais dividem as religiões e as que mais têm causado conflitos e divisões entre cristãos e não cristãos.

5) Refletir criticamente sobre o ecumenismo e o diálogo inter-religioso, com base em vários documentos oficiais da Igreja Católica sobre esses temas.

6) Incentivar o diálogo entre as religiões ou entre divisões de uma mesma tradição religiosa. Por isso, uma das expressões-chave do livro é “diálogo religioso”, que empregarei em três sentidos:

- a) o diálogo sobre temas religiosos entre pessoas da mesma religião ou de religiões diferentes, ou até mesmo entre pessoas que não estejam filiadas a qualquer instituição religiosa particular;
- b) o “diálogo ecumênico”, isto é, o diálogo para reaproximação dos cristãos divididos;
- c) o “diálogo inter-religioso” (ou “macroecumênico”), ou seja, o diálogo entre seguidores de religiões diferentes, particularmente o diálogo entre o cristianismo ortodoxo e as religiões ou filosofias tradicionalmente não cristãs.

7) Conhecer os principais conflitos ideológicos e as maiores divisões do cristianismo tradicional ao longo de sua história, com o intuito de incentivar o diálogo ecumênico entre os cristãos divididos.

8) Comparar, de maneira resumida, alguns dos principais pontos doutrinários entre o cristianismo e várias outras religiões e/ou filosofias (tradicionalmente não cristãs), com a intenção de estimular o diálogo religioso entre cristãos e não cristãos.

9) Argumentar a favor da **reencarnação**, doutrina comum a muitas religiões e filosofias (antigas e modernas) que admite a preexistência da alma e o seu renascimento em novo corpo físico, que explica as diferenças entre os seres humanos e os seus sofrimentos, além de se coadunar com a justiça e a misericórdia divinas e ser, hoje, aceita pela maioria das crenças religiosas e filosóficas do mundo: “dois terços da população mundial acreditam em reencarnação” (Van PRAAGH, 1999, p. 100; ver também BLAVATSKY, 2000, p. 562-563).

10) Considerando que **Jesus** é o personagem sobre o qual mais se tem escrito livros neste planeta – “segundo uma estatística, publica-se uma média de quatro livros por dia sobre Jesus” (WOODWARD, 2000, p. 97) – mas que, mesmo depois de dois mil anos de cristianismo, ainda não se chegou a um consenso (nem mesmo entre os cristãos) acerca de sua verdadeira identidade, meu último, mas principal, objetivo deste livro será estimular o debate bimilenar (e cada vez mais atual) sobre a verdadeira identidade (ou natureza) de Jesus: **QUEM FOI JESUS?**

A propósito deste meu último (e principal) objetivo (com certeza, o mais polêmico), quero alertar você, prezado leitor, para o fato de que, ao longo das simuladas entrevistas com Jesus, apresentadas neste livro, você ficará sabendo que o ‘Jesus’ de um grupo religioso ou filosófico pode ser bem diferente do ‘Jesus’ de outro. Assim, o ‘Jesus’ dos católicos entregou as chaves do Reino dos Céus somente a Pedro e aos seus legítimos sucessores (os papas), enquanto o ‘Jesus’ dos protestantes fundou a religião cristã, mas não confiou exclusivamente a Pedro a chefia dessa instituição. O ‘Jesus’ da grande maioria dos cristãos é literalmente Deus encarnado, enquanto o ‘Jesus’ dos protestantes liberais e/ou pluralistas é apenas poética e metaforicamente uma divindade. O ‘Jesus’ da maioria dos cristãos é altamente exclusivista, porquanto é o único caminho, o único mediador entre Deus e os homens, enquanto o ‘Jesus’ dos cristãos pluralistas é um caminho ao lado de muitos outros. O ‘Jesus’ dos espíritas é o espírito mais evoluído que já encarnou neste planeta, mas não é uma divindade. O ‘Jesus’ dos rosa-cruzes é Filho de Deus, mas não o único Filho de Deus. O ‘Jesus’ dos hinduístas é uma encarnação divina ao lado de muitas outras. O ‘Jesus’ dos muçulmanos

é um grande profeta, mas é inferior a Maomé e não foi crucificado nem morto na cruz (cf. *O Alcorão*, sura 4, 157). Segundo alguns estudiosos, Jesus se casou e teve filhos. Enquanto o ‘Jesus’ da maioria dos cristãos fundou uma nova religião e uma igreja, o ‘Jesus’ de muitos outros grupos religiosos (como o defendido neste livro) não fundou uma nova religião, nem uma igreja, mas apenas ensinou a praticarmos **um código de moral (ou de ética) universal, resumido na lei do amor**. (Emprego os termos “moral” e “ética” no mesmo sentido de um conjunto de princípios universais de boa conduta humana).

Em face de tantas concepções contraditórias a respeito do personagem central do cristianismo, podemos e devemos perguntar: **JESUS NÃO É UM SÓ? QUAL É, ENTÃO, O VERDADEIRO JESUS?**

Indubitavelmente, a maior polêmica cristã de todos os tempos sempre foi (e continua sendo) sobre **a verdadeira identidade de Jesus (QUEM É JESUS)?** E são três as principais correntes desta polêmica:

- 1) A corrente dogmática: **Jesus é Deus e homem.**
- 2) A corrente docetista: **Jesus é só Deus.**
- 3) A corrente adocionista/ariana/espírita: **Jesus é só homem.**

A grande maioria dos cristãos (atualmente um pouco mais de dois bilhões) segue a primeira corrente cristológica, ou seja, acredita que Jesus é Deus e homem (Deus encarnado), que se fez homem a fim de morrer pelos pecados da humanidade e que fundou uma nova religião e uma igreja para proclamar essa verdade. Se Jesus é, *literalmente*, Deus encarnado, o cristianismo tradicional (dogmático) é a única religião fundada pessoalmente pelo próprio Deus, e deve ser, por conseguinte, superior a todas as outras religiões deste planeta (cf. HICK, 1993, p. ix).

Em minhas obras ecumênicas (cf. SOUZA 2007; 2010a; 2010b; 2011a; 2011b) questiono as duas primeiras correntes cristológicas sobre a verdadeira identidade de Jesus, defendendo, com os adocionistas, os arianos, os espíritas e muitos outros grupos de estudiosos do cristianismo, particularmente os teólogos liberais e pluralistas, a terceira corrente (**Jesus é só homem**), por sinal, a corrente que mais cresce atualmente no mundo, argumentando que as outras duas correntes, por defenderem um **Jesus que é Deus e homem** ou **que é só Deus (uma pessoa totalmente divina)**, são “mitos cristãos”. Para nós, o “Jesus” da terceira corrente é o “Jesus real” (**uma pessoa inteiramente humana**), em oposição ao “Jesus mítico” das outras duas correntes

(**uma pessoa inteiramente divina**). (Para os conceitos de “mito”, “mitologia” e “mitos cristãos”, ver tema 4.40 deste livro.)

Respeito o direito de cada grupo religioso (ou mesmo de cada indivíduo) de defender o seu ‘Jesus’ como sendo o “verdadeiro Jesus” e, por isso mesmo, espero que você, prezado leitor, respeite igualmente o meu direito de defender, nas entrevistas simuladas deste livro, aquele que é, na minha opinião, **O VERDADEIRO JESUS DE NAZARÉ**.

Segundo o ponto de vista defendido nesta obra, o “Jesus real” é o chamado “**Jesus histórico**” (ou “**Cristo histórico**”), enquanto o “Jesus (ou Cristo) mítico” é o normalmente chamado de “**Cristo da fé**”. São duas figuras antagônicas. O “Jesus (ou Cristo) real” é um ser humano, histórico, pluralista, cuja doutrina principal se resume na lei do amor, enquanto o “Jesus (ou Cristo) mítico” é um personagem celeste, Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, um ser superexclusivista, cuja doutrina é cheia de dogmas e mitos, o único Filho de Deus encarnado na História, o único “salvador” (ou “redentor”) da Humanidade (pelo seu sangue derramado na cruz), o fundador da única religião verdadeira (o cristianismo tradicional) e da única igreja verdadeira (a Igreja Católica).

Consequentemente, é preciso também distinguir o “cristianismo do Jesus (ou Cristo) real” – o cristianismo do “Jesus histórico” – do “cristianismo do Jesus (ou Cristo) mítico” – o cristianismo mítico do “Cristo da fé” (para mais detalhes sobre esse tema, ver SOUZA, 2007, cap. 1).

Meus livros ecumênicos mostram que o processo de transformação do “Jesus (ou Cristo) real” no “Jesus (ou Cristo) mítico”, do nascimento à paixão e à morte, vem sendo confirmado por todas as pesquisas contemporâneas, as quais comprovam que a imagem do “Cristo (ou Jesus) mítico” é apenas uma criação fantástica, elaborada no curso dos tempos (cf. SOUZA, 2007; 2010a; 2010b; 2011a; 2011b;).

Mas foi **Paulo de Tarso**, sem dúvida alguma, o maior responsável pela transformação do “Jesus (ou Cristo) real” no “Jesus (ou Cristo) mítico” e, consequentemente, foi ele o maior responsável pela transformação do “cristianismo real” (o “cristianismo das origens”) no “**cristianismo mítico dos cristãos**”. Como afirma o professor de História das Religiões Ambrogio Donini, “a fé no deus-redentor das religiões de mistério [=religiões de salvação] é absorvida no cristianismo por Paulo de Tarso, ao qual se deve notadamente a representação de Jesus como *salvador*” (DONINI, p. 287). Por isso é que muitos estudiosos afirmam, com razão, que o termo mais apropriado para designar o “cristianismo mítico dos cristãos” é “**PAULINISMO**” (título de meu 4º livro ecumênico),

sem negarmos, porém, o papel fundamental do imperador Constantino na criação dessa modalidade de cristianismo. Como veremos ao longo desta obra, o cristianismo mítico, ao ser adotado como religião oficial do Império Romano, sofreu grande influência de outras tradições religiosas mais antigas, sobretudo das chamadas “religiões de mistérios”, isto é, as religiões pagãs que cultuavam um **deus-homem** salvador, morto e ressuscitado para salvar a humanidade.

Resumindo esse meu último e principal objetivo ecumênico e macroecumênico (com certeza, o mais polêmico), esclareço que minha meta, como a de muitos outros estudiosos atuais do cristianismo, é, no dizer do escritor James D. Tabor, “chegar o mais perto possível do **Jesus histórico**... [uma vez que] nenhum outro personagem histórico suscita reações tão apaixonadas nem engendra conclusões tão opostas [...], mas [como todo humilde escritor], permaneço aberto à crítica e à revisão” (TABOR, 2006, p. 330) (negrito meu).

Este livro se destina, por conseguinte, a quem estiver interessado em pelo menos um dentre os seus vários objetivos que acabei de explicitar.

Para atingir meus objetivos, decidi apresentar minhas *Reflexões Ecumênicas* na forma de cinco hipotéticas entrevistas com Jesus:

Entrevista nº 1: **O fenômeno religioso**

Entrevista nº 2: **O ecumenismo e o diálogo inter-religioso**

Entrevista nº 3: **Conflitos e divisões no cristianismo ao longo de sua história**

Entrevista nº 4: **Interpretação da Bíblia**

Entrevista nº 5: **O cristianismo comparado com outras religiões ou filosofias**

Através dessas cinco hipotéticas entrevistas, coloco nos lábios de Jesus o que penso hoje acerca de vários temas religiosos, particularmente sobre o cristianismo e as questões que mais dividem o cristianismo de outras religiões ou filosofias, na firme convicção de que o próprio Jesus (o “Jesus histórico”), se voltasse hoje à Terra e fosse realmente entrevistado por mim, responderia às minhas perguntas aproximadamente do mesmo modo como eu o fiz respondê-las nessas cinco hipotéticas entrevistas. Em outros termos, todas as respostas de Jesus às minhas perguntas apenas expressam os meus pontos de vista, as minhas opiniões ou as minhas hipóteses sobre os temas abordados.

Na Entrevista nº 1 (**O fenômeno religioso**), abordo uma série de questões religiosas que vêm desafiando o diálogo e a paz entre as

religiões ou entre divisões de uma mesma tradição religiosa, particularmente entre as várias subdivisões do cristianismo e entre o cristianismo e religiões ou filosofias tradicionalmente não cristãs.

Na Entrevista nº 2 (**O ecumenismo e o diálogo inter-religioso**), reflito criticamente sobre o empenho ecumênico dos cristãos, com base em vários documentos oficiais da Igreja Católica sobre esses temas.

Na Entrevista nº 3 (**O cristianismo em conflitos e divisões ao longo de sua história**), faço um resumo dos principais conflitos ideológicos e das maiores divisões do cristianismo tradicional (o “cristianismo mítico dos cristãos”), desde o seu nascimento até hoje, com o objetivo de poder contribuir um pouco para o diálogo ecumênico entre os cristãos divididos.

Na Entrevista nº 4 (**Interpretação da Bíblia**), faço uma série de reflexões ecumênicas e macroecumênicas, numa perspectiva pluralista reencarnacionista, abordando profundas divergências entre os cristãos (e entre cristãos e não cristãos) no modo de entender a Bíblia judaico-cristã, principalmente com respeito à interpretação da verdadeira identidade (ou natureza) de Jesus e das palavras e ações atribuídas a ele nos relatos evangélicos: **QUEM FOI JESUS E O QUE ELE REALMENTE DISSE E FEZ?**

Na Entrevista nº 5 (**o cristianismo comparado com outras religiões ou filosofias**), confronto brevemente o cristianismo – em suas duas modalidades – com várias doutrinas religiosas ou filosóficas (tradicionalmente) não cristãs, indicando os maiores desafios para o diálogo religioso entre cristãos e não cristãos.

Na convicção de estar usando a melhor alternativa para conciliar fé e razão, guiar-me-ei em minhas *Entrevistas com Jesus* pela filosofia espírita da “fé raciocinada”, segundo a qual **“não há fé inabalável senão aquela que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da Humanidade”** (KARDEC, 1997b, p. 911) (negrito meu). Nas palavras do escritor espírita Luiz Signates,

trata-se, pois, de uma fé aberta, dialógica, disposta a modificar as próprias opiniões ou o objeto de sua manifestação como crença, desde que satisfeitas as condições do livre exercício da razão (SIGNATES, 1998, p. 32-33).

A “fé raciocinada” opõe-se tanto à “fé cega” (a que não admite questionamentos), como à “fé racionalizada” (uma variante da “fé cega” que se utiliza da razão para justificar suas crenças, mas sem questioná-las e sem revisá-las). Como esclarece Signates (ibid., p. 33) **fé**

raciocinada não é o mesmo que **fé racionalizada** (“até porque todas as formas de fé podem ser enquadradas neste último tipo”). Em outros termos, a diferença fundamental entre a “fé raciocinada” e as duas variantes de “fé cega” (rotuladas por mim neste livro de “fé cega pura” e “fé cega racionalizada”) é que somente a “fé raciocinada” (como a entendia Allan Kardec) permite questionamentos e até mesmo possíveis revisões doutrinárias, ao passo que a “fé cega” (**pura ou racionalizada**) é “absoluta” (“dogmática”), ou seja, é inquestionável e, portanto, estacionária. A respeito do **diálogo** e da “fé raciocinada”, ressalta ainda Luiz Signates que

dentre as diversas concepções de racionalidade válidas em filosofia, [...] a noção de “razão comunicativa” ou “razão consensual”, do filósofo alemão Jürgen Habermas, é a que melhor se adapta ao conceito de fé raciocinada, em Kardec. Para aquele pensador, há racionalidade sempre que houver diálogo onde se instaurem consensos entre os interlocutores, sendo que a verificação prática do consenso seria a própria demonstração de que houve racionalidade (SIGNATES, p. 33).

A “razão (ou racionalidade) comunicativa” habermasiana é uma espécie de síntese, à moda hegeliana, entre a “razão objetiva” (absoluta, fechada, inquestionável, infalível) da filosofia clássica e a “razão subjetiva” (relativa, aberta, questionável, falível) da modernidade. Em outros termos, a “racionalidade comunicativa” habermasiana procura superar os paradigmas da pura objetividade clássica e da radical subjetividade moderna, em favor do paradigma da intersubjetividade, em que duas ou mais pessoas possam chegar a um consenso, mediante o emprego da argumentação e do diálogo (cf. OLIVEIRA, 1996, p. 293/2000, p. 201ss).

Tanto pela filosofia espírita da “fé raciocinada”, quanto pela filosofia habermasiana da “razão comunicativa/consensual/dialogal”, tudo pode e deve ser questionado através da argumentação e do diálogo. Toda verdade, por mais absoluta que possa parecer, deve estar aberta a questionamento, aperfeiçoamento, revisão e renovação. Essa atitude opõe-se frontalmente à postura fechada, inquestionável, inegociável das religiões e filosofias dogmáticas, que não estão dispostas a questionar, por hipótese alguma, suas verdades intocáveis.

Quanto ao estilo das entrevistas, apresentarei os assuntos numa linguagem simples, popular, repetitiva, direta e acessível a todos.

Por razões práticas, como o leitor já deve ter observado, indico os dados essenciais das referências bibliográficas, não em notas de rodapé,

mas no corpo do próprio trabalho (as informações bibliográficas completas se encontram na seção de **Referências Bibliográficas** do livro).

Cada entrevista está subdividida por temas numerados. **O ÍNDICE NUMÉRICO DOS TEMAS** se encontra no final do livro. Em torno de cada tema, faço uma pergunta (**P**), também numerada (**P1, P2, P3** etc.), e ponho a sua resposta nos lábios de Jesus (**J**). O livro está estruturado em **400 perguntas e respostas**.

Esclareço que não sou *teólogo* (no sentido acadêmico do termo), mas um autodidata, um estudioso crítico das religiões, em busca da verdade religiosa, disposto a ela aderir onde quer que ela mais me pareça encontrar-se, seguindo obviamente os ditames de minha consciência.

Nesse sentido, refletirei sobre diversos pontos de vista religiosos, particularmente do cristianismo convencional, apoiando-me em diversos autores, sem ter medo de me posicionar a respeito das questões examinadas, mas sem a pretensão de ser o “dono da verdade”.

Por conseguinte, prezado leitor, por favor, interprete meus pontos de vista – mesmo que postos nos lábios de Jesus – não como verdades absolutas, mas apenas como opiniões pessoais ou como hipóteses, obviamente sujeitas a revisões ou mudanças, de acordo com as exigências da “fé raciocinada” e da “racionalidade comunicativa”.

Classifico este meu trabalho como um estudo acadêmico sobre as religiões ou como um ensaio de *filosofia religiosa*, por tratar-se de um discurso ou reflexão racional sobre as religiões, fundamentado, não em verdades inquestionáveis (dogmas de fé), mas na ciência, na “fé raciocinada” e na história das religiões. Não é, portanto, um tratado de teologia, porque a teologia é um serviço à verdade supostamente revelada de determinada religião, a não ser que se classifique este meu trabalho como um ensaio de *teologia ecumênica das religiões*.

Escrevo, por conseguinte, não para especialistas ou teólogos comprometidos com uma determinada revelação religiosa, mas para o leitor comum que esteja interessado, como eu, em refletir científica e racionalmente sobre as religiões, numa perspectiva universalista que, mesmo respeitando a identidade de cada crença, procura valorizar mais os elementos comuns positivos que unem todas as religiões e dialogar abertamente sobre as divergências religiosas, sem que nenhuma verdade possa ser intocável na mesa do diálogo religioso de igual para igual.

A ideia maior que une todas as partes desta obra é a de que, embora nem todos necessitemos de uma religião, todos precisamos da verdadeira religião – **A VIVÊNCIA DO AMOR**.

ENTREVISTA n° 1

O FENÔMENO RELIGIOSO



1.1 NÃO IMPORTA O CAMINHO

P1 – Jesus, tenho muito prazer em poder entrevistá-lo sobre uma série de questões religiosas que vêm desafiando o diálogo entre as religiões ou entre divisões de uma mesma tradição religiosa, particularmente entre as várias subdivisões do cristianismo e entre o cristianismo e religiões ou filosofias tradicionalmente não cristãs. Quero dizer-lhe que, embora eu tenha mudado minha antiga concepção dogmática sobre a sua pessoa, continuo a ter pelo Senhor grande reverência e admiração e continuo tentando pautar minha vida pela sua mensagem de amor a Deus e ao próximo. Por isso, vou iniciar esta nossa primeira entrevista, sobre **o fenômeno religioso**, perguntando-lhe se o Senhor ficou decepcionado comigo porque eu, em 1996, deixei o catolicismo para aderir à filosofia reencarnacionista, inclusive tornando-me “simpatizante” do espiritismo kardecista, doutrina inconciliável com as crenças dogmáticas do cristianismo tradicional.

J (Jesus) – Pinheiro, para Deus, **NÃO IMPORTA O CAMINHO!** Em outras palavras, para Deus (e para mim), o que mais importa não é a religião que se professa, mas o amor que se pratica. Em termos mais explícitos, na hora de uma pessoa ir prestar contas a Deus de sua vida terrena, Deus não vai querer saber se essa pessoa foi católica, evangélica, budista, espírita, umbandista, esotérica, atea etc., mas se ela tentou pautar sua vida pela **lei do amor**, isto é, se praticou a caridade, se ajudou o irmão necessitado, se foi uma pessoa justa e honesta, se cumpriu os seus deveres, se não foi preconceituosa contra os irmãos de crenças religiosas diferentes, se não teve a intenção de impor suas crenças aos membros de outros credos religiosos e/ou filosóficos, se não defendeu sua religião como a única verdadeira etc., pois o que importa mesmo, para Deus, convém repetir, não é a religião que se professa (**NÃO IMPORTA O CAMINHO!**), mas o amor que se pratica.

Não fique, portanto, angustiado, Pinheiro, porque você deixou a fé católica em favor da doutrina espírita, da qual você se declara “simpatizante”, pois o espiritismo também é “cristão”, não no sentido de que adere aos dogmas do cristianismo convencional, mas no sentido de que se fundamenta, em seu aspecto religioso, no **código de moral universal** que ensinei, resumido na **lei do amor** (“amor” no sentido de altruísmo, doação, **caridade**, fraternidade etc.). Tanto é assim, que o seu lema religioso é: **FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO!**

1.2 CONCEITOS DE “RELIGIÃO” E DE “RELIGIOSO”

P2 – Jesus, como o Senhor define “religião” e “religioso”?

J – Os termos “religião” e “religioso” são polissêmicos, isto é, podem ter muitas acepções e muitas definições, de acordo com os diversos contextos em que podem ser usados. O *Dicionário HOUAISS da Língua Portuguesa* registra nada menos que dez sentidos para esses termos, e o escritor John Bowker (BOWKER, 2000, p. 6) relaciona nada menos que treze sentidos para “ser religioso”, alguns dos quais completamente contraditórios, entre os quais, o de “amar o próximo como a si mesmo ou excomungá-lo para um destino pior do que a morte”, ou o de “consultar bruxas em busca de sabedoria, ou queimá-las vivas”. O próprio sentido etimológico do termo “religião” (do latim *religione*) é objeto de controvérsias: para uns, ele vem de *religare* (‘religar’), enquanto para outros, ele vem de *relegere* (‘reler’, ‘reinterpretar’).

Para os objetivos de nossas entrevistas, contudo, empregarei normalmente o termo “religião” nos dois sentidos seguintes: 1) “religião” no sentido de uma instituição religiosa particular (por ex., judaísmo, catolicismo, islamismo etc.), geralmente “exprimindo-se em crenças e práticas pessoais ou coletivas” (*Dicionário Enciclopédico das Religiões*, de agora em diante DER, SCHLESINGER & PORTO, 1995, verbete **religião**), e 2) “religião” no sentido prático da vivência do amor, por qualquer pessoa, independentemente de estar ou não filiada a uma instituição religiosa particular. Analogamente, empregarei o termo “religioso” para referir-me tanto ao seguidor de determinada instituição religiosa, como ao praticante do amor (independentemente de estar ou não filiado a uma determinada instituição religiosa).

Nesse sentido, quero deixar bem claro, de início, que tenho um grande e igual respeito por todos os credos religiosos, mas defendo a ideia de que **a verdadeira religião** não consiste essencialmente em aderir a crenças ou a dogmas de Religião A ou B, mas em **vivenciar o amor**, em **praticar a caridade**. Para mim, o amor deve estar acima de tudo, em oposição frontal aos “religiosos” que põem suas “verdades” (suas crenças, sua religião) acima da caridade e do amor, chegando mesmo a matar o próximo em nome de sua fé. Não foi isso o que eu ensinei. O que eu preguei foi a **religião do amor**. Conforme está escrito no Evangelho de João, eu declarei explicitamente que, para ser meu discípulo, isto é, para ser “cristão”, a condição necessária e suficiente é

AMAR O PRÓXIMO: “Nisso conhecerão todos que sois meus discípulos [isto é, que sois “cristãos”], se tiverdes amor uns pelos outros” (Jo 13,35).

1.3 NECESSIDADE DE “RELIGIÃO”, NÃO DE UMA RELIGIÃO

P3 – Jesus, pelo que entendi, o Senhor está querendo dizer, então, que nem todos necessitamos de “religião” como instituição, mas que todos precisamos de “religião” como vivência do amor. Estou certo?

J – Certíssimo! Para alguém entrar no reino de meu Pai, não precisa necessariamente estar filiado a uma religião particular, mas necessita de “religião” como prática do amor, como vivência da caridade. Nesse sentido, quero deixar bem claro que os habitantes deste mundo estão precisando muito mais de “religiosidade” (ou de “espiritualidade”), isto é, de “religião” como prática do amor, do que de “religião” como instituição, porquanto existem atualmente neste planeta milhares de instituições religiosas, mas pouca vivência do amor. Paradoxalmente, as religiões, em vez de procurarem viver a paz e a união, alimentam divisões e exclusivismos. Todos sabemos que as religiões são, de fato, fontes de muitas divisões. No correto dizer do filósofo italiano Pietro Ubaldi,

as religiões, tantas e – erro imperdoável – todas lutando entre si, exclusivistas na posse da Verdade e isso em nome do próprio Deus, aplicam-se não a procurar a ponte que as una, mas a cavar o abismo que as divide (UBALDI, 1992, p. 30).

E a única ponte que poderá realmente uni-las é o amor-caridade.

1.4 MUITAS RELIGIÕES, MAS POUCA RELIGIÃO

P4 – Jesus, o Senhor está querendo dizer, então, que em nosso planeta Terra há muitas religiões, mas pouca religião?

J – Exatamente. Com base na distinção feita por diversos autores entre “religião” como instituição e “religião” como vivência do amor, costuma-se dizer, com muita propriedade, que em nosso planeta **HÁ MUITAS RELIGIÕES**, ou seja, muitas crenças religiosas (muitas doutrinas, muitas filosofias), **MAS POUCA RELIGIÃO**, isto é, pouca vivência do amor, **a Religião de Deus**, pois “Deus é Amor” (1Jo 4,16). Na sábia afirmação de Franz Hartmann, “apesar dos numerosíssimos sistemas religiosos, há muito pouca religião na Terra” (apud JOMANO, 2001, p. 266).

1.5 CRENÇA SEM AMOR X AMOR SEM CRENÇA

P5 – Jesus, a crença em Deus e em dogmas (ou mitos) religiosos, sem a prática do amor, tem algum valor?

J – De modo algum. Sei que muitas pessoas, que se dizem religiosas, e até mesmo “cristãs”, defendem a ideia de que não podem sacrificar a “verdade” de sua religião, em nome da caridade e do amor. Quero repetir para essas pessoas que, para mim e para Deus, como já falei, o que realmente importa não é a religião que se professa, mas o amor que se pratica. Logo, a crença em Deus e em dogmas (ou mitos) religiosos, sem a prática do amor, de nada vale. Vice-versa, a prática do amor, mesmo sem a crença em Deus e em dogmas religiosos, é o que realmente importa. Alguém, obviamente, pode saber conciliar as duas coisas, isto é, manter as suas crenças dogmáticas e vivenciar o amor. Mas o que se observa normalmente neste planeta é que ele está cheio de crenças, mas muito vazio de amor. Por outro lado, ninguém pode negar o fato de que muitos indivíduos já aprenderam a viver o amor, independentemente de terem ou não uma crença religiosa, incluindo até mesmo os chamados “ateus” ou os seguidores das chamadas religiões “ateias” (como o budismo, o jainismo e o confucionismo).

1.6 “ATEUS” RELIGIOSOS E CRISTÃOS

P6 – Jesus, o Senhor está querendo dizer, então, que até mesmo um “ateu”, ou seja, alguém que não acredita em Deus, pode ser considerado “religioso”, e até “cristão”, contanto que ame o próximo?

J – Perfeitamente. Foi isso mesmo o que eu quis dizer, pois a “verdadeira religião”, como já dei a entender, não consiste essencialmente em se acreditar em doutrinas, em divindades ou em dogmas religiosos, mas em se praticar o amor, em vivenciar a caridade, a solidariedade etc. E, como já disse, mas não me cansarei de repetir, quem pratica o amor ao próximo ama verdadeiramente a Deus, porque “Deus é Amor” (1Jo 4,16). Vice-versa, “quem não ama a seu irmão, a quem vê, a Deus, a quem não vê, não poderá amar” (1Jo 4,20).

Como exemplos clássicos do que acabo de afirmar, posso mencionar, entre outros, o grande filósofo Bertrand Russell, que se dizia “ateu”, mas que era considerado, no dizer de John Baillie, “um cristão nas profundezas de seu coração” (apud WIEBE, 1998, p. 170). O mesmo se diga de Albert Einstein, com a sua vivência da **religião cósmica**, que, para muitos cristãos, era considerado um “ateu”, por não acreditar no “Deus pessoal”

dos cristãos, mas era um homem profundamente religioso, por só ter feito o bem à humanidade. O mesmo se pode dizer também de inúmeros seguidores das chamadas “religiões ateias”, os quais não estão preocupados com crenças em divindades, mas com a prática do amor, com a vivência do altruísmo, da caridade e da compaixão. Por conseguinte, “ateus” desse tipo são autênticos “religiosos” e “cristãos”, meus seguidores, porquanto são adeptos da “verdadeira religião” – a vivência do amor. De que adianta uma pessoa dizer-se “cristã” e que acredita que eu sou um ser divino, “Deus encarnado”, mas não procura vivenciar o amor que ensinei? Quero insistir na ideia de que nada vale alguém dizer-se “cristão”, meu “seguidor”, se apenas crê nos títulos e nos dogmas míticos que me foram atribuídos pelo cristianismo tradicional, mas não procura praticar o código de moral (ou de ética) universal que preguei no chamado *Sermão da Montanha* (Mt 5-7): a vivência do amor, a caridade e as demais virtudes morais que ensinei, como a humildade, a mansidão, o perdão, a tolerância, a justiça, a pureza etc. (cf. Mt 5, 1-11).

1.7 RELIGIÃO “SUBJETIVA” X RELIGIÃO “OBJETIVA”

P7 – Jesus, é comum fazer-se, na literatura religiosa, a distinção entre *religião subjetiva* e *religião objetiva*, isto é, “entre a religião como dimensão interior do homem e a religião como instituição externa” (DER, verbete **religião**). O Senhor concorda com essa distinção?

J – Sim. É preciso distinguir esses dois aspectos ou esses dois significados de “religião”: 1) o seu **sentido subjetivo**, interno, íntimo, místico, pessoal e cósmico de união com o Todo, com Deus ou com o divino (que está dentro de nós) e 2) o seu **significado objetivo**, externo, coletivo, público, de uma instituição religiosa particular, de uma doutrina específica, constituída por um conjunto explícito de crenças, dogmas etc.

1.8 AVALIAÇÃO CRÍTICA DAS RELIGIÕES

P8 – Que dimensão religiosa pode e deve submeter-se a uma avaliação crítica por parte dos estudiosos das religiões, e que aspecto das religiões não pode nem deve ser avaliado criticamente por ninguém?

J – O aspecto *subjetivo/pragmático/funcional* de religião não pode nem deve submeter-se a julgamentos racionais, porque essa dimensão de religião não trata de fatos objetivos, mas de valores existenciais, pessoais, íntimos, internos, ocultos, esotéricos. Na acepção subjetiva de religião, portanto, todas as religiões são igualmente “verdadeiras”.

Mas a religião *objetiva*, ou seja, como instituição externa, constituída por um conjunto de crenças, dogmas, mitos etc., pode e deve submeter-se a uma avaliação crítica a respeito da veracidade ou falsidade de suas crenças, pois, no sentido objetivo, é impossível que todas as crenças sejam igualmente “verdadeiras”, uma vez que elas defendem verdades irreconciliáveis sobre questões relativas ao sentido de nossa existência, nossa origem e nosso destino: **QUEM SOMOS? DE ONDE VIEMOS? PARA ONDE VAMOS?** Todas as religiões, em seu aspecto objetivo, fazem essas mesmas perguntas, mas as suas respostas são, muitas vezes, inconciliáveis. Por exemplo, enquanto umas religiões acreditam em “ressurreição da carne”, outras defendem a “reencarnação”, doutrinas totalmente opostas; enquanto umas creem em “penas eternas”, outras acreditam em “penas temporárias”, crenças igualmente inconciliáveis, e assim por diante. Logo, sob o ponto de vista objetivo, os estudiosos das religiões podem e devem fazer avaliações críticas a respeito de crenças ou doutrinas religiosas antagônicas.

1.9 FÉ-CONFIANÇA X FÉ-CRENÇA

P9 – Jesus, que distinção existe entre “fé-confiança” e “fé-crença”?

J – A palavra “fé”, Pinheiro, pode ter dois sentidos ou dois aspectos distintos: 1) “fé” no sentido de “confiança” e 2) “fé” no sentido de “crença”. Esses dois sentidos de “fé” são comumente expressos em inglês, respectivamente, pelos termos “faith” (“fé”) e “belief” (“crença”). De agora em diante, vou falar desses dois sentidos de fé rotulando-os, respectivamente, de “**FÉ-CONFIANÇA**” e “**FÉ-CRENÇA**”.

1) “**FÉ-CONFIANÇA**” é, na linguagem bíblica, a “fé que transporta montanhas” (cf. Mt 17,20); significa, no dizer do escritor espírita Jayme Andrade, “querer com vontade firme, aplicar-se deliberadamente à consecução de determinado objetivo” (ANDRADE, 1995, p. 90). Foi obviamente nesta acepção de “fé-confiança” que eu, fazendo uso de uma máxima popular de minha época, afirmei:

Se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Transporta-te daqui para lá, e ele se transportará. (Mt 17, 20)

Foi nesse mesmo sentido de “fé-confiança” que eu fiz diversas afirmações, como (dentre outras): “a tua fé te salvou” (Mt 9,22); “seja feito segundo a vossa fé” (Mt 9, 29); “como creste, assim te seja feito!” (Mt 8,13); “homens fracos na fé” (Mt 8, 26).

Esclareço que não há nada errado em cultivar alguém este tipo de fé, a “fé-confiança”, a fé que opera “milagres” – contanto que não leve ninguém ao desespero, caso não consiga o que deseja. Essa modalidade de fé pode existir em qualquer pessoa ou grupo, independentemente de ter ou não uma religião. Passo agora a definir e a exemplificar o segundo tipo de fé (“fé-crença”).

2) “**FÉ-CRENÇA**” é “uma convicção íntima com relação a determinado assunto” (ANDRADE, *ibid.*). Em termos religiosos, é a fé (a crença, a convicção) firme na doutrina ou nos dogmas (ou mitos) de determinada religião. É neste segundo sentido de “fé” que geralmente venho usando (e continuarei a usar) essa palavra-chave em nossas entrevistas.

O autor da Epístola aos Hebreus define o termo “fé” nos dois sentidos de “fé-confiança” e “fé-crença”:

a fé [“fé-confiança”] é uma posse antecipada do que se espera, um meio [“fé-crença”] de demonstrar as realidades que não se veem. (Hb 11,1)

A *Bíblia de Jerusalém*, ao acrescentar a seguinte variante e um comentário para este versículo, deixa mais claro ainda esses dois sentidos de fé (“fé-confiança” e “fé-crença”):

A fé [“fé-confiança”], segurança das coisas esperadas (o céu), convicção [“fé-crença”] das coisas não desejadas (o inferno). – Aos hebreus, desanimados pelas perseguições, o autor explica que a fé é totalmente orientada para o futuro e liga-se somente ao invisível. Este versículo tornou-se uma espécie de definição teológica de fé, posse antecipada e conhecimento seguro das realidades celestes. (Hb 11,1 nota d)

Um outro exemplo, entre os judeus, da distinção entre “fé-confiança” e “fé-crença” é que eles *acreditavam* (tinham “fé-crença”) na existência de outros deuses, sem, contudo, ter fé (“fé-confiança”) neles, “o que permitia a eles, por exemplo, acreditar na existência de Baal [divindade de vários povos do Oriente Próximo] sem ter fé nele” (DESROCHE, 1985, p. 131, nota 8). Em suma, os judeus tinham “fé-confiança” somente em Javé, mas tinham “fé-crença” em outras divindades.

A “fé-crença”, diferentemente da “fé-confiança”, pode e deve ser avaliada criticamente pelos estudiosos das religiões como “verdadeira” ou “falsa”, pois, como já disse, é impossível que todas as crenças religiosas sejam igualmente verdadeiras, uma vez que elas se contradizem em muitos pontos doutrinários.

1.10 “FÉ CEGA” X “FÉ RACIOCINADA”

P10 – Jesus, que distinção existe entre “fé cega” e “fé raciocinada”, e quais os perigos da “fé cega” para o diálogo religioso e para a sociedade?

J – Pinheiro, como você mesmo já esclareceu – à luz da filosofia espírita – a “fé cega” é a que não admite interferência da razão, nem atualizações, enquanto a “fé raciocinada” é “aquela que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da Humanidade” (KARDEC, 1997b, p. 911). A “fé raciocinada”, por conseguinte, não se nega a fazer revisões nem atualizações. Como escreve o escritor espírita Luiz Signates,

trata-se, pois, de uma fé aberta, dialogal, disposta a modificar as próprias opiniões ou o objeto de sua manifestação como crença, desde que satisfeitas as condições do livre exercício da razão (SIGNATES, 1998, p. 32-33).

Sem essa modalidade de “fé-crença”, é impossível qualquer tentativa de um autêntico diálogo religioso, uma vez que não pode haver diálogo sem “o livre exercício da razão”.

Eu distingo dois tipos de “fé-crença cega”: 1) “fé cega pura” = a que não admite questionamentos nem interferência alguma da razão e 2) “fé cega racionalizada” = a que pode fazer uso da razão para justificar suas crenças, mas sem questioná-las ou revisá-las. Em oposição a esses dois tipos de “fé-crença cega”, Allan Kardec propõe a “fé raciocinada”, ou seja, a “fé-crença” que admite questionamentos, revisões e atualizações, de acordo com as exigências do livre exercício da razão.

A fé cristã tradicional, como todos sabemos, só admite as duas primeiras modalidades de “fé-crença” (“fé cega pura” e “fé cega racionalizada”), enquanto a doutrina espírita se fundamenta essencialmente na terceira modalidade de “fé-crença” (a “fé raciocinada”), ou seja, a que “pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da Humanidade” (KARDEC, 1997b., p. 911). Quanto às duas variantes de “fé-crença cega” (“fé cega pura” e “fé cega racionalizada”), não há praticamente diferença essencial entre elas, uma vez que ambas são estacionárias, não admitindo revisões nem mudanças.

Allan Kardec, em seu livro *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (cap. 19, n. 6), esclarece bem a distinção entre “fé cega” (“fé-crença cega”) e “fé raciocinada” (“fé-crença raciocinada”) nos seguintes termos:

No seu aspecto religioso, a fé é a crença nos dogmas particulares que constituem as diferentes religiões, e todas elas têm os seus artigos de fé. Nesse sentido, a fé pode ser *raciocinada* ou *cega*. A fé cega nada examina, aceitando sem controle o falso e o verdadeiro, e a cada passo se choca com a evidência da razão. Levada ao excesso, produz o *fanatismo*. Quando a fé se firma no erro, cedo ou tarde desmorona. Aquela que tem a verdade por base é a única que tem o futuro assegurado, porque nada deve temer do progresso do conhecimento, já que *o verdadeiro na obscuridade também o é a plena luz* (itálicos do original).

Os cristãos dogmáticos (católicos, protestantes e ortodoxos), fundamentados na “fé-crença cega” ou na “fé-crença racionalizada”, “seguem a doutrina de Santo Tomás de Aquino, que definia a ‘fé’ como uma opção exclusiva da vontade, sem interferência da razão” (ANDRADE, 1995, p. 91). Mas,

na época atual já não é admissível a concepção aquiniana da fé, por ser evidente que “a fé depende da razão, pois quem crê deve ter uma razão para crer. [...] A aceitação não é só um ato de vontade, mas um ato de discernimento, portanto um ato de razão. Como posso aceitar isto e condenar aquilo, sem recorrer ao juízo, que é função da razão?” (PIRES, em “Revisão do Cristianismo”, p. 89, apud ANDRADE, 1995, p. 92).

Ainda nas palavras de Andrade (ibid.),

se a fé pode ser adquirida por um ato voluntário do agente, ela tem de assentar em bases racionais. Já passou o tempo do “credo quia absurdum” [‘creio porque é absurdo’].

Respondendo agora, Pinheiro, à segunda parte de sua pergunta, falarei um pouco sobre os perigos da “fé cega” para o diálogo religioso e para a sociedade.

A “fé cega”, não admitindo interferência da razão, impede automaticamente, como já falei, a existência de um autêntico diálogo religioso. A “fé raciocinada”, repito, é a única modalidade de “fé-crença” que permite um autêntico diálogo entre as religiões, em que toda crença possa e deva ser questionada e avaliada na mesa do debate. Sem fazer uso desse tipo de fé, as religiões permanecerão estacionárias, mantendo crenças ultrapassadas e absurdas. A “fé raciocinada” já ultrapassou o tempo do “*credo quia absurdum*” e, portanto, rejeita qualquer doutrina absurda, venha de onde vier.

Quanto aos perigos da “fé cega” para a sociedade, é inegável que ela é muito perigosa para toda a humanidade, porquanto os que alimentam

esse tipo de fé normalmente são fanáticos, preconceituosos, violentos e intolerantes para com as crenças dos outros, ao contrário dos que se deixam guiar pela “fé raciocinada”. O “fanatismo religioso” gera um grande mal para a sociedade, pois se torna loucura que produz ódios e paixões, capaz de levar muitos religiosos a cometerem os atos mais abomináveis e os crimes mais hediondos, como sempre ocorreu (e continua ocorrendo) na história de todas as grandes tradições religiosas (por ex., os atos terroristas ocorridos nos Estados Unidos, em 11 de setembro de 2001).

1.11 CRENÇAS X AMOR

P11 – Jesus, acho que, até agora, estou entendendo muito bem tudo o que o Senhor está me dizendo nesta entrevista, mas gostaria que o Senhor voltasse a justificar ainda mais claramente sua posição, segundo a qual a “verdadeira religião” não consiste essencialmente em “crenças” ou em “atos de fé”, mas na “vivência do amor-caridade”.

J – Pinheiro, a “verdadeira religião”, já dizia Zoroastro, mil anos antes de mim, “não consiste em se crer em divindades, mas em procurar sempre ligar-se ao bem em pensamentos, palavras e atos” (apud JOMANO, p. 23).

“Crer” é muito fácil. Difícil é viver o amor. A grande maioria das pessoas diz que acredita em Deus, mas não traduz sua crença na vivência do amor. Os que lançaram a bomba atômica sobre Hiroshima e Nagasaki também acreditavam em Deus e se diziam “cristãos”. Os que exterminaram seis milhões de judeus (e um milhão e meio de ciganos) durante a Segunda Guerra Mundial também tinham “uma religião” (Hitler se dizia católico) e os que atualmente exploram os países do Terceiro Mundo são quase todos “religiosos”, no sentido institucional do termo. Os que mataram cerca de cinco mil protestantes numa só noite, a Noite de São Bartolomeu (França, 24 de agosto de 1572), diziam-se cristãos católicos, e os mataram em nome de Deus e da “fé católica”; os que exterminaram praticamente todos os cristãos cátaros e albigenses (França, século XIII), numa terrível cruzada (proclamada contra eles pelo Papa Inocêncio III), também diziam ter fé em Deus e eram cristãos católicos. Os que mataram milhares de pessoas nas cruzadas dos cristãos contra os muçulmanos (séculos XI-XIII), e também durante todo o longo período da “Santa Inquisição”, também se diziam “cristãos”. Os que escravizaram e exterminaram milhares de africanos e de índios durante o período da escravidão no Brasil e nas Américas também acreditavam

em Deus e diziam-se “cristãos”. De que adianta crer em Deus e vivenciar o desamor, o ódio, as guerras, os preconceitos e a discriminação?

Em resumo, Pinheiro, confessar a crença em Deus é muito fácil. Difícil é viver segundo as suas leis. Como apropriadamente esclarece Ramatís, quase todas as pessoas deste planeta (cerca de 95%) acreditam em Deus, mas poucas vivem de acordo com essa crença (RAMATÍS, 1996b, p. 41-42).

E o próprio Ramatís faz uma séria reflexão sobre a responsabilidade dos 95% dos terrícolas que dizem acreditar em Deus, mas que não traduzem essa crença na vivência do amor, da paz e da fraternidade. Melhor seria, e menos responsabilidade teriam – diz corretamente esse autor – se eles se declarassem *ateus* (ibid, p. 42).

Será que a fé em Deus, por parte das milhares de crenças religiosas deste planeta, tem realmente contribuído para a paz no mundo? A História prova o contrário, mostrando as inúmeras e catastróficas guerras causadas por motivos religiosos.

Tudo isso ocorreu (e continua ocorrendo) neste planeta porque as pessoas que se dizem “religiosas” ou “cristãs” ainda não entenderam que a “verdadeira religião” não consiste essencialmente em “crenças”, mas na “vivência do amor-caridade”. Essa verdade tem apoio em várias passagens bíblicas, como (entre outras) o seguinte versículo escrito por meu discípulo Tiago, quando ele afirma de maneira claríssima que

a religião pura e sem mácula diante de Deus, nosso Pai, consiste nisto: em assistir os órfãos e as viúvas em suas tribulações e em guardar-se livre da corrupção do mundo (Tg 1, 27).

Esta, não me cansarei de repetir, é **a religião**, a verdadeira religião universal. Quem a praticar estará “salvo”. Essa verdadeira religião não necessita de rótulo, não precisa de nome, mas da vivência do amor em favor do próximo, sobretudo do próximo excluído e abandonado (personificado na passagem bíblica acima por “órfãos e viúvas”).

Quero insistir na ideia de que a prática do amor é a única forma de religião verdadeiramente universal e eterna, porque só o amor é capaz de unir todas as pessoas infinita e eternamente. No feliz dizer do sacerdote católico Lauro Trevisan, “um dia [...] quando o mundo acabar, desaparecerão as religiões, os credos, os dogmas e costumes, as nacionalidades, tudo. Apenas subsistirá o amor. Porque só o amor é infinito” (TREVISAN, 1988, p. 107).

O próprio apóstolo Paulo, considerado o verdadeiro fundador do “cristianismo mítico” (cf. tema 4.68), e que em suas cartas dá muito mais ênfase à fé do que à mensagem de amor autenticamente ensinada por mim, afirma: “A caridade [= o amor] jamais passará” (1Cor 13, 8). É ainda esse mesmo “apóstolo da fé” que afirma: “Ainda que tivesse toda a fé, a ponto de transportar os montes, se não tivesse a caridade [= o amor], eu nada seria” (1Cor 13, 2).

1.12 EXEMPLOS DE PESSOAS QUE SOBERAM VIVENCIAR O AMOR INDEPENDENTEMENTE DE SUAS CRENÇAS

P12 – Jesus, gostaria que o Senhor me desse alguns exemplos de pessoas que souberam vivenciar o amor, independentemente de suas crenças religiosas e de terem ou não uma religião particular.

J – Com prazer. A história da humanidade está cheia de exemplos de pessoas que foram verdadeiramente boas, no sentido de terem pautado sua vida pela lei do amor-caridade, independentemente de terem ou não professado uma determinada religião.

A título de exemplificação, conta-se que, certa vez, **Madre Tereza de Calcutá** estava cuidando de um doente, na Índia, quando ele perguntou-lhe: “Qual é a sua religião?” E ela lhe respondeu: “**A religião do amor!**” Alguém poderia perguntar por que ela não confessou que sua religião era o catolicismo. E eu certamente lhe responderia, sem titubear, que Madre Tereza de Calcutá, como Irmã Dulce, Dom Hélder Câmara, Vicente de Paulo, Francisco de Assis, Dom Bosco, o Papa João Paulo II (e inúmeros outros “gigantes” da espiritualidade católica) foram exemplos de pessoas que souberam conciliar a prática do amor com seu credo religioso particular, no presente caso, o catolicismo. O mesmo fizeram inúmeros outros “santos” de qualquer religião ou de nenhuma religião, como, entre outros: **Martin Luther King Jr.** (evangélico), **Mahatma Gandhi** (hinduísta), **Baruch de Spinoza** (judeu), **Chico Xavier** (espírita), **Demócrito** (pagão) e **Bertrand Russell** (ateu). Exemplos como esses, isto é, de pessoas que souberam vivenciar o amor independentemente de suas crenças religiosas (e independentemente de terem ou não uma religião particular), corroboram a tese pluralista que defendo, segundo a qual **NÃO IMPORTA O CAMINHO**, mas a qualidade do produto que por ele é conduzido! Em outras palavras, como tenho dito e repetido, **PARA DEUS (E PARA MIM), NÃO IMPORTA A RELIGIÃO QUE SE PROFESSA, MAS O AMOR QUE SE PRÁTICA!**

1.13 OS MESTRES DA VERDADEIRA RELIGIÃO

P13 – Jesus, o Senhor foi o único Mestre que ensinou e vivenciou a “verdadeira religião” (a “religião do amor”)?

J – Claro que não. Para ser justo, e a bem da verdade histórica, é preciso saber que a “verdadeira religião” não foi ensinada e praticada exclusivamente por mim, mas igualmente por muitos outros sábios, fundadores ou não de religião, filósofos, outros mensageiros do além etc., ao longo da história humana, por exemplo, Sócrates, Platão, Moisés, Buda, Krishna, Zoroastro, Confúcio, Lao-Tsé, Maomé, Baha’u’llah, Gandhi, Martin Luther King Jr., Allan Kardec, Chico Xavier e tantos outros.

1.14 SALVAÇÃO PELA FÉ X SALVAÇÃO PELAS OBRAS

P14 – Os protestantes, fundamentados na teologia paulina, afirmam que o pecador salva-se unicamente pela **fé** (*sola fides*), e não pelas **obras**. Como o Senhor avalia essa doutrina da **salvação pela fé**?

J – Discordo dessa teologia, Pinheiro, pois a fé, em qualquer um dos seus sentidos definidos anteriormente, pode até “remover montanhas” e operar outros tipos de “milagres”, menos o de “salvar”, ou melhor, o de “libertar” o ser humano de suas imperfeições (de seu atraso espiritual) e de conduzi-lo progressivamente à casa do Pai. Foi nesse sentido que Tiago corretamente afirmou que “a fé sem obras é morta” (Tg 2,26). Por outro lado, as obras sem a fé têm imenso valor. Sei que Lutero, para defender sua tese da **justificação somente pela fé** (*sola fides*), chegou mesmo a rejeitar a Epístola de Tiago – radicalmente oposta à sua tese – considerando-a como anticristã ou pseudocristã, mas a verdade acerca desse tema polêmico está mesmo com Tiago, ao afirmar que “se alguém disser que tem fé, mas não tem obras, que lhe aproveitará isso? Acaso a fé poderá salvá-lo” (Tg 2,14)? Em suma, a fé com obras tem grande valor, mas a fé sem obras não “salva” (não liberta) ninguém.

Em termos mais claros ainda, o que é indispensável para obter-se a “salvação”, ou melhor, a “libertação”, são as obras de amor, de caridade, de justiça e de perdão. É, no feliz dizer do escritor espírita (e ex-pastor evangélico) Jayme Andrade,

encher o coração de amor e sair repartindo com o próximo, sem excetuar nem mesmo os que nos façam mal, é perdoar e esquecer as ofensas, é fazer aos outros aquilo que gostaríamos que nos fizessem, é socorrer os pobres em suas necessidades, enfim, é usar de misericórdia com todos (ANDRADE, 1995, p. 90).

1.15 EQUIVALÊNCIA FUNCIONAL DAS RELIGIÕES

P15 – Jesus, com a expressão **NÃO IMPORTA O CAMINHO**, usada em várias respostas de perguntas que já lhe fiz nesta entrevista, o Senhor estava querendo dizer que todas as religiões são equivalentes?

J – Exatamente. Foi isso mesmo o que eu quis dizer com esse *slogan* pluralista, pois vejo todas as religiões como **funcionalmente equivalentes**, isto é, todas são diferentes caminhos válidos que conduzem ao mesmo destino. Logo, é um erro afirmar que existe um único caminho ideal para todos, isto é, uma única religião ideal para todos. Há diversos caminhos, cada um podendo ser considerado relativamente o melhor para (e por) aqueles que o escolheram, mas ninguém deve achar que o seu caminho, por ser considerado o melhor para si, é também o melhor para todas as outras pessoas do mundo, ou o único caminho verdadeiro para toda a humanidade. Nesse sentido da **equivalência funcional (mas não doutrinal) das religiões**, o cristianismo é o melhor caminho para os cristãos, assim como o judaísmo é o melhor caminho para os judeus, o islamismo para os muçulmanos e assim por diante, mas, nas corretas palavras de Frances Young, “**é arrogância espiritual a convicção de que só a nossa crença é verdadeira e todas as outras são falsas**” (YOUNG, 1977, p. 39) (negrito meu). É chegada a hora, portanto, de dar um basta a essa velha história de “religião exclusiva” e dizer, com Pablo Barrera, que “religião exclusiva é coisa do passado” (BARRERA, 2003, p. 438). Nessa mesma linha, tem muita razão São Luís, ao dar a Allan Kardec a seguinte instrução: “Desconfiai dos que pretendem estar na posse da exclusiva e única verdade” (KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. 21, n. 8).

1.16 EQUIVALÊNCIA DAS RELIGIÕES X UNICIDADE DA VERDADE

P16 – Jesus, afirmar que as religiões são **funcionalmente equivalentes** é o mesmo que dizer que todas são igualmente verdadeiras do ponto de vista de suas crenças ou doutrinas?

J – De modo algum. Com efeito, como as religiões defendem doutrinas opostas, seria uma contradição afirmar que elas são todas igualmente verdadeiras do ponto de vista de suas crenças. Seria negar **a unicidade da verdade**, ou seja, o princípio segundo o qual a verdade é uma só. A unicidade da verdade é um postulado fundamental da razão humana, que se articula no princípio de não contradição. Por outro lado,

as religiões, mesmo com todas as suas contradições doutrinárias, não são mais do que diferentes caminhos rumo ao mesmo destino (Deus, o Absoluto, a Unidade etc.). Uns caminhos podem ser mais longos do que outros, mas, no fim da caminhada evolutiva e cármica, todos chegarão à mesma meta. Dentro dessa lógica pluralista e reencarnacionista, todas as religiões e seitas, até mesmo as “religiões satânicas”, ou seja, os cultos a “Satanás (ou ao “Diabo”)), nada mais são do que caminhos diferentes (temporários) rumo ao mesmo destino:

Em consequência, ser católico, espírita, protestante, teosofista, muçulmano, budista, israelita, hinduísta, iogue, rosacruziano, krishnamurtiano, esoterista ou ateu, não passa de uma experiência transitória em determinada época do curso ascensional do espírito eterno! As polêmicas, os conflitos religiosos e doutrinários do mundo não passam de verdadeira estultícia e ilusão, causados pela ignorância do homem (RAMATÍS, 1996a, p. 129).

1.17 RELIGIÃO X SEITA

P17 – Jesus, atualmente fala-se muito das chamadas “seitas” religiosas. Mas o que é “seita”? Existe distinção entre “religião” e “seita”?

J – Com efeito, Pinheiro, fala-se muito hoje das “seitas” religiosas, de seu perigo para a sociedade, de seu fanatismo sectário, mas não é nada fácil distinguir religião de seita. Em primeiro lugar, o termo “seita” tem forte conotação pejorativa, razão por que nenhum adepto de uma doutrina religiosa se considera seguidor de uma seita. A seita é sempre a crença do outro, nunca a nossa. Por isso, a distinção entre religião e seita é bastante relativa. O fenômeno religioso das seitas está bem na moda atualmente e grande é o número de livros no atual mercado religioso sobre esse fenômeno (ver, entre outros, MORALEDA, 1994, PRIETO, 1994, MANZANARES, 1994 e OLIVEIRA, 1987).

Eu, normalmente, emprego o termo “seita” no mesmo sentido definido por Albert Samuel, ou seja, na acepção de “pequenos grupos religiosos à margem das grandes religiões” (SAMUEL, 1997, p. 199), ou no sentido mais moderno, e menos discriminatório, definido pelos autores do DER (verbete **seitas**), de “Novos Movimentos Religiosos” (NMR), sem as conotações pejorativas referidas anteriormente, pois, em minha visão pluralista, sustento a ideia de que todas as sinceras manifestações de crença religiosa devem ter o seu espaço.

1.18 ANTIGUIDADE DO FENÔMENO DAS SEITAS

P18 – É verdade que o fenômeno religioso das seitas sempre existiu?

J – Com certeza. O fenômeno das seitas, no sentido de “pequenos grupos religiosos à margem das grandes religiões” (SAMUEL, p. 199), sempre ocorreu em todas as religiões. Assim, no judaísmo havia várias seitas: os saduceus, os fariseus, os escribas (ou doutores da lei), os essênios etc. O próprio cristianismo era, no começo, considerado seita do judaísmo, a “seita dos nazarenos” (At 24,5), a qual foi excomungada pelos judeus, em torno do ano 70 d.C., no Sínodo de Jâmnia, Israel.

1.19 AS SEITAS EM FACE DO PLURALISMO RELIGIOSO

P19 – Jesus, gostaria que o Senhor explicasse melhor a relação entre as “seitas” e o “pluralismo” que defendemos.

J – Pois não. Vive-se hoje neste planeta uma época de grande liberdade religiosa e de total pluralismo que abriga espaço para todas as crenças e todas as filosofias, diferentemente de épocas anteriores em que se era obrigado (por lei) a confessar determinado credo religioso e em que havia, pelo menos no Ocidente, uma hegemonia quase total e absoluta de três grandes tradições religiosas: **o judaísmo, o catolicismo e o protestantismo**. Mas, como afirma apropriadamente Ronald Enroth, em seu prefácio do *Dicionário de Religiões, Crenças e Ocultismo* (de agora em diante DRCO), de autoria de Mather & Nichols (2000, p. vii),

hoje, tudo isso mudou drasticamente. Numa sociedade de pluralismo crescente, não é raro que indivíduos se filiem a seitas e religiões, as quais têm muito pouco a ver diretamente com o Protestantismo, Catolicismo ou Judaísmo. [...] Em resumo, os três principais segmentos religiosos perderam o monopólio. O que antigamente era a “religião-padrão”, agora precisa competir com grupos, os quais antes eram considerados “marginais” ou de periferia. [...] Nosso compromisso para com a liberdade religiosa permite, e, de fato, encoraja este pluralismo religioso, o qual implica na existência de competição entre várias estruturas de referência.

Por conseguinte, não adianta as grandes religiões continuarem a praticar os grandes e clássicos ataques às seitas, porque estas também têm direito a ocupar um lugar na sociedade pluralista em que vivem atualmente os habitantes deste planeta. Nesse contexto, louvo a recente decisão dos bispos católicos da Quinta Conferência Latino-Americana e do Caribe, realizada em maio de 2009, em Aparecida-São Paulo, de

não mais rotular as outras religiões de “seitas”, mas de “outras crenças religiosas”. Essa decisão dos bispos precisa ser elogiada, pois ela diminui o exclusivismo, o preconceito e a discriminação da Igreja Católica em relação aos seguidores das outras crenças religiosas até então denominadas de “seitas”.

1.20 O MITO DA UNICIDADE CRISTÃ

P20 – Jesus, a pretensão exclusivista do cristianismo tradicional de ser a única religião verdadeira, e de o Senhor ser o único “salvador” da humanidade, é uma verdade histórica e absoluta, ou um mito cristão?

J – Essa pretensão religiosa exclusivista, Pinheiro, é um mito cristão. Num mundo cada vez mais globalizado como o planeta Terra, em que os meios de transporte e de comunicação romperam as distâncias entre as culturas e entre as pessoas, não é mais possível manter exclusivismos de nenhuma espécie, principalmente o exclusivismo religioso, em que uma crença pretende ser superior às demais, ou se julga a depositária única da verdade. Em virtude da grande pluralidade de crenças religiosas no mundo, a tese de única religião verdadeira torna-se, portanto, completamente insustentável.

Por isso, existem, há vários anos, no meio dos próprios cristãos, famosos teólogos que rejeitam, com razão, a pretensão do cristianismo tradicional de ser a única religião verdadeira ou de eu ser o único “salvador” da humanidade. A esse respeito, recomendo a leitura do livro *The Myth of Christian Uniqueness* (‘O Mito da Unicidade Cristã’), organizado pelos teólogos pluralistas John Hick – protestante – e Paul Knitter – católico (HICK & KNITTER, 1987). Os autores desse livro argumentam, com muita propriedade, que a crença na *unicidade cristã*, isto é, na pretensão do cristianismo tradicional de ser a única religião verdadeira (porque a única religião supostamente fundada pelo próprio Deus) e de eu ser o único caminho de salvação, não é uma verdade histórica e absoluta, mas um mito cristão (para o conceito de “mito” e “mitos cristãos”, ver tema 4.40).

Eu, de fato, nunca afirmei ser o único caminho de “salvação”. Seria muita arrogância espiritual de minha parte fazer tal declaração exclusivista, erguendo assim um muro intransponível entre o cristianismo e todas as demais religiões deste planeta. Os autores dessa obra têm, pois, muita razão ao argumentarem que eu sou um caminho ao lado de muitos outros, mas não o único caminho. Essa velha crença exclusivista do cristianismo histórico precisa mudar. Do contrário, dificilmente poderá

haver verdadeira fraternidade entre cristãos e não cristãos e, muito menos ainda, a existência do diálogo inter-religioso.

1.21 EXCLUSIVISMO X DOCTRINA DA FRATERNIDADE

P21 – Jesus, por que o Senhor combate insistentemente o “exclusivismo religioso”?

J – Porque ele é incompatível com a fraternidade e, portanto, com o amor. A esse respeito, eis o que afirma o famoso hinduísta Mahatma Gandhi, um dos espíritos mais iluminados do século XX:

Se, porém, houver alguma suspeita em sua mente de que apenas uma religião pode ser a verdadeira e todas as outras são falsas, **você pode rejeitar a doutrina da fraternidade**. Então, estaremos alimentando um processo contínuo de exclusão e fundando a nossa fraternidade sobre alicerces de exclusivismos (apud ELSBERG, 1996, p. 128) (negrito meu).

O exclusivismo religioso também conduz facilmente à intolerância e aos conflitos religiosos. Como corretamente afirma Leonardo Boff,

quem se sente portador de uma verdade absoluta não pode tolerar outra verdade, e seu destino é a intolerância. E a intolerância gera o desprezo do outro, e o desprezo, a agressividade, e a agressividade, a guerra contra o erro a ser combatido e exterminado. Irrupem conflitos religiosos com incontáveis vítimas (BOFF, 2002, p. 25).

O exclusivismo religioso também gera facilmente atitudes de arrogância. Repito, com Frances Young, que “é arrogância espiritual a convicção de que só a nossa crença é verdadeira e todas as outras são falsas” (YOUNG, 1977, p. 39). Semelhante pensamento é expresso por Waldemar Boff, ao afirmar que “é leviandade e arrogância afirmar que somente a minha lâmpada ilumina realmente a aldeia e que somente pelo seu caminho se chega ao oceano de Deus” (apud PEDREIRA, 1999, p. 123).

1.22 AS DIFERENÇAS RELIGIOSAS COMO RIQUEZA HUMANA

P22 – Jesus, é verdade que as diferenças religiosas devem ser vistas como “riqueza humana”, e não como “inferioridade”?

J – Com certeza. As diferenças de raça, de cultura e religião devem ser vistas como riqueza humana e não como inferioridade, como sempre ocorreu na história exclusivista da humanidade. Ser “diferente” não significa ser “inferior” ou “superior” (cf. BOFF, 2001, p. 19-20).

1.23 COMO SABER ONDE (E COM QUEM) ESTÁ A VERDADE

P23 Jesus, qual é a única saída para se saber onde (e com quem) está a verdade (ou parte da verdade) religiosa?

J – A única saída para se atingir esse objetivo, Pinheiro, é o **diálogo inter-religioso** aberto, sincero, sem que nenhum parceiro do diálogo cultive o sentimento de superioridade de sua religião sobre as demais.

1.24 CONCEITO DE DIÁLOGO E DE DIÁLOGO RELIGIOSO

P24 – O que se deve entender por “diálogo” e “diálogo religioso”?

J – “Diálogo” é a “troca ou discussão de ideias, de opiniões, de conceitos, com vista à solução de problemas, ao entendimento ou à harmonia” (AURÉLIO, verbete **diálogo**).

Analogamente, “diálogo religioso” é a troca ou discussão de ideias, de opiniões e de conceitos sobre temas religiosos, entre pessoas que têm diferentes pontos de vista acerca de crenças religiosas,

objetivando, antes de tudo, que cada participante aprenda alguma coisa do outro, de forma que ele ou ela possa mudar ou crescer (SWIDLER, apud PEDREIRA, 1999, p. 17, nota 1).

1.25 NECESSIDADE DO DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

P25 – Jesus, por que o Senhor defende tanto a necessidade do *diálogo inter-religioso*?

J – Defendo a necessidade do *diálogo inter-religioso*, porque as religiões são sistemas complexos e, por isso, é muito difícil fazer juízos acerca da veracidade ou falsidade de suas afirmações doutrinárias. Por isso, é um dever dos religiosos e dos estudiosos das religiões pesquisar, refletir e **dialogar** para saber distinguir o erro da verdade, pois o erro e a verdade (também em assuntos religiosos) nascem, crescem e vivem juntos, como o trigo e o joio da parábola evangélica (cf. Mt 13, 24-30).

Diante do atual pluralismo religioso – sobretudo no Brasil – em que é muito comum numa mesma família conviverem pessoas de diferentes religiões ou filosofias, o diálogo inter-religioso torna-se uma necessidade imprescindível para que, numa autêntica troca de ideias, os parceiros possam discutir e tentar chegar a algum consenso acerca da verdade religiosa. Como as religiões professam doutrinas religiosas antagônicas, é preciso que essas doutrinas possam e devam ser avaliadas pelos participantes do diálogo inter-religioso como verdadeiras ou falsas.

1.26 DEFINIÇÕES DE “CRISTIANISMO” E DE “CRISTÃO”

P26 – Jesus, quais são as definições de “cristianismo” e de “cristão” normalmente encontradas na literatura religiosa cristã e como o Senhor avalia essas definições?

J – No DER, por exemplo, o cristianismo é definido como

o conjunto de religiões cristãs (catolicismo, protestantismo e religiões ortodoxas orientais), que se baseiam na pessoa, na vida e na obra de Jesus Cristo (DER, verbete **cristianismo**).

Nesse mesmo dicionário, “cristão” é definido como aquele que

- reconhece a Jesus Cristo como verdadeiro Deus e verdadeiro homem, Filho único do Pai Eterno;
- proclama que ele, o Crucificado e Ressuscitado, é o único Salvador, Mediador entre Deus e os homens, Senhor glorificado do universo;
- professa igualmente a divindade do Espírito Santo, consubstancial ao Pai e ao Filho;
- acredita também que a Bíblia (Antigo e Novo Testamento) contém a revelação de Deus a seu povo;
- pratica o batismo e comemora, de algum modo, a Última Ceia;
- proclama também sua fé na ressurreição dos mortos [...] (DER, verbete **cristão**).

Eis aí, portanto, as definições *míticas* de “cristianismo” e de “cristão”, normalmente encontradas na literatura cristã e que parecem resumir os princípios doutrinários unificadores do cristianismo tradicional (catolicismo, protestantismo e religiões ortodoxas orientais). Sabemos, contudo, que essa unidade cristã tem sofrido sérios rompimentos ao longo da história do cristianismo. Inegavelmente, o cristianismo dogmático e mítico dos cristãos sempre viveu em duros conflitos doutrinários, desde a sua origem até os dias de hoje, tendo enfrentado inúmeros cismas e heresias, opondo-se a si mesmo por numerosas e irreconciliáveis contradições (cf. Entrevista nº 3).

1.27 DEFINIÇÃO DE “CRISTÃO” DADA POR JESUS

P27 – Jesus, qual foi a definição de “cristão” dada pelo Senhor?

J – No Evangelho de João (Jo 13,35), existe uma definição de “cristão”, dada por mim, bem diferente da definição mítica de “cristão” fornecida pelos autores do DER no tema anterior.

“Cristão”, segundo minha própria definição, é, literal e essencialmente, **AQUELE QUE AMA O PRÓXIMO: “Nisso conhecerão**

todos que sois meus discípulos [isto é, que sois “cristãos”], **se tiverdes amor uns pelos outros**” (Jo 13,35) (negrito meu).

Como esclarece o autor dos Atos dos Apóstolos, foi em Antioquia que, pela primeira vez, meus discípulos receberam o nome de “cristãos”, isto é, “seguidores de Cristo” (cf. At 11, 26).

“Cristão”, portanto, em seu significado etimológico, é “aquele que segue Cristo”, ou seja, aquele que segue ou tenta seguir a **minha** doutrina autêntica. Mas qual foi a doutrina verdadeiramente ensinada por mim? Não foi o **AMOR**? Não é verdade que eu resumi todos os meus ensinamentos no **MANDAMENTO DO AMOR AO PRÓXIMO**? **“Isto vos ordeno: amai-vos uns aos outros”** (Jo 15,17) (negrito meu).

É curioso observar que as definições de “cristão” e de “cristianismo” – normalmente encontradas na literatura cristã – não enfatizam o mandamento do amor ao próximo ordenado por mim. São, ao contrário, definições centradas nos títulos e nos dogmas míticos que me foram atribuídos pelos cristãos ao longo dos séculos.

1.28 O CRISTIANISMO DE JESUS E O DOS CRISTÃOS

P28 – Jesus, com base nos conceitos de “cristianismo” e de “cristão” normalmente encontrados na literatura cristã, muitos autores, particularmente os espíritas e diversos outros espiritualistas, costumam adotar uma distinção um tanto polêmica, mas muito importante, sobretudo do ponto de vista macroecumênico, entre duas modalidades de cristianismo: 1) **o cristianismo de Jesus** (ou **de Cristo**) e 2) **o cristianismo dos cristãos**. Como o Senhor avalia essa distinção?

J – Concordo com essa distinção entre o meu cristianismo, chamado de **o cristianismo de Jesus** (ou **de Cristo**), o qual consiste, essencialmente, num **código de moral universal**, resumido na lei do amor, pluralista, unificador, no dizer de Allan Kardec, “o terreno onde todos os cultos podem se reencontrar, a bandeira sob a qual todos podem se abrigar, quaisquer que sejam suas crenças, porque jamais foi objeto de disputas religiosas, sempre e por toda parte levantadas pelas questões de dogma” (KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, INTRODUÇÃO, 1º parágrafo), e o “cristianismo dos cristãos”, caracterizado, sobretudo, por um conjunto de dogmas (ou de mitos) exclusivistas e divisionistas, fragmentado em centenas de igrejas, seitas e denominações, objeto de inúmeras controvérsias e de numerosos conflitos ao longo de sua história (como veremos na Entrevista nº 3),

embora eu queira deixar bem claro, de início, que, em relação à prática do amor, uma modalidade de cristianismo não exclui (nem inclui) necessariamente a outra, uma vez que alguém pode ser seguidor somente de uma ou das duas modalidades de cristianismo. De fato, sempre houve (e continua havendo) cristãos que souberam (e que sabem) vivenciar a minha mensagem de amor (o meu cristianismo – o “cristianismo de Jesus”), mesmo professando os dogmas (ou mitos) da outra modalidade de cristianismo (o “cristianismo mítico dos cristãos”), como nos convincentes exemplos que já apresentei, de pessoas que, como Vicente de Paulo, Francisco de Assis, Dom Bosco, Martin Luther King Jr., Madre Tereza de Calcutá, Irmã Dulce, Dom Hélder Câmara, João Paulo II e inúmeros outros cristãos souberam (e continuam sabendo) conciliar suas crenças dogmáticas (ou míticas) com a prática da verdadeira religião que propus – a vivência do amor.

Vice-versa, conforme também já esclareci, alguém pode declarar-se “cristão”, no sentido institucional do termo, mas não vivenciar o amor. Basta conhecer um pouco de história geral e de história do cristianismo para comprovar o que estou afirmando. Quanto ódio, quanta violência, quanta discriminação, quanta intolerância e quantas guerras catastróficas (com inúmeras mortes) promovidas por aqueles que se diziam “cristãos”!

Devo concordar com a distinção entre essas duas modalidades de cristianismo, sobretudo porque ela é de fundamental importância para a paz e o diálogo religioso entre os seguidores do cristianismo dogmático (ou mítico) e os adeptos de religiões tradicionalmente não cristãs (como o espiritismo e várias outras), mas que fazem questão de declarar-se “cristãs”, embora esse título não lhes seja reconhecido pelos adeptos do cristianismo tradicional. Por isso, grandes têm sido os conflitos e as disputas pelo título de “verdadeiro cristão”.

1.28.1 AUTORES DA DISTINÇÃO ENTRE AS DUAS MODALIDADES DE CRISTIANISMO

P29 – O Senhor poderia citar alguns autores que fazem ou adotam a referida distinção entre as duas modalidades de cristianismo?

J – Pois não. Essa distinção, Pinheiro, tem sido feita ou adotada não somente por autores espíritas, mas também por muitos outros espiritualistas, até por famosos teólogos cristãos (incluindo católicos) e até mesmo por pensadores não filiados a uma determinada religião. Entre os escritores espíritas que escreveram sobre essa distinção, posso citar

João Batista Roustaing, em sua obra mediúcnica *Os Quatro Evangelhos* (ROUSTAING, 1989), em que ele usa repetidamente a expressão “O Cristianismo do Cristo”, em oposição às verdades dogmáticas e míticas que me foram atribuídas pelos cristãos ao longo dos séculos. Também empregam a mesma distinção os escritores espíritas Carlos Imbassahy (IMBASSAHY, 1944, p. 21-22), Hermínio C. Miranda (MIRANDA, 1988, p. 181-182) e Sérgio Fernandes Aleixo (ALEIXO, 1999, p. 138).

Quem também fez essa mesma distinção foi o famoso hinduísta Mahatma Gandhi, conforme se lê no livro *Gandhi e o Cristianismo*, editado por Robert Elsberg (ELSBURG, 1996, p. 34). Gandhi, além de fazer essa mesma distinção, também criticava o “cristianismo ocidental” por não praticar o que ele mesmo chamava de “o cristianismo de Cristo”. Eis suas palavras: “Considero o cristianismo ocidental, em sua atuação prática, uma negação do cristianismo de Cristo” (apud ELSBERG, p. 34).

Até o maior cientista do século XX, Albert Einstein, também fez essa mesma distinção, quando afirmou:

Se se separa [...] o cristianismo tal como foi ensinado por Jesus Cristo de todos os acréscimos posteriores, em particular aqueles dos padres, subsiste uma doutrina capaz de curar a humanidade de todas as moléstias sociais (EINSTEIN, 1981, p. 115-116).

A ideia de que **há dois cristianismos** no Novo Testamento, e de que **Paulo de Tarso** é o principal fundador do “cristianismo convencional/mítico”, é claramente expressa pelo historiador cristão James D. Tabor nos seguintes termos:

Há dois “cristianismos” inteiramente separados e distintos enraizados no Novo Testamento. Um deles é bem familiar e se tornou a versão da fé cristã conhecida por bilhões de pessoas ao longo dos dois últimos milênios. **Seu principal proponente foi o apóstolo Paulo.** Outro foi amplamente esquecido e, por volta da virada do primeiro século d.C., tinha sido efetivamente marginalizado e eliminado pelo outro. [...] Paulo ensinou que Jesus era um ser celestial divino preexistente, criado como o “primogênito” de toda a criação de Deus. Existia sob a “forma de Deus” e era “igual a Deus” (Filipenses 2,6). [...] **A história cristã dominante acabou, na verdade, baseando-se muito mais nas revelações de Paulo do que nos ensinamentos de Jesus.** [...] A mensagem que Paulo começou a pregar nos anos 40 e 50 d.C., como ele mesmo reiterou de maneira inflexível, não dependia de maneira alguma nem era derivada do grupo original dos apóstolos de Jesus dirigido por Tiago, em Jerusalém. Baseava-se antes

em sua própria experiência visionária de um Cristo celestial (TABOR, 2006, p. 277-278; 321, 324) (negrito meu).

Por isso, existe hoje uma quase unanimidade entre os estudiosos críticos do cristianismo em afirmar que foi Paulo de Tarso o maior responsável pela transformação de minha identidade real, histórica (o “Jesus real”) no “Jesus (ou Cristo) mítico” e, conseqüentemente, foi ele o maior responsável pela transformação do meu cristianismo (o “cristianismo das origens”) no “cristianismo mítico dos cristãos”.

Nas palavras do teólogo Holger Kersten,

o que conhecemos hoje como cristianismo não passa de uma vasta e artificial doutrina de regras e preceitos criados por Paulo, e que pode ser melhor designado pelo nome de “Paulinismo”. O historiador eclesiástico Wilhelm Nestle, comentando a questão, diz que “o cristianismo, nesse sentido, significa desvirtuamento e mesmo falsificação dos verdadeiros ensinamentos de Jesus por Paulo, que substituiu o Evangelho de Cristo por um Evangelho sobre Cristo”. Paulinismo, nesse sentido, significa desvirtuamento e mesmo falsificação dos verdadeiros ensinamentos de Jesus por Paulo. [...] A crença na redenção dos pecados através da cruz é a doutrina de Paulo e não aquela de Jesus. [...] Em suas cartas, Paulo não escreveu uma única palavra sobre o ensinamento atual de Jesus, nem menciona qualquer de suas parábolas; o que ele faz é apresentar sua própria filosofia e suas próprias ideias (KERSTEN, 1986, p. 34-35; 237).

Ideia semelhante é expressa por Michael H. Hart, ao escrever que

Paulo, mais do que qualquer outro homem, foi o responsável pela transformação do cristianismo de seita judaica em religião universal. Suas ideias centrais sobre a divindade de Cristo e de justificação exclusiva pela fé mantiveram-se na condição de conceitos básicos do cristianismo durante todos os séculos. [...] Na verdade, a influência das suas ideias foi tão grande, que alguns defendem o fato de que ele e não Jesus deveria ser considerado o principal fundador da religião cristã (HART, 2005, p. 80-81) (ver também o livro “Paulinismo”, SOUZA 2010b).

Por isso, muitos estudiosos do cristianismo afirmam, com muita razão, que o termo mais apropriado para designar o “cristianismo tradicional” é **PAULINISMO**. A razão simples para essa alegação é que alguns dogmas (ou mitos) básicos do cristianismo ortodoxo, como o da minha divindade, o da minha universalidade salvífica, o da minha ressurreição e o da redenção de todos os homens pelo meu sangue derramado na cruz, fazem parte integrante da teologia paulina.

Em suma, Paulo de Tarso é o verdadeiro fundador do “cristianismo mítico dos cristãos”, chamado mais corretamente de “paulinismo” (cf. VASCONCELOS, 2003, p. 62; MIRANDA, 1988, p. 31), enquanto eu simplesmente propus o corretamente chamado “cristianismo de Jesus”, não uma nova religião (ou igreja) exclusivista, mas **uma comunidade de amor**, isto é, uma comunidade de pessoas que se comprometessem a pautar suas vidas pelo **código de moral (ou de ética) universal** que eu preguei, resumido na lei do **amor a Deus e ao próximo**.

1.28.2 MAIS JUSTIFICATIVA PARA A DISTINÇÃO

P30 – Jesus, dado o caráter polêmico dessa distinção para os cristãos convencionais, gostaria que o Senhor a justificasse melhor.

J – Na verdade, Pinheiro, muitos princípios doutrinários do “cristianismo dos cristãos” não se conformam absolutamente com a minha mensagem pluralista de amor e fraternidade universais. O **exclusivismo** dessa modalidade de cristianismo, por exemplo, tem, de fato, gerado muita violência e discriminação ao longo de dois mil anos, como expressa muito bem o teólogo Holger Kersten nos seguintes termos:

A luta pela supremacia de uma “fé verdadeira” exclusiva deixou um rastro de revezes, violência e sangue no caminho percorrido pelas igrejas. Luta sem tréguas, desde o tempo dos apóstolos até nossos dias, e que ainda constitui o maior empecilho à reconciliação entre os vários credos cristãos. É válido questionar as bases que alicerçam a legitimidade das instituições vigentes. Uma pessoa que frequenta uma igreja cristã não pode deixar de assumir uma postura crítica, frente à proliferação de obscuros artigos de fé, e dos deveres e obrigações que a envolvem. Sem termos tido conhecimentos, e por termos crescido sob a única e exclusiva influência do estabelecido, somos levados a acreditar que, por subsistirem há tanto tempo, devem, necessariamente, ser verdade (KERSTEN, p. 12).

1.28.3 TEÓLOGO CATÓLICO QUE ADOTA A DISTINÇÃO

P31 – O Senhor poderia citar algum teólogo católico famoso que adota a referida distinção entre as duas modalidades de cristianismo?

J – Com certeza. O teólogo católico Leonardo Boff, por exemplo, também admite essas duas modalidades de cristianismo (cf. BOFF, 2003, p. 46), rotulando-as, respectivamente, de “o cristianismo das origens” (ou “paleocristianismo”) e “o cristianismo histórico”, o qual, como ele mesmo elucida, “em ética foi mais influenciado pelos mestres gregos” do que pela

minha mensagem. O “paleocristianismo” (ou “cristianismo das origens”), ao contrário, como afirma o mesmo teólogo, “dá absoluta centralidade ao amor ao outro”, para mim, “idêntico ao amor a Deus” (ibid.).

Em resumo, o termo “cristianismo” pode ter, no mínimo, dois sentidos bem distintos, podendo designar: 1) o “cristianismo dos cristãos” (o cristianismo institucional), para referir-se ao conjunto das religiões cristãs (o catolicismo, o protestantismo e as religiões ortodoxas orientais), há séculos divididas e subdivididas em inúmeras igrejas, seitas e denominações e 2) o meu cristianismo, pluralista e unificador, rotulado por muitos estudiosos das religiões de o “cristianismo de Jesus” (ou “de Cristo”), para referir-se unicamente ao **código de moral universal** que preguei, resumido na **lei do amor, o único que une todas as religiões**.

1.28.4 EXPRESSÕES SINÔNIMAS PARA A DISTINÇÃO

P32 – Jesus, que expressões sinônimas são usadas na literatura religiosa para designar essas duas modalidades de cristianismo?

J – O “cristianismo dos cristãos” é igualmente designado na literatura religiosa pelas expressões: “cristianismo institucional”, “cristianismo histórico”, “cristianismo dogmático”, “cristianismo ortodoxo”, “cristianismo tradicional”, “cristianismo convencional”, “cristianismo exclusivista”, “cristianismo divisionista”, “cristianismo mítico”, “**paulinismo**” etc. E o meu cristianismo é também designado na literatura religiosa pelas expressões: “cristianismo de Cristo”, “cristianismo de Jesus”, “doutrina de Jesus” (do “**Jesus histórico**”), “cristianismo das origens”, “cristianismo redivivo”, “cristianismo pluralista”, “cristianismo unificador”, “paleocristianismo” etc.

Quero chamar a atenção para o fato de que, embora os termos “cristianismo” e “cristão” sejam muitas vezes empregados indistintamente na literatura religiosa, é necessário que o leitor saiba, contudo, em que sentido eles estão sendo usados nos diversos contextos de um livro ou de uma entrevista como esta. De um modo geral, quando esses termos são empregados sem nenhum qualificativo, referem-se normalmente ao “cristianismo dogmático” ou aos seus seguidores.

O meu cristianismo (o “cristianismo das origens”) é muito bem retratado no livro dos Atos dos Apóstolos nos seguintes termos:

A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava seu o que possuía, mas tudo era comum entre eles.[...] Não havia entre eles indigente algum, porquanto os que possuíam terras ou casas, vendiam-

nas, traziam o dinheiro e o colocavam aos pés dos apóstolos; e distribuía-se a cada um segundo a sua necessidade. (At 4, 32, 34-35; ver também At 2, 44)

Essas e outras passagens semelhantes do Novo Testamento retratam fielmente a **COMUNIDADE DE AMOR** que eu formei: o cristianismo unificador, em oposição ao cristianismo divisionista e mítico dos cristãos (rotulado por muitos autores de “paulinismo”).

1.28.5 IMPORTÂNCIA MACROECUMÊNICA DA DISTINÇÃO

P33 – Jesus, qual é a importância macroecumênica da distinção entre as duas modalidades de cristianismo?

J – Como já disse, a distinção entre essas duas modalidades de cristianismo é de fundamental importância para o diálogo inter-religioso, uma vez que é necessária para explicar, por exemplo, em que sentido muitos religiosos se dizem “cristãos” (por exemplo, os mórmons, os espíritas, os umbandistas, os racionalistas cristãos, os rosacruzes etc.) sem que o título de “cristão” lhes seja reconhecido pelos cristãos dogmáticos. Daí a razão para muitos e inúteis ataques de ambos os lados pela pretensão à exclusividade desse título, dado que o mesmo é aplicado indistintamente tanto aos que procuram seguir unicamente a minha doutrina autêntica (resumida na lei do **amor a Deus e ao próximo**), quanto aos que professam os dogmas do cristianismo institucional.

1.28.6 PRINCIPAL DIFERENÇA ENTRE AS DUAS MODALIDADES DE CRISTIANISMO

P34 – Jesus, qual é a principal diferença entre o seu cristianismo e “o cristianismo dos cristãos”?

J – A principal diferença entre essas duas modalidades de cristianismo, Pinheiro, é que o meu cristianismo (o chamado “cristianismo de Jesus”) é um só, restrito, essencialmente, a um **código de moral (ou de ética) universal**, fundamentado e resumido na **lei do amor (AMOR A DEUS E AO PRÓXIMO)**, e é, portanto, o único que tem condições de unir os cristãos e a humanidade inteira, enquanto o “cristianismo dos cristãos” é múltiplo, baseado, sobretudo, no exclusivismo e no divisionismo e que, por isso mesmo, nunca conseguiu unir – nem terá jamais condições de unir – a cristandade e a humanidade.

1.28.7 INCOMPATIBILIDADE ENTRE O “CRISTIANISMO DE JESUS” E AS DIVISÕES DOS CRISTÃOS

P35 – Jesus, é possível conciliar o seu cristianismo com as profundas divisões dos cristãos?

J – De modo algum. Como é possível conciliar o meu cristianismo, fundamentado na lei do amor, com as profundas divisões dos cristãos, se amor significa união, e divisão significa preconceito e discriminação, para não dizer “inimizade” ou mesmo “ódio”? As divisões dos cristãos dogmáticos, portanto, contradizem abertamente a minha mensagem de amor, e, por isso mesmo, escandalizam o mundo, conforme declarou o próprio Concílio Vaticano II, nos seguintes termos:

Esta divisão, sem dúvida, contradiz abertamente a vontade de Cristo, e se constitui em escândalo para o mundo, como também prejudica a santíssima causa da pregação do Evangelho a toda criatura (UR 1, apud HORTAL, 1996, p.136).

Daí a constante preocupação do apóstolo Paulo em manter a unidade dos cristãos, obviamente em torno da figura do “Cristo da fé”, e não em torno de minha personalidade histórica (o “Jesus histórico”), pois as divisões entre eles começou bem cedo:

Primeiramente, na controvérsia entre judaizantes e “modernizantes”; depois na rivalidade entre os diversos pregadores (Apolo, Cefas, o próprio Paulo...); mais tarde, entre carismáticos e não carismáticos; finalmente, entre escravos e livres (HORTAL, p. 143).

1.28.8 AS DISPUTAS PELO TÍTULO DE “VERDADEIRO CRISTÃO”

P36 – Jesus, como pode uma religião ou seita dizer-se “cristã”, se não crê nos dogmas que lhe foram atribuídos pelo cristianismo mítico?

J – Volto a esclarecer, Pinheiro, que qualquer religião ou seita pode dizer-se “cristã”, mesmo que não adira aos dogmas que me foram atribuídos pelo cristianismo mítico, contanto que procure pautar sua vida pelo **código de moral universal** que preguei. Eu sei perfeitamente que os cristãos dogmáticos (católicos, ortodoxos e evangélicos) negam expressamente o título de cristão a quem não crê nos dogmas ou mitos que eles me atribuíram ao longo da história do cristianismo. Basta que alguém negue uma só das verdades dos **credos cristãos** para não merecer, por hipótese alguma, o título de “cristão”. Menos ainda podem fazer jus ao título de “cristão”, alegam, quem acredita em “comunicação

com os mortos” e em “reencarnação”. Essa disputa pelo título de “verdadeiro cristão” teve (e continua tendo) trágicas consequências para a convivência fraterna entre todos os que se dizem “cristãos”: seguidores do “cristianismo dogmático” com (ou sem) a prática do amor ou apenas praticantes do amor (sem adesão a dogmas).

1.28.9 SOLUÇÃO PARA O IMPASSE

P37 – Jesus, qual é a saída que o Senhor sugere para pôr fim às velhas disputas pelo título de “verdadeiro cristão”?

J – Sugiro a seguinte solução: uns e outros têm direito a esse título, mas em sentidos distintos do mesmo termo. Assim, os católicos, ortodoxos e evangélicos têm o direito de acreditar em seus dogmas e de afirmar que só é “cristão”, no sentido dogmático, aquele que professa as verdades dos credos cristãos. Por outro lado, como já deixei claro em temas anteriores, todos aqueles que simplesmente procuram vivenciar a lei do amor, mesmo não aderindo aos dogmas do cristianismo ortodoxo, também têm o direito ao título de “cristão”, no sentido definido por mim mesmo, como **aquele que ama o próximo**: “Nisso conhecerão todos que sois meus discípulos [isto é, que sois “cristãos”], se tiverdes amor uns pelos outros” (Jo 13,35). Em síntese, mediante essa clara distinção entre as duas modalidades básicas de cristianismo, deveriam cessar os ataques e os preconceitos de ambos os lados. Bastaria que cada lado entendesse em que sentido o outro se define como “cristão” e que cada lado respeitasse o sentido do título de “cristão” de cada um.

1.29 QUESTIONAMENTO DE CRENÇAS EXCLUSIVISTAS

P38 – Jesus, o Senhor é de opinião que devemos respeitar e não questionar o “exclusivismo religioso”, ou seja, a pretensão de cada religião (ou da maioria das religiões) de ser a única verdadeira e, logo, superior a todas as outras?

J – Pinheiro, devemos respeitar todas as crenças, o que não nos impede de questioná-las, à luz da “fé raciocinada”, particularmente as crenças exclusivistas, as quais impedem um autêntico diálogo religioso de igual para igual, além de não se coadunarem com o amor, a paz e a fraternidade. “Respeitar”, contudo, não significa “concordar” ou “não questionar”. Com base nessa distinção, devemos respeitar todas as religiões, mas podemos e devemos discordar de suas pretensões exclusivistas (e espiritualmente arrogantes) de serem donas exclusivas

da verdade religiosa e de pretenderem impor suas verdades aos membros de outros credos religiosos e/ou filosóficos.

1.30 COMBATE AO EXCLUSIVISMO RELIGIOSO

P39 – Jesus, pelo que entendi até agora, o Senhor aprova o combate ao “exclusivismo religioso” (particularmente o “exclusivismo cristão e católico”). Não é verdade?

J – Pinheiro, se eu me calasse diante do “exclusivismo religioso”, principalmente do “exclusivismo cristão e católico” (o qual atinge diretamente a minha pessoa e a minha verdadeira identidade), eu teria que defender também os preconceitos, as discriminações, o fanatismo, o ódio e até mesmo as guerras religiosas, o que seria um absurdo. É preciso que respeitemos todas as religiões e seitas, mesmo que professem doutrinas errôneas, mas devemos combater fortemente as suas atitudes e crenças exclusivistas, por representarem um grande mal para a sociedade e um grande obstáculo para a paz no mundo, porquanto todos sabemos que as doutrinas exclusivistas das religiões normalmente impedem a paz, o amor, a fraternidade e inviabilizam a existência, cada vez mais necessária, de um autêntico diálogo inter-religioso. Ora, sem diálogo entre as religiões, não poderá haver paz entre elas e, sem paz entre as religiões, não poderá haver paz nem amor na humanidade, pois não existe paz sem amor.

Voltando ao tema do exclusivismo religioso, todos conhecemos a velha pretensão do cristianismo tradicional (a crença dominante e majoritária do planeta, com mais de dois bilhões de seguidores) de ser “superior” a todas as demais religiões, bem como a clássica postura da Igreja Católica de ser “superior” a todas as outras igrejas cristãs. Os autores cristãos do DRCO, por exemplo, afirmam que o cristianismo é “a única fé verdadeira para toda a humanidade” (DRCO, verbete **cristianismo**) e que, conseqüentemente, “todas as outras religiões e filosofias são falsas” (DRCO, p. 379). Analogamente, a Igreja Católica continua reafirmando ser “a única Igreja de Cristo” (RATZINGER, 2001, n. 16).

1.31 RAZÕES PARA O EXCLUSIVISMO CRISTÃO

P40 – Quais são as razões para o exclusivismo cristão e católico?

J – Pinheiro, o cristianismo tradicional sempre argumentou, equivocadamente, que “é a única fé verdadeira para toda a humanidade” (DRCO, verbete **cristianismo**), porque sempre se considerou a única

instituição religiosa fundada pelo próprio “Filho de Deus”, que se encarnou na Terra, morreu e ressuscitou para salvar a humanidade. Ora, uma vez que nenhuma outra religião, segundo alega a grande maioria dos cristãos, foi fundada pelo próprio Deus, mas por simples mortais (cf. AQUINO, 2002b, p. 27-28), e nenhum outro fundador de religião “ressuscitou dos mortos”, então, concluem os cristãos convencionais, “uma só é a religião verdadeira, a cristã” (PAULO VI, encíclica *Ecclesiam suam*, 1964, n. 111). E, dentre as religiões cristãs, a Igreja Católica (hoje com mais de um bilhão de adeptos) sempre esteve convicta de “ser a única Igreja de Cristo” (RATZINGER, 2001, n. 16). Estamos por demais acostumados a ouvir o *slogan* exclusivista e antiecumênico: “Somente a Igreja Católica foi fundada por Deus” (AQUINO, 2002a, p. 35). Não me cansarei de repetir que essa pretensão do cristianismo dogmático contradiz frontalmente o verdadeiro cristianismo de unificação, de amor e união que preguei (para uma série de dados históricos contra o exclusivismo do cristianismo e da Bíblia judaico-cristã, ver temas 4.9 e 4.10).

1.32 A QUESTÃO DA VERDADE

P41 – Jesus, vou fazer-lhe agora uma série de perguntas sobre a “verdade”, porque ela é, na opinião de muitos autores, o conceito que mais divide as religiões. O Senhor concorda com essa posição?

J – Perfeitamente, Pinheiro. Como afirma o ilustre teólogo e padre católico Hans Küng, “nenhuma questão na história das religiões tem gerado tantas disputas, tantos conflitos sangrentos e tantas guerras religiosas como a questão da verdade” (KÜNG, 2001, p. 19). Isso ocorre porque cada religião tem certeza de estar com a “verdade” e de ser a única verdadeira, embora a verdade de uma possa contradizer a de outra. E para defender as suas verdades, as religiões se acham no direito de cometer as maiores atrocidades.

1.32.1 DEFINIÇÃO DE VERDADE

P42 – Mas o que é a “verdade”?

J – Gramaticalmente, o termo “verdade” pertence à classe dos *substantivos abstratos*, e não dos *substantivos concretos* (cf. CEGALLA, 1985, p. 110). *Substantivos abstratos* são os que designam qualidades (por ex., beleza), sentimentos (por ex., amor), ações (por ex., estudo) e estados dos seres (por ex., vida). *Substantivos concretos*, ao contrário, são os que designam seres de existência real ou imaginária (por ex.,

homem, lobisomem etc.). Muitos pensam, erroneamente, que o termo “verdade” pertence à classe dos nomes concretos. O termo “verdade”, porém, na sua acepção mais comum (cf. HUXLEY, 1995, p. 142 e WIEBE, 1998, p. 133), não designa um ser, uma coisa, um objeto, uma pessoa etc., mas exprime o nosso conhecimento das coisas (o nosso conhecimento da realidade), o qual pode ser verdadeiro ou falso, parcialmente verdadeiro ou parcialmente falso.

1.32.2 JESUS: CAMINHO, VERDADE E VIDA (cf. Jo 14,6)

P43 – Jesus, se a palavra “verdade” não é um nome concreto, por que o Senhor teria afirmado ser “a Verdade” (cf. Jo 14, 6)?

J – A famosa passagem joanina, segundo a qual eu teria afirmado ser “o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14, 6), não é de minha autoria, mas do evangelista João, que, certamente, a copiou da literatura sagrada de religiões mais antigas. Krishna (deus hindu), por exemplo, que viveu cerca de quatro mil anos antes de mim, declarava ser o caminho, a verdade e a vida: “**Eu sou o caminho [...], eu sou a vida [...], sou eu mesmo a luz da Verdade...**” (ROHDEN, *Bhagavad Gita*, p. 92) (negrito meu). Hórus (divindade egípcia), que também viveu quatro ou cinco mil anos antes de mim, também delcarava ser **A LUZ DO MUNDO, O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA** (cf. HARPUR, 2008, p. 93).

1.32.3 O CARÁTER SUPEREXCLUSIVISTA DE JOÃO 14,6

P44 – Gostaria que o Senhor avaliasse melhor o versículo joanino, que define o Senhor como O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA.

J – Este versículo é superexclusivista. Imaginem quanta discriminação por parte dos cristãos, ao longo de toda a sua história, contra as outras religiões, exatamente com base em interpretações exclusivistas dos escritores do Novo Testamento (NT), a respeito de palavras inautênticas atribuídas a mim, como as desse versículo joanino.

Se eu sou o caminho, não há outro caminho – alegam os cristãos dogmáticos – ou seja, ficam excluídas automaticamente todas as pessoas que seguem outros líderes religiosos e outras religiões. Nesse sentido, o *slogan* tão repetido em nossas entrevistas (**NÃO IMPORTA O CAMINHO!**) perde totalmente o seu sentido pluralista, em favor de uma interpretação altamente exclusivista a respeito de minha pessoa.

Imaginem que dois terços da humanidade (hoje cerca de 4 bilhões de seres humanos não cristãos) ficariam todos excluídos, caso

passagens evangélicas exclusivistas como essa fossem realmente autênticas. Em outras palavras, para os cristãos exclusivistas, baseados num evangelho também superexclusivista, como o de João, ou em epístolas superexclusivistas, como as de Paulo, só há um caminho e uma só religião. Se eu sou a verdade, todos os outros caminhos tornam-se automaticamente “falsos”. Se eu sou a vida, quem não me segue está “morto”, está “perdido” e “condenado” às penas eternas, conforme a interpretação da maioria dos cristãos.

Esse famoso versículo foi (e continua sendo), de fato, a grande lógica para o *slogan* exclusivista: **FORA DE CRISTO NÃO HÁ SALVAÇÃO** (ou, mais restritamente, **FORA DA IGREJA NÃO HÁ SALVAÇÃO**), uma vez que eu não apenas seria o caminho, a verdade e a vida, e ninguém iria ao Pai a não ser por mim, mas também teria fundado uma Igreja e entregue exclusivamente a Pedro as chaves do Reino dos Céus (cf. Mt 16,18-19). A interpretação exclusivista desse inautêntico versículo joanino tem apoiado a pretensão do cristianismo institucional de ser a única fé verdadeira para toda a humanidade, todas as demais religiões sendo automaticamente classificadas como “marginais” ou “falsas”. É mais do que evidente, Pinheiro, que eu jamais tenha sido o autor desse versículo joanino.

1.32.4 TEORIAS DA VERDADE

P45 – Jesus, quais são as teorias mais difundidas da “verdade”?

J – São três: 1) a teoria da “correspondência”; 2) a teoria da “coerência” e 3) a teoria “pragmática” da verdade.

Segundo a primeira teoria, “a verdade consiste na correspondência de nossas descrições da realidade com a própria realidade” (WIEBE, 1998, p. 134). A teoria da “coerência”, no dizer do mesmo autor, “distingue enunciados verdadeiros de falsos mediante referência a seu acordo ou desacordo com o corpo de nosso conhecimento já aceito” (ibid., p. 134). E a teoria “pragmática” da verdade avalia a veracidade ou falsidade de uma doutrina “fazendo referência à sua ‘utilidade’: ideias são verdadeiras se funcionam” (ibid.).

Segundo a teoria pragmática da verdade, tudo o que funciona para mim (tudo o que me é útil) é verdade. Logo, nesse sentido subjetivo de verdade, como já afirmei, toda religião é “verdadeira” e “boa” para os seus adeptos, pois toda religião é útil aos seus seguidores. As teorias da “coerência” e “pragmática” da verdade têm seu devido valor na *dimensão subjetiva* da

religião, não, porém, na sua *dimensão objetiva*, porquanto uma doutrina pode ser *útil, coerente*, ou até mesmo necessária aos seus adeptos (do ponto de visto subjetivo, funcional e/ou evolutivo), mas pode ser “falsa” (ou “parcialmente falsa”) do ponto de vista objetivo de suas crenças doutrinárias.

1.32.5 A VERDADE RELIGIOSA

P46 – Jesus, o que é a “verdade religiosa”?

J – O escritor Donald Wiebe (cf. WIEBE, p. 84-85) esclarece que, para muitos, a “verdade religiosa” é vista simplesmente como “um mistério” e, logo, indefinível. No entanto, mesmo os que sustentam a impossibilidade de definir a “verdade religiosa”, por ser misteriosa, pessoal, mística, mítica, existencial, íntima, subjetiva, um termo de valor etc., defendem, porém, paradoxalmente, que suas crenças são absolutamente verdadeiras e que as demais crenças são falsas, ou seja, não escapam de fazer uma avaliação crítica sobre a veracidade de suas crenças e sobre a suposta falsidade das demais.

Na concepção desse mesmo autor, que adoto nesta entrevista,

a verdade religiosa é, em primeiro lugar, um conceito cognitivo. [...] A verdade na religião e/ou a “verdade religiosa” refere-se, num sentido muito básico, à verdade ou falsidade de proposições ou pretensões de crenças religiosas. [...] Logo, falar sobre a verdade da religião é, num sentido muito fundamental, falar da verdade e/ou falsidade de tipos específicos de crenças, doutrinas etc. (WIEBE, p. 169).

1.32.6 UNICIDADE DA VERDADE

P47 – A verdade é “una” ou “múltipla”? É “absoluta” ou “relativa”?

J – Como já ressaltai, o termo “verdade” não exprime uma “coisa”, mas o nosso “conhecimento” da realidade, o qual é normalmente limitado, parcial, relativo, aproximativo, uma vez que cada um só vê e entende as coisas de acordo com o seu nível de compreensão. Mesmo em se tratando da “verdade religiosa”, nenhuma religião pode pretender já ter alcançado o seu pleno conhecimento. Só Deus conhece toda a verdade, ou melhor, só Deus possui o conhecimento absoluto de toda a realidade. Mas afirmar que nosso conhecimento da verdade, ou seja, da realidade, é geralmente limitado, gradual, aproximativo, relativo, dependendo do grau de evolução de cada pessoa e de cada coletividade, não significa dizer que a verdade em si mesma não seja UNA, mas MÚLTIPLA. A verdade, em seu significado objetivo, é una, mas nosso

conhecimento dela, por ser normalmente aproximativo e parcial, é múltiplo, uma vez que cada pessoa (e cada coletividade) tem um grau diferente de conhecimento da mesma realidade. Esse “relativismo”, contudo, não significa “ceticismo”, ou seja, a impossibilidade de conhecermos a verdade (a realidade). Nas palavras do escritor espírita João Batista Roustaing,

a verdade é relativa aos tempos e às necessidades das épocas. É uma, porém mais ou menos *encoberta*, não se *desenvolvendo* aos olhares humanos senão à medida que o homem a pode suportar e compreender. Quanto mais o espírito se eleva, tanto mais se lhe *rasgam* à vista *os véus* da verdade (ROUSTAING, p. 426).

Em síntese, a verdade é uma, mas o seu conhecimento varia de acordo com o nível de entendimento de cada pessoa ou de cada grupo. Nesse sentido, o que é verdade para uma criança, pode não ser para um adulto; o que ontem era verdade para alguém, hoje pode ser visto como erro; e o que hoje é verdade para alguém, amanhã poderá ser visto como erro. É a lei da relatividade epistemológica: todo conhecimento é relativo ao grau de evolução de cada pessoa ou de cada grupo.

Eis aí a razão pela qual cada religião ou seita se julga possuidora única da verdade, o que se explica pelo nível de conhecimento relativo em que cada uma se encontra, fato esse que é bem retratado pela antiga parábola budista “**Os cegos e o elefante**” (cf. CAMPBELL, 1992, p. 19), segundo a qual um mesmo elefante foi observado por vários cegos de nascença, sendo que cada cego, só conseguindo apalpar uma parte do elefante, descreveu-o de modo totalmente diferente, cada um considerando a sua descrição como a única verdadeira. O mesmo ocorre com os seguidores “cegos” (e fanáticos) das diferentes religiões, ao pretenderem ser donos exclusivos da verdade.

1.32.7 VERDADE CIENTÍFICA X VERDADE RELIGIOSA

P48 – Jesus, que distinção existe entre “verdade científica” e “verdade religiosa”?

J – A verdade científica é um juízo conformado a uma dada realidade e relativamente aceito por todos. Exemplos: “A água ferve a 100 graus centígrados”; “a Terra gira em torno do Sol”. Se negarmos essas sentenças, teremos afirmações cientificamente falsas, teremos o “erro científico” que é o oposto da “verdade científica”.

A “verdade religiosa” (ou a “verdade das religiões”), diferentemente da “verdade científica”, é um juízo que pode ou não ser conformado a uma dada realidade, ou seja, pode ou não ser “verdadeiro” e, por conseguinte, não é aceito por todos. É um ponto de vista ou uma opinião que não convence a todos, mas somente aos adeptos de determinada religião. Exemplos: “O homem é salvo unicamente pela fé”; “a Bíblia é infalível (isto é, não contém erros)”.

1.32.8 AVALIAÇÃO DE DOUTRINA RELIGIOSA

P49 – Jesus, é possível e lícito avaliar a “veracidade” ou “falsidade” de doutrinas religiosas?

J – Pinheiro, muitos estudiosos das religiões (cf. WIEBE, cap. 1) alegam que, num estudo científico das religiões, não é possível tal empreendimento e, mesmo que o fosse, não se teria o direito de abordar o problema da verdade ou falsidade de doutrinas religiosas, uma vez que a verdade religiosa, situando-se particularmente no plano do mito, não é racional nem empiricamente demonstrável (cf. ARMSTRONG, 2001).

Em outras palavras, muitos defendem a noção de que a religião não pode submeter-se a julgamentos racionais, porque ela não trata de fatos objetivos, mas de valores existenciais, pessoais, íntimos, subjetivos, internos, ocultos, esotéricos, míticos. Existe até o *slogan* “não procurem pela verdade da religião, e sim pela verdade sobre a religião” (WIEBE, p. 9-10). Mas, nesse caso, o estudo das religiões reduzir-se-ia a mera descrição fenomenológica de suas crenças, de seus rituais etc. (“a verdade sobre a religião”), sem nenhuma avaliação crítica a respeito da veracidade ou falsidade de suas proposições doutrinárias (“a verdade da religião”).

Todavia, se, por um lado, não se pode negar o aspecto *esotérico* (mítico, oculto, íntimo, místico, interior, pessoal, existencial, subjetivo etc.) das religiões, por outro lado, não se pode deixar de reconhecer que elas possuem um caráter *exotérico* (explícito, externo, histórico, público, objetivo, doutrinário etc.) pelo seu caráter social de “produto humano”. Nesse sentido, tem muita razão Donald Wiebe, ao defender a tese segundo a qual é precisamente o aspecto exotérico (público, doutrinário) das religiões que pode e deve ser estudado e avaliado criticamente pelo estudioso científico das religiões. No dizer desse mesmo autor, “a questão relativa a se as crenças religiosas são verdadeiras ou não é de extrema importância para o estudo acadêmico ou científico da religião” (WIEBE, p. 171).

1.32.9 O NÍVEL GRADATIVO DAS REVELAÇÕES

P50 – Todas as revelações religiosas são iguais?

J – Não. As revelações religiosas de Deus à humanidade são feitas gradativamente, em tempos e lugares diferentes, de acordo com o nível de maturidade moral e intelectual dos homens no desenrolar da História. Por isso, nenhuma religião particular pode, em nenhum tempo e lugar, julgar-se dona absoluta e exclusiva da verdade religiosa. Deus se revelou no passado, continua se revelando no presente e certamente continuará a se revelar no futuro, enviando seus mensageiros à Terra para mostrar aos habitantes deste planeta novas facetas da verdade, ou melhor, da realidade, hoje ocultas para eles, por não terem ainda condições de compreendê-las.

1.32.10 AUTENTICIDADE DAS REVELAÇÕES

P51 – Jesus, será que todas as supostas “verdades religiosas” foram realmente reveladas, ou algumas não passam de invenções da imaginação humana?

J – Pinheiro, é sempre necessário tentar distinguir a verdade do erro, o que não é fácil. Muitas supostas “verdades reveladas” de várias religiões e seitas podem ser apenas criações fantasiosas da imaginação humana, que, mais cedo ou mais tarde, serão desmascaradas, pois, conforme o adágio popular, “a mentira tem as pernas curtas”, e a luz da verdade verdadeira, mais cedo ou mais tarde, brilhará nos corações e na inteligência dos homens, fazendo-os distinguir a verdade do erro, também em matéria de religião.

1.32.11 REVELAÇÕES CONTRADITÓRIAS

P52 – Como justificar contradições nas revelações supostamente divinas? Será que foi tudo mesmo revelado? Quem garante que foi Deus mesmo (ou um mensageiro divino) que revelou determinadas verdades? A literatura antiga e a história das religiões está cheia de mitos e lendas sobre supostas revelações divinas. Quem pode assegurar que tais revelações sejam, de fato, todas verdadeiras? Quem pode garantir que não houve deturpações em suas transmissões (como acréscimos, cortes, alterações etc., com fins puramente apologéticos)?

J – Pinheiro, você tem toda a razão em levantar essas questões. É preciso, de fato, ter muito discernimento e estudo para poder distinguir a

verdade do erro, mesmo em se tratando de revelações supostamente divinas. É certo que existem verdades religiosas autenticamente reveladas, mas o homem, no estágio evolutivo atrasado em que se encontra, ainda tem muitas dificuldades em distinguir o erro da verdade. Daí, a necessidade do diálogo entre as religiões ou entre denominações diferentes de uma mesma religião para que seus seguidores se aprofundem sempre mais no conhecimento da verdade.

1.32.12 IMPOSSIBILIDADE DE RELIGIÕES CONTRADITÓRIAS SEREM IGUALMENTE VERDADEIRAS

P53 – Jesus, se uma religião nega o que outra afirma, ambas podem ser igualmente verdadeiras?

J – Partindo do princípio de que a verdade em si mesma é uma, se uma religião, em sua dimensão objetiva, nega o que outra afirma, ambas não podem ser igualmente verdadeiras. Diante desse impasse, existem, entre outras, as seguintes possibilidades lógicas: 1) uma só religião está certa e todas as demais estão erradas; 2) todas não podem estar igualmente certas, mas todas podem estar igualmente erradas; 3) todas podem estar parcialmente certas (ou parcialmente erradas – essa é a alternativa mais provável); 4) uma pode estar mais certa que outras; 5) uma pode estar totalmente errada em alguma crença e certa em outras. Essas várias possibilidades lógicas obviamente enfraquecem a pretensão de uma religião de ser a única verdadeira.

1.33 CONCEITO DE DEUS

P54 – Vou fazer-lhe agora uma série de perguntas sobre o conceito de Deus, porque, na opinião de muitos autores, depois da categoria “verdade”, o conceito de Deus (ou da divindade) tem sido um dos maiores fatores de conflitos e divisões entre as religiões. Não é isso mesmo?

J – Perfeitamente. Se, por um lado, todas as religiões acreditam na existência de um ser superior, ou seja, numa inteligência suprema, infinita, causa primária de todas as coisas, não importando o nome pelo qual é chamado (Jeová, Deus, Bramã, Alá, Grande Foco, Grande Arquiteto do Universo, Alma do Universo, Tupã, Obatalá etc.), por outro lado, as questões acerca da natureza de Deus ou do divino estão certamente (depois da categoria “verdade”) entre as principais causas de conflitos e divisões entre as religiões.

1.33.1 IMPOSSIBILIDADE DE DEFINIR DEUS

P55 – Jesus, Deus pode ser definido por nós?

J – De modo algum. É inteiramente impossível ao ser humano, no estágio atrasado atual de sua evolução, ter uma ideia perfeita da divindade e, portanto, todas as suas tentativas a esse respeito são apenas pobres aproximações com o uso de seus limitados conhecimentos e de sua limitada linguagem. No correto dizer do filósofo Pietro Ubaldi,

Deus, sendo infinito, não pode ser definido, porque definir significa limitar, delinear, em relação a certos pontos de referência. Ora, o infinito não pode ser limitado e não existem pontos de referência para o absoluto que abarca tudo (UBALDI, 1957, p. 59).

Inúteis são, portanto, as inúmeras discussões, brigas e divisões religiosas em torno da natureza de Deus, como sempre ocorreu (e continua ocorrendo) neste planeta, particularmente na história das relações do cristianismo com as outras religiões ou filosofias.

1.33.2 LINGUAGEM ANALÓGICA / METAFÓRICA SOBRE DEUS

P56 – Jesus, que tipo de linguagem é usada pelos seres humanos para falar sobre Deus?

J – Pinheiro, o ser humano só pode falar sobre Deus fazendo uso dos recursos limitados que sua linguagem humana lhe oferece: figuras de linguagem, comparações, parábolas, analogias, metáforas etc. Como elucida Dan Brown,

todas as religiões descrevem Deus através de metáforas, alegorias e hipérboles, desde os primeiros egípcios até o catecismo moderno. As metáforas são uma forma de ajudar nossa mente a processar o improcessável. **Os problemas surgem quando começamos a tomar nossas metáforas ao pé da letra** (BROWN, 2004, p. 321) (negrito meu).

É isso mesmo. “Os problemas surgem quando começamos a tomar nossas metáforas ao pé da letra”, fazendo confusão entre sentidos figurados e sentidos literais da linguagem humana e, conseqüentemente, fazendo confusão entre mito e realidade histórica.

Mais explicitamente, como já diziam os filósofos e teólogos escolásticos, particularmente Santo Tomás de Aquino (cf. HICK, 1990, p. 83-84), toda linguagem humana sobre Deus é sempre *analógica* (fundada na “analogia”), ou seja, é a expressão do desconhecido e do

inexprimível em termos do conhecido. Por exemplo, quando dizemos que Deus é “nosso Pai”, não estamos afirmando que ele é *literalmente* “nosso Pai”, mas que ele possui em altíssimo grau as qualidades positivas de um pai terreno. Por isso, é somente por linguagem analógica (metafórica, poética, alegórica, antropomórfica) que dizemos que “Deus é nosso Pai”, ou que “Deus é um ser pessoal” etc. Mas Deus não é literalmente “nosso Pai”, ou literalmente “uma pessoa”, mesmo admitindo que ele possua, em altíssimo grau, os atributos paternos e pessoais. Quando dizemos, analógica, metafórica, poética e antropomorficamente, que “Deus é Pai”, estamos querendo afirmar, com David Tracy, que Ele “é como um pai” (TRACY, 1992, p. 108) (sublinhado meu).

A respeito do modo analógico e simbólico de o homem falar de Deus como “pessoal”, John Hick nos dá o seguinte esclarecimento:

Muitos teólogos falam de Deus como “pessoal”, e não como “uma Pessoa”. Falar de Deus como “uma Pessoa” é um *antropomorfismo*, do grego *anthropos*, homem, e *morphé*, forma – “em forma de homem”. Falar de Deus como “pessoal” significa dizer que ele não é uma “Pessoa”, mas possui qualidades “pessoais” (HICK, 1990, p. 11).

Para falar sobre a natureza de Deus, o cristianismo e o judaísmo sempre fizeram uso de muitas metáforas, como (entre outras): *Rei, Pastor, Pedra, Senhor, Luz, Verdade, Sabedoria, Amor*, embora a metáfora básica para conceituar Deus no cristianismo sempre tenha sido **AMOR**: “Deus é Amor” (1Jo 4,16). Sobre essa metáfora básica do cristianismo, vejamos o que nos informa David Tracy, fazendo uma aplicação da noção de “verdade metafórica” de Paul Ricoeur:

A declaração metafórica “Deus é amor” deve ser entendida no contexto do amplo espectro de metáforas alternativas para “Deus” empregadas no Velho e Novo Testamentos. [...] **A declaração “Deus é amor” não diz literalmente o que Deus é, mas produz um sentido metafórico para como Deus é.** Nesse sentido redescritivo, a declaração define, para os cristãos, o que Deus é (TRACY, *ibid.*, p. 107-108) (negrito meu).

1.33.3 RELEVÂNCIA DO CONCEITO DE DEUS

P57 – Para a grande maioria dos religiosos, o correto conceito de Deus (ou da divindade) é a questão mais importante para a evolução espiritual da humanidade. O Senhor apóia essa posição?

J – Claro que não. As preocupações metafísicas sobre a natureza da divindade são irrelevantes para a evolução espiritual da humanidade,

pelo menos no presente estágio evolutivo atrasado em que ela se encontra, uma vez que essas preocupações só têm servido para dividir cada vez mais as religiões, quando há coisas muito mais importantes com as quais elas deveriam se preocupar, como a busca da paz, da fraternidade e do amor ao próximo. Assim, em vez de os cristãos históricos se preocuparem tanto com o conceito de seu Deus Uno e Trino, causa de inúmeros conflitos entre eles e, mais ainda, entre eles e os seguidores de outras religiões, fato por demais comprovado pela história do cristianismo, eles deveriam se preocupar muito mais com a paz, a fraternidade e o amor que lhes ensinei, mas que a maioria deles ainda não pôs em prática.

1.33.4 ORIGEM DO TERMO “DEUS”

P58 – Jesus, a palavra “Deus” nasceu de uma especulação filosófica ou surgiu analógica e metaforicamente?

J – Analógica e metaforicamente, uma vez que o termo “Deus”, conforme esclarece o escritor católico Aldo Natale Terrin, é de origem indo-europeia, derivado da raiz sânscrita *div-*, que significa *luz, esplendor, dia* (cf. TERRIN, 2003, p. 91). Como já vimos, o termo “LUZ” é uma das metáforas básicas do judaísmo e do cristianismo para conceituar a natureza de Deus.

1.33.5 POLITEÍSMO X MONOTEÍSMO

P59 – Gostaria que o Senhor me explicasse a distinção entre o *politeísmo* e o *monoteísmo*, e se o Senhor apóia a pretensão das religiões monoteístas de serem superiores às religiões politeístas.

J – O **politeísmo** (do grego *polýs*, ‘muitos’, e *theós*, ‘deus’) é a crença em muitos deuses, comum a todas as civilizações antigas (por ex., Índia, Egito, Grécia e Roma). O **monoteísmo** (do grego *mónos*, ‘único’, e *theós*, ‘deus’) é a crença em um só Deus (por ex., Javé, o Deus dos judeus e Alá, o Deus dos muçulmanos).

Quanto à pretensão das religiões monoteístas de serem superiores às religiões politeístas, defendo a ideia de que a verdadeira religião não consiste na crença em um só Deus (monoteísmo) ou em muitas divindades (politeísmo), mas em se viver o amor. Logo, nessa perspectiva pluralista, tanto as crenças monoteístas como as politeístas têm, para mim e para Deus, o mesmo valor. Aliás, é melhor ser politeísta e viver o amor do que ser monoteísta e alimentar preconceitos contra aqueles que adoram muitas divindades.

1.33.6 PANTEÍSMO

P60 – Jesus, o que é o *panteísmo*? O Senhor é panteísta?

J – O **panteísmo** (do grego *pan-*, ‘tudo’ e *theós*, ‘deus’) é a doutrina segundo a qual Deus é a única realidade, *imanente* em tudo o que existe (**tudo é Deus e Deus é tudo**). O panteísmo nega, portanto, a *transcendência* de Deus. Para o panteísmo, Deus é totalmente *imanente*.

Quanto à segunda parte de sua pergunta, respondo-lhe dizendo que não sou panteísta, mas “simpatizante” do “monismo” (cf. tema 1.33.8) e, sobretudo, do “monismo dualista” (cf. tema 1.33.9). Discordo do panteísmo, porque, para mim, Deus é *imanente* e *transcendente*. Como imanente, Ele é *impessoal*, mas, como transcendente, Ele é *pessoal*, não no sentido de que Ele seja uma *PESSOA*, mas no sentido de que Ele possui *aspectos pessoais* e *impessoais* (cf. tema 1.33.2).

1.33.7 DUALISMO

P61 – O que é o *dualismo*?

J – O **dualismo** (de dual + -ismo) é a teoria segundo a qual tudo o que existe se baseia em dois princípios opostos (separados um do outro), como: espírito/matéria, corpo/alma, bem/mal, dia/noite, Criador/criatura etc. Para o dualismo, em oposição ao panteísmo, Deus é *transcendente* à natureza. Logo, para o dualismo, Deus é totalmente pessoal (uma *pessoa*, um indivíduo). Também não posso concordar com este dualismo, pois, para mim, como afirmei na resposta da pergunta anterior, Deus é *imanente* e *transcendente*, *pessoal* e *impessoal*.

1.33.8 MONISMO

P62 – O que é o *monismo*?

J – O **monismo** (de *monos* = *um só, único*) é a doutrina que afirma a existência de um princípio único no universo. Opõe-se tanto ao panteísmo quanto ao dualismo. Segundo o escritor Huberto Rohden, o monismo está

equidistante do **dualismo** da teologia ocidental e do **panteísmo** de certas filosofias orientais. [Para o monismo], todos os mundos estão em Deus, e Deus está neles; mas o mundo não é idêntico a Deus nem está separado de Deus (ROHDEN, *Bhagavad Gita*, p. 63, nota 41) (negrito do autor).

Nesse sentido monista, “todos somos Deus”, não no nosso ego, mas na profundidade do nosso ser (cf. SOUZA, 2011b, p. 171-173).

Em outras palavras, para esse tipo de monismo, chamado de **monismo cósmico**, oriundo da filosofia hindu, descrito no livro *Bhagavad Gita*, “o mundo causado é a **existência**, mas não a **essência** causante de Brahman” (ibid., p. 90, nota 63) (negrito do autor). Ou seja, como **existência**, Deus é **imanente** em tudo, mas, como **essência** Ele é **transcendente** a todas as coisas. Eis como Huberto Rohden explica o termo “cosmos”, do qual se deriva o adjetivo “cósmico”:

Quando dizemos “cosmos”, não nos referimos ao mundo material, mas à **alma do Universo, que as religiões chamam Brahman, Tao, Yahveh, Deus**. O grande filósofo monista Spinoza escreveu: “**Deus é a alma do Universo e o Universo é o corpo de Deus**” (ROHDEN, *Rumo à Consciência Cósmica*, p. 44) (negrito meu).

1.33.9 MONISMO DUALISTA

P63 – O que é o *monismo dualista*?

J – O **monismo dualista** (ou **dualismo monista**) é a doutrina do filósofo italiano Pietro Ubaldi, que procura conciliar o *dualismo* com o *monismo*, argumentando, corretamente, que **OS OPOSTOS SÃO PARTES COMPLEMENTARES DA MESMA UNIDADE**: “A unidade é um par. O universo é monismo em seu conjunto, dualismo no particular” (UBALDI, 1992, p. 126) (negrito meu).

Com este monismo, Ubaldi foi tachado de *panteísta*. Em seu livro *Deus e Universo* (UBALDI, 1987, p. 211), ele afirma que o seu monismo foi erroneamente confundido com o panteísmo (doutrina que só vê o aspecto imanente da divindade). Nessa mesma obra (p. 208), ele defende a ideia de que, no seu monismo dualista, contudo, Deus é ao mesmo tempo transcendente e imanente à natureza, sendo, respectivamente, pessoal e impessoal (ou seja, como **transcendente**, Deus é pessoal, mas, como **imanente**, Ele é impessoal). É esse conceito monista-dualista da divindade, o qual admite um Deus *imanente/impessoal* e *transcendente/pessoal*, que venho adotando em nossas entrevistas.

Como Spinoza, Ubaldi igualmente concebe Deus (em seu aspecto imanente) como a Alma do Universo, ou seja, como aquele princípio consciente que dá vida ao universo (cf. UBALDI, 1987, p. 205-206).

1.33.10 DITEÍSMO, DEÍSMO, TEÍSMO, ATEÍSMO E HENOTEÍSMO

P64 – O Senhor poderia definir brevemente cada um desses cinco conceitos da divindade?

J – Pois não. O **diteísmo** é a doutrina que admite *dupla divindade*. Em outras palavras, é uma forma radical de dualismo que admite *dois deuses* ou *dois princípios eternos*: o deus do bem e o deus do mal. O diteísmo foi adotado por várias religiões antigas, entre elas o *maniqueísmo*. O **deísmo** “é o sistema ou atitude dos que, rejeitando toda espécie de revelação divina, e portanto a autoridade de qualquer Igreja, aceitam, todavia, a existência de um Deus, destituído de atributos morais e intelectuais, e que poderá ou não haver influído na criação do Universo” (AURÉLIO, verbete **deísmo**). O **teísmo** “é a doutrina que admite a existência de um deus pessoal, causa do mundo” (AURÉLIO, verbete **teísmo**). O **ateísmo** é a doutrina oposta ao **teísmo**, ou seja, é a negação da divindade. O **henoteísmo** é a crença em um Deus enquanto se admite o poder de outros deuses: “Com frequência, o monoteísmo tomou a forma de elevação de um Deus acima de todos os outros, mas não os excluindo” (WOODWARD, 2000, p. 33), como ocorreu no judaísmo antigo.

1.33.11 TRINDADE x UNITARISMO

P65 – Que distinção existe entre esses dois conceitos da divindade?

J – **Trindade** é a crença numa tríplice divindade. Para o cristianismo histórico, a **Trindade** é o dogma que proclama a união de três pessoas distintas – Pai, Filho e Espírito Santo – formando um só Deus. Sua explicitação categorial deu margem a longas e árduas discussões na Igreja primitiva. Essa concepção mítica do Deus uno e trino dos cristãos sempre foi (e continua sendo) uma das principais causas de numerosos conflitos ideológicos sobretudo entre cristãos e não cristãos.

Unitarismo é a concepção oposta à tese trinitária cristã, sustentando que em Deus há uma só pessoa. Essa concepção unitarista da divindade deu origem a uma “seita protestante do século XVI, que negava o dogma da trindade cristã, reconhecendo em Deus uma só pessoa” (AURÉLIO, verbete **unitarismo**). Segundo os autores do DER (verbe **unitarismo**), “com a reação católica, muitos [unitaristas] foram condenados à morte [...]”. Contudo, ainda segundo os mesmos autores (ibid.), no século XIX, o movimento cresceu enormemente. Modernamente, os unitários pregam uma vivência espiritual (semelhante à que ensinei), resumida nos meus dois mandamentos: **amor a Deus e ao próximo**. Não é isso o que realmente importa para a evolução espiritual do ser humano? (Para mais detalhes sobre o mito da trindade cristã, ver tema 4.82; SOUZA, 2007, cap. 7, p. 119-130; SOUZA, 2010a, questões 26, 27, 28 e 29, p. 62-66.)

1.33.12 CRISTO CÓSMICO, CRISTO PLANETÁRIO, CRISTO DA FÉ E JESUS HISTÓRICO (OU CRISTO HISTÓRICO)

P66 – Que distinção existe entre esses conceitos?

J – Esses rótulos, aparentemente sinônimos, possuem, para muitos, diferentes significados e têm, por isso mesmo, ensejado muita polêmica, conflitos e divisões entre as religiões, principalmente entre o cristianismo institucional e outras religiões ou filosofias. Vejamos uma breve conceituação de cada expressão:

1) Cristo cósmico: no Movimento Nova Era (e também no esoterismo, no ocultismo e até mesmo na opinião de vários pensadores cristãos), existe o chamado “Cristo cósmico” ou “Cristo Universal”, distinto do “Cristo histórico” (ou “Jesus histórico”). O “Jesus histórico” seria uma dentre as muitas manifestações do “Cristo cósmico” ou “Cristo Universal”.

O “Cristo cósmico” (ou “Cristo Universal”) é concebido pelo famoso padre jesuíta francês Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955), como “o centro orgânico de todo o universo” (apud KING, 2002, p. 120).

Segundo o Movimento Nova Era, na linha de muitas religiões e/ou filosofias orientais, o **Cristo cósmico** é conceituado nos seguintes termos:

Entidade ou ser espiritual que os aderentes do movimento [Nova Era] acreditam que habitou em Jesus desde o seu batismo até sua crucificação. Os adeptos da Nova Era frequentemente falam de Cristo como um ser “divino”, mas se referem ao Cristo cósmico, e não a Jesus de Nazaré (DRCO, verbete **Cristo cósmico**).

Conforme esclarece Ursula King, a ideia de um “Cristo cósmico” não é nova, porquanto, de um modo ou de outro, ela está presente já no Novo Testamento, particularmente no prólogo do Evangelho de João (Jo 1, 1-18) e nas epístolas de Paulo, sobretudo na carta aos Colossenses (cf. Cl 1, 12-20), bem como na teologia de alguns Pais da Igreja, como em Orígenes.

Segundo o Evangelho de João, o Cristo cósmico é o **Logos (Verbo)** que, no princípio, estava com Deus e pelo qual foram feitas todas as coisas. Para o apóstolo Paulo (cf. Cl 1,15-20), o Cristo cósmico é o “primogênito de toda criatura”, tanto do mundo visível como invisível, anterior aos homens e aos anjos, porque por ele e para ele foram feitas todas as coisas.

O ex-padre jesuíta Huberto Rohden, em seu livro *Rumo à Consciência Cósmica* (s.d., p. 27-28), também distingue o *Cristo*

cósmico da minha pessoa histórica (*Jesus de Nazaré, Jesus histórico* ou *Cristo histórico*). Segundo esse mesmo autor (ibid.), o “Cristo cósmico” pode ser também designado pelas seguintes expressões: o “Eu divino em cada um de nós”, o nosso “Cristo Interno”, o “Pai em nós” e o “Reino de Deus no homem”.

Enquanto os seguidores da distinção entre o **Cristo cósmico** e o **Cristo histórico** (ou **Jesus histórico**) defendem, pluralisticamente, que o **Cristo cósmico** estaria presente não só no cristianismo, mas em todas as religiões do mundo, a grande maioria dos cristãos rejeita essa tese pluralista, confessando que não há distinção entre o **Cristo cósmico** e o **Cristo histórico** (ou **Jesus histórico**), argumentando que essa distinção constitui uma séria ameaça para a fé cristã tradicional (cf. AQUINO, 2002b, p. 39).

2) Cristo planetário: há também alguns espiritualistas (por ex., RAMATÍS, 2001, p. 77ss) que distinguem o chamado “Cristo planetário” (o “Logos” ou “Cristo do planeta Terra”) da minha pessoa histórica (“Jesus histórico” ou “Cristo histórico”), afirmando que eu (o “Jesus histórico”) sou uma entidade *angélica*, enquanto o “Cristo planetário” é uma entidade *arcangélica*.

Em seu livro *O Evangelho à Luz do Cosmo*, Ramatís deixa bem claro que eu (*Jesus histórico*) não sou o *Cristo (planetário)* ou Deus:

Já é tempo de a humanidade entender que Jesus de Nazaré não é especificamente o Cristo, ou Deus, mas o sublime médium, o mais qualificado representante da Divindade na face da Terra, a fim de transmitir a mensagem libertadora do Evangelho! (RAMATÍS, 1996b, p. 161-162)

Ramatís elucida ainda que o **Cristo planetário governa dentro da Lei do amor Universal**, tornando-se, por isso mesmo, sinônimo do Amor Universal (chamado também de “**Amor Crístico**”):

Cada orbe ou planeta possui o seu Cristo Planetário, que é a fonte do Amor Ilimitado, a vitalidade, o sustento das almas encarnadas ou desencarnadas num determinado ciclo de evolução e angelitude! [...] **O homem crístico não se vincula com exclusividade a qualquer religião ou doutrina espiritualista; [...] pois é o adepto incondicional de uma só doutrina ou religião – o Amor Universal!** [...] É avesso aos rótulos do mundo, alérgico às determinações separatistas e **para ele só existe uma religião latente na alma – o Amor!** (RAMATÍS, 1996c, p. 280) (negrito meu).

Não foi exatamente essa **Religião do Amor Universal** que eu tanto preguei aos meus discípulos? Nesse sentido, devo concordar

inteiramente com essa dimensão pluralista do “Cristo planetário”, acrescentando apenas a ideia de que, enquanto essa **Verdadeira Religião do Amor Universal (ou Crístico)** não for vivida na Terra, continuarão a existir os conflitos, as divisões, as guerras, as discriminações e os preconceitos de toda ordem.

3) Cristo da fé: figura celeste/mítica, que, para a maioria dos cristãos, é o Filho Unigênito de Deus, ou melhor, o próprio Deus encarnado no ventre de Maria, por obra e graça do Espírito Santo, o único mediador entre Deus e os homens, o único salvador da humanidade pecadora (mediante sua morte e ressurreição), o fundador de uma nova e verdadeira religião – o “cristianismo dos cristãos” – e o fundador (segundo alegam os católicos) da única e verdadeira igreja (a Igreja Católica).

4) Jesus histórico (ou Cristo histórico): a partir do final do século XVIII, com o surgimento dos estudos histórico-críticos dos Evangelhos, tornou-se comum fazer uma distinção muito constrangedora para a maioria dos cristãos entre o **Cristo da fé** e o **Jesus histórico** (ou **Cristo histórico**). Os próprios cristãos pesquisadores, particularmente os protestantes liberais, começaram a comprovar, mediante seus estudos, que se trata de dois personagens distintos. O primeiro é uma figura celeste a quem se atribui um papel mítico, sendo o próprio Deus que se encarnou miraculosamente no ventre de Maria, para salvar a humanidade, que fundou uma nova religião e uma igreja exclusivistas, enquanto o segundo é um personagem histórico, real, um profeta (um sábio), que nunca atribuiu a si mesmo os títulos míticos e exclusivistas de único Deus encarnado ou de único salvador da humanidade, mas que veio ensinar ao homem uma forma de vida capaz de o libertar do mal e conquistar o Reino de Deus, **mediante a vivência de um código de leis morais universais.**

1.33.13 O VERDADEIRO JESUS DE NAZARÉ

P67 – Jesus, diante de tantas concepções contraditórias acerca de sua pessoa, gostaria que o Senhor se redefinisse agora muito claramente, a fim de que todos saibamos quem realmente é o Senhor.

J – Pinheiro, quero reafirmar que, dentre os vários “Cristos” que acabei de conceituar (*Cristo cósmico, Cristo planetário, Cristo da fé e Cristo histórico/Jesus histórico*) identifico-me apenas com o último, ou seja, com o **Cristo histórico** (mais conhecido como **Jesus histórico** ou ainda **Jesus real**) – o **Verdadeiro Jesus de Nazaré** – um dentre os

muitos mensageiros de meu “Pai”, enviado à Terra para pregar o Reino Universal do Amor de Deus e formar uma comunidade de fiéis discípulos, **UMA COMUNIDADE DE AMOR** (o chamado “cristianismo de Jesus”).

As distinções entre os vários “Cristos” que acabei de conceituar, principalmente a distinção entre o “Cristo da fé” e o “Jesus histórico”, sempre causaram e continuam causando muitas polêmicas entre os cristãos e, mais ainda, entre cristãos e não cristãos.

Um exemplo típico do acirrado debate em torno dessa questão é o reconhecimento por parte do padre e teólogo católico John P. Meier, ao afirmar – em sua obra *Um Judeu Marginal: repensando o Jesus histórico* – que é “um dos maiores enigmas do estudo religioso moderno” (MEIER, 1993, p. 11). Ele argumenta que “o Jesus histórico não é o Jesus real [e] o Jesus real não é o Jesus histórico” (ibid., p. 31). Ou seja, para ele, o Jesus real é o “Cristo da fé”. Ele defende essa tese em sua volumosa obra de dois volumes – quatro livros (MEIER, 1993/1994/1997/1998).

Digam o que quiserem a respeito de minha verdadeira natureza ou identidade, mas não posso aceitar que me definam miticamente, de maneira exclusivista, identificando-me erroneamente como o Filho Unigênito de Deus, o único mediador entre Deus e os homens, o único caminho de salvação etc.

Esses títulos exclusivistas – e espiritualmente arrogantes – que os cristãos me atribuíram ao longo dos anos, não podem absolutamente caracterizar a minha verdadeira identidade (**O VERDADEIRO JESUS!**), porque não se coadunam absolutamente com **o código de moral (ou de ética) universal** que preguei, traduzido pelas virtudes do amor, da humildade, da igualdade, da justiça, do perdão, da solidariedade etc.

Por conseguinte, reafirmo que é necessário distinguir a minha **identidade real** (o “Jesus real”) de minha **identidade mítica** (o “Jesus mítico”), ou seja, é preciso distinguir **o Jesus/Cristo da fé raciocinada** do **Jesus/Cristo da fé cega (pura ou racionalizada)**.

1.33.14 DEUS-PAI/DEUS-MÃE/DEUS-AMOR

P68 – Garanto que este é o conceito de Deus que o Senhor mais defende.

J – Com toda certeza. Com efeito, diferentemente da concepção antropomórfica do Deus vingativo e guerreiro do Antigo Testamento, eu falei durante minha vida terrena de **Deus-Pai**, cheio de amor com todas as criaturas. Por isso, muitos o chamam também de **Deus-Mãe**, para

expressar-lhe os aspectos pessoais e maternos de carinho, dedicação e amor (**Deus-Amor**). Sempre enfatizei esse conceito analógico/metafórico de Deus, por ser o único que tem condições de unir as pessoas de credos religiosos diferentes (ou de nenhuma confissão), embora eu tenha igual respeito pelos conceitos concorrentes da divindade.

1.33.15 IMPLICAÇÕES ECUMÊNICAS E MACROECUMÊNICAS DA PLURALIDADE DE CONCEITOS SOBRE A DIVINDADE

P69 – Quais são as principais implicações ecumênicas e macroecumênicas da pluralidade de conceitos sobre a divindade?

J – A pluralidade de conceitos sobre Deus cria inegavelmente uma série de conflitos entre as religiões ou entre facções de uma mesma tradição religiosa, com a conseqüente excomunhão daqueles que não aderem ao conceito da divindade conforme o pensamento do poder religioso dominante.

Assim, por causa do conceito **monista cósmico** da divindade, Spinoza, tachado de “panteísta”, foi excomungado por sua religião (o judaísmo), apesar de ter sido um homem sábio e bom, e todos os seus discípulos sempre foram igualmente tachados de **panteístas** ou mesmo de **ateístas**. Einstein, outro grande homem que só fez o bem à humanidade, por ter aderido ao monismo cósmico de Spinoza, foi também discriminado e classificado por muitos cristãos como “ateu”. Pietro Ubaldi, considerado um grande precursor e apóstolo da Nova Era da Civilização do Amor, por ter defendido o “monismo dualista”, foi igualmente discriminado e sua maior obra, *A Grande Síntese*, foi condenada pelo Vaticano e colocada no *Index Librorum Prohibitorum* (‘relação dos livros de leitura proibida para os católicos’). Muitas religiões, seitas e filosofias, sobretudo as que foram buscar inspiração nas religiões e filosofias orientais, são igualmente acusadas pela maioria dos cristãos de serem “panteístas” e “reencarnacionistas”. Logo, não “servem”, de acordo com a visão estreita da maioria dos cristãos dogmáticos.

1.34 RAZÕES PARA A PLURALIDADE RELIGIOSA

P70 – Jesus, quais são, na sua opinião, algumas das principais razões para a grande pluralidade de crenças religiosas no mundo?

J – Pinheiro, há múltiplas explicações para a existência da grande diversidade religiosa no planeta Terra. Em primeiro lugar, existem numerosas “revelações” supostamente divinas e, logo, todas

consideradas “verdadeiras”. O problema, contudo, é que, normalmente, como já elucidei, não há consenso entre a maioria das supostas revelações divinas acerca de várias verdades religiosas, como a natureza da divindade, a natureza do homem, sua origem, seu destino, seu sofrimento, sua morte etc. Bem ao contrário, as diferentes religiões e seitas, fundamentadas em suas respectivas revelações, fazem muitas afirmações contraditórias sobre uma série de realidades. Eis aí uma das principais causas para a existência de tantas religiões e seitas.

Outra explicação para a pluralidade de religiões e a criação de seitas é a tensão entre duas grandes forças ou tendências opostas: a tendência conservadora e a progressista/reformista. A primeira resiste às mudanças, enquanto a segunda, mostrando alguma insatisfação com a religião de origem, anda atrás de reformas para corrigir supostos erros ou desvios dos conservadores, ou para atualizar ou adaptar uma determinada religião às circunstâncias de novos tempos ou épocas diferentes que exigem reformas (ou contrarreformas) religiosas. Nesse sentido, todas as grandes tradições religiosas foram objeto das divisões sectárias.

O fenômeno reformista pode ter aspectos positivos e negativos. Assim, graças à ação dos reformadores, os conservadores são levados a fazer uma reflexão sobre o que pode estar errado e ser melhorado para que não surjam separações. Dentre os aspectos negativos, podem-se mencionar as brigas, as condenações recíprocas e outros atos de violência. Exemplos claros desse fenômeno foram a Reforma Protestante e a Contrarreforma da Igreja Católica. Os reformistas, negando certas verdades da ala conservadora/ortodoxa, são geralmente considerados “hereges”, cismáticos, heterodoxos e, com frequência, sobretudo no passado, excomungados da comunidade religiosa a que pertenciam, por exemplo, a excomunhão de Lutero.

Conforme nos esclarece corretamente a doutrina espírita, a causa mais profunda responsável pela maioria das brigas, lutas, guerras e divisões religiosas é a imperfeição moral/espiritual do homem, traduzida pelo seu egoísmo, orgulho, intolerância, prepotência etc.

1.35 DOCTRINAS CONTRADITÓRIAS

P71 – Por que as religiões defendem doutrinas contraditórias?

J – Entre as possíveis causas, podem-se mencionar a ignorância, o atraso intelectual e espiritual, e outras limitações que impedem os seres humanos de ver e entender a realidade como é. Cada religião (e até

mesmo cada pessoa) normalmente vê a realidade com óculos diferentes. E cada uma acha que sua maneira de ver é a correta. Se todos tivéssemos o mesmo nível de consciência, o mesmo grau de entendimento e os mesmos pontos de vista sobre a realidade, não haveria, logicamente, tantas religiões e seitas. Conforme já esclareci, parto do princípio de que a verdade religiosa é uma e, como tal, não pode (em si mesma) ser contraditória, mas o conhecimento humano da realidade, por uma série de limitações, normalmente admite contradições e erros. Aliás, esse processo de aproximação da verdade (ou de conhecimento da realidade) através de afirmações contraditórias (o chamado “método dialético”) é normal ao ser humano no estágio atual de sua evolução intelectual e espiritual. No correto dizer do teólogo católico Leonardo Boff,

tudo no mundo é dialético, não porque Hegel ou Marx o disseram e, antes deles, o pré-socrático Heráclito. Mas porque essa é a lei das coisas, regida pelo caos e pelo cosmos e pelo sim-bólico (o que une) e pelo diabólico (o que desune) (BOFF, 2003, p. 94).

Os seres humanos são, por conseguinte, contraditórios, “a unidade viva dos contrários” (id. *ibid.*, p. 92): feitos de amor e de ódio, de união e discórdia, de luz e trevas, mas precisamos “reforçar de tal maneira o pólo luminoso desta contradição de tal modo que ele possa manter sob controle, limitar e integrar o pólo tenebroso” (*ibid.*).

Em outras palavras, de acordo com o método dialético, um dos meios principais de conhecermos a realidade é através de afirmações opostas. Assim, só podemos falar de “verdadeiro” em oposição a “falso” (ou a “duvidoso”); só podemos falar do bem em oposição (ou em relação) ao mal etc. Toda afirmação sobre a realidade engendra necessariamente a sua negação. Essa lei dialética é um meio normal e necessário para que haja progresso e mudanças no conhecimento da realidade misteriosa que nos rodeia. “Na verdade, a luta dos contrários é o motor propulsor de toda mudança. A contradição é interna, inovadora, universal, específica, tem unidade” (BARBOSA, 2001, p. 163). Essa postura não nega, portanto, a unidade profunda que subjaz a todos os opostos, a todas as dualidades, a tudo aquilo que nós dividimos em partes. Recordemos que “a unidade é um par: o universo é monismo em seu conjunto, dualismo no particular” (UBALDI, 1992, p. 126). Para uma boa discussão do tema dualidade/unidade, ver Ubaldi (1992, cap. 34), Pierrakos (2003, cap. 5) e Dethlefsen & Dahlke (2003, cap. 2).

1.36 PRINCIPAIS CAUSAS DAS DIVISÕES ENTRE CATÓLICOS E PROTESTANTES

P72 – Jesus, quais são algumas das principais causas de conflitos e divisões entre católicos e protestantes?

J – Sem dúvida alguma, a principal causa de conflitos e divisões entre católicos e protestantes é a pretensão da Igreja Católica de “ser a única Igreja de Cristo” e, logo, superior a todas as outras igrejas cristãs.

Outra grande causa de conflitos e divisões entre católicos e protestantes é a suposta infalibilidade do papa em assuntos de fé e de moral. Por causa dessas e de outras divergências, católicos e protestantes não se entendem, há cerca de 500 anos. Quantas lutas e guerras entre eles, com milhares de mortes, por causa dessas diferenças religiosas. Bastaria lembrar, de passagem, as terríveis guerras, na segunda metade do século XVI, na Europa, entre católicos e protestantes. Pode-se recordar, por exemplo, a terrível Noite de São Bartolomeu, em Paris, no dia 24 de agosto de 1572, em que milhares de protestantes (alguns falam de 3 mil) foram massacrados por católicos no dia do Apóstolo São Bartolomeu. Segundo o Pe. Luiz Cechinato, “morreram umas 5 mil pessoas, pois a matança prolongou-se por alguns dias em outras cidades da França” (CECHINATO, 2000, p. 283).

Outro fator responsável por conflitos e divisões entre católicos e protestantes diz respeito às diferentes interpretações da Bíblia – considerada a “Palavra de Deus”. Como exemplo dessa situação, pode-se observar – com frequência – que pessoas leigas, em interpretação da Bíblia, citam passagens dos Evangelhos, com a Bíblia em punho, para provar que eu realmente disse ou fiz aquilo, como se tudo o que se encontra nos Evangelhos fossem relatos verdadeiros a respeito do que eu realmente disse ou fiz, quando pesquisas atuais, sérias, chegam a concluir que apenas 18% (dezoito por cento) do total de palavras atribuídas a mim nos Evangelhos podem ser realmente consideradas autênticas e que apenas 16% (dezesseis por cento) do total de ações a mim atribuídas nos Evangelhos podem ser, de fato, consideradas autênticas (cf. FUNK & THE JESUS SEMINAR, 1998, p. 1).

A ciência é dura, mas é ciência, doa a quem doer. A descoberta de Galileu Galilei também causou grande impacto e a Igreja Católica passou quase 400 anos para aceitá-la oficialmente, porque a verdade termina impondo-se por si mesma. Ninguém poderá resistir a ela eternamente. É só questão de tempo. Os mais abertos e humildes aceitam-na com

mais facilidade e maior rapidez, enquanto os mais fechados, orgulhosos e dogmáticos a ela resistem o máximo que puderem para não abdicarem de sua hegemonia e de seu velho modo de pensar e de ver a realidade.

1.37 O PAPEL DA RAZÃO NA BUSCA DA VERDADE

P73 – Qual é o papel da razão na busca da verdade religiosa?

J – Pinheiro, você deve saber que o traço distintivo do ser humano em relação aos outros animais é que ele é dotado da faculdade de questionar e conhecer a realidade pelo uso da razão. Mas, a razão humana é limitada por uma série de fatores, dentre os quais a própria imperfeição inerente ao ser humano. Por isso, nossa razão pode acertar na descoberta (mesmo que parcial) da realidade, mas pode igualmente falhar e errar. A razão e a inteligência podem e devem, contudo, desenvolver-se ao longo da carreira evolutiva do ser humano, na busca da verdade, porque o conhecimento da verdade é um dos meios de libertação e de evolução do ser humano: “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (Jo 8,32).

1.37.1 A LUTA ENTRE FÉ E RAZÃO NA BUSCA DA VERDADE

P74 – Jesus, o que se pode dizer sobre a luta entre fé e razão na busca da verdade, no mundo ocidental?

J – Até cerca do ano 1500 da era cristã, Pinheiro, fé e razão, no Ocidente, caminhavam bastante unidas na busca da verdade, se bem que a fé sempre era vista como superior à razão. Mas, numa harmoniosa colaboração de trabalho, não havia disputa acirrada entre elas. Ao contrário, elas concordavam no seguinte princípio: sendo a fé superior à razão, a razão devia estar a serviço da fé. Assim, a **Filosofia** (ciência racional de todas as coisas por suas causas últimas) era serva fiel da **Teologia** (ciência racional das verdades reveladas de determinada religião). Em outros termos, as verdades religiosas (supostamente reveladas por Deus ou por mensageiros divinos) sempre tinham a última palavra. Esse casamento harmonioso e fiel começou a desmoronar-se, contudo, a partir do nascimento da Ciência Moderna, no século XVI, quando a razão científica começou a contradizer a fé e os dogmas (ou mitos) da Igreja. A partir de então, a oposição entre fé e razão acentuou-se cada vez mais, criando o chamado muro de separação entre ciência e religião.

1.37.2 O MURO ENTRE FÉ E RAZÃO

P75 – Gostaria que o Senhor explicasse com mais detalhes o chamado muro de separação entre fé e razão no mundo das religiões.

J – Pois não. É fato notório que, para defender suas crenças e doutrinas, todas supostamente “certas” e “absolutamente verdadeiras”, as religiões, especialmente as cristãs, com medo da verdade, deram início, a partir da Era Moderna, à construção de um muro intransponível entre fé e razão, entrincheirando-se exclusivamente do lado “direito” da fé, com medo do lado “esquerdo” (oposto) da razão e da ciência, porque esse lado poderia contradizer a fé, e as religiões não querem admitir que possa haver erros em suas doutrinas. Ao contrário, elas fanaticamente preferem matar ou morrer na defesa de suas convicções religiosas. O Papa Pio X (1835-1914), em 1907, condenou o Modernismo, precisamente porque os modernistas aplicavam, em larga escala na sua exegese bíblica, a crítica histórica, científica e filosófica.

Por essas e outras razões, as religiões geralmente não querem nem saber da possibilidade de questionar seus dogmas de fé, mesmo diante de todos os avanços e descobertas da ciência. Preferem, então, criar o duelo mortal entre fé e razão, entre ciência e religião. Nessa luta, a maioria das religiões guia-se muito mais pelo coração, pela paixão, pela emoção, por mitos, por lendas, por uma “fé cega”, por dogmas de infalibilidade etc., em vez de, sem medo da verdade, guiar-se paralelamente pela razão, pela ciência e pela “fé raciocinada”.

1.37.3 A RAZÃO COMO UMA “FACULDADE DEMONÍACA”

P76 – Jesus, se foi Deus que nos deu a razão, como entender que muitos religiosos a vejam como uma “faculdade demoníaca”?

J – Infelizmente, Pinheiro, muitos religiosos ainda veem a razão como uma “faculdade demoníaca”, porque eles não refletem sobre o fato de que foi Deus que deu ao homem a faculdade de raciocinar, com o objetivo de descobrir a verdade. É, portanto, um enorme erro ver a razão como uma “faculdade demoníaca”, preferindo desprezá-la ou até mesmo exterminá-la, a fazer bom uso dela na busca da verdade. Nesse contexto, concordo plenamente com o comentário do padre e filósofo católico Manfredo Araújo de Oliveira sobre a posição do Papa João Paulo II, na Encíclica *Fides et ratio* [Fé e razão] (1999), em que ele reconhece que “a verdade que Deus nos revela [...] não pode estar em contraste com o que a razão humana descobre por meio da reflexão filosófica, já que a unidade

da verdade é um postulado fundamental da razão humana, que se articula no princípio de não contradição” (OLIVEIRA, 2000, p. 46).

1.37.4 RELIGIÃO E CIÊNCIA

P77 – Jesus, por que as religiões temem a ciência?

J – Certamente, porque elas temem a verdade. Indubitavelmente, as religiões temem a ciência porque ela pode contradizer suas verdades de fé, o que, de fato, já aconteceu, por diversas vezes, na história das relações entre religião e ciência. Apesar das exceções, a luta quase sem trégua (pelo menos no Ocidente) entre fé e razão (ou entre religião e ciência) já dura mais de 400 anos, desde o século XVI, quando Galileu Galilei (1564-1642), um dos fundadores da Ciência Moderna, confirmou, de maneira irrefutável, a tese de Nicolau Copérnico (1473-1543), segundo a qual a Terra não era o centro do Universo, como sustentavam Ptolomeu e as igrejas cristãs. Católicos e protestantes não podiam aceitar a tese revolucionária de Copérnico, comprovada cientificamente por Galileu, porque essa teoria contradizia o que ensinava a Bíblia.

Condenado pela Inquisição da Igreja Católica – o maior poder monárquico e absoluto da época – Galileu foi obrigado a negar a verdade do heliocentrismo em favor do erro do geocentrismo, defendido pelas igrejas cristãs. A Igreja Católica levou mais de 300 anos para reconhecer oficialmente seu erro, quando o Papa João Paulo II, somente em 1997, decidiu tardiamente perdoar Galileu.

Por concordar com a visão copernicana (e também por ser reencarnacionista), o frade Giordano Bruno “foi arrastado à Inquisição e, ao não concordar em retratar-se, foi queimado na fogueira em 1600” (HELLMAN, 1999, p. 24). “Também o filósofo natural italiano Lucilio Vanini, que diziam ter ensinado a identidade entre Deus e a natureza, foi queimado em Toulouse, em 1619” (KÜNG, 2002, p. 187).

O fosso entre ciência e religião acentuou-se ainda mais quando, no final do século XVIII (o século das luzes), surgiu o Iluminismo, cujas descobertas científicas no campo dos estudos bíblicos indicavam que a maior parte das escrituras sagradas não passava de mitos e lendas e que a Bíblia era muito mais “palavra dos homens” do que “Palavra de Deus”.

A barreira entre fé e razão ficou ainda mais intransponível, quando, no século XIX, Charles Robert Darwin (1809-1882) lançou sua teoria sobre a evolução das espécies. Somente depois de muita demora e hesitação, Darwin resolveu publicar, em 1859, sua obra revolucionária, *A Origem*

das *Espécies*, que destruiu a versão religiosa bíblica sobre a criação. A agitação nas igrejas cristãs foi enorme. Se hoje muitos cristãos já aceitam a teoria evolucionista, muitas igrejas (sobretudo protestantes) ainda a negam, preferindo acreditar na versão bíblica mítica da criação das espécies, pregando e ensinando aos seus fiéis, em plena contradição com a ciência, a doutrina absurda e mítica do “pecado original”, segundo a qual todos os seres humanos descendem de Adão e Eva, os quais, por terem pecado, transmitiram hereditariamente o seu pecado a todos os homens, o que exigiu de Deus que me enviasse para morrer numa cruz, a fim de resgatar a humanidade desse “pecado original”. Essas crenças mitológicas são um belo exemplo de “fé cega”. Tinha muita razão Einstein, ao afirmar que **“a ciência sem religião é manca; a religião sem ciência é cega”** (apud TOURINHO, 1994, p. 73) (negrito meu). Nessa citação de Einstein, está bem clara a importante distinção feita anteriormente nesta entrevista entre “religião” e “religiões”: ele não afirma que a ciência sem uma religião é manca, mas que a ciência sem “religião” (= sem “religiosidade”, ou melhor, sem “espiritualidade”) é manca; vice-versa, ele afirma que a religião (isto é, uma instituição religiosa particular) sem ciência é cega.

1.37.5 CONCILIAÇÃO ENTRE CIÊNCIA E RELIGIÃO

P78 – Jesus, é possível conciliar ciência com religião?

J – Espera-se que sim. Estamos no início do tão aguardado terceiro milênio, início de uma nova era evolutiva para a humanidade, a “Era do Espírito”, predita por inúmeros profetas. Oxalá, seja realmente a era de uma sociedade mais justa e mais humana, em que haja mais amor e fraternidade entre as pessoas, independentemente de nacionalidade, raça e religião. Todos desejamos que seja uma era diferente da anterior, que foi dominada pela injustiça, pelo ódio, pela violência, pela discriminação, pelos preconceitos de toda sorte, pelas divisões e pelas guerras religiosas. Esperamos, enfim, que seja a era da queda definitiva do muro que tem separado a ciência das religiões. É preciso, nessa nova era, dar um basta às atitudes científicas e religiosas exclusivistas, em favor de uma ciência e de uma religião abertas a todas as possibilidades, sem excluir nenhum caminho que possa ajudar na descoberta da verdade. É chegada a hora de a ciência e a religião não mais se digladiarem, mas trabalharem juntas na busca comum da verdade. Ainda bem que, atualmente, as ciências ditas materialistas se interessam cada vez mais pelo mundo extrafísico,

numa reaproximação cada vez mais acentuada entre ciência e religião (cf. CAPRA, 1983).

1.38 IMPOSIÇÃO DA RELIGIÃO QUE SE PROFESSA

P79 – Jesus, as pessoas escolhem livremente e por convicção própria a religião que professam ou, antes, o fazem por imposição da família ou da cultura em que nasceram?

J – Pinheiro, poucas são as pessoas que professam uma religião livremente e por convicção própria. Normalmente, as pessoas professam uma crença religiosa por imposição do país, da cultura e, sobretudo, da família em que nasceram e em que vivem. Assim, por exemplo, a maioria dos brasileiros professa o catolicismo, não por escolha própria, mas porque nasceu num país de tradição católica que, por quase quatro séculos, impôs a crença católica a todos os seus cidadãos. Se os brasileiros tivessem nascido no Egito, certamente seriam muçulmanos. Se tivessem nascido na Tailândia, com quase toda certeza, seriam budistas, e assim por diante.

Por isso, as pessoas geralmente formam seus pontos de vista religiosos não por meio do raciocínio, da lógica ou da reflexão, mas, sobretudo, através de sua educação, de sua família e das suas crenças, que as condicionaram a pensar religiosamente desta e não daquela forma. Esses fatores modelam o modo de alguém pensar, de ver e de crer. Alojados hoje em seu inconsciente, esses condicionamentos dirigem todos os pensamentos, sentimentos, desejos e aspirações de alguém. Por isso mesmo, entende-se como é muito difícil e doloroso alguém querer aceitar ideias novas ou opiniões diferentes que venham abalar a estrutura de suas convicções religiosas.

1.39 IMPOSIÇÃO CÁRMICA DA RELIGIÃO QUE SE PROFESSA

P80 – Os espíritas (e todos os demais espiritualistas reencarnacionistas) sustentam que nada acontece por acaso. Sendo assim, não é por acaso que alguém professa determinada religião ou seita. O Senhor concorda com essa teoria?

J – Perfeitamente. Como reencarnacionista que sou, devo concordar plenamente com essa verdade, segundo a qual nada acontece por acaso. Tudo tem uma razão evolutiva ou “cármica” de ser. Esclareço que o termo “cármico”, derivado de “carma”, refere-se a débitos contraídos em vidas anteriores.

Na perspectiva pluralista reencarnacionista, como já entendiam os hindus milhares de anos antes de mim (cf. SAMARTHA, 1987, p. 74), todas as diferenças individuais e coletivas (como as de cultura, etnia, raça, religião etc.) estão intrinsecamente relacionadas com a doutrina das vidas sucessivas (ou *reencarnação*). Nesse sentido, não é por acaso que alguém nasce neste ou naquele país, nesta ou naquela raça, nesta ou naquela família. De acordo com essa visão reencarnacionista, portanto, se alguém nasce no Egito ou na Tailândia, numa família muçulmana ou budista, e se adere a esta ou àquela religião, é porque, devido ao grau evolutivo e/ou cármico em que se encontra na presente (re)encarnação, necessita dessas respectivas crenças para evoluir espiritualmente.

1.40 MUDANÇA DE RELIGIÃO

P81 – Jesus, por que, então, as pessoas mudam tanto de religião?

J – Quem muda de religião, Pinheiro, é porque não está mais satisfeito com a religião que sempre professou, por não estar mais convicto das verdades em que sempre acreditou, ou por ter se encontrado melhor noutra religião ou filosofia. Quando alguém não concorda mais com os princípios doutrinários de sua religião de origem (como aconteceu com você) e descobre que até então laborava em erros doutrinários, facilmente pode aderir a outra crença religiosa ou filosófica, que mais se coadune com sua nova percepção da realidade religiosa.

Como dizia Gandhi, por motivos íntimos e de crescimento, alguém pode mudar de religião: “Se algumas pessoas, para sua satisfação íntima e crescimento, sentem que devem mudar de religião, que o façam” (apud ELSBERG, p. 128). Mudar de religião pode significar “evoluir” de um sistema religioso menos perfeito para uma crença mais próxima da verdade, pois, ainda no pensamento de Gandhi, nenhum sistema religioso é perfeito (todos têm defeitos e erros) e, portanto, todos estão sujeitos “a um processo de evolução e reinterpretação” (ibid., p. 136-137).

1.41 PLURALISMO X EXCLUSIVISMO

P82 – Jesus, gostaria que o Senhor aprofundasse um pouco mais o entendimento dos termos “pluralismo” e “exclusivismo” no contexto das religiões.

J – Pinheiro, a perspectiva religiosa pluralista, que você e eu adotamos, é a que defende a *equivalência funcional* (mas não *doutrinal*)

de todas as crenças religiosas (**NÃO IMPORTA O CAMINHO!**), em oposição aos pontos de vista religiosos que sustentam a *exclusividade, unicidade e superioridade* de **UM CAMINHO** (isto é, de uma religião) em relação às demais, posição fortemente combatida por nós ao longo de nossas entrevistas. Por essa tese pluralista da *equivalência funcional* (mas não *doutrinal*), de todas as religiões, o catolicismo é tão bom, válido e verdadeiro para os católicos, assim como o judaísmo o é para os judeus, o budismo para os budistas, o espiritismo para os espíritas e assim por diante. Essa tese não afirma, porém, que todas as religiões são igualmente verdadeiras do ponto de vista de suas crenças, de seus dogmas ou de seus mitos, uma vez que, em questões de doutrina, elas se contradizem em muitos pontos. Daí, a necessidade do diálogo inter-religioso aberto e sincero para se saber quem está com a verdade.

A perspectiva pluralista, como definida em nossas entrevistas, representa “o encerramento das hegemonias confessionais” (DER, verbete **pluralismo**), isto é, significa o fim da superioridade de uma religião sobre as demais e, por isso, representa um perigo para a fé cristã tradicional (cf. DER, *ibid.*), que sempre se considerou “superior” a todas as outras crenças religiosas deste planeta.

Pela **visão exclusivista**, cada cultura, etnia, raça, língua, religião etc. tende a proceder a uma autoavaliação como “superior” às demais. Com o advento da modernidade, essa velha postura tradicional tende a ser cada vez mais rejeitada.

Mediante a **visão pluralista**, porém, não há superioridade de uma cultura, etnia, raça, língua, religião etc. sobre as demais. Todas são *diferentes*, mas **ser diferente não significa ser inferior ou superior**. Todas as religiões, por exemplo, são diferentes na forma, mas essencialmente iguais (ou equivalentes) na função. Em outras palavras, todas as religiões são diferentes em suas doutrinas, em seus dogmas e em seus aspectos formais (rituais, cultos, celebrações etc.), mas são, por outro lado (**NÃO IMPORTANDO O CAMINHO!**), fundamentalmente iguais (ou equivalentes) em sua função de ser um meio ou instrumento de aperfeiçoamento espiritual para seus adeptos, de acordo com o grau de evolução de cada um. Como afirma Waldemar Boff,

hoje, o mundo é uma aldeia iluminada por diferentes verdades religiosas, às vezes contraditórias. **É leviandade e arrogância afirmar que somente a minha lâmpada ilumina realmente a aldeia e que somente pelo seu caminho se chega ao oceano infinito de Deus** (citado por PEDREIRA, 1999, p. 123) (negrito meu).

1.41.1 A PERSPECTIVA PLURALISTA REENCARNACIONISTA

P83 – Jesus, o que é a **perspectiva pluralista reencarnacionista**? E qual é a diferença entre o **pluralismo reencarnacionista** e o **pluralismo não reencarnacionista**?

J – A **perspectiva pluralista reencarnacionista** é a que admite a “reencarnação”, ou seja, a crença de que, após a morte, a alma (ou espírito) de um ser humano retorna à vida em outro corpo físico para prosseguir em sua caminhada evolutiva rumo à perfeição (objetivo impossível de ser alcançado em uma única vida no plano material).

A diferença fundamental entre o **pluralismo reencarnacionista** e o **pluralismo não reencarnacionista** é que, para os modelos pluralistas não reencarnacionistas, o fato de alguém nascer nesta ou naquela cultura, raça, etnia ou religião é um acontecimento puramente geográfico, enquanto para a perspectiva pluralista reencarnacionista, como já disse, todas as diferenças individuais e coletivas (como as de cultura, etnia, raça, religião etc.) estão intrinsecamente relacionadas com a doutrina das vidas sucessivas (ou *reencarnação*). Ambos os modelos defendem a equivalência funcional e a validade de todas as religiões (raças, culturas etc.), mas somente a perspectiva pluralista reencarnacionista explica a razão espiritual de suas diferenças.

1.41.2 A ABORDAGEM “INCLUSIVISTA” DA TEOLOGIA CRISTÃ

P84 – O que é a abordagem “inclusivista” da teologia cristã?

J – É a visão supostamente intermediária entre as duas abordagens discutidas há pouco (a “exclusivista” e a “pluralista”). Esse “modelo inclusivista”, se, por um lado, se opõe ao “modelo exclusivista”, uma vez que (teoricamente) não se fecha ao diálogo e reconhece o que há de bom nas outras religiões, por outro, se opõe igualmente aos “modelos pluralistas”, porquanto também rejeita o postulado da equivalência funcional entre as religiões. Não deixa, portanto, de ser um modelo discriminatório e exclusivista, pois apenas muda o eixo em torno do qual gira o exclusivismo cristão, pondo no lugar do **exclusivismo eclesiocêntrico** (*fora da Igreja, não há salvação*) o **exclusivismo cristocêntrico** (*fora de Cristo, não há salvação*).

Foi esse o principal modelo adotado pela Igreja Católica em sua abertura ecumênica (a partir do Concílio Vaticano II), em oposição à sua velha postura exclusivista eclesiocêntrica. A partir do referido Concílio, a Igreja Católica abriu-se (teoricamente) ao diálogo, tanto com as outras

igrejas cristãs como com as religiões não cristãs, mas, ao mesmo tempo, continuou fechada em seus dogmas (ou mitos) inegociáveis, convicta de que já é possível haver salvação fora da Igreja, mas que é impossível haver salvação fora do “Cristo da fé” (postura *inclusivista* ou *exclusivista cristocêntrica*). Por isso, dou muita razão ao teólogo cristão pluralista Stanley J. Samartha, quando ele afirma que **“tanto o exclusivismo como o inclusivismo são formas de violência teológica para com os seguidores de outras religiões”** (SAMARTHA, 1987, p. 79) (negrito meu).

1.41.3 PLURALISMO X RELATIVISMO

P85 – Jesus, a abordagem pluralista, defendida por nós, não implica uma certa forma de “relativismo” e de “ceticismo” epistemológicos?

J – De certo “relativismo” sim, mas de “ceticismo” não. Explico. Como argumentei em temas anteriores, nossa compreensão da “verdade”, ou melhor, da “realidade”, é normalmente relativa, pois nosso conhecimento do mundo é bastante limitado por uma série de fatores e, por isso, ninguém pode dizer que já atingiu **o pleno conhecimento da verdade**, principalmente em se tratando das verdades religiosas. Nesse sentido, o relativismo religioso tem sido defendido por todos os grandes líderes religiosos pluralistas deste planeta, como Gandhi, Ramakrishna, Bahá'u'lláh, Hick, Knitter, Panikkar e outros. Isso não significa dizer que não possamos conhecer nenhuma realidade de maneira absoluta, mas apenas reconhecer as nossas profundas limitações no conhecimento da verdade (ou melhor, da realidade). É evidente que todos nós temos sede da verdade e vivemos em função de nossas verdades, isto é, daquilo que acreditamos ser verdade, mas ninguém deve ter a falsa pretensão de já conhecer toda a verdade ou de querer impor as suas supostas verdades àqueles que pensam diferentemente.

1.41.4 DITADURA DO ABSOLUTISMO X DITADURA DO PLURALISMO

P86 – Alguns cristãos alegam que o pluralismo combate um absolutismo em favor de outro. O Senhor concorda com esses cristãos?

J – Não. A visão pluralista é, de fato, às vezes, acusada de combater um **absolutismo** em favor de outro, ou seja, de combater a **ditadura do absolutismo** em favor da **ditadura do pluralismo**. Nas palavras do teólogo presbiteriano Eduardo Rosa Pedreira,

ao exigir que o cristão abra mão de seu absolutismo, o pluralismo cria outro absoluto, o de ser plural. É nesse sentido que falamos de uma ditadura do pluralismo, na qual o plural se torna o absoluto, o dogma maior do novo mundo moderno (PEDREIRA, 1999, p. 168).

Concordo com o referido teólogo, quando ele diz que estamos diante de dois absolutismos, isto é, de duas maneiras frontalmente opostas de ver a diversidade de religiões, mas, incontestavelmente, somente o segundo absolutismo (o “pluralista”) é compatível com o código de moral universal que une todas as crenças, enquanto o primeiro (o “exclusivista”) sempre foi um clássico aliado do preconceito, da discriminação, da intolerância, do ódio, do fanatismo, da violência e das guerras religiosas. É de paz, fraternidade e amor, porém, que o mundo está precisando. Logo, a “ditadura do pluralismo”, equivocadamente rotulada por Joseph Ratzinger (hoje o Papa Bento XVI) de “ditadura do relativismo”, é bem-vinda, enquanto a “ditadura do exclusivismo” está sendo cada vez mais repudiada numa sociedade pluralista e globalizada como a nossa (vivemos hoje numa aldeia global – ou “vila global” – na expressão de McLuhan), que não mais admite exclusivismos, incompatíveis com a paz e a fraternidade entre todas as pessoas e entre todos os povos, independentemente de raça, cor, língua, nacionalidade ou religião.

1.41.5 PLURALISMO X SINCRETISMO RELIGIOSO

P87 – Alguns cristãos também costumam criticar o pluralismo por ser supostamente fomentador do “sincretismo religioso”, ou seja, da fusão ou mistura de crenças. O Senhor concorda com essa crítica?

J – De modo algum. Essa crítica é inteiramente falsa, pois o que se defende no pluralismo, como definido nesta entrevista, é que todas as religiões são igualmente válidas (**NÃO IMPORTA O CAMINHO!**) e que, por isso mesmo, nenhuma religião pode ser considerada a única correta e, portanto, superior a todas as outras. Ora, se o pluralismo reconhece o valor de todas as crenças, como caminhos diferentes, mas igualmente válidos, não pode logicamente advogar o sincretismo religioso, embora admita que a fusão de crenças religiosas tenha sido o meio de sobrevivência de várias religiões, por exemplo, do próprio cristianismo tradicional e das religiões afro-brasileiras (para uma rica exemplificação do sincretismo do cristianismo tradicional com outras tradições religiosas mais antigas, ver tema 4.10).

1.41.6 SLOGANS RELIGIOSOS EXCLUSIVISTAS

P88 – Jesus, que *slogans* mais comuns podem exemplificar a posição religiosa exclusivista?

J – Entre outros, posso mencionar os seguintes:

- A minha religião é a única verdadeira, todas as outras são falsas!
- O Deus da minha religião é o único Deus verdadeiro!
- Fora da minha religião, não há salvação!
- Somente a minha fé é verdadeira!
- Somente a escritura sagrada de minha religião é a verdadeira palavra de Deus!

1.41.7 SLOGANS RELIGIOSOS PLURALISTAS

P89 – E que *slogans* mais comuns podem exemplificar a posição religiosa pluralista que defendemos?

J – Entre outros, posso mencionar os seguintes:

- Deus é um só, embora tenha muitos nomes!
- Em toda e qualquer religião pode haver salvação!
- Todas as crenças são válidas para quem nelas crê honesta e sinceramente!
- O cristianismo é uma religião entre muitas!
- A Bíblia cristã é uma entre muitas escrituras sagradas!

1.41.8 IMPLICAÇÕES ECUMÊNICAS E MACROECUMÊNICAS DA ATITUDE EXCLUSIVISTA

P90 – Jesus, como última pergunta dessa nossa primeira entrevista, gostaria que o Senhor falasse um pouco sobre as principais implicações ecumênicas e macroecumênicas da atitude religiosa exclusivista.

J – Pois não, Pinheiro. Conforme argumentei em várias respostas anteriores, a atitude exclusivista cria inegavelmente uma barreira intransponível entre as religiões que se propõem dialogar. De fato, se parto para o diálogo com a convicção de que minha religião é a única verdadeira, assumo uma postura de superioridade e de exclusividade em relação ao meu parceiro do diálogo, ao qual caberia apenas a negação de suas próprias convicções para aceitar as verdades da minha religião. Esse é o grande dilema ecumênico e o maior desafio que os parceiros do diálogo religioso terão que enfrentar, se realmente desejarem dialogar em pé de igualdade com os seguidores de facções diferentes de uma mesma tradição religiosa ou com os adeptos de outras religiões.

Nesse sentido, tem muita razão o já referido teólogo cristão Eduardo Rosa Pedreira, ao afirmar que

a proposta da construção de um diálogo no qual o cristianismo participa em igualdade de condições com as religiões não cristãs constitui, senão o maior, pelo menos o mais fundamental desafio que a teologia cristã enfrenta neste século (PEDREIRA, 1999, p. 161).

E o teólogo católico Faustino Teixeira chega mesmo a declarar que **“fora do diálogo, não há futuro possível para o cristianismo”** (TEIXEIRA, 1995, p. 128) (negrito meu).

Por isso, em nossa segunda entrevista, a seguir, refletiremos exclusivamente sobre o ecumenismo e o diálogo inter-religioso.

ENTREVISTA nº 2

O ECUMENISMO E O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO



2.1 CONCEITO DE ECUMENISMO E DE DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

P91 – Jesus, como primeira pergunta desta nossa segunda entrevista, gostaria que o Senhor redefinisse o “ecumenismo” e o “diálogo inter-religioso”.

J – O “ecumenismo”, como já foi definido, é a proposta do diálogo para a reaproximação dos cristãos divididos, aberto também à aproximação com religiões não cristãs, através do chamado **diálogo religioso** ou **diálogo inter-religioso** (às vezes, designado pelos termos **macroecumenismo** e **diálogo macroecumênico**).

O Papa João Paulo II afirmava insistentemente que o ecumenismo era uma das principais prioridades pastorais de seu pontificado, como nos informa Jos Vercruysse na seguinte passagem:

Por ocasião do 25º aniversário do *Secretariado para a Unidade dos Cristãos*, em 28 de junho de 1985, João Paulo II afirmava com insistência e vigor perante a Cúria romana: “Tenho de reafirmar que *a Igreja Católica está empenhada no movimento ecumênico com uma decisão irrevogável* e que deseja contribuir com ele com todas as suas possibilidades. Para mim, bispo de Roma, isso constitui uma das prioridades pastorais” (VERCRUYSSSE, 1988, p. 11) (itálicos do original).

2.2 O ECUMENISMO COMO DEFINIDO PELA CNBB

P92 – Jesus, como a CNBB define o ecumenismo?

J – A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) lançou, em 1997, um documento sobre o ecumenismo, intitulado *O Que é ecumenismo?* (cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *O Que é ecumenismo?* Uma ajuda para trabalhar a exigência do diálogo. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2000). Neste documento, a CNBB distingue dois subtipos de ecumenismo: o **ecumenismo propriamente dito** e o **diálogo inter-religioso**. O “ecumenismo propriamente dito” é definido nesse documento como “a aproximação, a cooperação, a busca fraterna da superação das divisões entre as diferentes igrejas cristãs: os católicos, os ortodoxos e os evangélicos” (p.12). O “diálogo inter-religioso” é conceituado no documento (p.13) como

o contato e o relacionamento respeitoso com grupos religiosos não cristãos (religiões orientais, judaísmo, islamismo, **espiritismo** etc.). Alguns usam para expressar esse diálogo a palavra “macroecumenismo” (negrito meu).

Fiz questão de grifar **espiritismo** para mostrar que, segundo a CNBB, diferentemente do que pensam muitos outros segmentos cristãos, os católicos devem estar abertos ao diálogo inter-religioso com os **espíritas**.

2.3 ORIGEM DA PALAVRA “ECUMENISMO”

P93 – Jesus, qual é a origem da palavra “ecumenismo”?

J – A palavra “ecumenismo” (do grego *oikoumene*, “mundo inteiro”) era o termo usado pela Igreja para designar “o conjunto dos cristãos” (SANTIDRIÁN, 1996, verbete **ecumenismo**). Daí o emprego do adjetivo “ecumênico” para referir-se a eventos de interesse de todos os cristãos, como, por exemplo, os famosos CONCÍLIOS ECUMÊNICOS da cristandade: NICEIA I (325); CONSTANTINOPLA I (381); ÉFESO (431); CALCEDÔNIA (451); CONSTANTINOPLA II (553); CONSTANTINOPLA III (680-81); NICEIA II (787); CONSTANTINOPLA IV (869-70) etc.

No nosso tempo, o termo “ecumenismo” é empregado para designar o movimento para a unidade [...]. Fundamenta-se na necessidade real e efetiva das Igrejas separadas [...] de chegar à unidade plena entre os cristãos (SANTIDRIÁN, *ibid*).

2.4 SURGIMENTO DO ECUMENISMO

P94 – Como e por que surgiu o ecumenismo?

J – O ecumenismo surgiu por causa das escandalosas divisões entre os cristãos. O cristianismo está, de fato, fragmentado em inúmeras igrejas, denominações e seitas que, não obstante estarem unidas por um certo credo comum, divergem, contudo, em vários pontos doutrinários fundamentais que rompem a unidade cristã: o primado e a infalibilidade do papa; o magistério da Igreja; a maioria dos sacramentos; o culto aos santos e a Maria; a interpretação e a autoridade da Bíblia etc.

Foi percebendo as divergências doutrinárias, causadoras de escândalos entre os fiéis cristãos, que nasceu, no meio dos missionários protestantes, no final do século XIX, o movimento ecumênico.

É que eles verificavam que as pessoas que eles evangelizavam ficavam chocadas ao ver que o ‘Jesus’ de um grupo não servia para o outro e que os cristãos que pregavam o amor universal estavam divididos entre si (Documento da CNBB, p. 13).

O movimento nasceu pequeno, mas foi crescendo aos poucos e já conta com a participação de várias igrejas cristãs e com vários

organismos ecumênicos, como o Conselho Mundial de Igrejas, criado em 1948, que reúne hoje mais de 300 igrejas cristãs; o Conselho Latino-Americano de Igrejas, fundado oficialmente em 1978, que reúne hoje mais de 150 igrejas evangélicas, inclusive pentecostais; e no Brasil o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC), criado em 1982, que congrega hoje as seguintes igrejas:

Igreja Católica Ortodoxa Siriana do Brasil
 Igreja Cristã Reformada do Brasil
 Igreja Presbiteriana Unida do Brasil
 Igreja Católica Apostólica Romana
 Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil
 Igreja Metodista
 Igreja Episcopal Anglicana do Brasil

Foram essas sete igrejas do CONIC que lançaram no ano 2000 a primeira Campanha da Fraternidade ecumênica, com o tema DIGNIDADE E PAZ e o lema “Novo Milênio sem Exclusões”.

Nota: As informações sobre esses conselhos ecumênicos foram extraídas do livro: CONSELHO NACIONAL DE IGREJAS CRISTÃS DO BRASIL & CONSELHO LATINO-AMERICANO DE IGREJAS NO BRASIL. *Diversidade e Comunhão: um convite ao ecumenismo*. 2. ed. São Paulo: Paulinas 1999, p. 24, 30-31.

2.5 FALSOS CONCEITOS DE ECUMENISMO

P95 – Jesus, o que não é ecumenismo?

J – Ecumenismo não é **unionismo** (o retorno dos “irmãos separados” à religião de origem) nem **proselitismo** (a procura de novos adeptos para a própria religião). Ecumenismo também não é **sincretismo** religioso (fusão de crenças religiosas diferentes) nem **irenismo** enganador (atitude facilmente conciliadora e compreensiva para com os crentes de outras religiões ou seitas).

2.6 ECUMENISMO: A BUSCA DA UNIDADE NA DIVERSIDADE

P96 – O que significa dizer que o ecumenismo é a busca da unidade na diversidade?

J – Unidade é a palavra-chave do movimento ecumênico. Mas unidade não é a mesma coisa que uniformidade.

Deus não nos quer iguais, ele nos quer unidos. Ele não exige que expressemos fé, sentimentos, conhecimentos, de uma mesma maneira, ele quer que nas diferenças encontremos o que nos une e nos torna um (CONSELHO NACIONAL DE IGREJAS CRISTÃS DO BRASIL & CONSELHO LATINO-AMERICANO DE IGREJAS NO BRASIL, 1999, p. 30-31).

Ecumenismo é a busca da unidade na diversidade. Os seres humanos, apesar de serem individualmente muito diferentes, são *essencialmente* iguais, pois são todos *seres humanos*. São um porque têm a mesma natureza e dignidade humanas e são diferentes porque cada um tem a própria identidade como pessoa, como ser histórico individual e/ou como membro de um grupo social, cultural e/ou religioso. Todos fazem parte da mesma família humana e por isso são todos irmãos, filhos do mesmo Deus Pai.

Em um nível ainda mais profundo, podemos afirmar, holisticamente, que somos um na diversidade imensa de seres que compõem o universo. Não estamos separados do cosmos. Tudo está unido, ligado, interligado no universo, do micro ao macrocosmo.

2.7 DIVERGÊNCIAS RELIGIOSAS QUE EXIGEM O DIÁLOGO ECUMÊNICO E INTER-RELIGIOSO

P97 – Jesus, quais são algumas das principais divergências de crenças religiosas no mundo que justificam o diálogo ecumênico e inter-religioso?

J – A título de exemplificação, relaciono a seguir algumas “doutrinas religiosas inconciliáveis” para dar uma visão panorâmica das principais divergências de crenças religiosas responsáveis por muitos conflitos e divisões entre as religiões e até mesmo dentro de uma mesma tradição religiosa (como o cristianismo), e que justificam plenamente a necessidade do diálogo ecumênico e/ou inter-religioso:

- 1) Enquanto algumas religiões (por exemplo, o cristianismo dogmático e o islamismo) acreditam num “inferno eterno”, as religiões e filosofias espiritualistas reencarnacionistas rejeitam essa crença.
- 2) Enquanto o cristianismo tradicional e o islamismo acreditam no “Juízo Final” e na “ressurreição da carne”, as religiões e filosofias espiritualistas reencarnacionistas rejeitam essas doutrinas.
- 3) Enquanto o cristianismo convencional crê nos mitos da unicidade da existência da alma neste plano físico e da “salvação” pelo meu

- sangue derramado na cruz, as religiões e filosofias espiritualistas reencarnacionistas acreditam na pluralidade de existências da alma (ou espírito) e na doutrina da autolibertação do ser humano mediante sua evolução moral ao longo de muitas encarnações no plano físico.
- 4) Enquanto as religiões antirreencarnacionistas acreditam que as pessoas que nascem cegas, mudas, surdas, aleijadas, paralíticas etc. nascem assim por vontade de Deus, as doutrinas reencarnacionistas explicam esses fenômenos pela Lei do Carma (Lei de Causa e Efeito), lei universal da justiça divina, segundo a qual a sementeira é livre, mas a colheita é obrigatória (colhemos necessariamente o que plantamos, de bem ou de mal, sem perdão gratuito).
 - 5) Enquanto a maioria dos cristãos defende a doutrina segundo a qual a alma humana é criada no momento da concepção, os reencarnacionistas defendem a crença na preexistência da alma.
 - 6) Enquanto a maioria dos cristãos tradicionais nega a mediunidade (“comunicação com os mortos”), os espíritas defendem que ela é uma verdade científica.
 - 7) Enquanto o cristianismo dogmático define Deus como “pessoa”, ou melhor, como “três pessoas”, Deus uno e trino (dogma da Santíssima Trindade), outras doutrinas religiosas estão convictas de que Deus não é uma “pessoa” e, conseqüentemente, não é trino. Definir Deus como “pessoa” é um antropomorfismo.
 - 8) Enquanto a grande maioria dos cristãos acredita no mito de minha encarnação divina, os teólogos cristãos liberais e pluralistas normalmente negam que eu tenha sido “literalmente” Deus encarnado.
 - 9) Enquanto a grande maioria dos cristãos acredita que o “Jesus histórico” e o “Cristo da fé” são o mesmo personagem, os teólogos liberais e pluralistas sustentam, com razão, que se trata de dois personagens bem diferentes.
 - 10) Enquanto a grande maioria dos cristãos não aceita a distinção entre o “Cristo cósmico” e o “Jesus histórico”, vários cristãos (e espiritualistas reencarnacionistas) argumentam a favor dessa distinção.
 - 11) Enquanto os cristãos fundamentalistas defendem o mito da inerrância da Bíblia, ou seja, a crença de que ela não pode ter erros, porque é a “Palavra de Deus”, muitos cristãos liberais e pluralistas provam que a Bíblia contém muitos erros e

- contradições, além de retratar, sobretudo no Antigo Testamento, a imagem de um Deus vingativo, violento, assassino, irascível, o oposto do Deus de Amor revelado por mim no Novo Testamento.
- 12) Enquanto o cristianismo tradicional defende a crença exclusivista e mítica de que a “Revelação de Deus” terminou comigo, muitas outras doutrinas religiosas sustentam, com razão, que Deus se revelou depois a outros profetas ou mensageiros e continua se revelando, sempre que necessário, de acordo com o nível evolutivo da humanidade e que cada revelação está adaptada ao nível de maturidade moral e intelectual de cada época da história humana.
 - 13) Enquanto a maioria dos protestantes defende a ideia de que a verdade revelada por Deus está total e exclusivamente contida na Bíblia protestante (*scriptura sola*), os católicos sustentam que o Magistério da Igreja e a Tradição também são fontes de verdades infalíveis.
 - 14) Enquanto os cristãos fundamentalistas interpretam os evangelhos *literalmente*, como palavras autênticas minhas, os cristãos liberais e pluralistas asseguram, com razão, que muitos relatos evangélicos não são históricos, mas profissões de fé da igreja primitiva ou criações dos evangelistas para defender seus pontos de vista dogmáticos e míticos sobre mim.
 - 15) Enquanto a maioria dos cristãos crê na autenticidade total do Novo Testamento, muitos estudiosos críticos dos Evangelhos canônicos (os oficialmente reconhecidos pelos cristãos) asseguram que a Igreja primitiva fez muitas alterações, acréscimos, supressões, interpolações, acomodações, montagens etc. aos textos originais.
 - 16) Enquanto a maioria dos cristãos afirma que eu fundei uma nova religião, muitos grupos espiritualistas argumentam, apropriadamente, que eu não propus uma nova religião, mas “religião” em seu sentido mais profundo de **vivência do amor a Deus e ao próximo**.
 - 17) Enquanto a grande maioria dos cristãos sustenta que eu fundei uma **igreja**, muitos protestantes liberais e vários teólogos católicos (como Alfred Loisy e Hans Küng) argumentam, com muita razão, que eu não fundei nenhuma igreja. Foram os

- cristãos que fundaram “igrejas”, a começar por Paulo de Tarso (ver tema 4.38).
- 18) Enquanto a grande maioria dos católicos defende a ideia de que a verdadeira igreja fundada por mim é a Igreja Católica Romana, os protestantes rejeitam tal pretensão exclusivista.
 - 19) Enquanto a maioria dos católicos sustenta que eu prometi a Pedro que tudo o que ele e os seus sucessores (os papas) ligassem na Terra estaria automaticamente ligado no céu, os protestantes (e vários teólogos católicos) argumentam, com muita propriedade, que eu nunca fiz tal promessa.
 - 20) Enquanto os católicos acreditam que eu instituí **sete sacramentos** como meios de salvação, a grande maioria dos protestantes defende a posição de que eu só instituí o sacramento do batismo. Nem isso também é verdade, pois eu, como ensina o espiritismo, não instituí nenhum sacramento.
 - 21) Enquanto os católicos argumentam que eu não tive irmãos, os protestantes estão convictos de que eu tive irmãos e irmãs.
 - 22) Enquanto os católicos sustentam que minha mãe (Maria) foi virgem antes, durante e após o parto, os protestantes negam que ela tenha sido virgem após o parto.
 - 23) Enquanto os batistas rejeitam o batismo de crianças, os católicos sustentam que o batismo de crianças é uma necessidade.
 - 24) Enquanto a grande maioria dos cristãos acredita que o batismo é necessário para apagar o “pecado original”, muitos teólogos cristãos argumentam, com razão, que **o batismo é um mito**.
 - 25) Enquanto os católicos veneram imagens e santos, os protestantes alegam que tais práticas constituem idolatria proibida por Deus na Bíblia.
 - 26) Enquanto os católicos creem no purgatório e rezam pelas almas que lá se encontram, os protestantes negam a existência do purgatório e, por conseguinte, não oram pelos mortos.
 - 27) Enquanto os católicos veneram minha mãe como a **Mãe de Deus**, intercessora e (segundo muitos católicos) “corredentora”, nenhum protestante admite tais dogmas míticos.
 - 28) Enquanto os católicos acreditam na “transubstanciação” do pão e do vinho em meu corpo e sangue, os protestantes negam esse mito.
 - 29) Enquanto os católicos alegavam (pelo menos até o Concílio Vaticano II) que todos os protestantes eram “hereges”, por terem

- fundado “seitas” ou “denominações heréticas”, muitos protestantes, por sua vez, ainda hoje veem a Igreja Católica Romana como o “anticristo”.
- 30) Enquanto algumas seitas derivadas do protestantismo negam os mitos da Trindade e da minha divindade (por exemplo, os Mórmons e as Testemunhas de Jeová), a grande maioria dos cristãos não abre mão, por hipótese alguma, desses dogmas ou mitos centrais de sua fé.
 - 31) Enquanto os cristãos ortodoxos professam que o Espírito Santo só procede do Pai, os católicos e protestantes aderem ao mito segundo o qual o Espírito Santo procede do Pai e do Filho.
 - 32) Enquanto os cristãos ortodoxos só reconhecem sete concílios ecumênicos, os católicos reconhecem vinte e um concílios ecumênicos (uma diferença, portanto, de um terço contra dois terços).
 - 33) Enquanto os católicos romanos professam os dogmas marianos da Imaculada Conceição e da Assunção, os veterocatólicos rejeitam tais dogmas míticos.
 - 34) Enquanto os sacerdotes católicos romanos continuam praticando o celibato e a confissão auricular, os veterocatólicos suprimiram essas práticas, logo que romperam com Roma, depois do Concílio Vaticano I (iniciado em 1869 e concluído em 1870).
 - 35) Enquanto a Igreja Católica Romana aceita o papa como chefe, a Igreja Católica Apostólica Brasileira (ICAB) rejeita ter o papa como seu chefe.
 - 36) Enquanto a Igreja Católica Romana ordena a indissolubilidade do matrimônio, a ICAB aceita a sua dissolubilidade.
 - 37) Enquanto a Igreja Católica Romana obriga seus fiéis a irem à missa e a frequentarem os outros sacramentos como atos necessários para a salvação, a ICAB prega que esses atos são desnecessários para a salvação.
 - 38) Enquanto a grande maioria dos cristãos é exclusivista, defendendo o mito segundo o qual eu sou o único caminho de salvação (repetindo constantemente o *slogan*: **SÓ JESUS SALVA!**), os cristãos pluralistas argumentam, com muita razão, que eu sou um caminho entre muitos outros.
 - 39) Enquanto a grande maioria dos cristãos acredita no mito da ressurreição dos mortos, muitos teólogos liberais, mediante sua

- pesquisa crítica moderna dos evangelhos, asseguram que jamais um morto de verdade retornou alguma vez à existência terrena (com o mesmo corpo físico que tinha antes de morrer).
- 40) Enquanto os cristãos exclusivistas acreditam no mito da unicidade cristã, pelo qual veem o cristianismo como a única religião verdadeira (autenticamente revelada por Deus de maneira exclusiva e definitiva) e a Bíblia judaico-cristã como a única Palavra de Deus, os cristãos liberais e pluralistas argumentam, com toda razão, que as Escrituras Sagradas das outras religiões também podem conter revelações autênticas de Deus, e que o exclusivismo atribuído ao cristianismo e às suas sagradas escrituras é inegavelmente contraditado pela História das Religiões, a qual comprova que quase tudo no cristianismo tradicional e na Bíblia judaico-cristã foi copiado, adaptado ou plagiado (para não dizer roubado) de tradições religiosas bem mais antigas do que o cristianismo (ver temas 4.9 e 4.10).

Essa relação de divergências entre as religiões não é exaustiva, mas creio que é suficiente para termos uma visão panorâmica de crenças religiosas inconciliáveis. Creio também que as numerosas diferenças doutrinárias entre os cristãos relacionadas nesta questão são mais do que suficientes para confirmar não somente a distinção enfatizada ao longo de nossas entrevistas entre o meu cristianismo (o “cristianismo das origens”) e o “cristianismo mítico dos cristãos” (ou melhor, os “cristianismos dos cristãos”, já que existem vários), mas também para mostrar a urgente necessidade do diálogo ecumênico entre as múltiplas igrejas cristãs, bem como o diálogo religioso entre o cristianismo mítico e as outras religiões. Somente através de um autêntico diálogo religioso, é possível chegar-se a algum tipo de consenso. Do contrário, o abismo das divisões religiosas tenderá a crescer cada vez mais.

2.8 O ECUMENISMO CATÓLICO NA VISÃO PROTESTANTE

P98 – Jesus, como os protestantes veem o ecumenismo proposto pela Igreja Católica?

J – Os protestantes geralmente fazem severas críticas ao ecumenismo proposto pela Igreja Católica, afirmando que essa instituição, tendo a pretensão de ser a única igreja verdadeiramente fundada por mim (A MINHA IGREJA, A IGREJA CATÓLICA), espera que todas as demais igrejas cristãs (ortodoxas, protestantes e anglicanas)

se convertam ao catolicismo. Para citar um exemplo, o escritor evangélico Raimundo F. de Oliveira, em seu livro *Seitas e Heresias*, além de fazer duras críticas a muitas religiões, toma a seguinte posição acerca do ecumenismo católico:

O ponto mais alto da questão ecumenista proposta pela Igreja Romana, consiste num problema de duplo aspecto: 1) Que as igrejas protestantes e Ortodoxas se lembrem de terem deixado o catolicismo, pelo que devem voltar ao seio da “Igreja-Mãe”. 2) Que se submetam à orientação do papa de Roma como o “único pastor”. Evidentemente, para os protestantes e para a Igreja Ortodoxa, aceitar a política ecumênica do Vaticano significa a perda de identidade e a renúncia de muitos séculos de luta contra: o domínio católico-romano, a adoração das imagens de escultura, a pretensa infalibilidade papal e demais hábitos e crenças pagãs do catolicismo romano (OLIVEIRA, 1987, p. 247-248).

A crítica desse autor protestante ao ecumenismo da Igreja Católica faz bastante sentido, pois, de fato, o ecumenismo proposto nos documentos da Igreja Católica (cf. tema 2.10) dá a entender que, sendo a Igreja Católica a única que tem a plenitude da salvação e da verdade religiosa, as outras igrejas cristãs (os “irmãos separados”) é que teriam que retornar à casa paterna (a Igreja Católica), o mesmo tendo que fazer as religiões não cristãs, que, por não possuírem, segundo a convicção da Igreja Católica, a plenitude da verdade e da salvação, teriam que “unir-se” à Igreja Católica, única depositária da plena verdade e dos plenos meios de salvação. Essa atitude chama-se **unionismo**. Um ecumenismo autêntico, contudo, como já falei, não pode ser unionismo.

Infelizmente, a visão unionista, que era a norma oficial até o Concílio Vaticano II, ainda perdura, ou seja, ainda hoje muitos católicos pensam que o ecumenismo é o retorno dos “irmãos separados” à casa paterna (a Igreja Católica), conforme se pensava e se afirmava explicitamente antes do Concílio Vaticano II, como bem elucida Jos Vercruysse, nos seguintes termos:

A visão unionista é a tradicional e oficial até o Concílio Vaticano II. Muitas vezes com generosidade, católicos trabalham para que os “dissidentes” – “cismáticos” e “heréticos” – *retornem* à casa paterna, a Igreja Católica, que seus antepassados abandonaram. Para os “irmãos separados”, resta apenas “o caminho da volta” (VERCRUYSSSE, 1998, p. 64).

2.9 A RELAÇÃO DA IGREJA CATÓLICA COM AS OUTRAS RELIGIÕES

P99 – Jesus, quais são as principais posições no atual debate teológico em torno da relação da Igreja Católica com as outras religiões?

J – As principais posições no atual debate teológico em torno da relação da Igreja Católica com as outras religiões podem ser subdivididas em três abordagens:

1ª abordagem: exclusivismo eclesiocêntrico: **FORA DA IGREJA, NÃO HÁ SALVAÇÃO**, posição oficial, desde os tempos do cristianismo primitivo até o Concílio Vaticano II.

2ª abordagem: inclusivismo (rotulado por mim nesta entrevista de exclusivismo cristocêntrico): **FORA DE CRISTO, NÃO HÁ SALVAÇÃO**, ou seja, fora da Igreja, pode haver salvação, mas ninguém pode salvar-se fora do “Cristo da fé”. Somente esse personagem divino é o salvador de todos os homens, não importa a religião que adotem. Essa foi a posição ecumênica, de abertura parcial, adotada pela Igreja Católica, a partir do Concílio Vaticano II. Vale esclarecer que existem várias formas de “inclusivismo”. Hick (2001, p. 182ss) menciona três variantes do “modelo inclusivista”: 1) a primeira forma é a do chamado “cristianismo anônimo”, proposto por Karl Rahner e adotado pelo Concílio Vaticano II, segundo o qual todos os não cristãos que, sem culpa própria, não tiveram a chance de se tornarem “cristãos”, mas que praticam o bem, não estão excluídos da salvação conquistada pelo “Cristo da fé”; 2) uma segunda forma de “inclusivismo” defende que a salvação requer uma fé pessoal e consciente no “Cristo da fé”, mesmo que isso venha a ocorrer somente na hora da morte ou mesmo após a morte (talvez no “purgatório”); 3) existe ainda um terceiro tipo de “inclusivismo”, fundamentado numa “cristologia universal”, em parte baseada na antiga cristologia do Logos de alguns padres da Igreja, a partir da distinção entre o “Cristo cósmico da fé” (o Logos divino, que estaria presente em todas as religiões do mundo) e o “Jesus histórico”. Contemporaneamente, essa tese é defendida pelo teólogo e padre católico Raimundo Panikkar (filho de mãe católica e pai hindu), o qual tem clamado por um “ecumenismo mais ecumênico”, que inclua o diálogo com as outras religiões (cf. PEDREIRA, 1999, p.138).

3ª abordagem: pluralismo teocêntrico (reinocêntrico ou ético): **FORA DE DEUS NÃO HÁ SALVAÇÃO**; ou melhor, **FORA DA VIVÊNCIA DO AMOR (POIS DEUS É AMOR) NÃO HÁ SALVAÇÃO**. Essa é a postura defendida por vários teólogos pluralistas (protestantes e católicos) e é

naturalmente a abordagem adotada por mim nesta entrevista, porquanto é a única que permite um autêntico diálogo religioso de igual para igual, pois não discrimina nem exclui ninguém. A segunda abordagem (a *inclusivista*) simplesmente substitui o exclusivismo eclesiocêntrico (da primeira abordagem) pelo exclusivismo cristocêntrico (da segunda abordagem) e é bom reafirmar, com o teólogo pluralista J. Stanley Samartha, que “**tanto o exclusivismo como o inclusivismo são formas de violência teológica para com os seguidores de outras religiões**” (SAMARTHA, 1987, p. 79) (negrito meu).

Resumindo as três posições:

1. **exclusivismo eclesiocêntrico**: FORA DA IGREJA, NÃO HÁ SALVAÇÃO.
2. **inclusivismo (ou exclusivismo cristocêntrico)**: FORA DE CRISTO, NÃO HÁ SALVAÇÃO.
3. **pluralismo teocêntrico (reinocêntrico ou ético)**: FORA DE DEUS, NÃO HÁ SALVAÇÃO, ou melhor: FORA DO AMOR, NÃO HÁ SALVAÇÃO, pois DEUS É AMOR E O AMOR É DEUS.

Defendo, como já afirmei, a terceira posição, o **pluralismo teocêntrico (reinocêntrico ou ético)**, apenas fazendo a substituição do termo “salvação” pela palavra “libertação”, isto é, minha posição se identifica plenamente com a atitude pluralista teocêntrica (reinocêntrica ou ética), mas, como reencarnacionista, devo distinguir entre “salvação” operada por um “salvador externo” (posição que rejeitamos) e “salvação” no sentido de “autolibertação” ou “evolução espiritual” do ser humano, operada pelo próprio indivíduo, mediante a prática do amor, em sucessivas (re)encarnações na terra ou em outros planetas. Em vista disso, como esclareci anteriormente, minha posição pluralista pode ser propriamente rotulada de **pluralismo reencarnacionista**, uma variante do pluralismo teocêntrico (reinocêntrico ou ético).

Somente os modelos pluralistas permitem um autêntico diálogo religioso, pois, segundo essas abordagens, não há superioridade de uma religião sobre as outras: todas as religiões, como venho repetindo, são funcionalmente equivalentes (**NÃO IMPORTA O CAMINHO!**) e o Deus de uma religião não é superior ao Deus de outra ou mais verdadeiro que o de outra, como defendem, por exemplo, os hebreus, no Antigo Testamento, ao confessarem que somente o seu Deus (Javé ou *Iahweh*) é “um Deus verdadeiro” (Jr 10, 10), pois, de acordo com a mesma Bíblia, “Deus não faz acepção de pessoas” (Dt 10, 17 e At 10, 34).

Além disso, segundo a visão espiritualista reencarnacionista que sustento, cada pessoa é autônoma em sua marcha evolutiva de autolibertação, não necessitando da “graça especial” de nenhum “salvador externo”, pois Deus, sendo imparcial – não fazendo acepção de pessoas – distribui as suas “graças”, os seus favores, igualmente para todos os seus filhos, cabendo a cada ser humano a longa tarefa do autodesenvolvimento mediante o seu esforço pessoal ao longo de muitas existências neste ou em outros planetas.

2.10 DOCUMENTOS PONTIFÍCIOS SOBRE O ECUMENISMO E O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

P100 – Jesus, gostaria que o Senhor fizesse agora uma breve avaliação sobre alguns dos documentos pontifícios principais em que a Igreja Católica escreveu sobre o ecumenismo e o diálogo inter-religioso ou fez alguma referência a esses movimentos.

J – Com todo prazer.

2.10.1 A CARTA ENCÍCLICA *ECCLESIAM SUAM*

P101 – O que o Senhor poderia dizer sobre a Carta Encíclica *Ecclesiam Suam* (ES) [a Igreja de Cristo], de Paulo VI, sobre os caminhos da Igreja no mundo moderno (1964)?

J – Pinheiro, esse foi o primeiro documento pontifício em que a Igreja Católica tentou superar o seu exclusivismo eclesiocêntrico, a partir do Concílio Vaticano II, quando ela sentiu a premente necessidade de se abrir ao diálogo com as outras igrejas cristãs e com as religiões não cristãs, mantendo, porém, a devida cautela e a convicção de ser a detentora da plenitude da verdade revelada por Deus. Nas palavras do teólogo católico Faustino Teixeira,

a nível de Magistério da Igreja, a superação de uma perspectiva salvífica mais fechada e reticente ao diálogo só ocorreu, de fato, por ocasião do Concílio Vaticano II (1962-1965). [...] O surgimento de um “estilo dialogal” só ocorrerá [...] com Paulo VI, em sua encíclica *Ecclesiam Suam* (1964). [...] É com esta encíclica que o próprio termo ‘diálogo’ surge pela primeira vez num documento oficial da Igreja (TEIXEIRA, 1995, p. 115-116).

Mas, se, por um lado, a encíclica reconhece que “a Igreja deve entrar em diálogo com o mundo em que vive” (ES 83), por outro, ela faz sérias advertências aos católicos contra o risco de eles adotarem o “relativismo”, ou melhor, o “pluralismo”, já que a Igreja, em seus vários documentos

sobre o ecumenismo, costuma empregar o termo “relativismo” para referir-se ao “pluralismo”.

Na ótica *inclusivista* da era conciliar, o documento reafirma que “uma só é a religião verdadeira, a cristã” (ES 111). Por aqui, já dá para se ver que a abertura ao diálogo proposta por esse documento é ainda bastante restritiva. Se “uma só é a religião verdadeira, a cristã” (ES 111), então pode-se concluir que só o cristianismo convencional é verdadeiro e, conseqüentemente, todas as outras religiões são falsas, atitude claramente contraditória e incompatível com a proposta inicial do Concílio Vaticano II de abertura ao diálogo com as outras religiões. Inegavelmente, essa postura exclusivista impede um autêntico diálogo inter-religioso.

2.10.2 O DECRETO *UNITATIS REDINTEGRATIO*

P102 – Jesus, quais são alguns dos pontos-chave do Decreto *Unitatis Redintegratio* (UR) [Restauração da Unidade] do Concílio Vaticano II, sobre o ecumenismo (1964)?

J – Esse decreto, Pinheiro, é considerado a carta magna do ecumenismo católico, ou seja, é o documento que mais plenamente representa o pensamento oficial da Igreja Católica sobre a sua relação com as igrejas cristãs não católicas, a partir do Concílio Vaticano II. Também neste documento, como em quase todos os outros, pode-se facilmente observar passagens que expressam claramente a posição *exclusivista (eclesiocêntrica ou cristocêntrica)* da Igreja Católica, por exemplo, ao afirmar que a salvação dos irmãos separados (os protestantes) “deriva da plenitude de graça e verdade, confiada à Igreja Católica” (UR 3). Ainda mais explicitamente, o documento declara que

a plenitude dos meios de salvação reside somente na Igreja Católica de Cristo. [...] Acreditamos, de fato, que o Senhor somente confiou a totalidade dos bens da Nova Aliança ao colégio apostólico, presidido por Pedro, para, de fato, constituir, na Terra, um só corpo de Cristo, a que todo o povo de Deus é chamado a se incorporar e ao qual, de certo modo, já pertence (UR 3).

Aparece, ainda, no mesmo documento, o uso frequente da expressão “irmãos separados” (uma referência aos protestantes): “Surgiu assim, entre os irmãos separados, por inspiração do Espírito Santo, um movimento a favor da restauração da unidade entre todos os cristãos” (UR 1), o que não deixa de expressar uma atitude discriminatória por parte da Igreja Católica em relação aos cristãos protestantes. A

impropriedade dessa expressão é, contudo, reconhecida por João Paulo II na Carta Encíclica *Ut Unum Sint* sobre o empenho ecumênico.

O decreto UR reconhece o valor salvífico das igrejas cristãs não católicas:

os irmãos separados realizam também inúmeras ações sagradas da religião cristã, as quais, de diversos modos e dependendo da condição específica de cada Igreja ou comunidade, geram e alimentam realmente a vida da graça e podem ser consideradas aptas a abrir as portas da salvação (UR 3).

O decreto reconhece também a necessidade de dialogar com os “irmãos separados” para saber o que eles pensam e para encontrar a verdade:

É indispensável conhecer o que pensam os irmãos separados. Isto requer estudo, feito com o propósito de encontrar a verdade. É preciso que os católicos devidamente preparados adquiram conhecimento da doutrina, da história, da vida espiritual e cultural, da psicologia religiosa e da cultura dos irmãos separados (UR 9).

Faço aqui o seguinte questionamento: De que adianta “conhecer o que pensam os irmãos separados, com o propósito de conhecer a verdade” (UR 9), se o mesmo documento, contraditoriamente, afirma que “o Senhor somente confiou a totalidade dos bens da Nova Aliança ao colégio apostólico, presidido por Pedro, ...” (UR 3)?

O documento indica algumas pistas metodológicas para a realização do diálogo teológico com os irmãos separados:

Para tanto são de grande utilidade as reuniões com participação dos dois lados especialmente para discutir questões teológicas, em que ambos se tratem como iguais desde que os participantes sejam realmente peritos e estejam sob vigilância do bispo (UR 9).

Outro questionamento que faço: Como a Igreja Católica pode afirmar aqui “que ambos se tratem como iguais” (UR 9), quando em várias outras seções do mesmo documento ela declara a sua superioridade sobre as demais igrejas cristãs, e tendo em vista que o que ela espera mesmo com o diálogo ecumênico é que os “irmãos separados” aceitem novamente a fé católica? Isso é o que afirma, entre outras, a seguinte passagem: “Que a fé católica, exposta com maior profundidade e maior exatidão, encontre uma expressão mais facilmente aceita pelos irmãos separados” (UR 11).

Por conseguinte, o ecumenismo proposto pela UR reduz-se ao velho “unionismo”, ou seja, à “recatolicização” dos irmãos separados.

2.10.3 A DECLARAÇÃO *NOSTRA AETATE*

P103 – Jesus, quais são algumas das ideias principais da Declaração *Nostra Aetate* (NA) [*Nossa Época*] do Concílio Vaticano II, sobre a relação da Igreja com as religiões não cristãs (1965)?

J – Neste documento, Pinheiro, considerado a carta magna do diálogo inter-religioso, veremos que a Igreja Católica, a partir do Concílio Vaticano II, passou a reconhecer bastante o valor das grandes religiões não cristãs (como o judaísmo, o islamismo, o hinduísmo, o budismo), numa tentativa de aproximação e abertura jamais vistas em toda a história do cristianismo, embora reforce também nesse documento (como em todos os outros) a posição *exclusivista cristológica* (“inclusivismo”) de que somente em mim, “caminho, verdade e vida” (Jo 14, 16), [...] “somos chamados a encontrar a plenitude da religião” (NA 2).

A Declaração NA inicia reconhecendo o fato de que, no mundo, cada vez menor, em que vivemos, a Igreja Católica precisa relacionar-se também com as religiões não cristãs (cf. NA 1).

A Igreja reconhece na NA que todos formamos uma só comunidade humana e que Deus, Pai de todos, é o princípio e o fim último de toda a família humana (cf. NA 1). O documento reconhece o valor de várias tradições religiosas não cristãs, afirmando que “a Igreja Católica não rejeita o que é verdadeiro e santo em todas as religiões” (NA, 2). Por outro lado, a Igreja reafirma nesse documento a sua postura teológica *inclusivista/exclusivista* (cristocêntrica) de anunciar a mim “como ‘caminho, verdade e vida’ (Jo 14, 16), em quem todos são chamados a encontrar a plenitude da religião e em quem Deus reconciliou consigo todas as coisas” (NA 2).

A contradição comum que se nota facilmente em todos os documentos pontifícios sobre a relação da Igreja com as outras religiões é o paradoxo entre o *exclusivismo* e o *pluralismo*. As seguintes passagens da Constituição dogmática *Lumen Gentium* (LG), sobre a Igreja, expressam, respectivamente, essa contradição:

- a) **exclusivismo**: “a Igreja Católica é uma instituição necessária para a salvação, e Cristo é o único mediador” (LG 14);

- b) **pluralismo**: “todos os que buscam a Deus sinceramente, procuram cumprir a sua vontade, conhecida através da consciência, e agem sob o influxo íntimo da graça, podem obter a salvação” (LG 16).

Como entender tal contradição? Ora, se a Igreja Católica é uma instituição necessária para a salvação, então, logicamente, quem está fora dessa instituição não consegue a salvação. Mas, se quem está fora dela pode “salvar-se”, agindo sinceramente, cumprindo a lei de Deus através da consciência, como declara a própria LG, então a Igreja Católica não é necessária para a salvação de todos os seres humanos.

Defendo, é lógico, a segunda hipótese, isto é, a de que a Igreja Católica pode até ser necessária para a “salvação” dos católicos, mas não para a “salvação” de todos, ou melhor, para a “libertação” ou “evolução” espiritual de todo ser humano, pois, volto a insistir, o que é necessário para a evolução espiritual de todo ser humano é a prática do bem, é uma vida reta, honesta, responsável, de acordo com a lei divina impressa na consciência de cada pessoa. O que importa mesmo, convém repetir, é a prática da verdadeira religião – a vivência do amor, independentemente de se estar ou não filiado a uma instituição religiosa particular (**NÃO IMPORTA O CAMINHO!**).

2.10.4 O DOCUMENTO *DIÁLOGO E MISSÃO*

P104 – Jesus, como o Senhor analisa algumas passagens do documento *A Igreja e as Outras Religiões: diálogo e missão* (DM) do Secretariado para os não cristãos (1984)?

J – O DM, lançado por ocasião do vigésimo aniversário do Secretariado para os não cristãos, criado por Paulo VI em 1964, faz um ligeiro balanço das experiências do diálogo em toda a Igreja desde o tempo do Concílio e reflete sobre a relação entre o diálogo e a missão da Igreja, numa perspectiva eminentemente pastoral (cf. DM 5-6).

Em sua Introdução, o DM conceitua o diálogo como “o conjunto das relações inter-religiosas, positivas e construtivas, com pessoas e comunidades de outras confissões religiosas, para um mútuo conhecimento e um recíproco enriquecimento” (DM 3).

Em sua primeira parte, sobre a **MISSÃO**, o DM recorda a metáfora básica do cristianismo, segundo a qual “Deus é amor” (1Jo 4,8.16) e que, por conseguinte, “a missão da Igreja é uma missão de amor” (DM 9). Fazendo referência ao documento conciliar *Lumen Gentium*, o DM lembra que a Igreja é povo messiânico, peregrinante, a caminho, e que

“este povo messiânico tem por lei o novo mandamento, o de amar assim como o próprio Cristo nos amou...” (LG 9/DM 10). Declara ainda o DM, referindo-se ao documento *Ad Gentes*, que “o fim próprio da atividade missionária é a evangelização e a implantação da Igreja nos povos ou grupos em que ainda não está radicada” (AG 6/DM 11).

Fazendo referência ao documento *Dignitatis Humanae* (DH), sobre o dever de respeitar a liberdade religiosa de cada interlocutor do diálogo, sem coação de qualquer espécie, o DM corretamente reafirma que “a verdade deve ser buscada” e, “uma vez conhecida esta, deve-se aderir a ela com um firme assentimento pessoal” (DH 3/DM 18).

Vejam agora, contudo, um apelo do DM, que vem, aliás, desde o Concílio, e que vem causando muitas dificuldades nas relações entre *diálogo* e *missão*. Trata-se da seguinte afirmação: “O anúncio missionário tem por fim a conversão” (DM 37). Se por “conversão” a Igreja entende uma vida devotada à prática do amor, independentemente de Religião A, B ou C (ou seja, **NÃO IMPORTANDO O CAMINHO!**), então nenhuma igreja ou religião é necessária para a salvação; mas, se por “conversão” a Igreja entende “adesão à fé cristã” (DA 11), esse tipo de conversão implica dizer que o cristianismo dogmático é necessário para a salvação de todas as pessoas, o que não deixa de ser uma volta ao velho exclusivismo eclesiocêntrico ou cristocêntrico do cristianismo tradicional, particularmente do catolicismo. Tudo indica que é isso mesmo o que o documento parece querer dizer: “No contexto do diálogo entre crentes de fé diversa, não se pode evitar uma reflexão sobre o caminho espiritual da conversão” (DM 37).

Essa ideia fica ainda mais clara no documento *Diálogo e Anúncio*, no qual o termo “conversão” recebe duas acepções: a de “um movimento geral para Deus, ‘o retorno do coração humilde e contrito a Deus, com o desejo de lhe submeter mais generosamente a própria vida’ ”(DM 37) e a de uma adesão à fé cristã: “De maneira mais específica, conversão pode também referir-se à mudança de adesão religiosa e, em particular, ao fato de abraçar a fé cristã” (DA 11).

2.10.5 A ENCÍCLICA *REDEMPTORIS MISSIO*

P105 – Jesus, como o Senhor avalia algumas passagens da Encíclica *Redemptoris Missio* (RM) [Missão do Redentor], de João Paulo II, sobre a validade permanente do mandato missionário (1990)?

J – A Encíclica RM, Pinheiro, foi publicada por ocasião do trigésimo quinto aniversário do Decreto conciliar *Ad Gentes*.

A grande preocupação da RM (como a do DM e a do DA) é também com a difícil e problemática relação entre o mandato missionário da Igreja e a necessidade do diálogo com as outras religiões. Como conciliar essas duas tarefas claramente antagônicas, ou seja, como anunciar a minha suposta unicidade e universalidade salvífica e da Igreja (exclusivismo eclesiocêntrico e/ou cristocêntrico) com a necessidade do diálogo aberto, em pé de igualdade com as outras religiões, o que implica uma atitude pluralista em face das outras religiões? É esse o grande impasse atual da Igreja Católica no seu relacionamento com as outras religiões e que se expressa claramente em muitos de seus documentos conciliares e pós-conciliares.

A RM chama a atenção dos católicos para os sérios problemas internos e externos que estariam enfraquecendo o mandato missionário da Igreja, tais como as “concepções teológicas incorretas e geradoras de um relativismo religioso, que leva a pensar que tanto vale uma religião como outra” (RM 36); a difusão de concepções cristológicas que tendem a fazer uma “separação entre o Verbo divino e Jesus Cristo” (RM 6); a difusão de concepções teológicas pluralistas “reinocêntricas” e “teocêntricas” (cf. RM 17).

Como forte reação a essas tendências redutoras, presentes no interior da própria Igreja, particularmente a posição de vários teólogos pluralistas, que negam os dogmas exclusivistas e míticos do cristianismo tradicional e defendem a equivalência das religiões (**NÃO IMPORTA O CAMINHO!**), a RM dá um freio na abertura ecumênica e parece querer retornar à velha posição exclusivista eclesiocêntrica da era pré-conciliar, repetindo o velho *slogan* exclusivista, segundo o qual “só ela [a Igreja Católica] possui a plenitude de salvação” (RM 55).

Em síntese, a RM é uma forte reação ao *teocentrismo* (e/ou *reinocentrismo*) dos teólogos pluralistas, tachados pela Igreja de “relativistas”, uma vez que os teólogos e filósofos pluralistas, defendendo a equivalência funcional das religiões, combatem tanto o *eclesiocentrismo* como o *cristocentrismo* e, conseqüentemente, rejeitam a pretensa superioridade do cristianismo dogmático sobre as outras religiões e, mais ainda, a pretensa superioridade da Igreja Católica sobre as outras igrejas cristãs. Além disso, os cristãos pluralistas reduzem, corretamente, o meu cristianismo (o “cristianismo das origens”) à **ética universal do amor a Deus e ao próximo**.

2.10.6 O DOCUMENTO *DIÁLOGO E ANÚNCIO*

P106 – Jesus, quais são os seus comentários a respeito do documento *diálogo e anúncio* (DA), do Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-Religioso (1991), sobre as relações entre diálogo e anúncio?

J – O DA foi publicado 25 anos depois da Declaração *Nostra Aetate* e cinco meses depois da Encíclica *Redemptoris Missio*. Trata, como a Declaração NA, do diálogo inter-religioso. Seu objetivo principal é “o estudo das relações entre diálogo e anúncio” (DA 4).

O DA segue e aprofunda a linha iniciada pelo DM (*Diálogo e Missão*, documento lançado em 1984) e, diferentemente da Encíclica *Redemptoris Missio*, é, entre todos os documentos pontifícios analisados nesta entrevista, o que demonstra maior abertura da Igreja Católica para com as outras religiões. No dizer do teólogo Faustino Teixeira, o DA é

um dos documentos mais significativos e provocantes do recente magistério eclesial. [...] Nunca antes no magistério eclesial a reflexão sobre o tema ganhara tal amplitude. [...] Normalmente nos documentos sobre o tema, nunca se afirma a positividade salvífica dos outros crentes, mas apenas sua possibilidade (TEIXEIRA, p. 162 e 168).

Há no DA, contudo, uma preocupação da Igreja com duas posições extremistas dos católicos: a dos que pensam que o diálogo dispensa o anúncio e, vice-versa, a dos que não valorizam o diálogo. O documento procura uma solução intermediária entre esses dois extremos, declarando que tanto o diálogo como o anúncio são indispensáveis, pois são partes indissolúveis da missão da Igreja (cf. DA 4). “Não se trata de escolher um e ignorar ou rejeitar o outro” (DA 6).

Por outro lado, em contraposição à abertura ecumênica expressa em seus primeiros parágrafos, o DA também entra em contradições ao retomar, por exemplo, a ideia comum a vários outros documentos pontifícios de que “há uma só história de salvação para a humanidade inteira” (DA 19). Esta “salvação”, contudo, como já vimos, é exclusivamente cristocêntrica.

O DA ainda exprime também a velha postura exclusivista eclesiocêntrica, quando se refere, por exemplo, ao papel absoluto da Igreja no processo de salvação da humanidade, ou seja, quando afirma ser a Igreja “Sacramento Universal de Salvação” (DA 33), dando a entender que a Igreja é necessária para a salvação de toda a humanidade.

Essa postura eclesiocêntrica do DA (e de vários outros documentos) contradiz a tese *inclusivista*, também admitida em quase todos os

documentos conciliares e pós-conciliares, segundo a qual a Igreja, a partir do Concílio, admite que a mesma “salvação” em Cristo pode estar misteriosamente presente em todas as religiões. Nesse contexto, João Paulo II, em seu livro *Cruzando o Limiar da Esperança*, sublinha a existência de “uma raiz soteriológica comum a todas as religiões” (JOÃO PAULO II, 1994, p. 88). Eis como ele diz que chegou a se convencer da existência dessa “raiz soteriológica comum a todas as religiões”:

Pude convencer-me deste ponto muitas vezes, quer *visitando os países do Extremo Oriente*, quer me encontrando com os representantes dessas grandes religiões, especialmente durante o histórico *encontro de Assis* [no dia 27 de outubro de 1986], em que nos reunimos para rezar pela paz. Assim, portanto, em vez de nos espantarmos com o fato de a Providência permitir uma tão grande variedade de religiões, nós deveríamos antes ficar admirados vendo nelas tantos elementos comuns (JOÃO PAULO II, *ibid.*).

Louvo essa excelente reflexão do Papa João Paulo II, pois ele, ao reconhecer tantos elementos comuns nas diversas religiões deste planeta, chegou perto de romper com o “cordão umbilical” que prende a “salvação” unicamente ao “cristianismo mítico” (*crístocentrismo*), chegando muito perto de admitir uma “salvação” ou, na linguagem espiritualista reencarnacionista, uma autolibertação do ser humano, mediante a prática do bem, a vivência do amor, independentemente da religião que professe, e independentemente de professar ou não uma religião particular (**pluralismo teocêntrico, reinocêntrico ou ético**), pois a única condição realmente necessária para o ser humano evoluir espiritualmente em suas múltiplas (re)encarnações é a prática do amor, ou seja, a vivência da verdadeira religião.

O DA, apesar de sua maior abertura ecumênica em relação aos outros documentos examinados nesta entrevista, não deixa, contudo, de alertar os católicos contra os problemas que possam surgir na aproximação com as outras religiões, sobretudo por causa das divergências doutrinárias (cf. DA 31).

A meu ver, o grande avanço macroecumênico do DA está não apenas em sua proposta de um diálogo aberto com as outras religiões, mas, sobretudo, em sua afirmação de que os conteúdos dos credos dos parceiros podem ser questionados:

Isto significa, portanto, que, embora entrando com um espírito aberto no diálogo com os membros das outras tradições religiosas, os cristãos podem também questioná-los, num espírito pacífico, sobre o conteúdo de seus

credos. Mas os próprios cristãos devem aceitar, por sua vez, serem questionados [sem poderem, contudo, abrir mão de sua fé] (DA 32).

Mas de que adianta, pergunto eu, poder ser questionado, sem possibilidade de revisões e mudanças em artigos de fé?

O DA, como todos os demais documentos ora analisados, insiste no clássico exclusivismo cristocêntrico e/ou eclesiocêntrico, identificando o Reino de Deus com a minha identidade mítica e com a Igreja Católica, mesmo concedendo que este Reino possa ser encontrado também para além dos confins da Igreja (cf. DA 35).

Ora, se as pessoas que se encontram “para além dos confins da Igreja” podem também fazer parte do Reino de Deus, “à medida que vivem valores evangélicos”, e os valores evangélicos fazem parte de um **código de moral universal (resumido na lei do amor), comum a todas as religiões e a todas as filosofias**, por que, então, a Igreja Católica insiste tanto na necessidade exclusiva do cristianismo para a “salvação” da humanidade? Se o Reino de Deus é um Reino de Amor, para entrar nele, não basta praticar o amor – a verdadeira religião? Essa, conforme já falei, é a tese do *pluralismo teocêntrico (reinocêntrico ou ético)*, aceita pelos cristãos pluralistas, mas rejeitada pela Igreja Católica.

Teoricamente, o DA parece avançar ainda mais em sua abertura ecumênica, quando esclarece o sentido profundo de *conversão* que se pode obter através do diálogo religioso, admitindo até a possibilidade de mudanças no sentido de se “deixar uma situação espiritual ou religiosa anterior, a fim de se dirigir para outra” (DM 37/DA 41):

Neste processo de conversão, “pode nascer a decisão de deixar uma situação espiritual ou religiosa anterior, a fim de se dirigir para outra” (DM 37). [...] O ensinamento do Concílio deve ser tido sempre em mente: **“E todos os homens estão obrigados a procurar a verdade, sobretudo no que se refere a Deus e à sua Igreja, e a abraçá-la e a pô-la em prática, uma vez conhecida”** (DH 1/DA 41) (negrito meu).

Por outro lado, o DA contradiz essa afirmação, quando, na linha dos demais documentos, declara que o cristão não deve pôr de lado a sua fé ao entrar num diálogo inter-religioso. Ele deve permanecer firme na sua fé, mesmo reconhecendo elementos de verdade e de santidade nas outras religiões (cf. DA 48).

Em outras palavras, o DA insiste no princípio de que o cristão, mesmo estando disposto “a aprender e a receber dos outros e por intermédio deles os valores positivos das suas tradições” (DA 49),

precisa, contudo, conservar “intacta a sua identidade” (DA 49), ou seja, o DA contradiz abertamente aqui o que afirmou antes:

E todos os homens estão obrigados a procurar a verdade, sobretudo no que se refere a Deus e à sua Igreja, e a abraçá-la e a pô-la em prática, uma vez conhecida (DH 1/DA 41).

Mas eu levanto o seguinte questionamento: Se, através do diálogo aberto, uma das partes reconhece, em sã consciência, que está laborando em erro doutrinário, por que não se render à verdade? Por que ter medo da verdade e manter um erro, a custo de conservar uma “identidade religiosa” com a qual não se concorda mais, porque não mais se coaduna com os novos conhecimentos adquiridos na mesa do diálogo? Para que serve, então, o diálogo inter-religioso doutrinário?

Nesse sentido, o DA novamente se contradiz, pois, enquanto prega a ideia de que o cristão deve manter “intacta a sua identidade” (DA 49), por outro lado, admite a possibilidade de o cristão “rever as ideias preconcebidas e a aceitar, por vezes, que a compreensão da sua fé seja purificada” (DA 49). O que significa “purificar a fé”? Eu pergunto: É possível “purificar a fé” sem alterá-la, caso o cristão venha a convencer-se, pelo diálogo aberto, de que labora em erros doutrinários fundamentais que comprometem a sua identidade cristã? Para que melhor fruto de um diálogo inter-religioso do que a mudança de ideias preconcebidas ou errôneas?

O DA conclui sua reflexão afirmando que “diálogo e anúncio são tarefas difíceis, mas absolutamente necessárias” (DA 89).

2.10.7 A CARTA ENCÍCLICA *UT UNUM SINT*

P107 – Jesus, como o Senhor analisa algumas passagens da Carta Encíclica *Ut Unum Sint* (US) [Para que Todos Sejam Um], sobre o empenho ecumênico, do Papa João Paulo II (1995)?

J – Na Encíclica *Ut Unum Sint* (US), o Papa João Paulo II reafirma e atualiza a doutrina do Concílio Vaticano II sobre o ecumenismo. Num desejo de maior reaproximação com os evangélicos, chega mesmo a reconhecer a impropriedade ecumênica da velha expressão “irmãos separados”, dando a entender que atualmente se procura substituí-la por expressões como: “outros cristãos”, “outros batizados”, “cristãos das outras comunidades” e “Igrejas e Comunidades eclesiais que não estão em plena comunhão com a Igreja Católica” (US 42).

Uma das palavras-chave desse documento é a categoria *verdade*, cuja descoberta “poderia exigir revisão de afirmações e de atitudes” (US 36).

Por outro lado, há, na US (como em todos os outros documentos ora examinados), várias afirmações exclusivistas que contradizem a abertura admitida em outras. Assim, a afirmação segundo a qual os parceiros do diálogo devem ter “humildade para com a verdade que se descobre e que poderia exigir revisão de afirmações e de atitudes” (US 36) é contradita por declarações como esta:

Não se trata, neste contexto, de modificar o depósito da fé, de mudar o significado dos dogmas, de banir deles palavras essenciais [negrito meu], de adaptar a verdade aos gostos de uma época, de eliminar certos artigos do *Credo* com o falso pretexto de que hoje já não se compreendem (US 18); quem poderia considerar legítima uma reconciliação levada a cabo à custa da verdade (US 18)?

A Encíclica *Ut Unum Sint* dá a entender, portanto, na trilha do Concílio Vaticano II, que a fé cristã (católica) é realmente superior às demais, reconhecendo, contudo, os “muitos elementos de santificação e de verdade” (LG 14/US 10) que existem nas outras igrejas.

2.10.8 A DECLARAÇÃO *DOMINUS IESUS*

P108 – Jesus, como última pergunta dessa nossa segunda entrevista (sobre **o ecumenismo e o diálogo inter-religioso**), gostaria de saber como o Senhor avalia a declaração *Dominus Iesus* (DI) [o Senhor Jesus], sobre a sua suposta unicidade e universalidade salvífica e da Igreja Católica, de autoria do Cardeal Joseph Ratzinger (hoje o Papa Bento XVI), com plena aprovação do Papa João Paulo II, Congregação para a Doutrina da Fé (Roma, 6 de agosto de 2000).

J – Este documento pontifício, de autoria do Cardeal Joseph Ratzinger (hoje o Papa Bento XVI), com plena aprovação do Papa João Paulo II, o qual aborda a relação da Igreja Católica com as demais igrejas cristãs e com as outras religiões, dá um grande passo atrás na abertura ecumênica proposta pelo Concílio Vaticano II, com fortíssima tendência de retorno à velha postura exclusivista eclesiocêntrica da época pré-conciliar (“**Só a Igreja Católica é a Igreja de Cristo**”), e insiste demais no *inclusivismo*, isto é, na atitude exclusivista cristocêntrica. O documento marca, como veremos, um grande retrocesso no movimento ecumênico católico.

A declaração *Dominus Iesus* (DI) inicia advertindo os católicos contra o perigo do “relativismo” e do “pluralismo” que ameaçam “o perene anúncio missionário da Igreja” (DI 4) e que consideram superadas verdades fundamentais da fé cristã. A fim de enfrentar a mentalidade relativista e pluralista de nosso tempo, a DI reafirma “o caráter definitivo e completo da revelação de Jesus Cristo” (DI 5).

É, por conseguinte, contrária à fé da Igreja a tese que defende o caráter limitado, incompleto e imperfeito da revelação de Jesus Cristo, que seria complementar da que é presente nas outras religiões (DI 6).

É igualmente frequente a tese que nega a unicidade e a universalidade salvífica do mistério de Jesus Cristo. Tal posição não tem nenhum fundamento bíblico. Deve, ao invés, *crer-se firmemente*, como dado perene da fé da Igreja, a verdade de Jesus Cristo, Filho de Deus, Senhor e único salvador, que no seu evento de encarnação, morte e ressurreição, realizou a história da salvação, a qual tem nele a sua plenitude e o seu centro (DI 13).

A Declaração *Dominus Iesus* fundamenta a minha suposta unicidade e universalidade salvífica (**exclusivismo cristocêntrico**) em passagens exclusivistas e míticas do Novo Testamento como estas:

E não há salvação em nenhum outro, pois não existe debaixo do Céu outro nome dado aos homens, pelo qual tenhamos de ser salvos (At 4,12) (DI 13). [Deus] quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade. Pois Deus é um só, e um só também o Mediador entre Deus e os homens: esse homem, que é Cristo Jesus, que se entregou à morte para resgatar a todos (1Tm 2,4-6) (DI 13).

Além da ênfase nos mitos de minha unicidade e universalidade salvífica (**cristocentrismo**), a DI insiste na afirmação “suicida” (do ponto de vista ecumênico), de que “a Igreja Católica [...] é a única Igreja de Cristo” [**catolicentrismo**] (DI 16). Uma declaração fechada como essa põe fim a todo o esforço anterior da Igreja em prol do ecumenismo:

Os fiéis são *obrigados a professar* que existe uma continuidade histórica – radicada na sucessão apostólica – entre a Igreja fundada por Cristo e a Igreja Católica: “**Esta é a única Igreja de Cristo** [...] que o nosso Salvador, depois de sua ressurreição, confiou a Pedro para apascentar (cf. Jo 21,17), encarregando a ele e aos demais Apóstolos de a difundirem e de a governarem (cf. Mt 28,18ss); levantando-a para sempre como coluna e esteio da verdade (cf. 1Tm 3,15). [...] **A Igreja de Cristo, não obstante as divisões dos cristãos, continua a existir plenamente só na Igreja Católica** [...] (UR 3/DI 16). (Negrito meu)

Desse modo, a DI discrimina radicalmente as outras igrejas cristãs, afirmando, por exemplo, que elas “não são Igrejas em sentido próprio”, por não admitirem o primado de Pedro, o sacramento da ordem e o ministério eucarístico (cf. DI 17).

O documento rejeita a tese pluralista da equivalência funcional entre as religiões (**NÃO IMPORTA O CAMINHO!**), reafirmando a convicção de que a Igreja Católica não é um caminho, mas o caminho, o único caminho de “salvação” – um claríssimo retorno à velha postura eclesiocêntrica da época pré-conciliar: **EXTRA ECCLESIAM NULLA SALUS – FORA DA IGREJA, NÃO HÁ SALVAÇÃO** – (cf. DI 21).

A DI rejeita, finalmente, o diálogo religioso de igual para igual em assuntos doutrinários, declarando, assim, mais uma vez, a superioridade do cristianismo e da Igreja Católica sobre as demais religiões (cf. DI 22).

Em resumo, com a DI, a Igreja Católica volta a enfatizar claramente suas velhas posições exclusivistas e míticas: só ela é a verdadeira Igreja fundada por mim; só ela possui a plenitude dos meios de salvação; só ela é Igreja no sentido próprio; só a ela foi confiada a plenitude da graça e da verdade etc.

A declaração *Dominus Iesus* é, no correto dizer do teólogo católico Leonardo Boff, um documento *fundamentalista* (e, diria eu, *arrogante*):

O fundamentalismo doutrinário é bem representado no documento *Dominus Iesus* do ano 2000, assinado pelo Cardeal Joseph Ratzinger, prefeito da antiga Inquisição, que aborda a relação de Cristo e da Igreja Católica com as demais igrejas e religiões. Aí se sustenta que a Igreja Católica é a única Igreja de Cristo. As demais denominações cristãs não são igrejas, trata-se de usurpação do título. Possuem apenas elementos eclesiais. O catolicismo comparece também como a única religião verdadeira, e os que não se converterem à Igreja Católica Apostólica Romana correm risco de perdição eterna (BOFF, 2002, p. 17-18).

Dou muita razão a esse mesmo ilustre teólogo católico (Leonardo Boff), ao lamentar o inegável retrocesso ecumênico e macroecumênico da Igreja Católica, marcado por esse documento:

Cinquenta anos de trabalho ecumênico, de diálogo inter-religioso, aparentemente se esvaíram, porque as velhas teses medievais da Igreja como única portadora dos desígnios de Deus, e fora da qual não há salvação, foram ressuscitadas. Isto provocou um escândalo em toda a Igreja, escândalo que não foi ainda digerido nem por nós católicos, muito menos pelos protestantes, que estavam se acercando muito próximos da Igreja Católica (id. *ibid.*).

A Declaração “Dominus Iesus” (DI, 16, nota 56) faz referência à Notificação escrita por Ratzinger, em 1985, sobre a obra de Leonardo Boff, *Igreja: carisma e poder*, em que Boff combate, com razão, a pretensão arrogante da Igreja Católica “de ser a única Igreja de Cristo” (DI, 16). Em termos mais claros ainda, Boff escreve:

A Igreja de Cristo se concretiza na Igreja Católica, apostólica romana, mas não se exaure nesta concretização, a qual, dadas as limitações históricas, culturais-ocidentais e outras, especialmente em razão das sombras e dos pecados nela presentes, não pode identificar-se *in toto, pure et simpliciter* com a Igreja de Cristo. Esta ganha outras expressões histórico-culturais nas diferentes Igrejas cristãs. Juntas e em comunhão, formam a Igreja de Cristo na História, a Igreja de Deus através do tempo (BOFF, 2005, p. 431).

Boff prossegue em seu pensamento ecumênico, defendendo a tese de que as igrejas protestantes também são igrejas cristãs:

Na própria Constituição sobre a Igreja (*Lumen Gentium*), bem como no Decreto sobre o Ecumenismo, fala-se de Igrejas e comunidades eclesiais. No nº 3 do Decreto sobre o Ecumenismo, diz-se que todos os batizados e cristãos crentes pertencem, como membros, ao Corpo de Cristo (cf. 1 Cor 12,13). Não se lhes atribui apenas o “ser-cristão”, mas também o “ser-Igreja”. Na verdade, não há “ser-cristão” sem ser membro de alguma Igreja (BOFF, *ibid.*, p. 432).

No dia 10 de julho de 2007, o Vaticano, através da Congregação para a Doutrina da Fé, divulgou um documento, datado de 29 de junho de 2007, com aprovação do Papa Bento XVI, que reafirma as doutrinas católicas exclusivistas, fundamentalistas e míticas da Declaração “Dominus Iesus”. Nesse documento, o Vaticano reafirma que as igrejas protestantes não são “igrejas cristãs”, pois, como declara a DI, “a Igreja Católica é a única Igreja de Cristo” (DI, 16). Esse novo documento exclusivista e arrogante do Vaticano comprova minha tese do retrocesso ecumênico e macroecumênico da Igreja Católica.

Infelizmente, como lamenta o teólogo e sacerdote católico Hans Küng, em seu já citado livro *A Igreja Católica* (p. 235-237, seção: **Traição ao Concílio**), o empenho ecumênico da Igreja Católica, tão bem delineado inicialmente pelo Papa João XXIII, ao invés de progredir, sofreu um grande retrocesso com a atuação do Papa João Paulo II e o Cardeal Joseph Ratzinger (hoje o Papa Bento XVI), Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, durante o pontificado de João Paulo II.

Este mesmo autor faz, com razão, o seguinte comentário crítico a respeito da atuação de João Paulo II e da Igreja Católica, com relação ao ecumenismo, confirmando tudo o que tenho dito nesta entrevista acerca do grande retrocesso no empenho ecumênico da Igreja Católica:

Olhando mais de perto, sua “reevangelização” significou “recatolicização”, e seu “ecumenismo” prolixo visa, sob a superfície, a um “retorno” à Igreja Católica” (id. *ibid.*).

Se a “reevangelização” significa, de fato, “recatolicização” e se o “ecumenismo” visa a um “retorno” à Igreja Católica, pode-se concluir que o diálogo ecumênico transforma-se então num empenho puramente **unionista** ou **proselitista**, ou seja, elimina-se inteiramente qualquer possibilidade de um diálogo doutrinário sério, o que só poderá aprofundar cada vez mais as barreiras divisionistas entre os cristãos.

No correto parecer do historiador católico John Cornwell, **“a menos que os católicos possam restaurar o espírito do Vaticano II, vão tomar um choque tão grande ou maior que a divisão do cristianismo ocidental quinhentos anos atrás”** (CORNWELL, 2002, p. 74) (negrito meu).

Os principais documentos pontifícios sobre o ecumenismo e o diálogo inter-religioso, resumidos e comentados por mim nesta Segunda Entrevista, levam-me, por conseguinte, a concluir que a posição exclusivista eclesiocêntrica pré-conciliar da Igreja Católica parece, em essência, não ter mudado muito, mesmo com a sua alternância de eixo, a partir do Concílio, isto é, com a mudança do eixo exclusivista eclesiocêntrico para o eixo exclusivista cristocêntrico, e mesmo com a disposição teórica da Igreja de abertura ao diálogo, uma vez que os mesmos documentos, contraditoriamente, se, por um lado, declaram que a Igreja está aberta ao diálogo, por outro, enfatizam demais a superioridade da Igreja Católica sobre as outras igrejas cristãs e as demais religiões. Em síntese, a Igreja diz que está aberta ao diálogo, mas declara que o “depósito da fé” (católica) deve permanecer inegociável e inalterável, o que contradiz os objetivos de um autêntico diálogo religioso doutrinário, que não pode excluir a real possibilidade de revisões e de mudanças em artigos de fé.

Em nossa próxima entrevista, a seguir, refletiremos sobre os principais conflitos ideológicos e as maiores divisões do cristianismo ao longo de sua história, com o objetivo de podermos contribuir um pouco para o diálogo ecumênico entre os cristãos divididos.

ENTREVISTA nº 3

CONFLITOS E DIVISÕES NO CRISTIANISMO AO LONGO DE SUA HISTÓRIA



3.1 DIVISÕES NO CRISTIANISMO PRIMITIVO

P109 – Jesus, nesta nossa terceira entrevista, vou fazer-lhe uma série de perguntas sobre os principais conflitos ideológicos e as maiores divisões do cristianismo ao longo de sua história. Como primeira pergunta, gostaria de saber se o “cristianismo primitivo” era realmente unido, sem quaisquer conflitos e/ou divisões, como pensa muita gente.

J – Infelizmente, Pinheiro, ao contrário do que se poderia pensar, e em total oposição à minha mensagem de união, de paz e de amor ao próximo, logo depois que eu “desencarnei”, isto é, logo depois que parti para o plano espiritual, começaram a surgir as disputas e as brigas, sobretudo em torno de **questões cristológicas**, isto é, a respeito de minha pessoa e de minha verdadeira identidade, numa total inversão e distorção do cristianismo genuíno que propus: **um código de moral (ou de ética) universal**, com leis de **amor, paz, união, igualdade, justiça, perdão, humildade, fraternidade** e outras virtudes afins.

O divisionismo no “cristianismo dos cristãos” começou logo entre as primeiras igrejas e/ou comunidades cristãs fundadas por Paulo e outros apóstolos, como, por exemplo, as brigas na comunidade de Corinto, entre grupos que disputavam entre si reivindicando cada um a supremacia da pertença a este ou àquele apóstolo (“eu sou de Pedro”, “eu sou de Paulo”, “eu sou de Apolo”).

Nas corretas palavras do escritor espírita Hermínio C. Miranda,

ao contrário do que pensa muita gente, o cristianismo dos primeiros tempos não foi um movimento monolítico, nem constituiu um corpo doutrinariamente unânime. [...] Os seguidores do Cristo, durante os primeiros três séculos, fragmentaram-se em centenas de credos diferentes (MIRANDA, 1988, p. 172; ver também MIRANDA, 1991, p. 7).

Sabemos também que, por volta do ano 49 d.C., foi necessária a realização de uma grande assembleia, conhecida como “Concílio de Jerusalém”, com o objetivo de resolver problemas de divisões e tendências opostas entre os membros das primeiras comunidades cristãs, notadamente entre “cristãos helenistas” e “cristãos judaizantes”.

3.2 5 GRUPOS RIVAIS NO CRISTIANISMO NASCENTE

P110 – Jesus, é verdade que, no cristianismo nascente, ou seja, no cristianismo do primeiro século da era cristã, havia nada menos que 5 grupos rivais?

J – Sim. No cristianismo nascente (séc. I), existiam pelo menos os seguintes 5 grupos rivais (cf. FRANGIOTTI, 1995, p. 12-13):

1) O grupo dos **judaizantes radicais**, que defendia a tese segundo a qual quem não fosse circuncidado não poderia salvar-se. Esse grupo foi o que criou o conflito de Antioquia, registrado em At 15, 1-5.

2) O grupo dos **judaizantes moderados**, que defendia a tese oposta, segundo a qual os convertidos do paganismo não precisavam observar todas as práticas judaicas.

3) O grupo dos **helenistas radicais**, que, caracterizado pelo radicalismo da “liberdade paulina”, acreditava na salvação somente pela fé e não pelas obras da Lei.

4) O grupo dos **helenistas moderados**, para o qual não havia necessidade de “judaizar” os pagãos convertidos.

5) O grupo dos **nicolaítas**, que recusava o Antigo Testamento e era acusado de corrupção moral, chegando a defender e a praticar a prostituição.

3.3 CONFLITOS SOBRE A VERDADEIRA IDENTIDADE DE JESUS

P111 – Jesus, é verdade que, no cristianismo antigo, houve muitos conflitos ideológicos, quase todos relacionados com a definição de sua verdadeira identidade (ou natureza)?

J – Sim. Nesse período, Pinheiro, houve muitos conflitos doutrinários, quase todos relacionados com a definição da minha pessoa. As respostas às perguntas sobre a minha verdadeira identidade causaram muitos conflitos e divisões na Igreja cristã primitiva. Houve muita briga entre padres, bispos e papas, o que resultou, finalmente, através de formulações dogmáticas, na excomunhão e condenação de todos aqueles que se opuseram a crer na minha identidade mítica, como definida pelos que detinham o poder político-religioso da época.

Indubitavelmente, a maior polêmica cristã de todos os tempos sempre foi (e continua sendo) sobre **a minha verdadeira identidade**. E são três as principais correntes desta polêmica:

- 1) **a que defende que eu sou Deus e homem,**
- 2) **a que defende que eu sou somente Deus e**
- 3) **a que defende que eu sou somente homem.**

A grande maioria dos cristãos (atualmente mais de dois bilhões) segue a primeira corrente cristológica, ou seja, acredita que eu sou Deus e homem (Deus encarnado), que me fiz homem a fim de morrer pelos

pecados da humanidade e que fundei uma religião e uma igreja (exclusivistas) para proclamar essa verdade. Se eu sou, *literalmente*, Deus encarnado, o cristianismo tradicional (dogmático) é a única religião fundada pessoalmente pelo próprio Deus, e deve ser, por conseguinte, superior a todas as outras religiões deste planeta (cf. HICK, 1993, p. ix).

Nesta entrevista (e particularmente na próxima), questiono as duas primeiras correntes cristológicas sobre a minha verdadeira identidade (ou natureza), defendendo, com os adocionistas, os arianos, os espíritas e muitos outros grupos de estudiosos do cristianismo, particularmente os teólogos liberais e pluralistas, a terceira corrente, por sinal, a que mais cresce atualmente no mundo, argumentando que as outras duas correntes, por defenderem um **Jesus que é Deus e homem ou que é só Deus (uma pessoa totalmente celeste)**, são “mitos cristãos”, e não verdades históricas absolutas.

Essa grande polêmica sobre a minha verdadeira identidade (ou natureza) é bem antiga, pois teve início já nos primeiros três ou quatro séculos da era cristã, quando houve nada menos que 22 grupos rivais de cristãos, quase todos relacionados com a questão polêmica em torno de minha verdadeira identidade ou natureza, como veremos a seguir.

3.3.1 A DOCTRINA DOS CERINTIANOS

P112 – O Senhor acabou de falar que houve no cristianismo antigo, particularmente dos primeiros três ou quatro séculos, nada menos que 22 grupos rivais de cristãos que se digladiavam sobretudo em torno da interpretação de sua pessoa. Gostaria que o Senhor resumisse agora a doutrina de cada um desses 22 grupos rivais de cristãos. Iniciemos pela “doutrina dos cerintianos”: O que defendia Cerinto?

J – Cerinto é considerado um dos primeiros “hereges” do cristianismo primitivo, porque sua doutrina foi a primeira de uma série a questionar a minha verdadeira natureza. Ele ensinava, com razão, que eu não nasci miraculosamente de uma Virgem, mas fora filho de meus pais por uma geração semelhante à de todos os outros homens.

Em termos mais claros, Cerinto ensinava que eu não era Deus, o “Cristo” (o “Espírito celeste”), fazendo uma clara distinção entre mim (“o homem Jesus”) e o “Cristo celeste” e explicando essa distinção do seguinte modo: após o batismo, o “Cristo”, vindo de junto do Supremo Princípio, que está acima de todas as coisas, desceu sobre mim (“o Jesus terrestre”) sob forma de pomba. Depois disso, Cristo anunciou

o Pai desconhecido e realizou milagres. No final, porém, o Cristo (Espírito celeste) retirou-se de mim, abandonando-me. Eu, então, sofri e ressuscitei, mas o Cristo permaneceu impassível, visto ser espiritual (cf. FRANGIOTTI, 1995, p. 15; ver também DER, verbete **Cerinto**).

Em síntese, Cerinto distingue, com razão, a minha pessoa histórica (“o Jesus histórico”, **uma pessoa totalmente humana**) do “Cristo da fé” (**uma pessoa totalmente divina**), doutrina à qual o evangelista João se opôs frontalmente, defendendo no seu Evangelho o argumento de que eu (“Jesus”) e “Cristo” somos a *mesma pessoa*: o Filho Unigênito de Deus, Deus encarnado, Segunda Pessoa da Santíssima Trindade.

Relata-se que, certo dia, o evangelista João, estando nas termas de Éfeso e aí vendo a Cerinto, seu inimigo de doutrina, precipitou-se para fora, sem se banhar, dizendo: “Fujamos antes que se desmoronem as termas, pois ali está Cerinto, o inimigo da verdade” (FRANGIOTTI, p. 16).

3.3.2 O ELCASAÍSMO

P113 – O que é a “doutrina elcasaíta” (ou o “elcasaísmo”)?

J – É a doutrina de alguns judeu-cristãos que, liderados por Elkasai (ou Elchasai), durante o reinado do imperador Trajano (90-117), opunham-se acirradamente à doutrina de Paulo acerca do “Cristo da fé”. A doutrina elcasaíta afirmava, com razão, a existência de um só Deus e acreditava que eu era um ser puramente humano, reencarnação dos profetas de outrora. Em mim teria penetrado o Espírito Santo e por isso eu era o Messias predestinado a levar Israel à salvação. Tinham-me como o primeiro mensageiro excelso de Deus, que teria aparecido reencarnado várias vezes, de modo particular em Adão (cf. FRANGIOTTI, p. 16).

O elcasaísmo é prova de que a crença na reencarnação não era desconhecida no judaísmo nem no cristianismo primitivo.

3.3.3 A DOCTRINA ADOCIONISTA

P114 – Jesus, em que consistia a “doutrina adocionista”?

J – A “doutrina adocionista”, Pinheiro, comum a vários grupos cristãos dos séculos II e III, afirmava, corretamente, que eu não era um ser literalmente divino, mas um ser puramente humano e que, portanto, não nasci miraculosamente de uma virgem, mas nasci da união sexual de meus pais, como qualquer outra pessoa. Segundo essa doutrina, o que me tornava diferente dos demais seres humanos era a convicção adocionista de eu ser mais estrito no seguimento da lei judaica. Por

isso, por causa de minha grande retidão e atuação fiel, Deus me *adotara* como Filho por ocasião de meu batismo, quando uma voz supostamente veio dos céus anunciando ser eu “filho de Deus”, ou seja, “filho adotivo de Deus” (cf. EHRMAN, 2006, p. 165-166).

3.3.4 A DOCTRINA EBIONITA

P115 – Jesus, o que ensinava a “doutrina ebionita”?

J – A “doutrina ebionita”, na mesma linha da “cristologia adocionista”, negava a minha suposta divindade, embora acreditasse que eu era o Messias anunciado pelo Antigo Testamento. Os ebionitas eram fiéis cumpridores da lei mosaica e rejeitavam radicalmente a doutrina paulina da **salvação exclusivamente pela fé** (*sola fide*) (cf. DER, verbete **ebionitas**). Eu, segundo essa doutrina (igualmente adocionista), teria nascido normalmente de meus pais e fora ungido por Deus, com o Espírito Santo, no Jordão, por ocasião de meu batismo, recebendo, então, a filiação divina, não no sentido natural, mas no sentido honorífico.

Por volta do segundo século (anos 130), encontravam-se várias seitas judeu-cristãs com as mesmas características dos ebionitas adocionistas, ou seja, que negavam a minha suposta divindade, não aceitavam o Evangelho de João (o qual quer provar que eu sou Deus), nem aceitavam a doutrina paulina mítica da salvação somente pela fé, mas seguiam a lei judaica (cf. FRANGIOTTI, p. 20).

Havia, porém, como explica Orígenes (apud FRANGIOTTI, p. 21), dois grupos de seitas ebionitas: um grupo que admitia a crença mítica segundo a qual eu nasci de uma Virgem, por obra e graça do Espírito Santo, e outro grupo que, ao invés, acreditava que eu não nasci desse modo mítico, mas que nasci como todos os outros homens.

Por fim, havia entre os ebionitas os que aceitavam a minha reencarnação. Para estes, eu aparecia sobre a Terra periodicamente ao longo das eras.

3.3.5 A DOCTRINA ADOCIONISTA SISTEMATIZADA POR TEÓDOTO DE BIZÂNCIO

P116 – Jesus, o que é a “doutrina adocionista” sistematizada por Teódoto de Bizâncio?

J – É mais uma doutrina que negava a minha identidade mítica, ou seja, a crença de eu ser uma pessoa totalmente divina. Entre os que, pelos fins do segundo século, procuraram estabelecer uma definição

precisa de minha pessoa, estava o líder religioso Teódoto de Bizâncio, o primeiro a sistematizar a doutrina adocionista correta, segundo a qual eu era puro homem, o qual no batismo havia recebido uma força especial. Por causa de sua doutrina, considerada “herética” pelo poder religioso dominante da época, Teódoto foi excomungado em 190 pelo Papa Vítor, mas continuou arregimentando muitos adeptos para sua doutrina (cf. FRANGIOTTI, p. 22-23; ver também DER, verbete **Teódoto de Bizâncio**).

Como esclarece Frangiotti (ibid.), a problemática adocionista está na raiz da redação dos Evangelhos. Estes, ao que tudo indica, foram escritos com o fim específico de provar, demonstrar que eu era “Deus”, o “Filho unigênito de Deus”, pelo menos na forma como se encontram atualmente. A intenção é explícita em João 20, 30-31:

Jesus fez, diante de seus discípulos, muitos outros sinais ainda, que não se acham escritos neste livro. **Estes, porém, foram escritos para credes que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus**, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome (negrito meu).

Essa intenção resulta igualmente evidente nos outros Evangelhos. Cada um, à sua maneira, quer provar que eu sou o “Filho de Deus”. Assim, para Marcos, o Evangelho é a boa nova de “Jesus Cristo, **Filho de Deus**” (Mc 1,1) (negrito meu), embora cópias mais antigas do Evangelho de Marcos não incluam esta expressão “Filho de Deus”, gerando uma suspeita bem fundamentada de que houve aqui a inclusão (a interpolação) dessa declaração de fé dos cristãos em cópias posteriores do Evangelho de Marcos, fenômeno este muito comum entre os copistas dos Evangelhos, como bem documentado por Bart D. Ehrman (cf. EHRMAN, 2006).

O Evangelho de Marcos termina reafirmando, miticamente, através da fé do oficial romano, que eu era realmente o “Filho de Deus”: “Verdadeiramente este homem era o Filho de Deus” (Mc 15, 39).

Em Mateus, o mesmo objetivo de provar a minha identidade mítica é expresso pelas numerosas vezes em que sou chamado *literalmente* de “Filho de Deus”.

Mas, como se chegou a essa confissão de fé mítica acerca da minha suposta filiação divina, se, conforme elucida Roque Frangiotti,

o título de “Filho de Deus” está ausente das confissões mais antigas, dos discursos missionários proferidos por Pedro e Paulo? Num período da história do primeiro cristianismo, coberto pelo relato dos Atos até o capítulo 15, esta profissão de fé está ausente (FRANGIOTTI, p. 23).

Convém observar que nos Evangelhos sinópticos (Mateus, Marcos e Lucas) nenhuma só vez eu disse explicitamente que era o “Filho de Deus”, nenhuma só vez pronunciei esse título mítico aplicando-o exclusivamente a mim (nem mesmo em sentido *analógico*).

Foi Paulo de Tarso quem me endeusou, para satisfazer interesses romanos e para igualar-me às outras divindades cultuadas pelos romanos, como o deus Sol, o deus Mitra(s) e o deus César:

A nova religião [o cristianismo] era basicamente orientada para uma audiência romana. Assim, o papel de Roma na morte de Jesus foi, por necessidade, suprimido, e a culpa transferida para os judeus. Mas esta não foi a única liberdade tomada em relação aos fatos, para torná-los mais assimiláveis no mundo romano. Pois o mundo romano estava acostumado a endeusar seus governantes, e César já havia sido oficialmente estabelecido como um deus. **Para competir, Jesus – a quem ninguém antes havia considerado divino – tinha que ser endeusado também. Ele o foi pelas mãos de Paulo** (BAIGENT, LEIGH & LINCOLN, 1993, p. 303 (negrito meu)).

A respeito do mito de minha encarnação divina, é bom tomar conhecimento aqui a respeito da crítica de vários escritores dos primeiros séculos do cristianismo, como, dentre outros, Celso (séc. II) e Porfírio (séc. III), os quais, nas palavras de Comby (1996, p. 35), diziam: “A Encarnação é um absurdo. Deus, o perfeito, o imutável, não pode rebaixar-se a ponto de se tornar uma criancinha.” E Porfírio escreveu:

Mesmo supondo que algum dos gregos seja bastante obtuso para pensar que os deuses habitam nas estátuas, essa seria uma concepção mais pura que a de admitir que o Divino tenha descido no seio da Virgem Maria, que se tenha tornado embrião, que, após o seu nascimento, tenha sido envolvido em panos, todo sujo de sangue, de bÍlis e pior ainda [...] (apud COMBY, *ibid.*, p. 37).

Em síntese, os adocionistas professavam a doutrina correta da minha “filiação divina adotiva” (daí o nome adocionismo), em contraposição à crença mítica na minha “filiação natural” de Deus (para mais detalhes sobre esse assunto, ver tema 4.46 e SOUZA, 2007, cap. 7, p. 115-119).

3.3.6 O DOCETISMO

P117 – Jesus, o que é o “docetismo”?

J – O “docetismo”, surgido no século I, e seguido por numerosos cristãos ao longo dos séculos seguintes, afirmava, em oposição ao “adocionismo”, que eu era um ser totalmente divino e que, portanto, não poderia ter me encarnado na matéria (o termo “docetismo” deriva do grego “dokein” = “parecer”, “assemelhar-se”). Logo, se eu era só Deus, meu corpo real só podia ser astral, fluídico. Meu corpo humano, terrestre, físico, só podia ser “aparente”, um “fantasma”. O docetismo negava, portanto, que eu fosse homem. Para essa doutrina igualmente mítica, eu era **somente Deus** (e não **somente homem**, como, de fato, o sou).

Segundo o docetismo, meus sofrimentos e minha morte na cruz não foram reais, mas só aparentes. Essa doutrina foi combatida e condenada pelo cristianismo mítico, que defendia (e continua defendendo) o dogma mítico segundo o qual eu sou **Deus e homem – verdadeiro Deus e verdadeiro homem** (cf. DER, verbetes **docetas/docetismo**).

Mas, apesar de sua condenação pela Igreja, o docetismo teve inúmeros adeptos através dos séculos. Tinham como traço comum a afirmação de que as narrativas evangélicas eram pura ficção e que eu tinha apenas aparência de um homem.

3.3.7 O GNOSTICISMO

P118 – Jesus, o que é o “gnosticismo”?

J – O “gnosticismo”, termo genérico para toda uma série de supostas “heresias” que surgiram nos primeiros séculos do cristianismo, é, no dizer do escritor Bart D. Ehrman, uma “cristologia separacionista”, que não me via “apenas como humano (como os adocionistas), nem apenas como divino (como os docetas), mas como dois seres, um completamente humano e outro completamente divino” (EHRMAN, 2006, p. 180).

O gnosticismo, fundado por Simão Mago, no fim do século primeiro, é também um sistema eclético filosófico-religioso, que busca a libertação do homem através da gnose, isto é do conhecimento. Nesse sentido, quase todos os docetas foram também gnósticos. O próprio evangelista João e o apóstolo Paulo foram fortemente influenciados pelo gnosticismo. O célebre versículo de João, atribuído a mim, “conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (Jo 8, 32) foi importado do gnosticismo.

Outro representante importante do gnosticismo foi Basilides de Alexandria, que sustentava a doutrina da **reencarnação**.

Como afirma Frangiotti (p. 31), “os Padres ortodoxos da Igreja antiga viam no gnosticismo a heresia mais ameaçadora para o cristianismo [mítico]”. Foi por esse motivo que Irineu de Lião, falecido no ano 202 de nossa era, escreveu nada menos que cinco livros para combater as heresias, particularmente a heresia do gnosticismo (cf. IRINEU DE LIÃO, 1994). A razão principal para o combate ao gnosticismo estava no fato de que os gnósticos, com muita razão, não acreditavam no dogma mítico da **ressurreição da carne**, mas na **reencarnação**, isto é, nas vidas sucessivas do espírito em novos corpos aqui na Terra. E, no correto dizer do escritor espírita Hermínio C. Miranda,

o conceito de vidas sucessivas carrega consigo implicações verdadeiramente assustadoras, ameaçadoras para a Igreja, no sentido de que subverte todo o sistema e racha as bases em que se apoiavam sua estrutura doutrinária e suas práticas (MIRANDA, 2002, p. 71).

Mesmo assim, vários cristãos da Igreja antiga (cf. tema 5.15.2) acreditavam na doutrina das vidas sucessivas (ou reencarnação): entre eles, Clemente de Alexandria e Orígenes – dois dos maiores porta-vozes do cristianismo primitivo – incluíam a crença na reencarnação como parte de sua teologia. Eles eram padres e teólogos da Igreja Oriental do século III, radicados em Alexandria. Ambos defendiam a crença na reencarnação e afirmavam a restauração final de todos os seres, inclusive dos demônios. Procuravam conciliar o cristianismo com a gnose platônica (cf. DER, verbetes **Clemente de Alexandria/Orígenes**).

Quase toda a literatura gnóstica dos primeiros séculos havia se perdido, mas, em 1945, foi descoberta em Nag Hammadi, no Egito, uma abundância de manuscritos gnósticos, entre os quais vários escritos apócrifos, sendo o mais importante deles *O EVANGELHO DE TOMÉ*, o qual está sendo muito estudado hoje pelos estudiosos interessados nas minhas palavras e ações autênticas, uma vez que o Evangelho de Tomé é totalmente diferente dos demais, contendo apenas minhas máximas e meus ensinamentos essenciais.

Como os ebionitas e os elcasaitas, os gnósticos ensinavam que a minha alma já tinha passado por outras encarnações (cf. SANDERFUR, 1988, p. 37-38). Segundo esse mesmo autor, “essa crença também era compartilhada pelos nazarenos” (ibid., p. 37), isto é, pela **seita judaica dos nazarenos**, como eram chamados os primeiros cristãos.

Caberia aqui (com Sanderfur) perguntar: “se o conceito de reencarnação era tão difundido nos primórdios do pensamento cristão,

por que hoje em dia não faz parte da corrente oficial da teologia cristã” (ibid.)? A resposta é simples: é que a crença na preexistência da alma e, conseqüentemente, na sua reencarnação, defendida por Orígenes, foi condenada pela Igreja no Sínodo de Constantinopla (543), convocado pelo patriarca Menas de Constantinopla, a pedido do imperador Justiniano. Segue-se um excerto típico da condenação da doutrina reencarnacionista de Orígenes:

Se alguém afirmar a preexistência fabulosa das almas e afirmar a monstruosa restauração que se lhe segue, que essa pessoa seja anátema (apud SANDERFUR, p. 38; ver também CHAVES, 2006a, p. 232-233; 237-238).

Talvez convenha explicar que a expressão “seja anátema” (do latim, “*anatema sit*”) significa: “seja excomungado”, “seja expulso do seio da Igreja”, “seja condenado”, pois a crença da Igreja até a época do Concílio Vaticano II, como já vimos, era: “fora da Igreja (Católica), não há **salvação**”, termo que se opõe a “condenação eterna”. Vejamos a esse respeito o que declarou oficialmente o Concílio Ecumênico de Florença (1442), ao estabelecer a doutrina segundo a qual

a santa Igreja Católica Romana ... firmemente acredita, confessa e proclama que ninguém que esteja fora da Igreja Católica – pagão, judeu, descrente ou cismático – poderá ser salvo; será, ao contrário, condenado ao fogo eterno preparado para o demônio e seus anjos, a não ser que retorne [à Igreja Católica] antes de sua morte (apud KÜNG, 2001, p. 122).

Por conseguinte, mediante esse decreto oficial mítico do Concílio de Florença, todas aquelas dezenas de bilhões de seres humanos que morreram fora da Igreja Católica desde 1442 até o período do Concílio Vaticano II (1962-1965) foram todas para o “inferno eterno”! Será isso uma verdade absoluta? Sim, para quem mantém uma “fé cega/mítica”, mas não, para quem se guia pela “fé raciocinada”.

3.3.8 O MARCIONISMO

P119 – Jesus, o que é o “marcionismo”?

J – O “marcionismo” (séc. II) é a doutrina de Marcião, monge, filho de bispo, acusado de ter seduzido uma virgem, tendo sido excomungado pelo próprio pai e expulso de sua cidade (Ponto, hoje Turquia).

Começou em seguida a ensinar sua doutrina, fundando sua igreja, criando uma seita, para, segundo ele, anunciar a minha verdadeira

mensagem, que lhe parecia muito adulterada pelas interpretações comprometidas com os judaizantes (cf. FRANGIOTTI, p. 40-41).

Quanto à doutrina, Marcião rejeitava, por completo, o Antigo Testamento (AT), afirmando que o Deus do AT, vingador e irroso, não era o Deus que eu preguei, benévolo e misericordioso. Também adotava o docetismo, o qual ensinava que eu vim ao mundo sem intervenção de minha mãe, Maria, e que o meu corpo era só aparente. Por isso, minha paixão e morte teriam sido só aparentes, pois eu, segundo o mito docetista, não teria tido um corpo real (cf. FRANGIOTTI, p. 42-43).

3.3.9 O MONARQUIANISMO

P120 – Jesus, o que é o “monarquianismo”?

J – O “monarquianismo”, Pinheiro, surgido no final do século II, defendia a chamada “monarquia divina”, com a finalidade de conciliar a unidade e a trindade em Deus (cf. DER, verbete **Trindade**). Em outras palavras, essa doutrina, não abrindo mão do monoteísmo judaico, partindo da fé na unidade de Deus, do monoteísmo restrito do Antigo Testamento, defendia uma *monarquia divina*, sendo, porém, o Filho e o Espírito poderes subordinados do Deus único.

Por outro lado, o monarchianismo aceitava literalmente a crença em minha divindade. Como conciliar esse paradoxo? Como admitir que eu era Deus sem trair a fidelidade monoteísta judaica? Para essa doutrina, distinguir em Deus pessoas diferentes parecia-lhe admitir mais um Deus. Desse modo, eu seria um “segundo Deus”. Portanto, segundo o monarchianismo, se só há um Deus e se eu sou Deus, eu não sou pessoa distinta do Pai, em contraposição à tese majoritária do cristianismo que distingue as três pessoas da Trindade (cf. FRANGIOTTI, p. 45-46).

3.3.10 O SABELIANISMO

P121 – O que é o “sabelianismo”?

J – O “sabelianismo” (final do séc. III) é a doutrina fundada por Sabélio, rígido defensor da monarquia divina. Ele apresentava a divindade como uma mônada, ou seja, como um princípio espiritual, que se dilata em três operações distintas: Pai, no Antigo Testamento; Filho, na minha encarnação e Espírito Santo, no Pentecostes. Contudo, tratava-se de uma só pessoa e não de três, como na crença majoritária (dogmática e mítica) do cristianismo. Os sabelianos foram condenados no Segundo Concílio Ecumênico, realizado em Constantinopla em 381.

3.3.11 A DOCTRINA DE PAULO DE SAMÓSATA

P122 – O que defendia a cristologia de Paulo de Samósata”?

J – Paulo de Samósata foi escritor e bispo de Antioquia, no final do século III. Ele defendia, corretamente, a ideia de que eu permaneci sempre homem, isto é, eu não era consubstancial ao Pai (ou seja, da mesma substância do Pai). Ele foi condenado pelo Sínodo de Antioquia, em 268, pelos seus supostos erros a respeito do dogma trinitário (cf. FRANGIOTTI, p. 51-52; ver também DER, verbete **Paulo de Samósata**).

Idêntica doutrina de que eu não era consubstancial ao Pai foi ensinada no século IV (no ano 350) pelo diácono antioqueno Aécio (cf. DER, verbetes **aecianos/anomeísmo**).

3.3.12 O MONTANISMO

P123 – Jesus, o que é o “montanismo”?

J – O “montanismo” é um movimento de renovação moral e espiritual, da segunda metade do séc. II, fundado pelo sacerdote Montano, por volta do ano 156, o qual se considerava a própria encarnação do Espírito Santo. Montano declarou ter recebido uma revelação do céu e

afirmava que o Paráclito, prometido em Jo 14,26; 16,7, se encarnara em sua própria pessoa. Apresentava-se como a presença viva do Paráclito. Com ele chegara a nova era, inaugurava a era do Espírito Santo, a revelação perfeita: “Vim, não como anjo ou mensageiro, mas como o próprio Deus Pai. Sou o Pai, o Filho e o Espírito Santo” (FRANGIOTTI, p. 55).

3.3.13 O DONATISMO

P124 – O que é o “donatismo”?

J – O “donatismo” é uma seita cristã fundada por Donato, bispo de Cartago (África do Norte), durante o século IV, que reclamou um tratamento severo (reprovado pela maioria da Igreja Católica) para os cristãos que haviam fraquejado durante a perseguição do imperador romano Diocleciano (cf. HOUAISS, verbete **donatismo**).

Esta seita se opôs fortemente à Igreja Católica nas Províncias mediterrâneas na África, até a invasão dos vândalos. Eles afirmavam que nenhum sacerdote podia administrar validamente o batismo se ele próprio se encontrasse em estado de pecado (DER, verbete **donatistas**).

O donatismo foi, por várias vezes, condenado pelos sínodos regionais, favorecido ou não pela autoridade imperial. Pela primeira vez

na história, a Igreja vai usar a força para coibir a ação dos “hereges”. Um bispo e alguns donatistas foram assassinados. As lutas foram se alternando durante um século sem que se obtivessem algum resultado (cf. DER/DRCO, verbete **donatismo**).

3.3.14 O SUBORDINACIONISMO

P125 – Jesus, o que é o “subordinacionismo”?

J – O “subordinacionismo”, Pinheiro, surgido no século IV, é mais uma doutrina cristológica, isto é, relativa à interpretação de minha pessoa. Essa doutrina afirmava que só o Pai era, rigorosamente, Deus e que eu era um “deus subordinado” ao Pai, um “segundo Deus”, daí o nome “subordinacionismo”. O famoso Orígenes, padre da Igreja Oriental, um dos maiores teólogos do cristianismo antigo, embora defendesse que eu era uma divindade, acentuava também minha inferioridade e subordinação ao Pai.

Contra os subordinacionistas, reúne-se o célebre 1º Concílio de Niceia (325 d.C.), convocado pelo imperador Constantino, para dogmatizar os mitos de minha divindade e igualdade com o Pai (dogma da igualdade de natureza entre o Pai e o Filho).

3.3.15 O ARIANISMO

P126 – Jesus, o que é o “arianismo”?

J – O “arianismo” é a doutrina professada por Ário, padre alexandrino do século IV, que, na mesma linha do subordinacionismo, também me subordinava ao Pai, negando, com muita razão, o mito de minha *consustancialidade* com o Pai. Negava, portanto, o mito de minha divindade e, por conseguinte, o mito da Trindade. Por isso, o arianismo é chamado de “heresia antitrinitária”. Em outros termos, para o arianismo, eu não sou Deus. Sou uma *criatura*, “a primeira e mais excelente criatura do Pai” (DER, verbete **Trindade**). O arianismo foi apoiado pelo “pai da história eclesiástica”, Eusébio de Cesareia (cf. EUSÉBIO, 2000, p. 9-10). Essa doutrina, considerada “herética” pela Igreja dominante, foi condenada no primeiro Concílio Ecumênico do cristianismo, realizado em Niceia (Ásia Menor), no ano de 325, o qual redigiu uma profissão de fé, cujo texto “acentua a identidade de substância do Pai e do Filho para afirmar que o Filho não foi *criado* (quem *cria* tira do nada), mas *gerado* (quem *gera* se prolonga no filho gerado); o Filho é Deus de Deus, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro” (DER, verbete **Trindade**). Esclareço

que essa crença segundo a qual uma divindade pode “gerar” um filho é pura linguagem metafórica, mitológica.

Mesmo tendo sido condenado no 1º Concílio de Niceia, o arianismo continuou a ter muitos adeptos e expandiu-se durante todo o século IV, sobrevivendo entre os povos germânicos de além-fronteira (cf. FRANGIOTTI, p. 85-106). Indiscutivelmente, o arianismo continua vivo em muitos grupos religiosos atuais (muitos dos quais se definem como “cristãos”), inclusive, entre famosos teólogos cristãos liberais e pluralistas, os quais rejeitam o mito de minha *consustancialidade* com o Pai.

3.3.16 O MACEDONIANISMO

P127 – O que é o “macedonianismo”?

J – O “macedonianismo” – uma variante do arianismo – é a doutrina supostamente “herética” de Macedônio, bispo de Constantinopla, para o qual “o Filho era inferior ao Pai, e o Espírito Santo carecia de divindade e não era igual em substância e dignidade a Deus Pai” (DER, verbete **macedonianismo**).

Após as controvérsias sobre o mito de minha divindade, os cristãos se voltam agora para a natureza do Espírito Santo, fazendo com que o Imperador Teodósio (379-395) convocasse um novo Concílio Ecumênico, agora em Constantinopla (381), para declarar o dogma da divindade do Espírito Santo (cf. DER, verbete **Concílio de Constantinopla**).

3.3.17 O APOLINARISMO

P128 – Jesus, o que defendia o “apolinarismo”?

J – O “apolinarismo”, corrente ideológica proposta (no século IV) por Apolinário, bispo de Laodiceia, na Síria, defendia que eu só tinha uma natureza, a divina, ao contrário de outras doutrinas, para as quais eu só tinha uma natureza, mas a humana.

Enquanto o arianismo é classificado pela Igreja como uma “heresia antitrinitária”, o apolinarismo é julgado e condenado como uma “heresia cristológica”, porque se refere somente à interpretação de minha pessoa.

3.3.18 O PRISCILIANISMO

P129 – O que pregava o “priscilianismo”?

J – O “priscilianismo” foi a doutrina cristológica defendida no último quartel do século IV (entre os anos 370-375), por Prisciliano, sacerdote espanhol, o primeiro “herege” condenado à morte, porque afirmava que a

minha humanidade não era real e porque era acusado de prática de magia, visto que a magia estava entre os crimes mais detestados pelos imperadores “cristãos” (cf. FRANGIOTTI, p. 107-108). “O imperador, querendo agradar a maioria dos bispos, ordenou que Prisciliano, Encrória e mais dois discípulos fossem decapitados. Isso se deu em 385” (id. ibid., p. 110).

3.3.19 O PELAGIANISMO

P130 – Jesus, o que ensinava o “pelagianismo”?

J – O “pelagianismo”, fundado no início do século V (no ano 410), pelo monge Pelágio, negava, com muita razão, a doutrina mítica do “pecado original” transmissível e afirmava que o homem não precisa da graça para a sua salvação. Fazer o bem só depende de nosso querer, dizia ele. Tudo depende de nós. Santo Agostinho protestou duramente contra a doutrina correta de Pelágio, defendendo a tese oposta de que

o homem, pelo pecado herdado de Adão, já não é capaz de fazer o bem sem ajuda imediata da graça e que, pelo batismo, freia-se a tendência ao mal, e o homem fica, por completo, e em todos os aspectos, aberto à graça de Deus (FRANGIOTTI, p. 115).

No ano 411, Pelágio conseguiu vários simpatizantes para sua doutrina, entre os quais, Celestino, na África, e um bispo chamado João, na Palestina. Mas, como nos informa o escritor Roque Frangiotti (ibid.),

em 27 de janeiro de 417, o Papa Inocêncio I, ouvindo as opiniões dos adversários de Pelágio e lendo as conclusões dos sínodos já realizados, condena mais uma vez Pelágio e Celestino à excomunhão.

Conforme esclarece o teólogo e ex-padre Franz GRIESE (cf. GRIESE, 1957, p. 138-140), foi, portanto, Santo Agostinho, de Hipona, África (354-430), quem criou (no ano 418) a doutrina cristã dogmática e mítica do “pecado original”, baseando-se num tremendo erro de tradução latina do original grego de um versículo da Epístola de São Paulo aos Romanos (Rm 5,12), pois Santo Agostinho – considerado um dos maiores filósofos e teólogos do cristianismo mítico – ao interpretar a Epístola de São Paulo aos Romanos, usava um texto latino que era uma péssima tradução do original grego, como na tradução errônea do presente versículo (Rm 5,12) que deu origem ao dogma mítico do “pecado original” :

(...) naquele versículo básico “por um homem (Adão), veio o pecado ao mundo, e, pelo pecado, a morte; e assim a morte passou a todos os homens, porque todos **nele** (Adão) pecaram” (Rm 5,12), a expressão **nele**

não se encontra no texto original [grego]. O tradutor do texto latino, equivocadamente, havia traduzido o original grego “ef ho” por “nele”, enquanto “ef ho” significa “porque”. Logo, a verdadeira tradução do original é a seguinte: “Por um homem, chegou o pecado ao mundo, e, pelo pecado, a morte, e a morte passou por isso a todos os homens, **porque** todos pecaram” (GRIESE, p. 139-140) (negrito meu).

O ex-padre católico Franz GRIESE argumenta que o referido versículo, portanto, não afirma que todos os homens pecaram “em Adão”, mas apenas que todos os homens pecaram, cada um **pessoalmente**, e não por herança de nossos supostos primeiros pais. GRIESE afirma que esse erro de tradução foi reconhecido posteriormente pela cúpula da Igreja Católica, mas já era tarde demais, porque a doutrina do “pecado original”, baseada nesse erro de tradução, já havia sido declarada dogma de fé e, como tal, não poderia mais ser revisada, pois dogma de fé (mesmo que pareça absurdo e seja contraditado pela razão, pela ciência e pela “fé raciocinada”) é, para os cristãos dogmáticos, verdade absoluta, proclamada solenemente pelo papa, o qual é considerado infalível, quando proclama um dogma de fé. Alterar um dogma de fé equivaleria a um suicídio (cf. GRIESE, p. 138-139).

A doutrina do “pecado original” é um dos dogmas ou mitos fundamentais da teologia cristã. É a base dos dogmas míticos da redenção e do batismo das crianças. Se esse dogma é falso, como, de fato, o é, caem automaticamente por terra o dogma (ou mito) da redenção pelo meu sangue derramado na cruz e o do batismo das crianças (para mais detalhes sobre o “pecado original”, ver tema 4.55.)

3.3.20 O NESTORIANISMO

P131 – Jesus, o que defendia (e o que negava) o “nestorianismo”?

J – O “nestorianismo”, fundado no primeiro quartel do século V, por Nestório, monge de Antioquia, defendia a existência em mim de duas pessoas (a divina e a humana) e de duas filiações (a divina e a humana). Essa teoria, conforme esclarecem os autores do DER,

redundava na negação da maternidade divina de Maria. Segundo Nestório, a divindade e a humanidade não estavam unidas como num só sujeito pessoal, no ser terreno, que tinha começado a existir no seio da Virgem Maria, desde o momento da Anunciação (DER, verbete **nestorianismo**).

Nestório, portanto, negava, com razão, que minha mãe, Maria, fosse “Mãe de Deus”, pois Deus não pode ter mãe. E, além de nenhuma mulher

poder ser “Mãe de Deus”, todas as mulheres (incluindo minha mãe) só podem ser mãe do corpo, e não do espírito (ou alma) de alguém (o espírito vem de Deus). Nestório, num de seus sermões afirmava:

Ninguém venha me dizer que Maria é mãe de Deus; ela foi mulher, e **Deus não pode nascer de mulher; sustentar o contrário é imitar os pagãos que dão uma mãe às suas divindades** (apud FRANGIOTTI, p. 127-128) (negrito meu).

Nestório foi condenado pelo 3º Concílio Ecumênico, realizado em Éfeso, em 431, e, porque se recusou a submeter-se às definições dogmáticas desse concílio, foi enviado para o exílio, onde morreu.

3.3.21 O MONOFISISMO

P132 – O que defendia o “monofisismo”?

J – O “monofisismo” (de *mónos* = *um só*, *único* e *fýsis* = *natureza*), fundado no século V, pelo monge alexandrino Êutiques, defendia que eu tinha uma única natureza, a divina. O monofisismo foi condenado pelo Concílio de Calcedônia, em 451, que definiu o dogma das **duas naturezas em mim (a divina e a humana)**, mas **uma só pessoa divina** (cf. DER, verbete **monofisismo**). O monofisismo causou uma divisão entre os cristãos, dando origem à Igreja Copta, ou seja, à igreja cristã ortodoxa do Egito, que tem, hoje, cerca de 8 milhões de fiéis (cf. VIEIRA, 2004, p. 8). “As Igrejas nacionais do Egito e da Síria professam também o monofisismo” (DER, verbete **monofisismo**).

3.3.22 O MONOTELISMO

P133 – Jesus, o que é o “monotelismo”?

J – O “monotelismo”, surgido no século VII, por Sérgio, patriarca de Constantinopla, como desdobramento do monofisismo (cf. DER, verbete **monotelismo**), sustentava o argumento de que em mim há uma só vontade, uma só ação e uma só pessoa (divina). Abandona, como faz o monofisismo, o conceito de duas “naturezas” em mim. O Papa Honório I foi condenado como herético porque apoiou a tese monotelista (cf. FRANGIOTTI, p. 154). O VI Concílio Ecumênico (3º de Constantinopla), em 680 d.C., definiu a controvérsia, ao concordar que eu tinha **duas vontades, a divina e a humana**.

Em resumo, depois desses 22 conflitos cristológicos acerca da interpretação de minha pessoa, a Igreja tomou as seguintes decisões

dogmáticas e míticas sobre minha identidade: uma só pessoa divina (Segunda Pessoa da Santíssima Trindade), com duas naturezas (a divina e a humana) e duas vontades (a divina e a humana).

Ao encerrar essa lista de 22 conflitos ideológicos, quase todos em torno da interpretação de minha verdadeira identidade ou natureza, gostaria de fazer a seguinte reflexão: há de ter ficado claro que os 22 conflitos doutrinários dentro do cristianismo antigo (séculos I-VII) que acabei de resumir nas respostas das últimas vinte e duas perguntas, causadores de tantas brigas e divisões no cristianismo primitivo, com largas repercussões até hoje, foram quase todos motivados por questões acerca da natureza de Deus e/ou de minha *pessoa*, apesar do fato de que eu, ao longo de minha vida terrena, enfatizei muito mais a minha **mensagem de amor** do que a mim mesmo (cf. FRANGIOTTI, p. 22).

Toda essa preocupação cristológica demasiada e inútil em definir a minha pessoa teria rendido melhores frutos se os cristãos tivessem valorizado mais a minha mensagem de amor, paz e fraternidade. De que adiantaram os dogmas exclusivistas e míticos sobre a minha identidade, se os cristãos ainda hoje não se entendem, mesmo depois de dois mil anos de cristianismo? Por que eles ainda vivem tão desunidos? Não será porque eles ainda não entenderam que **a verdadeira religião é a vivência do amor, e não a crença em mitos e em dogmas teológicos?**

Do século VIII ao século X, os conflitos ideológicos dentro do cristianismo foram reduzidos sem muita expressão, certamente porque os dissidentes tinham muito medo das severas condenações, por parte dos concílios, sobre quem tentasse discordar de algum dogma proclamado. Mas, ainda assim, novos conflitos e novas divisões continuaram a existir, gerando **a primeira grande divisão do cristianismo**, ou seja, **a grande ruptura entre o Oriente e o Ocidente**.

3.4 A PRIMEIRA GRANDE DIVISÃO DO CRISTIANISMO

P134 – Jesus, quando ocorreu a primeira grande divisão do cristianismo?

J – A primeira grande divisão do cristianismo, o cisma entre o Oriente e o Ocidente, ocorreu, definitivamente, no século XI, em 1054, mas as relações entre Constantinopla e Roma já vinham sendo atritadas desde o século IX, tempo em que houve grandes desentendimentos entre os patriarcas (sobretudo Fócio) e os papas (cf. DER, verbete **Fócio**).

É preciso saber que, com a divisão do Império Romano em Ocidental e Oriental, o cristianismo passou também a ter duas sedes – Roma e Constantinopla – respectivamente lideradas pelos papas e pelos patriarcas. Desde o século IX, com o patriarca Fócio, as duas sedes começaram a se digladiar, cada uma definindo-se como o verdadeiro cristianismo e cada uma censurando a outra como “herética”, o que resultou no grande cisma entre o Oriente e o Ocidente (séc. XI).

3.4.1 A CIDADE (OU SEDE) CRISTÃ QUE PROMOVEU A PRIMEIRA GRANDE DIVISÃO DO CRISTIANISMO

P135 – Jesus, qual foi a cidade (ou sede) cristã que promoveu a primeira grande divisão do cristianismo?

J – Na visão oriental, foi Roma, mas, na visão ocidental, foi Constantinopla, mediante seu patriarca **Miguel Cerulário**, o qual, segundo os autores do DER,

acusa os latinos de se terem afastado da tradição apostólica nos seguintes pontos: os ázimos, o jejum do sábado, a abstinência, o rito do batismo, o culto das imagens, o filioque e o primado romano. Já em 1050 censurava os latinos como “heréticos”. Por mandado seu foram fechadas em 1053 as igrejas dos latinos em Constantinopla e seus mosteiros confiscados. A acusação principal contra eles era que na comunhão empregavam pão ázimo, como era costume no Ocidente, desde o fim do século VIII. Cerulário respondeu à excomunhão dos latinos também com a excomunhão. O ato oficial do cisma se deu em 1054 (DER, verbete **Cerulário, Miguel**).

3.4.2 OS CRISTÃOS ORTODOXOS

P136 – Jesus, quem são os “cristãos ortodoxos”?

J – Os “cristãos ortodoxos” (atualmente cerca de trezentos milhões de adeptos) incluem sobretudo os Gregos ortodoxos e os Russos ortodoxos. Eles são também chamados “católicos orientais”.

Os cristãos ortodoxos tinham originalmente quatro sedes ou patriarcados: em Constantinopla, Alexandria, Antioquia e Jerusalém.

Atualmente,

a comunidade oriental engloba os antigos patriarcados de Alexandria, Antioquia e Jerusalém, além das igrejas ortodoxas de Chipre, [Ex-]União Soviética, Romênia, Iugoslávia, Grécia, Bulgária, Albânia, Finlândia e Checoslováquia. Seu líder é o patriarca ecumênico de Constantinopla,

mas sua autoridade direta está limitada aos assuntos de sua própria igreja (DER, verbete **Igrejas ortodoxas**).

3.4.3 O MOTIVO TEOLÓGICO PRINCIPAL DO GRANDE CISMA

P137 – Jesus, qual foi o motivo teológico principal do grande cisma entre o Oriente e o Ocidente?

J – Pinheiro, por incrível que pareça, o motivo teológico principal da primeira grande divisão do cristianismo foi uma divergência doutrinária com relação à Trindade, mais especificamente acerca da natureza do Espírito Santo. Trata-se, nas palavras de Albert Samuel, da

célebre questão do *Filioque*. Ela foi aberta em 794 por Carlos Magno, que pediu a inclusão no credo de Niceia (325) da fórmula *Filioque: credo in Spiritum Sanctum, qui ex Patre Filioque procedit* ('creio no Espírito Santo, que procede do Pai e do Filho') (SAMUEL, 1997, p. 210).

As igrejas orientais se opuseram a essa modificação por três motivos principais. Em primeiro lugar, seria proibido modificar o que já fora dogmaticamente definido em concílios anteriores, proibição essa votada em Constantinopla, em 381, e retomada em Éfeso, em 431. Em segundo lugar, a modificação romperia com o equilíbrio da Trindade, em detrimento do Espírito Santo, reconhecido como terceira pessoa divina no Concílio de Constantinopla (381). Em terceiro lugar, o *Filioque* está em desacordo com Jo 15,26 ("Quando vier o Paráclito, que vos enviarei de junto do Pai, o Espírito da Verdade, que vem do Pai, ele dará testemunho de mim"). A versão satisfatória, portanto, para os cristãos ortodoxos, deveria ser: "[Creio] no Espírito Santo, que procede do Pai e é enviado ao Filho" (SAMUEL, *ibid.*).

Os católicos romanos preferiram, mesmo assim, introduzir a modificação ao credo niceno-constantinopolitano e acrescentaram a palavrinha "*Filioque*" ("o Espírito Santo procede do Pai e do Filho").

Em síntese, para os católicos ortodoxos, "há relação mútua entre o Espírito e o Filho, e não dependência do primeiro em relação ao segundo" (SAMUEL, *ibid.*). Já para os católicos romanos, o Espírito Santo passou dessa época em diante a proceder também do Filho (*filioque*), e não apenas do Pai, como tinha sido determinado em concílios anteriores (cf. DER, verbete **Igrejas ortodoxas**).

Foi essa controvérsia teológica a causa principal da divisão entre católicos romanos e católicos orientais, cada ala lançando anátemas

contra a outra, tachando-a de “herética” e de traidora da verdadeira tradição apostólica.

Desde então, durante quase um milênio, houve duas ramificações principais da Cristandade, sendo que cada uma alegava ser a única igreja apostólica verdadeira, tanto católica, quanto ortodoxa. [...] Cada uma considera a outra cismática, que se separou da única igreja verdadeira, santa, católica e ortodoxa (OLSON, p. 256).

Como explica Dom Estêvão Tavares Bettencourt, os católicos orientais chamam-se “ortodoxos” porque alegam sempre ter mantido a “reta doutrina” (ortodoxia) (cf. BETTENCOURT, 1999, p. 18). Por isso, eles sempre se consideraram os “verdadeiros cristãos”. Para eles, “foi a Igreja Católica que se separou da verdadeira Igreja Apostólica, permitindo infiltrações de ordem filosófica (pensamento grego) e política (concepção jurídica romana)” (DER, verbete **Igreja Católica Apostólica Ortodoxa**).

Parece inacreditável que uma disputa sobre a Trindade tenha sido a causa teológica principal de uma divisão tão séria dentro do cristianismo, divisão essa que já conta com quase mil anos, tendo cada ala excomungado a ala oposta.

As excomunhões recíprocas foram, contudo, anuladas por ocasião do Concílio Vaticano II, quando “em 1965 [portanto 911 anos depois da grande divisão], após um encontro no monte das Oliveiras, o patriarca Atenágoras I e o Papa Paulo VI decidiram anular a excomunhão mútua decretada em 1054” (DER, verbete **igrejas ortodoxas**).

Além da divergência teológica principal acerca da procedência do Espírito Santo, “os ortodoxos não reconhecem a autoridade papal e negam o dogma da Imaculada Conceição” (id. *ibid.*). Além disso, “os padres ortodoxos podem casar-se antes de sua ordenação” (*ibid.*). Atualmente, “a Igreja Ortodoxa tem participação no movimento ecumênico, principalmente através do Conselho Mundial de Igrejas” (*ibid.*).

Mais uma vez, fica corroborada minha tese segundo a qual as divisões dentro do cristianismo foram causadas por motivos teológicos (e cristológicos), com pouca ou nenhuma relevância para a união e a vivência espiritual dos cristãos. Será que a crença de uns e de outros acerca da natureza do Espírito Santo faz alguma diferença essencial para o seu crescimento espiritual? Oxalá o diálogo ecumênico entre as duas partes possa encontrar uma saída satisfatória para esse impasse doutrinário milenar acerca da identidade (ou natureza) do Espírito Santo.

Com exceção da divergência acerca da procedência do Espírito Santo,

a doutrina da Igreja Ortodoxa é idêntica à de Roma em tudo, só que não aceitam o papa como suprema e única autoridade da Igreja. Os bispos todos são iguais (WILGES, 1994, p. 80).

Quanto aos concílios ecumênicos, existe uma profunda divergência entre a Igreja de Roma e as Igrejas Ortodoxas: os ortodoxos

só aceitam os sete primeiros concílios e rejeitam os outros, pois aí não temos mais concílios de toda a cristandade, mas apenas concílios da Igreja de Roma. A Igreja Católica reconhece 21 concílios ecumênicos (id. *ibid.*).

Outra divergência entre católicos romanos e católicos ortodoxos, diz respeito ao celibato clerical: “O clero ortodoxo não tem o celibato obrigatório. Assim, o casado pode ser padre, mas o padre não pode se casar. A opção é livre” (id. *ibid.*).

Os cristãos ortodoxos, contrariamente aos católicos romanos, rejeitam a doutrina do purgatório e permitem o divórcio de seus fiéis.

Apesar dos grandes esforços demonstrados pelo Papa João Paulo II em reaproximar a Igreja Católica das igrejas ortodoxas, os cristãos ortodoxos fizeram-lhe grande resistência a essa reaproximação, principalmente os gregos e russos ortodoxos: durante a visita de João Paulo II à Grécia, país em que 95% da população é cristã ortodoxa, houve grandes manifestações de protestos do povo nas ruas, e João Paulo II nunca teve permissão de realizar seu sonho de visitar a Rússia.

3.5 CONFLITOS PRECURSORES DA REFORMA PROTESTANTE

P138 – Quantos e quais foram os principais conflitos que ocorreram no cristianismo durante o período entre as suas duas maiores divisões – o Cisma do Oriente (século XI) e a Reforma Protestante (século XVI)?

J – Durante esse período (séculos XI-XV), houve diversos conflitos de ordem político-ideológica no cristianismo, dentre os quais destaco os três seguintes: 1) as **Cruzadas**, guerras santas promovidas pelos cristãos contra os muçulmanos na Idade Média, que resultaram em milhares de mortes, entre os anos de 1095 a 1270, com a finalidade de reconquistar Jerusalém e o meu túmulo sob o poder dos muçulmanos; 2) o chamado **Cativeiro de Avinhão**, que durou 68 anos – de 1309 a 1377 – período em que seis papas se sujeitaram a morar em Avinhão, na França; 3) o chamado **Cisma do Ocidente**, conflito mais político do que religioso, ocorrido entre o último quartel do século XIV e o início do século XV (de 1378 a 1415), quando, ao lado dos papas legítimos, com

sede em Roma, deu-se início a uma série de antipapas, com sede em Avinhão, por exigência de Carlos V, rei da França, que “queria manter o governo da Igreja atrelado à França” (CECHINATO, p. 208), situação essa que durou 37 anos.

Além desses três conflitos ideológicos, houve, nesse mesmo período (séculos XI-XV), outros conflitos no cristianismo, dentre os quais destaco os cinco seguintes: 1) conflitos causados pela instituição da **Inquisição**; 2) conflitos causados pelos **cátaros e albigenes**; 3) conflitos causados pelos **valdenses**; 4) conflitos causados por **John Wycliff** e 5) conflitos causados por **Jan Huss**. Convém abordarmos, brevemente, cada um desses cinco conflitos ideológicos.

3.5.1 A INQUISIÇÃO

P139 – Jesus, o que foi a Inquisição, e quais foram alguns dos principais conflitos ideológicos causados por essa instituição?

J – A **Inquisição**, Pinheiro, foi uma instituição católica que teve muita relação com as “heresias”, ou seja, com “a negação de uma ou mais verdades da fé” (CECHINATO, *ibid.*, p. 64). Essa instituição católica foi responsável pelo extermínio de muita gente (em nome de Deus e da “verdadeira fé!”). A partir do século XII (precisamente em 1184) foi instituída a chamada “Santa Inquisição”, tribunal eclesiástico para preservação e defesa da religião católica, órgão permanente de investigação e combate às heresias, com a pena de morte para quem ousasse discordar de alguma verdade da Igreja Católica. Foi, sem dúvida alguma, a época mais terrível na história do catolicismo. A fé havia que ser mantida pela coerção. As discordâncias religiosas eram abafadas por ameaças de excomunhão, tortura ou até de morte. Quem fosse declarado culpado, além de ter seus bens confiscados, era executado no garrote ou na fogueira em praça pública (cf. DER, verbete **Inquisição**).

O emprego da tortura foi oficialmente sancionado pelo Papa Inocêncio IV em 1252. No ano de 1480, a Inquisição se instalou na Espanha e em 1540 em Portugal. Calcula-se que mais de quarenta mil “hereges” foram queimados nestas duas inquisições. Mas, em nenhum país, a Inquisição conseguiu suprimir totalmente as “heresias”. A verdade histórica é que, apesar do emprego de todos os meios de tortura contra os “hereges”, “nunca houve unidade perfeita entre os cristãos” (OLSON, 2001, p. 608).

3.5.2 OS CÁTAROS E ALBIGENSES

P140 – Quem são os cátaros e albigenses e quais foram os principais conflitos ideológicos causados por suas ideias (séc. XI-XII)?

J – Os cátaros e albigenses são membros de uma seita cristã, conhecida também por “catarismo”, que existiu nos séculos XI-XII, inicialmente na Macedônia, e se espalhou depois pela França, Alemanha, Flandres, Itália, Bósnia, Bulgária e Império Bizantino (cf. DER, verbetes **albigenses/cátaros**). O termo “cátaro” – atribuído aos membros dessa seita pelos seus exterminadores – significa “puro”, “correto”, “perfeito”, dado que os cátaros procuravam viver pura e corretamente, segundo os valores autenticamente cristãos. O termo “albigenses” é derivado de Albi, região do sul da França que aderiu ao movimento cátaro. Foi precisamente essa seita cristã que motivou a Igreja a instituir a Inquisição, tendo sido os cátaros as primeiras vítimas dessa terrível instituição.

Para uma profunda análise da história e do extermínio cruel dos cátaros, numa visão espírita, nada melhor que a leitura do livro de Hermínio C. Miranda – *Os Cátaros e a Heresia Católica* (MIRANDA, 2002) – em que o autor contesta a versão oficial da Igreja, segundo a qual o catarismo teria sido uma “heresia maniqueísta”, e defende – numa inversão da visão tradicional – o argumento de que os *heréticos* foram os exterminadores (os católicos), e não os exterminados (os cátaros), pois, nas corretas palavras desse mesmo autor,

o que os cátaros desejavam era precisamente resgatar os ensinamentos do Cristo há muito tempo soterrados em considerável massa de entulho deformador e de pesados interesses terrenos.[...] Os cátaros tentaram voltar às origens para resgatar a pureza primitiva do verdadeiro cristianismo (id. *ibid.*, p. 27).

Segundo esse mesmo autor espírita, o sucesso da heresia cátara foi atribuída aos esforços pessoais do monge apóstata e herético – precursor do protestantismo – Henri de Lausanne: “O silêncio e a maldição – comenta Vacandard [...] – caíram sobre seu nome, até o dia em que o protestantismo reabilitou sua memória, saudando nele um precursor da reforma” (*ibid.*, p. 54-57).

3.5.3 OS VALDENSES

P141 – Quem são os valdenses e quais foram os conflitos ideológicos causados pela doutrina adotada por eles (séc. XII)?

J – Os valdenses são uma seita fundada por Pedro Valdes de Lyon em 1176, considerada embrião da Reforma Protestante. Seus membros

levavam à prática mais austera a pobreza evangélica e se opunham aos costumes eclesiásticos da época. Chamam-se também “pobres de Lyon” ou “lionenses”. [...] Pouco a pouco afastaram-se da Igreja, fragmentando-se e difundindo doutrinas heterodoxas. Sua doutrina distinguia-se pelo “biblicismo” integral, a rejeição do culto dos santos, da missa, da confissão e de numerosos sacramentos. [...] Emigraram para a Itália, Alemanha, Flandres, Espanha, França. Muitos adotaram as ideias de Wicliff ou de Jan Huss (DER, verbete **valdenses**).

3.5.4 JOHN WYCLIFF

P142 – Jesus, quem foi John Wycliff e quais foram os principais conflitos ideológicos causados por suas ideias (séc. XIV)?

J – John Wycliff (1320-1384) – padre inglês – foi o verdadeiro precursor da Reforma Protestante (cf. DER, verbete **Wycliff, John**). Ele foi, de fato, chamado de “o primeiro protestante”, porque

rompeu seus laços com a hierarquia eclesiástica, condenando todos os papas. Traduziu a Bíblia para o inglês e passou a pregar em inglês. Condenado pelos teólogos de Oxford, Wycliff pediu a proteção do rei. Este, porém, necessitando do apoio da Igreja para reprimir a revolta dos camponeses (1381) abandonou-o à sua sorte. Suas obras foram consideradas heréticas e Wycliff foi obrigado a retratar-se. Precursor teórico da religião nacional da Inglaterra, Wycliff deixou numerosas obras (ibid.).

3.5.5 JAN HUSS

P143 – Quem foi Jan Huss e quais foram os principais conflitos religiosos causados por sua rebeldia (séc. XIV-XV)?

J – Jan Huss (1369?-1415), lente de filosofia da Universidade de Praga (1396), e pregador na capela de Belém da mesma cidade (1402), é outro precursor do protestantismo, fiel discípulo de Wycliff, mas que não teve o mesmo sucesso de seu mestre, porquanto foi condenado à pena de morte pela Igreja e queimado vivo na fogueira, como “herege” pertinaz, no dia 6 de julho de 1415 (cf. DER, verbete **Jan Huss**).

3.6 A SEGUNDA MAIOR DIVISÃO DO CRISTIANISMO: O PROTESTANTISMO E SUAS PRINCIPAIS RAMIFICAÇÕES

P144 – Jesus, quando ocorreu a segunda maior divisão do cristianismo e quais foram as suas principais ramificações?

J – A segunda maior divisão do cristianismo ocorreu na primeira metade do século XVI, com a Reforma Protestante ou Protestantismo na sua tríplice divisão: **luteranismo** (1517), **calvinismo** (1536) e **anglicanismo** (1534), e com as múltiplas ramificações que se originaram dessas três alas principais do protestantismo.

3.6.1 PONTOS CONVERGENTES E DIVERGENTES ENTRE CATÓLICOS E PROTESTANTES

P145 – Jesus, quais são os principais pontos doutrinários convergentes e divergentes entre católicos e protestantes?

J – Apesar do forte rompimento causado pela Reforma, católicos e protestantes (não liberais), embora fragmentados em muitas igrejas, denominações e/ou seitas, estão, contudo, unidos, em sua maioria, por alguns dogmas comuns:

- batismo;
- minha suposta divindade;
- trindade;
- redenção pelo meu sangue;
- ressurreição da carne;
- crença em penas eternas;
- inerrância da Bíblia/Palavra de Deus etc.

O protestantismo rompeu, porém, com vários pontos doutrinários fundamentais para o catolicismo, entre os quais posso mencionar os seguintes:

- o primado e a infalibilidade do papa;
- o magistério da Igreja;
- o valor da tradição;
- a maioria dos sacramentos (exceção feita ao batismo e à ceia);
- o culto aos santos;
- o purgatório;
- as imagens.

Como podemos observar, os pontos doutrinários convergentes e divergentes entre católicos e protestantes (não liberais) não se restringem, quase que exclusivamente, à interpretação de minha pessoa, como ocorreu nos primeiros sete séculos do cristianismo. Católicos e protestantes estão, de modo geral, unidos quanto à natureza essencial do “Cristo da fé”, exceção feita aos protestantes liberais e a vários teólogos cristãos pluralistas, os quais questionam e rejeitam os dogmas

essenciais do cristianismo convencional, como a minha suposta natureza divina e, conseqüentemente, a trindade, o pecado original, o batismo, a redenção e outros dogmas menores. Mas as divergências comuns a todos os protestantes, em relação aos católicos, referem-se, sobretudo, à autoridade e ao magistério da Igreja Católica, aos sacramentos, ao culto dos santos, à crença no purgatório etc.

Os reformadores protestantes argumentavam que o cristianismo tinha se corrompido e que era necessário que ele voltasse à sua pureza primitiva. Defendiam a tese de que a Bíblia é a única fonte de fé e, por isso, não necessitam da Tradição nem do Magistério da Igreja Católica.

3.6.2 O LUTERANISMO

P146 – Jesus, como o Senhor descreveria resumidamente o “luteranismo”?

J – O “luteranismo” é a doutrina do frade e reformador alemão, Martinho Lutero (1483-1546), que rompeu definitivamente com o catolicismo, em 1517. Dentre os vários motivos para o cisma entre ele e a Igreja Católica, deve-se mencionar o seu aborrecimento com as vendas de indulgências por parte da Igreja Católica (“garantias de entrada certa no céu para quem contribuísse financeiramente com a Igreja”).

Com o objetivo, então, de reformar o catolicismo romano, Lutero, em 31 de outubro de 1517,

lançou seu brado de protesto contra a doutrina e a disciplina da Igreja Católica, afixando à porta da igreja de Wittenberg, conforme o costume das disputas acadêmicas, uma lista de 95 teses, em latim, a respeito do primado do papa e de temas conexos (BETTENCOURT, p. 24).

Apesar de Lutero ter sido excomungado pela Igreja Católica, em 1530, a sua reforma rapidamente se espalhou pela Europa e foi bem aceita sobretudo na Alemanha, França, Suíça e Inglaterra, como também na Dinamarca, Noruega, Suécia e Islândia. Na Suíça, a reforma foi propagada por Zwinglio e na França por João Calvino, fundador do calvinismo.

Doutrinariamente, a Reforma luterana baseia-se na exclusividade da fé (*sola fides*), como resposta ao anúncio do Evangelho. Desvalorizam-se as mediações da Igreja. O sacerdócio é igual para todos. Os únicos sacramentos são o batismo e a ceia. Rejeita o episcopado sacramental e o papado. Condena as práticas exteriores (DER, verbete **Reforma Protestante**).

Quanto à doutrina da “ceia eucarística”, os luteranos (diferentemente dos católicos) não a veem como sacrifício, nem acreditam em *transubstanciação* (a suposta mudança de substância do pão e do vinho em meu corpo e sangue), mas em *consubstanciação* (a coexistência da substância do pão e do vinho com a substância do meu corpo e sangue).

Como relata Frances Young (cf. YOUNG, 1977, p. 35), na época da Reforma protestante, reinou grande controvérsia sobre o modo exato como o pão e o vinho eucarísticos seriam (supostamente) o meu corpo e sangue. Um lado queria interpretar o pão e o vinho eucarísticos simbolicamente, enquanto o outro queria interpretá-los literalmente. Uma explicação do sentido literal, de acordo com a ‘ciência’ da época, afirmava que a *substância* subjacente do pão e do vinho transformava-se no meu corpo e no meu sangue (*transubstanciação*), enquanto os *acidentes* continuavam a ser os de pão e vinho.

Na avaliação crítica de Frances Young, essa explicação do sentido literal da *transubstanciação eucarística* deixa de ter qualquer valor quando pensamos não em termos de *substância* e *acidentes*, mas em termos de *moléculas*, *átomos*, *elétrons* e *núcleos* (cf. YOUNG, *ibid.*). A causa desse debate, conforme Young, está na confusão entre ‘mito’ e ‘ciência’. Que, em algum sentido real, o pão e o vinho representem o meu corpo e o meu sangue é o que tem defendido a tradição cristã, mas em nada ajuda a essa fé católica dogmática e mítica a tentativa de querer interpretá-la literal e cientificamente, pois, **“quando a ciência se torna ultrapassada, o mito fica comprometido”** (id. *ibid.*) (negrito meu).

Objecções contra a *transubstanciação* eucarística sempre existiram ao longo da história do cristianismo. Dois autores anticatólicos mais conhecidos – Celso, no século II, e Porfírio, no século III – já atacavam essa doutrina, afirmando que **“mesmo compreendida alegoricamente, a Eucaristia permanece um rito antropofágico”** (apud COMBY, p. 35) (negrito meu).

3.6.2.1 DESAFIOS PARA O DIÁLOGO ECUMÊNICO ENTRE LUTERANOS E CATÓLICOS

P147 – Jesus, quais são os principais desafios para o diálogo ecumênico entre luteranos e católicos?

J – Entre os principais desafios para o diálogo ecumênico entre luteranos e católicos, posso mencionar os seguintes:

- a negação luterana da autoridade do papa e dos bispos;
- a rejeição luterana do magistério da Igreja;
- a exclusividade luterana da Bíblia como norma de fé;
- a doutrina luterana acerca da inutilidade do sacramento da ordem;
- a doutrina da ceia que não é vista como sacrifício (como para os católicos), nem como *transsubstanciação*, mas como *consustanciação*;
- a negação luterana da confissão e do casamento como sacramentos;
- a negação do purgatório;
- a abolição do celibato clerical;
- a não aceitação de Maria como Mãe de Deus;
- a proibição luterana de invocar os santos (pelo motivo de ser o “Cristo luterano” o único mediador entre o céu e a terra).

Como podemos observar, apesar dos pontos convergentes, vistos anteriormente, entre católicos e protestantes, os pontos doutrinários divergentes não deixam de constituir sérios desafios para o diálogo ecumênico doutrinário entre essas duas grandes divisões do cristianismo.

3.6.3 O CALVINISMO

P148 – Jesus, como o Senhor resumiria o “calvinismo”?

J – O “calvinismo” é a doutrina protestante defendida por João Calvino (1509-1564), filho de padre, nascido na França, mas domiciliado em Genebra (centro principal do calvinismo). Calvino é o fundador, juntamente com seu colaborador Zwinglio, padre católico suíço, da denominação protestante conhecida como “calvinismo”, ou também “presbiterianismo” (Igrejas Presbiterianas, ou Igrejas Reformadas segundo a palavra de Deus) (cf. DER, verbete **Igrejas Reformadas**).

Embora educados na religião católica, Calvino e Zwinglio deixaram-se influenciar pela Reforma de Lutero e combateram fortemente vários dogmas católicos, negando, por exemplo, a autoridade do papa, o culto aos santos, a missa e a maioria dos sacramentos, reconhecendo apenas o batismo e a ceia, mas negando o dogma católico de minha suposta presença real e física na Eucaristia.

A teologia calvinista, conforme elucida Dom Estêvão Bettencourt,

embora se assemelhasse à de Lutero, tem seu **ponto característico no conceito de Deus. Colocou a ênfase sobre a majestade divina, a ponto de dizer que há duas predestinações: uma para a salvação e outra, explícita, para a condenação eterna** (BETTENCOURT, p. 30) (negrito meu).

Grifei nesta citação a afirmação segundo a qual a teologia calvinista **“tem seu ponto característico no conceito de Deus”**, o que prova como o conceito da divindade tem sido uma preocupação constante ao longo da história do cristianismo. Grifei também a afirmação sobre a teologia calvinista da “predestinação”, segundo a qual **“há duas predestinações: uma para a salvação e outra, explícita, para a condenação eterna”**. Em outros termos, segundo essa teologia calvinista, Deus já predestinou, ou seja, já escolheu, desde toda a eternidade, aqueles que irão se salvar e aqueles que irão para a condenação eterna. Essa tese calvinista, apoiada na **teologia paulina**, é obviamente incompatível com a ideia que defendi durante minha vida terrena de um Deus infinitamente inteligente, justo e misericordioso.

O calvinismo também criou um tribunal semelhante ao da Santa Inquisição para julgar e condenar os culpados que persistissem no erro. “Este proferiu, de 1541 a 1546, 58 sentenças de morte; a tortura era aplicada com frequência” (BETTENCOURT, *ibid.*).

Em outras palavras, à semelhança dos adversários do catolicismo, os adversários do calvinismo também sofriam duras penas. Assim, por exemplo,

o médico Jerônimo Bolsec, proveniente de Paris, que ousara sublevar-se contra a doutrina de Calvino sobre a predestinação, foi exilado em 1551; o humanista e médico espanhol Miguel Servet foi queimado vivo em 27/10/1553 por ter negado o dogma da Santíssima Trindade (*id. ibid.*, p. 31).

Os calvinistas eram chamados, na França, de *huguenotes* e, nos EUA, de *puritanos*. A propósito dos huguenotes, convém lembrar, mais uma vez, a pavorosa matança da Noite de São Bartolomeu (24 de agosto de 1572), em que, numa única noite, foram mortos mais de três mil huguenotes, massacrados por uma facção de ultracatólicos (cf. BURNS et al., 1998, p. 398-399).

Como entender que irmãos que se dizem “cristãos” matem uns aos outros em nome de Deus e da religião? Como conciliar essas matanças entre os próprios cristãos com o amor que lhes ensinei?

3.6.3.1 DESAFIOS PARA O DIÁLOGO ECUMÊNICO ENTRE CALVINISTAS E CATÓLICOS

P149 – Jesus, quais são os principais desafios para o diálogo ecumênico entre calvinistas e católicos?

J – Dentre os principais desafios para o diálogo ecumênico entre calvinistas e católicos, destaco os seguintes:

- a doutrina calvinista da predestinação;
- a negação calvinista do primado e da infalibilidade do papa;
- a rejeição calvinista do culto a Maria e aos santos;
- a doutrina da transubstanciação (para o calvinismo, a minha presença na Eucaristia é real e espiritual, mas não física, como para os católicos).

3.6.4 O ANGLICANISMO

P150 – Jesus, o que é o “anglicanismo”?

J – O “anglicanismo” é o nome pelo qual a Reforma Protestante ficou conhecida na Inglaterra, chamada também de “Igreja Oficial da Inglaterra”, instituída pelo rei Henrique VIII (1491-1547), cuja separação oficial do catolicismo romano se deu no ano 1534, sendo o motivo principal o fato de o papa não ter permitido que Henrique VIII se divorciasse e casasse de novo.

O anglicanismo adotou princípios do luteranismo e do calvinismo, mas conservou praticamente a mesma liturgia e hierarquia eclesiástica da Igreja Romana, sem reconhecer, porém, o primado do papa. O supremo chefe da Igreja Anglicana é o rei da Inglaterra.

Os católicos afirmam que os anglicanos não têm o verdadeiro sacerdócio, por isso não há verdadeira Eucaristia. É um ponto que está sendo atualmente muito discutido nos encontros ecumênicos. A Igreja Anglicana participa dos encontros ecumênicos, pelos quais tem muito interesse e abertura. A aprovação recente da ordenação sacerdotal também para mulheres dificultou mais o diálogo. Os anglicanos, entre os protestantes, são os mais achegados à Igreja Católica (WILGES, p. 88-89).

O anglicanismo aceita a tese do protestantismo ortodoxo de que a Bíblia contém tudo o que é necessário para a salvação.

3.6.4.1 DESAFIOS PARA O DIÁLOGO ECUMÊNICO ENTRE ANGLICANOS E CATÓLICOS

P151 – Quais são os principais desafios para o diálogo ecumênico entre anglicanos e católicos?

J – Dentre os principais desafios, destaco os seguintes:

- a rejeição anglicana do primado e infalibilidade do papa;
- a autoridade da Bíblia;
- a validade do sacramento da ordem;
- a validade da Eucaristia;
- a ordenação sacerdotal de mulheres.

3.6.5 OS BATISTAS

P152 – Quem são os “batistas” e quais são as teorias sobre a sua origem?

J – Os “batistas”, Pinheiro, “por terem surgido na Inglaterra, podem ser considerados dissidência do anglicanismo” (GWERCMAN, 2004, p. 57). De acordo com Wilges (p. 89), há três teorias sobre a origem dos batistas. A primeira afirma que eles se originaram diretamente dos que foram batizados por João Batista no rio Jordão.

De acordo com a segunda teoria, eles se originaram dos **anabatistas**, “seita protestante do século XVI que condena o batismo das crianças e rebatiza os seus adeptos” (DER, verbete **anabatistas**). A terceira teoria, a mais difundida das três,

afirma que os batistas se originaram dos separatistas ingleses, cujos adeptos, via de regra, recebem o batismo em idade adulta, e isto pelo rito da imersão total do corpo na água (WILGES, p. 89).

Quanto à doutrina, os batistas seguem praticamente os mesmos princípios do protestantismo ortodoxo. Assim, nas palavras dos autores do DER, eles

condenam o batismo infantil e recusam qualquer estrutura eclesiástica, sendo de inspiração calvinista. Os batistas não admitem imagens, nem outros mediadores além de Jesus. Não admitem Maria como corredeira. Não há necessidade de obras meritórias que nos salvam, mas apenas manifestam a fé. A cruz, sempre vazia, é adotada em algumas igrejas. [...] Os batistas têm apenas dois sacramentos: batismo e ceia (DER, verbete **batistas**).

3.6.5.1 DESAFIOS PARA O DIÁLOGO ECUMÊNICO ENTRE BATISTAS E CATÓLICOS

P153 – Quais são os principais desafios para o diálogo ecumênico entre batistas e católicos?

J – Dentre os principais desafios para o diálogo ecumênico entre batistas e católicos, destaco os seguintes:

- o primado do papa;
- o culto a Maria e aos santos;
- a transubstanciação;
- o purgatório;
- a oração pelos mortos;

- o uso de imagens;
- a infalibilidade do papa;
- a maioria dos sacramentos;
- o batismo infantil;
- o sistema hierárquico do catolicismo.

3.6.6 O PENTECOSTALISMO

P154 – Jesus, o que é o “pentecostalismo”?

J – O “pentecostalismo” é uma corrente protestante que surgiu nos Estados Unidos, no início do século XX, oriunda das igrejas batistas, metodistas e outras (cf. DER, verbete **pentecostalismo**). Esse movimento é rotulado de “pentecostalismo” porque acredita poder repetir em suas assembleias todos os feitos miraculosos supostamente ocorridos com os apóstolos no Dia de Pentecostes, como falar em línguas, operar curas, milagres, entrar em estado de transe para comunicar-se com o Espírito Santo etc. Por isso, suas reuniões de culto são marcadas por um forte tom emocional, com orações feitas em línguas estranhas, clamor de vozes e verdadeiros estados de transe, em que há uma suposta manifestação do Espírito Santo em cada um dos fiéis para realizar imediatamente todo tipo de milagre.

3.6.6.1 CONFLITOS ENTRE O PENTECOSTALISMO E O PROTESTANTISMO HISTÓRICO

P155 – Quais são os principais conflitos ideológicos entre o “pentecostalismo” e o “protestantismo histórico”?

J – As igrejas ou seitas filiadas ao “pentecostalismo” são radicalmente “fundamentalistas”, isto é, acreditam que a Bíblia é infalível e, portanto, deve ser interpretada literalmente, diferentemente do “protestantismo histórico” (particularmente o “protestantismo liberal”), que não interpreta a Bíblia ao pé da letra e que vê nela muitos erros e contradições. Além disso, as igrejas e/ou seitas pentecostais acusam as igrejas protestantes “históricas”, isto é, as que estão diretamente ligadas a Lutero e a Calvino, de estarem ainda muito apegadas aos compromissos mundanos. Os protestantes “históricos”, por sua vez, criticam os pentecostais por suas práticas altamente emocionais e pela falta de formação teológica de seus líderes (cf. DER, verbete **pentecostais**). Quanto ao diálogo ecumênico, as igrejas pentecostais normalmente não querem saber de diálogo ecumênico e, muito menos ainda, de diálogo macroecumênico. Segundo o escritor Irineu Wilges,

a única denominação pentecostal que aceita o ecumenismo é a Igreja *O Brasil para Cristo*, que tem, em São Paulo, o maior templo pentecostal do mundo, com capacidade para 25 mil pessoas (WILGES, p. 107).

3.6.6.2 AS PRIMEIRAS IGREJAS PENTECOSTAIS NO BRASIL

P156 – Quais foram as primeiras igrejas pentecostais que vieram se instalar no Brasil?

J – As duas primeiras igrejas pentecostais que vieram se instalar no Brasil foram a *Congregação Cristã* (1910) e a *Assembleia de Deus* (1911), tendo sido esta última a igreja pentecostal que mais tem crescido no Brasil, sobretudo nas periferias das grandes cidades e até mesmo no campo (cf. WILGES, p. 176). Começou aí “a primeira onda do pentecostalismo brasileiro” (GWERCMAN, p. 54). Esse mesmo autor (ibid.) menciona algumas características básicas dos pentecostais, dentre as quais, as de que são “crentes” estereotípicos: mulheres de cabelos compridos e saia, homens de terno e *Bíblia* na mão, o ascetismo, a recusa de usufruir os prazeres da carne, o sectarismo e o isolacionismo do restante da sociedade etc.

Na opinião de Dom Estêvão Tavares Bettencourt,

nenhuma denominação protestante está sujeita a se dividir e subdividir tanto quanto a dos pentecostais. [...] No Brasil, os pentecostais constituem cerca de 75% da população protestante, com tendência ao crescimento (BETTENCOURT, p. 47).

3.6.7 O NEOPENTECOSTALISMO

P157 – Jesus, o que é o “neopentecostalismo”?

J – A partir da década de 1950, a “primeira onda” do modelo pentecostal encontrou um forte rival, com a chegada da “segunda onda” do pentecostalismo no Brasil, que se convencionou chamar de **neopentecostalismo** (cf. GWERCMAN, p. 55). Como nos informa o mesmo autor (ibid.), “em 1951 desembarcou aqui a Igreja do Evangelho Quadrangular, inaugurando no país o pentecostalismo de costumes liberais [o chamado *neopentecostalismo*]”.

A Congregação Cristã no Brasil, a Assembleia de Deus e a Igreja Deus é Amor são exemplos típicos de igrejas evangélicas **pentecostais**, enquanto a Igreja do Evangelho Quadrangular, a Igreja Universal do Reino de Deus e a Igreja Internacional da Graça de Deus são exemplos típicos de igrejas protestantes **neopentecostais**.

Apesar das inegáveis semelhanças entre elas, por exemplo, o fato de serem igualmente fundamentalistas, é preciso reconhecer, contudo, algumas de suas diferenças. Para Gwercman, “as igrejas neopentecostais se distinguem das pentecostais só nos detalhes – e detalhes fazem toda a diferença” (ibid., p. 59). O mesmo autor (p. 55) indica várias inovações do neopentecostalismo, como, dentre outras, as seguintes:

- riscar do mapa o ascetismo, o sectarismo e a crença de que a melhor parte da vida está reservada para o Paraíso;
- radicalizar a divisão do Universo entre Deus e o Diabo;
- responsabilizar o diabo pelos atos de maldade dos homens;
- expulsar o demônio do corpo [através de *sessões de descarrego*];
- fazer aplicação da teologia da prosperidade. [...] Graças a ela, o neopentecostalismo ganhou o apelido de “fé de resultados”.

3.6.8 OS MÓRMONS

P158 – Quem são os “mórmons”?

J – Os “mórmons” (ou “Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias”) são, segundo os autores do DER, uma

seita religiosa norte-americana, fundada por Joseph Smith (1805-1844), a partir da visão que teve em 1822, quando o anjo Moroni lhe confiou a grande revelação: ele era o escolhido de Deus para desterrar umas placas de ouro escondidas, que continham a história do povo de Deus na América (DER, verbete **mórmons**).

Deus, nessa visão, teria confiado a Smith a tradução dessas placas. Os Mórmons interpretam a Bíblia segundo o cânone protestante, mas seu livro sagrado por excelência é o *Livro dos Mórmons*.

Os mórmons derivam-se do protestantismo e, portanto, consideram-se “cristãos”, mas não acreditam nos dogmas teológicos e cristológicos do cristianismo tradicional. Por isso, são classificados por alguns teólogos católicos como adeptos de uma doutrina “semicristã” ou “pseudocristã” (cf. WILGES, p. 96 e BETTENCOURT, p. 62).

Quanto à sua doutrina principal,

os Mórmons só reconhecem a divindade, no sentido autêntico, ao Pai, pelo que deveriam ser considerados antitrinitários e conseqüentemente não cristãos. Admitem a repetição do batismo “para o perdão dos pecados” e inclusive o administram em favor dos mortos (DER, verbete **Mórmons**) (negrito meu).

3.6.9 AS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

P159 – Quem são as “Testemunhas de Jeová”?

J – As Testemunhas de Jeová são, nas palavras dos autores do DER, uma

seita religiosa que tem como fundador Charles-Taze Russel (1852-1916), nascido em Pittsburgh (EUA) de família presbiteriana. [...] **Chegam ao ponto de negar a SS. Trindade**; chamam Deus pelo apelativo **Jeová**, forma tardia do nome Javé. [...] **Negam a divindade de Cristo**. [...] (DER, verbete **Testemunhas de Jeová**) (negrito meu).

Mesmo assim, as Testemunhas de Jeová também se consideram “cristãs”, embora esse título lhes seja negado pela maioria de outras denominações cristãs, porque elas, como os mórmons, negam os dogmas do cristianismo histórico referentes à minha suposta divindade e à Trindade. Por isso, são também classificadas por alguns teólogos católicos como doutrina “semicristã” ou “pseudocristã” (cf. WILGES, p. 96 e BETTENCOURT, p. 62).

Eis alguns pontos principais de sua doutrina, de acordo com os autores do DRCO (verbe **Testemunhas de Jeová**):

- **Trindade**: Deus é uno, mas não trino.
- **Imortalidade da alma**: a alma morre junto com o corpo e fica aguardando a ressurreição.
- **Cristo e o Espírito Santo**: Cristo não é Deus encarnado, e o Espírito Santo não é uma pessoa da Trindade.
- **Condenação eterna**: não há inferno eterno.
- **Sacramentos**: há apenas dois sacramentos: o batismo (somente por imersão e apenas para adultos – logo depois da conversão) e a Santa Comunhão (apenas como um símbolo).

Pelos dados de minhas respostas às perguntas relacionadas à segunda maior divisão do cristianismo, podemos concluir que a Reforma Protestante fragmentou muito mais a unidade do cristianismo do que a grande ruptura entre o Oriente e o Ocidente.

3.7 DIVISÕES NO CATOLICISMO MODERNO

P160 – Jesus, o catolicismo moderno também sofreu divisões?

J – Sim. O catolicismo moderno (séc. XVII-XX) também sofreu várias divisões: o Jansenismo, o cisma dos Velhos Católicos, divisões causadas pela Revolução Francesa, conflitos causados pelo Movimento Modernista, a Igreja Católica Apostólica Brasileira (ICAB), a Fraternidade São Pio X,

os conflitos e divisões entre “católicos conservadores” e “católicos progressistas” etc. Convém falarmos um pouco sobre cada uma dessas principais divisões no catolicismo moderno.

3.7.1 O JANSENISMO (séc. XVII-XVIII)

P161 – O que é o “jansenismo”?

J – O “jansenismo”, conforme elucidam os autores do DER (verbetes **Jansênio** e **Jansenismo**), é uma doutrina semicalvinista ensinada pelo teólogo holandês e bispo de Ypres (França), chamado Cornélio Jansênio (1585-1638).

O jansenismo, recusando-se a aceitar a autoridade papal, foi condenado pelo Papa Inocêncio X em 1653. A doutrina jansenista causou algumas divisões dentro da Igreja Católica Romana, a partir do século XVII, dando origem, no século XVIII, à Igreja Anticatólica, existente até hoje em alguns países.

Quem desempenhou um importante papel na luta contra o jansenismo foi São Vicente de Paulo (1581-1660), o grande apóstolo da caridade, fundador dos lazaristas.

3.7.2 OS “VELHOS CATÓLICOS” (séc. XVIII-XIX)

P162 – Quem são os “Velhos Católicos”?

J – Chamam-se “Velhos Católicos” (ou “Veterocatólicos”) os católicos dos Países Baixos que, no séc. XVIII (em 1720), se separaram da Igreja Católica Romana, por não admitirem a autoridade do papa.

3.7.3 A REVOLUÇÃO FRANCESA (séc. XVIII-XIX)

P163 – Jesus, a Revolução Francesa também foi causa de divisões entre os católicos?

J – Com certeza. Como nos esclarece Giacomo Martina (cf. MARTINA, 1996, p. 13-15), a Revolução Francesa dividiu o clero católico francês em dois grupos: um unido a Roma e o outro dela separado. O grupo católico separatista, influenciado pelas ideias de liberdade da Revolução Francesa, fundou uma igreja nacional na França, separada de Roma.

3.7.4 O MOVIMENTO MODERNISTA (séc. XIX-XX)

P164 – O que é o “Movimento Modernista” e que conflitos e divisões ele causou entre os católicos?

J – O “Movimento Modernista”, que, de fato, causou conflitos e divisões entre os católicos, é definido pelos autores do DER como uma corrente teológica do século 19, que via

a religião como o desenvolvimento de processos subjetivos. Foi condenada por Pio X em 1907, inclusive por abusar da aplicação de métodos críticos à exegese bíblica. O Índice atingiu numerosos livros modernistas. Se vários autores se submeteram, outros, na França (Loisy), Inglaterra e Itália se separaram da Igreja. Em 1910, o papa impôs a todos os sacerdotes o juramento antimodernista (DER, verbete **Modernismo**).

3.7.5 A IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA BRASILEIRA (séc. XX)

P165 – O que é a “Igreja Católica Apostólica Brasileira” (ICAB)?

J – A ICAB é uma instituição que rompeu com a Igreja Católica Apostólica Romana, em 1946. Ela foi fundada por Dom Carlos Duarte da Costa, ex-bispo de Botucatu (e ex-bispo de Maura), que resolveu fundar uma Igreja Nacional Brasileira. D. Carlos era fortemente antifacista e julgava que as autoridades da Igreja Católica Romana estavam aliadas, na época, ao facismo italiano e ao nazismo alemão, razão principal da sua iniciativa (cf. DER, verbete **Igreja Católica Apostólica Brasileira**).

Conforme relata-nos Irineu Wilges, “Dom Carlos foi excomungado aos 6 de julho de 1945. O Santo Ofício declarou Dom Carlos ‘excomungado vitandus’ (a ser evitado), aos 13 de julho de 1946” (WILGES, p. 76-77).

3.7.6 A FRATERNIDADE SÃO PIO X (séc. XX)

P166 – O que é a “Fraternidade São Pio X”?

J – A “Fraternidade São Pio X” é um movimento católico tradicionalista, criado pelo bispo francês Marcel Lefèbvre (1905-1991). Esse bispo, que chegou a participar do Concílio Vaticano II, terminou por causar um cisma dentro do catolicismo romano contemporâneo, tendo sido excomungado pelo papa, em 1988, sobretudo por ter ele recusado a aceitar várias mudanças litúrgicas, estabelecidas no Concílio Vaticano II. Ele, sendo tradicionalista, ultraconservador, não aceitou a maioria das decisões progressistas desse Concílio, principalmente com relação à

renovação litúrgica. Esse movimento cismático espalhou-se por vários países. No Brasil, o reduto dos tradicionalistas é a região de Campos, no Rio de Janeiro.

3.7.7 CONSERVADORES X PROGRESSISTAS (séc. XX)

P167 – Jesus, gostaria que o Senhor fizesse agora um breve comentário sobre os conflitos ideológicos e/ou divisões entre “católicos conservadores” e “católicos progressistas”.

J – Pois não. Como sabemos, o Papa João XXIII, considerado um papa progressista, com a finalidade de reformar a Igreja Católica, convocou o Concílio Vaticano II (1962-1965), que propôs, de fato, uma série de reformas, as quais escandalizaram (e continuam escandalizando) a ala conservadora da Igreja (os chamados “católicos conservadores”). Por causa da forte reação dos conservadores, a maioria das reformas propostas pelo Vaticano II ficou só no papel, pois, na prática, como documentei em nossa segunda entrevista (sobre **o ecumenismo e o diálogo inter-religioso**), a Igreja Católica, com os Papas Paulo VI e João Paulo II, voltou a ser superconservadora, gerando dolorosos conflitos com os chamados “católicos progressistas”.

Em oposição aos católicos conservadores, que rejeitam os princípios básicos da modernidade, como liberalismo, relativismo, pluralismo e ecumenismo, formou-se a ala dos católicos progressistas, que defende esses mesmos valores da sociedade dos tempos modernos e que vive, por conseguinte, a fazer duras críticas ao conservadorismo da Igreja Católica, particularmente ao conservadorismo do Papa João Paulo II e do cardeal Joseph Ratzinger (hoje o Papa Bento XVI), alegando que eles fizeram retroceder a Instituição em vez de modernizá-la. Os católicos progressistas chegam mesmo a falar de um “colapso” da Igreja Católica (cf. CORNWELL, 2002, p. 34ss).

Quase todos os teólogos ou intelectuais progressistas fizeram (ou continuam fazendo) duras críticas à ala conservadora da Igreja. Por isso, alguns dentre eles, como Hans Küng e Leonardo Boff, foram proibidos de ensinar como católicos. Enquanto Hans Küng continua na Igreja como padre, Leonardo Boff, um dos principais líderes da Teologia da Libertação, corrente teológica duramente reprimida (para não dizer extinta) por João Paulo II e Joseph Ratzinger (Bento XVI), deixou o sacerdócio.

3.7.7.1 A RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA

P168 – Jesus, como última pergunta desta nossa terceira entrevista, e ainda dentro do tema das divisões entre “católicos conservadores” e “católicos progressistas”, gostaria que o Senhor falasse brevemente sobre a Renovação Carismática Católica (RCC).

J – Pois não. Em oposição à ala progressista da Igreja Católica – mais preocupada com a questão social – surgiu em 1967, nos Estados Unidos, e em 1972, no Brasil, a chamada **Renovação Carismática Católica (RCC)**, movimento superconservador, que valoriza muito, em seus encontros, as práticas místicas pentecostais e/ou neopentecostais, como orar em línguas, operar curas, milagres, entrar em estado de transe para comunicar-se com o Espírito Santo etc. Por isso, os autores do DER afirmam que a Renovação Carismática Católica pode contar-se como movimento dentro do complexo fenômeno pentecostalista (cf. DER, verbete **pentecostalismo**). Outros autores a classificam dentro do **neopentecostalismo** (cf. GWERCMAN, p. 58).

Enquanto os católicos progressistas são, normalmente, defensores do pluralismo e do ecumenismo, os católicos carismáticos são, de um modo geral, exclusivistas e fechados a qualquer tipo de diálogo ecumênico ou inter-religioso, uma vez que, para eles, a única religião verdadeira é a católica, todas as outras crenças (principalmente o espiritismo e as religiões afro-brasileiras) sendo tachadas por eles de “falsas doutrinas”, obras do “demônio” (cf. MINDÉLLO, 1995; AQUINO, 2002a/2002b).

Em nossa próxima entrevista, a seguir, abordaremos profundas divergências entre os cristãos (e entre cristãos e não cristãos) no modo de interpretar a Bíblia judaico-cristã.

ENTREVISTA nº 4

INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA



4.1 A BÍBLIA COMO FATOR DE CONFLITOS E DIVISÕES

P169 – Jesus, nesta nossa quarta entrevista, vou fazer-lhe uma série de perguntas acerca de profundas divergências no modo de interpretar a Bíblia judaico-cristã, principalmente com respeito à interpretação de sua verdadeira identidade e das palavras e ações atribuídas ao Senhor nos relatos evangélicos. Como primeira pergunta, gostaria de saber por que a interpretação da Bíblia tem sido um dos maiores fatores de conflitos e divisões não apenas entre cristãos e não cristãos, mas até mesmo entre os próprios cristãos.

J – Pinheiro, alguém já afirmou, com muita razão, que “a Bíblia erroneamente compreendida é o pior inimigo da humanidade” (ELLIOT, apud ANDRADE, 1995, p. 8). Você deve saber muito bem que a interpretação da Bíblia cristã vem sendo objeto de sérias divergências, a partir do final do século XVIII, por causa do surgimento do **protestantismo liberal**, o qual causou uma verdadeira revolução copernicana no modo de interpretar a Bíblia, a qual era, até essa época, lida e entendida literalmente – ao pé da letra – como livro histórico. De modo particular, os relatos contidos nos quatro Evangelhos canônicos (Mateus, Marcos, Lucas e João) eram todos interpretados como eventos historicamente autênticos e absolutos a respeito das palavras e ações atribuídas a mim. Mas, com o Iluminismo (a Idade da Razão), iniciou-se a reviravolta hermenêutica e os Evangelhos passaram a ser lidos e estudados pelos protestantes liberais de maneira crítica, e não mais como relatos puramente históricos, o que vem causando, desde então, enormes conflitos e divisões entre os próprios cristãos.

4.2 GRUPOS RIVAIS DE CRISTÃOS NO MODO DE INTERPRETAR A BÍBLIA

P170 – Quantos e quais são os principais grupos dissidentes de cristãos que se criaram a partir do surgimento do protestantismo liberal, acerca da interpretação da Bíblia, particularmente sobre a interpretação dos Evangelhos?

J – A partir de então, pelo menos três grupos dissidentes de cristãos, fundamentados, respectivamente, nas três modalidades de fé (**fé raciocinada**, **fé cega racionalizada** e **fé cega pura**) definidas em nossa primeira entrevista, passaram a coexistir e a digladiar-se pelo monopólio da interpretação da Bíblia, particularmente dos Evangelhos:

1. O grupo dos **protestantes liberais**, que, há mais de 200 anos (desde o surgimento do protestantismo liberal no final do século XVIII até o presente) se interessa cientificamente pelo estudo crítico da Bíblia, particularmente pela busca de minha identidade histórica (o “Jesus histórico”, **o Jesus que é só homem**). Para atingir esse objetivo, esse grupo, a partir dos próprios relatos evangélicos, procura separar a parte autenticamente histórica, referente ao “Jesus histórico”, dos aspectos fictícios (dogmáticos ou míticos), relacionados ao “Cristo da fé”. Esse grupo é pluralista, aberto ao diálogo e fundamentado na chamada “fé racionalista” (muito semelhante à “fé raciocinada” kardequiana).
2. O grupo da chamada **neo-ortodoxia protestante**, liderado por Karl Barth (1886-1968), teólogo protestante suíço, e Rudolf Bultmann (1884-1976), teólogo protestante alemão. Esse grupo, diferentemente do primeiro, tenta suprimir qualquer interesse real pelo Jesus histórico, justificando (mediante uma espécie de “fé cega racionalizada”) que a busca do Jesus histórico não é condição para assegurar a fé dos cristãos, uma vez que não é o Jesus histórico o objeto do querigma, ou seja, do *anúncio*, mas o Cristo ressuscitado. Logo, basta o testemunho de fé da Igreja nascente em Cristo ressuscitado. Bultmann, o maior líder do grupo, sempre defendeu a ideia de que os Evangelhos, se interpretados literalmente, como eventos históricos, nada mais são que uma coleção de mitos. Por isso, alega, basta “confiar” no testemunho de fé da Igreja nascente no Cristo ressuscitado (cf. ELIADE, 2006, p. 142; BULTMANN, 2004).
3. Em forte reação aos dois grupos anteriores, surgiu um terceiro grupo, o dos chamados **cristãos fundamentalistas**, que dá continuidade, de maneira muito mais radical, à velha postura tradicional, anterior ao último quartel do século XVIII, de interpretar todos os textos bíblicos em “chave histórica”, ou seja, de interpretar a Bíblia de maneira literal e exclusivista, como “Palavra de Deus”, inquestionável, isenta de qualquer erro. Esse grupo obviamente guia-se por uma “fé totalmente cega” e, muitas vezes, até fanática, sendo, portanto, radicalmente exclusivista e fechado a qualquer tipo de diálogo ecumênico ou inter-religioso. Uma variante menos radical do fundamentalismo chama-se **evangelismo** ou **movimento evangélico** (definido no tema 4.5).

4.3 A REAÇÃO DOS FUNDAMENTALISTAS À TEOLOGIA LIBERAL

P171 – Jesus, quando surgiu o “fundamentalismo”, e por que os fundamentalistas cristãos rejeitam a teologia liberal?

J – Como esclarece a escritora Karen Armstrong (cf. ARMSTRONG, 2001, p. 10), o termo “fundamentalismo” surgiu no início do século XX, originalmente usado pelos protestantes americanos em reação à teologia liberal. A partir de então, o termo “fundamentalismo” passou a ser empregado por outras tradições religiosas, nem sempre, porém, com o mesmo significado original. Assim, no dizer da mesma autora, “os fundamentalismos islâmico e judaico, por exemplo, não se prendem muito à doutrina, o que é uma preocupação intrinsecamente cristã. [...] O uso do termo ‘fundamentalismo’ é, pois, equívoco” (ibid.). Nesse contexto, recomendo também a leitura do livro de Leonardo Boff, *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade* (BOFF, 2002).

Os fundamentalistas cristãos rejeitam a teologia liberal, porque veem nessa corrente uma grande ameaça ao “Cristo da fé”, uma vez que os teólogos liberais distinguem, clara e corretamente, o “Cristo da fé” de minha identidade histórica (o “Jesus histórico”). Sem dúvida alguma, essa distinção vem sendo, há dois mil anos, um dos maiores fatores de dissidências não apenas entre cristãos e não cristãos, mas também entre os próprios cristãos, particularmente (a partir do início do século XX) entre os cristãos liberais e os fundamentalistas, o que certamente constitui um grande desafio para o diálogo ecumênico e inter-religioso.

4.4 A DOCTRINA DOS FUNDAMENTALISTAS CRISTÃOS

P172 – Jesus, quais são (e quando surgiram) os princípios doutrinários básicos defendidos pelos fundamentalistas cristãos?

J – Seus princípios doutrinários básicos foram publicados, entre 1910 e 1915, numa coleção de livretos intitulados “*The fundamentals*” (cf. PEDREIRA, p. 99-100; ver também BOFF, 2002, p. 12). Nas palavras do teólogo católico Leonardo Boff,

a tese dos fundamentalistas no âmbito religioso é afirmar que a Bíblia constitui o fundamento básico da fé cristã e deve ser tomada ao pé da letra (o fundamento de tudo para a fé protestante é a Bíblia). Cada palavra, cada sílaba e cada vírgula, dizem os fundamentalistas, é inspirada por Deus. Como Deus não pode errar, então tudo na Bíblia é verdadeiro e sem qualquer erro. Como Deus é imutável, sua Palavra e suas sentenças também o são. Valem para sempre (BOFF, ibid., p. 13).

Seus princípios básicos são os seguintes: Crença absoluta

- na inerrância e inspiração verbal das escrituras sagradas,
- no meu nascimento virginal,
- em milagres,
- em minha ressurreição física,
- na total depravação do ser humano,
- na expiação substitutiva e no conceito da minha suposta segunda vinda para o julgamento da humanidade.

Com base nesses princípios, os fundamentalistas cristãos rejeitam os postulados da teologia liberal/pluralista e negam a salvação aos não cristãos: Para eles, **FORA DO CRISTIANISMO, NÃO HÁ SALVAÇÃO!** Convictos de seu “cristianismo exclusivista”, eles não querem saber de ecumenismo e, muito menos, de diálogo inter-religioso.

4.5 O EVANGELISMO

P173 – O que é o **movimento evangélico** ou **evangelismo**?

J – O “movimento evangélico” ou “evangelismo” é, como já disse, uma variante menos radical do movimento fundamentalista. Em oposição à visão pluralista das correntes liberais, tanto o fundamentalismo quanto o evangelismo enquadram-se perfeitamente dentro da visão exclusivista e absolutista das religiões. Por isso, nenhuma dessas duas correntes está interessada em ecumenismo e, menos ainda, em macroecumenismo.

4.6 INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA NA VISÃO PLURALISTA

P174 – Como deve ser interpretada a Bíblia na visão pluralista?

J – Na visão pluralista, a Bíblia deve ser vista como uma literatura de muitos ensinamentos religiosos, úteis para guiar e fortalecer os seus seguidores em sua vida de fé, mas não deve ser considerada como a única fonte verdadeira de ensinamentos religiosos. Em outros termos, na ótica pluralista, todas as escrituras sagradas de todas as religiões do mundo são igualmente válidas para alimentar a fé daqueles que nelas creem.

4.7 O PERIGO DAS INTERPRETAÇÕES BÍBLICAS EXCLUSIVISTAS

P175 – Jesus, por que as interpretações bíblicas exclusivistas são muito perigosas?

J – Porque excluem todas as demais religiões, todos os demais fundadores de religiões e todas as escrituras sagradas das outras religiões. Segundo as interpretações bíblicas exclusivistas e míticas, adotadas pela grande maioria dos cristãos, somente a Bíblia judaico-cristã é a verdadeira “Palavra de Deus”, divinamente “inspirada” e, conseqüentemente, “inerrante”, isto é, isenta de qualquer erro.

4.8 O EXCLUSIVISMO DOS AUTORES BÍBLICOS

P176 – Jesus, por que os próprios autores da Bíblia judaico-cristã são altamente exclusivistas?

J – Porque postulam a ideia de que a Bíblia judaico-cristã é a única revelação dada por Deus aos homens, que Israel é o único “povo santo” escolhido por Deus para intermediar a salvação entre Deus e os homens, que o Deus de Israel é o único Deus verdadeiro: “Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus é o único” (Dt 6,4); que eu sou o único salvador, “pois não há sob o céu outro nome dado aos homens pelo qual devamos ser salvos” (At 4, 12), o único caminho e a única verdade, que comigo se encerrou definitivamente toda a Revelação divina, que a religião supostamente fundada por mim é a única religião verdadeira e que a igreja também supostamente fundada por mim é a única igreja verdadeira etc.

Dentre os autores do Novo Testamento, o apóstolo Paulo é, sem dúvida alguma, o “pai” dos fundamentalistas atuais, porquanto ele é superexclusivista, para o qual não há outro Evangelho além do meu (cf. Gl 1, 6-9) e nenhuma outra doutrina verdadeira além da que ele me atribui, sentenciando inclusive com “anátoma” (ou seja, com excomunhão, maldição ou condenação) a quem aderir a outro Evangelho ou a outra verdade. Uma das suas preocupações constantes em quase todas as suas epístolas é defender a “sã doutrina” (ou seja, a doutrina cristã exclusivista e mítica que ele atribui a mim) e refutar aqueles que a contradizem (os “falsos profetas”, na linguagem de Mt 7,15; 24, 11-12, 24). Em sua visão exclusivista, fundamentalista e mítica, não há, portanto, espaço algum para o debate ou diálogo em torno da suposta “sã doutrina” que ele me atribui – não obviamente a doutrina do “Jesus histórico” (**o Jesus que é só homem**), mas a doutrina mítica do “Cristo da fé” (**o Jesus que é Deus e homem**). Vejamos algumas passagens extraídas de suas cartas, ou melhor, de epístolas a ele atribuídas:

Admiro-me que tão depressa abandoneis aquele que vos chamou pela graça de Cristo, e passeis a outro Evangelho. Não que haja outro, mas há alguns

que vos estão perturbando e querendo corromper o Evangelho de Cristo. Entretanto, se alguém – ainda que nós mesmos ou um anjo do céu – vos anunciar um Evangelho diferente do que vos anunciamos, seja anátema. Como já vo-lo dissemos, volto a dizê-lo agora: se alguém vos anunciar um Evangelho diferente do que recebestes, seja anátema. (Gl 1, 6-9)

Tomai cuidado para que ninguém vos escravize por vãs e enganosas especulações da “filosofia”, segundo a tradição dos homens, segundo os elementos do mundo, e não segundo Cristo. (Cl 2, 8)

Se alguém ensinar uma outra doutrina . . . , é porque é cego, nada entende, é um doente à procura de controvérsias e discussões de palavras. (1Tm 16, 3-4)

Timóteo, guarda o depósito [da fé], evita o palavreado vão e ímpio, e as contradições de uma falsa ciência, pois alguns, professando-a, se desviaram da fé. (1Tm 6, 20-21)

... é preciso evitar as discussões de palavras: elas não servem para nada, a não ser para a perdição dos que as ouvem. (2Tm 2, 14)

Pois virá um tempo em que alguns não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, segundo os seus próprios desejos, como que sentindo comichão nos ouvidos, se rodearão de mestres. Desviarão os seus ouvidos da verdade, orientando-os para as fábulas. (2Tm 4, 3-4)

Seja ..., de tal modo fiel na exposição da palavra para que seja capaz de ensinar a sã doutrina como também de refutar os que a contradizem. (Tt 1, 8-9)

... não fiquem dando ouvidos a fábulas judaicas ou a mandamentos de homens desviados da verdade. (Tt 1, 14)

Evita controvérsias insensatas, genealogias, discussões e debates sobre a Lei, porque para nada adiantam, e são fúteis. (Tt 3, 9)

Sê tu mesmo um exemplo de conduta, íntegro e grave na exposição da verdade, exprimindo-te numa linguagem digna e irrepreensível, para que o adversário, nada tendo que dizer contra nós, fique envergonhado. (Tt 2, 7-8)

Por mais que eu louve e admire o entusiasmo, a honestidade, a sinceridade e a boa fé do apóstolo Paulo, não posso jamais concordar com declarações exclusivistas, fundamentalistas (e espiritualmente arrogantes) dessa natureza, porque, como já disse, não se coadunam absolutamente com a minha doutrina pluralista de amor e fraternidade universais, além de contradizerem frontalmente a virtude fundamental da *humildade* que tanto ensinei aos meus discípulos.

Dentro do contexto da época, essas advertências de Paulo são usadas como estratégias para alimentar a fé exclusivista dos cristãos.

Como esclarece muito bem o teólogo pluralista John Hick (HICK, 1977, p. 175), o apóstolo Paulo e os demais autores do Novo Testamento interpretaram minha pessoa e minha doutrina de maneira superexclusivista e mítica por causa do contexto histórico-cultural da época em que eles viveram: *cultura classicista (uma só verdade, certa e imutável)*, *mentalidade escatológico-apocalíptica (profeta final, revelação definitiva)* e *expressão de uma minoria (linguagem de sobrevivência, único Salvador)*.

Daí, a grande preocupação constante dos autores do Novo Testamento em defender o mito da *unicidade* e *universalidade* do cristianismo tradicional (a “sã doutrina”) contra os ataques de seus adversários, os chamados “falsos profetas” ou “falsos Messias”, colocando em meus lábios sérias advertências contra eles, como as seguintes:

Guardai-vos dos falsos profetas, que vêm a vós disfarçados de ovelhas, mas por dentro são lobos ferozes. (Mt 7,15)

E surgirão falsos profetas em grande número e enganarão a muitos. (Mt 24,11)

Pois hão de surgir falsos Messias e *falsos profetas*, que *apresentarão* grandes *sinais e prodígios* de modo a enganar, se possível, até mesmo os eleitos. Eis que eu vo-lo predisse. (Mt 24, 24-25; ver também Mc 13, 22-23)

Esclareço que o aparecimento de “falsos profetas” e de “falsos messias” é um tema comum na *literatura escatológico-apocalíptica* judaico-cristã (cf. FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, 1993, p. 157).

O gênero literário apocalíptico é uma forma de literatura mítica que contém **revelações** (sob a forma de visões) – **supostamente definitivas** – sobre as coisas que devem acontecer no fim dos tempos, no fim do mundo (cf. HOUAISS, verbetes **apocalipse/escatologia**).

O termo “apocalipse” é a transcrição duma palavra grega que significa “revelação”; todo apocalipse supõe, pois, uma revelação feita por Deus aos homens de coisas ocultas e só por Ele conhecidas, especialmente de coisas referentes ao futuro (*A Bíblia de Jerusalém*, Introdução ao Apocalipse, p. 1605).

É dentro do gênero literário apocalíptico que os escritores bíblicos geralmente descrevem as chamadas verdades *escatológicas* – as que

supostamente se referem aos fins derradeiros do homem: a morte, o juízo, a segunda vinda do “Cristo da fé”, a ressurreição dos mortos etc.

4.9 O EXCLUSIVISMO DO CRISTIANISMO E DA BÍBLIA JUDAICO-CRISTÃ CONTRADITADO PELA HISTÓRIA DAS RELIGIÕES

P177 – Jesus, o exclusivismo do cristianismo e da Bíblia judaico-cristã encontra apoio na história das religiões?

J – Evidentemente, não. A história das religiões, bem ao contrário, comprova que Deus sempre se revelou aos homens desde a mais remota antiguidade, e certamente continuará se revelando, à medida que o homem for evoluindo e sendo capaz de entender seus ensinamentos. O exclusivismo do cristianismo mítico e da Bíblia judaico-cristã é, incontestavelmente, contraditado pela história das religiões, a qual comprova que muito pouco é original no cristianismo tradicional e na Bíblia judaico-cristã. Em outros termos, quase tudo no cristianismo convencional e na Bíblia judaico-cristã foi adaptado, copiado ou plagiado, de tradições religiosas mais antigas (ver, entre outros especialistas em história do cristianismo, GRIESE, 1957, cap. II; DONINI, 1965; BAIGENT, LEIGH & LINCOLN, 1993, cap. VIII; BROWN, 2004, cap. 55). Essa verdade está muito bem documentada, por exemplo, pelo escritor espírita Jayme Andrade, nos seguintes termos:

Assim é que os “Dez Mandamentos” foram adaptados dos Livros Védicos, muito anteriores à Bíblia, nos quais se achavam classificados como “pecados do corpo” (bater, matar, roubar, violar mulheres), “pecados da palavra” (ser falso, mentir, injuriar) e “pecados da vontade” (desejar o mal, cobiçar o bem alheio, não ter dó dos outros). [...] Da mesma forma, a lei de amor pregada por Jesus já havia sido objeto de pregação pelo filósofo hindu Krishna e era crença comum entre os povos da antiguidade oriental. [...] O ponto que desejamos salientar é que, se a Bíblia trouxe revelações divinas ao homem, outras revelações têm sido ministradas por Deus a outros povos. Vários livros religiosos da antiguidade, cada um a seu tempo e atendendo às circunstâncias da sua época, contribuíram para a elevação moral dos povos (ANDRADE, 1995, p. 26).

Em outras palavras, muitas das leis incluídas no código de leis e ensinamentos supostamente revelados por Deus exclusivamente a Moisés no Antigo Testamento, ou a mim no Novo Testamento, já faziam parte de outros códigos ético-morais mais antigos, como as leis do Código

de Hamurábi, escritas na Babilônia há mais de vinte séculos antes de mim e, portanto, muitos séculos antes de Moisés, e os livros sagrados dos hindus, escritos cerca de quatro ou cinco mil anos antes de mim.

Continuando com minha exemplificação, quatro mil anos antes do apóstolo Paulo declarar a verdade segundo a qual “o que o homem semeia, isso mesmo colherá” (Gl 6,7), “os livros sagrados hindus já diziam que uma pessoa se torna boa por atos bondosos e ruim por atos malévolos” (BACH, 1998, p. 28-29), o que vem a ser a mesma coisa.

Quatro ou cinco mil anos antes de eu ensinar que o conhecimento da verdade liberta o homem, “conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (Jo 8, 32), no *Bhagavad Gita* dos hindus – correspondente ao Evangelho dos cristãos – Krishna já ensinava que,

se alguém se apoderar da Verdade, entrará na mansão da suprema beatitude e repousará na paz da divindade. [...] Quem se integra no Ser Supremo e nele repousa está livre da incerteza e trilha caminho luminoso, do qual não há retorno, porque a luz da verdade o libertou do mal (apud ROHDEN, *Bhagavad Gita*, p. 57, 62).

A mesma verdade religiosa expressa no Apocalipse cristão, “Eu sou o princípio e o fim, o Alfa e o Ômega (cf. Ap 1,8), já havia sido expressa no *Bhagavad Gita*: “Eu sou o princípio dos mundos e sou o seu fim” (ROHDEN, *ibid.*, p. 78).

Eu também não sou o autor exclusivo da chamada “regra de ouro”: “Tudo aquilo, portanto que quereis que os homens vos façam, fazei-o vós a eles...” (Mt 7, 12). Esta máxima de comportamento já era muito conhecida em religiões bem mais antigas do que o cristianismo, por exemplo, no judaísmo: “Não faças a ninguém o que não queres que te façam” (Tb 4,15); no hinduísmo: “Não faças aos outros aquilo que, se a ti fosse feito, causar-te-ia dor” (apud RAMATÍS, 1996b, p. 9); no confucionismo: “Não faças aos outros aquilo que não queres que te façam” (*ibid.*).

O já referido teólogo Holger Kersten (cf. KERSTEN, p. 136-137), indica semelhanças incontestáveis entre as narrativas evangélicas sobre o meu suposto nascimento extraordinário (cf. Lc 1, 30-35) e as antigas lendas indianas sobre o nascimento de Krishna, o “Salvador” dos hindus, tido como a encarnação do deus Vishnu. Vejamos, em suas palavras, o seguinte paralelismo:

Vishnu, de acordo com as mais antigas fontes, apareceu sob a forma de homem em 4 000 a. C. à virgem Devanaki (= mulher criada para Deus) que

pertencia à casa real. Devanaki caiu em êxtase, ofuscada pelo espírito de Deus, que se uniu a ela em divino e majestoso esplendor. Devanaki concebeu uma criança. Uma profecia no Atharva-Veda narra o acontecimento da seguinte forma: “Bendita és tu, Devanaki, entre todas as mulheres, e bem-vinda sejas entre os sagrados Rishis. Foste escolhida para a obra da salvação [...]. Ele virá com uma coroa de luz e o céu e a terra se encherão de júbilo [...]. Virgem e mãe, nós te saudamos, como a mãe de todos nós, pois darás à luz ao nosso salvador, a quem darás o nome de Krishna”. (KERSTEN, p. 136-137)

4.10 SINCRETISMO DO CRISTIANISMO COM TRADIÇÕES RELIGIOSAS MAIS ANTIGAS

P178 – Jesus, afinal de contas, o que é mesmo original no cristianismo ortodoxo e na Bíblia judaico-cristã?

J – Muito pouco. Como afirmei na resposta da pergunta anterior, apoiando-me em diversos autores, quase tudo no cristianismo mítico e na Bíblia judaico-cristã foi adaptado, copiado ou plagiado (para não dizer roubado) de tradições religiosas mais antigas. Eis mais alguns exemplos do sincretismo do cristianismo com tradições religiosas mais antigas – quase todos extraídos do livro: *La Desilusión de un Sacerdote: La Verdad Científica sobre la Religión Cristiana*, de autoria do ex-padre católico Franz GRIESE (cf. GRIESE, 1957, Segunda Parte, capítulos I e II):

1. Os mitos de minha filiação divina e de minha divinização foram copiados dos mitos de filiações divinas e de divinizações de outros personagens marcantes da História (como reis, heróis, líderes religiosos etc.).
2. Idem para o mito do Deus encarnado em mim.
3. Idem para o mito do meu nascimento virginal.
4. Idem para os mitos da minha ressurreição e da ressurreição dos mortos. Como afirma o historiador das religiões Ambrogio Donini, “o ‘mistério’ [mito] do deus que morre e renasce já inspirava os cultos populares da Mesopotâmia à Grécia e ao mundo romano, cinco ou seis séculos antes do aparecimento do cristianismo” (DONINI, 1965, p. 98). Tammuz (antigo deus da Mesopotâmia), Adônis (deus da Fenícia), Átis (deus da Frígia), Osiris (deus do Antigo Egito) e vários outros também eram deuses que morriam e ressuscitavam (cf. BAIGENT, LEIGH & LINCOLN, p. 304).
5. Assim como foi dogmatizado a respeito de mim, o Deus pré-cristão Mitra – chamado o Filho de Deus e a Luz do Mundo – nasceu no dia 25 de dezembro, morreu, foi enterrado em sepulcro de pedra e depois ressuscitou em três dias. Aliás, o dia 25 de dezembro é também o dia

- de celebrar o nascimento de Osíris (deus egípcio), Adônis (deus fenício) e Dioniso (deus grego).
6. Assim como supostamente aconteceu comigo, após o meu nascimento, o recém-nascido Krishna (deus hindu) também recebeu ouro, incenso e mirra.
 7. O dia santo semanal dos cristãos foi copiado dos pagãos, uma vez que, até o século IV, a cristandade celebrava o dia santo semanal no sábado judeu, mas Constantino mudou isso de modo que a celebração coincidissem com o dia em que os pagãos veneravam o deus-Sol (*dies Solis*; em inglês, **Sun-day** = “dia do Sol”). O termo “domingo” é uma derivação de “*dies dominica*”, “dia do Senhor”, do “Senhor-Sol”, pois “o deus-sol era o *dominus* (**senhor**) por excelência” (DONINI, p. 318).
 8. Todos os milagres atribuídos a mim nos Evangelhos já haviam sido supostamente realizados por profetas e/ou fundadores de tradições religiosas mais antigas (por exemplo, mitraísmo, budismo, taoísmo etc.), tais como a transformação da água em vinho, a multiplicação de pães, o andar sobre as águas, a cura de doentes, a expulsão de demônios, a comunhão com pão e vinho consagrados etc.
 9. A origem das lendas expostas na Bíblia provém da Mesopotâmia, da Índia, da Caldeia e de outros países. Assim, o mito do “primeiro homem”, da sua criação, da sua felicidade original e da sua queda tem sua origem na religião babilônica (cf. DONINI, p. 107, 109).
 10. O mito da “unicidade cristã”, segundo o qual o cristianismo é a única religião verdadeira e eu sou o único SALVADOR da humanidade, é cópia das crenças nos SALVADORES de religiões mais antigas, como Krishna – o primeiro salvador divino da Índia (4.000 a.C.), Buda – o segundo salvador divino da Índia (550 a.C), além de outros salvadores, como Osíris (deus do Antigo Egito) e Mitra (deus indo-iraniano).
 11. Também a concepção trinitária da divindade (o conceito do Deus uno e trino) já existia na Índia e no Egito, muito tempo antes do cristianismo.
 12. A literatura sagrada dos judeus, escrita por volta do 5º século a.C., foi quase toda copiada, ou melhor, plagiada, da literatura da Índia – a mais antiga literatura sagrada da qual se tem conhecimento. Os judeus, quando estiveram no cativeiro de Babilônia, aprenderam muitas coisas, sobretudo as leis e lendas que tinham vindo da Índia, especialmente as leis de Manu, famoso legislador indiano e protótipo para a criação da figura de Moisés. O escritor Franz Griese (em seu referido livro, p. 98-106) nos fornece vários exemplos desse paralelismo entre a literatura sagrada dos judeus e a literatura sagrada da Índia, por exemplo, as narrativas da criação do mundo, Adão e Eva, o dilúvio, a lenda de José etc.
 13. Também a literatura cristã expressa nos Evangelhos é quase toda cópia ou plágio da literatura religiosa da Índia. O mesmo escritor Franz

Griese (107-118) nos dá muitas provas dessa verdade incontestável, por exemplo, o paralelismo entre o nascimento miraculoso de Krishna, pela virgem Devanaki e o meu suposto nascimento miraculoso pela virgem Maria; a saudação à Virgem Devanaki por um eremita e a saudação à Virgem Maria por Isabel; a saudação a Buda e ao Cristo da fé por um venerável ancião; a chacina das crianças (ordenadas pelo tio de Krishna, o rei de Buda e o rei Herodes); aos 12 anos, tanto Buda como o Cristo da fé são procurados por seus pais; antes de iniciarem sua vida pública, tanto Buda como o Cristo da fé vão ao deserto e são tentados pelo diabo; o apóstolo favorito de Buda e o Cristo da fé, sentados junto a um poço, são interpelados por uma mulher de outra casta ou seita (no caso cristão, a Samaritana); tanto Buda como o Cristo da fé enviam seus apóstolos a fim de pregarem suas doutrinas; tanto Buda como o Cristo da fé predizem sua morte e foram, por isso, admoestados por seus apóstolos; tanto Krishna como o Cristo da fé se transfiguraram; Krishna, Buda e o Cristo da fé fizeram muitos discípulos por causa dos mesmos tipos de milagres que supostamente realizaram; tanto Buda como o Cristo da fé supostamente alimentaram 5.000 homens com um pouco de pão; tanto Buda como o Cristo da fé se utilizaram das mesmas palavras e das mesmas parábolas para transmitirem suas doutrinas.

14. Griese (p. 97) esclarece que a ordem cronológica, genealógica, filológica e literária confirma que o conteúdo da Bíblia judaico-cristã é simplesmente uma cópia malfeita da literatura sagrada da Índia.
15. Segundo nos informa esse mesmo autor (p. 106), fazendo referências a outros estudiosos, dos 89 capítulos dos quatro Evangelhos, 80 são cópias da vida e da doutrina de Krishna e de Buda! Segundo o escritor Rodolfo Seydel, teólogo protestante e professor da Universidade de Leipzig, dos 28 capítulos do Evangelho de Mateus, apenas 2 (o 22 e o 24) estão isentos de textos hindus; também do Evangelho de Marcos, com seus 16 capítulos, apenas 2 (o 7 e o 12) não foram copiados. O Evangelho de João contém 21 capítulos, dos quais somente os capítulos 10 e 17 estão livres de plágio (cf. GRIESE, p. 114).
16. O teólogo protestante Happel, historiador das religiões, confirma as afirmações de Seydel e classifica como cópias 36 textos da Bíblia, dentre os quais os seguintes (cf. GRIESE, p. 114):
 - a minha encarnação;
 - a minha ida ao Templo;
 - os meus doze anos;
 - a minha terra natal;
 - a tentação do diabo;
 - a figueira;
 - as oito bem-aventuranças;

- a história da pecadora Madalena;
 - o meu encontro com Nicodemos;
 - o meu encontro com a Samaritana;
 - o cego de nascença;
 - Marta e Maria;
 - O número dos apóstolos e seu envio para pregar o Evangelho;
 - O milagre de caminhar sobre as águas;
 - A minha suposta entrada triunfal em Jerusalém;
 - O jovem rico;
 - A minha suposta transfiguração etc. etc.
17. O professor Dr. Bernahard Spiess, grande conhecedor do sânscrito e da escritura cuneiforme, afirma que quase todas as parábolas do Novo Testamento são cópias de parábolas hindus, sumérias, persas e sírias, particularmente as narradas no cap. 13 do Evangelho de Mateus.
18. Pelo menos 4 textos do Novo Testamento são cópias do budismo:
- Simeão no Templo;
 - a tentação do diabo;
 - o milagre da multiplicação de pães;
 - a caminhada de Pedro sobre o mar.
19. Quero esclarecer, com o teólogo e ex-padre católico Franz GRIESE (p. 116-117), que é inegável a influência do culto ao Deus Mitra sobre o cristianismo. Como o “Cristo da fé”, o salvador Mitra é também “logos”, ou seja, “emanado de Deus”, “palavra de Deus”, “verbo de Deus”; nasce milagrosamente e os pastores vieram adorá-lo quando nasceu. Mitra é o porto e a âncora da salvação e, terminada sua missão terrestre, volta ao Céu, permanecendo lá como Protetor Soberano. Os seus adoradores devem servi-lo com absoluta pureza, recebendo **sete sacramentos**, entre os quais figuram o **batismo**, a **confirmação** e a **comunhão: pão e vinho consagrados** por fórmulas rituais. Depois da morte, os fiéis devem comparecer diante de Mitra e, se tiverem sido bons, gozarão a eterna felicidade e, se tiverem sido maus, irão para o inferno eterno. No fim do mundo, virá Mitra para o Juízo Final. Linha por linha, encontramos aqui a religião cristã. O que faltava aos livros hindus encontramos aqui na religião persa. O culto a Mitra chegou a Roma com uma força tão grande, nos primeiros três séculos depois de Cristo, de tal modo que, se não tivesse ocorrido a vitória de Constantino, o mundo, no dizer de Renan, “teria se tornado mitriano, em vez de cristão” (apud GRIESE, p. 117).
20. Duas das divindades mais populares da Grécia antiga, cuja história, os seus ritos e as suas festas antecipam efetivamente, sob muitos aspectos, a religião cristã, são precisamente “Deméter” (a “mãe” de Deus) e “Dioniso” (o “filho” de Deus). Aliás, o termo “Dioniso” (da língua trácio-frígia) significa etimologicamente “filho de deus” – “**dio-niso**” (cf.

DONINI, p. 145, nota 26). Os nomes dessas duas divindades (“Deméter” e “Dioniso”) lembram algumas das características típicas do mito cristão (cf. DONINI, p. 144). Assim, por exemplo, no que diz respeito à ceia eucarística, “o momento culminante do rito [dionisiaco] é uma espécie de assimilação eucarística das carnes do deus, simbolizado por um cabrito; o fiel participa assim da força sobrenatural do próprio Dioniso, transforma-se em homem-Baco, em homem-deus” (DONINI, p. 208). Vê-se aqui, claramente, uma das origens do significado da ceia eucarística cristã/católica. Os primeiros cristãos, de fato, acreditavam que, ao comerem o pão e ao beberem o vinho eucarísticos, participavam do “Cristo da fé” do mesmo modo como os pagãos acreditavam que participavam dos seus deuses comendo a carne dos animais sacrificados em sua honra (cf. GRIESE, p. 179). O apóstolo Paulo, para induzir os cristãos a não participarem dos sacrifícios pagãos e não comerem a carne dos animais sacrificados aos ídolos, proíbe essa prática, substituindo-a pela “ceia do Senhor”, dizendo que, como pela carne dos ídolos, o homem participa dos “demônios”, ou seja, dos “deuses pagãos”, do mesmo modo pelo consumo do pão e do vinho eucarísticos o cristão participa do “Cristo da fé” (cf. GRIESE, p. 175).

O cristianismo tradicional é, por conseguinte, uma religião altamente sincretista, uma vez que é o resultado da fusão de diversas crenças. Essa verdade histórica deveria diminuir (ou mesmo eliminar) as pretensões exclusivistas da grande maioria dos cristãos em torno do mito da unicidade do cristianismo. Quero concluir a longa resposta da presente pergunta com o seguinte pensamento pluralista do historiador italiano Ambrogio Donini, com o qual concordo plenamente:

Fala-se ainda hoje do cristianismo como de uma religião em si, para a qual confluíram e encontraram a sua sistematização motivos antiquíssimos, até representar algo de “excepcional” e de “único”. É necessário despir-se deste hábito dogmático e, se me permitem a expressão, presunçoso (DONINI, p. 198).

4.11 O EXCLUSIVISMO ATRIBUÍDO A DEUS, A JESUS E À FÉ CRISTÃ NOS ESCRITOS DA BÍBLIA

P179 – Jesus, como o Senhor reavalia o exclusivismo atribuído a Deus, ao Senhor e à fé cristã nos escritos da Bíblia?

J – Discordo de qualquer forma de exclusivismo atribuído a Deus, a mim ou ao cristianismo na Bíblia, porque, como já disse, mas convém

repetir, nem Deus, que é Pai de todos, nem eu, que preguei a humildade, a justiça, o amor e a fraternidade, jamais fizemos ou faríamos qualquer acepção de povos, de pessoas ou de religião. Sem dúvida alguma, quero reafirmar que foram os autores humanos da Bíblia, e não Deus ou a minha pessoa histórica, os responsáveis por nos dar a falsa imagem de um Deus e de um Jesus parciais e exclusivistas. Sendo Deus um Pai amoroso e justo, como eu o retratei no Novo Testamento, ele jamais iria privilegiar, por exemplo, um pequeno grupo de homens (os judeus), relegando ao abandono todo o resto da humanidade. Aqui não vai nenhum antisemitismo, mas apenas a defesa do ponto de vista pluralista segundo o qual Deus, sendo justíssimo, não concederia privilégios a nenhum povo determinado, tratando os seus filhos com parcialidade e exclusivismo. “Deus não faz acepção de pessoas” (At 10, 34).

4.12 O MITO DA BÍBLIA INTEIRA COMO “PALAVRA DE DEUS”

P180 – Jesus, a grande maioria dos cristãos alega que tudo o que se encontra na Bíblia é “Palavra de Deus” e, por conseguinte, tudo na Bíblia é isento de erro ou contradição. Isso é verdade ou mito?

J – É um grande mito cristão. Apesar de a Bíblia judaico-cristã conter muitíssimos ensinamentos úteis, nem tudo o que nela se encontra é “Palavra de Deus”, pois ela, se interpretada em “chave histórica”, contém, de fato, muitas passagens errôneas e contraditórias. Um dos maiores erros da grande maioria dos cristãos, principalmente dos fundamentalistas, é defender, a ferro e fogo, que a Bíblia inteira é a “Palavra de Deus”, divinamente inspirada, dela nada podendo ser retirado, nem acrescentado, nem sequer uma vírgula. Vale transcrever aqui o comentário do escritor espírita Jayme Andrade:

Desde o berço é inculcada a ideia de que a Bíblia é a Palavra de Deus, e a Palavra de Deus não erra; é pecado sequer entreter dúvida a esse respeito. Entretanto, é essa aceitação errônea que tem trazido a confusão e que explica a multiplicidade de seitas entre os protestantes, cada seita interpretando a Bíblia segundo o seu ponto de vista e julgando-se a única depositária da verdade (ANDRADE, 1995, p. 213).

4.13 CONTRADIÇÕES E PARCIALIDADES NO ANTIGO TESTAMENTO (AT)

P181 – Jesus, o Senhor poderia dar-me alguns exemplos de contradições e parcialidades no Antigo Testamento (AT)?

J – Pois não. O AT da Bíblia judaico-cristã, se interpretado ao pé da letra, contém em si mesmo muitas contradições e parcialidades. Vejamos alguns exemplos (confira-os em sua Bíblia). Se, de um lado, o AT fala, por exemplo, de um Deus que proíbe matar (Ex 20, 13), de outro lado, ele declara que esse mesmo Deus, chamado no AT de Javé (ou Jeová), determina a pena de morte, a vingança e a violência, em muitas outras passagens (cf. Ex 21, 12-17; Ex 22, 18; Ex 32, 27-28; Ex 32, 5; Ex 34, 5-7), chegando mesmo ao ponto de ordenar que os judeus, em terra inimiga, devem matar não somente todos os homens e mulheres, mas até as aves, os peixes e os animais (cf. Dt 20, 10-14; Dt 20, 16; Ex 32, 27; Ex 32, 28 e 35; Dt 13, 6/9; Dt 13, 12/15). Essas passagens, por conseguinte, por serem contraditórias, não podem ser “Palavras de Deus”, mas “palavras de homens”.

Sabemos que não é Deus mesmo quem fala nessas passagens (“Palavra de Deus”), mas é apenas o legislador humano (o autor sagrado – “palavra do homem”) que põe na boca de Deus essas ordens para fazer com que elas adquiram maior autoridade e força perante o povo hebreu. Por conseguinte, não pode ter sido Deus mesmo quem inspirou tudo quanto se acha escrito na Bíblia.

Vejamos outro exemplo de contradição no Antigo Testamento: em Ezequiel (Ez 18, 20) está escrito: “O filho não sofre o castigo da iniquidade do pai, como o pai não sofre o castigo da iniquidade do filho”. Então, como aceitar a doutrina cristã tradicional, segundo a qual a Humanidade inteira está pagando pelos erros de um só homem (Adão) e de uma só mulher (Eva)?

Além disso, esta afirmação de Ezequiel está em frontal contradição com esta passagem do Livro do Êxodo (Ex 20, 5): “Eu Javé, teu Deus, sou um Deus ciumento, que vingo a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que me odeiam...”

Como conciliar a misericórdia e o amor de Deus com sua suposta “vingança e castigo da falta dos pais nos filhos e netos” (Ex 34, 7)? Como podem os filhos e netos pagarem pela falta dos pais e avós? Isso é justo? Como pode a “Palavra de Deus” proibir matar e logo a seguir mandar passar a fio de espada irmãos, vizinhos e amigos?

Quanto à parcialidade no AT, leiamos esta citação:

Há ali [no Antigo Testamento] umas coisas incríveis, outras fantásticas, outras escabrosas, outras terríveis... Há umas matanças, umas iniquidades, uma parcialidade que não se explica. E Deus metido no meio daquilo (ANDRADE, 1995, p. 7-8).

Em suma, as narrativas do Antigo Testamento, se interpretadas literalmente, contêm inúmeras contradições e incoerências. Como explicar, por exemplo, no primeiro capítulo do Gênesis, que a vegetação tenha sido criada no terceiro dia, enquanto o sol, condição para a vida vegetal, é criado apenas no quarto dia? É verdade que os animais no tempo da Bíblia falavam, mas hoje não falam mais? E o ‘dilúvio’ foi mesmo ‘universal’? E a ‘Torre de Babel’ é história ou mito? E ‘as pragas do Egito’ são relatos históricos ou míticos? E a travessia do Mar Vermelho foi do jeito como lemos no livro do Êxodo (ou como vemos no filme “Os Dez Mandamentos”)? É verdade que Josué, fundamentado no geocentrismo, mandou parar o sol (Js 10,13)? Para os fundamentalistas cristãos, baseados na “fé cega/mítica”, e não na “fé raciocinada”, nem tampouco na “racionalidade comunicativa/consensual/dialogal, tudo o que a Bíblia diz é verdade literal, por mais absurdo e irracional que pareça (*credo quia absurdum!*).

4.14 CONTRADIÇÕES E INCOERÊNCIAS NO NOVO TESTAMENTO

P182 – Jesus, o Novo Testamento (NT) está isento de contradições e incoerências?

J – De modo algum. Existem também no NT muitas contradições e falta de uniformidade no pensamento dos autores neotestamentários (cf. ANDRADE, 1995, p. 7-8). Por exemplo, a contradição, já mencionada em nossa primeira entrevista, entre a teoria da “salvação pela fé” e a mensagem da “salvação pelas obras”, pois, enquanto para Paulo é “só a fé que salva” (cf. Gl 2,16; Ef 2,8), para Tiago “somente a fé não pode salvar” (cf. Tg 2,14) e, para Mateus, Deus “retribuirá a cada um de acordo com as suas obras” (Mt 16,27).

Outra contradição doutrinária em Paulo, indicada por Andrade (1995, p. 46), é que ele, se, por um lado, defende a doutrina exclusivista da “predestinação”, ou seja, a doutrina mítica segundo a qual Deus escolhe de antemão aqueles que serão salvos (Ef 1,4), por outro lado, declara que “todo aquele que invoca o nome do Senhor será salvo” (Rm 10, 13). Como conciliar tal contradição?

Vejamos mais uma contradição, indicada por Miranda (1988, p. 31): Se João Batista me batizou e me reconheceu como o Messias, como é que, mais tarde, manda seus discípulos perguntarem a mim se eu sou mesmo o Messias ou se deveria ser esperado outro?

Mais uma contradição, indicada por Andrade (1995, p. 46): os companheiros de viagem de Paulo que o acompanhavam na estrada de Damasco, por ocasião de sua conversão, “ouviram bem a voz, mas a ninguém viram” (At 9, 7) ou “viram a luz, mas não entenderam a voz”? (At 22,9). Qual é a versão correta?

Vejamus outra contradição, indicada pelo escritor Bart D. Ehrman (cf. EHRMAN, 2006, p. 170): Segundo o Evangelho de Lucas (Lc 2,11), eu já *nasci* como o *Cristo* (= o “Messias”, o “Ungido”); mas em um de seus discursos em Atos (At 10, 37-38), Lucas afirma que eu me tornei o *Cristo* por ocasião de meu batismo; já em outra passagem do mesmo livro (At 2, 36), Lucas afirma que eu me tornei o *Cristo* somente em minha ressurreição. Como é que todas essas afirmações contraditórias podem ser literalmente verdadeiras?

Ainda segundo o mesmo escritor Bart D. Ehrman (ibid.), existe também uma contradição com respeito ao antigo título mítico de **Deus-Senhor** (comum a muitas religiões antigas), ou seja, à crença exclusivista e mítica de que eu sou o único “Senhor”. Lucas (Lc 2,11) diz que eu nasci como *Senhor* e sou chamado de *Senhor* ainda na vida terrena (Lc 10,1); mas nos Atos dos Apóstolos (At 2,36), escrito pelo mesmo Lucas, ele se contradiz, pois indica que eu me tornei o *Senhor* somente por ocasião de minha ressurreição.

Existem também várias contradições nos Evangelhos envolvendo numeração: assim, em Mateus (Mt 5, 1-10) há oito bem-aventuranças, enquanto em Lucas (Lc 6, 20-23) há apenas quatro bem-aventuranças. O Pai-Nosso de Mateus (Mt 6, 9-13) contém sete petições, enquanto o de Lucas (Lc 11,2-4) contém apenas cinco. Segundo Mateus (Mt. 20, 30), eu curei dois cegos em Jericó, mas, segundo Marcos (Mc 10, 46), eu curei apenas um cego em Jericó. Há duas versões diferentes para a história do meu nascimento (a de Mateus e a de Lucas). As quatro narrativas da Paixão se contradizem em vários pontos, não havendo concordância, por exemplo, entre os evangelistas quanto ao número de minhas supostas aparições depois de ressuscitado: Marcos (versão original) não narra nenhuma aparição do Ressuscitado: o trecho final de Marcos (Mc 16, 9-20), com aparições do Ressuscitado, é um acréscimo, reconhecido hoje por todos os estudiosos da Bíblia judaico-cristã. Mateus narra uma única aparição; Lucas narra duas aparições e João narra três aparições.

4.15 ALTERAÇÕES DA BÍBLIA EM SEUS TEXTOS ORIGINAIS

P183 – Jesus, existem provas de que a Bíblia sofreu alterações em seus textos originais?

J – Com toda certeza. Em relação ao Novo Testamento, por exemplo, os estudos críticos e históricos dos Evangelhos Canônicos (Mateus, Marcos, Lucas e João) mostram que a Igreja fez muitas alterações (acréscimos, supressões, interpolações, enxertias, acomodações, montagens etc.) aos textos originais (todos desaparecidos), com finalidades puramente apologéticas, isto é, com o objetivo de defender o seu ponto de vista hegemônico. Darei a seguir alguns exemplos, extraídos de obras de vários autores (cristãos e não cristãos).

Todos os estudiosos do Novo Testamento sabem, por exemplo, que o título de “Filho de Deus” atribuído a mim no Evangelho de Marcos (Mc 1, 1) é um acréscimo, pois não consta em textos mais antigos. Outro conhecido exemplo de acréscimo são os últimos 12 versículos do Evangelho de Marcos (Mc 16, 9-20), que também não constam de versões mais antigas do mesmo Evangelho. Esses 12 versículos falam das minhas supostas aparições como ressuscitado e de minha suposta ordem aos discípulos, dizendo-lhes: “Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura. Aquele que crer e for batizado será salvo; o que não crer será condenado” (Mc 16, 15-16). A verdade histórica, porém, é que eu nunca ordenei isso aos meus discípulos.

Um terceiro exemplo de acréscimo a um texto bíblico original diz respeito a todo o último capítulo do Evangelho de João (Jo 21). Os cristãos convencionais, para se defenderem dos ataques de seus contraditores, afirmam – fazendo uso da “fé cega racionalizada” – que até mesmo os acréscimos fazem parte das Escrituras inspiradas (cf. *A Bíblia de Jerusalém*, Evangelho de Marcos, capítulo 16, nota f).

A respeito de outras modificações aos textos bíblicos originais, vejamos o que diz Paulo Finotti (apud ANDRADE, 1995, p. 49-50):

Depois da proclamação da divindade de Cristo, no século IV, e depois da introdução, no sistema eclesiástico, do dogma da Trindade, no século VI, muitas passagens do Novo Testamento foram modificadas, a fim de que exprimissem as novas doutrinas. Em sua obra, “As Bíblias e os Iniciadores Religiosos”, diz Leblois, pastor em Strasburgo: “Vimos na Biblioteca Nacional, na de Santa Genoveva, na do Mosteiro de Saint Gall, manuscritos em que o dogma da Trindade está apenas acrescentado à margem. Mais tarde, foi intercalado no texto, onde ainda se encontra” (p. 272).

A doutrina da Trindade Cristã foi, de fato, intercalada no Evangelho de Mateus, como nos esclarece, apropriadamente, o escritor judeu Francimar de Oliveira (cf. OLIVEIRA, 1995, p. 13-14), através da interpolação do seguinte versículo (falsamente atribuído a mim): “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulas, **batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo**” (Mt 28, 19) (negrito meu). (Para uma análise mais detalhada acerca da doutrina da Trindade Cristã, cf. tema 4.82.)

O escritor espírita Léon Denis também nos afirma que “Celso, desde o século II, no Discurso Verdadeiro, lançava aos cristãos a acusação de retocarem constantemente os Evangelhos e eliminarem no dia seguinte o que haviam escrito na véspera” (DENIS, 1919, p. 271).

Bart D. Ehrman fala de quatrocentas mil variações na Bíblia (cf. EHRMAN, p. 100). É verdade que todas essas 400 mil variações na Bíblia foram inspiradas por Deus? Não confundamos mito com realidade!

Diante de tantas modificações que ocorreram nos textos bíblicos, quem honestamente poderá piamente acreditar (como faz a grande maioria dos cristãos) que tudo o que a Bíblia diz é a expressão da verdade, que tudo o que a Bíblia diz é “Palavra de Deus”?

4.16 ERROS DE TRADUÇÃO NA BÍBLIA

P184 – Jesus, existem erros de tradução na Bíblia?

J – Com certeza. Você sabe muito bem, Pinheiro, que, como afirma o conhecido adágio italiano, “toda tradução envolve traição” (*traduttore traditore*) e as traduções da Bíblia não podem fugir a essa regra, sobretudo, levando-se em consideração o fato peculiar de não mais termos os originais de nenhum texto bíblico com os quais pudéssemos confrontar as suas diversas traduções. A própria tradução da Bíblia inteira, feita por São Jerônimo, no século IV, sofreu diversas modificações e revisões ao longo da História da Igreja, como nos assegura o escritor Paulo Finotti:

Léon Denis afirma que a “tradução de Jerônimo foi considerada boa de 386 a 1586, tendo mesmo sido aprovada pelo Concílio de Trento em 1546. Em 1590 Sixto V achou-a insuficiente e errônea, ordenando uma nova revisão. A edição daí resultante, e que trazia seu nome, foi a seu turno modificada por Clemente VIII, sendo afinal a edição que serviu de base às traduções existentes em diferentes línguas (citado em ANDRADE, 1995, p. 49-50).

Mas os cristãos fundamentalistas, guiados pela “fé cega”, acreditam que as traduções bíblicas não podem conter erros, porque Deus não pode permitir que ocorram erros na tradução de Sua Palavra.

A verdade, porém, é que existem muitos e graves erros de tradução na Bíblia, alguns tendo sido responsáveis por falsas doutrinas, como a do “pecado original” e a do Espírito Santo (cf. temas 3.3.19 e 4.82).

4.17 A BÍBLIA E A CIÊNCIA

P185 – Jesus, quais são as relações entre a Bíblia e a Ciência?

J – Pinheiro, a Bíblia judaico-cristã sempre esteve em conflito com a Ciência. Para os cristãos liberais, a ciência e a fé não devem estar em conflito, mas em harmonia, de acordo com o princípio da unicidade da verdade. Para os cristãos fundamentalistas, contudo, as verdades da Bíblia são independentes das verdades da Ciência, ou seja, a Bíblia pode contradizer a Ciência, mas não vice-versa.

Como conciliar, entretanto, as profundas contradições entre o que a Bíblia afirma e o que a Ciência comprova? Quem está com a verdade? A Bíblia ou a Ciência? Pode a fé, de fato, contradizer a ciência? A História tem provado o contrário, isto é, que a Ciência pode contradizer a Bíblia (como no caso do heliocentrismo da Ciência vs. o geocentrismo da Bíblia).

Relaciono abaixo algumas contradições explícitas entre a Bíblia e a Ciência (ou entre a fé e a razão), geradoras de sérios conflitos entre os cristãos da linha fundamentalista e os da ala liberal:

- 1) Enquanto a Bíblia se fundamenta no geocentrismo, a Ciência se baseia no heliocentrismo (lembrar o suposto “milagre” bíblico em que Josué mandou parar o Sol – Js 10,13 – “milagre” esse interpretado pelos cristãos fundamentalistas como fato histórico.
- 2) Se pela narrativa bíblica o primeiro homem apareceu *literalmente* na Terra há 6 mil anos, a Ciência comprova que “a espécie humana tem pelo menos 40 mil anos de existência na Terra” (ANDRADE, 1995, p. 38).
- 3) Enquanto, pela interpretação literal da narrativa bíblica do livro do Gênesis, todos os seres humanos se originaram de único primeiro casal (Adão e Eva), a Ciência comprova que essa crença bíblica não tem o menor sentido perante as pesquisas antropológicas sobre a origem do homem e das diversas raças de nosso planeta.

- 4) Enquanto pela interpretação literal do livro do Gênesis, a morte entrou no mundo em consequência do “pecado original”, pela explicação da ciência, a morte é um fenômeno natural pelo qual todos os seres vivos sempre tiveram que passar.
- 5) Enquanto a Bíblia se baseia em crenças, lendas, mitos e fábulas, a Ciência fundamenta-se em fatos.
- 6) Enquanto as verdades bíblicas são consideradas “absolutas”, as verdades científicas são, por definição, todas “relativas”.
- 7) Enquanto a Bíblia fala de “ressurreição corporal” (no sentido de “reanimação do corpo físico que desceu à sepultura”), a Ciência prova que é impossível a reanimação do corpo físico de alguém que sofreu morte cerebral.
- 8) Nesse contexto, enquanto a Bíblia garante que, por ocasião do suposto Juízo Final, todos os corpos “ressuscitarão”, ou seja, todos sairão das sepulturas, mesmo que transformados, e voltarão à sua existência físico-material, a Ciência comprova que isso é impossível, uma vez que, com a desintegração física dos cadáveres nas sepulturas, suas moléculas passam a formar novos organismos. Como poderiam essas moléculas retornar (por ocasião do suposto Juízo Final) aos corpos enterrados e decompostos há séculos ou há milênios, cujas moléculas já serviram para compor milhares de outros organismos?

Esses exemplos que acabei de mencionar são mais do que suficientes para mostrar alguns dos sérios conflitos existentes entre as verdades da Ciência e as da Bíblia judaico-cristã (quando literalmente interpretada). Por que essa desarmonia entre a Bíblia e a Ciência?

4.18 O ‘DEUS’ DO ANTIGO TESTAMENTO (AT) X O ‘DEUS’ DO NOVO TESTAMENTO (NT)

P186 – Jesus, o conceito de Deus no Antigo Testamento (AT) é idêntico ao conceito de Deus no Novo Testamento (NT)?

J – De modo algum. Embora saibamos que **Deus é um só**, o conceito de Deus no AT é diferente do conceito de Deus no NT, pois Javé (ou Jeová), o ‘Deus’ do AT, conforme retratado literalmente pelos autores sagrados (como vingativo, violento, assassino e irascível), é o oposto do ‘Deus’ de Amor revelado por mim no NT. Logo, os dois conceitos da divindade não são idênticos. Por outro lado, enquanto o ‘Deus’ do AT é uno, mas não trino, o ‘Deus’ do NT foi erroneamente

dogmatizado como sendo uno e trino (um Deus em três pessoas). Logo, o conceito de ‘Deus’ no AT é bem diferente do conceito de ‘Deus’ no NT.

4.19 O PIONEIRO NA BUSCA DO JESUS HISTÓRICO

P187 – Jesus, quem foi o pioneiro na busca de sua pessoa histórica, isto é, do “Jesus histórico” (em contraposição ao “Cristo da fé”)?

J – A busca de minha pessoa histórica, Pinheiro, começou com o teólogo e pastor protestante (alemão) Hermann Samuel Reimarus (1694-1768), professor de línguas orientais em Hamburgo, Alemanha.

Como afirma o Pe. Caetano Minette deTillesse, “com Reimarus, começa uma nova época no estudo do Novo Testamento. Com Reimarus, começa o estudo crítico do Novo Testamento. É uma época radicalmente nova” (TILESSE, 1998, p. 19).

Um estudo minucioso dos Evangelhos levou Reimarus à firme convicção de que se deve fazer uma distinção clara entre aquilo que os autores dos Evangelhos disseram sobre mim e aquilo que eu realmente disse. Foi com essa distinção básica entre minha pessoa humana e o “Cristo da fé” que se deu início à busca do chamado “Jesus histórico”.

Consciente dos perigos que enfrentaria por parte da Igreja, Reimarus não teve coragem de publicar, em 1744, um manuscrito de 4.000 páginas, intitulado *Apologie oder Schutzschrift die vernünftigen Verhrer Gottes* (‘Apologia ou Defesa dos Adoradores de Deus segundo a Razão’), em que iniciava o processo demolidor sistemático da exegese tradicional (cf. TILESSE, *ibid.*, p. 5).

Reimarus, tentando conciliar fé e razão, já defendia, àquela época (1744), uma “fé racional” (às vezes chamada “racionalista”), muito semelhante à que, cerca de um século depois, foi chamada por Allan Kardec de “fé raciocinada”, isto é, uma fé que não entra em contradição com a razão nem com a ciência, em contraposição à “fé cega”, sustentada pela maioria dos cristãos, ou seja, uma fé que contradiz a razão e a ciência. Por isso, Reimarus e os demais estudiosos que o seguiram são geralmente chamados de teólogos “racionalistas” ou “liberais”.

Sem dúvida alguma, a obra volumosa de Reimarus causou uma verdadeira revolução copernicana entre os cristãos, uma vez que ela questionava e contestava severamente os fundamentos mais profundos de toda a fé cristã dogmática. Reimarus, nas palavras dos autores do DER,

recusava-se a acreditar na aliança de Deus com o povo eleito, nos profetas, na ressurreição de Cristo: tudo “invenção dos padres”. Negava à Escritura

o caráter de revelação e não admitia nem a Trindade nem a divindade do Cristo (DER, verbete **Reimarus, Hermann Samuel**).

Foi essa “revolução” interpretativa inaugurada pelo teólogo liberal Reimarus, em meados do século XVIII, que deu origem à forte reação do protestantismo fundamentalista.

A obra pioneira de Reimarus não ficou no esquecimento, pois teve e continua tendo muitos seguidores, como os atuais integrantes do **Seminário de Jesus**, um grupo de pesquisadores que se dedica intensamente ao estudo dos Evangelhos em busca de minha pessoa histórica (do “Jesus histórico”). Nas palavras do escritor espírita Hermínio C. Miranda,

Reimarus abriu os portões para um novo território especulativo: a busca do Jesus histórico, racional, ou, pelo menos, inteligível à mentalidade moderna, contexto no qual avultam nomes como os de Paulus, Schleiermacher, D. F. Strauss, Bruno Bauer e Renan, entre outros (MIRANDA, 1988, p. 22).

4.20 A OBRA FUNDAMENTAL DO PROTESTANTISMO LIBERAL

P188 – Jesus, qual é a obra fundamental do protestantismo liberal para o estudo de sua pessoa histórica, isto é, do “Jesus histórico”?

J – A obra fundamental do protestantismo liberal para o estudo de minha identidade histórica – o chamado “Jesus histórico” – intitula-se *Vida de Jesus: Análise Crítica* (no original, *Das Leben Jesu Kritisch Bearbeitet*), de autoria de um jovem teólogo cristão e escritor alemão, David Friedrich Strauss (1808-1874), cuja 1ª edição veio a lume em 1835, quando o autor tinha apenas 27 anos.

Nas palavras do teólogo católico, Pe. Caetano Minette deTillesse,

Strauss marca uma distinção clara, dura, genial, entre os acontecimentos “históricos” e as reinterpretações que a eles se acrescentaram. Strauss batiza esses acréscimos de “**mitos**”, palavra que se tornará “clássica” na pesquisa protestante liberal (TILLESSE, 1988, p. 7) (negrito meu).

Em outros termos, Strauss fez nos Evangelhos uma clara distinção entre **elementos míticos e históricos**, definindo os primeiros como algo lendário ou sobrenatural. A tempestade que irrompeu sobre as 1400 páginas de análise minuciosa custou-lhe a perda de seu primeiro emprego como professor de um seminário em Tübingen. Seus críticos o perseguiram até o ano de sua morte, em 1874.

A escolha que Strauss fez na sua avaliação dos Evangelhos foi entre o “Cristo da fé” (o “Jesus sobrenatural”) e a minha pessoa histórica. “Considerava a história evangélica como um mito, surgindo da ideia preconcebida que o povo judeu tinha do Messias. A tese suscitou grande escândalo no clero alemão” (DER, verbete **Strauss, David Friedrich**).

Ao rotular os “dogmas” do cristianismo (principalmente os do catolicismo) de “mitos”, Strauss foi terrivelmente perseguido, mas seu pensamento continua vivo até hoje, através de seus inúmeros seguidores.

4.21 OS EVANGELHOS COMO DOCUMENTOS DE FÉ

P189 – Jesus, os Evangelhos devem ser interpretados como documentos históricos confiáveis ou apenas como testemunhos da fé cristã, como defendia o grupo da neo-ortodoxia protestante?

J – Pinheiro, como já deixei claro no início desta entrevista, o grupo da neo-ortodoxia protestante, que reagiu fortemente contra o grupo dos teólogos liberais, sempre defendeu que os Evangelhos não são documentos históricos confiáveis, mas unicamente **documentos de fé** do cristianismo, “fé” em seus dois sentidos – “fé-confiança” e “fé-crença” – como definidos em nossa primeira entrevista. Esse grupo teve também seguidores ou simpatizantes entre alguns teólogos católicos.

Nesse contexto, o padre Caetano Minette de Tillesse pergunta:

Se nossos Evangelhos são um documento da fé da Igreja, por que não os estudar e interpretar como tais? Na realidade, o que está se manifestando, nos Evangelhos Sinóticos, como no de João, não é tanto o Jesus terrestre, mas o Cristo ressuscitado (TILLESSE, 1996, p. 46-47) (negrito meu).

Respondo a essa pergunta do padre Caetano Minette de Tillesse à Teologia liberal, dizendo-lhe que concordo com ele em que **“os Evangelhos são um documento da fé da Igreja”**, mas de uma **“fé cega”** que aceita e interpreta tudo o que está escrito nos relatos evangélicos (“Palavra de Deus”), ao pé da letra, literalmente, sem nenhuma interferência da razão e da ciência ou, quando muito, de uma **“fé cega racionalizada”**, que se utiliza da razão para justificar sua fé, mas sem nada questionar ou alterar, bem ao contrário da fé defendida em nossas entrevistas – a **“fé raciocinada”** – que “pode encarar a razão face a face em todas as épocas da humanidade” (KARDEC, 1997b, p. 911) e que, portanto, admite questionamentos e até mesmo revisões e atualizações doutrinárias.

4.22 A OBRA DE ALBERT SCHWEITZER

P190 – Jesus, que outro autor é também famoso na polêmica em torno da busca de sua pessoa histórica (o “Jesus histórico”)?

J – É o missionário, teólogo e filósofo Albert Schweitzer (1875-1965), com sua obra *A Busca do Jesus Histórico* (*The Quest of the Historical Jesus*), publicada em 1906. Albert Schweitzer, nascido em Kayserberg (Alsácia – Região do nordeste da França), tornou-se internacionalmente famoso depois da publicação dessa obra.

Em 1913, Albert Schweitzer foi morar em Lambaréné, na África Equatorial Francesa, onde fundou um hospital. Em 1952, ganhou o Prêmio Nobel da Paz.

Seguindo a linha da neo-ortodoxia protestante, Albert Schweitzer reage criticamente contra 251 autores que escreveram sobre minha identidade real (o “Jesus histórico”), desde o tempo de Reimarus até o seu próprio tempo. Ele conclui que um estudo crítico do Jesus histórico “é impossível, simplesmente porque não possuímos fontes históricas, cientificamente inquestionáveis” (apud TILESSE, 1988, p. 19).

Apesar das duras críticas de Albert Schweitzer, existe hoje um crescente esforço em busca de minha identidade real (o Jesus histórico).

4.23 O SEMINÁRIO DE JESUS

P191 – O que é o **Seminário de Jesus (SJ)**?

J – O **Seminário de Jesus** (*The Jesus Seminar*) é uma instituição de pesquisadores, iniciada nos Estados Unidos, em 1985, fundada pelo americano Robert W. Funk (falecido em 3 de setembro de 2005), e pelo historiador e ex-padre católico John Dominic Crossan, que vem dando plena continuidade à pesquisa em busca de minha verdadeira identidade histórica, ou seja, em busca do “Jesus histórico”. O conteúdo da presente entrevista, acerca da interpretação da Bíblia, sobretudo no que diz respeito à interpretação crítica dos Evangelhos, baseia-se, em grande parte, na pesquisa científica do Seminário de Jesus (SJ), publicada nos dois livros, referidos anteriormente (cf. FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, 1993; FUNK & THE JESUS SEMINAR, 1998). Os títulos desses dois livros podem ter, respectivamente, a seguinte tradução para o português: 1) *Os Cinco Evangelhos: O Que Jesus Realmente Disse? (A Busca pelas Palavras Autênticas de Jesus)*; 2) *As Ações de Jesus: O Que Jesus Realmente Fez? (A Busca pelas Ações Autênticas de Jesus)*.

4.24 PESQUISADORES DO SEMINÁRIO DE JESUS

P192 – Quantos pesquisadores integram o SJ (Seminário de Jesus?)

J – O SJ é uma instituição composta por cerca de 74 pesquisadores, altamente qualificados, que, há vários anos, se dedicam à investigação científica dos Evangelhos, em busca das minhas palavras e ações autênticas, ou seja, em busca do “Jesus histórico”.

A relação dos 74 pesquisadores do SJ e de sua qualificação acadêmica se encontra no livro “The Five Gospels” (p. 533-537). O SJ é uma espécie de reação à neo-ortodoxia protestante, que tentou suprimir qualquer interesse real pelo “Jesus histórico” ao longo de aproximadamente cinco décadas (1920-1970), e dá plena continuidade ao trabalho dos protestantes liberais, sendo mesmo considerado um verdadeiro “renascimento” dos estudos evangélicos em busca da minha verdadeira identidade histórica, o “Jesus histórico”.

4.25 AUTENTICIDADE DAS PALAVRAS E AÇÕES ATRIBUÍDAS A JESUS NOS EVANGELHOS

P193 – Jesus, a que conclusões chegaram até agora os integrantes do SJ acerca da autenticidade das palavras e ações atribuídas ao Senhor nos Evangelhos?

J – Os pesquisadores do SJ chegaram à conclusão de que mais de 80% das palavras e ações atribuídas a mim nos Evangelhos são inautênticas. Mais precisamente, segundo eles, apenas 18% (dezoito por cento) do total de palavras atribuídas a mim nos Evangelhos são consideradas autênticas e somente 16% (dezesseis por cento) do total de ações a mim atribuídas nos Evangelhos são, de fato, consideradas autênticas (cf. FUNK & THE JESUS SEMINAR, p. 1).

4.26 A INSPIRAÇÃO DA BÍBLIA

P194 – Jesus, qual é a principal crítica feita pelo SJ à suposta “inspiração da Bíblia”, ou seja, à crença da maioria dos cristãos segundo a qual o Espírito Santo ditou toda e qualquer passagem bíblica?

J – Segundo o SJ (cf. FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, p. 5-6), posição com a qual concordo plenamente, se o Espírito Santo ditou todos os textos bíblicos, que são **inerrantes** (= isentos de erros), ou pelo menos **inspirados**, como justificar, então, as concepções contraditórias acerca da minha natureza encontradas no Novo Testamento (NT)? Em outros termos, por que existem no NT tantas concepções diferentes a

respeito de minha pessoa, se a Bíblia foi toda divinamente inspirada? O Espírito Santo pode contradizer-se? Exemplificando, por que o ‘Jesus’ de João, por exemplo, é tão diferente do ‘Jesus’ dos outros evangelistas? Por que o ‘Jesus’ de Mateus e de Tiago salva pelas obras, enquanto o ‘Jesus’ de Paulo salva somente pela fé? Por que o ‘Jesus’ de uma denominação cristã é bem diferente do ‘Jesus’ de outra? Por que o ‘Jesus’ dos católicos, por exemplo, é tão diferente do ‘Jesus’ dos protestantes? Por que o ‘Jesus’ dos protestantes liberais e dos teólogos pluralistas é tão diferente do ‘Jesus’ dos fundamentalistas cristãos? A proliferação interminável de concepções sobre mim, por parte daqueles que defendem a infalibilidade da Bíblia, mostra a fraqueza e incoerência da “crença cega” na “inspiração” de toda e qualquer passagem bíblica.

4.27 A INERRÂNCIA DA BÍBLIA

P195 – Jesus, que outro problema existe para o ponto de vista da “inerrância da Bíblia”, ou seja, por ela ser supostamente isenta de erros?

J – Existe ainda, Pinheiro, segundo os mesmos pesquisadores do SJ, outro problema para o ponto de vista da suposta “inerrância bíblica”: se Deus tanto se esforçou em preservar um texto inerrante para a posteridade, por que o Espírito Santo não providenciou a preservação das cópias originais dos Evangelhos? Parece o mínimo, declaram os integrantes do SJ, que se pode exigir de um Deus que cria informantes absolutamente fidedignos. De fato, não temos cópias originais de nenhum dos Evangelhos. Não possuímos autógrafos de nenhum dos livros da Bíblia. As cópias mais antigas dos Evangelhos datam aproximadamente do ano 175 d.C. e nunca duas ou mais cópias são exatamente iguais. Além disso, os textos manuscritos quase sempre apresentam “correções” aqui e ali e, muitas vezes, feitas por mais de uma mão. A lacuna de quase dois séculos significa que o texto original grego (ou aramaico?) foi copiado a mão, mais de uma vez, antes de chegar ao estádio em que se encontra. É fato que até mesmo copistas cuidadosos cometem alguns erros, o que pode ser comprovado por qualquer revisor. Sabemos também que a Igreja fez muitas alterações aos textos originais (todos desaparecidos), com finalidades puramente apologéticas, isto é, com o objetivo de defender o seu ponto de vista hegemônico. Por conseguinte, nunca seremos capazes de afirmar, com absoluta certeza, como realmente era o texto original de qualquer passagem bíblica.

4.28 A FINALIDADE PRINCIPAL DOS ESCRITOS DO NOVO TESTAMENTO

P196 – Jesus, qual é a finalidade principal de todos (ou de quase todos) os escritos do Novo Testamento?

J – A finalidade principal de todos (ou de quase todos) os escritos do NT é provar que eu sou “literalmente” o “Filho de Deus”, o próprio Deus feito homem, o Messias, o único Salvador dos homens, o único mediador entre Deus e os homens. Por isso – esclarecem os integrantes do SJ (cf. FUNK & THE JESUS SEMINAR, p. 419) – os evangelistas não receiam em pôr na minha boca muitas declarações, na primeira pessoa do singular, que eu nunca fiz, pois eu não costumava iniciar diálogos fazendo afirmações míticas, espiritualmente arrogantes, egoístas e exclusivistas sobre minha pessoa do tipo:

- Eu sou o pão da vida (Jo 6,35).
- Eu sou a luz do mundo (Jo 8,12).
- Eu sou o bom pastor (Jo 10,11).
- Eu sou a ressurreição e a vida (Jo 11,25)
- Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai a não ser por mim (Jo 14,6).
- Eu sou a verdadeira vide (Jo 15,1).

Essas declarações são “palavras de João”, e não “palavras minhas”! João quer provar que eu sou Deus e, por isso, põe em meus lábios expressões desse tipo, ou atribui a mim várias ações miraculosas no domínio da natureza, como a multiplicação de pães (Jo 6,1-15), a caminhada sobre as águas (Jo 6, 16-21), a pesca milagrosa (Jo 21, 3-14), a ressurreição de Lázaro (Jo, 11, 1-46) etc., para provar a minha suposta divindade. O evangelista João nos diz explicitamente por que é que escreveu a sua obra: “Para credes que Jesus é o Messias, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais a vida em seu nome” (Jo 20,31).

O estudo crítico dos Evangelhos, realizado pelos pesquisadores do SJ, conclui que declarações como as que exemplifiquei há pouco nunca foram “palavras exatas” nem “autênticas” (do ponto de vista de seu conteúdo) ditas por mim (o “Jesus histórico”), mas palavras típicas e exclusivas do evangelista João para expressar a sua interpretação ou a de sua comunidade acerca da pessoa e missão do chamado “Cristo da fé”, personagem bem distinto do “Jesus histórico”. Nenhum dos versículos joaninos há pouco citados, por exemplo, aparece nos Evangelhos sinópticos (Mateus, Marcos e Lucas). Eles são, portanto,

criação do evangelista João, que, certamente os copiou de literaturas religiosas mais antigas, conforme documentei em nossa primeira entrevista (cf. tema 1.32.2). E eu reafirmo a todos que nunca fiz tais declarações exclusivistas, que contradizem radicalmente **as leis do código de moral universal que ensinei aos meus discípulos, como a humildade, o amor, o pluralismo, a igualdade e a fraternidade.**

4.29 CONSEQUÊNCIAS DESASTROSAS DE DECLARAÇÕES BÍBLICAS EXCLUSIVISTAS

P197 – Jesus, quais são algumas das consequências desastrosas de declarações bíblicas exclusivistas e míticas atribuídas ao Senhor?

J – Imagine, Pinheiro, quanta discriminação por parte dos cristãos, ao longo de toda a sua história, contra as outras religiões, exatamente com base em afirmações exclusivistas e míticas dos escritores do Novo Testamento, a respeito de palavras atribuídas a mim, como as que foram referidas em minha resposta da pergunta anterior.

Como refleti em nossa primeira entrevista (cf. tema 1.32.3), se eu sou o caminho, não há outro caminho – como a toda hora alegam os cristãos dogmáticos, fundamentalistas e exclusivistas.

Imagine, Pinheiro, que dois terços da humanidade (hoje mais de 4 bilhões de seres humanos não cristãos) ficariam todos excluídos, caso essas passagens evangélicas exclusivistas fossem realmente autênticas. Em outras palavras, para os cristãos exclusivistas, baseados num Evangelho superexclusivista como o de João, só há um caminho: o meu caminho e a suposta religião (ou igreja) por mim fundada. Se eu sou a verdade, todos os outros caminhos tornam-se automaticamente “falsos”. Se eu sou a vida, quem não segue este caminho está “morto”, está “perdido” e “condenado”, conforme a interpretação da maioria dos cristãos. Mas quem se deixa guiar pela “fé raciocinada” há de entender que eu não fui, em hipótese alguma, esse personagem mítico exclusivista retratado no Novo Testamento, particularmente no Evangelho de João.

A interpretação literal desse famoso versículo joanino (Jo 14,6) foi a grande lógica para o *slogan*: FORA DO CRISTIANISMO, NÃO HÁ SALVAÇÃO (ou, mais restritamente, FORA DA IGREJA CATÓLICA, NÃO HÁ SALVAÇÃO), uma vez que eu não apenas seria o caminho, a verdade e a vida, e ninguém iria ao Pai a não ser por mim, mas também, segundo alegam os católicos, teria fundado uma Igreja (a Igreja Católica) e entregue exclusivamente a Pedro as chaves do Reino dos Céus (Mt 16,18-19).

Diante dessa postura superexclusivista e mítica, o cristianismo tradicional sempre pretendeu ser a única fé verdadeira para toda a humanidade, todas as demais religiões sendo automaticamente classificadas como “marginais” ou “falsas”.

Surgiu, assim, a triste ditadura do cristianismo dogmático e mítico que, infelizmente, como vimos em nossa segunda entrevista, ainda perdura, se bem que, com um ecumenismo pluralista, essa situação deveria mudar. Conforme comprovei em nossa segunda entrevista, examinando vários documentos pontifícios sobre o ecumenismo, pude constatar que o inautêntico versículo joanino, segundo o qual eu sou o caminho (Jo 14,6), e não um caminho ao lado de muitos outros, é o mais utilizado em todos esses documentos da Igreja para, naturalmente, fundamentar o mito de minha unicidade e universalidade salvífica e da Igreja Católica, numa total distorção daquilo que eu autenticamente ensinei.

4.30 O NÚCLEO CENTRAL DA PREGAÇÃO DE JESUS E A LINGUAGEM UTILIZADA PARA EXPRESSÁ-LO

P198 – Jesus, qual foi o núcleo central de sua pregação nos Evangelhos e que tipo de linguagem o Senhor utilizou para transmiti-lo?

J – O núcleo central de minha pregação nos Evangelhos foi, indubitavelmente, sobre o **REINO DE AMOR DE DEUS**, expresso sobretudo no chamado *Sermão da Montanha* (Mt 5-7). Quanto à linguagem empregada para transmitir meus ensinamentos sobre Deus e o seu Reino de Amor, utilizei-me de *parábolas e aforismos*, ou seja, de *linguagem analógica, metafórica*, isto é, de “narração alegórica na qual o conjunto de elementos evoca, por comparação, outras realidades de ordem superior” (AURÉLIO, verbete **parábola**), uma vez que, como já disse (cf. tema 1.33.2), toda linguagem sobre Deus é analógica, ou seja, é a expressão do desconhecido e do inexprimível em termos do conhecido. Em outras palavras, só podemos falar de Deus e de seu reino de amor, através de analogias, de comparações e de metáforas, e não de linguagem objetiva, direta e literal. Nesse sentido analógico (metafórico, poético), eu falei bastante do Reino de Deus como sendo um reino de amor, de paz, de perdão, de justiça, de humildade e de fraternidade, mas ninguém deve se preocupar em saber quais foram as “palavras exatas” que eu empreguei para transmitir meus ensinamentos, pois as “palavras exatas” que eu usei são muito menos importantes do que o “conteúdo” expresso por elas.

4.31 INCERTEZA E IRRELEVÂNCIA DAS “PALAVRAS EXATAS” DE JESUS

P199 – Jesus, por que não podemos saber com absoluta certeza as “palavras exatas” que o Senhor falou nos Evangelhos, e qual a importância de sabermos ou não quais foram as suas “palavras exatas”?

J – Pinheiro, eu falei, mas nada escrevi e, em minha época, não havia gravador que pudesse registrar minha voz. Minhas palavras foram transmitidas oralmente aos meus discípulos que as retransmitiram aos seguidores das primeiras comunidades cristãs e somente entre quarenta e cinquenta anos após minha morte começaram a ser escritas nos Evangelhos. Por conseguinte, é muito difícil, para não dizer impossível, alguém ter certeza absoluta das “palavras exatas” que eu falei, uma vez que não se podem guardar na memória de longo prazo as “palavras exatas” de alguém depois de um espaço tão longo de tempo.

Além disso, como já dei a entender na resposta da pergunta anterior, o que interessa mesmo a todos os cristãos é o conteúdo de minha mensagem, e não as palavras exatas que eu utilizei para expressá-lo. Daí, não terem lá muito sentido os inúmeros conflitos entre os próprios cristãos em torno de minhas “palavras exatas”. Infelizmente, muitos cristãos se apegam mais às palavras do que ao seu conteúdo e vivem a digladiar-se por causa de interpretações literalistas (fundamentalistas) dos Evangelhos, gerando conflitos e divisões com aqueles cristãos (e não cristãos) que não mais se apegam à letra, mas ao espírito da mensagem. Faço questão de repetir que as “palavras exatas” que empreguei são muito menos importantes do que o “conteúdo” expresso por elas. Por isso, peço aos cristãos que, em vez de se preocuparem com as minhas “palavras exatas”, procurem entender e pôr em prática o “conteúdo” do que lhes ensinei, mesmo que tenha sido transmitido através de **linguagem figurada** (parábolas, alegorias, comparações, analogias, metáforas etc.), único meio linguístico possível de se falar a respeito de Deus e de seu Reino de Amor.

4.32 CONHECIMENTO DO JESUS HISTÓRICO

P200 – Jesus, como pretender, então, conhecer a sua real identidade histórica (o “Jesus histórico”), se não temos certeza absoluta do que o Senhor realmente disse e fez?

J – Pinheiro, ninguém tem certeza absoluta do que eu realmente disse e fiz em termos de minhas “palavras e ações exatas”, mas todos

podem compreender a “essência” de minhas ações autênticas e de meus ensinamentos ético-morais, os quais são princípios universais de boa conduta humana, tais como **a humildade, a justiça, a fraternidade, a união, o perdão, a tolerância, a pureza, a caridade e o amor a Deus e ao próximo**. Esse foi, como já falei por diversas vezes, **o código de moral (ou de ética) universal** que ensinei aos meus discípulos, resumido sobretudo no chamado *Sermão da Montanha* (Mt 5-7).

Existe, há mais de dois séculos, como já falei, um grande esforço por parte de muitos estudiosos cristãos, principalmente da ala do protestantismo liberal, em busca, não das minhas “palavras e ações exatas”, mas de minhas “palavras e ações autênticas”. Não confundamos **palavras exatas** com **palavras autênticas**. As primeiras dizem respeito às palavras *literalmente* ditas por mim, enquanto as outras referem-se à verdade ou não de eu ter transmitido aquela mensagem expressa por aquelas palavras que foram escritas nos Evangelhos.

É muito difícil, para não dizer impossível, reconstruir as minhas “palavras exatas”, mas não é impossível reconstruir as minhas “mensagens e ações autênticas”, que são bem distintas das “mensagens e ações míticas” (imaginárias e fictícias) atribuídas ao “Cristo da fé”.

4.33 A VERDADEIRA MENSAGEM DO JESUS HISTÓRICO

P201 – Jesus, o que o Senhor veio realmente ensinar aos homens?

J – Pinheiro, eu vim ensinar aos homens que a verdadeira vida não está sobre a Terra, mas no reino dos céus e que o caminho para atingir o reino de Deus é **“Amar a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”**, e dizendo: “está aí toda a lei e os profetas” (DER, verbete **Jesus Cristo**) (negrito meu).

Essa foi a grande mensagem trazida por mim (**a mensagem do Jesus histórico**). Como corretamente afirma a maioria dos estudiosos críticos dos Evangelhos, sobretudo os teólogos liberais e pluralistas (em oposição diametral às interpretações dos cristãos fundamentalistas), tudo o mais que foi atribuído a mim nos relatos do Novo Testamento, como minha divindade, meu nascimento virginal e miraculoso, meu papel de único redentor da humanidade pelo meu sangue derramado na cruz, minha ressurreição corporal, meus milagres no domínio da natureza, a fundação de uma religião e de uma igreja exclusivistas, a instituição de sacramentos indispensáveis à salvação, a ameaça de um castigo eterno etc. deve ser avaliado pelo estudioso crítico das religiões como **crenças mitológicas** dos cristãos convencionais, com fins puramente

apologéticos, ou seja, como estratégias utilizadas por eles para dar credibilidade ao “cristianismo mítico” (fundado por Paulo de Tarso).

4.34 O ÚNICO MESSIAS, O ÚNICO SALVADOR E O ÚNICO FILHO DE DEUS

P202 – Em função do “pluralismo” que defendemos, gostaria que o Senhor reafirmasse sua contestação ao mito exclusivista da **unicidade cristã**, segundo o qual o Senhor designou-se o único “Messias”, o único “Salvador” e o único “Filho de Deus”.

J – Pinheiro, como já afirmei por diversas vezes, mas não me cansarei de repetir, eu jamais fiz essas declarações exclusivistas e míticas sobre a minha pessoa. Foram os cristãos e os escritores bíblicos, particularmente Paulo de Tarso, que, ao longo do Novo Testamento, me apresentaram como o “único Messias”, o “único Filho de Deus” e o “único Salvador” dos homens: “Não há sob o céu outro nome dado aos homens pelo qual devamos ser salvos” (At 4,12).

Coforme esclareci em nossa primeira entrevista (cf. tema 1.20), existem, há vários anos, no meio dos próprios cristãos, famosos teólogos que rejeitam, com razão, a pretensão do cristianismo mítico de ser a única religião verdadeira ou de eu ser o único “salvador” da humanidade. Por isso, recomendei (e continuo recomendando) a leitura do livro *The Myth of Christian Uniqueness* (‘O Mito da Unicidade Cristã’), organizado pelos teólogos pluralistas John Hick – protestante – e Paul Knitter – católico (HICK & KNITTER, 1987). Como afirmado, os autores desse livro argumentam, com muita propriedade, que a crença na *unicidade cristã*, isto é, na pretensão do cristianismo dogmático de ser a única religião verdadeira (porque a única religião supostamente fundada pelo próprio Deus) e de eu ser o único caminho de salvação, não é uma verdade histórica e absoluta, mas um **mito cristão** (para o conceito de “mito” e “mitos cristãos”, ver tema 4.40, bem como SOUZA, 2007, cap. 2).

Nesse contexto, é muito importante esclarecer também, com Frances Young (cf. YOUNG, 1977, p. 13-47), que os títulos míticos neotestamentários atribuídos a mim (**Filho de Davi, Filho do Homem, Filho de Deus, Logos, Senhor...**) são, na sua origem, pré-cristãos, tendo sido posteriormente mudados e adaptados na aplicação feita a mim, e atribuídos a mim pelos cristãos primitivos, mas nunca foram advogados por mim mesmo. Em suma, todo o estoque de títulos cristológicos míticos do Novo Testamento deriva-se do contexto cultural

no qual estavam inseridos os primeiros cristãos e foram usados por eles para expressar sua resposta de fé à minha pessoa mítica.

4.35 PEDRO, A PEDRA

P203 – Jesus, os católicos estão convictos de que PEDRO FOI A ÚNICA PEDRA SOBRE A QUAL O SENHOR EDIFICOU A SUA IGREJA. Logo, segundo eles, o Senhor é o verdadeiro fundador da Igreja Católica. Como o Senhor reavalia essa pretensão dos católicos?

J – Pinheiro, essa pretensão católica está longe de ser verdadeira, como passarei a explicar-lhe detalhadamente. O principal argumento dos católicos para essa velha pretensão exclusivista e, portanto, antiecumênica, é baseada numa interpretação literal do Evangelho de Mateus (Mt 16, 18-19), em que Pedro teria sido a pedra sobre a qual eu teria edificado a minha Igreja, tendo sido ele o único a receber de mim as chaves do reino dos céus. Trata-se aqui, na realidade, de uma passagem altamente controvertida do Novo Testamento e que tem dado origem a numerosos conflitos e divisões dentro do próprio cristianismo. Esses versículos de Mateus constituem, de fato, como vêm comprovando, há tempo, muitos estudiosos do Novo Testamento, uma mal-arrumada montagem, criada pelo autor do Evangelho de Mateus (Mt 16,13-19), que coloca retroativamente nos meus lábios a célebre passagem deste evangelista, com fins totalmente apologéticos (“apologia” aqui significa “defesa da fé” cristã dogmática e mítica). Leiamos a referida passagem:

Chegando Jesus ao território de Cesareia de Filipe, perguntou aos discípulos: “Quem dizem os homens ser o Filho do Homem?” Disseram: “Uns afirmam que é João Batista, outros que é Elias, outros, ainda, que é Jeremias ou um dos profetas.” Então lhes perguntou: “E vós, quem dizeis que eu sou?” Simão Pedro, respondendo, disse: “Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo.” Jesus respondeu-lhe: “Bem-aventurado és tu, Simão, filho de Jonas, porque não foi carne ou sangue que te revelaram isto, e sim o meu Pai que está nos céus. Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei **minha Igreja**, e as portas do Inferno nunca prevalecerão contra ela. Eu te darei as chaves do Reino dos céus e o que ligares na terra será ligado nos céus, e o que desligares na terra será desligado nos céus (Mt 16,13-19) (negrito meu).

Para quem interpreta os relatos evangélicos ingênua e literalmente, não precisaria mais nada além dessa famosa passagem de Mateus para concordar com a crença mítica dos católicos segundo a qual a sua Igreja teria sido realmente instituída por mim. O caso, entretanto,

não é tão simples assim. Essa passagem de Mateus – exclusivista por natureza – divide os católicos de todos os outros cristãos e de todos os não cristãos. Só por essa característica exclusivista, e também pelo fato de essa passagem ser exclusiva de Mateus, já se pode deduzir que ela tem sabor de inautenticidade. Tanto os protestantes (até mesmo os fundamentalistas) como os espíritas (e outros espiritualistas reencarnacionistas) são unânimes em afirmar que essa passagem não pode ser autêntica, mas trata-se de uma montagem mal-arrumada para satisfazer interesses católicos. Para enriquecer nossa reflexão, recebamos, nesse sentido, a contribuição que nos oferece o escritor espírita Hermínio C. de Miranda, através da seguinte argumentação:

É pouco provável, contudo, que Jesus tenha, por exemplo, instituído uma igreja, ou melhor, **a sua igreja**, conforme consta em Mateus 16:18. Essa é a única referência específica nos Evangelhos, ressaltando-se, naturalmente, que a palavra original grega – *ekklesia* – quer dizer comunidade, reunião de pessoas, religiosas ou não. É com essa conotação que começou a ser aplicada, nos Atos e nas Epístolas, ou seja, um local onde se reuniam os cristãos, não como uma Igreja fundada e institucionalizada por Jesus, com a sua estrutura administrativa, ritualística, sacramental e doutrinária (MIRANDA, 1988, p. 168-169) (negrito do autor).

O mesmo autor prossegue em sua brilhante argumentação, à luz da “fé raciocinada”, mostrando que eu não fundei nenhuma igreja:

Em suma, Jesus não fundou **a Igreja** e nem mesmo **igrejas**, como Paulo e outros apóstolos. Pregou as suas ideias e deu seu testemunho. Não estava cogitando de templos de pedra e nem de hierarquias sacerdotais, dogmas ou normas de direito canônico. Sequer de uma teologia, no sentido em que hoje conhecemos esse conceito. Para que igrejas, se ele não cuidara, sequer, de ter uma pedra sobre a qual pousasse a cabeça? (ibid.) (negritos do autor)

4.36 A ARTIFICIALIDADE DE MATEUS 16,13

P204 – Jesus, por favor, fale da artificialidade de Mateus 16,13.

J – A respeito do caráter artificial da pergunta atribuída a mim, em Mateus 16,13 (“Quem dizem os homens ser o Filho do Homem?”), e acerca da inautenticidade da passagem sobre a fundação da minha Igreja e do “primado” de Pedro, o escritor espírita Hermínio C. Miranda ofereceu-nos os seguintes argumentos, com os quais concordo plenamente:

Até mesmo a interpelação inicial de Jesus aos discípulos (“Quem dizem os homens ser o Filho do Homem?”), parece ter sido colocada ali apenas para oferecer encaixe à ideia do “primado” de Pedro, ainda que a pergunta, em si, possa ter sido verdadeira em outro contexto ou oportunidade. [...] Seja como for, lá está em Mateus, a formal instituição da Igreja (*minha Igreja*), a ideia do inferno e a de que Pedro teria em suas mãos as “chaves do Reino”. Do que se depreende que o texto não é somente de duvidosa autenticidade, mas também incompetente, pois não é crível, nem lógico, que, após ter estabelecido as condições, segundo as quais o ser humano herdaria o Reino dos céus, ou o mereceria por seu procedimento reto, suas virtudes e tudo mais, Jesus resolva, diferentemente, que a recompensa máxima de um bom cristão não seria mais a resultante de um esforço pessoal na prática do bem e no exercício do amor a Deus e ao próximo, e sim, uma condição aleatória indefinida, que ficaria inteiramente ao arbítrio de Pedro – e, por extensão, de seus sucessores, somente porque a Igreja, mais tarde, considerou-o seu primeiro Papa (MIRANDA, 1988, p. 168-169).

Na verdade, o primeiro dirigente da *comunidade* (e não “igreja”) que formei foi meu irmão Tiago, e não Pedro. Eu não fundei uma nova religião nem uma igreja. Eu formei, sim, uma **COMUNIDADE DE AMOR** (o “**cristianismo das origens**”), ou seja, uma **COMUNIDADE DE PESSOAS**, para viver e pregar os princípios do **código de moral (ou de ética) universal** que ensinei: **a paz, a união, a fraternidade, a justiça, a humildade, o perdão e o amor**, sem exclusivismos e divisionismos de nenhuma espécie. Não me cansarei de repetir essa verdade, porque somente a vivência desse “**código divino**” de moral (ou de ética) universal será capaz de realmente unir todas as pessoas e todas as religiões.

4.37 IMPLICAÇÕES ECUMÊNICAS E MACROECUMÊNICAS DE MATEUS 16, 13-19

P205 – Jesus, quais são as principais implicações ecumênicas e macroecumênicas dos versículos superexclusivistas de Mateus (Mt 16,13-19), que o Senhor acabou de questionar?

J – Uma óbvia e séria implicação ecumênica da passagem exclusivista de Mateus, que, há pouco, questionei, é que todas as outras igrejas cristãs deveriam retornar ao seio da suposta verdadeira Igreja fundada por mim (A MINHA IGREJA), a Igreja Católica. E uma clara implicação macroecumênica da mesma passagem é que todos os seguidores das demais religiões do mundo deveriam converter-se ao

catolicismo, visto ser a Igreja Católica, na opinião dos católicos, a única religião verdadeira, por ter sido – segundo alegam eles – a única religião fundada pelo próprio Deus encarnado (**o Jesus que é Deus e homem**).

4.38 A MINHA RELIGIÃO E A MINHA IGREJA

P206 – Jesus, em função dos objetivos genuinamente ecumênicos e macroecumênicos de nossas entrevistas, gostaria que o Senhor reafirmasse sua posição pluralista segundo a qual o Senhor não fundou uma nova religião nem uma igreja (a SUA IGREJA), como alegam os adeptos do cristianismo mítico.

J – Pinheiro, é muito simples justificar minha posição. Reafirmo que eu não fundei uma nova religião, isto é, uma nova instituição religiosa, e menos ainda uma “igreja”, a minha Igreja (como dogmatizaram os católicos). O que eu fiz, como já disse muitas vezes, mas não me cansarei de repetir, foi ensinar a prática do amor a Deus e ao próximo. Como eu, que amo a todos indistintamente, poderia ter fundado uma “igreja”, a minha “igreja”, se “igreja” é normalmente sinônimo de “divisão” e de “exclusivismo”, haja vista as centenas de “igrejas” que se dizem “cristãs”, espalhadas pelo mundo inteiro, “lançando anátemas umas contra as outras” (COMBY, 1996, p. 35), cada uma pretendendo ser dona exclusiva da verdade cristã?

Não fui eu, por conseguinte, faço questão de repetir, que fundei uma nova religião ou uma “igreja” (a minha “igreja”), mas foram os cristãos exclusivistas que o fizeram, a começar por Paulo de Tarso. É totalmente inconcebível, portanto, que eu tenha sido o fundador de uma nova religião (o cristianismo mítico) ou de uma igreja (a Igreja Católica). Não me cansarei de repetir que eu ensinei e pratiquei não uma nova religião, mas A RELIGIÃO, A VERDADEIRA RELIGIÃO – **A VIVÊNCIA DO AMOR!**

Os espíritas vêm, corretamente, transmitindo essa mesma verdade em sua rica literatura. E atualmente existem até mesmo teólogos e estudiosos cristãos (incluindo católicos) que negam, com razão, que eu tenha, de fato, fundado uma igreja durante a minha vida terrena. Como exemplo de um famoso escritor católico que defende essa mesma verdade, quero citar aqui o ilustre teólogo Hans Küng, padre suíço, nomeado pelo Papa João XXIII como consultor teológico para o Concílio Vaticano II. Eis suas palavras:

Jesus não fundou uma igreja durante sua vida. [...] Hoje, até exegetas católicos aceitam que a famosa frase sobre Pedro como a pedra na

qual Jesus construirá sua igreja (Mateus 16,18-19: a declaração está no futuro), e da qual os outros Evangelhos não têm conhecimento, **não é uma frase do Jesus terreno, mas foi composta após a Páscoa pela comunidade palestina, ou mais tarde pela comunidade de Mateus** (KÜNG, 2002, p. 28) (negrito meu).

Essa mesma tese de que eu não fundei uma igreja, como nos informa o escritor e ex-padre católico Eduardo Hoornaert, já havia sido defendida, no início do século XX, pelo padre francês Alfred Loisy, o qual

sofreu muito por causa desse seu posicionamento, foi humilhado e proibido de ensinar em instituições da Igreja. Morreu isolado de seus colegas. Mesmo assim, **sua tese é vitoriosa, hoje, pelo menos entre os estudiosos da história das origens do cristianismo** (HOORNAERT, 2006, p. 34) (negrito meu).

A tese de que eu não fundei uma igreja é igualmente defendida, hoje, pelos integrantes cristãos do Seminário de Jesus (cf. FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, p. 41).

Com essa hipótese, não pretendo diminuir a importância e o valor do cristianismo dogmático e da Igreja Católica ao longo da História, mas desejo apenas tentar contribuir para o conhecimento da verdade que nos liberta: “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (Jo 8,32). Nesse contexto, refletamos sobre o que escreveu o famoso escritor vaticanista espanhol Juan Arias:

Uma das perguntas mais delicadas, comprometedoras e complexas sobre Jesus de Nazaré é se ele quis fundar uma nova Igreja e uma nova religião. Uma pergunta difícil, já que a Igreja Católica e, em geral, as igrejas cristãs jamais admitirão que não foram fundadas por Jesus [...] E estão convencidas de que o cristianismo é uma nova religião, como o islamismo, o judaísmo e o hinduísmo. Contudo, **não poucos especialistas se fizeram seriamente essa pergunta**. E muitos deles, a começar pelos modernistas, foram condenados e perseguidos por terem questionado a vontade de Jesus de fundar uma Igreja. Roma, ao contrário, jamais teve dúvidas quanto ao fato de Jesus ter fundado sua Igreja sobre Pedro, a quem deu o poder de governar e o dom da infalibilidade para não errar em sua tarefa.[...] Mesmo na hipótese não provada de que não seja Jesus o fundador da Igreja Católica [...], isso não diminui em nada a importância que essa instituição religiosa e o cristianismo em geral tiveram e têm na história. **Tampouco diminui sua importância o fato de que essa Igreja possa ter nascido da fé dos primeiros cristãos e da concepção religiosa de Paulo de Tarso, considerado por alguns autores o**

verdadeiro fundador do cristianismo, ao fazer com que o cristianismo primitivo se afastasse de suas originais raízes judaicas (ARIAS, p. 127-128) (negrito meu) (ver também o livro “Paulinismo”, SOUZA, 2010b).

O famoso teólogo Leonardo Boff, em seu livro *Igreja: Carisma e Poder*, publicado (pela Editora Vozes) em 1981, também reconhece a existência dentro do próprio catolicismo de duas correntes opostas entre os teólogos: uma corrente afirmando que eu fundei a Igreja e outra afirmando que “a Igreja como instituição não estava nas cogitações do Jesus histórico...” (BOFF, 2005, p. 425). Por causa dessa afirmação, Boff foi duramente criticado e julgado por Joseph Ratzinger (hoje o Papa Bento XVI), que o acusa nos seguintes termos, citando Boff (ibid.):

Segundo suas próprias palavras, (L. Boff) coloca-se dentro de uma orientação na qual se afirma que “a Igreja como instituição não estava nas cogitações do Jesus histórico, surgindo, isto sim, como evolução posterior à ressurreição, particularmente com o processo progressivo de desescatologização” (p. 133) (RATZINGER, apud BOFF, ibid.)

Mesmo tendo rebatido essa e outras críticas feita por Ratzinger ao seu livro, passado um ano do julgamento (em 1985), Boff

foi condenado a um tempo indeterminado de “silêncio obsequioso”, deposto da cátedra de teologia, impedido de escrever e de coordenar o edital religioso da Editora Vozes. O livro *Igreja: carisma e poder* não poderia mais ser reeditado sem profundas remodelações (BOFF, ibid., p. 17-18).

4.39 A ÚNICA RELIGIÃO DE DEUS E A ÚNICA IGREJA DE DEUS

P207 – Jesus, a grande maioria dos cristãos está convicta de que o cristianismo convencional é A ÚNICA RELIGIÃO DE DEUS, porque essa instituição religiosa teria sido fundada pelo próprio Deus, e os católicos também estão convictos de que a sua igreja é A ÚNICA IGREJA DE DEUS, porque teria sido a única igreja instituída pelo próprio Deus. Na sua opinião, qual é mesmo A ÚNICA RELIGIÃO DE DEUS?

J – Pinheiro, **a única religião de Deus é o amor**. Deus não é, portanto, o fundador de nenhuma religião (ou igreja) particular. Por conseguinte, Deus não é nem nunca foi propriedade de nenhuma igreja ou instituição religiosa, pois Deus não é parcial ou exclusivista, uma vez que Ele é igualmente o Pai de todos. “Deus não faz acepção de pessoas; [...] em qualquer nação, quem o teme e pratica a justiça lhe é agradável” (At 10,34-35; Dt 10,17). Logo, o Deus de uma religião não pode ser superior

ao de outras, embora as religiões, devido às suas limitações, o vejam de maneira exclusivista e, por isso, vivam, lamentavelmente, a digladiar-se pela defesa de seu Deus como sendo “superior” ao Deus das demais:

Todas as religiões estão desnecessariamente brigando umas contra as outras. Seus argumentos são absolutamente sem sentido – elas estão falando sobre o *mesmo* Deus. Mas, por elas terem conhecido diferentes aspectos [do mesmo Deus], elas estão insistindo em seus próprios aspectos: que “essa é a verdade”. E o outro está dizendo que justamente o oposto é a verdade (OSHO, 1980, p. 115).

Essa reflexão de Osho faz-me lembrar da antiga parábola budista “Os cegos e o elefante”, relatada em nossa primeira entrevista (cf. tema 1.32.6), segundo a qual um mesmo elefante foi observado por vários cegos de nascença, sendo que cada cego, só conseguindo apalpar uma parte do elefante, descreveu-o de modo totalmente diferente, cada um considerando a sua descrição como a única verdadeira. O mesmo ocorre com os seguidores “cegos” (e fanáticos) das diferentes religiões.

Quanto às pretensões exclusivistas do cristianismo mítico e da Igreja Católica de terem sido a única religião fundada pelo próprio Deus, esclareço que essas pretensões não têm nenhum fundamento, pois eu não sou *literalmente Deus e homem*, uma *pessoa inteiramente divina*, conforme a crença mitológica da maioria dos cristãos.

4.40 MITO, MITOLOGIA E MITOS CRISTÃOS

P208 – Por favor, conceitue “mito”, “mitologia” e “mitos cristãos”, uma vez que esses termos são expressões-chave de nossas entrevistas.

J – Como você esclarece muito bem em seu 2º livro ecumênico, “*Mitos Cristãos: Desafios para o Diálogo Religioso*” (SOUZA, 2007), embora ainda não haja consenso na literatura religiosa sobre o conceito de “mito”, todos os estudiosos das religiões são unânimes em afirmar que os “mitos” fizeram (ou fazem) parte de todas as religiões. Logo, o cristianismo não pode ter a pretensão de ser uma religião sem mitos. Mas o que é “mito”? E qual é a diferença entre “verdade mítica” e “verdade histórica”? O consenso que parece existir entre os estudiosos das religiões é que não devemos confundir “mitos” com “acontecimentos históricos” (no sentido moderno de “história”, como narração de fatos reais e não de acontecimentos fictícios ou imaginários).

A palavra “mito” é geralmente usada para expressar o modo arcaico e primitivo de o homem tentar explicar – de modo ilógico e irracional – a

realidade que nos rodeia, como a origem do mundo, do homem, a nossa dependência do divino etc. O “mito”, no dizer de Bierlein (2003, p. 19), “é a primeira forma de ciência: especulação sobre a origem do mundo”.

“Platão opunha o mito (*mythos*), enquanto mentira, ao *logos* que exprime a verdade” (BRUNEL, *Dicionário de Mitos Literários*, p. xv).

Segundo um dos maiores especialistas em mitologia (o escritor romeno Mircea Eliade), a palavra “mito” é

hoje empregada tanto no sentido de “ficção” ou “ilusão”, como no sentido – familiar sobretudo aos etnólogos, sociólogos e historiadores das religiões – de “tradição sagrada, revelação primordial, modelo exemplar” (ELIADE, 2006, p. 7-8).

John Hick, o maior filósofo e teólogo pluralista do mundo, define “mito” nos seguintes termos:

Um mito é uma história contada, que não é literalmente verdadeira; é uma ideia ou uma imagem que é aplicada a alguém ou a alguma coisa, mas não pode ser literalmente interpretada, pois quer somente despertar uma atitude particular nos seus ouvintes (HICK, 1977, p. 178) (negrito meu).

Sem querer agredir a fé cristã tradicional (a qual merece todo o nosso respeito), nem diminuir o valor histórico do cristianismo e da Igreja Católica, mas apenas contribuir para o conhecimento da verdade que nos liberta (“*Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará*”), adoto em nossas entrevistas, esses quatro sentidos de mito, uma vez que um sentido não exclui necessariamente o outro: 1) o conceito platônico de “mito” como “mentira”; 2) o seu conceito moderno de “ficção” ou “ilusão”; 3) o seu conceito proposto por Hick de uma história contada, que não é literalmente verdadeira, e 4) o sentido arcaico de mito como “tradição sagrada, revelação primordial, modelo exemplar” (ELIADE, 2006, p. 8; ver também SOUZA, 2007, p. 21).

Em seu significado antropológico, o *mito* pode ser conceituado como “relato simbólico, passado de geração a geração dentro de um grupo, que narra e explica a origem de determinado fenômeno, ser vivo, acidente geográfico, instituição, costume social etc.” (HOUAISS, verbete **mito**).

O termo “mitologia” designa os mitos de determinado povo, bem como a ciência que os estuda. Daí, as expressões *mitologia hindu*; *mitologia grega*, *mitologia romana*; *mitologia egípcia* etc. (cf. BOLTON, 2004, p. 16).

“Mitos cristãos”, na concepção dos teólogos cristãos liberais e pluralistas (cf. TILESSE, 1988, p. 7), são algumas das principais crenças irracionais do cristianismo dogmático, tais como: 1) a queda dos anjos; 2) o pecado original; 3) a minha encarnação divina; 4) a minha unicidade salvífica; 4) o meu sacrifício expiatório; 5) a ressurreição dos mortos e 6) o juízo final (cf. WILES, 1977, p. 154; SOUZA, 2007, p. 46-49).

4.41 OS MITOS CRISTÃOS MAIS EXCLUSIVISTAS

P209 – Quais são os mitos cristãos mais exclusivistas e que, portanto, apresentam maiores desafios para o diálogo inter-religioso?

J – Na concepção dos teólogos liberais/pluralistas, os mitos (ou dogmas) cristãos mais exclusivistas resumem-se basicamente a três: 1) *o mito da minha divindade*, ou seja, o dogma segundo a qual eu sou DEUS ENCARNADO (no sentido literal) e o único FILHO DE DEUS (também no sentido literal); 2) *o mito da minha unicidade e universalidade salvífica*, isto é, o dogma segundo o qual eu sou o único salvador de toda a humanidade e 3) *o mito de minha ressurreição e ascensão aos céus*, ou seja, os dogmas segundo os quais eu teria sido o único fundador de religião a ter realmente ressuscitado dos mortos e subido aos céus em corpo e alma.

4.42 VALOR DOS MITOS

P210 – A atitude liberal-pluralista pretende negar o valor dos mitos?

J – De modo algum. Os seres humanos não se alimentam apenas do pão dos fatos, mas vivem também de mitos e de ficções. Não há nenhum mal em se crer em mitos e lendas. O mal é interpretar crenças e narrações míticas como se fossem acontecimentos históricos reais e absolutos. E o mais desastroso ainda é uma religião querer defender seus mitos como se apenas eles sejam verdadeiros e absolutos para toda a humanidade.

4.43 SINCERIDADE DAS PESSOAS EM SUAS CRENÇAS

P211 – Jesus, não é verdade que o que vale mesmo é a sinceridade das pessoas em suas convicções de fé, mesmo que suas crenças sejam baseadas em mitos e lendas?

J – Com certeza. Nesse sentido, quero deixar bem claro que ninguém deve abandonar suas crenças particulares, se lhe fazem bem e se dão sentido à sua vida. Cada pessoa é livre de acreditar no que quiser e, por

consequente, merece todo o respeito por parte daqueles que não concordam com suas ideias. Afinal de contas, o importante mesmo, como já frisei por diversas vezes, não é se as crenças de alguém são verdadeiras ou falsas, baseadas em acontecimentos históricos ou mitológicos, pois o que vale mesmo, para Deus, é a sinceridade das pessoas em suas convicções de fé (**NÃO IMPORTA O CAMINHO!**).

4.44 O MITO DA DIVINDADE DE JESUS

P212 – Jesus, continuando nosso diálogo ou debate em torno da verdade religiosa cristã, pelo que venho entendendo até agora em nossas entrevistas, o Senhor nega radicalmente o dogma cristão fundamental de sua divindade, rotulando-o de “mito”. Como explicar, então, que os cristãos exclusivistas e dogmáticos chegaram a atribuir-lhe uma *natureza divina*, interpretando o Senhor como o único “Filho de Deus” e a única “encarnação de Deus” neste planeta?

J – Pinheiro, a “divinização” que os cristãos me atribuíram tem explicação na velha estratégia mítica utilizada por todos os povos antigos de enaltecer as qualidades de uma pessoa que se destaca das demais por suas ações. Assim, os reis, os imperadores, os heróis, os grandes profetas e os grandes líderes religiosos eram tão enaltecidos, a ponto de as pessoas os transformarem num “filho de Deus”, ou numa “encarnação da divindade”, não no sentido metafórico ou honorífico, mas no sentido *biológico* da palavra. Na verdade, ainda hoje, em alguns países, por exemplo, no Nepal, monarcas são considerados *literalmente* um “deus encarnado” ou um “filho de Deus”. Na Índia, existiu o grande mestre Sai Baba, visto por seus seguidores como “Deus encarnado”.

Do mesmo modo, os escritores cristãos da Igreja primitiva (sobretudo Paulo e João), influenciados pela cultura mitológica dominante da época (a cultura greco-romana), onde era muito comum a crença em “encarnações divinas” e em “filiação divina”, não no sentido adotivo/metafórico, mas no sentido *natural* (físico/biológico), para enaltecer ao máximo a minha pessoa e as minhas ações e, sobretudo, para dar credibilidade ao cristianismo primitivo, me absolutizaram e me “divinizaram”, mitificando-me, fazendo-me superexclusivista, o único “Filho de Deus”, o único Deus encarnado, o único salvador da humanidade, o único mediador entre Deus e os homens, o único fundador da verdadeira religião, o único que verdadeiramente ressuscitou dos mortos etc.

4.45 “FILHO DE DEUS” NO SENTIDO NATURAL X “FILHO DE DEUS” NO SENTIDO ANALÓGICO/METAFÓRICO

P213 – Jesus, por que a grande maioria dos cristãos continua defendendo que o Senhor é *literalmente* “Filho de Deus”, isto é, “Filho de Deus” no sentido *natural*, e não no sentido *analógico* ou *metafórico*? Para eles, é dogma de fé, definitivamente proclamado no Concílio de Calcedônia (451), que o Senhor é **Deus e homem**, ou seja, uma *pessoa divina/celeste*, com *duas naturezas* (a *divina* e a *humana*). Como o Senhor reavalia essa crença mítica dos cristãos tradicionais?

J – Pinheiro, com todo o meu respeito a essa crença sincera e honesta da maioria dos cristãos, devo esclarecer, contudo, à luz da “fé raciocinada”, que não podemos confundir mito com realidade histórica, nem sentido figurado com sentido literal da linguagem humana. Com base nessas distinções, reafirmo que eu não sou *literalmente* Deus nem “Filho de Deus”, uma pessoa inteiramente divina, com duas naturezas, como dogmatizaram os cristãos. Como posso ser *literalmente* “Filho de Deus”, se Deus também não é *literalmente* “Pai” de ninguém, no sentido *biológico*, a não ser no reino da mitologia?

É preciso saber, Pinheiro, conforme já elucidei, que a linguagem religiosa para falar sobre Deus é tipicamente *analógica* ou *metafórica*, pois o ser humano, como esclareci em nossa primeira entrevista, só pode falar sobre Deus fazendo uso dos recursos limitados que sua linguagem lhe oferece: analogias, comparações, parábolas, alegorias, metáforas, imagens, símbolos etc., uma vez que Deus não pode ser *literalmente* definido por meio de conceitos humanos.

Mais explicitamente, como já diziam os filósofos e teólogos escolásticos, particularmente Santo Tomás de Aquino (cf. HICK, 1990, p. 83-84), toda linguagem humana sobre Deus é sempre *analógica* (fundada na “analogia”), ou seja, é a expressão do desconhecido e do inexprimível em termos do conhecido. Assim, por exemplo, quando dizemos que Deus é “nosso Pai”, não estamos afirmando que ele é *literalmente/biologicamente* “nosso Pai”, mas que ele “é como um pai” (TRACY, 1992, p. 108), isto é, possui em altíssimo grau as qualidades positivas de um pai terreno.

Por conseguinte, é somente por linguagem *analógica* (*metafórica*) que dizemos que “Deus é nosso Pai”, ou que “Deus é um ser pessoal” etc. Mas Deus não é *literalmente* “nosso Pai”, ou *literalmente* “uma pessoa”, mesmo admitindo que ele possua, em altíssimo grau, atributos

paternos e pessoais. E se Deus não é *literalmente* “nosso Pai”, ninguém pode ser *literalmente* “filho de Deus”. Só se pode ser “filho de Deus”, particularmente na cultura judaica, em sentido *figurado*:

Na linguagem judaica, usa-se amiúde o termo “Filho” para designar alguma semelhança. Por exemplo: “filho de touro” significa um homem forte; [...] “filho da gordura” significa “filho gordo”. Analogamente, **a expressão “Filho de Deus” significa um homem intimamente unido a Deus ou um pregador de Deus. É neste sentido que se atribui a Cristo o título de “Filho de Deus”, um título que o rei Davi também o tinha** (GRIESE, 1957, p. 28, nota 2) (negrito meu).

Logo, eu não posso ter cometido a blasfêmia de ter declarado ser “Filho de Deus” – no sentido *natural* – como dogmatizaram os cristãos da Igreja primitiva, fundamentados na mitologia de muitos povos antigos, principalmente na mitologia greco-romana, em que as encarnações e filiações divinas (no sentido natural/biológico) eram vistas como fenômenos naturais. No sentido analógico/metafórico/honorífico, portanto, ninguém comete blasfêmia ao me chamar de “Filho de Deus”. Aliás, nesse sentido, todos nós somos “filhos de Deus”, uns apenas mais adiantados que outros na carreira evolutiva, por serem mais antigos, ou por já terem trabalhado mais no caminho da perfeição.

Não me cansarei de repetir que eu nunca declarei ser uma pessoa divina (no sentido literal da palavra). As passagens evangélicas que me atribuem tal declaração (por ex., Mt 26,63-64; Mc 14,62; Jo 10,30;14,9-10) foram criações dos evangelistas para enaltecer a minha pessoa e para dar credibilidade exclusiva ao “cristianismo mítico dos cristãos”.

4.46 FILIAÇÃO DIVINA NATURAL X FILIAÇÃO DIVINA ADOTIVA

P214 – Jesus, pelo que entendi, o Senhor confirma, então, a posição considerada “herética” de vários grupos do cristianismo primitivo, os quais defendiam que o Senhor é “Filho de Deus” somente no “sentido adotivo” (ou “adocionista”), e não no “sentido natural”.

J – Exatamente. Esses chamados “hereges” do cristianismo primitivo foram injustamente excomungados pelo cristianismo dominante. Eles estavam certos, pois, como espero ter deixado claro na resposta da pergunta anterior, eu não sou “Filho de Deus” no sentido físico/biológico, mas – como qualquer outro ser humano – posso ser chamado “Filho de Deus” apenas no sentido “analógico/metafórico/honorífico”. O chamado

“sentido adotivo” (ou “adocionista”) não difere essencialmente do sentido “analógico/metafórico/honorífico/poético”. Em resumo, no sentido figurado, todos somos “filhos de Deus”, ao passo que no “sentido natural/biológico/físico” ninguém é “filho de Deus”, a não ser no âmbito da mitologia.

Como esclareci em nossa terceira entrevista, o cristianismo dominante dos primeiros séculos da era cristã proclamou, de fato, minha “filiação divina”, não no “sentido adotivo/adocionista” (como defendiam vários grupos do cristianismo primitivo), nem no “sentido metafórico/analgógico” (como sustentam hoje muitos teólogos pluralistas), mas no “sentido *natural*” de uma consustancialidade entre o “Deus-Pai” e o “Deus-Filho”, como definido no Concílio de Niceia (325) e confirmado no Concílio de Calcedônia (451), que proclamou a existência em mim de **duas naturezas** (a *divina* e a *humana*) numa só *pessoa divina*.

Assim, a partir dessas decisões conciliares, o título “Filho de Deus”, que no judaísmo e em vários grupos do cristianismo primitivo tinha apenas o sentido de **filiação adotiva**, passou a ter em relação a mim o sentido de **filiação natural**. Quase todas as controvérsias cristológicas, isto é, a respeito de minha natureza, giraram em torno desses dois sentidos de “filiação divina”. Volto a dizer que eu nunca declarei ser *literalmente* o “Filho de Deus”, ou uma *encarnação da divindade*. Foram os cristãos que, influenciados pela cultura mitológica greco-romana, me atribuíram esses títulos míticos e pagãos de “Filho de Deus” e de “Deus encarnado” no sentido natural/físico/biológico dessas expressões.

Admitir essa crença mitológica (como verdade histórica) é reduzir o Infinito ao finito, o Absoluto ao relativo, o Imutável ao mutável etc., além de não distinguir “mito” de “realidade histórica” nem “sentidos figurados/metafóricos” de “sentidos literais” da linguagem humana.

Nesse sentido, tinham muita razão, como afirmei em nossa Entrevista nº 3, vários escritores dos primeiros séculos do cristianismo, como, entre outros, Celso (séc. II) e Porfírio (séc. III), os quais diziam: “A Encarnação é um absurdo. Deus, o perfeito, o imutável, não pode rebaixar-se a ponto de se tornar uma criancinha” (apud COMBY, p. 35). Porfírio (apud COMBY, p. 37) escreveu:

Mesmo supondo que algum dos gregos seja bastante obtuso para pensar que os deuses habitam nas estátuas, essa seria uma concepção mais pura que a de admitir que o Divino tenha descido no seio da Virgem Maria, que se tenha tornado embrião, que, após o seu nascimento, tenha sido envolvido em panos, todo sujo de sangue, de bÍlis e pior ainda [...].

No Concílio de Niceia, convocado pelo imperador Constantino,

os bispos acrescentaram ao Filho de Deus o adjetivo *homoousios*, que significa que o Filho tem a mesma *ousía*, a mesma substância que o Pai – em outras palavras, que é consubstancial ao Pai. Esse termo afirma a perfeita igualdade entre o Pai e o Filho. [...] O acordo de Niceia é rapidamente questionado. Muitos rejeitam o termo *homoousios* porque não é encontrado nas Escrituras. Outros recordam que a palavra foi utilizada por heréticos que distinguiram de modo errôneo o Pai do Filho. Logo, a maior parte dos orientais recusa a fórmula de Niceia, excetuando-se *Atanásio*, bispo de Alexandria a partir de 328. O Ocidente latino permanece, de maneira geral, fiel a Niceia (COMBY, p. 92-93).

A verdade histórica, porém, é que as decisões de Niceia e de Calcedônia, acerca de minha identidade mítica, nunca deixaram de ser contestadas ao longo de toda a história do cristianismo, tendo causado muitos conflitos ideológicos e sérias divisões entre os próprios cristãos.

4.47 INFORMAÇÕES HISTÓRICAS IMPORTANTES SOBRE O 1º CONCÍLIO DE NICEIA

P215 – Jesus, que informações históricas importantes precisamos saber quanto à primeira proclamação do dogma de sua divindade, no 1º Concílio de Niceia, no ano de 325?

J – Quanto à primeira proclamação desse dogma, no 1º Concílio de Niceia, no ano de 325, bem como à proclamação de outros dogmas cristãos referentes à minha identidade mítica, é importante saber, em primeiro lugar, a informação histórica segundo a qual os primeiros concílios ecumênicos da cristandade não foram convocados pelos papas ou pelos patriarcas, mas pelos imperadores romanos, pois, nessa época, eram eles que mandavam na Igreja e exerciam intervenção direta em assuntos eclesiais (o chamado “*cesaropapismo*”), particularmente nas decisões conciliares (cf. HORTAL, 1996, p. 30-31).

Em segundo lugar, é interessante saber que, nesse Concílio de Niceia, Constantino, em sua arrogância criminosa, expulsou 1.700 participantes do conclave de um total de 2.048, ficando somente com 348, porque os outros recusaram aceitar a proposta de determinar que, a partir daquele momento, a Igreja deveria admitir-me como sendo o próprio Deus (cf. *Visão Espírita*, Salvador, SEDA, ano 2, n. 20, p. 43, mar. 2000).

4.48 “EU E O PAI SOMOS UM” (Jo 10,30)

P216 – Jesus, os cristãos dogmáticos, fundamentados em interpretações literais de várias passagens do Evangelho de João, por exemplo, “Eu e o Pai somos um” (Jo 10,30), “Quem me viu, viu o Pai” (Jo 14,9) e “Não crês que estou no Pai, e o Pai está em mim?” (Jo 14,10), argumentam que o Senhor realmente declarou “ser Deus”. Como o Senhor refuta essa argumentação da grande maioria dos cristãos?

J – Pinheiro, essas passagens joaninas, atribuídas a mim, não querem dizer que eu era *literalmente* Deus, como erroneamente interpretaram (e continuam interpretando) os cristãos convencionais e os adeptos de algumas filosofias e/ou religiões panteístas, mas pretendem apenas expressar minha união e comunhão íntima com Deus. Essa união e comunhão íntima com Deus (que está dentro de nós) não significa dizer que existe uma identidade perfeita entre nós e a divindade, mas expressa apenas a união, a comunhão íntima e imanente entre nós e Deus, “no qual vivemos, nos movemos e existimos” (At 17,28).

Procurar constantemente essa união íntima e mística com Deus é tarefa de todos nós, o que não significa dizer, como afirmam os panteístas, que “todos somos Deus”. Por isso, no mesmo Evangelho de João (Jo 1,12), como elucida Jayme Andrade (cf. ANDRADE, 1995, p. 59), eu supostamente incluí na mesma categoria de “união com o Pai” meus apóstolos, quando afirmei: “Pai Santo, guarda em teu nome aqueles que me deste, para que sejam um, assim como nós” e “para que também eles sejam **um em nós**” (Jo 17,21) (negrito meu).

Por conseguinte, a crença dos cristãos tradicionais, segundo a qual as passagens joaninas há pouco citadas seriam provas de que eu declarei ser Deus (no sentido natural), perdem totalmente o seu sentido, sem mencionar o fato de que o Evangelho de João é o menos histórico de todos, cujo objetivo principal é provar que eu sou Deus. Por isso, para atingir esse seu objetivo, João não teme colocar em meus lábios frases que eu nunca disse.

Mas, os que seguem a interpretação literal desses versículos joaninos deveriam notar que, em várias outros trechos do mesmo Evangelho de João, ele se contradiz, porquanto, como ressalta Andrade (ibid.), ele mostra em várias outras passagens que eu não era Deus, mas um “enviado de Deus” (Jo 4,34; 5,24; 6,44; 7,29; 8,26; 12,45; 17,3) e que cheguei a afirmar: “Porque eu descí do Céu, não para fazer a minha vontade, mas a daquele que me enviou” (Jo 6,38). E, como conclui

Andrade (ibid.), “é claro que um enviado é sempre inferior àquele que o enviou”. Eu também teria afirmado: “O Pai é maior do que eu” (Jo 14,28); “Subirei ao meu Pai e ao vosso Pai, ao meu Deus e ao vosso Deus” (Jo 20, 17); e também teria dito: “Eu rogarei ao Pai” (Jo 14,16 e 16,26) e o que roga é obviamente inferior ao rogado.

Essas passagens bíblicas são mais do que suficientes para se concluir, à luz da “fé raciocinada”, que eu nunca cometi a blasfêmia de afirmar que era *literalmente* Deus, mas que foram os cristãos que, de fato, me “endeusaram”.

Por mais que eu respeite essa crença sincera e honesta da maioria dos cristãos, não posso deixar de dizer, a bem da verdade e da minha verdadeira identidade, que ela é uma crença puramente mitológica, e não uma verdade histórica absoluta, como já vêm entendendo há bastante tempo os próprios cristãos liberais e, mais recentemente, diversos teólogos cristãos pluralistas, sem falar, é lógico, nas religiões e/ou filosofias espiritualistas reencarnacionistas (como o espiritismo), que vêm há muito tempo fornecendo lúcidos esclarecimentos sobre o caráter puramente mitológico, e não histórico, do fenômeno de se “endeusar” (“divinizar” ou “deificar”) personagens marcantes da História.

A própria Bíblia judaico-cristã declara também que alguém pode ser chamado “deus” ou “filho de Deus”, não no sentido natural, mas no sentido metafórico ou honorífico, principalmente quando exerce uma função importante na sociedade. Exemplos:

Eu declarei: Vós sois deuses, todos vós sois filhos do Altíssimo. (Sl 82, 6)

Não está escrito em vossa Lei: *Eu disse: Sois deuses?* (Jo 10,34)

A *Bíblia de Jerusalém* elucida, nas notas de rodapé referentes a essas duas passagens bíblicas, o sentido *metafórico* (e não *literal*) de alguém ser chamado “deus” ou “filho de Deus” na Bíblia:

Os príncipes e os juízes são comparados aos “filhos do Altíssimo”, membros da corte divina. (*A Bíblia de Jerusalém*, Sl 82, 6, nota g)

Esta palavra dirige-se aos juízes, chamados “deuses” metaforicamente, por causa de seu ofício, pois “o julgamento cabe a Deus”. (*A Bíblia de Jerusalém*, Jo 10,34, nota c)

Volto a insistir na ideia macroecumênica de que a crença na minha filiação divina – no sentido natural (em vez de metafórico) – ergue inegavelmente uma barreira intransponível entre o cristianismo tradicional

e todas as demais religiões e, logicamente, constitui o maior desafio para o diálogo inter-religioso. Por isso mesmo, essa crença precisa ser discutida e reavaliada na mesa do diálogo inter-religioso, à luz da “fé raciocinada”, da “racionalidade comunicativa”, do bom-senso, da história e da mitologia.

4.49 O DEBATE SOBRE A ENCARNAÇÃO DIVINA DE JESUS

P217 – Jesus, gostaria que o Senhor falasse um pouco agora sobre o atual debate teológico entre os próprios cristãos em torno de o Senhor ser ou não uma encarnação divina.

J – Pinheiro, esse dogma (ou mito) cristão vem sendo, há bastante tempo, questionado não apenas por espiritualistas não cristãos, mas também por teólogos cristãos liberais e pluralistas, como o já referido John Hick, teólogo inglês da Igreja Presbiteriana – o maior líder atual da teologia cristã pluralista – bem como por teólogos católicos pluralistas, como Paul Knitter e Raimundo Panikkar (filho de pai hindu e mãe católica), os quais argumentam, com muita propriedade, que essa referida crença é um **mito cristão** (cf. HICK, 1977/1982/1990/1993/2001/2002; HICK & KNITTER, 1987; HICK & HEBBLEWAITE, 2001; PANIKKAR, 1987).

4.50 A OBRA CLÁSSICA DE JOHN HICK E DE SEUS COLABORADORES SOBRE O MITO DO DEUS ENCARNADO

P218 – Jesus, em que obra principal, John Hick e seus colaboradores sustentam que a crença em sua divindade é um **mito cristão**?

J – É na obra *The Myth of God Incarnate* ('O Mito do Deus Encarnado'), lançada em 1977. Essa obra foi organizada por John Hick, com a colaboração de mais seis teólogos pluralistas anglicanos (Maurice Wiles, Frances Young, Michael Goulder, Leslie Houlden, Don Cupitt e Dennis Nineham). O objetivo do livro é argumentar que a crença em minha encarnação divina é um **mito cristão** (condicionado pela filosofia greco-romana), e não um acontecimento histórico:

A **encarnação** [de Deus] é apenas uma expressão não objetiva, mas metafórica, poética, mitológica. Pretende apenas significar o amor de Deus encarnando-se em homens e mulheres, cujas vidas refletem assim a ação salvífica de Deus (HICK, 1977, p. 177).

Nesse mesmo livro (p.178), Hick explica muito bem o mito da minha encarnação divina nos seguintes termos:

Eu sugiro que seria melhor expressar o caráter desta doutrina como uma ideia mitológica. E eu uso o termo mito no seguinte sentido: um mito é uma história contada, que não é literalmente verdadeira; é uma ideia ou uma imagem que é aplicada a alguém ou a alguma coisa, mas não pode ser literalmente interpretada, pois quer somente despertar uma atitude particular nos seus ouvintes. [...] Portanto, a afirmação de que Jesus foi Filho encarnado de Deus não pode ser considerada uma verdade literal.

Essa obra de Hick, já traduzida para 16 línguas, causou (e continua causando), como não poderia deixar de ser, uma grande agitação e revolta entre a grande maioria dos cristãos. Conforme esclarece o próprio Hick (2002, p. 320-321), dezenas de livros e centenas de artigos já foram escritos para combater as ideias revolucionárias defendidas nesse livro.

Em 1993, Hick lançou um livro semelhante, *The Metaphor of God Incarnate* ('A Metáfora do Deus Encarnado'), o qual, segundo ele mesmo afirma (ibid., p. 320-321), já não causou mais tanto impacto quanto a sua obra revolucionária lançada 16 anos antes (HICK, 1977).

4.51 O ENCONTRO DA IMAGEM MITOLÓGICA JUDAICA DO “FILHO DE DEUS” COM A IMAGEM MITOLÓGICA GREGA DE “DEUS O FILHO”

P219 – No livro *O Mito do Deus Encarnado*, John Hick explica o encontro da imagem mitológica judaica de “filho de Deus” com a imagem mitológica grega de “Deus o filho”. Devido à importância desse tema para o diálogo inter-religioso, gostaria que o Senhor explicasse detalhadamente a posição de John Hick sobre esse encontro das duas culturas mitológicas (a judaica e a grega).

J – Com muito prazer. John Hick (cf. HICK, 1977, p. 174-175) nos dá uma excelente explicação sobre esse encontro das duas culturas mitológicas (a judaica e a grega). Em primeiro lugar, é preciso reafirmar, (cf. também ANDRADE, 1995, p. 59), que ser “filho de Deus”, na cultura hebraica, não é ser Deus, mas é um título honorífico, como se infere de João: “A todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de se tornarem **filhos de Deus**” (Jo 1,12) (negrito meu).

Já na cultura greco-romana, como já falei, era muito comum a ideia mítica de alguém ser “filho de uma divindade” (no sentido literal da palavra) e de uma divindade encarnar-se em forma humana – O MITO DO DEUS

ENCARNADO – daí ter sido fácil a transição da imagem mitológica judaica de “filho de Deus” para a imagem igualmente mitológica grega de “Deus o filho” (DEUS ENCARNADO NUMA PESSOA HUMANA).

Vejamos agora como Hick (ibid.) nos esclarece como a velha linguagem mitológica/metafórica judaica de “filho de Deus” (no sentido adotivo), título geralmente atribuído aos reis de Israel por ocasião de suas coroações (e também atribuído a mim pelos cristãos do cristianismo nascente) se transformou, devido ao encontro da cultura judaica com a cultura grega, na figura igualmente mitológica de “Deus o filho”, fazendo com que eu passasse, no cristianismo histórico primitivo, de “filho de Deus” para “Deus o filho” (DEUS ENCARNADO, SEGUNDA PESSOA DA TRINDADE). Eis como Hick descreve esse encontro das duas culturas mitológicas (a judaica e a grega), mediante o qual os cristãos fizeram com que eu passasse de “filho de Deus” para “Deus o filho”:

A primitiva comunidade cristã percorreu uma trajetória cultural que se iniciou com o judaísmo e desembocou na cultura helenista do mundo greco-romano. As ideias de deificação e encarnação eram muito comuns na cultura helenista e, quando se encontram com a imagem judaica de “filho de Deus”, essas novas categorias fazem acontecer uma significativa transição na imagem cristã de Jesus: de “filho de Deus” para “Deus o filho”, a segunda pessoa da Trindade (HICK, 1977, p. 175).

Em termos mais claros ainda, Hick (ibid.) explica que

dentro do próprio judaísmo, a noção de um homem ser chamado “filho de Deus” já existia há muito tempo. O Messias devia ser um rei terreno descendente de Davi e os reis antigos da linhagem de Davi recebiam o título divino de “filho de Deus” ao serem ungidos na posse do cargo: as palavras do Salmo 2,7, “Ele me disse: ‘Tu és meu filho, eu hoje te gerei’” foram provavelmente usadas nas cerimônias de coroação. Outro texto-chave é o 2º Livro de Samuel (2Sm 7, 14): “Eu serei para ele um pai, e ele será para mim um filho”, novamente dito a respeito do rei terreno. Portanto, **a linguagem de exaltação que a Igreja inicial aplicou a Jesus já fazia parte da longa tradição judaica** (ibid.) (negrito meu).

John Hick faz, com muita propriedade, o seguinte questionamento:

Como devemos entender essa linguagem antiga da filiação divina? Literal ou metaforicamente? O rei era literalmente filho de Deus? Claro que não. Dizer que o rei era “filho de Deus” era uma forma metafórica de se expressarem as qualidades do rei. O rei está mais próximo de Deus do que qualquer outra pessoa. Por isso, ele é chamado de “filho de Deus” (SI

2,7). Na linguagem mitológica, diz-se que Deus o “gerou”. Mas o rei é considerado “filho de Deus” apenas por “adoção”, e não por geração física, isto é, como sendo fisicamente “filho de Deus” (ibid.) (negrito meu).

John Hick explica ainda que o relato do meu batismo refuta o sentido físico de minha suposta filiação divina:

O sentido físico da filiação divina de Jesus é claramente refutado no relato do batismo de Jesus, em que se ouve a fórmula antiga, vinda do céu, de adoção filial usada na coroação dos reis: “Tu és meu filho” (Sl 2,7). (ibid., p. 175).

Hick (ibid.) esclarece também, como já falei, que as crenças mitológicas exclusivistas a respeito de minha pessoa podem ser facilmente entendidas pelo contexto histórico-cultural da época: *cultura classicista (uma só verdade, certa e imutável)*, *mentalidade escatológico-apocalíptica (profeta final, revelação definitiva)* e *expressão de uma minoria (linguagem de sobrevivência, único Salvador)*.

4.52 A POSIÇÃO DOS TEÓLOGOS LIBERAIS E PLURALISTAS SOBRE O DOGMA DE CALCEDÔNIA

P220 – Jesus, como o Senhor reavalia a posição dos teólogos liberais e pluralistas que rejeitam as decisões de Calcedônia (451) referentes à sua suposta identidade divina?

J – Devo concordar com todos eles, pois a minha suposta identidade divina, definida, primeiramente, no Concílio de Niceia (325) e, de uma vez por todas (segundo acreditam os cristãos dogmáticos), no Concílio de Calcedônia (451), não é, como esclarecem os teólogos pluralistas, um acontecimento histórico absoluto, mas uma crença mitológica dos cristãos. É bom recordar que, além dos protestantes liberais e de vários teólogos cristãos pluralistas contemporâneos, a crença em minha suposta divindade sempre encontrou fortes adversários dentro do próprio cristianismo, desde os tempos da Igreja primitiva até hoje. Na Igreja cristã primitiva, como vimos em nossa terceira entrevista, houve muitos grupos de cristãos, incluindo bispos e padres, todos perseguidos pela Igreja dominante, alguns tendo sido até mortos, pelo fato de terem negado a crença mítica em minha natureza divina.

4.53 IMPLICAÇÕES DO DOGMA DE CALCEDÔNIA PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

P221 – Jesus, quais são as principais implicações do dogma de Calcedônia para o diálogo inter-religioso?

J – Sem dúvida alguma, como já afirmei, o maior desafio que o cristianismo institucional terá que enfrentar, se quiser dialogar com as religiões não cristãs na visão pluralista, diz respeito à sua crença em minha suposta divindade. Isso é o que reconhece, entre outros, o teólogo católico Mário de França Miranda, em seu livro *O Cristianismo em Face das Religiões* (MIRANDA, 1998, p. 23-24; 26-27), fazendo referências às posições de teólogos pluralistas, como John Hick e Paul Knitter, que, como já ressaltai, veem o dogma de minha *encarnação divina* não como uma realidade objetiva, mas apenas como linguagem metafórica, poética, mitológica. Nas palavras desse mesmo teólogo católico,

a dificuldade maior do cristianismo sempre se centralizou na “encarnação de Deus”, que confere à pessoa e à ação de Jesus Cristo as características de **unicidade** e de **universalidade** voltadas para a salvação da humanidade. Como pode um evento particular e histórico ter tal pretensão universal? Como entrar num diálogo inter-religioso, respeitando as outras religiões, sem considerá-las de antemão imperfeitas e inferiores, se reconhecemos em Jesus Cristo e apenas nele o Salvador único e universal do gênero humano? Não se poderia conceber a pessoa e a ação de Deus a partir de outros mediadores além de Jesus Cristo? (MIRANDA, 1998, p. 23)

Esse é, sem dúvida, conforme já ressaltai, o grande dilema do macroecumenismo cristão. Miranda (ibid.) reconhece que, para haver um autêntico diálogo com as outras religiões, a Igreja teria que desvincular a minha *pessoa* de Deus, mas essa postura negaria o dogma de Calcedônia, uma impossibilidade para a grande maioria dos cristãos, pois, para eles, os dogmas cristãos são verdades absolutas e, logo, inquestionáveis (é pecado mortal duvidar de um dogma!). Como já expliquei, é assim que funciona a “fé cega”: a que acredita em verdades religiosas porque são absurdas (“*credo quia absurdum*”!).

Felizmente, na mesma trilha de John Hick e de seus colaboradores, muitos outros teólogos cristãos contemporâneos estão cada vez mais se convencendo de que a única saída para resolver o enigma cristão, bem como para permitir a existência de um autêntico diálogo inter-religioso, é precisamente desvincular, de uma vez por todas, o “Jesus histórico” do “Cristo da fé”. Enquanto isso não for feito, continuarão a

existir as brigas, as divisões, os preconceitos e as discriminações de toda ordem, em primeiro lugar, entre os seguidores de facções diferentes dentro do próprio cristianismo e, em segundo lugar, entre os cristãos dogmáticos e os adeptos de outras religiões ou filosofias, numa total inversão e distorção do verdadeiro cristianismo que preguei – **um código de moral (ou de ética) universal**, resumido na **lei do amor**, o qual une todas as religiões, todas as filosofias e todas as pessoas.

4.54 IMPLICAÇÕES DO DOGMA DE CALCEDÔNIA PARA O DIÁLOGO ENTRE OS PRÓPRIOS CRISTÃOS

P222 – Jesus, pelo que estou observando, o dogma de Calcedônia é hoje um desafio não apenas para o diálogo macroecumênico entre cristãos e não cristãos, mas também para o diálogo ecumênico entre os próprios cristãos, não é verdade?

J – Exatamente. O dogma de Calcedônia a respeito de minha suposta identidade divina é, hoje, um desafio não apenas para o diálogo religioso entre cristãos e não cristãos, mas também para o diálogo ecumênico entre os próprios cristãos, ou seja, para o diálogo entre os cristãos que continuam aceitando as decisões dogmáticas e míticas de Calcedônia (a grande maioria) e os cristãos que as rejeitam explicitamente. E, como dei a entender no tema anterior, é cada vez mais crescente o número de cristãos que negam explicitamente o dogma de Calcedônia referente à minha suposta natureza divina.

A realidade histórica, como já ressaltai, é que as decisões dogmáticas desse Concílio nunca deixaram de ser questionadas, e até mesmo rejeitadas, dentro do próprio cristianismo institucional ao longo de sua história de dois mil anos, mas é certo que elas vêm sendo mais explicitamente questionadas, e mesmo rejeitadas, sobretudo a partir do final do século 18, pelos teólogos cristãos liberais e, em nossos dias, por renomados teólogos cristãos pluralistas. Conforme elucidai o teólogo católico Pe. Caetano Minette de Tillesse,

o próprio “protestantismo liberal” do século XVIII/ XIX e mesmo deste século nega os milagres e até a inspiração das Escrituras, nega a consciência messiânica de Jesus, nega a divindade de Jesus, o seu nascimento virginal, nega a realidade da ressurreição (foi apenas uma “convicção” que nasceu na alma dos discípulos) (TILLESSE, 1996, p. 81-82).

4.55 O MITO DO PECADO ORIGINAL

P223 – Jesus, já sei que, para o Senhor, o “pecado original” é um grande mito, e não uma realidade histórica. Mas, gostaria que o Senhor justificasse mais detalhadamente essa sua posição.

J – Pois não. Como já falei, o “pecado original” é um grande mito e não uma verdade histórica. Fazendo uso da “fé raciocinada” e da “racionalidade comunicativa”, posso questionar esse mito (ou dogma cristão) mediante a seguinte reflexão: que Deus mesquinho é esse que, por causa de uma suposta desobediência do suposto primeiro casal humano faz nascer todos os demais seres humanos em estado de tamanha “desgraça” moral, obrigando seu suposto Filho unigênito a encarnar-se na Terra para redimir a humanidade de tão “grande” falta, mediante sua morte na cruz?

Deus, com o sangue do seu suposto Filho Unigênito, teria, assim, pago a Satanás o resgate da humanidade. Entretanto, numa justa crítica do filósofo Pietro Ubaldi, em seu livro *Cristo* (UBALDI, 1988, p. 274),

é absurdo que Deus seja submisso ao poder de Satanás, e tenha enviado Seu Filho primogênito para pagar com o Seu sangue o resgate da humanidade, que foi induzida ao pecado pelo próprio Satanás. Como pode Deus justificar esta culpa, a ponto de reconhecer uma dívida Sua para com Satanás? [...] **Justificando semelhante absurdo, conceberíamos e converteríamos Deus numa espécie de servo de Satanás** (negrito meu).

Essa doutrina mítica do “pecado original”, além de ser totalmente inconciliável com a justiça de Deus, “fazendo todos os homens responsáveis pela culpa de um só” (KARDEC, *A Gênese*, cap. I, n. 38), contradiz o bom senso, a lógica, a “fé raciocinada”, a “razão comunicativa” e a ciência, sobretudo levando-se em conta que esta vem comprovando, há mais de um século, que a espécie humana não se originou de um único primeiro casal humano, como narra a Bíblia no livro do Gênesis.

O verdadeiro “pecado original”, como corretamente argumenta Allan Kardec, só tem uma explicação racional para quem acredita na *reencarnação*:

Com a preexistência, o homem traz, *ao renascer*, o gérmen das suas imperfeições, dos defeitos de que não se corrigiu e que se traduzem pelos instintos naturais e pelos pendores para tal ou tal vício. É esse o seu verdadeiro pecado original, cujas consequências naturalmente sofre, mas

com a diferença capital de que sofre a pena das suas próprias faltas, e não das de outrem (KARDEC, *A Gênese*, cap. I, n. 38).

Como argumentei em nossa terceira entrevista (cf. tema 3.3.19), mas convém repetir aqui os mesmos argumentos, seguindo os estudos do teólogo e ex-padre católico Franz GRIESE (cf. GRIESE, 1957, p. 138-140), foi Santo Agostinho, nascido em Hipona, na África, no ano 354, e falecido no ano 430, quem criou a doutrina cristã dogmática e mítica do “pecado original”, baseando-se num tremendo erro de tradução latina do original grego de um versículo da Epístola de São Paulo aos Romanos (Rm 5,12), pois Santo Agostinho – considerado um dos maiores filósofos e teólogos do cristianismo – ao interpretar a Epístola de São Paulo aos Romanos, usava um texto latino que era uma péssima tradução do original grego, como no seguinte versículo (Rm 5,12), cuja tradução errônea deu origem ao dogma do pecado original:

(...) nesse versículo básico “por um homem (Adão) veio o pecado ao mundo, e pelo pecado, a morte; e assim a morte passou a todos os homens, porque todos **nele** (Adão) pecaram” (Rm 5,12), a expressão **nele** não se encontra no texto original [grego]. O tradutor do texto latino, equivocadamente, havia traduzido o original grego “ef ho” por “nele”, enquanto “ef ho” significa “porque”. Logo, a verdadeira tradução do original é a seguinte: “Por um homem chegou o pecado ao mundo, e pelo pecado a morte, e a morte passou por isso a todos os homens, **porque** todos pecaram” (GRIESE, p. 139-140) (negrito meu).

Griese argumenta, convincentemente, que o referido versículo, portanto, não afirma que todos os homens pecaram “em Adão”, mas apenas que **todos os homens pecaram**, cada um **pessoalmente** – uma vez que todos os seres humanos deste planeta são imperfeitos – e não por herança de nossos supostos primeiros pais. Griese afirma que esse erro de tradução foi reconhecido posteriormente pela cúpula da Igreja Católica, mas já era tarde demais, porque a doutrina do “pecado original”, baseada nesse erro de tradução, já havia sido declarada dogma de fé e, como tal, não poderia mais ser revisada, pois dogma de fé (mesmo que pareça absurdo e seja contraditado pela razão, pela ciência e pela “fé raciocinada”) é, para os cristãos dogmáticos, verdade absoluta, proclamada solenemente pelo papa, o qual é considerado infalível, quando proclama um dogma de fé. Alterar um dogma de fé equivaleria a um suicídio (cf. GRIESE, p. 138-139).

A doutrina do “pecado original” é um dos dogmas fundamentais da fé cristã tradicional. Sem ele, perdem sentido outros dogmas, como o da redenção pelo meu sangue derramado na cruz e o do batismo das crianças (cf. GRIESE, p. 136-137).

Mas a verdade verdadeira mesmo é que “não existe nada, absolutamente nada, nem na Sagrada Escritura, nem na tradição apostólica, que insinue ou fale em favor de um pecado original” (GRIESE, p. 145). Foi Santo Agostinho mesmo (no ano 418) quem inventou essa doutrina mítica e, a partir de então, todos os demais teólogos cristãos dogmáticos passaram a adotá-la, porque dela depende toda a teologia da Igreja: “*To be or not to be, that is the question*” (GRIESE, *ibid.*).

4.56 O MITO DO PARTO VIRGINAL

P224 – Jesus, a maioria dos cristãos acredita que o Senhor nasceu miraculosamente de um parto virginal, e que a seguinte profecia de Isaías (Is 7,14) se refere ao Senhor e à sua mãe: “A virgem ficará grávida e dará à luz um filho, e chamará Emanuel [= Deus conosco]” (cf. Mt 1,23). O Senhor certamente discorda dessa crença, não é verdade?

J – Lógico que sim. Hoje, muitos biblicistas católicos já explicam a suposta virgindade de minha mãe de uma maneira simbólica. Como explica corretamente o escritor Juan Arias (cf. ARIAS, 2001, p. 52), eu nasci normalmente como qualquer outro ser humano. Esse mesmo autor esclarece, com propriedade, que o mito do parto virginal é antiquíssimo, encontrando-se em muitas religiões muito anteriores a mim (Krishna e Buda também supostamente nasceram de um parto virginal) e que, “segundo os historiadores das religiões, nascer de uma mãe virgem significava, na antiguidade, que a criança seria um personagem importante” (*ibid.*). Por isso, os evangelistas, tendo que anunciar aos primeiros cristãos que eu era o Messias prometido pelos profetas ao povo de Israel, explicaram-no dizendo que eu nascera de uma mulher virgem.

Como esclarece o escritor espiritualista Ramacháraka,

a ideia do Nascimento Virginal não foi uma Doutrina Cristã original, porém foi introduzida nos Ensinos, cem anos mais ou menos depois do começo da Era Cristã (apud JOMANO, p. 170-171).

O escritor italiano Ambrogio Donini, grande especialista em História das Religiões, também afirma, corretamente, que “o mito de nascimento milagroso de um salvador, ligado a um parto virginal, encontra-se na

religião grega, em muitos cultos orientais, na literatura persa, nos textos hindus e na hagiografia budista” (DONINI, 1965, p. 240, nota 22).

Quanto à famosa profecia de Isaías (Is 7,14), que Mateus (Mt 1,23) quis ver cumprida no meu suposto nascimento de uma Virgem, esclareço, com o teólogo e ex-padre católico Franz GRIESE (GRIESE, p. 237-240), que essa profecia não se refere a mim, nem à minha mãe, mas ao próprio Isaías, que se casou com uma virgem, da qual teve um filho, cujo nome, **Maer-Salal-Has-Baz** (que significa “Pronto-saque-próxima-pilhagem”), foi dado pelo próprio **Javé** (Is 8,3), também chamado pelo profeta Isaías de **Emanuel** (= **Deus conosco** (cf. Is 8,8 e 8,10). Além disso, a tradução de Mateus, “... e o chamarão com o nome de **Emanuel**” (Mt 1,23), está totalmente errada, pois, no texto grego mais antigo de Isaías, como se encontra no Códice Sinaítico, a frase correta é esta: “**kai kalesei to onoma Immanuel**”, que significa: “**E Emanuel [=Javé] por-lhe-á o nome**”, com a forma verbal (**kalesei**) na 3ª pessoa do singular, e não na 3ª pessoa do plural (**kalesousin**), como erroneamente alterado e traduzido por Mateus, para provar que a referida profecia se referia a mim, nascido de um parto virginal e, por isso, chamado de **Emanuel** (= **Deus conosco**), invertendo assim completamente o sentido do texto grego original de Isaías. Esse é, portanto, mais um exemplo clássico de um texto bíblico mal-traduzido e alterado para satisfazer interesses cristãos (negritos meus).

4.57 O MITO DO JUÍZO FINAL

P225 – Jesus, como o Senhor interpreta a crença cristã em sua segunda vinda para o Juízo Final da humanidade (cf. Mt 25,31-46), premiando os justos com o céu e castigando os maus com o inferno eterno? Muitas passagens do Novo Testamento afirmam que o Senhor garantiu que retornaria à Terra para o julgamento final da humanidade, enquanto ainda alguns de seus discípulos ou apóstolos estivessem vivos. Foi o Senhor mesmo quem fez essa promessa não cumprida?

J – Pinheiro, a crença em minha segunda vinda para o Juízo Final da humanidade, premiando os justos com o céu e castigando os maus com o inferno eterno, é mais um mito cristão, um mito escatológico, isto é, referente às últimas coisas que supostamente deveriam acontecer no final dos tempos, doutrina antiga, segundo a qual Deus poria um fim na história da humanidade, ressuscitando todos os mortos e dando a

cada um a sua sentença final, de acordo com as suas obras (cf. FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, *The Five Gospels*, p. 245-246).

Essa crença mítica torna-se bastante racional, contudo, quando interpretada à luz do espiritismo (cf. KARDEC, *A Gênese*, cap. 17, n. 43-67), o qual nos esclarece que a humanidade não terá um fim, mas uma *transformação*, na época de sua regeneração:

chegado o momento em que, pelo progresso moral de seus habitantes, o globo terráqueo tem de ascender na hierarquia dos mundos, interdito será ele, como morada, a encarnados e desencarnados que não hajam aproveitado os ensinamentos que uns e outros se achavam em condições de aí receber. Serão exilados para mundos inferiores, como o foram outrora para a Terra os da raça adâmica, vindo substituí-los Espíritos melhores. Essa separação [...] é que se acha figurada por estas palavras sobre o juízo final: “Os bons passarão à minha direita e os maus à minha esquerda.” (KARDEC, *A Gênese*, cap. 17, n. 63)

Quanto à promessa não cumprida de meu breve retorno para o Juízo Final da humanidade, enquanto ainda alguns de meus discípulos estivessem vivos, esclareço que não fui eu quem a fiz, mas foram os escritores cristãos – particularmente Paulo – que, baseados em crenças apocalípticas, existentes no judaísmo (por exemplo, em Daniel 7-10) e em outras culturas mais antigas, criaram essas passagens neotestamentárias, atribuindo a mim a sua autoria, para que adquirissem mais valor. Eu, porém, não sou o autor dessa promessa ou profecia (não cumprida), nem de qualquer passagem neotestamentária relacionada com a figura apocalíptica mítica do “Filho do Homem”.

A profecia (ou promessa) de meu breve retorno, para o julgamento final da humanidade, de fato, não se cumpriu. Sua ideia central pode ser resumida nas seguintes passagens do Novo Testamento:

(...) porque logo voltará o Filho do Homem na glória de seu Pai e então retribuirá a cada um, segundo suas obras. Em verdade vos digo que alguns de vocês que estão aqui não provarão da morte até que vejam o Filho do Homem retornar na glória de seu reino. (Mt 16,27; Mc 9,1; Lc 9,27)

Aliás, eu vos digo que, dentro de pouco tempo, vereis o Filho do Homem sentado à direita do Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu. (Mt 26,64)

Pois isto vos declaramos, segundo a palavra do Senhor: que os vivos, os que ainda estivermos lá para a Vinda do Senhor, não passaremos à frente dos que morreram. Quando o Senhor, ao sinal dado, à voz do arcanjo e ao som da trombeta divina, descer do céu, então os mortos em Cristo

ressuscitarão primeiro; em seguida nós, os vivos que estivermos lá, seremos arrebatados com eles nas nuvens para o encontro com o Senhor, nos ares. (1Ts 4,15-17)

Em verdade vos digo que esta geração não passará sem que tudo isso aconteça. (Mt 24,34; Mc 13,30)

Essas e outras passagens semelhantes do Novo Testamento, não são, de fato, palavras minhas (nem palavras de Deus), mas palavras dos autores cristãos, baseados no mito da minha parusia (ou parúsia), ou seja, de minha suposta segunda vinda física, gloriosa, no final dos tempos, para estar presente ao juízo final.

Sabemos que, para justificar o não cumprimento dessa profecia mítica, foi escrita a segunda epístola de Pedro (o último escrito do Novo Testamento), por volta do ano 150, declarando que “para Deus um dia é como mil anos e mil anos como um dia” (2Pd 3,8). A respeito dessa interpretação, o teólogo Franz Griesse afirma que “a segunda epístola de Pedro é uma carta apócrifa, escrita no ano 150, com o propósito de encobrir o fracasso da referida profecia” (GRIESE, p. 50, nota 1).

4.58 O MITO DE ENCARNAÇÕES DIVINAS NA HISTÓRIA

P226 – Jesus, o Senhor poderia fornecer comprovação histórica convincente sobre o fato de que o mito de sua encarnação divina não é um caso único e isolado do resto da História?

J – Perfeitamente. Conforme já falei, o costume mitológico de “divinizar” (“deificar” ou “endeusar”), isto é, de transformar em “deuses” ou em “descendentes de deuses”, personagens importantes da História (como reis, imperadores, guerreiros, líderes religiosos etc.) era muito comum entre os povos antigos, uma vez que todos eram mitológicos. Na Grécia, por exemplo, como afirma Odile Gandon (2000, p. 15),

para aumentar a importância dos ancestrais, reis ou chefes guerreiros cujos feitos eram contados, cada cidade, cada região do mundo helênico transformava-os em descendentes de um deus ou de uma deusa.

Por conseguinte, como concluem muitos teólogos, é ilógico acreditar que a minha divinização tenha fugido a essa regra.

O já referido teólogo cristão pluralista John Hick, por exemplo, afirma, corretamente, essa verdade a meu respeito nos seguintes termos:

o Jesus histórico não advogou para si ser Deus, Filho de Deus, segunda pessoa da Trindade, encarnado, e a doutrina da encarnação é uma criação

da Igreja, apenas finalmente definida no Concílio de Calcedônia no ano 451, depois de mais de quatro séculos de muitas lutas e brigas entre as maiores lideranças do cristianismo primitivo (HICK, 1977, p. ix-x).

4.59 O CARÁTER HUMANO E DIVINO DOS “SALVADORES” NAS RELIGIÕES E CULTURAS ANTIGAS

P227 – Jesus, o que o Senhor pode me dizer acerca da crença mitológica no caráter humano e divino dos “salvadores” nas religiões e culturas antigas?

J – Pinheiro, a esse respeito, é interessante observar o que escreveram os autores do DER (verbetes **salvação**), acerca do caráter humano e divino dos “salvadores” nas religiões e culturas antigas, em que se afirma (mitologicamente) que, para ser “salvador”, é preciso ser um “homem” e também um “deus”:

A salvação é prometida por todas as religiões. [...] O Salvador, o Soter dos gregos, é um homem e, ao mesmo tempo, um deus, e vem a ser um símbolo universal, pois para salvar o homem é preciso ser homem e também um deus. [...] Em muitas religiões é o filho que traz a salvação. Entre os egípcios foi Hórus” [filho do deus Osíris e da deusa Ísis].

Ora, se nas culturas antigas, uma das condições necessárias para alguém ser “salvador” era ter nascido miraculosamente, sendo ao mesmo tempo **homem e deus, e filho de um deus**, fica mais fácil entender o argumento de muitos pesquisadores críticos dos Evangelhos, segundo o qual foram os cristãos que me “divinizaram”.

4.60 EXEMPLOS DE DIVINIZAÇÕES NA BÍBLIA

P228 – Jesus, há exemplos na Bíblia de outras divinizações, além da sua, isto é, de pessoas que foram *metaforicamente* endeusadas?

J – Sim. Vejamos alguns exemplos (cf. ANDRADE, 1995, p. 61):

- 1) Em Êxodo 7,1 lemos que “**Jeová fez de Moisés um deus diante do Faraó**”.
- 2) No Salmo 82,6, Javé (ou Jeová) diz: “Eu declarei: vós sois deuses.”
- 3) “Não está escrito em vossa Lei: *Eu disse: Sois deuses?*” (Jo 10,34)
- 4) Os próprios apóstolos, em certas ocasiões, foram tidos por deuses (por exemplo, Atos 14,11: “À vista do que Paulo acabava de fazer, a multidão exclamou em língua licaônica: ‘**Deuses em forma humana vieram a nós!**’”);

- 5) Em Atos 28,5-6 lemos: “Mas ele [Paulo] sacudiu o animal no fogo, e não sofreu mal algum. Esperavam vê-lo inchar, ou cair, de repente, morto. Depois de esperarem muito tempo, ao verem que nada de mal lhe acontecia, mudaram de parecer e **puseram-se a dizer que ele era um deus**”.
- 6) Veja-se também 1Cor 8,5: “**Se bem que existam aqueles que são chamados deuses, quer no céu, quer na terra – e há, de fato, muitos deuses [...]**”. (Negritos meus)

4.61 DIVINIZAÇÕES NA ÉPOCA DOS PRIMEIROS CRISTÃOS

P229 – Jesus, há exemplos de divinização de personagens marcantes contemporâneas dos apóstolos e dos primeiros cristãos?

J – Sim. Um exemplo é Apolônio de Tiana, famoso taumaturgo, nascido na Capadócia (Ásia Menor), que viveu no século I da era cristã, contemporâneo de Paulo e dos quatro evangelistas, a quem se atribuíram inúmeros milagres (inclusive uma “ressurreição”), e que teria subido aos céus como eu – conforme **o mito de minha ascensão aos céus** – (cf. ARMOND, 1999, p. 176). Apesar de declarar ao público que não era filho de um deus, mas de um senhor também chamado Apolônio, foi, contudo, considerado um personagem divino, filho do deus Zeus-dos-Juramentos (cf. RIFFARD, 1996, p. 406), tendo sido concebido miraculosamente pela mãe terrena e um deus egípcio de nome Proteu:

Antes de seu nascimento, sua mãe teve a visão de uma divindade egípcia, o Proteu de quem Homero nos relatou possuir o dom de se transformar. Ela, apesar de bastante assustada, perguntou-lhe de quem ela daria a luz, e ele respondeu: – De mim.

– e tu, quem és? – perguntou-lhe ela.

– Proteu – respondeu ele –, o deus egípcio (cf. RIFFARD, *ibid.*, p. 405).

Como segundo exemplo de deificação de personagens marcantes contemporâneos dos apóstolos e dos primeiros cristãos, posso mencionar as divinizações dos imperadores romanos. O próprio Constantino, o imperador romano que sempre foi considerado pela tradição cristã como o primeiro imperador romano que se converteu ao cristianismo (embora ele mesmo nunca tenha se convertido ao cristianismo, tendo recebido o batismo cristão somente na hora de sua morte, no ano 337), se achou no direito de exigir que todos o considerassem uma divindade.

4.62 O MITO DA SALVAÇÃO

P230 – Jesus, o que é o mito da “salvação”, no contexto bíblico do Novo Testamento? E qual é a origem desse mito?

J – Pinheiro, o mito da “salvação”, como nos esclarece o escritor Ambrogio Donini (grande especialista em História das Religiões), se origina da fórmula antiga de um escravo que adquire a sua liberdade:

o preço do resgate pode ser pago diretamente, ou por um terceiro, sob várias formas, em favor do escravo. A concepção total do mito da salvação cristã já está contida nesta fórmula. [...] Sendo o homem um pecador e incapaz de libertar-se pagando à divindade o preço do seu resgate, intervém um “redentor”, o qual paga por ele com a sua paixão e a sua morte: esta é a essência da doutrina soteriológica entre os primeiros escritores cristãos gregos, latinos e sírios. [...] Para alguns, o “preço do resgate” é pago a Satanás, que tinha o homem em seu poder (DONINI, p. 203).

Ou seja, segundo o mito da “salvação”, o “preço do resgate”, como afirmou Donini nessa citação, “é pago a Satanás, que tinha o homem em seu poder” (DONINI, p. 203). Conforme já refletimos, “justificando semelhante absurdo, conceberíamos e converteríamos Deus numa espécie de servo de Satanás” (UBALDI, 1988, p. 274). Também os deuses gregos do Olimpo (e de outras tradições religiosas mais antigas) podiam libertar o homem dos demônios e de todo o mal e, em virtude disso, eram definidos como “salvadores” (cf. DONINI, p. 204).

Ainda hoje, para a maioria dos cristãos, a função do “Cristo da fé” é precisamente ser um “preço de resgate para muitos” (Mt 20, 28; Mc 10, 45).

Em outros termos, para a grande maioria dos cristãos, no contexto bíblico do Novo Testamento, o conceito mítico de “salvação” geralmente significa “redenção” (“resgate” ou “remissão”) do gênero humano, ou melhor, de seus “pecados”, pelo meu sangue derramado na cruz, e também significa “felicidade eterna” no céu, obtida após a morte, em oposição ao conceito igualmente mítico de “condenação eterna”. Para mim, contudo, bem como para todos os demais espiritualistas reencarnacionistas, como já esclareci, “salvação” deixa de ser um termo mítico, quando significa “libertação” e “evolução espiritual” do ser humano através da prática do amor em múltiplas (re)encarnações neste e em outros planetas.

Portanto, para nós (reencarnacionistas), a palavra-chave não é “salvação”, mas “evolução”. Esses dois termos são bem distintos:

“salvação” é algo que vem de fora, enquanto “evolução” é algo que vem de dentro; “salvação” é libertação concedida pela fé em um “salvador” externo ao indivíduo; “evolução” é desenvolvimento de nossas potencialidades divinas, é nosso aperfeiçoamento espiritual, gradativo, realizado por nós mesmos ao longo de nossas múltiplas existências na matéria. Deus não nos criou “árvores”, mas “sementes” para que nós as façamos germinar e desenvolver frutos: amor, inteligência, honestidade, humildade, caridade, perdão, fraternidade, justiça etc. A “evolução”, ao contrário da “salvação”, depende de nosso trabalho individual e coletivo para chegarmos à perfeição. Só com muita luta e esforço, conseguiremos, gradativamente, nosso desenvolvimento espiritual, enquanto a “salvação” é de graça, dada de uma vez por todas. Basta “crer” para recebê-la ou basta arrependê-se dos “pecados”, mesmo que no último segundo de vida, para ganhar o céu e livrar-se do inferno.

4.63 O MITO DO INFERNO ETERNO

P231 – Jesus, o “inferno eterno” existe ou é apenas um mito?

J – Claro que é um mito. A crença no “inferno eterno”, como argumentam corretamente muitos pensadores (cristãos e não cristãos), contradiz frontalmente a sabedoria e bondade infinitas de um Deus que é definido (mesmo que metaforicamente) como Pai e amor. Como poderia um pai ou uma mãe de inteligência e bondade infinitas gerar filhos sabendo de antemão que a maioria deles iria sofrer eternamente? Como Deus poderia viver feliz no céu contemplando seus filhos sofrendo eternamente no inferno? Acreditar literalmente num “inferno eterno” é, portanto, desacreditar num Deus Pai de infinita inteligência e bondade.

Ainda bem que a crença no inferno por parte dos cristãos tende a diminuir cada vez mais. Até mesmo entre padres e teólogos católicos, já existem aqueles que negam a existência do inferno, ou afirmam, com Luis González-Carvajal, teólogo e padre católico, que “**o inferno existe, mas está vazio**” (GONZÁLEZ-CARVAJAL, 1992, p. 186) (negrito do autor).

4.64 O SENTIDO FIGURADO DE “ETERNO”

P232 – Mas, se não existe “inferno eterno”, por que, então, os escritores bíblicos empregaram tantas vezes a palavra “eterno” para referir-se à punição ou castigo após a morte?

J – A expressão “inferno eterno”, Pinheiro, é pura questão de linguagem figurada. A palavra “eterno” pode ter diversos sentidos, podendo

significar não somente “aquilo que não tem fim”, como também “algo de duração imprecisa ou indefinida” ou “algo de longa duração”. Por exemplo, se afirmo que um funcionário público vive “eternamente” reclamando do baixo salário que recebe, não estou querendo dizer que suas reclamações não terão fim. Por conseguinte, a expressão “inferno eterno” na Bíblia não pode ser interpretada ao “pé da letra”, mas no sentido figurado, mítico, significando um sofrimento de longa duração ou de duração imprecisa.

Mas, certamente, os escritores neotestamentários empregaram muitas vezes a expressão “inferno eterno” com a finalidade pedagógica e apologética de convencer, “pelo medo”, os seguidores do cristianismo mítico a não abandonarem a sua fé, pois, do contrário, seriam condenados a penas eternas. Essa “pedagogia do medo”, com a ameaça do “castigo eterno” àqueles que se separam da Igreja Católica, é muito bem expressa pelo grande São João Bosco – mais conhecido como Dom Bosco (1948, p. 444) – ao responder à seguinte pergunta:

- P. Fora da Igreja Católica Apostólica Romana, pode alguém salvar-se?
- R. Não; quem por própria culpa está fora desta Igreja não pode salvar-se; da mesma maneira que aqueles que não estiveram na arca de Noé, diz São Jerônimo, pereceram no dilúvio, assim perece inevitavelmente quem se obstina em viver e morrer separado da Igreja Católica Apostólica Romana, única depositária e conservadora da verdadeira Religião. [...]
- “Todo aquele que se separar da Igreja Católica, embora seja boa a sua vida, não alcançará a vida eterna, mas a cólera de Deus cairá sobre ele, pelo único crime de estar separado da unidade de Jesus Cristo. A bondade e probidade de quem não está submetido à Igreja é uma hipocrisia sutil e perniciosa (Santo Agostinho).”

Qual o católico que, ao ler esse texto, escrito por um dos mais famosos santos de sua Igreja, por sua vez apoiado em dois outros grandes santos e doutores da mesma Igreja (São Jerônimo e Santo Agostinho), tem a coragem e a ousadia de questionar e, muito menos ainda, pensar em abandonar a sua fé católica? É assim que a “pedagogia do medo” do inferno eterno funciona e consegue prender os fiéis à Igreja.

Como parte da pedagogia do medo, muitos cristãos costumam citar a ideia do poeta francês Charles Baudelaire, no século XIX, segundo a qual “o mais belo estratagema do Diabo é nos persuadir de que ele não existe” (MORAIS, 2002, p. 57).

4.65 O MITO DE SATANÁS E DOS DEMÔNIOS NA BÍBLIA

P233 – Jesus, “Satanás” (ou “Satã”) e “os demônios” são seres reais ou mitológicos? E o que podemos saber sobre a origem deles na Bíblia judaico-cristã?

J – Pinheiro, Satanás e os demônios são figuras puramente mitológicas que personificam o mal. Segundo o escritor Juan Arias (ARIAS, p. 112), a origem remota de Satã e dos demônios na Bíblia, particularmente nos Evangelhos, se encontra na mitologia egípcia:

Como o inimigo de Hórus era Satã, deduz-se que daí teria vindo a teoria de Satanás e dos demônios contida nos Evangelhos. Hórus, assim como o “Cristo da fé”, também lutou no deserto, durante quarenta dias, contra as tentações de Satã, numa luta simbólica entre a luz e a escuridão.

De acordo com outros autores, a origem próxima de Satanás e dos demônios na Bíblia se encontra no zoroastrismo, nome da antiga religião da Pérsia (atual Irã), fundada por Zoroastro (ou Zaratustra) no século VII a.C. O judaísmo, o cristianismo e muitas outras religiões importaram vários conceitos religiosos do zoroastrismo, entre outros, as dicotomias ‘bem x mal’, ‘céu x inferno’, ‘anjos bons x anjos maus’ (‘demônios’), ‘juízo particular x juízo final’, ‘ressurreição do corpo’ etc. Jomar Morais (cf. MORAIS, 2002, p. 57-58) relata o surgimento de Satanás e de seu aparecimento no judaísmo e no cristianismo (ver também NOGUEIRA, 2000).

No Antigo Testamento, há poucas menções à figura de Satanás (ou do “Diabo”). Já no Novo Testamento, “há mais citações do mal que do bem. Mais referências a Satã que a Deus” (MORAIS, *ibid.*).

É interessante notar, com Weiser (p. 106-107), que Satanás (ou o Diabo), em sua origem mítica, já foi membro da corte divina, já foi um dos “filhos de Deus”. Depois, com “a revolta e a queda de Lúcifer (‘o portador da luz’), o serafim mais belo e mais próximo de Deus” (MORAIS, p. 58), Satanás perdeu o cargo que ocupava na corte celeste (bem como sua identidade de “filho de Deus”), foi expulso do céu e passou a morar no “inferno” (literalmente ‘mundo subterrâneo’) juntamente com uma corte de espíritos malignos, passando daí em diante a travar uma luta sem tréguas contra Deus e os seres humanos, começando pela estratégia de “tentar” Adão e Eva a cometerem o “pecado original” e, assim, obrigar Deus a se encarnar na Terra na pessoa do “Cristo da fé” para vingar-se de Satanás e redimir a humanidade de tão “grande” falta, mediante sua morte na cruz. Conforme já esclareci, com Ubaldi (1988, p. 274),

“justificando semelhante absurdo, conceberíamos e converteríamos Deus numa espécie de servo de Satanás”.

4.66 O MITO DO BATISMO

P234 – Jesus, é verdade que o Senhor afirmou, segundo alega a grande maioria dos cristãos, que o batismo é necessário para a “salvação” e que só pode ser “cristão” (e “salvar-se”) quem crer e for batizado, conforme está escrito no Evangelho de Marcos (cf. Mc 16,16)?

J – De modo algum. Eu nunca afirmei isso, Pinheiro. Conforme já esclareci, esse versículo bíblico (Mc 16,16) é inautêntico, uma vez que não se encontra em versões mais antigas desse mesmo Evangelho. Reafirmo, portanto, que o batismo é mais um grande mito cristão. Eu ensinei que, para “salvar-se” (ou melhor, para “libertar-se”) e para ser “cristão”, isto é, para ser “meu discípulo”, a condição necessária e suficiente é amar o próximo. Por conseguinte, não é o batismo nem qualquer outro sacramento ou prática ritualística que “salva” (ou “liberta”) e que caracteriza o “cristão” como eu o defini. Assim, o hinduísta Mahatma Gandhi, um dos espíritos mais iluminados do século XX, grande admirador de meu Evangelho, praticante como eu da não violência, isto é, do amor, nunca foi “batizado”, entretanto, no feliz dizer do escritor espírita Hermínio C. Miranda, “foi cristão dos melhores, na vivência do amor ao próximo, na mansidão, no entendimento fraterno, no viver limpo, correto, modesto, autêntico” (MIRANDA, 1988, p. 18).

4.67 RELAÇÃO ENTRE O BATISMO E O PECADO ORIGINAL

P235 – Os cristãos históricos alegam que o “batismo” é necessário para apagar o “pecado original”. Como o Senhor reavalia essa crença?

J – Essa é a crença mítica que une a grande maioria dos cristãos, para os quais “no batismo erradica-se o pecado original, restaurando-se o estado de graça” (DER, verbete **pecado original**), o que implica afirmar que todos os seres humanos nasceram em estado de “desgraça”, ou seja, nasceram todos com o “pecado original” – um pecado que não cometeram, mas que absurda e injustamente, conforme vimos em temas anteriores, lhes foi transmitido por herança de seus primeiros pais (Adão e Eva). Além do mais, se os seres humanos não tivessem herdado esse tal “pecado”, cometido pelos seus supostos primeiros pais, não “morreriam”. Seriam todos imortais!

Não é de admirar, portanto, que, entre as várias denominações cristãs e entre os próprios grandes teólogos e doutores da Igreja, as

opiniões sobre o batismo, como já vimos, sejam por demais contraditórias. Por exemplo: enquanto para a maioria das denominações cristãs, o batismo é absolutamente necessário para apagar o “pecado original” e para a salvação, para outras, ele não é absolutamente necessário (por exemplo, para os luteranos). Enquanto para algumas denominações cristãs, o batismo só é válido se for administrado exclusivamente a adultos (por exemplo, para os batistas), para outras, ele pode ser validamente administrado a crianças (por exemplo, para os católicos). Enquanto para o maior doutor da Igreja, Santo Tomás de Aquino, a eficácia do batismo dependia tão somente da fé daquele que o recebesse, para outro dos maiores doutores da Igreja Católica, Santo Agostinho, como as crianças que são batizadas não podem ter fé, é suficiente a fé dos padrinhos (cf. SCHUTEL, 1986, p. 38; ver também DER, verbete **batismo**).

4.68 O VERDADEIRO FUNDADOR DO CRISTIANISMO MÍTICO

P236 – Jesus, por que vários estudiosos das origens do cristianismo afirmam que Paulo de Tarso (e não o Senhor) é o verdadeiro fundador do cristianismo tal como, basicamente, o conhecemos hoje, o chamado “cristianismo dos cristãos” (ou “cristianismo mítico”)?

J – Conforme esclareci em nossa primeira entrevista (cf. tema 1.28.1), mas não posso deixar de repetir aqui a mesma informação, a razão simples para essa alegação é que alguns dogmas (ou mitos) básicos do cristianismo tradicional, como o da minha divindade, o da minha universalidade salvífica, o da minha ressurreição e o da redenção de todos os homens pelo meu sangue derramado na cruz, fazem parte integrante da teologia paulina. Nessa hipótese, com a qual também concordo, Paulo é o verdadeiro fundador do “cristianismo dos cristãos”, chamado mais corretamente de “paulinismo” (cf. VASCONCELOS, 2003, p. 62; MIRANDA, 1988, p. 31; SOUZA, 2010b), enquanto eu simplesmente propus o corretamente chamado “cristianismo de Cristo” (ou “cristianismo de Jesus”), não uma nova religião, como já afirmei, por diversas vezes, mas uma comunidade de pessoas que se comprometessem a pautar suas vidas pelo código de moral (ou de ética) universal que preguei.

Todos os grandes especialistas pluralistas em História do Cristianismo confirmam, Pinheiro, que foi Paulo de Tarso, sem dúvida alguma, o maior responsável pela transformação do meu cristianismo (o “cristianismo das origens”) no cristianismo dogmático e mítico dos

cristãos (o “cristianismo exclusivista e divisionista”). Isso é o que afirma, por exemplo, o escritor Michael H. Hart, ao escrever que

Paulo, mais do que qualquer outro homem, foi o responsável pela transformação do cristianismo de seita judaica em religião universal. Suas ideias centrais sobre a divindade de Cristo e de justificação exclusiva pela fé mantiveram-se na condição de conceitos básicos do cristianismo durante todos os séculos. [...] **Na verdade, a influência das suas ideias foi tão grande, que alguns defendem o fato de que ele e não Jesus deveria ser considerado o principal fundador da religião cristã** (HART, 2005, p. 80-81) (negrito meu).

Eis o que declara também outro grande especialista em História do Cristianismo, o professor de História das Religiões Ambrogio Donini:

A fé no deus-redentor das religiões de mistério é absorvida no cristianismo por Paulo de Tarso, ao qual se deve notadamente a representação de Jesus como *salvador* (DONINI, p. 287).

O escritor vaticanista Juan Arias também considera a hipótese segundo a qual

a Igreja possa ter nascido da fé dos primeiros cristãos e da concepção religiosa de Paulo de Tarso, considerado por alguns autores o verdadeiro fundador do cristianismo, ao fazer com que o cristianismo primitivo se afastasse de suas originais raízes judaicas (ARIAS, 2001, p. 128).

Conforme já vimos, mas convém repetir, a ideia de que **há dois cristianismos no Novo Testamento (o cristianismo do Jesus celeste/mítico e o do Jesus terrestre)**, e de que Paulo de Tarso é o principal fundador do cristianismo do Jesus celeste/mítico, é claramente expressa pelo escritor cristão James D. Tabor nos seguintes termos:

Há dois “cristianismos” inteiramente separados e distintos enraizados no Novo Testamento. Um deles é bem familiar e se tornou a versão da fé cristã conhecida por bilhões de pessoas ao longo dos dois últimos milênios. **Seu principal proponente foi o apóstolo Paulo.** Outro foi amplamente esquecido e, por volta da virada do primeiro século d.C., tinha sido efetivamente marginalizado e eliminado pelo outro. [...] Paulo ensinou que Jesus era um ser celestial divino preexistente, criado como o “primogênito” de toda a criação de Deus. Existia sob a “forma de Deus” e era “igual a Deus” (Filipenses 2,6). [...] **A história cristã dominante acabou, na verdade, baseando-se muito mais nas revelações de Paulo do que nos ensinamentos de Jesus.** [...] A mensagem que Paulo começou a pregar nos anos 40 e 50 d.C., como ele mesmo reiterou de maneira inflexível,

não dependia de maneira alguma nem era derivada do grupo original dos apóstolos de Jesus dirigido por Tiago, em Jerusalém. **Baseava-se antes em sua própria experiência visionária de um Cristo celestial** (TABOR, 2006, p. 277-278; 321, 324) (negrito meu).

Foi também o apóstolo Paulo, conforme esclareci anteriormente (cf. tema 4.10.20), que, para induzir os cristãos a não participarem dos sacrifícios pagãos e não comerem a carne dos animais sacrificados aos ídolos, proíbe essa prática, substituindo-a pela “**ceia do Senhor**”, dizendo que, como, pela carne dos ídolos, o homem participa dos “demônios”, ou seja, dos “deuses pagãos”, do mesmo modo, pelo consumo do pão e do vinho eucarísticos, o cristão participa do “Cristo da fé” (cf. GRIESE, p. 175). Os primeiros cristãos, de fato, acreditavam que, ao comerem o pão e ao beberem o vinho eucarísticos, participavam do “Cristo da fé” do mesmo modo como os pagãos acreditavam que participavam dos seus deuses comendo a carne dos animais sacrificados em sua honra (cf. GRIESE, p. 179). Por isso, Paulo

escreveu que Jesus lhe ensinara que os seus seguidores deveriam reencenar “a ceia do Senhor”, na qual **beberiam vinho como se fosse o “sangue de Jesus” e comeriam pão como se fosse seu “corpo”**, sem o que não poderiam escapar do juízo (TABOR, 2006, p. 280) (negrito meu).

4.69 O ‘DEUS’ E O ‘JESUS’ DE PAULO

P237 – Jesus, o ‘Deus’ de Paulo é o mesmo ‘Deus’ que o Senhor pregou, ou é mais parecido com o ‘Deus’ de Moisés? E o ‘Jesus’ de Paulo é o mesmo ‘Jesus’ que o Senhor vem declarando ser em nossas entrevistas?

J – Pinheiro, inegavelmente, o ‘Deus’ de Paulo está bem distante do ‘Deus de Amor’ descrito por mim no Novo Testamento:

Sua concepção ainda é a de um Deus bíblico zangado, cuja ira se manifesta implacavelmente contra os ímpios e pecadores que não têm como escapar do seu severo juízo, tal como se lê na Epístola aos Romanos (MIRANDA, 1988, p. 31).

Quanto ao ‘Jesus’ de Paulo, posso reafirmar-lhe que é bem diferente de mim, ou seja, do “Jesus histórico” (o “Jesus real”, **o Jesus que é só homem**). Como sabemos, Paulo não mostra muito interesse pelo “Jesus histórico”; seu maior interesse está em defender o “Cristo da fé” (o “Jesus

celeste/mítico”, o **Jesus que é Deus e homem**). Como declara Günth Bornkamm, Paulo

não cuida de expor os ensinamentos do Jesus histórico, não fala de seus milagres, do sermão do monte, das parábolas, dos seus encontros com os escribas e fariseus, nem do Pai-Nosso (apud MIRANDA, 1988, p. 31).

Por isso, muitos autores fazem uma justa distinção entre mim, o “Jesus histórico” (**uma pessoa inteiramente humana**), e o ‘Jesus’ de Paulo (= o “Jesus celeste/mítico”, **uma pessoa inteiramente divina**).

4.70 O NÚCLEO DA PREGAÇÃO DE PAULO E DA FÉ CRISTÃ

P238 – Jesus, qual é o núcleo da pregação de Paulo e da fé cristã tradicional?

J – Pinheiro, inegavelmente, o núcleo da pregação de Paulo e da fé cristã tradicional é a crença no mito de minha **ressurreição**. Esse é indubitavelmente o dogma central do “cristianismo mítico”. Sem a crença na “ressurreição da carne”, desmorona toda a fé cristã ortodoxa:

todos os aspectos da mensagem cristã e da fé que lhe corresponde só têm sentido em relação com a realidade central: **o Cristo ressuscitado**. **Sem esta, tudo desmorona** (*A BÍBLIA DE JERUSALÉM*, 1Cor 15, nota “o”). **“Se Cristo não ressuscitou, vazia é nossa pregação, vazia também é a vossa fé”** (1Cor 15, 14) (negrito meu).

Todos os textos do Novo Testamento querem comunicar que eu **ressurgi dos mortos** e fui constituído “Senhor” da vida e da morte, e que a fé em mim conduz à vida (cf. WEISER, 1978, p. 138). Mas o que é “ressurreição dos mortos”?

4.71 O MITO DA RESSURREIÇÃO DOS MORTOS

P239 – Jesus, na literatura cristã e na de outras religiões, há vários relatos acerca de milagres de “ressurreição de mortos”. Ao Senhor, por exemplo, os autores do Novo Testamento atribuem três casos de ressurreição de mortos, além dos relatos sobre a sua própria ressurreição. Minha pergunta é esta: um morto de verdade já “ressuscitou”, isto é, retornou à existência terrena com seu mesmo corpo físico que tinha antes de morrer? Como interpretar os supostos milagres de “ressurreição de mortos”? O Senhor realmente ressuscitou mortos? E a sua própria ressurreição física é história ou mito? Os supostos milagres de “ressurreições de mortos” relatados na literatura cristã e na

de outras religiões devem ser interpretados como acontecimentos históricos ou como narrativas mitológicas com a finalidade de enaltecer ao máximo o suposto operador de milagres?

J – Pinheiro, esclareço, com Alfons Weiser (cf. WEISER, p. 136-137), que os chamados milagres de “ressurreição de mortos” narrados na literatura cristã e na de outras religiões podem ter várias interpretações, desde a posição que os interpreta ao pé da letra, em sentido histórico e real, “passando pelas hipóteses de morte aparente e por explicações parapsicológicas, até à opinião segundo a qual esses textos tratam apenas de lendas, de narrativas simbólicas, ou da transposição do mito do deus-sol que morre e ressuscita” (id. *ibid.*, p. 137).

Há, de fato, vários relatos de milagres de “ressurreições de mortos” na Bíblia judaico-cristã e na literatura religiosa de outros povos. O Antigo Testamento nos fala de dois casos de ressurreição de mortos realizados, respectivamente, pelos profetas Elias e Eliseu (1Rs 17; 2Rs 4). O Novo Testamento atribui a mim três milagres de ressurreição de mortos: a de Lázaro (Jo 11), a do filho da viúva de Naim (Lc 7) e a da filha de Jairo (Mc 5; Mt 9; Lc 8). Além de mim, o NT atribui um milagre de ressurreição a cada um dos dois apóstolos Pedro e Paulo (At 9; 20). “A literatura cristã nos diz que muitos santos teriam ressuscitado mortos durante suas vidas. Entre estes, mencionam-se Martinho de Tours, Bento de Núrsia, Francisco de Assis e Dom Bosco” (WEISER, p. 136). Casos de ressurreições de mortos encontram-se igualmente na literatura de outras religiões, por exemplo, na literatura judaica, atribuem-se casos de ressurreições de mortos a alguns rabinos; na literatura helenística relata-se um milagre de ressurreição operado por Apolônio de Tiana e assim por diante.

No parecer de Alfons Weiser, “de todo o material das fontes não se pode deduzir, com suficiente certeza, um único caso sequer em que um morto de verdade tenha retornado alguma vez à existência terrena” (WEISER, p. 137).

Concordando com esse mesmo autor, reafirmo que jamais um morto de verdade – incluindo a mim mesmo – retornou alguma vez à existência terrena com o mesmo corpo físico que tinha antes de morrer.

A crítica histórica moderna das narrativas bíblicas também tem enfrentado o problema da minha suposta ressurreição, “procurando as origens desta crença, não rara na Antiguidade” (DONINI, p. 295):

As religiões de salvação, baseadas no culto de seres divinos ou semidivinos que morrem e ressuscitam, não só influíram sobre o modo de apresentar

a ressurreição de Jesus, como tornaram mais fácil a sua aceitação, até transformar esta questão de fé num elemento decisivo do sucesso da nova religião (DONINI, p. 295).

Em suma, a crença em “ressurreição de mortos” (ou em “ressurreição da carne”), no sentido de reanimação do cadáver de alguém que “desencarnou”, definitivamente, é mais um mito que precisa ser devidamente questionado e reavaliado na mesa do diálogo inter-religioso. (Para mais detalhes sobre esse tema, cf. SOUZA, 2007, p. 143-151)

4.72 SENTIDOS DE “RESSURREIÇÃO” NA BÍBLIA

P240 – Jesus, quantos e quais são os sentidos da palavra “ressurreição” na Bíblia judaico-cristã?

J – O termo “ressurreição” tem pelo menos quatro sentidos na Bíblia judaico-cristã (cf. ALEIXO, 1998, p. 24-25; ALEIXO, 1999, p. 28-33; CHAVES, 2006a, p. 81-87; TORRES QUEIRUGA, 2004, p. 79):

- 1) a volta à vida de um espírito desencarnado no mesmo corpo físico que tinha antes de morrer. Nesse sentido, porém, como argumentei na resposta da pergunta anterior, não há “ressurreição de mortos”, a não ser no âmbito da mitologia;
- 2) o ressurgimento do espírito para o plano espiritual, ou seja, a passagem de nossa vida do plano físico para o plano espiritual, após a morte do nosso corpo físico; nesse sentido, todos nós “ressuscitamos”;
- 3) a aparição de espíritos “desencarnados” pela vidência ou pelas “materializações” (o que tem ocorrido, por exemplo, em sessões espíritas e o que ocorreu comigo nos relatos de minhas aparições como “materializado”, após o meu “desencarne” – pois, nesse sentido, todos nós podemos “ressuscitar”) e
- 4) o “regressar” do espírito em novo corpo físico pelo processo da “reencarnação”, impropriamente designado em várias passagens da Bíblia pelo termo “ressurreição”; nesse sentido, todos nós “ressuscitamos”, isto é, “reencarnamos”. Na Bíblia, há várias passagens em que se usa o termo “ressurreição” no sentido de “reencarnação”, por exemplo, o episódio em que meus discípulos me dizem que o povo pensa ser eu João Batista, Elias, Jeremias, ou algum dos profetas, que “ressurgiu” (Lc 9,18-19), melhor, que “reencarnou”.

Muita gente pensa que o termo “ressurreição” na Bíblia tem apenas o primeiro dos quatro sentidos há pouco definidos, isto é, o sentido de reanimação de um corpo físico no qual todas as funções vitais tenham cessado definitivamente (a chamada “morte cerebral”).

Assim, a grande maioria dos cristãos sempre interpretou e ainda interpreta a “ressurreição” como a revivificação (ou reanimação) de um cadáver, do mesmo modo como teria supostamente acontecido comigo e com as supostas “ressurreições” realizadas por mim nos relatos do Novo Testamento: a de Lázaro (Jo 11), a do filho da viúva de Naim (Lc 7) e a da filha de Jairo (Mc 5; Mt 9; Lc 8), com a diferença de que eu supostamente ressuscitara de maneira definitiva, e com um corpo físico glorioso, enquanto Lázaro, o filho da viúva de Naim e a filha de Jairo teriam ressuscitado provisoriamente (pois iriam morrer outra vez), e não teriam ressuscitado com um corpo físico glorioso ou transformado como o meu, mas com o mesmo corpo que tiveram antes de “morrer”.

Felizmente, vários teólogos e estudiosos cristãos contemporâneos rejeitam, com razão, o conceito tradicional e errôneo de “ressurreição” como “reanimação de cadáver” (ver, entre outros, os famosos teólogos católicos RAHNER, 1989, p. 315-316; BOFF, 1989, p. 101-103; CHARPENTIER, 1984, p. 39; e TORRES QUEIRUGA, 2004, p. 269). No dizer do maior teólogo católico contemporâneo, Andrés Torres Queiruga, “sem dúvida, ninguém mais confunde a ressurreição com a *revivificação* ou volta à vida de um cadáver” (TORRES QUEIRUGA, p. 269).

4.73 IMORTALIDADE DA ALMA X MORTALIDADE E RESSURREIÇÃO DO HOMEM INTEIRO

P241 – Jesus, alguns teólogos católicos contemporâneos, fundamentados na concepção judaica da *morte e ressurreição do homem inteiro*, contestam a doutrina cristã tradicional (idêntica nesse aspecto à doutrina espírita) da “imortalidade da alma” e defendem a **mortalidade e ressurreição do homem inteiro** (corpo e alma), ou seja, defendem a compreensão judaica da morte e ressurreição como morte e ressurreição do ser humano todo (cf. TORRES QUEIRUGA, 2004, p. 195). O que o Senhor tem a dizer sobre essa posição?

J – Eu sei que alguns teólogos católicos contemporâneos opõem-se à visão cristã tradicional (idêntica nesse aspecto à doutrina espírita) da “imortalidade da alma” e defendem a ideia judaica da mortalidade e ressurreição do homem inteiro (corpo e alma). Assim, para o teólogo e

padre católico Luis González-Carvajal, “não morre apenas o corpo, mas o homem inteiro” (GONZALEZ-CARVAJAL, p. 181-182).

O teólogo católico Leonardo Boff (1989, p. 66-69) argumenta analogamente que a crença na “imortalidade da alma” é uma filosofia dualista grega que influenciou a “Igreja missionária no mundo helênico”, mas que não “pertence ao anúncio fundamental do Novo Testamento”:

Essa concepção dualista [...] pervadiu toda a antropologia católica com não poucas consequências querigmáticas. A práxis eclesial pregou muito mais a imortalidade da alma que a ressurreição dos mortos. [...] Leão X no quinto Concílio de Latrão [1513] canoniza a doutrina platônica da imortalidade da alma [...] com a seguinte afirmação: “Condenamos e reprovamos todos os que afirmam que a alma intelectual seja mortal ou a mesma em todos os homens” (DS 1440; cf. 1766) (BOFF, *ibid.*).

Está claro, portanto, que, contrariamente ao pensamento desses teólogos católicos, a posição tradicional e oficial da Igreja Católica (idêntica à doutrina espírita) é a de que **a alma é imortal** e, sendo ela imortal, a suposta “ressurreição dos mortos” só pode referir-se (mesmo que erroneamente) ao corpo mortal, e não ao conjunto corpo-alma.

4.74 “SE NÃO HÁ RESSURREIÇÃO DOS MORTOS, TAMBÉM CRISTO NÃO RESSUSCITOU” (1Cor 15,13)

P242 – Jesus, como o Senhor reavalia essa famosa declaração de Paulo?

J – Apenas reafirmando que, de fato, não há “ressurreição dos mortos”, e que, por conseguinte, nem eu nem ninguém pode “ressuscitar dos mortos”, pois o homem, na sua essência – que é alma ou espírito – é “imortal”. O que morre (ou melhor, o que se transforma) é apenas o corpo físico. Se a alma, na visão católica tradicional (bem como na visão espírita), é imortal, e se não há ressurreição, no sentido de um espírito desencarnado retornar a viver com o mesmo corpo físico que tinha antes de morrer, então é uma contradição falar em “ressurreição dos mortos”.

O mesmo apóstolo Paulo (cf. 1Cor 15,53-55) defende a ideia mítica de que eu, com minha suposta “ressurreição”, venci a “morte”. Mas como posso ter eu vencido a morte, se a morte não existe? De que “ser mortal” está falando Paulo? Ele só pode estar se referindo à “morte” do corpo físico, pois a alma é imortal. Conforme elucida muito corretamente o famoso bispo, teólogo e doutor do cristianismo primitivo, Irineu de Lião

(IRINEU DE LIÃO, 1995, p. 551), “é evidente que aqui ele [Paulo] fala da carne, pois **nem a alma nem o espírito são mortais**”(negrito meu).

Resumindo, repito que ninguém morre. O que “morre”, ou melhor, o que se “transforma”, pois nada “morre”, é apenas nossa vestimenta física e não aquilo que constitui a nossa essência, que é a nossa alma ou espírito. E se ninguém morre, não pode haver “ressurreição dos mortos”. Logo, repito, eu não morri nem ressuscitei dos mortos, apenas deixei meu corpo físico e continuei a viver na dimensão espiritual. É um grande mito cristão, portanto, a crença segundo a qual eu ressuscitei fisicamente, subi ao céu fisicamente, “onde agora estou esperando para retornar fisicamente, em glória” (EHRMAN, p. 174).

4.75 O SEPULCRO VAZIO

P243 – Jesus, como explicar, então, o relato evangélico do “sepulcro vazio” (Jo 20, 1-10), o qual, segundo alega a maioria dos cristãos, é prova de que o Senhor realmente “ressuscitou dos mortos”, isto é, retornou a viver com o mesmo corpo físico que tinha antes de morrer?

J – Pinheiro, segundo a visão correta de vários teólogos católicos contemporâneos, o relato do “sepulcro vazio” não pode ser mais interpretado literalmente (como o era até pouco tempo),

pois o que, no fundo e com toda a legitimidade, a afirmação do sepulcro vazio pretende salvaguardar é a *identidade do Ressuscitado*; é também isso que se tenta expressar com o simbolismo da “ressurreição da carne” (TORRES QUEIRUGA, p. 270).

Louvo essa interpretação teológica, que desfaz a velha crença mítica e dogmática da “ressurreição da carne” ou da “ressurreição dos mortos”. É certo, porém, que os apóstolos simplesmente inventaram o relato do sepulcro vazio para expressar a crença segundo a qual eu não era um “fantasma” (um espírito) que aparecera materializado aos meus discípulos após o meu desencarne, mas que havia realmente retornado a viver com o mesmo corpo físico que tinha antes de morrer. Para comprovar isso, Lucas escreveu: “Vede minhas mãos e meus pés: Sou eu! Apalpai-me e entendei que um espírito não tem carne, nem ossos, como estais vendo que eu tenho” (Lc 24, 39-40).

4.76 CURAS E EXORCISMOS

P244 – Jesus, o Senhor fez curas e exorcismos?

J – Com certeza. Eu tinha (e tenho), de fato, o poder de curar doenças físicas, mentais e espirituais, e de expulsar encostos, ou seja, espíritos inferiores, que perturbavam (e continuam a perturbar) as pessoas, chamados pelos cristãos de “demônios”. Mas esse poder de fazer curas e de expulsar espíritos inferiores nunca foi exclusividade minha, pois essa capacidade sempre foi (e continua sendo) exercida por inúmeras outras pessoas de muitas religiões (ou de nenhuma religião).

Os escritores cristãos, para salvar a minha suposta unicidade divina e salvadora, atribuíram a mim todo tipo de milagres, como exclusividade minha, aparentemente esquecendo que todos os milagres atribuídos a mim nas narrativas evangélicas são igualmente atribuídos aos fundadores de outras tradições religiosas mais antigas (hinduísmo, zoroastrismo, mitraísmo, judaísmo, budismo, taoísmo etc. (cf. DONINI, p. 32).

4.77 O MITO DE MILAGRES QUE ANULAM AS LEIS DA NATUREZA

P245 – Jesus, é verdade que o Senhor também fez “milagres” que anulam as leis da natureza, como acalmar uma tempestade, andar sobre as águas, multiplicar pães, transformar água em vinho, mudar a substância do pão e do vinho em seu próprio corpo e sangue etc.?

J – Pinheiro, para quem acredita no mito de minha divindade, isto é, que eu seja *literalmente* Deus encarnado, todos os tipos de milagres são possíveis, inclusive os que aparentemente anulam as leis da natureza. Aliás, todos os milagres a mim atribuídos no Novo Testamento tinham a função de provar que eu era realmente um ser divino, com poderes singulares e exclusivos, em relação aos milagreiros de outras tradições religiosas.

Por isso mesmo, a maioria dos cristãos, na sua convicção sincera e honesta (mesmo que errônea) de eu ser Deus, acredita que eu fiz vários milagres que supostamente anulam as leis da natureza, como ressuscitar mortos, acalmar uma tempestade, andar sobre as águas, multiplicar pães, transformar água em vinho, mudar a substância do pão e do vinho em meu próprio corpo e sangue etc. Como já falei, milagres desse tipo são igualmente atribuídos a muitos outros personagens da literatura religiosa deste planeta: sabe-se, por exemplo, que o profeta Eliseu (cf. 2Rs 4,42-44) também “multiplicou” pães, um discípulo de Buda também “andou” sobre as águas do rio Acivarati (cf. FUNK & THE JESUS SEMINAR, p. 207) e vários profetas, como Elias e Eliseu (1Rs 17; 2Rs 4), também “ressuscitaram” mortos etc.

Antes de responder mais diretamente à sua pergunta, quero esclarecer-lhe, Pinheiro, à luz do espiritismo, que não existe “milagre”, no sentido vulgar (e até mesmo teológico) de “uma derrogação das leis da natureza, por meio da qual Deus manifesta o seu poder” (KARDEC, *A Gênese*, cap. 13, n. 1). Em outros termos, para o espiritismo, “não há milagres, nem fatos sobrenaturais, tudo o que pertence ao universo fenomênico é natural” (PALHANO, 1997, p. 249). (Para a interpretação espírita dos milagres atribuídos a mim nos Evangelhos, ver KARDEC, *A Gênese*, cap. 15.)

A essa altura de minha reflexão, alguém poderia perguntar-me:

– “Mas o Senhor não declarou no Evangelho de Mateus (cf. Mt 17,20) que se tivermos fé como um grão de mostarda, poderemos transportar montanhas de um lugar para outro? Isso não seria um milagre que anularia as leis da natureza?”

– Com certeza. Se esse tipo de milagre realmente ocorresse, seria uma violação contra as leis da natureza. Só que esse tipo de milagre nunca aconteceu na história da humanidade. Quem quiser tentar realizá-lo ficará decepcionado, pois não foi no sentido literal/físico (mas no sentido figurado/moral) que eu fiz essa afirmação de **fé-confiança**. Como explica muito bem Allan Kardec (em seu livro *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. 19, n. 2),

é somente no seu sentido moral que devemos entender estas palavras. As montanhas que a fé transporta são as dificuldades, as resistências, a má vontade. [...] Os preconceitos da rotina, o interesse material, o egoísmo, a cegueira do fanatismo e as paixões orgulhosas são outras tantas montanhas que atravancam o caminho dos que trabalham para o progresso da humanidade.

Ainda a respeito de milagres que supostamente anulam as leis da natureza, alguém poderia também perguntar-me:

– “Mas o Senhor, na **Última Ceia**, não transformou o pão em seu corpo e o vinho em seu sangue, afirmando explicitamente: **‘Isto é o meu corpo... isto é o meu sangue, o sangue da aliança’**?”

– De modo algum. Raciocinemos, com o escritor e ex-padre católico José Barbosa Neto: como poderia eu dizer, na Última Ceia, que **em minhas mãos estavam o meu próprio corpo e sangue**,

quando ainda estava **VIVO NO MEIO DOS DISCÍPULOS**, habitando o mesmo corpo com o qual nascera de Maria e com o qual **andara e ainda estava andando** na companhia dos discípulos? Tal pensamento propalado

pela Igreja Romana para assegurar a doutrina da **transubstanciação** fere frontalmente a inteligência das pessoas sensatas! Muitas vezes, nas **Sagradas Escrituras** encontramos a mesma construção gramatical, onde o verbo **ser** é usado com o sentido de **representar**, e nessas passagens não pode ter outro significado (NETO, 2004, p. 83) (negrito do autor).

A **Ceia Eucarística**, portanto, deve ser interpretada *simbolicamente*, e não *literalmente*, como, corretamente, já o fazia o apóstolo Paulo, o qual chamava os elementos da Ceia de **pão e vinho** (ou de **pão e cálice**), e não de **corpo e sangue**: **“Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor até que ele venha”** (1Cor 11,26) (negrito meu). Os protestantes concordam plenamente com a interpretação simbólica de Paulo sobre a Ceia Eucarística, enquanto os católicos continuam interpretando-a *literalmente*.

Com minha argumentação a respeito do mito de milagres que supostamente anulam as leis da natureza, não estou querendo negar que haja fenômenos extraordinários, até o momento inexplicáveis pela ciência convencional, rotulados de “milagres que suposta e aparentemente anulam as leis da natureza”, como “levitação”, “bilocação”, “materialização” etc.

O que estou querendo esclarecer é que é preciso saber distinguir, na literatura religiosa, fatos “miraculosos” reais (ou possíveis) de relatos puramente míticos, alegóricos, simbólicos ou *teofânicos*. Nos relatos de *epifania* ou *teofania*, muito comuns na literatura religiosa, atribuem-se a um ser supostamente divino ações “miraculosas” que aparentemente suspendem as leis da natureza (cf. FUNK & THE JESUS SEMINAR, p. 207, 389). Em suma, é preciso saber distinguir fatos de mitos nas narrativas de milagres.

Com base nessa distinção, e respondendo agora mais diretamente à sua pergunta, volto a dizer-lhe, Pinheiro, que é, sobretudo, no sentido de relatos míticos, alegóricos, simbólicos ou *teofânicos* que deve ser interpretada a maioria dos “milagres” no domínio da natureza atribuídos a mim nos Evangelhos (cf. FUNK & THE JESUS SEMINAR, p. 531).

4.78 A METÁFORA DO DEUS ENCARNADO

P246 – Jesus, no restante dessa nossa quarta entrevista, gostaria que o Senhor voltasse a insistir na definição de sua verdadeira identidade. John Hick, em seu já citado livro *The Metaphor of God Incarnate* (‘A

Metáfora do Deus Encarnado'), contesta a sua suposta identidade divina, defendendo que a crença em sua encarnação divina é apenas uma metáfora criada pelos cristãos da Igreja primitiva. Como o Senhor reavalia a posição desse famoso teólogo cristão pluralista?

J – Como esclareci em várias respostas de perguntas anteriores, concordo plenamente com o pensamento de John Hick (o maior teólogo pluralista do mundo), a respeito de minha verdadeira identidade. Louvo a sua coragem de provar para a cristandade, em dezenas de obras, que eu não sou literalmente Deus encarnado e que essa crença é apenas uma metáfora criada pelos cristãos da Igreja primitiva para enaltecer ao máximo a minha pessoa e assim atrair muitos adeptos para a fé cristã tradicional.

4.79 O MITO DA ENCARNAÇÃO MIRACULOSA E DIVINA DE JESUS

P247 – Como estamos nos aproximando do fim dessa nossa quarta entrevista, e dada a grande importância ecumênica e macroecumênica do assunto, gostaria que, a título de recapitulação de tudo o que já refletimos nesta quarta entrevista sobre a sua identidade, o Senhor voltasse a esclarecer – com mais documentação histórica – o fato de que a crença em sua encarnação miraculosa e divina é um mito cristão (ou uma metáfora), e não um acontecimento histórico absoluto.

J – Como já afirmei e documentei em respostas de perguntas anteriores desta nossa quarta entrevista, fazendo referências aos teólogos pluralistas, especialmente a John Hick e seus colaboradores (cf. HICK, 1977), a crença em minha encarnação miraculosa e divina foi uma dentre as várias formas apropriadas de os cristãos pensarem e falarem de mim, de acordo com a mentalidade mítica daquela época, em que era normal atribuir-se “encarnação miraculosa e divina” a pessoas importantes, como reis, líderes religiosos, heróis etc. (cf. WILES, 1977, p. 4).

Assim, na Grécia antiga, os filósofos pré-socráticos Pitágoras e Empédocles, por exemplo, eram considerados filhos do deus Hermes (cf. YOUNG, 1977, p. 94). Os antigos acreditavam igualmente que personagens importantes, como Alexandre Magno e Dionísio, foram concebidos miraculosamente, ambos considerados “filhos do deus Zeus” (ibid). No Egito antigo, era muito comum a crença mitológica em relações sexuais entre uma mulher mortal e uma divindade. Em Roma, Rômulo é tido como “Filho de Marte”, Deus da guerra (ibid., p. 96). Na própria época do cristianismo nascente, Paulo e Barnabé (At 14ss) foram considerados “deuses”.

Não esqueçamos, contudo, que foi Paulo de Tarso o principal responsável pela criação de minha identidade mítica e do cristianismo mítico. Ele, de fato, nas palavras de James D. Tabor, ensinou que eu

era um ser celestial divino preexistente, criado como o “primogênito” de toda a criação. Existia sob a “forma de Deus” e era “igual a Deus” (Filipenses 2,6).[...] Aqueles que aceitaram o sacrifício de redenção do sangue de Cristo foram perdoados de todos os pecados e receberam o “dom” da vida eterna. Acertaram as contas com Deus pela fé e não pelas boas ações. [...] [Paulo] lançou uma “maldição” formal sobre quem quer que pregasse “outro Evangelho” diferente do dele (Gálatas 1,6-9). Chamava seu “Evangelho” de “revelação de um segredo” há séculos escondido, e agora revelado a ele pelo Cristo celestial como o apóstolo dos gentios (TABOR, 2006, p. 278, 281).

4.80 INFLUÊNCIA DA CULTURA GRECO-ROMANA NA CRIAÇÃO DO MITO DA DIVINIZAÇÃO DE JESUS

P248 – Gostaria que o Senhor voltasse a explicar por que muitos estudiosos das religiões afirmam que o mito de sua “divinização” foi produto da cultura greco-romana e não da cultura judaica.

J – Conforme já falei, é bem verdade que o mito da minha “divinização” (ou “deificação”) foi sobretudo produto da cultura greco-romana, e não da cultura judaica. De fato, foram os pagãos convertidos da cultura greco-romana, e não os judeus, que me deificaram, transformando-me num Deus encarnado, pois tal divinização, como elucidam os teólogos pluralistas, seria impossível no contexto do judaísmo monoteísta. Apenas o ambiente pagão sincretista (como o dos gregos e o dos romanos) pode explicar essa minha deificação, uma vez que a ideia de um Deus encarnado era uma ofensa para o pensamento judaico, mas era uma ideia comum no pensamento greco-romano (cf. YOUNG, *ibid.*, p. 98, 106). Daí por que a grande maioria dos judeus nunca aceitou o mito de minha divinização, nem o de minha encarnação divina, e muito menos o mito da trindade divina, uma vez que, para os judeus, a ideia de um *Deus trino* não se coaduna com a sua crença monoteísta no *Deus uno*, mas *não trino*.

Conforme já vimos, o cristianismo, ao ser adotado como religião oficial do Império Romano, sofreu grande influência de outras tradições religiosas mais antigas, sobretudo do culto ao **Sol Invictus** (O SOL INVENCÍVEL), divindade adorada pelos romanos, e do culto a **Mitra**, divindade indo-iraniana (também cultuada em Roma). Como já vimos (cf. tema 4.10), grande foi o sincretismo religioso que ocorreu entre o

cristianismo mítico e essas religiões pagãs, particularmente o meu **endeusamento**, transformado em dogma de fé, por Constantino, no ano 325 de nossa era, no 1º Concílio Ecumênico, realizado em Niceia, para que houvesse maior semelhança entre o cristianismo mítico e as outras religiões que adoravam uma divindade.

4.81 SENTIDO METAFÓRICO, E NÃO LITERAL, DA LINGUAGEM SOBRE FILIAÇÃO DIVINA

P249 – Jesus, gostaria que o Senhor recapitulasse brevemente o tema referente ao sentido metafórico, e não literal, da linguagem sobre filiação divina de reis, imperadores, heróis, líderes religiosos etc.

J – Pois não. Conforme já elucidei por diversas vezes, é uma crença absurda, para os que se guiam pelo bom-senso, pela razão e pela “fé raciocinada”, admitir que um rei seja fisicamente (biologicamente) “Filho de Deus”. Dizer que o rei era “Filho de Deus” era uma forma metafórica, analógica e mitológica de se expressarem as qualidades do rei. O rei está mais próximo de Deus do que qualquer outra pessoa. Por isso, ele é chamado de “Filho de Deus” (Sl 2,7). Na linguagem mitológica, diz-se que Deus o “gerou”. Mas o rei é considerado “Filho de Deus” apenas por “adoção”, e não por geração física, biológica. É um absurdo, por conseguinte, acreditar que um rei (um imperador, um herói, um líder religioso etc.) seja biologicamente “Filho de Deus” (cf. HICK, 1977/1993).

4.82 A TRANSIÇÃO DE “FILHO DE DEUS” PARA “DEUS O FILHO” E O MITO DA TRINDADE CRISTÃ

P250 – Jesus, para encerrar esta nossa quarta entrevista, cujo objetivo principal foi entender a Bíblia judaico-cristã, principalmente com respeito à interpretação de sua verdadeira identidade (ou natureza) e das palavras e ações atribuídas ao Senhor nos relatos evangélicos, gostaria que o Senhor explicasse novamente como os cristãos fizeram a transição em sua identidade mítica de “Filho de Deus” no sentido adotivo, para “Filho de Deus” no sentido natural e, finalmente, para “Deus o Filho”, Segunda Pessoa da Trindade, o que contribuiu, sem dúvida alguma, para criar o **o dogma (ou mito) da Trindade Cristã**.

J – Conforme já expliquei em várias respostas de perguntas anteriores, fazendo referência ao filósofo e teólogo pluralista John Hick (cf. HICK, 1977, p. 174-175), a referida transição que os cristãos fizeram em mim, de “Filho de Deus” (no sentido adotivo) para “Filho de Deus”

(no sentido natural) e, depois, para “Deus o Filho” (“Deus encarnado”), Segunda Pessoa da Trindade, foi fruto do encontro da imagem judaica de um rei ser considerado “filho de Deus”, no sentido adotivo/honorífico, com as imagens mitológicas greco-romanas de “filho de Deus” e de “Deus encarnado” (no sentido natural/físico/biológico).

Foi assim, como argumenta Hick (ibid.), que nasceu **o dogma (ou mito) da Trindade Cristã** (Deus uno e trino: **Deus-Pai, Deus-Filho e Deus-Espírito Santo**).

Mas se eu não sou Deus, como, de fato, não o sou, conforme venho argumentando, insistentemente, ao longo de nossas entrevistas, particularmente nesta quarta entrevista, cai por terra o dogma (ou mito) da Trindade Cristã.

Essa crença mítica num Deus uno e trino não é exclusividade do cristianismo, pois sabemos que a concepção trinitária da divindade já existia em várias outras tradições religiosas, muito tempo antes do cristianismo, fato esse que, sem dúvida alguma, reforçou a proclamação do dogma da Trindade Cristã, no 1º Concílio de Constantinopla (ano 381), tendo sido convocado pelo Imperador Teodósio I (e não pelo pontífice romano da época, o Papa Dâmaso).

O conceito trinitário da divindade nas religiões foi criado por analogia com a trindade da família humana: **pai, mãe, filho**. Como quase todas as religiões antigas possuíam conceitos antropomórficos de suas divindades, isto é, concebiam suas divindades de maneira humana, elas cultuavam e adoravam um deus uno e trino, ou seja, um deus em três pessoas: **deus-pai, deus-mãe e deus-filho**, por exemplo, os egípcios antigos cultuavam e adoravam a seguinte trindade divina: Osíris, Ísis e Hórus (deus-pai, deus-mãe e deus-filho).

Em algumas religiões, por exemplo, no hinduísmo e no cristianismo, em vez da trindade deus-pai, deus-mãe e deus-filho, cultua-se uma trindade constituída de Deus-Pai, Deus-Filho e Deus-Espírito Santo. Assim, na principal trindade indiana, o filho de Deus, o verbo encarnado, o primeiro salvador do mundo, nascido miraculosamente (de um parto virginal), chama-se “Vishnu Krishna” (o nome “Krishna” tem a mesma raiz que “Cristo”). O pai chama-se “Brama” e o Espírito Santo chama-se “Shiva” (cf. GRIESE, p. 87).

Esse mesmo teólogo e ex-padre católico (ibid., p. 82) nos informa, citando o escritor D. Barnett, em seu livro “Hindu Gods and Heroes” (‘Deuses e Heróis da Índia’), que a Trindade Cristã originou-se, de fato,

da trindade indiana: **Brama** (o Criador), **Vishnu** (o Conservador) e **Shiva** (o Transformador).

Quase todas as concepções trinitárias da divindade falham por conceituar Deus como *pessoa* ou como *três pessoas*. Como já esclareci, definir Deus com *pessoa* é um antropomorfismo, uma metáfora, pois Deus, sendo infinito, não pode ser definido *literalmente* como *pessoa* e, menos ainda, como *três pessoas*.

Outro erro é proclamar que as três pessoas da Trindade Cristã são iguais, pois, a própria Bíblia cristã expressa uma aberta inferioridade e subordinação do Filho em relação ao Pai, bem como do Espírito Santo em relação ao Filho: inferioridade no SABER, no PODER e no SER (cf. GRIESE, p. 23-24; SOUZA, 2007, p. 119-130).

A Bíblia confirma literalmente a **inferioridade do Filho em relação ao Pai e do Espírito Santo em relação ao Filho**, uma vez que o Filho foi enviado pelo Pai e o Espírito Santo foi enviado pelo Filho, e **todo enviado é obviamente inferior ao que o enviou**.

O Espírito Santo da Trindade Cristã só foi criado no Concílio Ecumênico de Constantinopla, no ano 381. Até essa época, quando temos na Bíblia a expressão “Espírito Santo”, não se trata, pois, do Espírito Santo da Trindade, mas da expressão “Espírito Santo” no sentido da “alma” (ou do “espírito”) de uma pessoa, como no versículo paulino: “Nosso corpo é santuário do (dum no original grego) Espírito Santo” (1Cor 6,19), isto é, nosso corpo é a morada de um “espírito santo” (ou “alma”).

Nesse versículo (como em muitos outros), o uso do artigo definido “o” é um erro de tradução, pois, a tradução correta deveria ser “um”: “Nosso corpo é santuário de um espírito santo”, e não “do Espírito Santo” (da Trindade Cristã), uma vez que o “Espírito Santo” da Trindade Cristã ainda não havia sido criado quando Paulo escreveu suas cartas.

Sei que meus argumentos contra os dogmas cristãos, como o da Trindade, podem chocar muitos cristãos, mas meu objetivo ao abordar temas polêmicos como esse, repito, não é querer agredir a fé cristã, mas unicamente tentar contribuir para descobrir a verdade que nos liberta: “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (Jo 8,32).

O debate teológico entre os cristãos em torno do dogma (ou mito) trinitário já dura dois mil anos, mas, até hoje, permanece intocável, pela simples razão de que esse debate teológico é fundamentado na “fé racionalizada” – a chamada “*fides quaerens intellectum*” – ‘a fé que procura compreender’, mas que nunca pode sofrer revisões nem alterações. Como prova de que esse debate cristão é realmente baseado

no princípio da “fé racionalizada” (e não da “fé raciocinada”), cito os autores do DER, ao afirmarem que

não há inconveniente na utilização da razão e dos seus conceitos para se ilustrarem as verdades da fé, **contanto que se preserve incólume o conteúdo da Revelação divina** (DER, verbete **Trindade**) (negrito meu).

Fazendo uso, portanto, da “fé racionalizada”, os teólogos dos primeiros séculos, para justificar a formulação exata do dogma trinitário, tiveram que recorrer à filosofia grega, com respeito à distinção entre os termos *ousía* (essência, natureza) e *hypóstasis* (pessoa). A *ousía* (a essência, a natureza, a Divindade) é única; “as pessoas, porém, são três, sem esfacular nem retalhar a natureza divina, como são três os ângulos de um triângulo sem esfacular a superfície do triângulo” (DER, verbete **Trindade**).

Fazendo uso da mesma “fé racionalizada”, o Concílio de Niceia, no ano de 325, redigiu uma profissão de fé, cujo texto

acentua a identidade de substância do Pai e do Filho para afirmar que o **Filho não foi criado** (quem cria tira do nada), **mas gerado** (quem gera se prolonga no filho gerado); o Filho é Deus de Deus, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro (DER, verbete **Trindade**) (negrito meu).

Essa teologia emprega, erroneamente, os termos “Filho” e “gerar” no sentido real, literal, enquanto sabemos, como já expliquei, que nem o nome “Filho”, nem o verbo “gerar” devem ser tomados nesse contexto em sentido real, literal, mas em sentido espiritual, figurado, metafórico.

Voltando agora mais diretamente à resposta de sua pergunta, sobre a minha verdadeira identidade, quero dizer-lhe, Pinheiro, mais uma vez, que ser “filho de Deus”, na cultura hebraica, não significava ser Deus, mas era um título honorífico aplicado geralmente aos reis por ocasião de suas coroações. Já na cultura greco-romana, e em muitas outras culturas antigas, era muito comum a ideia mitológica de alguém importante ser considerado “filho de Deus”, no sentido natural (físico, biológico), através da concepção miraculosa entre uma divindade e uma mulher da Terra, ou entre uma deusa e um homem da Terra, como era igualmente comum a ideia de uma divindade encarnar-se (ou reencarnar-se) em forma humana (o chamado MITO DO DEUS ENCARNADO).

Assim, por exemplo, os chamados *heróis* na mitologia grega eram tidos como “filhos de um deus e de uma mortal” (COMMELIN, p. 215); Teseu, o décimo rei de Atenas, também é chamado, às vezes, de “filho

de Netuno”, a grande divindade dos trezenienses (ibid.); Júpiter, o pai, o rei dos deuses e dos homens, também engravidou um grande número de mulheres da Terra, e delas nasceram muitos filhos, que foram todos colocados entre os deuses e semideuses (ibid., p. 21-22); “a deusa Vênus (‘Afrodite’, em grego) gerou Eneias e um grande número de mortais” (ibid., p. 60-61); o próprio Platão, nascido em Atenas em 429 a.C., era considerado um divino Filho de Deus, nascido de uma virgem pura chamada Perictione, segundo acreditava o povo em geral (cf. LEWIS, 1997, p. 78); o taumaturgo Apolônio de Tiana, contemporâneo dos primeiros cristãos, também nascera de uma mãe virgem, tendo sido concebido miraculosamente pela mãe terrena e um deus egípcio de nome Proteu (cf. RIFFARD, p. 405); na mitologia egípcia, o rei, chamado faraó, era considerado um *deus* vivente e dava-se-lhe o título de “Filho de Deus”; na mitologia da Pérsia, Zoroastro foi o primeiro dos redentores do mundo a ser aceito como nascido pela concepção entre um deus e uma virgem (cf. LEWIS, ibid., p. 76); Ciro, rei da Pérsia, também era tido como nascido de origem divina, e era chamado de “Cristo” ou “Filho unigido de Deus” (ibid.).

Analogamente, o MITO DO DEUS ENCARNADO, isto é, a crença segundo a qual uma divindade se encarna numa pessoa humana, era (e ainda continua sendo) muito comum. Assim, por exemplo, no hinduísmo, Krishna é considerado a oitava encarnação do deus hindu Vishnu; para os hinduístas, Buda é a nona encarnação da mesma divindade (Vishnu); “O Dalai Lama do Tibete é considerado um avatar [=encarnação divina] de Avalokitezvara” (BLAVATSKY, 2000, p. 65); “A Sociedade Teosófica anunciou, como encarnação divina da época, em suas próprias fileiras a Krishnamurti” (ARMOND, 1999, p. 137); ainda hoje, em vários países (por exemplo no Nepal), monarcas são considerados a reencarnação de um deus. O guru indiano Sathya Sai Baba era considerado uma encarnação da divindade (cf. HISLOP, 2003).

Diante de todos esses exemplos de supostas filiações e encarnações divinas na História de muitos povos, fica muito difícil aceitar a crença exclusivista e mítica da maioria dos cristãos, segundo a qual eu seria o único Filho de Deus e a única encarnação de Deus na História.

Em nossa quinta (e última) entrevista, a seguir, confrontaremos o cristianismo – em suas duas modalidades – com várias doutrinas religiosas ou filosóficas (tradicionalmente) não cristãs, indicando os maiores desafios para o diálogo religioso entre cristãos e não cristãos.

ENTREVISTA nº 5

O CRISTIANISMO COMPARADO COM OUTRAS RELIGIÕES OU FILOSOFIAS



5.1 CRISTIANISMO X JUDAÍSMO

P251 – Jesus, nesta nossa quinta e última entrevista, vou fazer-lhe uma série de perguntas sobre o confronto doutrinário principal entre o cristianismo (em suas duas modalidades: o cristianismo mítico/dogmático e o das origens) e várias religiões ou filosofias (tradicionalmente) não cristãs, com o objetivo de tentar promover o diálogo religioso entre cristãos e seguidores de outras religiões ou filosofias. Reconheço, porém, com John Hick, que, “uma vez que cada religião se considera o centro da verdade, o diálogo inter-religioso resumir-se-á a uma exposição e comparação de suas crenças incompatíveis” (HICK, 1982, p. 121). Daí por que dei a esta nossa última entrevista o título de **O Cristianismo Comparado com Outras Religiões ou Filosofias**. Minha primeira pergunta é sobre a comparação entre o cristianismo e o judaísmo: o que é o judaísmo e quais são os principais pontos convergentes e divergentes entre essas duas grandes tradições religiosas?

J – Pinheiro, o judaísmo é a religião dos judeus, a religião-mãe do cristianismo e também (em menor grau) do islamismo. Conta atualmente com cerca de 15 milhões de adeptos: 5 milhões radicados em Israel e 10 milhões espalhados pelo mundo, fundamentalmente nos Estados Unidos, Rússia e Europa Oriental (cf. SANTIDRIÁN, 1996, p. 276).

A fé judaica encontra-se expressa na Bíblia (Antigo Testamento), sobretudo nos seus primeiros cinco livros, conhecidos como Torá ou Pentateuco. Nesses livros, está registrada a suposta revelação feita por Deus a Moisés no Monte Sinai, há mais de três mil anos. A Lei Mosaica consta do Decálogo e de 613 preceitos que abrangem toda a vida diária, desde a lei civil à higiene pessoal e à dieta alimentar.

5.1.1 A PALAVRA-CHAVE DA RELIGIÃO JUDAICA

P252 – Jesus, qual é a palavra-chave da religião judaica?

J – É a palavra “fé”. O grande mestre judeu Maimônides (apud SANTIDRIÁN, p. 277) resumiu a fé hebraica nestes 13 princípios:

1. Fé na existência de um criador e de uma providência.
2. Fé na unidade.
3. Fé na sua incorporeidade.
4. Fé na sua eternidade.
5. Fé em que só a ele se deve prestar culto.
6. Fé nas palavras dos profetas.

7. Fé em que Moisés é o maior profeta.
8. Fé na revelação da Torá feita a Moisés no Sinai.
9. Fé na natureza imutável da lei revelada.
10. Fé na onisciência de Deus.
11. Fé na retribuição neste mundo e no outro.
12. Fé na vinda do Messias.
13. Fé na ressurreição dos mortos.

5.1.2 INIMIZADE E DIVERGÊNCIAS ENTRE JUDEUS E CRISTÃOS

P253 – Jesus, por que os judeus sempre foram os maiores inimigos dos cristãos, e quais são as maiores divergências doutrinárias entre eles?

J – Os judeus, Pinheiro, sempre foram os maiores inimigos dos cristãos tradicionais, porque nunca aceitaram os mitos cristãos segundo os quais eu sou Deus encarnado, o único Messias, o único Salvador, o Filho Unigênito de Deus e, principalmente, por terem sido acusados de mandar executar o Filho de Deus, ou seja, o próprio Deus encarnado. O antissemitismo, apoiado pelo cristianismo mítico, sempre foi uma das maiores tragédias da humanidade, culminando com a matança, por cristãos, de seis milhões de judeus durante a Segunda Guerra Mundial.

Como escreveu recentemente o escritor judeu Amos Oz, **“a Igreja Católica, durante milênios, dedicou-se a tachar os judeus de assassinos de Deus”** (citado por ARIAS, 2001, p. 92) (negrito meu).

Uma das principais divergências entre judeus e cristãos diz respeito à interpretação que uns e outros dão ao “Messias”: enquanto para a maioria dos cristãos, o “Cristo da fé” é “o Messias esperado” (o único “Salvador de todos”), para os judeus, o Messias esperado ainda não veio, pois, para eles, os sinais da chegada do Messias – uma nova ordem social de paz, de justiça e de liberdade – ainda estão por vir.

A velha inimizade dos cristãos dogmáticos aos judeus prova as consequências desastrosas da crença mítica e equivocada em minha natureza divina, a qual, como foi dito, tem erguido um muro intransponível entre o cristianismo tradicional e todas as outras religiões deste planeta. Graças ao macroecumenismo, o antissemitismo tende a reduzir-se, mas ninguém pode negar “a opinião de que existem profundos abismos teológicos entre o judaísmo e o cristianismo” (DER, verbete **judaísmo**), não, porém, entre a moral judaica e os princípios ético-morais (do código de moral universal) que ensinei aos meus discípulos, princípios esses que, como veremos nesta entrevista, unem todas as religiões.

5.1.3 MORAL JUDAICA E MORAL CRISTÃ

P254 – O Senhor está querendo dizer, então, que a moral judaica não difere basicamente da moral cristã ensinada pelo Senhor?

J – Exatamente. Apesar dos “profundos abismos teológicos entre o judaísmo e o cristianismo” (DER, verbete **judaísmo**), a moral judaica é muito semelhante aos princípios do código de moral universal que ensinei. Eis alguns de seus principais artigos de fé e de leis morais (cf. DER, verbete **judaísmo**):

- Não fazer aos outros aquilo que lhe é detestável.
- Praticar a fraternidade para com todos.
- Encarar uns aos outros através dos olhos de Deus.
- Ser guardião do nosso irmão.
- Ser presos uns aos outros por um ato de divina criação, pela fraternidade.
- Acreditar que Deus é nosso Pai e nós somos seus filhos.
- Ser moralmente responsável pela nossa conduta perante Deus.
- Lutar para fazer o que é certo.
- Crer que a vida obedece a um plano divino, que devemos procurar compreender e cumprir.
- Servir ao propósito de Deus no mundo.
- Ajudar a criar uma vida para nós mesmos e para o nosso próximo.
- Crer que a vida oferece infinitas possibilidades.

Diante desse código perfeito de leis morais judaicas, que em nada se distingue do código de leis morais do “cristianismo das origens”, nem do de muitas outras religiões, só se podem explicar os conflitos entre cristãos e judeus pelo lado do “cristianismo mítico”, particularmente o conceito cristão mítico de um Deus Uno e Trino e de um Cristo-Deus, pois, para os judeus, a divindade é una, mas não trina, e eu não sou Deus encarnado nem o maior profeta que já veio a esse mundo, uma vez que, para os judeus, Moisés é o maior profeta que Deus já enviou a este planeta.

Enquanto muitos judeus antigos acreditavam na “reencarnação”, a maioria dos judeus modernos crê na “ressurreição dos mortos” (a respeito da crença judaica na reencarnação, ver tema 5.15.2).

5.2 CRISTIANISMO X ISLAMISMO

P255 – Jesus, vou fazer-lhe agora algumas perguntas sobre o islamismo e sobre o confronto doutrinário principal entre essa religião e o cristianismo. O que é o islamismo?

J – O islamismo (islã ou maometismo) é a religião dos muçulmanos, fundada pelo profeta Maomé, no século VI da era cristã. Conforme esclarecem os autores do DER,

islã significa submissão à vontade de Deus que criou todas as coisas. [...] O islamismo é hoje a religião que mais cresce no mundo, com uma espantosa taxa de 16% ao ano. [...] A rapidez da expansão do islamismo no mundo é até hoje causa de admiração para os historiadores. O islamismo se encontra nos cinco continentes. As estatísticas da UNESCO dão um bilhão de muçulmanos no mundo (DER, verbete **islamismo**) (negrito meu).

Mas, de acordo com dados da Internet de 2011, há cerca de 1 bilhão e 500 milhões de muçulmanos. O livro sagrado do islã é o Alcorão (ou Corão), considerado “Palavra de Alá” (isto é, “Palavra de Deus”).

5.2.1 AS CINCO PILASTRAS DO ISLAMISMO

P256 – Quais são as chamadas “cinco pilastras do islã”?

J – O islamismo é sustentado por estas cinco pilastras (cf. BOFF, 2002, p. 27-28):

- a oração ritual, cinco vezes ao dia, feita na direção de Meca [cidade sagrada do islã];
- peregrinação a Meca uma vez na vida;
- jejuar do nascer ao pôr-do-sol durante o Ramadã, o nono mês lunar;
- dar esmola como forma de partilha e de agradecimento a Deus, doador de todos os bens;
- professar que Alá é o único Deus; e Maomé, o seu profeta.

5.2.2 A EXCLUSIVIDADE DA REVELAÇÃO ISLÂMICA

P257 – Jesus, como os muçulmanos veem a exclusividade da revelação islâmica em relação à exclusividade de outras revelações?

J – Pinheiro, do mesmo modo como o cristianismo mítico pretende ser a última e definitiva revelação de Deus à humanidade (a primeira tendo sido a revelação mosaica), o islamismo é considerado por seus seguidores como a terceira (e última) revelação de Deus aos homens, com o intuito de aperfeiçoar e atualizar as duas primeiras grandes revelações: a revelação de Deus por intermédio de Moisés (no judaísmo) e a revelação de Deus por meu intermédio no cristianismo. Esclareço que essa crença mítica em Revelação Religiosa Definitiva é um grande erro, pois ela não encontra nenhum apoio na história das religiões (cf. tema 5.3.2 e SOUZA, 2007, p. 163-165).

5.2.3 AS GUERRAS ENTRE CRISTÃOS E MUÇULMANOS

P258 – Por que houve tantas guerras entre cristãos e muçulmanos?

J – A História nos tem mostrado inúmeras lutas e guerras entre cristãos e muçulmanos, muitas por motivos políticos, mas a maioria por motivos essencialmente religiosos. Bastaria lembrar aqui, por exemplo, as sangrentas e longas guerras entre cristãos e muçulmanos, durante as terríveis **cruzadas** – as chamadas “guerras santas” promovidas pelos cristãos, do século XI ao século XIII (1096-1274), com o objetivo de reconquistar os Lugares Sagrados da Terra Santa, sob o domínio de muçulmanos, guerras essas que causaram milhares de mortes, cada lado combatendo e matando em nome de seu Deus e de sua religião.

5.2.4 JUSTIFICATIVA PARA AS GUERRAS SANTAS ENTRE CRISTÃOS E MUÇULMANOS

P259 – Jesus, como cristãos e muçulmanos justificavam suas “guerras santas” em nome de seu Deus e de sua religião?

J – Cristãos e muçulmanos procuravam apoiar-se em certas passagens de suas respectivas Bíblias para justificar suas “guerras santas”. Como escreve Read (2001, p. 237-238),

as narrativas do Antigo Testamento, ao contrário dos ditos de Jesus no Novo, entendem que a pilhagem sistemática do inimigo é parte da guerra e, naturalmente, que não só é permitida, mas na verdade ordenada por Deus.

Por isso, os cristãos, como afirma Read (ibid., p. 314) costumavam citar o Salmo 1, versículo 5, para justificar as guerras santas contra os muçulmanos: “Pois os ímpios não ficarão de pé no julgamento, nem os pecadores no conselho dos justos”.

O próprio São Francisco de Assis, segundo o mesmo autor,

não desaprovava a participação em cruzadas. [...] Achava que se poderia deduzir do Evangelho que a cruzada era um ato legítimo de retribuição pela violenta conquista de território cristão pelos sarracenos e por suas blasfêmias contra Cristo (READ, p. 223).

Além do suposto fundamento bíblico para guerrear os “infiéis” muçulmanos na Palestina, durante o período das cruzadas, os papas concediam perdão de todos os pecados aos que fossem lutar contra o islã. Assim, por exemplo, o Papa Inocêncio III, em 1199, ao insistir numa nova cruzada,

concedeu indulgência total, o perdão de todos os pecados confessados, não apenas para aqueles que foram para a Palestina, como também para aqueles que enviaram substitutos em seu lugar. A promoção de uma guerra santa na Terra Santa acabou então aceita “como um ideal na vida cotidiana dos europeus ocidentais” (READ, *ibid.*, p. 194).

Analogamente,

entre os muçulmanos, o conceito de guerra santa (*jihad*) constitui uma das bases fundamentais da religião islâmica. [...] O Islã, originariamente, supõe o mundo dividido em duas partes: terra muçulmana (*dar al-islam*) e terra não muçulmana (*dar al-harb*); estas duas facções estariam em perpétua luta, sendo o Islã o agressor consciente. Todo cidadão muçulmano, fisicamente capaz, é incitado pela sua religião a participar da guerra santa: caso morra nesta (= no caminho de Alá), passa por mártir e vai para o paraíso (DER, verbete **guerra santa**).

5.2.5 INIMIZADE ENTRE CRISTÃOS E MUÇULMANOS

P260 – Jesus, a velha inimizade entre cristãos e muçulmanos ainda continua nos dias atuais?

J – Sim, porém, com menor intensidade. Com efeito, mesmo com o espírito de certa tolerância religiosa do passado e com o atual empenho macroecumênico dos cristãos,

não se pode dizer que esse espírito de tolerância tenha significado o fim de toda inimizade entre cristãos e muçulmanos. Mesquitas são construídas na parte mais importante do que um dia foi chamado de cristandade – em Paris, em Londres e na própria Roma – mas a prática da religião cristã continua proibida na Arábia, o âmago do Islã. Vários Estados, como o Irã, o Sudão, o Afeganistão e o Paquistão, governam de acordo com a doutrina do Alcorão. Conflitos armados entre cristãos e muçulmanos continuam na África, nos Balcãs, na Indonésia e nas Filipinas. Fundamentalistas islâmicos em anos recentes assassinaram missionários cristãos no Paquistão, monges coptas no Egito, e monges trapistas e um bispo católico na Argélia (DER, verbete **guerra santa**).

5.2.6 O ‘DEUS’ E O ‘JESUS’ DOS MUÇULMANOS X O ‘DEUS’ E O ‘JESUS’ DOS CRISTÃOS DOGMÁTICOS

P261 – Que comparação pode ser feita entre o ‘Deus’ e o ‘Jesus’ dos muçulmanos e o ‘Deus’ e o ‘Jesus’ dos cristãos convencionais?

J – O ‘Deus’ dos muçulmanos, chamado Alá, que se revelou ao profeta Maomé pelo anjo Gabriel, é o mesmo ‘Deus’ de Abraão, de Isaac e

de Jacó, ou seja, o mesmo ‘Deus’ dos judeus, mas difere do ‘Deus’ dos cristãos dogmáticos, porquanto a doutrina islâmica crê num Deus único, mas não trino (como no cristianismo tradicional). Logo, para os muçulmanos (como para os judeus), não existe o mito da Trindade Cristã e, portanto, nessa visão deles, com a qual concordo plenamente, eu não sou Deus (como para os cristãos dogmáticos). Essa é a diferença teológica principal entre o maometismo e o cristianismo mítico. Os muçulmanos me veem apenas como um grande profeta enviado por Deus, tendo sido superado, contudo, pelo profeta Maomé, o qual é considerado por eles mais importante do que eu, porque, segundo os muçulmanos, foi Maomé que “restituiu aos homens a mensagem divina que fora deformada ao longo dos anos” (DER, verbete **islamismo**).

5.2.7 PONTOS CONVERGENTES ENTRE O ISLAMISMO E O CRISTIANISMO

P262 – E quanto aos demais aspectos doutrinários, existe alguma semelhança entre o islã e o cristianismo (em suas duas modalidades)?

J – Perfeitamente. Assim, os muçulmanos e os cristãos tradicionais acreditam na imortalidade da alma, na ressurreição da carne, no Juízo Final, no paraíso e no inferno eterno. Ambos os credos valorizam muito a fé, a oração e a partilha (caridade).

5.3 CRISTIANISMO X HINDUÍSMO

P263 – Jesus, falemos um pouco agora do hinduísmo e de suas principais semelhanças e diferenças doutrinárias com o cristianismo.

J – O hinduísmo é uma das maiores religiões do mundo, com cerca de 900 milhões de seguidores. Nasceu na Índia, por volta do ano 2000 antes de nossa era, por conseguinte já conta com cerca de 4000 anos. “O hinduísmo não tem um fundador nem se lhe pode assinalar uma época precisa de origem” (DER, verbete **hinduísmo**).

5.3.1 A LITERATURA SAGRADA DO HINDUÍSMO

P264 – Jesus, em que obra se encontra a principal literatura sagrada do hinduísmo?

J – A principal literatura sagrada do hinduísmo está contida nos *VEDAS* (=“Visão”, “conhecimento”, “ciência”), que é a Bíblia do Oriente – conjunto de textos sagrados que constituem o fundamento da tradição religiosa e filosófica da Índia, ou seja, do bramanismo e do hinduísmo.

Os *VEDAS* contêm quatro escrituras (*Rig, Yajur, Sama e Atharva-Vedas*) e seus suplementos: os *Puranas, Mahabharata, Vedanta-sutra* etc. (cf. ROHDEN, *Bhagavad Gita: a sublime canção*, p. 78 e 183).

O *Rig-Veda* é o texto sagrado mais antigo da história da humanidade. O *Mahabharata* é um grande poema épico – com cerca de 12 mil páginas – escrito, originalmente, em sânscrito e dividido em 18 livros. O 6º e o mais famoso livro do *Mahabharata* é o *Bhagavad-Gita* – “Canto do Bem-Aventurado” ou “Canção Sublime”, comparado ao meu Evangelho.

O *Gita* (como é abreviadamente chamado o *Bhagavad-Gita*) era o livro sagrado por excelência de Mahatma Gandhi e foi com ele que Gandhi libertou politicamente a Índia.

5.3.2 COMPARAÇÃO ENTRE OS VEDAS E A BÍBLIA JUDAICO-CRISTÃ

P265 – Jesus, que comparações os estudiosos das religiões costumam fazer entre os Vedas e a Bíblia judaico-cristã?

J – Huberto Rohden, por exemplo, compara o *Bhagavad-Gita* ao meu Evangelho e o *Mahabharata* ao “Novo Testamento” da Bíblia Cristã (cf. ROHDEN, *Bhagavad Gita*, p. 78).

Convém repetir aqui uma citação do escritor espírita Jayme Andrade (1995, p. 26), que fiz em nossa quarta entrevista, em que ele mostra, com propriedade, como o Decálogo, supostamente revelado exclusivamente a Moisés no Antigo Testamento, e a lei do amor pregada por mim, já haviam sido objeto de pregação pelo filósofo hindu Krishna:

Os “Dez Mandamentos” foram adaptados dos Livros Védicos, muito anteriores à Bíblia [judaico-cristã], nos quais se achavam classificados como “pecados do corpo” (bater, matar, roubar, violar mulheres), “pecados da palavra” (ser falso, mentir, injuriar) e “pecados da vontade” (desejar o mal, cobiçar o bem alheio, não ter dó dos outros). [...] Da mesma forma, a lei de amor pregada por Jesus já havia sido objeto de pregação pelo filósofo hindu Krishna e era crença comum entre os povos da antiguidade oriental. [...] O ponto que desejamos salientar é que, se a Bíblia trouxe revelações divinas ao homem, outras revelações têm sido ministradas por Deus a outros povos. Vários livros religiosos da antiguidade, cada um a seu tempo e atendendo às circunstâncias da sua época, contribuíram para a elevação moral dos povos.

Diante dessa citação, como argumentei em nossa entrevista anterior, perde sentido o exclusivismo bíblico cristão, fundamentado na

suposta Revelação exclusiva de Deus a Moisés no Antigo Testamento e a mim no Novo Testamento, uma vez que muitas das leis incluídas no código de leis e ensinamentos supostamente revelados por Deus exclusivamente a Moisés no AT, ou a mim no NT, já faziam parte de outros códigos ético-morais mais antigos, como as leis do Código de Hamurábi, escritas na Babilônia há mais de vinte séculos antes de mim e, portanto, muitos séculos antes de Moisés, e os livros sagrados dos hindus, escritos há vários milênios antes de mim.

Nesse contexto, quero reafirmar que, cerca de quatro mil anos antes do apóstolo Paulo declarar, em sua epístola aos Gálatas, a verdade segundo a qual “o que o homem semeia, isso mesmo colherá” (Gl 6,7), “os livros sagrados hindus já diziam que uma pessoa se torna boa por atos bondosos e ruim por atos malévolos” (BACH, 1998, p. 28-29), o que vem a ser a mesma coisa.

Reafirmo também que, quatro mil anos (aproximadamente) antes de eu ensinar que o conhecimento da verdade liberta o homem, “conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (Jo 8, 32), no *Bhagavad Gita* dos hindus – correspondente ao meu Evangelho – Krishna já ensinava que

se alguém se apoderar da Verdade, entrará na mansão da suprema beatitude e repousará na paz da divindade. [...] Quem se integra no Ser Supremo e nele repousa está livre da incerteza e trilha caminho luminoso, do qual não há retorno, porque a luz da verdade o libertou do mal (apud ROHDEN, *Bhagavad Gita*, p. 57).

Como afirmei em nossa entrevista anterior (tema 4.9), a mesma verdade religiosa expressa no Apocalipse cristão, “Eu sou o princípio e o fim, o Alfa e o Ômega (cf. Ap 1,8), já havia sido expressa no *Bhagavad Gita*: “Eu sou o princípio dos mundos e sou o seu fim” (ibid., p. 78).

No livro *Gita*, encontramos a seguinte passagem:

Trazes em ti mesmo um amigo sublime que não conheces. Pois Deus reside no interior de todo homem, mas poucos sabem encontrá-lo (apud KERSTEN, p. 134) (negrito meu).

Essa passagem do *Baghavad Gita* é idêntica à do apóstolo Paulo quando expressou a mesma verdade religiosa, ao dizer: “Não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito de Deus mora em vós?” (1Cor 3, 16). Eu também enfatizei essa mesma verdade (cf. Lc 17,21 e Jo 10,30).

O escritor Édouard Schuré, em seu livro *Krishna* (SCHURÉ, 1986), mostra muitas semelhanças entre os mitos da literatura sagrada do

hinduísmo, referentes a Krishna, e os da Bíblia cristã, referentes ao “Cristo da fé”, dentre os quais destaco os três seguintes:

1. O mito do parto virginal,
2. O mito do Deus encarnado e
3. O mito da Trindade (cf. SCHURÉ, p. 45, nota 1)

É igualmente inegável a semelhança entre os **ensinamentos morais do hinduísmo** e os do **código de moral (ou de ética) universal**, autenticamente ensinados por mim, tais como:

- a bondade,
- a retidão,
- o amor ao próximo,
- a retribuição do mal com o bem,
- o desapego,
- a caridade,
- a humildade,
- a esperança,
- o perdão,
- a renúncia das riquezas,
- a união com Deus etc. (cf. SCHURÉ, p. 54-58)

5.3.3 PRECONCEITOS DE CRISTÃOS CONTRA OS HINDUS

P266 – Jesus, por que muitos cristãos têm tantos preconceitos contra os hindus?

J – Certamente, Pinheiro, porque os hindus são reencarnacionistas, politeístas e defendem que eu sou uma encarnação divina ao lado de muitas outras. Eles rejeitam, por conseguinte, a crença mítica da maioria dos cristãos de eu ser a única encarnação de Deus neste planeta. Por outro lado, os hindus procuram descobrir em si mesmos o Deus dormente, enfatizando este aspecto sublime da verdade religiosa, o qual foi também enfatizado por mim, ao afirmar: **O REINO DE DEUS (= DEUS) ESTÁ DENTRO DE VÓS** (cf. Lc 17, 21).

Vale mencionar também que um dos maiores líderes religiosos do mundo, **Mahatma Gandhi**, era hinduísta, figura mundialmente admirada por sua identificação com a não violência, conseguindo inclusive a independência da Índia, sem guerra e sem violência alguma. Que belo

exemplo a ser imitado por líderes de outras religiões que fomentam guerras e violência, inclusive contra seus próprios irmãos da mesma fé!

5.3.4 A INFLUÊNCIA DE GANDHI SOBRE O CRISTIANISMO

P267 – Jesus, alguns autores falam da grande influência de Gandhi sobre **o cristianismo das origens**. Como o Senhor avalia essa posição?

J – O famoso hinduísta Mahatma Gandhi (1869-1948) exerceu, indubitavelmente, grande influência sobre o meu cristianismo (**o cristianismo do amor**). Robert Elsberg, em seu livro *Gandhi e o Cristianismo*, faz, com muita propriedade, os seguintes comentários a respeito de Gandhi e de sua influência sobre o meu cristianismo:

Ali estava um hindu [Gandhi] que educadamente recusava as dogmáticas alegações do cristianismo ao mesmo tempo em que acolhia, com todos os gramas de sua vontade pessoal, **os preceitos éticos de Cristo**. [...] A influência de Gandhi sobre os cristãos pouco se deveu a seus comentários específicos sobre Jesus ou sobre o cristianismo, mas, antes, à sua capacidade de evocar, em quem o presenciava, os aspectos de Cristo e **o mandamento evangélico do amor**. [...] **Foi através de Gandhi, e não dos preceitos das igrejas cristãs, que encontramos a face não violenta de Cristo** (ELSBURG, p. 9) (negrito meu).

Elsberg ressalta também a influência de Gandhi sobre o famoso cristão evangélico Martin Luther King Jr., líder do movimento de libertação dos negros nos Estados Unidos, prêmio Nobel da Paz: “Como líder do movimento de libertação dos negros, na América do Norte, lutou para integrar a inspiração do Evangelho ao método e à filosofia de Gandhi” (ibid., p. 10).

Segundo Elsberg, Gandhi, corretamente, acusava o exclusivismo religioso de ter sido a causa de tanta violência e de tantas guerras religiosas:

Um conceito de verdade como propriedade exclusiva de uma só religião ou igreja foi o lema inspirador de toda a tortura imposta aos heréticos, das cruzadas e de mais de uma centena de guerras religiosas (ibid., p. 12).

5.3.4.1 AS MAIORES DIFICULDADES DE GANDHI COM O CRISTIANISMO TRADICIONAL

P268 – Jesus, quais foram as maiores dificuldades de Gandhi com o cristianismo mítico?

J – Entre as maiores dificuldades de Gandhi com o cristianismo dogmático – como esclarece Elsberg (p. 13) – estão as da minha suposta

unicidade e universalidade salvífica. Em outras palavras, Gandhi rejeitava o dogma (ou mito) cristão segundo o qual eu seria a única encarnação de Deus neste planeta e negava, com razão, que sua salvação dependesse desse dogma mítico. Além disso, Gandhi observava, apropriadamente, que o comportamento dos cristãos não condizia com o mito da superioridade do cristianismo sobre as outras religiões nem com a sua pretensão de ser a única religião verdadeira.

5.3.4.2 O ESCRITOR CRISTÃO QUE EXPLICOU A GANDHI A VERDADEIRA MENSAGEM DO JESUS HISTÓRICO

P269 – Jesus, quem se dedicou a explicar a Gandhi a verdadeira mensagem transmitida pelo Senhor, ou seja, a verdadeira mensagem do “Jesus histórico”, em contraposição aos ensinamentos míticos dos cristãos atribuídos ao “Cristo da fé”?

J – Foi o romancista russo Leon Tolstoy. Elsberg (p. 14) relata o eterno enriquecimento que Gandhi teve ao descobrir o escritor cristão Leon Tolstoy, o qual se dedicou arduamente no final de sua vida a explicar a Gandhi **o código de moral universal** que preguei, representado no **Sermão da Montanha**, resumido na “lei do amor” e, conseqüentemente, na rejeição de qualquer forma de exclusivismo e de violência.

5.3.4.3 A VISÃO DE GANDHI SOBRE A SUPOSTA REDENÇÃO DA HUMANIDADE PELO SANGUE DE CRISTO

P270 – Jesus, o que dizia Gandhi sobre o mito da redenção dos pecados da humanidade pelo seu sangue derramado na cruz?

J – Ele dizia que o seu raciocínio não estava pronto para acreditar literalmente que eu, mediante minha morte e meu sangue, redimiria os pecados do mundo (cf. ELSBERG, p. 41). Seu raciocínio estava corretíssimo, pois eu, de fato, não redimi os pecados de ninguém mediante minha morte e meu sangue derramado na cruz. Essa crença, conforme já esclareci, é um mito cristão, e não uma realidade histórica.

5.3.4.4 A VISÃO DE GANDHI SOBRE A SUPOSTA SUPERIORIDADE DA BÍBLIA CRISTÃ EM RELAÇÃO ÀS ESCRITURAS SAGRADAS DO HINDUÍSMO

P271 – Gandhi via alguma superioridade da Bíblia cristã sobre as escrituras sagradas do hinduísmo?

J – De modo algum. Gandhi, como bom pluralista, não via superioridade alguma da Bíblia cristã sobre as escrituras sagradas do hinduísmo. Por isso, ele dizia: “Sentia-me poderosamente atraído pelo cristianismo, mas, no final, cheguei à conclusão de que não havia em suas escrituras realmente nada que não tivesse presente também em nossas” (ELSBURG, p. 47).

5.3.4.5 A REPULSA DE GANDHI SOBRE O “CRISTIANISMO DOS CRISTÃOS”

P272 – Jesus, por que Gandhi rebelou-se contra o cristianismo mítico dos cristãos?

J – Conforme escreve Elsberg (p. 71, 82-83), Gandhi chegou mesmo a rebelar-se contra o “cristianismo dos cristãos” (ou seja, o “cristianismo ortodoxo/mítico”), pelo fato de esta modalidade de cristianismo ter distorcido a minha verdadeira mensagem, ou seja, de ter sido, nas suas próprias palavras, “uma negação do cristianismo de Cristo”:

Hoje rebelo-me contra o **cristianismo ortodoxo**, pois estou convencido de que distorceu a mensagem de Jesus. [...] A Europa hoje é cristã só da boca para fora. [...] **Considero o cristianismo ocidental, em sua atuação prática, uma negação do cristianismo de Cristo** (negrito meu).

5.3.4.6 A VISÃO DE GANDHI SOBRE RESSURREIÇÕES DE MORTOS

P273 – Jesus, qual era a visão de Gandhi sobre ressurreições de mortos e outros milagres no domínio da natureza supostamente realizados pelo Senhor?

J – Gandhi também negava, com muita razão, que eu tivesse ressuscitado mortos ou que tivesse realizado milagres que supostamente anulam as leis da natureza. Eis suas palavras:

Quanto a Jesus ter ressuscitado mortos, duvido muito que aquelas pessoas estivessem realmente mortas. [...] As leis da natureza são imutáveis, e não há milagres no senso de infração ou interrupção das leis da natureza (ELSBURG, p. 72-73).

5.3.4.7 A VISÃO DE GANDHI SOBRE AS RELIGIÕES

P274 – Qual era o pensamento de Gandhi sobre as religiões?

J – Gandhi era eminentemente **pluralista**, considerando todas as religiões com o mesmo apreço:

Todas as religiões são verdadeiras e, além disso, todas contêm uma certa margem de erro. E, apesar de eu ter uma, devo considerar as outras com o mesmo apreço que dedico ao hinduísmo. Disto decorre, logicamente, que devemos considerar, com o mesmo apreço e respeito que sentimos pela nossa, todas as demais religiões (ELSBURG, p. 127).

5.3.4.8 O PENSAMENTO DE GANDHI SOBRE AS ORAÇÕES PROSELITISTAS DAS RELIGIÕES

P275 – Jesus, o que pensava Gandhi sobre as **orações proselitistas** das religiões?

J – Gandhi era contra as orações proselitistas das religiões:

Se somos hindus, podemos orar, mas não para que o cristão possa tornar-se hindu, ou, se somos muçulmanos, para que o cristão ou um hindu deva tornar-se muçulmano; tampouco devemos secretamente rezar para que alguém deva ser convertido. Nossa prece mais íntima deve ser para que o hindu torne-se um hindu ainda melhor, para que o muçulmano fique ainda melhor como muçulmano, para que o cristão se torne um cristão melhor. Essa é a verdade fundamental da fraternidade (ELSBURG, p. 127).

5.3.4.9 A VISÃO DE GANDHI SOBRE O EXCLUSIVISMO RELIGIOSO

P276 – Qual era o pensamento de Gandhi sobre o exclusivismo religioso?

J – Como já foi dito, Gandhi percebia, corretamente, que o exclusivismo religioso é incompatível com a fraternidade universal:

Se, porém, houver alguma suspeita em sua mente de que apenas uma religião pode ser a verdadeira e todas as outras são falsas, você pode rejeitar a doutrina da fraternidade. Então, estaremos alimentando um processo contínuo de exclusão e fundando a nossa fraternidade sobre alicerces de exclusivismos (ELSBURG, p. 128) (negrito meu).

5.3.4.10 O PENSAMENTO DE GANDHI SOBRE A IMPERFEIÇÃO DAS RELIGIÕES

P277 – O que dizia Gandhi sobre a imperfeição das religiões?

J – Gandhi confessava que tinha o maior respeito por todas as crenças, estando também convicto de que nenhuma religião já alcançou

o pleno conhecimento da verdade, pois, para ele, como para mim, nenhum sistema religioso é perfeito (todos têm defeitos e erros) e, portanto, todos estão sujeitos “a um processo de evolução e reinterpretação” (ELSBERG, p. 130-131).

5.3.4.11 A VISÃO DE GANDHI SOBRE A TOLERÂNCIA RELIGIOSA

P278 – Jesus, qual era o pensamento de Gandhi sobre a tolerância religiosa?

J – Ele afirmava que a tolerância religiosa é necessária, porque as crenças não podem ter o mesmo ponto de vista sobre a realidade: todas creem que estão “certas”, conforme sua visão limitada da realidade, mas é possível também que todas estejam erradas (cf. ELSBERG, p. 137-138).

5.4 CRISTIANISMO X BUDISMO

P279 – Jesus, agora chegou a vez de falarmos um pouco sobre o budismo e de sua comparação com o cristianismo. O que é o budismo?

J – O budismo é o sistema ético, religioso e filosófico, fundado no século VI a.C., na Índia, por Sidarta Gautama, o Buda (563-483 a.C.), difundido por todo o leste asiático, e que consiste fundamentalmente no ensinamento de como, pela conquista do mais alto conhecimento, se escapa da roda dos renascimentos (reencarnações) e se chega ao nirvana (cf. AURÉLIO, verbete **budismo**). A palavra “Buda” é um título que significa “o Desperto” ou “o Iluminado”:

Esse título passou a definir a condição de Sidarta Gautama e ficou ligado ao seu nome, da mesma maneira como o título de Cristo (“Salvador”) associou-se ao nome de Jesus (PAULA, 2002, p. 40).

O budismo surgiu como uma seita do hinduísmo e, com o tempo, transformou-se numa das grandes tradições religiosas do mundo, atualmente com cerca de 500 milhões de adeptos, espalhados por muitos países, especialmente do mundo asiático: China, Japão, Sri-Lanka (antigo Ceilão), Tailândia, Birmânia (ou Mianmá), Vietnã, Coreia, Mongólia, Cambodja, Nepal, Tibete, Laos e Índia (cf. WILGES, p. 31).

O país do budismo por excelência é a Tailândia, onde 95% da população de 26 milhões de habitantes é budista e onde, de acordo com o mesmo autor (p. 34), “há 18 mil mosteiros e 240 mil monges (bonzos)”. Mas o budismo vem encontrando inúmeros adeptos também no Ocidente. No Brasil, existem cerca de 300 mil budistas (cf. Internet).

5.4.1 PRINCIPAIS DIVISÕES DO BUDISMO

P280 – Jesus, quais são as principais divisões do budismo?

J – Quanto às divisões sectárias, o budismo, por volta do séc. III, dividiu-se em dois ramos ou duas escolas principais: o **budismo hinayana** e o **budismo mahayana**.

O budismo *hinayana* – ou Pequeno Veículo – chamado também de tradição *theravada*, é o ramo ortodoxo, conservador, que segue à letra os ensinamentos de Buda. Essa escola não se interessa por aspectos sobrenaturais, como a natureza da divindade e outros temas metafísicos semelhantes.

O budismo *mahayana* – ou Grande Veículo – é o ramo progressista e popular do budismo, o qual desenvolveu aspectos sobrenaturais e imaginários da religião budista. Esse ramo possui muitas subdivisões.

A escola hinayana estabeleceu-se no que atualmente corresponde ao Sri Lanka (antigo Ceilão), Burma e Tailândia, ao passo que a escola *mahayana* expandiu-se em direção ao Nepal, ao Tibete, à China e ao Japão, tornando-se, eventualmente, a mais importante das duas. Na própria Índia, o budismo foi absorvido, depois de muitos séculos, pelo hinduísmo, flexível e assimilador, e Buda finalmente foi adotado como uma encarnação do deus Vishnu de muitas faces (cf. CAPRA, 1983, p. 77).

No Tibete, o budismo misturou-se com concepções totêmicas e animistas: é o lamaísmo. Buda é considerado como encarnado numa espécie de papa, Dalai-Lama, chefe de uma teocracia. No Japão, o budismo virou zen-budismo, no século XII. É uma reforma do budismo (WILGES, p. 35).

O budismo japonês dividiu-se em várias seitas em torno de duas categorias principais: as escolas do “Caminho Santo” e as da “Terra Pura” (cf. DER, verbete **budismo**). Duas obras famosas do budismo tibetano são: 1) *O Livro Tibetano dos Mortos* (EVANS-WENTZ, 1998) e 2) *O Livro Tibetano do Viver e do Morrer* (RINPOCHE, 2002).

5.4.2 BUDISMO: UMA RELIGIÃO ATEIA

P281 – Jesus, por que se diz que o budismo é uma *religião ateia*, isto é, uma religião sem Deus?

J – Porque a essência do budismo é a prática da compaixão, do altruísmo, da caridade e do amor, ou seja, a vivência da verdadeira religião, e não a crença em divindades ou temas semelhantes. Por isso, ele é considerado uma *religião ateia*, não por negar a existência de Deus,

mas porque não está interessado na natureza da divindade, nem na origem do mundo ou em questões metafísicas semelhantes. Buda tem os pés no chão: ele quer resolver os problemas reais que os homens enfrentam no dia-a-dia. Ele percebe que a grande realidade do homem aqui na Terra é o sofrimento e procura meios para solucionar este problema no aqui-e-agora da vida humana.

Apesar de ser uma religião ateia, o budismo ortodoxo admite o *Nirvana* (uma espécie de *paraíso*) e, para esta corrente budista, “a reencarnação das almas existe até a purificação completa. Depois da última, o espírito passa para o Nirvana (paraíso)” (DER, verbete **budismo**).

5.4.3 AS QUATRO NOBRES VERDADES DO BUDISMO

P282 – Quais são as quatro nobres verdades do budismo?

J – A doutrina budista está fundamentada nas seguintes *Quatro Nobres Verdades* (cf. SILVA & HOMENKO, 1999, p. 33-34):

1. A verdade da existência do sofrimento (O SOFRIMENTO EXISTE).
2. A verdade da causa ou origem do sofrimento (A ORIGEM DO SOFRIMENTO SÃO OS DESEJOS EGOÍSTAS E OS APEGOS DE QUALQUER TIPO).
3. A verdade sobre a extinção do sofrimento (O SOFRIMENTO PODE SER EXTINTO).
4. A senda que conduz à extinção do sofrimento é o *Nobre Caminho Óctuplo*, cujas regras são as seguintes (cf. JOMANO, p. 32):
 4. 1 crença correta;
 4. 2 pensamentos corretos;
 4. 3 palavras corretas;
 4. 4 atos corretos;
 4. 5 intenções corretas;
 4. 6 esforços corretos;
 4. 7 atividades corretas;
 4. 8 meditação correta.

5.4.4 SEMELHANÇAS ENTRE A DOUTRINA DE BUDA E A DE JESUS

P283 – Existem semelhanças entre a doutrina de Buda e a sua?

J – Inegavelmente, existem muitas semelhanças entre a doutrina de Buda e a minha. Como vimos há pouco, a doutrina básica do budismo é a de que toda a vida é sofrimento, mas o sofrimento passa, tudo passa, tudo é ilusão, tudo é aparência. E o caminho para vencer o sofrimento é

a renúncia aos desejos e prazeres deste mundo ilusório; o caminho é mudar o coração, esvaziando-o de todo desejo, de todo desapego, de toda ilusão.

Essa foi também a moral evangélica básica pregada por mim, expressa, por exemplo, na seguinte passagem de Mateus:

Não ajunteis para vós tesouros na terra, onde a traça e o caruncho [inseto]os destroem, mas ajuntai para vós tesouros nos céus, onde nem a traça nem o caruncho destroem e onde os ladrões não arrombam nem roubam. (Mt 6, 19-20)

Como estamos vendo, os ensinamentos morais de Buda e os meus são muito semelhantes, para não dizer idênticos. Ambos pregamos a renúncia, o desapego e o correto modo de agir. Ambos pregamos aquilo que é essencial para o ser humano evoluir espiritualmente: uma vida correta, pensamentos corretos (puros), ações e palavras corretas etc., tudo isso como instrumentos necessários para atingir o estado de libertação (o estado de iluminação ou de Buda). Eu também dizia: “Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus” (Mt 5,8). Em suma, tanto eu como Buda ensinamos a prática de uma vida correta, pura e cheia de amor, a fim de que o homem se liberte das cadeias que o prendem a este mundo de ilusões e de aparências enganadoras.

Além dessas semelhanças incontestáveis entre os ensinamentos morais de Buda e os meus, devo ainda destacar o fato de que ambos fomos pluralistas, reencarnacionistas e antifundamentalistas (cf. PAULA, p. 45).

5.4.5 COMO OS BUDISTAS E OS CRISTÃOS MUDARAM A ORIGINAL IDENTIDADE DE BUDA E DE JESUS

P284 – Jesus, gostaria que o Senhor explicasse como os budistas e os cristãos mudaram, respectivamente, a original identidade de Buda e a sua ao longo do tempo.

J – Do mesmo modo como Buda, que, durante sua vida terrena, nunca afirmou ser Deus, foi, posteriormente, venerado como uma divindade, também eu, que nunca declarei ser Deus, fui, posteriormente, divinizado pela maioria dos cristãos. O “endeusamento” de Buda e o meu são muito bem descritos pelo teólogo alemão Holger Kersten:

Mitos e lendas idealizaram estes personagens. Buda e Jesus foram endeusados e colocados acima de todos os deuses. Surgiu uma busca,

sem limites, de milagres. **Em ambos os credos, a princípio não existe uma igreja organizada mas apenas uma comunidade de simpatizantes.** Logo nasceu uma disputa doutrinal [...] entre conservadores extremistas e adeptos progressistas, dentro das maiores comunidades budistas, semelhante à luta entre judeus cristãos conservadores e gentios cristãos progressistas. (KERSTEN, p. 86-87) (negrito meu).

5.5 CRISTIANISMO X CONFUCIONISMO

P285 – Jesus, vamos agora fazer uma breve comparação entre o cristianismo e o confucionismo. O que é o confucionismo?

J – O confucionismo é definido no Dicionário AURÉLIO como

a doutrina ética e política de Confúcio (Kung Fu-tze), filósofo chinês (551-479 a. C.), e de seus seguidores, a qual por mais de dois mil anos constituiu o sistema filosófico dominante da China. Caracteriza-se por situar o homem e a experiência social e política da humanidade no centro da investigação, daí resultando a definição das relações humanas individuais em função das instituições sociais, principalmente da família e do estado (AURÉLIO, verbete **confucionismo**).

5.5.1 VIRTUDES FUNDAMENTAIS ENSINADAS POR CONFÚCIO

P286 – Jesus, quais foram as virtudes fundamentais ensinadas por Confúcio?

J – Foram estas: **a benevolência ou amor e a justiça ou retidão:**

Confúcio insistia na prática da benevolência e principalmente na da justiça ou retidão. Constitui essa última um verdadeiro imperativo categórico. Cada homem deve, no seio da sociedade, fazer determinadas coisas, não visando a interesses pessoais, mas sim por elas mesmas, por serem coisas justas. **Quanto à benevolência, consiste ela em amar os outros e em agir em conformidade com esse amor** (DER, verbete **Confúcio**) (negrito meu).

5.5.2 O LIVRO SAGRADO DO CONFUCIONISMO

P287 – Jesus, qual é o livro sagrado do confucionismo?

J – É o *I Ching* (*O Livro das Mutações*), “cujos símbolos foram estudados do ponto de vista da psicologia profunda, por Jung” (WILGES, 1994, p. 36). O *I Ching* “é, sem sombra de dúvida, um dos livros mais importantes da literatura mundial” (CAPRA, 1983, p. 88).

5.5.3 RELIGIÃO (OU FILOSOFIA) ATEIA

P288 – Jesus, por que o confucionismo (como o budismo) é chamado de religião (ou filosofia) *ateia*?

J – Porque o confucionismo (como o budismo ortodoxo) não se interessa por questões metafísicas sobre a divindade, mas por questões estritas do comportamento social e ético. Por isso, é também comumente classificado por muitos como religião (ou filosofia) *ateia*. O confucionismo (como o budismo) está interessado, sim, em resolver os problemas aqui da Terra. Por que os seres humanos deste planeta se preocupam tanto com questões metafísicas sobre a natureza de Deus, quando ainda nem sequer conhecem a sua própria natureza e nem sequer conseguem resolver os problemas aqui da Terra?

5.5.4 O PRINCÍPIO BÁSICO DA MORAL CONFUCIONISTA

P289 – Qual é o princípio básico da moral confucionista?

J – O princípio básico da moral confucionista é que todos os homens são bons, por natureza, podendo, contudo, a bondade ser aperfeiçoada e desenvolvida pelo estudo dos sábios. A máxima de ouro é a da reciprocidade, que se traduz na fórmula: Não faças aos outros o que não queres que façam a ti. **As virtudes fundamentais são o amor, a justiça, a reverência, a sinceridade, coroados pelo amor filial** (cf. DER, verbete **confucionismo**). Como estamos vendo, a moral confucionista não difere, essencialmente, do código de moral universal ensinado por mim e por todos os outros profetas ou mensageiros do além, enviados por Deus para ajudar a humanidade a evoluir espiritualmente.

5.5.5 OS ENSINAMENTOS DE CONFÚCIO COMPARADOS COM OS DE JESUS E OS DE OUTROS MESTRES

P290 – Jesus, quais são mais alguns dos ensinamentos de Confúcio muito semelhantes aos seus e aos de outros grandes mestres?

J – Eis mais alguns dos sábios ensinamentos de Confúcio, muito semelhantes aos meus, aos de Buda e aos de muitos outros mestres enviados por Deus para ajudar a humanidade a evoluir espiritualmente, através da prática do bem (extraídos de JOMANO, p. 26-27):

1. Corrigir os próprios defeitos e não os alheios, não será o melhor meio para chegarmos à supressão do mal?

2. Amemos os outros como a nós mesmos; sintamos as suas dores e as suas alegrias. E quando desejarmos para eles o mesmo que queremos para nós, então seguiremos as leis da verdadeira caridade.
3. O bom proceder consiste em sermos em tudo sinceros e conformarmos a alma com a vontade universal; isto é, fazer aos outros aquilo que desejamos que nos façam.
4. Se exercitardes vossa mente pela contemplação e o vosso corpo pela atividade, conservareis a saúde de ambos.
5. Transportai um punhado de terra todos os dias e fareis uma montanha.
6. É melhor acender uma pequenina vela do que maldizer a escuridão.
7. O homem superior exige tudo de si mesmo. O homem inferior exige tudo dos outros.

5.5.6 OS “ANALECTOS” DE CONFÚCIO

P291 – O que são os chamados “analectos” de Confúcio?

J – São os seus pensamentos famosos, isto é, as suas máximas (ou seus ditos) célebres, que muito se assemelham aos meus ensinamentos e aos de outros mensageiros de Deus enviados à humanidade. O escritor brasileiro Antônio Olinto, em seu livro *Confúcio e o Caminho do Meio* (OLINTO, 2001, p. 21ss), também reúne muitos desses célebres pensamentos e máximas de Confúcio (os chamados “Analectos” de Confúcio), alguns dos quais menciono a seguir:

1. O homem superior vê o que é direito; o homem inferior vê o que lhe traz proveito.
2. O homem superior preza sua alma; o homem inferior preza seus bens.
3. O homem superior sempre se lembra das penas que passou por seus erros; o homem inferior sempre se lembra dos presentes que recebeu.
4. O homem superior culpa a si próprio; o homem inferior culpa os outros.
5. O homem superior não é faccioso, olha os outros com largueza de espírito; o homem inferior vê os outros sem largueza de espírito e é faccioso.
6. O homem superior não se preocupa com a própria miséria, preocupa-se com a pobreza espiritual.
7. O homem superior cresce para cima; o homem inferior cresce para baixo.
8. O homem superior é digno, mas sem o orgulho; o homem inferior é orgulhoso, mas sem a dignidade.

9. O que o homem superior procura está em si mesmo; o que os homens inferiores procuram está nos outros.
10. O homem superior é benévolo para todos, e não somente para o seu partido. O homem medíocre só é benévolo para o seu partido.

Quanta sabedoria nesses “analectos” de Confúcio! Que imensa riqueza de ensinamentos espirituais nessa coleção de aforismos confucianos! Vemos, por conseguinte, que Confúcio, sem se preocupar fundamentalmente com verdades metafísicas, relativas à natureza da divindade, prega a mesma moral básica ensinada por mim e por tantos outros profetas do além, mensageiros do mesmo Deus de amor. Afinal de contas, como venho repetindo insistentemente nessas entrevistas, o que é mais importante para a evolução espiritual do ser humano não é a fé (a “fé-crença cega”) em verdades metafísicas sobre a divindade, mas a prática do amor, da justiça e da fraternidade.

Em síntese, o confucionismo – diferentemente do cristianismo tradicional – não está preocupado com questões metafísicas sobre a natureza de Deus, mas com o tesouro mais importante para a evolução espiritual do ser humano, que é a vivência do código de leis morais universais – ensinado por mim e por muitos outros mensageiros do além.

5.6 CRISTIANISMO X TAOÍSMO

P292 – Jesus, vou fazer-lhe agora algumas perguntas sobre o confronto doutrinário básico entre o cristianismo e o taoísmo. O que é o taoísmo?

J – O taoísmo (do chinês *tao*, ‘caminho’, + *-ismo*) é um sistema religioso e filosófico, surgido na China, no séc. VI a.C., fundado, segundo a tradição, pelo filósofo Lao-Tsé (ou Lao-Tseu), desenvolvido depois pelo filósofo Tchong-Tseu (ou Chuang Tsé), no séc. IV a.C.

Seu conceito fundamental é o TAO – ‘caminho’ – que nomeia o grande princípio de ordem universal, sintetizador e harmonizador do *yin* e do *yang*, e ao qual se tem acesso por meio da meditação e da prática de exercícios físicos e respiratórios (cf. AURÉLIO, verbete **taoísmo**). Em outras palavras, o TAO é o nome que os chineses escolheram para designar a manifestação da REALIDADE ÚLTIMA, do UNO, do TODO, do ABSOLUTO, equivalente ao BRAMÃ ou BRAHMAN – a Divindade Suprema (*impessoal e neutra*) do hinduísmo – ou ao DHARMAKAYA do budismo (cf. CAPRA, 1983, p. 146)..

5.6.1 O LIVRO SAGRADO DO TAOÍSMO

P293 – Jesus, qual é o livro sagrado do taoísmo?

J – Seu livro sagrado por excelência é o *Tao Te King* (*O Livro que Revela Deus*), o menor livro sagrado de todas as religiões, contendo apenas 25 páginas e 5 mil palavras (cf. WILGES, p. 40).

Apesar de ser o menor livro sagrado de todas as religiões, o *Tao Te King* é considerado um dos livros sagrados mais importantes da humanidade, por causa de seu inestimável valor como livro de sabedoria que orienta os seres humanos rumo à sua autorrealização. Nas palavras de Huberto Rohden,

espiritual e filosoficamente, o *Tao Te King* de Lao-Tsé é um dos mais importantes livros da Humanidade. Junto com a *Bhagavad Gita* de Krishna e a *Mensagem Viva do Cristo*, representa a sabedoria espiritual que orienta o ser humano para sua autorrealização. Escrito na China milenar, há mais de 2.600 anos, foi traduzido para quase todas as línguas modernas, tornando-se livro de cabeceira de reis, filósofos, educadores, cientistas, políticos e homens de ação (ROHDEN, *Lao-Tsé: Tao Te King*, p. 1).

5.6.2 O ‘DEUS’ DOS TAOÍSTAS X O ‘DEUS’ DOS CRISTÃOS

P294 – Jesus, que distinções costumam ser feitas entre o ‘Deus’ dos taoístas e o ‘Deus’ dos cristãos?

J – Os taoístas enfatizam o aspecto impessoal da divindade, enquanto os cristãos ortodoxos enfatizam os seus aspectos pessoais. Segundo Huberto Rohden,

Tao significa o Absoluto, o Infinito, a Essência, a Suprema Realidade, a Divindade, a Inteligência Cósmica, a Vida Universal, a Consciência Invisível, o Insondável, etc. **Nunca representa um indivíduo, uma pessoa, como Deus nas teologias ocidentais** (ROHDEN, *Lao-Tsé: Tao Te King*, p. 13) (negrito meu).

Em outras palavras, para o taoísmo, Deus não é

uma espécie de ditador celeste, uma pessoa, que vigia os homens de longe e registra os seus créditos e débitos, premiando-os ou castigando-os depois da morte, mandando os bons para um céu eterno e os maus para um inferno eterno. Este infantilismo primitivo domina as teologias cristãs de quase dois mil anos e, embora haja grandes variantes dessa concepção de Deus, no fundo é essa ideia antropomórfica. Entretanto, esta concepção nada tem que ver com Tao (ROHDEN, *ibid.*, p. 14-15).

Como já disse, os taoístas enfatizam o aspecto **impessoal** da divindade, enquanto os cristãos enfatizam a sua dimensão **pessoal**. Ambos estão na realidade falando do mesmo Deus, embora cada um enfatize dimensões diferentes, mas reais, da mesma realidade divina, como na parábola budista “Os cegos e o elefante” (cf. tema 4.39).

Creio que, a essa altura de nossas entrevistas, todos já sabem que, na minha visão, Deus não é literalmente uma *pessoa* (falar de Deus como “*pessoa*” é um **antropomorfismo**), mas Ele possui atributos *pessoais*, pois nos ouve, nos vê, nos conhece, nos entende e nos ama.

Em minhas pregações na Palestina, embora eu tenha enfatizado bastante o aspecto pessoal de Deus, não esqueci, contudo, de ressaltar-lhe a dimensão impessoal. Insisti na dimensão pessoal de Deus como um Pai amoroso com o qual podemos dialogar, mas dei realce também, como está documentado nos Evangelhos de Lucas e de João, ao **aspecto impessoal de Deus**, do Todo, do Uno, do qual ninguém está separado. Assim, afirmei, por exemplo, que **O REINO DE DEUS** (expressão sinônima para **DEUS**, para o **UNO**) **ESTÁ DENTRO DE NÓS!** (cf. Lc 17,21). Nesse mesmo sentido de nossa inseparabilidade do UNO, igualmente afirmei que “eu e o Pai somos um” (Jo 10,30).

5.6.3 O MONISMO CÓSMICO DA DOUTRINA TAOÍSTA

P295 – O que é o “monismo cósmico” da doutrina taoísta?

J – É o conceito taoísta do **Deus-cósmico** chamado também de **monismo cósmico** (= tudo está em Deus e Deus está em tudo – mas tudo não é Deus nem Deus é tudo), que, como já disse em nossa primeira entrevista, não pode e nem deve ser confundido com o **panteísmo** (= **tudo é Deus e Deus é tudo**) nem com o **politeísmo** (= a crença em muitos deuses) e nem com o **monoteísmo dualista** (= a crença num único Deus pessoal, transcendente, mas não imanente no mundo).

5.6.4 A TESE TAOÍSTA DA UNIDADE DOS OPOSTOS

P296 – Jesus, o que é a tese taoísta da unidade dos opostos?

J – Uma das teses mais interessantes do taoísmo é a da unidade de todos os opostos. As mudanças ocorrem pela interação dinâmica entre polaridades de opostos *yin* e *yang*, o que “levou Heráclito, como também Lao Tsé, à descoberta de que todos os opostos são polares e, dessa forma, unidos” (CAPRA, 1983, p. 92).

5.6.5 OS PRINCÍPIOS ÉTICO-MORAIS DO TAOÍSMO

P297 – Jesus, quais são os princípios ético-morais do taoísmo?

J – Quanto aos princípios ético-morais, o taoísmo procura praticar as seguintes virtudes: “a economia, a simplicidade da existência, a modéstia, o retraimento e a piedade; **é preciso fazer o bem mesmo aos que fazem o mal**” (DER, verbete **taoísmo**) (negrito meu).

Vemos, portanto, que, não obstante as divergências teológicas com o cristianismo dogmático (no presente caso, **Deus pessoal versus Deus impessoal**), a moral taoísta não se distingue, essencialmente, do código de princípios ético-morais universais que preguei.

5.7 CRISTIANISMO X ROSACRUCIANISMO (ORDEM ROSACRUZ)

P298 – Jesus, vamos agora comparar brevemente o cristianismo com a Ordem Rosacruz. O que é a Ordem Rosacruz?

J – A Ordem Rosacruz, Pinheiro, é uma instituição (ou sociedade) filosófica e **esotérica**. Não é, por conseguinte, uma religião ou seita. As sociedades parcial ou totalmente fechadas, secretas ou ocultas são normalmente chamadas “sociedades esotéricas” (ou “sociedades secretas”), em oposição às sociedades totalmente abertas ou públicas – as chamadas “sociedades exotéricas” –, como o Rotary, Lions e outras (cf. AURÉLIO, verbetes **esotérico/exotérico**, respectivamente).

5.7.1 O NASCIMENTO HISTÓRICO DOS ROSACRUZES

P299 – Em que época surgiu a doutrina secreta dos rosacruzes?

J – De acordo com o escritor rosacruz Jomano,

embora exista uma lenda a respeito de um frade de nome Christian Rosenkreutz, de origem alemã, que teria trazido a Doutrina Secreta obtida de sábios orientais, fundando então, em 1425, a Fraternidade Rosacruz, na realidade, a Doutrina Secreta dos Rosacruzes é um corpo de ensinamentos esotéricos transmitidos desde as mais remotas eras, por sábios versados profundamente nas doutrinas e histórias ocultas (JOMANO, p. 234).

Segundo Spencer Lewis (fundador da Ordem Rosacruz AMORC), em seu livro *A Vida Mística de Jesus* (LEWIS, 1997, p. 175-178), bem como em seu livro *Perguntas e Respostas Rosacruzes* (LEWIS, 1975), a Ordem Rosacruz surgiu como uma ramificação da Grande Fraternidade Branca, uma organização secreta, fundada no Egito,

formada primitivamente pelos ancestrais de Amenhotep IV, faraó do Egito, mais conhecido como Akhenaton na literatura filosófica.

5.7.2 OS 16 SINAIS SECRETOS DA ORDEM ROSACRUZ

P300 – Quais são os 16 sinais secretos da Ordem Rosacruz?

J – Segundo Franz Hartmann (apud JOMANO, p. 236-237), são estes os aludidos 16 sinais secretos da Ordem Rosacruz:

O Rosacruz

1. é paciente,
2. é bondoso,
3. não conhece a inveja,
4. não é orgulhoso,
5. não é vaidoso,
6. não é desordenado,
7. não é ambicioso,
8. não se irrita,
9. não pensa mal dos outros,
10. ama a justiça,
11. ama a verdade,
12. sabe guardar segredo,
13. crê naquilo que conhece,
14. é firme,
15. não pode ser vencido pelo sofrimento,
16. será sempre membro da sociedade.

5.7.3 A ORDEM ROSACRUZ NA VISÃO DOS CRISTÃOS

P301 – Como os cristãos convencionais veem a Ordem Rosacruz?

J – Enquanto alguns cristãos destacam o seu aspecto fraternal, outros fazem questão de frisar a sua incompatibilidade com a fé cristã dogmática.

Para os autores do DER (verbete **Rosacruz**), por exemplo,

a Ordem Rosacruz é uma organização fraternal, filosófica, apolítica e sem cunho religioso. Seus membros são aceitos sem nenhuma discriminação de raça, credo, cor, nacionalidade, [...] e se propõe o estudo de uma filosofia mística, cujo misticismo é entendido no sentido do estudo da relação do ser humano com o universo. [...] Os rosacruzes respeitam todas as religiões e, conseqüentemente, o cristianismo. **A ética da ordem no Ocidente assemelha-se à do cristianismo.** [...] Os rosacruzes têm pelo grande Mestre Jesus a mais alta consideração e respeito,

reconhecendo nele um dos avatares – mestres místicos – ou filhos de Deus (negrito meu).

O teólogo católico Dom Estêvão Tavares Bettencourt faz, contudo, uma análise crítica da Ordem Rosacruz, mostrando que ela professa dois conceitos que não se coadunam absolutamente com a mensagem cristã, ou seja, o **panteísmo** e a **reencarnação** (BETTENCOURT, p. 145-146)

Os autores cristãos do DRCO (verbete **rosacrucianismo**) ressaltam igualmente a incompatibilidade dos princípios da Ordem Rosacruz com os postulados dogmáticos e místicos da fé cristã, mostrando que os rosacruzes não acreditam num Deus pessoal, negam a Trindade, fazem uma distinção entre mim (“Jesus histórico”) e o “Cristo da fé”, têm uma cosmovisão panteísta e acreditam na reencarnação.

5.7.4 RESUMO DAS PRINCIPAIS SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE O CRISTIANISMO E A ORDEM ROSACRUZ

P302 – Jesus, como o Senhor resumiria as principais semelhanças e diferenças entre o cristianismo e a Ordem Rosacruz?

J – A Ordem Rosacruz e o cristianismo partilham dos mesmos princípios ético-morais. Suas divergências principais reduzem-se aos seguintes pontos:

A Ordem Rosacruz

- é considerada pelos cristãos convencionais como uma doutrina panteísta, “segundo a qual Deus, o homem e o mundo se identificam ou são uma grande substância em evolução permanente” (BETTENCOURT, p. 145);
- nega a existência de um Deus pessoal (uno e trino);
- nega o dogma de minha suposta filiação divina única, ou seja, para os rosacruzes, eu sou Filho de Deus, mas não o único Filho de Deus;
- nega a suposta identidade entre *mim* (Jesus) e Cristo;
- afirma que eu vivi entre os Essênios – uma seita esotérica reencarnacionista (ramificação da Grande Fraternidade Branca) – e que sofri influência de seus ensinamentos;
- acredita na doutrina da reencarnação;
- não é uma religião no sentido de uma instituição hierarquizada com cultos, rituais, sacerdócio e sacramentos etc.;

- é, porém, religiosa no sentido moral e ético do termo religião, pois se empenha em fazer o bem e evitar o mal;
- reconhece todas as religiões como válidas, desde que tragam benefícios a seus seguidores;
- é uma filosofia pluralista, porquanto não defende sua verdade como a única ou a melhor;
- possui grande respeito por toda crença ou ideologia;
- promove a união, a paz e a fraternidade entre todas as pessoas;
- reconhece a Bíblia cristã como fonte de bons ensinamentos e inspiração, embora lhe faça algumas reservas, em face das alterações por que tem passado através dos tempos;
- respeita todas as religiões e, conseqüentemente, o cristianismo dogmático e mítico dos cristãos;
- adota uma ética semelhante à minha;
- tem por mim a mais alta consideração e respeito, reconhecendo em mim um dos avatares – mestres místicos – ou filhos de Deus – mas não o único Filho de Deus.

5.8 CRISTIANISMO X MAÇONARIA

P303 – Jesus, vamos agora comparar brevemente o cristianismo com a maçonaria. O que é a maçonaria?

J – A maçonaria (também chamada de *franco-maçonaria*) é uma instituição filosófica, filantrópica e esotérica. Convém lembrar que o termo “esotérico” (do grego *esoterikós* = o que está dentro) significa “toda doutrina secreta, guardada por uma sociedade e só transmitida aos iniciados. Em todos os tempos houve esse tipo de agremiações” (BETTENCOURT, p. 122).

Os autores do DER (verbetes **franco-maçonaria**) nos fornecem, entre outros, os seguintes esclarecimentos a respeito da franco-maçonaria:

Sociedade cujos ensinamentos são simbólicos e iniciáticos. Foi fundada em 24 de junho de 1717, em Londres, por um grupo de rosacruzes e de maçons operativos, aos quais mais tarde parece haverem-se unido os templários. [...] Existem vários sistemas maçônicos, dos quais os mais célebres são o Rito Escocês (subdividido em vários ramos) [...], o Rito Moderno ou Francês [...], o Rito de Iorque [...].

5.8.1 EXEMPLOS TÍPICOS DE SOCIEDADES ESOTÉRICAS

P304 – Jesus, além da maçonaria, que outras sociedades esotéricas existiram ao longo da História?

J – Dom Estêvão Tavares Bettencourt (cf. BETTENCOURT, p. 122), menciona os seguintes exemplos de sociedades esotéricas ao longo da História: 1) a *gnose* (ou *gnosticismo*) na época do cristianismo primitivo (séculos II-III); 2) a *cabala judaica* (na Idade Média); 3) as *fraternidades rosacruzes* (no século XVII); 4) a *maçonaria moderna* (a partir do século XVIII); e 5) a *teosofia* (a partir do século XX).

5.8.2 A SOCIEDADE ESOTÉRICA MAIS ATACADA E PERSEGUIDA PELA IGREJA CATÓLICA AO LONGO DA HISTÓRIA

P305 – Jesus, dentre as sociedades esotéricas mencionadas em sua resposta de minha pergunta anterior, qual a que mais tem sido atacada e perseguida pela Igreja Católica?

J – Sem dúvida alguma, a maçonaria. Com efeito, nenhuma sociedade esotérica do mundo tem sido tão atacada, perseguida, condenada e excomungada tantas vezes pelo catolicismo, como a maçonaria, apesar de ser uma das instituições mais humanistas e filantrópicas deste planeta. No dizer dos jesuítas Benimeli, Caprile & Alberton (1998, p. 10-11),

na Europa latina somente a palavra “maçonaria” já é quase sinônimo de mal. Vê-se na Ordem a materialização terrestre dos poderes das Trevas, dos anjos decaídos! Dizer maçonaria é quase evocar conjurações ocultas, execuções sanguinárias, toda uma antiga história clandestina e turbulenta. [...] Do ponto de vista religioso e ecumênico, vêm logo à memória vários milhões de membros sobre os quais pesava, até agora, a pena de excomunhão da Igreja Católica.

Na apreciação desses mesmos autores católicos (ibid., p. 38),

não nos causa admiração ao saber que durante os 25 anos do pontificado de Leão XIII [1878-1903], saíram do Vaticano nada menos do que 226 documentos para condenar e pôr em guarda o mundo inteiro contra a Maçonaria, a Carbonária e as sociedades secretas.

Na encíclica *Humanum genus*, de 20 de abril de 1884, o Papa Leão XIII ataca direta e violentamente a maçonaria, identificando-a com os promotores do mal, ou seja, com o reino de Satanás (cf. LAURANT, 1995, p. 96).

5.8.3 O ATAQUE À MAÇONARIA PELOS PROTESTANTES

P306 – A maçonaria tem sido também atacada pelos protestantes?

J – Sim. A maçonaria tem sido também fortemente atacada pelos cristãos protestantes da ala fundamentalista. Para estes, a maçonaria é totalmente incompatível com os ensinamentos bíblicos e com os dogmas ou mitos cristãos a respeito da natureza de Deus, da minha pessoa e de minha suposta missão redentora (cf. ANKERBERG & WELDON, 1999, p. 53-58 e HORRELL, 1995, p. 9-11).

5.8.4 A MAÇONARIA NA CONCEPÇÃO DOS CRISTÃOS

P307 – Jesus, como os cristãos dogmáticos definem a maçonaria?

J – Para os cristãos dogmáticos, a maçonaria é uma sociedade ou seita secreta. Nas palavras do escritor protestante J. Scott Horrell, “a maçonaria é a maior sociedade secreta do mundo” (HORRELL, p. 9). Para outros cristãos, ela “não é uma sociedade secreta, mas somente uma sociedade fechada [esotérica]... Suas regras fundamentais, suas leis, sua história, o nome de seus adeptos não se ocultam” (Paul Naudon em sua obra *La Franc-Maçonnerie*, apud BENIMELLI, CAPRILE & ALBERTON, p. 47-48).

No *Dicionário AURÉLIO* (verbetes **maçonaria**), encontramos a seguinte definição de maçonaria:

maçonaria. [Do fr. *maçonnerie*.] S. f. 1. Sociedade parcialmente secreta, cujo objetivo principal é desenvolver o princípio da fraternidade e da filantropia; associação de pedreiros-livres; franco-maçonaria.

De acordo, portanto, com essa definição, a maçonaria é uma **sociedade parcialmente secreta**, ou seja, parcialmente fechada (**esotérica**).

Como exemplo da face secreta da maçonaria, o escritor protestante J. Scott Horrell afirma que os “votos solenes de manter os segredos da organização e de lealdade de uns para com os outros são de importância central na maçonaria, junto com vários sinais ocultos conhecidos (em teoria) somente entre seus membros” (HORRELLI, p. 10.).

5.8.5 A MAÇONARIA NA CONCEPÇÃO DOS MAÇONS

P308 – Jesus, como os maçons concebem a maçonaria?

J – Vejamos agora como os próprios maçons concebem a maçonaria, fornecendo, assim, uma clara resposta aos ataques dos detratores dessa doutrina.

A GRANDE LOJA MAÇÔNICA DO ESTADO DO CEARÁ divulgou, no ano 2001, um *fôlder* bastante elucidativo com o título: *O QUE É MAÇONARIA*. Com a devida autorização dessa Grande Loja Maçônica, as informações a seguir foram todas extraídas dessa publicação, para que o leitor possa cruzar as opiniões dos adversários da maçonaria com as dos próprios maçons, à luz das claras e objetivas informações contidas no referido folheto:

A MAÇONARIA é uma instituição essencialmente filosófica, filantrópica, educativa e progressista. É filosófica porque em seus atos e cerimônias ela trata da essência, propriedades e efeitos das causas naturais. Investiga as leis da natureza e relaciona as primeiras bases da moral e da ética pura. É filantrópica porque não está constituída para obter lucro pessoal de nenhuma classe. Pelo contrário, suas arrecadações e seus recursos se destinam ao bem-estar do gênero humano, sem distinção de nacionalidade, sexo, religião ou raça. Educativa porque procura conseguir a felicidade dos homens por meio da elevação espiritual e pela tranquilidade da consciência. É progressista porque, partindo do princípio da imortalidade e da crença em um princípio criador regular e infinito, não se aferra a dogmas e superstições. E não põe nenhum obstáculo ao esforço dos seres humanos na busca da verdade, nem reconhece outro limite nessa busca senão na ciência.

QUAIS SÃO SEUS PRINCÍPIOS?

A liberdade dos indivíduos e dos grupos humanos, a igualdade de direitos e obrigações sem distinção de religião, raça ou nacionalidade; a fraternidade entre os homens e consequentemente entre povos e nações.

QUAIS SÃO SEUS OBJETIVOS?

Seus objetivos são: a investigação da verdade, o exame da moral e a prática das virtudes.

O QUE ENTENDE A MAÇONARIA POR MORAL?

Moral é para a maçonaria uma ciência com base no entendimento humano. É a lei natural e universal que rege todos os seres racionais e livres. É a demonstração científica da consciência. Essa maravilhosa ciência nos ensina nossos deveres e a razão do uso dos nossos direitos. Ao penetrar a moral no mais profundo da nossa alma, sentimos o triunfo da verdade e da justiça.

O QUE ENTENDE A MAÇONARIA POR VIRTUDE?

A maçonaria entende que a virtude é a força de fazer o bem em seu amplo sentido, é o cumprimento de nossos deveres para com a sociedade e para com a nossa família sem interesse pessoal. Em resumo, a virtude não retrocede nem diante o sacrifício e nem mesmo diante a morte, quando se trata do cumprimento do dever.

O QUE ENTENDE A MAÇONARIA POR DEVER?

A maçonaria entende por dever o respeito e os direitos dos indivíduos e da sociedade. Porém não basta respeitar a propriedade apenas, mas também devemos proteger e servir o nosso semelhante. A maçonaria resume o dever do homem assim: respeito a Deus, amor ao próximo e dedicação à família. Em verdade, essa é a maior síntese da fraternidade universal.

A MAÇONARIA É UMA RELIGIÃO?

Não. A maçonaria não é uma religião. É uma sociedade que tem por objetivo unir os homens entre si. União recíproca, no sentido mais amplo do termo. E nesse seu esforço, admitindo em seu seio pessoas de todos os credos religiosos, sem nenhuma distinção, ponto de união entre os mesmos.

A MAÇONARIA É RELIGIOSA?

Sim, é religiosa, porque reconhece a existência de um único princípio criador, regulador, absoluto, supremo e infinito ao qual se dá o nome de Grande Arquiteto do Universo, porque é uma entidade humanista espiritualista em contraposição ao predomínio do materialismo. Estes fatores que são essenciais e indispensáveis para a interpretação verdadeiramente religiosa e lógica do Universo, formam a base de sustentação e as grandes diretrizes de toda ideologia e atividade maçônica.

PARA SER MAÇOM É NECESSÁRIO RENUNCIAR À RELIGIÃO A QUE SE PERTENCE?

Não, porque a maçonaria abriga em seu seio homens de qualquer religião, desde que acreditem em um Criador, o Grande Arquiteto do Universo, que é Deus. Geralmente existe essa crença, porém os católicos mais ilustres têm pertencido à Ordem Maçônica; entre outros, o Cura Hidalgo, Paladino da Liberdade Mexicana, o Padre Calvo, o fundador da Maçonaria na América Central, o Arcebispo da Venezuela, Don Ramon Ignacio Mendez, Padre Diogo Antônio Feijó, Cônego Luiz Vieira, José da Silva de Oliveira Rolin da Inconfidência Mineira, Frei Miguelino, Frei Caneca e muitos outros.

O QUE A MAÇONARIA COMBATE?

Os erros, os preconceitos, a ignorância, a superstição, o fanatismo, o orgulho, a intemperança, o vício, a discórdia, a dominação e os privilégios.

A MAÇONARIA É UMA SOCIEDADE SECRETA?

Não, pela simples razão de que sua existência é amplamente conhecida. As autoridades de vários países lhe concedem personalidade jurídica. Seus fins são amplamente difundidos em dicionários, enciclopédias, livros, histórias etc. O único segredo que existe e não se conhece senão por meio do ingresso na instituição, são os meios para se identificar os Maçons entre si, em qualquer parte do mundo e o modo de interpretar seus símbolos e os ensinamentos neles contidos [...] (Do *Fôlder O QUE É MAÇONARIA*, p. 2-5).

5.8.6 SEMELHANÇAS ENTRE A MORAL MAÇÔNICA E A CRISTÃ

P309 – Jesus, pelo que entendi, a moral maçônica não difere, então, essencialmente, dos seus ensinamentos ético-morais. Estou certo?

J – Certíssimo. Pelas informações esclarecedoras dos próprios maçons na resposta da pergunta anterior, podemos observar que **a moral maçônica não difere, essencialmente, das leis do código de moral universal que preguei**. As diferenças entre a maçonaria e o cristianismo situam-se todas no campo do cristianismo dogmático e mítico, uma vez que a maçonaria “não se aferra a dogmas”. Eu também nunca me aferrei a dogmas ou a mitos. Os dogmas cristãos, como venho argumentando ao longo de nossas entrevistas, não foram instituídos por mim, mas pela Igreja, depois de muitas discussões e discordâncias entre os próprios cristãos, como vimos, sobretudo, em nossa terceira entrevista.

Quando os cristãos atacam a maçonaria, conforme vimos atrás, a razão subjacente sempre diz respeito a questões dogmáticas. Para o Pe. Mariano Cordovani (apud BENIMELLI et al., p. 48), por exemplo, “o nome de maçom tem um significado histórico bem determinado pela palavra e pelos fatos: significa hostilidade à religião”. Dom Fava, bispo de Grenoble (apud BENIMELLI et al., *ibid.*) ia mais longe ainda, afirmando o seguinte:

A maçonaria propõe-se arruinar completamente o reino de Jesus Cristo na terra e destruir o cristianismo até suas bases para substituí-lo pelo racionalismo que um dia triunfará na França com o nome da deusa Razão.

Felizmente, existem também posições mais justas e sensatas dentro do catolicismo, favoráveis à maçonaria, como a de outro bispo brasileiro Dom Sebastião Pinto do Rego (apud BENIMELLI et al., *ibid.*):

Jesus Cristo instituiu a caridade. A maçonaria apoderou-se dela e constituiu-a sua mestra. É sob os seus auspícios que não morre a esperança e se robustece a sua fé. Bendita seja esta irmã da Igreja na virtude!

Isso mesmo, Dom Sebastião! **O único dogma que eu instituí foi a caridade, o dogma do amor ao próximo, o qual une todas as crenças e todas as pessoas.** Os demais dogmas foram criações exclusivistas e interpretações subjetivas da Igreja a respeito da minha pessoa e da minha missão, dogmas esses que, como tenho salientado muitas vezes em nossas entrevistas, sempre causaram e continuam causando sérias barreiras divisionistas entre os próprios cristãos e, mais ainda, entre cristãos e não cristãos, dificultando ou mesmo impossibilitando assim qualquer tentativa de um autêntico diálogo ecumênico e inter-religioso.

Ora, se a maçonaria pratica a caridade instituída por mim (e por muitos outros mensageiros do além) e promove a união entre todas as pessoas, só podemos entender os ataques que lhe são feitos pelo fato de a maçonaria não aderir a nenhum dogma do cristianismo ortodoxo.

5.9 CRISTIANISMO X TEOSOFIA

P310 – Jesus, confrontemos agora brevemente o cristianismo com a teosofia. O que é a teosofia?

J – A **teosofia** (e sua modalidade atual, a **Sociedade Teosófica** ou **Fraternidade Universal** – fundada em 1875, em Nova York, pelo coronel H. S. Olcott e Helena Petrovna Blavatsky) – é outra sociedade filosófica e esotérica bastante atacada pelos cristãos dogmáticos, sobretudo porque ela não acredita no Deus transcendente e pessoal do cristianismo tradicional, sendo, portanto, acusada de ser uma filosofia errônea, por ser *panteísta* e, conseqüentemente, incompatível com os postulados teológicos centrais do cristianismo ortodoxo.

5.9.1 SIGNIFICADO DO TERMO “TEOSOFIA”

P311 – O que significa o termo “teosofia”?

J – **Teosofia** (do grego *Theós*, Deus, e *sophia*, sabedoria) quer dizer “Sabedoria divina” ou Religião da Sabedoria (*Glossário Teosófico*, BLAVATSKY, 2000, p. 685).

5.9.2 DEFINIÇÃO DE TEOSOFIA

P312 – Jesus, como a teosofia é definida pelos teósofos?

J – A teosofia é definida pelas teósofos como *ciência, filosofia e religião*, não, porém, como uma nova religião, mas como a síntese de todas as religiões ou como *ética divina* (cf. BLAVATSKY, *ibid.*).

5.9.3 OBJETIVOS DA SOCIEDADE TEOSÓFICA

P313 – Quais são os objetivos da Sociedade Teosófica?

J – Os objetivos da Sociedade Teosófica, muito semelhantes às leis do **código de moral universal** que ensinei, são os três seguintes:

- 1º) formar um núcleo de Fraternidade Universal da humanidade, sem distinção de raça, cor, religião ou condição social;
- 2º) **promover o estudo comparativo das religiões**, das filosofias e das ciências para **selecionar uma moral universal** [negrito meu]; e
- 3º) investigar as leis inexplicadas da Natureza e o desenvolvimento dos poderes *divinos* latentes no homem. (BLAVATSKY, *ibid.*, p. 645)

5.9.4 O LEMA DA SOCIEDADE TEOSÓFICA

P314 – Jesus, qual é o lema da Sociedade Teosófica?

J – O lema da Sociedade Teosófica é este: **“Nenhuma religião está acima da Verdade”** (RIFFARD, 1996, p. 684) (negrito meu). Dizer que nenhuma religião está acima da Verdade, pode ter, contudo, a seguinte interpretação exclusivista: nenhuma religião está acima da minha Verdade, isto é, da Verdade como eu a vejo. Por isso, respeitosamente, devo discordar do lema da Sociedade Teosófica, porquanto ele difere bastante do meu, que é: **Nenhuma religião está acima do amor**.

A Sociedade Teosófica defende, porém, a ideia pluralista de que

todas as religiões, todas as filosofias, todas as ciências, todos os movimentos de ideias extraem da Sabedoria Divina [*Teosofia*] o que possuem de verdadeiro e belo, **mas nenhum deles pode reclamá-la como bem próprio nem proceder à exclusão dos outros**. A Teosofia não pertence portanto à Sociedade Teosófica; ao contrário, a Sociedade Teosófica pertence à Teosofia (RIFFARD, *ibid.*) (negrito meu).

5.9.5 O ‘DEUS’ DOS TEÓSOFS X O ‘DEUS’ DOS CRISTÃOS

P315 – Jesus, como os teósofos concebem Deus? Eles acreditam no ‘Deus’ dos cristãos dogmáticos?

J – O Deus dos teósofos é muito bem descrito por Helena P. Blavatsky, em seu *Glossário Teosófico*, nos seguintes termos:

A Teosofia não acredita no Deus bíblico nem no Deus dos cristãos. Rechaça a ideia de um Deus pessoal, extracósmico e antropomórfico, que não é mais do que uma sombra gigantesca do homem e não, certamente, do melhor... O Deus da teologia é um ninho de contradições e uma impossibilidade lógica [...]. Acreditamos em um Princípio divino universal, a raiz de Tudo, do qual tudo procede e no qual tudo se absorverá no final do grande ciclo do Ser... É absoluto, infinito; está em todas as partes, em cada átomo do Cosmo, tanto visível quanto invisível, dentro, acima e ao redor de cada átomo indivisível e de cada molécula divisível, porque Ele é o misterioso poder de evolução e involução, a potencialidade criadora, onipresente, onipotente e também onisciente. É Pensamento absoluto, Existência absoluta; é a Seidade (*Be-ness*), um não Ser... Em seu simbolismo, a Divindade é uma esfera sem circunferência e seu único atributo é ele Próprio (BLAVATSKY, 2000, p. 136) (negrito meu).

5.9.6 A TEOSOFIA NA CONCEPÇÃO DOS CRISTÃOS

P316 – Como os cristãos convencionais veem a teosofia?

J – Eles a veem como doutrina inconciliável com os postulados básicos do cristianismo institucional, por ser a teosofia uma filosofia reencarnacionista e **panteísta**, segundo a qual **tudo é Deus e Deus é tudo**, não distinguindo, portanto, Deus de suas criaturas, nem, obviamente, os aspectos *pessoais* da divindade (cf. BETTENCOURT, p. 140-143). Em outros termos, o Deus dos cristãos tradicionais é inteiramente pessoal e transcendente à natureza, enquanto o Deus dos teósofos é totalmente impessoal e imanente à natureza. Na minha visão, conforme esclareci em entrevistas anteriores, Deus, embora não seja literalmente *uma pessoa* (e menos ainda *três pessoas*), possui, contudo, *aspectos pessoais* e *impessoais*.

5.9.7 INTERPRETAÇÃO TEOSÓFICA DE “VÓS SOIS DEUSES” (SI 82,6)

P317 – Jesus, os teósofos (e outros grupos panteístas), para os quais não há distinção entre Deus e suas criaturas, costumam apoiar-se em algumas passagens da Bíblia judaico-cristã para comprovar o panteísmo, principalmente com base nas seguintes passagens:

Eu declarei: Vós sois deuses, todos vós sois filhos do Altíssimo. (SI 82, 6)

Não está escrito em vossa Lei: *Eu disse: Sois deuses?* (Jo 10, 34)

Como devem ser interpretadas essas passagens bíblicas? Literal ou metaforicamente?

J – Claro que metaforicamente. Como já vimos (cf. tema 4.48), a própria *Bíblia de Jerusalém* esclarece, nas notas de rodapé referentes a essas duas passagens bíblicas, o sentido *metafórico* (e não *literal*) de alguém ser chamado “deus” ou “filho de Deus” na Bíblia judaico-cristã:

Os príncipes e os juízes são comparados aos “filhos do Altíssimo”, membros da corte divina. (*A Bíblia de Jerusalém*, Sl 82, 6, nota g)

Esta palavra dirige-se aos juízes, chamados “deuses” metaforicamente, por causa de seu ofício, pois “o julgamento cabe a Deus”. (*A Bíblia de Jerusalém*, Jo 10,34, nota c)

Além disso, essas passagens não dizem que todos somos “deus” (no singular), mas “*deuses*”, o que significa, metaforicamente, que todos somos como deuses, como seres divinos. Por conseguinte, essas e outras passagens bíblicas semelhantes não podem servir de apoio para provar que todos somos *literalmente* “Deus” ou “filhos de Deus”.

Para apoiar sua tese panteísta, os teósofos (e outros grupos afins) costumam também citar os seguintes versículos bíblicos: “Eu e o Pai somos um” (Jo 10,30); “Não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito de Deus mora em vós?” (1Cor 3, 16); “... pois nele vivemos, nos movemos e existimos” (At 17, 28); O reino de Deus está “**dentro de vós**” (cf. *A Bíblia de Jerusalém*, Lc 17, 21 nota l), e não simplesmente “**no meio de vós**”, como impropriamente traduzido em Lucas 17,21.

Helena P. Blavatsky insiste na ideia de que

não há diferença alguma entre as palavras do Apóstolo cristão: “Nele vivemos, nele nos movemos e temos o nosso ser” (At 17, 28), e o que diz o Rishi [sábio] hindu: “O Universo vive em Brahmâ, dele procede e a ele voltará”; porque **Brahman (neutro), o não manifestado**, é aquele Universo *in abscondito*; e **Brahma, o manifestado, é o Logos** macho-fêmea dos dogmas ortodoxos (BLAVATSKY, 1995, p. 77) (negrito meu).

Para mim, nenhuma dessas passagens bíblicas elimina a *transcendência* de Deus. Elas exemplificam a sua *imanência* em nós, mas Ele continua sendo Ele e não nós, e nós continuamos sendo nós e não Ele, sem nenhuma confusão, do mesmo modo como um livro não pode ser confundido com o seu autor. Em outras palavras, afirmar que “nele vivemos, nele nos movemos e temos o nosso ser” (At 17, 28) não

significa dizer que *nós somos Deus*, mas que, como suas *criaturas*, dependemos Dele para vivermos, nos movermos e existirmos, ou seja, Deus é a *causa* de nossa existência e nós somos o *efeito* dessa causa. Mas o efeito não é a causa, nem a causa é o efeito.

Em que sentido, podemos afirmar que “**todos somos Deus**”? No sentido gnóstico, ou seja, no sentido de nossa união mística com a *chama divina* que habita em cada um de nós.

Segundo o gnosticismo, é, portanto, correto afirmar que “**todos somos Deus**”, não no nosso ego, mas na profundidade do nosso ser, como bem expressou o renomado escritor Joseph Campbell, uma das maiores autoridades no campo da mitologia no século XX, em sua monumental obra “O Poder do Mito”, já com 28 edições. Eis suas palavras esclarecedoras sobre em que sentido podemos afirmar que “**todos somos Deus**”, ou que “**Eu sou Deus**”:

Veja, há dois modos de pensar “**Eu sou Deus**”. Se você pensa: “Aqui, em minha presença física e em meu caráter temporal, eu sou Deus”, então você está louco e provocou um curto-circuito na experiência. **Você é Deus não em seu ego, mas em seu mais profundo ser, onde você é uno com o transcendente não dual** (CAMPBELL, 2011, p. 221) (negrito meu).

Concordo plenamente com esta visão gnóstica de Joseph Campbell, pois é este Deus imanente e transcendente, não dual, não pessoal e invisível (*o Cristo interno*) que nos sustenta: “**O tema básico de toda a mitologia é o de que existe um plano invisível sustentando o visível**” (CAMPBELL, p. 76) (negrito meu).

Discordo, porém, da visão panteísta, pois os panteístas não fazem nenhuma distinção entre Deus e suas criaturas (para os panteístas, **tudo é Deus e Deus é tudo**). Logo, na visão panteísta, “**todos somos Deus**”, até mesmo em nosso ego e no nosso eu inferior.

Quero concluir as reflexões macroecumênicas da presente comparação entre o cristianismo e a teosofia, fazendo minhas as palavras de dois grandes espiritualistas orientais (**Râmakrishna e Ramacháraka**), em que eles ressaltam a multiplicidade de aspectos da divindade ou ao fato de que Deus não está preocupado como nós o concebemos ou o adoramos. Ele quer, sim, que levemos uma vida honesta e sincera.

Palavras de Râmakrishna (apud ABHEDÂNANDA, 1995, p. 20):

Deus é um, porém tem muitos aspectos e o mesmo Uno é adorado pelas diferentes nações sob vários nomes e formas; **Ele é pessoal, impessoal e mais além de ambos; Ele é com nome e forma e, todavia, inominado e sem forma** (negrito meu).

Palavras de Ramacháraka (1998, p. 81):

Os homens fizeram um deus de quase tudo no mundo material e caíram de joelhos perante sua própria criação, para adorá-lo. Por quê? Por causa do seu limitado poder de interpretação. Quando, porém, adoravam um pau, uma pedra, uma imagem, uma estátua ou as divindades antropomórficas [ou seja, deuses em formas humanas], adoravam inconscientemente, e, na realidade, aquele *Algo* que era a causa da intuição religiosa em sua alma. E, como diz acertadamente um dos Vedas hindus, **o Altíssimo aceita toda essa adoração, quando se Lhe tributa com intenções honestas**. “A verdade é uma só, embora os homens Lhe deem muitos nomes”, diz o velho e sábio iogue da antiguidade (negrito meu).

Aproveito a frase que grifei nessa citação de Ramacháraka, para reafirmar aos cristãos dogmáticos, os quais me veem e me adoram (honestamente e sinceramente) como uma divindade, que Deus aceita toda essa concepção cristã de minha natureza (mesmo que seja mítica e errônea), bem como a adoração que os cristãos (honestamente e sinceramente) me fazem, contanto que eles não se julguem superiores aos seguidores das religiões que não me veem (nem me adoram) miticamente como uma divindade.

5.10 CRISTIANISMO X ESPIRITISMO

P318 – Jesus, como nossas entrevistas são basicamente fundamentadas nos princípios da doutrina espírita, vou fazer-lhe agora uma longa série de perguntas sobre essa doutrina e sobre o confronto doutrinário entre ela e o cristianismo tradicional. O que é o espiritismo?

J – Allan Kardec (1804-1869), codificador da doutrina espírita, em seu livro *O Que é o Espiritismo*, definiu-o assim: “O espiritismo é uma **ciência** que trata da natureza, da origem e da destinação dos espíritos e das suas relações com o mundo corporal” (KARDEC, 1997g, p. 2422) (negrito meu).

Além de ser uma ciência, o espiritismo é também uma **filosofia**, isto é, um conjunto de conhecimentos racionais sobre nossa natureza, nossa origem e nosso destino, com todas as consequências morais e

éticas que decorrem desse tipo de conhecimento, conferindo-lhe um **aspecto religioso** ou de **religião**.

Nas palavras do próprio Allan Kardec (ibid.),

o espiritismo é ao mesmo tempo uma ciência de observação e uma **doutrina filosófica**. Como ciência prática, ele consiste nas relações que se podem estabelecer com os espíritos; como filosofia, ele compreende todas as **consequências morais** que decorrem dessas relações (negrito meu).

Em síntese, o espiritismo se define como ciência, filosofia e religião. Como **ciência**, prova a preexistência, a sobrevivência e a reencarnação da alma, bem como a existência e a natureza do mundo espiritual e suas relações com o mundo corpóreo. Como **filosofia**, vem revelar-nos conhecimentos sobre Deus, a alma, o homem, a reencarnação, o livre arbítrio, a lei de causa e efeito etc. Como **religião**, fundamenta-se no código de moral universal que preguei (cf. KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Introdução, 1º parágrafo). Nesse sentido, define-se como “cristão” (“o cristianismo redivivo”), mesmo que o título de “cristão”, como já vimos, lhe seja negado pelos cristãos dogmáticos.

Convém esclarecer que o espiritismo não é uma religião no sentido comum e institucional do termo, porquanto não tem sacerdotes, sacramentos, rituais, culto aos santos etc., mas define-se como “religião” no sentido moral e ético do termo, sendo seus cultos a prática da caridade, da prece, do passe magnético, da reforma íntima, do estudo contínuo, da mediunidade em busca de conforto, esclarecimento e ajuda aos necessitados encarnados e desencarnados. O espiritismo fundamenta-se na lei da reencarnação, ou seja, na crença das vidas sucessivas, em novos corpos físicos, na Terra e em outros planetas.

5.10.1 A NOVIDADE TRAZIDA PELO ESPIRITISMO

P319 – Jesus, qual foi a novidade trazida pelo espiritismo, uma vez que tanto o fenômeno mediúnic quanto a crença na reencarnação sempre existiram na humanidade?

J – Os espíritas reconhecem que o fenômeno mediúnic, ou seja, o processo de comunicação entre o plano físico e o extrafísico, não é novo, pois sempre ocorreu desde a mais remota antiguidade e a todos os povos. O papel do espiritismo foi sobretudo o de sistematizar e popularizar esse processo comunicativo, tornando-o compreensível a todos. Os espíritas também reconhecem que a crença na reencarnação é antiquíssima. Coube ao espiritismo, contudo, investigar e divulgar essa crença.

5.10.2 ESPIRITISMO X ESPIRITUALISMO

P320 – Que distinção existe entre “espiritismo” e “espiritualismo”?

J – As palavras “espiritismo” e “espírita” foram criadas por Allan Kardec, para substituir as palavras “espiritualismo” e “espiritualista”, respectivamente, a fim de distinguir os que acreditam nos espíritos e nas suas manifestações daqueles que não admitem essa possibilidade.

Nas palavras do próprio Allan Kardec, em seu livro, há pouco referido, *O Que é o Espiritismo*,

ESPIRITUALISTA é aquele ou aquela cuja doutrina é oposta ao materialismo. Todas as religiões, necessariamente, estão baseadas no espiritualismo. Quem crê haver em nós outra coisa além da matéria é *espiritualista*, o que não implica na crença nos espíritos e nas suas manifestações. [...] Para as coisas novas, é preciso palavras novas, se se quer evitar equívocos. [...] Todo *espírita* é, necessariamente, *espiritualista*, mas nem todo *espiritualista* é *espírita* (KARDEC, 1997g, p. 2438) (itálicos do autor).

Os termos *espírita* e *espiritismo*, criados por Allan Kardec, tornaram-se tão populares, sobretudo no Brasil, que passaram a ser usados indistintamente por várias outras doutrinas religiosas, filosóficas e/ou esotéricas, como as religiões de origem africana (umbanda, candomblé etc.), religiões e/ou filosofias reencarnacionistas de origem oriental e até mesmo por adeptos da adivinhação, astrologia, consultas a bolas de cristal, interpretação de sonhos, quiromancia, leitura da sorte com cartas de tarô ou búzios, terapias alternativas, horóscopos etc. (cf. LEITE, 2001, p. 44).

Daí surgiu a necessidade de se empregar, atualmente, a expressão *espiritismo kardecista* para distingui-lo das outras formas de espiritismo, como o *espiritismo de terreiros* dos cultos afro-brasileiros (macumba, xangô, candomblé, umbanda, quimbanda etc.). Os umbandistas, por exemplo, fazem questão de serem chamados “espíritas”, mesmo que os espíritas kardecistas não os vejam como espíritas.

Normalmente, porém, quando falamos de “espiritismo”, sem nenhuma qualificação, referimo-nos ao “espiritismo kardecista” ou “espiritismo propriamente dito”, pois foi no espiritismo kardecista que o termo “espiritismo” foi criado.

Com a chegada do kardecismo ao Brasil, no final do século XIX, e com a grande influência que ele exerceu sobre as religiões afro-brasileiras, surgiu então a expressão “espiritismo de terreiros” das religiões afro-brasileiras (macumba, candomblé, umbanda etc.)

5.10.3 O ESPIRITISMO KARDECISTA E SUA OBRA BÁSICA

P321 – Jesus, o que é o “espiritismo kardecista” e qual é a sua obra básica?

J – O “espiritismo kardecista” é a doutrina revelada e ensinada pelos espíritos, mediante comunicações mediúnicas, e codificada por Allan Kardec (pseudônimo de Hippolyte Léon Denizard Rivail) em *O Livro dos Espíritos* (obra básica do espiritismo), cuja publicação original se deu em 1857. Nesse livro, Allan Kardec registra as respostas dadas pelos espíritos a 1019 perguntas que tratam de vários assuntos relacionados com a natureza, origem e destino dos espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal.

5.10.4 A CONSTITUIÇÃO DO UNIVERSO NA VISÃO ESPÍRITA

P322 – Jesus, como o espiritismo vê a constituição do universo?

J – De acordo com a doutrina espírita, o universo é constituído de três elementos fundamentais, a chamada *trindade universal*: **DEUS, ESPÍRITOS E MATÉRIA** (cf. KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, perguntas 27-28).

5.10.5 A CONCEPÇÃO ESPÍRITA DE ‘DEUS’

P323 – Jesus, como o espiritismo concebe Deus?

J – As primeiras 16 perguntas de *O Livro dos Espíritos* são precisamente sobre a natureza de Deus. A primeira pergunta (“Que é Deus?”) foi respondida assim: “Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas.” Essa pergunta “Que é Deus?”, e não “Quem é Deus?” revela que o espiritismo não vê ‘Deus’ como pessoa. No dizer do escritor espírita Hermínio C. Miranda, “a pergunta formulada por Kardec despersonaliza a divindade, ao indagar **que é** e não **quem é Deus**” (MIRANDA, 2002, p. 100) (negrito meu).

5.10.6 IMPOSSIBILIDADE DE COMPREENDERMOS A NATUREZA ÍNTIMA DE DEUS

P324 – Jesus, segundo a doutrina espírita, é possível ao homem compreender a natureza íntima de Deus no estado atual de sua evolução?

J – Não. Mediante respostas dadas pelos espíritos a perguntas subsequentes de *O Livro dos Espíritos*, ficamos sabendo que é

impossível ao homem, no estado atual de sua evolução, compreender a natureza íntima de Deus. Assim, a pergunta nº 10 (“O homem pode compreender a natureza íntima de Deus?”) foi respondida: – “Não; faltalhe para isso um sentido.” E a pergunta nº 12 (“Se não podemos compreender a natureza íntima de Deus, podemos ter uma ideia de algumas de suas perfeições?”) foi respondida positivamente: – “Sim, de algumas. O homem as compreenderá melhor à medida que se eleva acima da matéria; ele as entrevê pelo pensamento.”

A pergunta nº 14 foi sobre o *panteísmo* (“Deus é um ser distinto, ou seria, segundo a opinião de alguns, o resultante de todas as forças e de todas as inteligências do Universo reunidas?”), a qual foi respondida negativamente: – “Se o fora assim, Deus não existiria, porque seria o efeito e não a causa; ele não pode ser ao mesmo tempo uma e outra coisa.”

E os espíritos prosseguem nessa mesma resposta, fazendo uma espécie de advertência, no sentido de não nos preocuparmos em tentar compreender o incompreensível:

Deus existe, não o podeis duvidar, é o essencial. Não vos percais num labirinto de onde não podereis sair. Isso não vos tornaria melhores, mas talvez um pouco mais orgulhosos, porque acreditaríeis saber o que na realidade nada saberíeis. Deixai, pois, de lado todos esses sistemas; tendes muitas coisas que vos tocam mais diretamente, a começar por vós mesmos. Estudai as vossas próprias imperfeições, a fim de vos desembaraçar delas, isto vos será mais útil do que querer penetrar o que é impenetrável.

Considero essa uma excelente resposta para os objetivos ecumênicos e macroecumênicos dessas nossas entrevistas, porquanto venho insistindo, desde a nossa primeira entrevista, na ideia de que as preocupações metafísicas sobre a natureza da divindade são irrelevantes para a evolução espiritual da humanidade, uma vez que só têm servido para dividir as religiões, quando há coisas muito mais importantes com as quais elas deveriam se preocupar, como a busca da paz, da fraternidade e do amor ao próximo.

Ao comentar a resposta da pergunta nº 16, em que os espíritos negam a doutrina panteísta, segundo a qual tudo o que existe, inclusive o homem, é parte da divindade, Kardec conclui:

Ele [o panteísmo] confunde o criador com a criatura, absolutamente como se se quisesse que uma máquina engenhosa fosse uma parte integrante do mecânico que a concebeu. A inteligência de Deus se revela em suas obras, como a de um pintor em seu quadro; mas as obras de Deus não são mais o próprio Deus que o quadro não é o pintor que o concebeu e executou.

5.10.7 A CONCEPÇÃO ESPÍRITA DE ‘JESUS’

P325 – Jesus, como o espiritismo concebe a sua pessoa?

J – O espiritismo me vê como um espírito puro, mas não como uma divindade, ou seja, como o “Filho de Deus” que se encarnou neste planeta para redimir os pecados da humanidade.

Consequentemente, o espiritismo, diferentemente do cristianismo dogmático e mítico, não acredita em “salvação” exclusivamente pela fé em mim como o único Salvador da humanidade, mas crê em autorredenção do ser humano pela prática dos meus ensinamentos morais, ou seja, pela vivência da verdadeira religião – a religião do amor.

5.10.8 O MAL NA CONCEPÇÃO ESPÍRITA

P326 – Jesus, como o espiritismo concebe o mal?

J – Segundo a doutrina dos espíritos (cf. KARDEC, *A Gênese*, cap. 3, n. 1-10), o homem possui o livre-arbítrio, mediante o qual ele pode plantar o bem ou o mal e colher os frutos de um ou de outro, isto é, se plantar o bem, colherá o bem, mas, se plantar o mal, colherá o mal. O plantio é livre, mas a colheita é obrigatória. Em outras palavras, o mal não pode vir de Deus, nem de um outro ser especial (“quer se lhe chame Arimane ou Satanás”), mas como consequências do agir humano em suas múltiplas vidas sucessivas (reencarnações).

Sobre a origem e natureza do mal – como na questão sobre a natureza de Deus – os espíritos igualmente alertaram para que não fiquemos especulando muito sobre aquilo que ainda não temos condições de entender. Mais importante que ficarmos filosofando sobre a origem e natureza do mal, é procurarmos estratégias para resolvê-lo, como fizeram todos os grandes mestres evoluídos da humanidade: o mal se combate com o bem; o ódio, com o amor; a ofensa, com o perdão etc.

5.10.9 O HOMEM NA VISÃO ESPÍRITA

P327 – Como o espiritismo concebe o homem?

J – Para o espiritismo, o homem é um ser constituído de três elementos básicos: *corpo físico*, *perispírito* e *espírito* (ou *alma*).

5.10.10 O CORPO FÍSICO

P328 – Segundo a doutrina espírita, o que é o corpo físico e qual é a sua função?

J – O *corpo físico* é o corpo provisório do espírito, sua vestimenta material, densa, que põe o espírito em relação com o mundo exterior. Sua função principal é ser instrumento de trabalho do espírito ou alma em sua caminhada evolutiva. Quando esta vestimenta de carne perde definitivamente suas funções, ocorre a “morte”, ou melhor, o “desencarne”, e o espírito continua vivendo no plano espiritual, trabalhando pela sua evolução, aguardando nova vinda ao plano físico, em outro corpo físico, através do fenômeno da **reencarnação**.

5.10.11 O “PERISPÍRITO”

P329 – O que é o “perispírito”?

J – O “*perispírito*” é a vestimenta fluídica, sutil, do espírito, uma veste invisível, constituída de matéria etérea, preexistente e sobrevivente ao ser humano, e sobre a qual se modela o corpo físico. O “*perispírito*” é, às vezes, chamado também de “corpo espiritual”, termo usado pelo apóstolo Paulo para expressar a natureza sutil do corpo desencarnado, interpretado por ele como corpo do ressuscitado: “semeado corpo psíquico, resuscita corpo espiritual. Se há um corpo psíquico, há também um corpo espiritual” (1Cor15,44).

5.10.12 A ALMA OU ESPÍRITO

P330 – Segundo o espiritismo, o que é a alma ou espírito?

J – A *alma ou espírito* é o princípio inteligente do Universo em que residem o pensamento, a vontade (com o seu livre-arbítrio) e o senso moral (cf. *O Livro dos Espíritos*, pergunta n. 23).

Segundo a doutrina espírita, os *espíritos* (ou *almas*) são todos criados *simples* e *ignorantes*, com igual aptidão para progredir pelas atividades individuais, com a capacidade de livremente desenvolver seu potencial divino ao longo de sua evolução; todos atingirão um dia o grau máximo de perfeição com esforços pessoais; todos, sendo filhos do mesmo Pai, são objeto de igual solicitude; nenhum é mais favorecido ou mais

bem dotado do que os outros, nem dispensado do trabalho imposto aos demais para atingir a meta.

5.10.13 DISTINÇÃO ENTRE ESPÍRITO E ALMA

P331 – Jesus, que distinção o espiritismo costuma fazer entre “espírito” e “alma”?

J – O termo “alma” pode ser empregado como sinônimo de “espírito”, mas é geralmente usado no espiritismo para designar o *espírito encarnado*. Após o desencarne, utiliza-se mais o termo *espírito*.

5.10.14 A MATÉRIA

P332 – O que é a matéria na concepção espírita?

J – A *matéria* é o instrumento de que se utilizam os espíritos para a sua evolução. Individualizada, a matéria constitui os diferentes corpos orgânicos e inorgânicos da Natureza. A matéria é objeto de trabalho do espírito para desenvolvimento de suas faculdades (ver *O Livro dos Espíritos*, perguntas 21-22).

5.10.15 O FLUIDO CÓSMICO UNIVERSAL

P333 – O que é o “fluido cósmico universal” da filosofia espírita?

J – O *fluido cósmico universal* é a matéria elementar primitiva, cujas modificações constituem a inumerável variedade dos corpos da Natureza. Como princípio do universo, ele assume dois estados distintos: o de eterização ou imponderabilidade, que se pode considerar o seu primitivo estado normal, e o de materialização ou ponderabilidade, que é, de certa maneira, consecutivo àquele (*O Livro dos Espíritos*, n. 27).

5.10.16 A MORTE

P334 – Jesus, o que é a morte na concepção espírita?

J – “Morte” não, “desencarnação” sim.

Por causa da falsa concepção que, em geral, se tem de “morte”, o espiritismo criou o termo “desencarnação”, isto é, o abandono do corpo físico pelo espírito. De acordo com a doutrina espírita, somos essencialmente espíritos. Com o desencarne, o espírito, que é imortal, afasta-se com o seu corpo fluídico ou “corpo espiritual” (chamado no espiritismo de “perispírito”), abandonando sua vestimenta carnal.

5.10.17 NOSSA PRINCIPAL MISSÃO NO MUNDO

P335 – Segundo o espiritismo, por que e para que estamos aqui?

J – **Nossa principal missão no mundo é aprender a amar.** Somente através da caridade, do amor, o homem consegue redimir-se de seus débitos e evoluir para mundos mais adiantados, onde passa a viver mais feliz e livre de reencarnações em mundos físicos atrasados como o Planeta Terra.

5.10.18 O LIVRE-ARBÍTRIO

P336 – Jesus, como o espiritismo concebe o livre-arbítrio?

J – O livre-arbítrio é a liberdade que temos de pensar e de agir. Sem o livre-arbítrio, o homem seria uma espécie de máquina ou robô. O livre-arbítrio faz com que o homem se torne sempre responsável por aquilo que faz ou que não faz. Ele goza dessa liberdade e é em virtude desta faculdade que ele escolhe livremente a existência e as provas que acredita serem próprias para o seu progresso, quando elas não lhe são impostas; ele conserva a liberdade no estado corporal, a fim de poder lutar contra essas mesmas provas. Em outras palavras, o homem colhe o que planta.

5.10.19 CAUSAS DO SOFRIMENTO

P337 – Como os espíritas explicam as causas do sofrimento humano? Em outros termos, por que e para que sofremos?

J – Sofremos por dois motivos básicos: 1) porque fizemos mal uso de nosso livre-arbítrio na presente encarnação ou em encarnações passadas; 2) porque escolhemos livremente a existência e as provas que acreditamos serem próprias para o nosso progresso, quando não nos são impostas, ou seja, sofremos para acelerar nossa evolução. “Os sofrimentos são o preço de nossa felicidade” (PALHANO, 1997, p. 108).

5.10.20 OUTROS MUNDOS HABITADOS

P338 – Jesus, é verdade, conforme ensina a doutrina espírita, que existem outros mundos habitados, além da Terra?

J – Sim, é verdade. A doutrina espírita revela, corretamente, que o planeta Terra é apenas um dentre os inúmeros mundos habitados do Universo, por sinal, um dos mais atrasados em evolução moral. Daí, a explicação para tanta violência, tantas guerras, tanto ódio, tanto preconceito e tudo o que há de mau neste planeta. A Terra classifica-se

como uma escola (primária), um laboratório, uma oficina de trabalho, onde o espírito se esmera, ou deveria esmerar-se, na apuração das suas qualidades espirituais latentes. É também classificada como um *planeta de provas e expiações*, um “vale de lágrimas”, como se diz na “Salve Rainha” dos católicos.

5.10.21 A PALAVRA-CHAVE DA DOCTRINA ESPÍRITA

P339 – Jesus, qual é a palavra-chave do espiritismo?

J – “Evolução” é a palavra-chave da doutrina espírita. “O homem deve evoluir incessantemente” (*O Livro dos Espíritos*, resposta à pergunta n. 778).

5.10.22 OBJETIVOS DA REENCARNAÇÃO

P340 – Por que o espírito reencarna?

J – O espírito reencarna para aperfeiçoar-se, para evoluir moral e intelectualmente, o que obviamente é impossível conseguir em única existência no plano físico. Cada existência representa um passo para frente no longo caminho do progresso, uma espécie de escola de aplicação. Normalmente, a encarnação não é uma punição para o espírito, conforme pensam muitas pessoas, mas uma condição inerente à inferioridade do espírito e um meio de ele progredir.

5.10.23 O LEMA DO ESPIRITISMO

P341 – Jesus, qual é o lema (filosófico) do espiritismo?

J – “**Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sempre, tal é a lei**” (KARDEC, 1997g, contracapa do livro, negrito meu).

Esse lema do espiritismo expressa a verdade segundo a qual, no dizer do escritor espírita Hernani Guimarães Andrade,

a reencarnação é uma lei da natureza e este fato já é do domínio da ciência atual. Só o negam aqueles que o desconhecem, da mesma forma como os antigos eruditos negavam a redondeza da Terra e o heliocentrismo defendidos por Galileu Galilei (ANDRADE, 1999, p. 28).

5.10.24 EVIDÊNCIAS A FAVOR DA REENCARNAÇÃO

P342 – Jesus, existem evidências a favor da reencarnação?

J – Com certeza. Existem inúmeras evidências a favor da reencarnação, entre as quais não se pode deixar de mencionar os

grandes gênios da humanidade (por ex., Mozart, Bach, Einstein), os inúmeros casos de crianças superdotadas, os numerosos relatos de recordações de vidas passadas, as regressões a vidas passadas realizadas em clínicas psiquiátricas, as disposições inatas (morais e intelectuais) que fazem com que alguns já nasçam mais inteligentes ou mais evoluídos moralmente que outros.

A doutrina da pluralidade de existências na Terra (reencarnação) é a única que explica todos esses fenômenos.

O gênio é experiência. Alguns parecem julgar que seja um dom ou um talento [ou uma “graça” especial de Deus], mas é o fruto de longa experiência em muitas vidas. Algumas almas são mais velhas do que outras e, por isso, sabem mais... (ANDRADE, 1995, p. 28.)

5.10.25 A PERDA DA PERSONALIDADE

P343 – Jesus, como entender que as reencarnações causam a perda da **personalidade**, mas conservam a mesma **individualidade**?

J – Pinheiro, uma das objeções mais frequentes que se fazem aos espíritos diz respeito exatamente à questão da perda da personalidade do espírito em cada nova encarnação: se hoje, Pinheiro, você é brasileiro, casado, professor, de cor morena, de olhos castanhos, adepto da filosofia reencarnacionista, como poderia ter sido italiano, celibatário, de cor branca, de olhos azuis, seguidor do catolicismo, inimigo da filosofia reencarnacionista, numa encarnação passada? Deixo a resposta com o escritor espírita Ricardo Di Bernardi:

Quem se utiliza desse raciocínio, demonstra que não entendeu a doutrina espírita da reencarnação. Com efeito, a doutrina espírita esclarece que o corpo biológico está para o espírito, assim como a indumentária está para o corpo físico. O fato de trocarmos o macacão do trabalho pela fatiota dominical não nos torna outra pessoa. Embora estejamos assumindo externamente outra aparência, com reflexos em nosso psiquismo, não deixaremos de ser a mesma pessoa (BERNARDI, 1998, p. 11).

5.10.26 PERSONALIDADE DOS ESPÍRITOS DESENCARNADOS

P344 – Jesus, com qual personalidade vivem e se identificam os espíritos desencarnados?

J – Como explica acertadamente Ricardo Di Bernardi (cf. BERNARDI, 1998, p. 11), com relação à sua identificação no plano

espiritual, após a morte biológica, os espíritos assumem a personalidade com a qual melhor se sentem, ou que seja compatível com o seu grau evolutivo, geralmente coincidindo com a última encarnação terrena. A textura do corpo espiritual, cujas unidades estruturais são moldáveis pela mente do espírito, assume a configuração com a qual ele pode ser reconhecido por nós, tal qual trocamos o macacão do trabalho pela fatiota dominical ao nos locomover do trabalho para as solenidades nos fins de semana.

5.10.27 PROVAS CIENTÍFICAS DA EXISTÊNCIA DA ALMA

P345 – O espiritismo prova cientificamente a existência da alma?

J – Com certeza.

A existência da alma, que era apresentada como um dogma de fé por todas as religiões [...], é hoje, graças ao espiritismo, uma verdade científica. A prova científica da existência da alma e de sua imortalidade é o legado mais importante do espiritismo à humanidade (Oscar d'Argonnel, no prefácio do livro *Fatos Espíritos*, citado na *Revista Espírita Allan Kardec*, ano 1, n. 1, p. 24, s.d).

Como dizia Gabriel Delane,

o espiritismo é uma ciência cujo fim é a demonstração experimental da alma e sua imortalidade, por meio de comunicações com aqueles os quais impropriamente têm sido chamados mortos (DELANNE, 1998, p. 13).

5.10.28 DOCTRINA CONSOLADORA

P346 – Jesus, por que se diz que o espiritismo é uma doutrina muito “consoladora”?

J – Porque liberta o homem do medo da morte e das penas eternas. A doutrina espírita é, de fato, muito “consoladora”, porque veio despir a morte dos trajes horrendos com que as outras religiões a revestiram. O espiritismo, através de milhares de comunicações mediúnicas, veio libertar o homem do medo da morte, e sobretudo do medo de a alma humana ir para o “inferno eterno”, pois, segundo a revelação espírita, não há inferno eterno. Há uma espécie de “purgatório” nos planos físico e espiritual, de onde o ser humano não sairá enquanto não tiver vivenciado a lei do amor e se redimido perante os seus credores.

5.10.29 O ESPIRITISMO “CRISTÃO”

P347 – Jesus, os cristãos dogmáticos negam aos espíritas o título de “cristão”. Como o Senhor reavalia essa questão polêmica?

J – Conforme já deixei claro em nossa primeira entrevista, os cristãos convencionais negam explicitamente aos espíritas o título de “cristão”, simplesmente pelo fato de que os espíritas rejeitam os dogmas do cristianismo tradicional. O teólogo franciscano Irineu Wilges, por exemplo, assim se expressa: “Não colocamos o espiritismo e a umbanda (cultos afro-brasileiros) entre as religiões cristãs porque elas não aceitam Cristo como Deus, que se encarnou e foi chamado Jesus de Nazaré” (WILGES, p. 115).

O mesmo pensamento é expresso pelo padre Paulo H. Gozzi, que, paradoxalmente, mesmo reconhecendo que os espíritas procuram viver o amor e a caridade que preguei, nega-lhes, contudo, o título de “cristão” nos seguintes termos:

Os espíritas não são cristãos porque, embora gostem tanto de Jesus e fazem até orações a ele, não acreditam em sua divindade e nem no valor de seu sacrifício na cruz para a humanidade. Jesus era apenas um grande médium, fruto de muitas reencarnações. Cada um se salva por si mesmo e deve pagar tudo o que faz de mal, através do sofrimento e da caridade. Deus não perdoa ninguém: fez, tem que pagar tudo (GOZZI, 1989, p. 33-34).

Vejamos ainda o que diz outro padre católico, para negar aos espíritas o título de “cristãos”:

É, pois, necessário deixar bem claro o que entendemos por cristianismo e por cristão. Não é possível aplicar indistintamente esse nome a todos os que pretendem ser tais. **A rigor, só poderíamos chamar de cristãos aqueles que aceitam os princípios fundamentais dos ensinamentos de Cristo**, contidos nos Evangelhos canônicos e explicitados na reflexão teológica das comunidades cristãs. [...] **Daí que devemos dizer que o espiritismo, não obstante a sua insistência na prática da caridade, é absolutamente incompatível com o cristianismo** e que as suas afirmações centrais – evocação dos mortos, reencarnação, nova revelação, purificação exclusivamente humana – são diretamente contrárias às verdades cristãs fundamentais, contidas na revelação do Antigo e do Novo Testamento (HORTAL, 1996, p. 89 e 98) (negrito meu).

Vejamos agora o que disse um bispo católico, D. Benedito de Ulhoa Vieira, arcebispo de Uberaba, no programa Nosso Tempo, levado ao ar

no dia 29 de setembro de 1991, pela TV Regional – Rede Manchete de Televisão, sobre Francisco Cândido Xavier:

Em matéria de doutrina, somos diametralmente opostos, porque a Doutrina Católica, evangelicamente católica, é uma doutrina que não se coaduna com a Doutrina Espírita: **seria a mesma coisa que roda quadrada** (PAIVA, 1992, p. 23) (negrito meu).

Vejamos, enfim, o que afirma outro famoso adversário do espiritismo, o Frei Boaventura Kloppenburg:

É certo que no Brasil o espiritismo não é nosso único problema religioso. Infelizmente. Mas continua válida [em 1997] a constatação feita pelos bispos em 1953: que, no momento, o espiritismo ainda é o desvio doutrinário “mais perigoso”, já que “nega não apenas uma ou outra verdade de nossa santa fé, mas todas elas, tendo, no entanto, a cautela de dizer-se cristão, de modo a deixar, a católicos menos avisados, a impressão erradíssima de ser possível conciliar catolicismo com espiritismo (KLOPPENBURG, 1997, p. 11).

Todos os autores católicos ora citados são unânimes em afirmar a incompatibilidade do espiritismo com o cristianismo. Poderia ter citado também autores evangélicos para mostrar que, pelo menos nesse ponto, não há discordância entre católicos e protestantes. Mas, afirmar que o espiritismo é “incompatível com o cristianismo” é uma afirmação vaga, pois não explicita o tipo de cristianismo. O espiritismo, conforme esclareci em nossa primeira entrevista, é incompatível, sim, com o cristianismo dogmático e mítico dos cristãos, mas compatibilíssimo com o meu cristianismo (o apropriadamente rotulado de “cristianismo de Jesus”, ou de “cristianismo das origens” etc.). Por aqui se vê como é importante a distinção fundamental que venho fazendo ao longo de nossas entrevistas entre **dois cristianismos**: o meu cristianismo e o dos cristãos. Sem essa distinção seria impossível afirmar em que sentido o espiritismo é cristão ou em que sentido ele é inconciliável com o catolicismo, conforme a argumentação dos escritores católicos ora citados.

Sem dúvida alguma, em matéria de doutrina católica dogmática e mítica, não há mesmo como conciliar o espiritismo com o catolicismo (“**seria, de fato, a mesma coisa que roda quadrada**”). Nesse sentido, temos que dar razão aos autores católicos, ao negarem o título de “cristão” a quem não professa os seus dogmas míticos. Afinal de contas, como já falei, é um direito sagrado seu de acreditar nos seus postulados doutrinários, e todos devemos respeitar as opções de fé de cada religião.

No sentido dogmático e mítico, portanto, só pode merecer o título de “cristão” aquele que professa os dogmas cristãos.

5.10.30 DIFERENÇAS DOUTRINÁRIAS ENTRE O ESPIRITISMO E O CRISTIANISMO TRADICIONAL

P348 – Jesus, quais são as diferenças doutrinárias fundamentais entre o espiritismo e o cristianismo dogmático?

J – Inegavelmente, são por demais radicais as divergências doutrinárias entre o espiritismo e o cristianismo tradicional. Por isso, os espíritas têm sofrido muitas perseguições por parte dos cristãos dogmáticos (particularmente dos católicos). Para citar um exemplo dessa perseguição, é fato bem conhecido nos meios espíritas que

trezentos livros de Kardec, enviados à Espanha, sofreram um auto da Inquisição: foram julgados pelo bispo católico [como heréticos] e mandados queimar em praça pública. O ato, se foi doloroso para Kardec, acabou se constituindo em maior propaganda para o espiritismo (DER, verbete **Kardec, Allan**).

São postulados fundamentais do espiritismo (todos rejeitados pelo cristianismo dogmático e mítico dos cristãos):

- A crença num Deus único (mas não pessoal, nem trino), conceituado “como a inteligência suprema, causa primeira de todas as coisas” (KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, n. 1).
- A crença em mim, não como uma divindade (como o “Filho de Deus encarnado para redimir os pecados da humanidade), mas como um espírito puro, um profeta, enviado por Deus para pregar o Seu Reino de Amor.
- A crença na preexistência da alma/espírito.
- A crença na doutrina da reencarnação.
- A crença na comunicação entre o plano físico e o extrafísico.
- O princípio segundo o qual o ser humano é o artífice de sua própria redenção, através de seu trabalho constante em prol do bem e de seu aperfeiçoamento moral, em suas várias vidas sucessivas, até atingir a sua perfeição.
- A crença na lei de causa e efeito (lei do carma), “que determina os destinos sucessivos do espírito, de acordo com os atos que praticou em suas existências terrestres” (DER, verbete

espiritismo), ou seja, colhe-se numa existência o que se plantou em outra(s).

- A aceitação da doutrina cristã apenas quanto àquilo que ela preservou de essencial e intemporal, ou seja, o seu código de moral universal, como instrumento para a realização do Reino de Deus em cada um de nós.
- O postulado da “fé raciocinada”, segundo a qual “não há fé inabalável senão aquela que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da Humanidade” (KARDEC, 1997b, p. 911).

Do cristianismo dogmático e mítico, o espiritismo rejeita:

- a Trindade;
- a minha suposta divindade e o meu suposto nascimento miraculoso por obra do Espírito Santo;
- o dogma do pecado original;
- o céu contemplativo;
- o inferno eterno;
- o Juízo Final;
- o demônio;
- os anjos que nunca encarnaram;
- a ressurreição da carne;
- a redenção pela graça;
- os sacramentos;
- a missa, os ritos e os demais dogmas;
- a estrutura hierárquica;
- a infalibilidade do papa;
- a maternidade divina de Maria;
- o culto aos santos;
- a Bíblia inteira como “Palavra de Deus”;
- a inerrância da Bíblia;
- o encerramento da Revelação com minha vinda à Terra.

Depois desse confronto, podemos afirmar que espíritas e cristãos dogmáticos divergem, de fato, radicalmente em suas concepções doutrinárias, uma vez que defendem verdades religiosas frontalmente opostas, o que tornará o diálogo religioso entre eles extremamente difícil, para não dizer impossível. Mas, se eles puserem o amor cristão acima de suas divergências doutrinárias, e fizerem uso da “fé raciocinada” e da “razão comunicativa/consensual/dialogal”, certamente haverá espaço

entre eles para o diálogo fraterno, para a tolerância e o respeito à crença de cada um, evitando-se as lutas e perseguições do passado.

5.10.31 A SUPOSTA CONDENÇÃO DO ESPIRITISMO PELA BÍBLIA

P349 – Jesus, é verdade que a Bíblia condena o espiritismo?

J – Pinheiro, os adversários do espiritismo, no dizer do escritor espírita J. Herculano Pires, “vivem gritando, de Bíblia em punho, que o espiritismo é condenado pela Bíblia [...], afirmações, sempre levianas, de que a Bíblia condena as manifestações espíritas e as sessões de espiritismo” (PIRES, 1991, p. 20).

Há, de fato, na Bíblia, várias passagens que, interpretadas ao pé da letra e isoladamente (por exemplo, Ex 22, 17; Lv 19, 31; 20, 6; 20, 27; Dt 18, 10-14; 1Sm 28, 3-25, etc.), parecem condenar de maneira clara, enérgica e severa as práticas mediúnicas desenvolvidas pelos espíritas. Algumas dessas passagens condenam explicitamente até mesmo à “pena de morte” os médiuns (chamados de “necromantes” na linguagem bíblica) e aqueles que os consultam.

A passagem mediúnica mais detalhada na Bíblia é a relatada no capítulo 28 do Primeiro Livro de Samuel (1Sm 28, 3-25), em que Saul, primeiro rei de Israel, consulta a médium de Endor (chamada na Bíblia de “nigromante” ou “feiticeira”) a fim de que ela entrasse em contato com o espírito de Samuel, último Juiz de Israel, para obter conhecimento acerca de acontecimentos futuros. A médium, a princípio, recusou-se a atender o pedido de Saul, com medo da pena de morte que lhe poderia ser aplicada, como previam as leis de Israel ordenadas por Javé. A médium não sabia que era Saul que pedia a consulta, pois ele vestira uma roupa diferente para não ser reconhecido. Por isso, diz a Saul: “Tu bem sabes o que fez Saul, expulsando do país os nigromantes e adivinhos. Por que me armas uma cilada para que eu seja morta?” (1Sm 28, 9)

Todas as passagens bíblicas ora referidas comprovam claramente que a prática mediúnica era muito comum em Israel. Mas, nas palavras do escritor espírita J. Herculano Pires,

o que Moisés condenou foi apenas o abuso da mediunidade. Isso, o espiritismo também condena. A condenação do espiritismo pela Bíblia, que é a mais citada e repetida, figura no cap. 18 do Deuteronômio. É a condenação de Moisés, que vai do versículo 9 ao 14. [...] Moisés proíbe os judeus, quando se estabelecerem em Canaã, de praticar estas

abominações: fazer os filhos passarem pelo fogo; entregar-se à adivinhação, prognosticar, agourar ou fazer feitiçaria; fazer encantamento, necromancia, magia, ou consultar os mortos. E Moisés acrescenta, no versículo 14: “Porque essas nações, que hás de possuir, ouvem os prognosticadores e os adivinhadores, porém a ti o Senhor teu Deus não permitiu tal coisa.” [...] Tudo isso que Moisés condena, também o espiritismo condena (PIRES, p. 24-25).

Em outras palavras, o que Moisés, corretamente, condena não é a prática em si da mediunidade, mas o seu mau uso, isto é, o seu emprego para fazer o mal. Isso também o espiritismo kardecista condena.

Mas os inimigos do espiritismo, na correta argumentação de Capelli (1998, p. 12-13), para serem coerentes com a sua interpretação literal e radical da “Palavra de Deus”, deveriam “rejeitar” não apenas as práticas espíritas de comunicação com os mortos, mas deveriam também “matar” ou “mandar matar” todos os espíritas, todos os médiuns (“necromantes” ou “nigromantes” na linguagem bíblica) e todos os feiticeiros, e até aqueles que simplesmente consultam os médiuns, como também está escrito em Êxodo (Ex 22, 17), no Levítico (Lv 20, 6; 20, 27) ou a cumprir o que ordena Javé em Êxodo (Ex 35, 2), “matando” os que trabalham no sábado, ou ainda, lançando os nossos irmãos leprosos para fora das cidades, como é ordenado em Números, conforme esclarece Capelli:

Moisés reuniu toda a comunidade dos filhos de Israel e lhes disse: “Eis o que Javé ordenou que se cumprisse: Durante seis dias far-se-á o trabalho, mas o sétimo dia será para vós um dia santo, um dia de repouso completo consagrado a Javé. Todo aquele que trabalhar nesse dia será punido com a morte. No dia de sábado não acendereis fogo em nenhuma de vossas casas (Ex 35, 1-3). [...] Javé falou a Moisés e disse: “Ordena aos filhos de Israel que excluam do acampamento todo leproso, todas as pessoas enfermas de corrimento ou todo aquele que se tornou impuro devido ao contato com um morto” (Nm 5, 1) (CAPELLI, p. 13).

Por conseguinte, como argumenta Capelli (ibid.), os adversários do espiritismo, para serem coerentes e justos, deveriam obedecer a todas as ordens encontradas na Bíblia, e não apenas aquelas que condenariam o espiritismo. Deveriam, assim, não trabalhar no sábado, nem mesmo acender fogo em casa no dia de sábado, excluir os doentes do convívio social, proibir as mulheres de falar em público, matar os feiticeiros, necromantes e os que os consultam etc., pois todos esses absurdos (e inúmeros outros) foram, segundo a interpretação fundamentalista dos inimigos do espiritismo, ordenados por Deus na Bíblia, a mesma “Palavra

de Deus” que num versículo proíbe matar (cf. Ex 20, 13) e em inúmeros outros ordena a pena de morte, a vingança e a violência.

5.10.32 O FENÔMENO CHICO XAVIER

P350 – Jesus, como última pergunta sobre o espiritismo, gostaria que o Senhor falasse um pouco do fenômeno Chico Xavier.

J – Chico Xavier foi o maior médium do mundo, o qual psicografou mais de 400 livros. Ele era admirado e reverenciado por todos os brasileiros de qualquer religião. Todos o amavam e o chamavam, merecidamente, de “um santo”, pois só fez o bem aos brasileiros em seus 92 anos de idade (1910-2002). Chico Xavier foi um exemplo de religioso verdadeiramente ecumênico e pluralista, pois não discriminou ninguém, apesar de ter sido tão discriminado ao longo de sua vida por aqueles que ainda não entenderam o que significa ser um “verdadeiro cristão” (no sentido definido por mim) – aquele que verdadeiramente ama o seu irmão. Chico Xavier foi um exemplo vivo para todos de que ser bom e ser “santo” independe de se professar esta ou aquela religião. **O que santifica a pessoa, não me cansarei de repetir, não é a religião que se professa, mas o amor que se pratica.**

5.11 CRISTIANISMO X UMBANDA

P351 – Jesus, vamos agora falar um pouco sobre a umbanda, que é, na opinião de vários autores, a religião mediúcnica típica do povo brasileiro. O que é a umbanda e em que ela se distingue da quimbanda e da macumba?

J – Segundo o escritor umbandista F. Rivas Neto, pelo espírito Caboclo 7 Espadas, na obra mediúcnica *Umbanda – a Proto-Síntese Cósmica*, é preciso distinguir a **umbanda exotérica** (pública, externa, popular, tipicamente brasileira) da chamada **umbanda esotérica** (oculta, interna, iniciática, cósmica) – considerada **a verdadeira umbanda (A RELIGIÃO CÔSMICA, UNIVERSAL)**, que o atual **Movimento Umbandista** procura resgatar (cf. NETO, 1996, p. 614).

Segundo Michel Reeber, a umbanda é uma religião

originada no Brasil, no início do século XX, por meio do sincretismo de cultos africanos com o catolicismo popular e o espiritismo kardecista. [...] Em 1941, no seu I Congresso Nacional, formaliza-se o nome oficial *umbanda*, distinguindo-se dos epítetos quimbanda e macumba associados

à prática do mal e da feitiçaria. **Adota uma doutrina regida pela moral cristã do bem e da caridade** (REEBER, 2002, p. 281) (negrito meu).

A verdadeira umbanda caracteriza-se por praticar a “magia branca”, isto é, comunica-se com os espíritos para fazer o bem, enquanto a quimbanda e a macumba caracterizam-se por praticar a “magia negra”, ou seja, normalmente utilizam-se da mediunidade para fazer o mal e trabalhos de feitiçaria (cf. DER, verbete **macumba**).

5.11.1 A RELIGIÃO TÍPICA DO POVO BRASILEIRO

P352 – Jesus, por que se costuma dizer que a umbanda é a religião típica do povo brasileiro?

J – Por causa do seu sincretismo com as raças que compõem o povo brasileiro: o índio, o negro e o branco. A umbanda assimilou elementos das religiões africanas, do catolicismo, do espiritismo kardecista e dos cultos indígenas. Por isso, é comum dizer-se que a umbanda tem a cara do Brasil, ou seja, é uma religião tipicamente brasileira (cf. PALEARI, 1990, p. 112-113).

Nas palavras desse mesmo autor (ibid.), “a umbanda procura integrar raças e etnias diferentes, com o intento de criar a harmonia de uma nação”.

Rivas Neto esclarece, porém, que a verdadeira umbanda não é africana ou brasileira, mas é cósmica (planetária ou universal), ou seja, é patrimônio de todos (cf. NETO, 1996, p. 614).

5.11.2 OS ORIXÁS DA UMBANDA SINCRETIZADOS COM SANTOS CATÓLICOS

P353 – Jesus, que orixás da umbanda foram sincretizados com santos católicos?

J – Foram os seguintes:

- Oxalá (Jesus Cristo)
- Iemanjá (Nossa Senhora)
- Ogum (São Jorge)
- Iori (São João Batista)
- Xangô (São Jerônimo)
- Oxossi (São Sebastião)
- Iorimá (São Cipriano)

5.11.3 RAZÕES PARA O SINCRETISMO DOS ORIXÁS DA UMBANDA COM SANTOS CATÓLICOS

P354 – Por que os orixás da umbanda foram sincretizados com santos católicos?

J – A principal causa é de ordem histórica. Os “orixás” foram traduzidos no Brasil por “santos” por causa da intolerância religiosa católica, que não admitia, na época da escravidão, a crença politeísta das religiões afro-brasileiras. Todo escravo era obrigado a ser católico. Atualmente, em razão da influência do espiritismo kardecista, a umbanda substituiu, aos poucos, os seus orixás pelos “espíritos” (cf. DER, verbete **orixás**).

Por ser considerada uma religião politeísta, muitos preferem classificar a umbanda como uma religião primitiva e, por isso, ela vem sendo muito discriminada pelas religiões monoteístas.

Mas, mesmo sendo considerada uma religião politeísta, a umbanda acredita numa divindade maior, o orixá dos orixás, o supremo orixá (chamado Orixalá ou Obatalá).

5.11.4 DESAFIOS PARA O DIÁLOGO RELIGIOSO ENTRE UMBANDISTAS E CRISTÃOS

P355 – Jesus, quais são os principais desafios para o diálogo religioso entre os umbandistas e os cristãos?

J – Os desafios para o diálogo religioso entre os cristãos e os umbandistas são praticamente idênticos aos desafios para o diálogo entre os cristãos dogmáticos e os espíritas kardecistas, uma vez que tanto os kardecistas quanto os umbandistas se fundamentam na reencarnação, na lei do carma e no intercâmbio com os espíritos.

O teólogo católico Valdeli Carvalho da Costa, em sua obra *Umbanda: Os ‘Seres Superiores’ e os Orixás/Santos, um estudo sobre a fenomenologia do sincretismo umbandístico na perspectiva da Teologia Católica* (COSTA, 1983, p. 427-452), indica alguns dos principais desafios para o diálogo religioso entre católicos e umbandistas. Como não poderia deixar de ser, as principais dificuldades apontadas pelo referido teólogo para o diálogo entre essas duas religiões dizem respeito, sobretudo, às suas diferentes concepções da divindade e ao sincretismo religioso entre a umbanda e o catolicismo. Resumo, a seguir, as principais dificuldades indicadas pelo referido teólogo:

- 1) dificuldades quanto ao sincretismo **Deus/Obatalá**: “Visto do ângulo católico, o sincretismo de Obatalá com Deus-Pai levanta sérias questões” (p. 429);
- 2) dificuldades quanto ao sincretismo **Oxalá/Jesus Cristo**: “No quadro de diálogo da Igreja com a Umbanda, o problema da natureza divina de Jesus é central. [...] Não lhe atribuem a natureza divina que reconhecem em Obatalá/Deus-Pai” (p. 430-431);
- 3) dificuldades quanto ao sincretismo **Ifá/Espírito Santo**: “Obatalá, assumindo os traços de Deus Pai; Oxalá se apresentando como Jesus e Ifá com pretensões a ser o divino Espírito Santo. Contudo, a vida trinitária imanente das três Pessoas divinas, nem de longe é concebida ou formulada pela doutrina umbandística, envolvendo Obatalá, Oxalá e Ifá” (p. 433);
- 4) dificuldades quanto ao **poder criador da Trindade**: “Apenas a Obatalá/Deus-Pai é reconhecido o poder criador. Oxalá/Jesus e Ifá/Espírito Santo dele não participam, o que diverge radicalmente da doutrina cristã, na qual a criação é atribuída a todas as três Hipóstases [=pessoas] divinas” (ibid.);
- 5) dificuldades quanto ao sincretismo **Orixás/Santos**: “Esta absoluta identificação de Orixás com os Santos apresenta sérios problemas” (ibid., p. 441).

Outras dificuldades apresentadas pelo mesmo autor referem-se às práticas umbandísticas de “incorporação ou possessão de uma pessoa viva, por Orixás ou Almas” (ibid., p. 442-443), e à crença dos umbandistas na doutrina da reencarnação – considerada por ele uma impossibilidade, “por ter a alma de assumir outro corpo, que não o seu antigo” (ibid.).

5.12 CRISTIANISMO X LEGIÃO DA BOA VONTADE

P356 – Falemos agora sobre a LBV (Legião da Boa Vontade).

J – A LBV, fundada por Alziro Elias David Abraão Zarur (1914-1969), mais conhecido como Alziro Zarur, filho de imigrantes sírios que chegaram ao Brasil no início do século XX, é uma instituição religiosa, cujo objetivo central é fazer com que as pessoas pratiquem a **Religião do Novo Mandamento** que ordenei aos meus discípulos, ou seja, a **RELIGIÃO DO AMOR** (a **PRÁTICA DA CARIDADE**).

Como acertadamente prega a LBV, a prática desta **Religião do Amor**, que propus há dois mil anos, tem sido bastante negligenciada

pela grande maioria dos que se dizem “cristãos”, “meus seguidores”, os quais, como acentuei por diversas vezes em nossas entrevistas, sempre deram mais valor aos dogmas cristãos teológicos e cristológicos, isto é, relativos à natureza de Deus e à minha pessoa, do que à minha mensagem verdadeiramente redentora de amor a Deus e ao próximo. Prova disso é a fragmentação constante do cristianismo ao longo de sua história, suas guerras, suas pretensões exclusivistas, seu sentimento de unicidade e de superioridade em relação às outras religiões etc.

Nesse contexto, como o espiritismo kardecista, a LBV define-se como o “renascimento” do verdadeiro cristianismo, o “*cristianismo redivivo*”, o “cristianismo do amor”, fundamentado no código de leis morais universais que ensinei.

5.12.1 ORGANIZAÇÃO OFICIAL DA LBV

P357 – Quando e como surgiu a LBV?

J – Conforme nos relatam os autores do DRCO,

para levar avante sua missão, Zarur organizou a Legião da Boa Vontade – LBV, que nasceu do programa *Hora da Boa Vontade*, pela Rádio Globo, do Rio de Janeiro, em 1949 (ele era radialista). A organização oficial da LBV se deu em 1950, também no Rio de Janeiro. Sua popularidade como radialista fez sua organização prosperar, conseguindo prontamente seguidores, conhecidos como “legionários”. [...] Afirmando que o cristianismo fundado por Jesus se desviou de seus propósitos, deixando de lado o Novo Mandamento, Zarur pregava que seu grupo estaria restaurando o “Cristianismo do Novo Mandamento”, pois julgava que a LBV era a quarta e última revelação de Deus à humanidade, sendo as três anteriores o JUDAÍSMO, o CRISTIANISMO e o KARDECISMO (DRCO, verbete LEGIÃO DA BOA VONTADE) (destaques do original).

5.12.2 SITUAÇÃO ATUAL DA LBV

P358 – Jesus, qual é a situação atual da LBV?

J – Conforme nos esclarecem os autores do DRCO,

Zarur administrou a LBV até sua morte, em 1969. Assumiu em seu lugar o atual presidente mundial da LBV, José Simões de Paiva Neto, nascido em 1941, que intensificou a obra social e espiritualista da LBV, contando atualmente com várias creches, escolas, asilos, além de diversos templos religiosos espalhados pelo Brasil e em outras partes do mundo. A sede mundial fica em São Paulo, Capital. [...] Devido ao seu intenso trabalho na área social, a LBV é estimada e assistida por muitos; são milhares de

simpatizantes que colaboram financeiramente com a instituição; porém, são poucos os que se tornam membros da “Religião de Deus” (como é conhecido o lado espiritual da LBV) (DRCO, verbete LEGIÃO DA BOA VONTADE).

5.12.3 DIFERENÇAS DOUTRINÁRIAS ENTRE A LBV E O CRISTIANISMO DOGMÁTICO

P359 – Jesus, quais são as principais diferenças doutrinárias entre o cristianismo institucional e a LBV?

J – Os autores do DRCO (verbetes LEGIÃO DA BOA VONTADE) relacionam as seguintes diferenças doutrinárias entre o cristianismo tradicional e a LBV:

- Os “legionários” não creem na inspiração divina de toda a Bíblia.
- Negam a doutrina cristã da Trindade.
- Para eles, eu também comecei como qualquer outro ser humano: na estaca zero.
- Para os “legionários”, eu não sou Deus.
- Para eles, o meu corpo era “fluídico”, ou seja, parecia de carne e osso, mas não era.
- Para eles, Maria teve um “parto fluídico”, ou seja, ela pensou que deu à luz, mas foi tudo ilusão.
- Quanto à minha missão, segundo os “legionários”, eu vim para viver, mas não para morrer pelas outras pessoas.
- Para eles, o Espírito Santo é uma “designação figurada” que indica o conjunto dos espíritos puros, superiores e bons, ou seja, uma “falange sagrada”, que habita os mundos espirituais.
- Para os “legionários”, a fé em mim não confere salvação, que é obtida por meio de boas obras.
- Para eles, os pecados não podem ser perdoados pelos meus méritos; podem apenas ser expiados através da reencarnação (esforço pessoal).
- Para eles, não há nem céu nem inferno, tal como ensina o kerdicismo.
- Para os “legionários”, também o juízo após a morte é desacreditado.
- Para eles, não há ressurreição, mas sim reencarnação, ou seja, a alma habita diversos corpos diferentes através dos séculos e em vários mundos, expiando seus pecados, até que finalmente atinja o estado de espírito puro.
- Para os “legionários”, não existem anjos, demônios nem Satanás (o chefe dos demônios). Estes são tão somente “espíritos inferiores”. Aqueles, “espíritos superiores”, tal como ensina o kerdicismo.

Por esses dados, fornecidos pelos cristãos evangélicos do DRCO, vemos claramente que não há mesmo conciliação possível entre as crenças religiosas doutrinárias da LBV e as do cristianismo tradicional, o que certamente constituirá sérios desafios para um possível diálogo religioso entre os cristãos dogmáticos e os Legionários da Boa Vontade.

Por outro lado, é inegável o fato de que, só por fazer renascer e tentar praticar **a Verdadeira Religião** – a “**vivência do amor**” – a LBV merece todos os elogios e deveria ser seguida, pelo menos nesse ponto, por todas as pessoas, uma vez que **a Religião do Amor deve ser vivenciada por todos os seres humanos**, independentemente do credo religioso que professem e independentemente de pertencerem ou não a uma instituição religiosa particular, pois o amor, como já falei, é universal, não tem fronteiras.

Como a LBV, também você e eu, Pinheiro, nessas nossas entrevistas, não temos almejado alcançar outro objetivo maior, a não ser restaurar o “Cristianismo do Novo Mandamento” – **A VIVÊNCIA DO AMOR, A VERDADEIRA RELIGIÃO**. Como tenho dito e repetido, somente a prática dessa verdadeira religião terá condições de realmente unir a humanidade – atualmente tão fragmentada em milhares de religiões e seitas “todas lutando entre si, exclusivistas na posse da Verdade e isso em nome do próprio Deus, aplicando-se não a procurar a ponte que as una, mas a cavar o abismo que as divide” (UBALDI, 1992, p. 30).

Enquanto a **RELIGIÃO DO AMOR UNIVERSAL** não for praticada, continuarão a existir as divisões, as brigas, as disputas, as guerras, os preconceitos, as discriminações, o ódio. Não haverá outra solução, repito, para que haja paz, união e fraternidade no mundo, a não ser a prática do amor. Um dos maiores empecilhos à nova **CIVILIZAÇÃO DO AMOR**, que deverá se instalar na Terra – a partir deste novo milênio – são precisamente as atitudes exclusivistas e antiecumênicas das religiões. É chegada a hora de as religiões despertarem e perceberem que somente a prática do amor poderá salvá-las. Tudo o mais é secundário.

5.13 CRISTIANISMO X BAHÁÍSMO

P360 – Jesus, comparemos agora brevemente o seu cristianismo e o dos cristãos com o bahaísmo. O que é o bahaísmo (ou a fé bahá'í) e onde vivem os seus seguidores, os chamados bahá'ís?

J – O bahaísmo (ou a fé bahá'í) é uma religião universal independente, fundada na Pérsia, atual Irã, em 1844, por Bahá'u'lláh. O Centro Mundial da fé bahá'í está situado em Haifa e Akká, em Israel.

Os autores do DRCO definem o bahaísmo nos seguintes termos:

O movimento conhecido atualmente como Bahaísmo nasceu no século 19. O ISLAMISMO precisava de uma reforma, e os muçulmanos, há muito tempo, esperavam a chegada de um profeta, o qual ALÁ levantaria, para representá-lo. Em 1844, MIRZAALI MUHAMMED (1819-1850) reivindicou para si próprio o título de Bab, ou seja, o que anunciaria a chegada do profeta. Ele conquistou um grupo considerável de seguidores, chamados de BABISTAS. Sua missão de arauto, entretanto, acabou subitamente em 1850, quando foi executado por fanáticos religiosos, chamados de *mujtahids*, que não aceitaram a sua saída do Islamismo (DRCO, p. 35).

Os bahá'ís vivem em mais de 127.000 localidades, em 235 países, territórios e arquipélagos. Em 1993, havia mais de cinco milhões de membros da fé bahá'í em mais de 250 países. Os templos bahá'í espalham-se pelas cidades de todo o mundo. Os escritos de Bahá'u'lláh já foram traduzidos em centenas de línguas.

5.13.1 RELIGIÃO PLURALISTA

P361 – Jesus, por que os bahá'ís afirmam que a religião deles é pluralista e não exclusivista?

J – Porque, para o bahaísmo, nas palavras de seu próprio fundador (Bahá'u'lláh),

a verdade religiosa não é absoluta, mas relativa; [...] a Revelação Divina é progressiva, não final. [...] Todas as religiões estabelecidas são divinas em origem, idênticas em seus objetivos, complementares em suas funções, contínuas em seus propósitos, indispensáveis em seu valor para a humanidade (INTRODUÇÃO à Fé Bahá'í, 6. ed. Campinas, São Paulo: Bahá'í do Brasil, 2001. p. 5-6).

Na visão pluralista de Bahá'u'lláh,

todas as raças, negra, vermelha, branca e amarela são todas folhas da mesma árvore. Devemos tornar-nos unidos. [...] A relação de Deus com a humanidade é através de Seus Profetas, que têm sido enviados por Ele como os Educadores divinos da humanidade. Em cada época, Deus tem enviado um Mensageiro que nos revela a Sua Vontade e nos dá novos ensinamentos. Cada um é como um professor numa escola que ajuda a humanidade a se mover de uma série para a próxima (“Sobre Tornar-se

Bahá'í", Revista *Fé Bahá'í*, Distribuição Editora Bahá'í do Brasil, Nº 201/1999, p. 26).

5.13.2 OBJETIVO PRINCIPAL DA FÉ BAHÁ'Í

P362 – Jesus, qual é o objetivo principal da fé bahá'í?

J – É estabelecer a unidade na diversidade da raça humana. É promover uma civilização mundial caracterizada pela verdadeira fraternidade entre os homens. Como afirmam os autores do DER,

seu objetivo consiste em estabelecer uma comunidade mundial onde todas as nações, raças, crenças e classes sejam estreita e definitivamente unidas, para que todos os homens, citando as palavras de Bahá'ullah, venham a ser "gotas de um mesmo oceano, folhas de uma mesma árvore" (DER, verbete **Bahá'í**).

5.13.3 O BAHÁISMO E A UNIDADE DAS RELIGIÕES

P363 – O que o bahaísmo prega sobre a unidade das religiões?

J – Adotando uma visão religiosa pluralista e macroecumênica, muito parecida com a de John Hick (1982), em seu livro *God Has Many Names* ('Deus Tem Muitos Nomes'), o bahaísmo prega, com razão, que

as divinas religiões são em realidade uma só, embora tenham nomes diferentes. O homem deve amar a luz, não importa onde ela brilhe... Deve buscar a verdade, de qualquer fonte que provenha (Folheto *A Fé Bahá'í: uma introdução*, Centro Nacional de Informação Bahá'í, Brasília).

5.13.4 DEUS E SEUS MENSAGEIROS NA VISÃO BAHÁISTA

P364 – Como o bahaísmo vê Deus e seus mensageiros?

J – O bahaísmo apropriadamente confessa que

Deus em Si mesmo está acima e além da compreensão humana. Sua guia é dada aos homens através de Seus Mensageiros, almas perfeitas e imaculadas conhecidas também como Manifestantes de Deus. Estes Manifestantes de Deus não são o próprio Deus, mas são como espelhos perfeitos refletindo a luz de Deus aos homens. Eles são como os raios do sol que chegam à terra, que transmitem a luz do sol ao planeta; são os intermediários entre Deus e a humanidade (Folheto *A Fé Bahá'í: uma introdução*).

5.13.5 O BAHÁISMO NA CONCEPÇÃO MUÇULMANA

P365 – Jesus, como os muçulmanos veem o bahaísmo?

J – Conforme os autores do DRCO (p.36), os muçulmanos geralmente consideram o bahaísmo como uma seita herética, principalmente porque os bahaístas colocaram um novo profeta (Bahá'u'lláh) no lugar de Maomé, pois, para o islã, como todos sabemos, não há outro Deus além de Alá, e Maomé é o seu profeta. Atitude semelhante ocorre também com o cristianismo ortodoxo em relação a outras revelações, por exemplo, ao rejeitar o mormonismo como um movimento herético, porque seu fundador e profeta, JOSEPH SMITH, alegou ter recebido as revelações sobrenaturais em adição à suposta “Revelação” exclusiva e definitiva revelada na Bíblia judaico-cristã.

O exclusivismo das revelações é uma constante na história das religiões, uma vez que cada religião acredita que é a última revelação de Deus à humanidade, o que não é verdade, pois, como já disse, Deus se revelou no passado, continua se revelando no presente e certamente continuará a se revelar no futuro, de acordo com o nível evolutivo da humanidade. É hora de as religiões acabarem com a pretensão exclusivista de serem a “revelação definitiva”, a “última revelação” de Deus à humanidade.

5.13.6 DIVERGÊNCIAS DOUTRINÁRIAS ENTRE O BAHÁISMO E O CRISTIANISMO CONVENCIONAL

P366 – Jesus, quais são as principais divergências doutrinárias entre o cristianismo tradicional e o bahaísmo?

J – Uma das principais divergências entre essas duas religiões é que a fé bahá'í é pluralista, enquanto a fé cristã dogmática é exclusivista. Outra grande diferença entre elas diz respeito ao fato de que entre os ensinamentos da fé bahá'í está a livre investigação da verdade religiosa, enquanto para o cristianismo mítico as verdades de fé são inquestionáveis. A fé bahá'í prega a harmonia entre a ciência e a religião, enquanto a fé cristã dogmática contradiz a ciência em muitos pontos (por exemplo, a fé na ressurreição da carne). A fé bahá'í é isenta de dogmas, enquanto a fé cristã ortodoxa é altamente dogmática. Os bahá'ís creem que todas as grandes religiões do mundo são de origem divina, enquanto os cristãos dogmáticos confessam que o cristianismo tradicional é a única fé verdadeiramente divina. Os bahaístas acreditam que todos os grandes mestres religiosos são “manifestações” do Criador, enquanto os cristãos exclusivistas sustentam o mito segundo o qual eu não sou apenas uma manifestação de Deus, mas sou a única

encarnação do próprio Deus. Em outros termos, para os bahaístas eu sou um dentre os muitos mensageiros de Deus, mas não sou o próprio Deus encarnado (cf. DER, verbete **Bahá'í**).

Se entre o cristianismo dogmático e o bahaísmo existem profundas divergências doutrinárias, há, por outro lado, semelhanças fundamentais entre o bahaísmo e o código de moral universal ensinado por mim (e por muitos outros profetas do além): ambos são pluralistas, ambos pregam a paz, a unidade, o amor e a fraternidade. Não é isso o que realmente importa para a convivência fraterna e pacífica entre todas as religiões?

5.14 CRISTIANISMO X MOVIMENTO NOVA ERA

P367 – Jesus, confrontemos agora brevemente o cristianismo com o Movimento Nova Era. O que é o Movimento Nova Era?

J – O Movimento Nova Era (em inglês *New Age*) – “o início da era de aquário” – apesar de ser hoje extremamente popular, é, contudo, difícil de ser definido porque não é uma instituição religiosa ou filosófica particular, nem uma doutrina específica, com um determinado fundador, com uma sede própria, como a maioria dos outros movimentos discutidos anteriormente. Poder-se-ia dizer que é um movimento religioso e filosófico, que surgiu por volta da década de 1970, nos Estados Unidos, e rapidamente espalhou-se por todo o mundo, sendo constituído por vários grupos, possuindo atualmente vários milhões de seguidores.

5.14.1 PRINCÍPIOS BÁSICOS DO MOVIMENTO NOVA ERA

P368 – Quais são os princípios básicos do Movimento Nova Era?

J – Os autores do DRCO definem o Movimento Nova Era “como uma ‘rede’ de organizações, ou, usando a frase de dois membros da Nova Era, Jessica Lipnack e Jeffrey Stamps, uma meta-rede de organizações autônomas, embora unidas” (p. 321). Segundo os mesmos autores (*ibid*), entre os princípios ou componentes básicos que formam a “rede” ou “meta-rede” do Movimento Nova Era estão os seguintes:

1. MONISMO
2. PANTEÍSMO
3. REENCARNAÇÃO E CARMA
4. RELIGIÃO UNIVERSAL
5. TRANSFORMAÇÃO PESSOAL E PLANETÁRIA.

5.14.2 PERSONALIDADES DO MOVIMENTO NOVA ERA

P369 – Jesus, quais são algumas das personalidades marcantes do Movimento Nova Era?

J – Entre as muitas personalidades marcantes do Movimento Nova Era, os autores do DRCO (p. 324-325) mencionam Shirley MacLaine, a grande estrela de Hollywood, autora de vários livros sobre esse Movimento, dentre os quais o *best-seller* – *Minhas Vidas* (MacLAINE, 1993); outra estrela do Movimento Nova Era, ainda segundo os mesmos autores, é o físico Fritjof Capra, com vários livros publicados, sendo os mais famosos, *O Tao da Física* (CAPRA, 1983), *O Ponto de Mutação* (CAPRA, 1999) e *A Teia da Vida* (CAPRA, 2000).

5.14.3 DIVERGÊNCIAS DOUTRINÁRIAS ENTRE O MOVIMENTO NOVA ERA E O CRISTIANISMO CONVENCIONAL

P370 – Quais são as principais divergências doutrinárias entre o Movimento Nova Era e o cristianismo institucional?

J – O Movimento Nova Era, no dizer dos teólogos católicos J. B. Libânio e Afonso Murad (LIBÂNIO & MURAD, 2001, p. 32), constitui um desafio para o cristianismo dogmático, porque a natureza da espiritualidade veiculada por esse movimento se distancia muito da visão cristã tradicional e entra em choque com suas teologias. Por isso, alegam os referidos teólogos católicos, “cabe encontrar diálogo aberto e crítico com tal movimento religioso” (ibid.).

Dom Estêvão Bettencourt descreve o Movimento da Nova Era indicando-lhe cinco notas distintivas: 1) **holismo ou organicidade do universo**; 2) **tônica nas religiões orientais**; 3) **esoterismo gnóstico**; 4) **terapêutica** (*tratamento das doenças do corpo e da alma*); 5) **otimismo** (BETTENCOURT, p. 147-149) (negritos do autor).

Na avaliação desse mesmo autor católico, o Movimento Nova Era é totalmente inconciliável com os dogmas do cristianismo tradicional, porque nega:

a transcendência de Deus, a distinção entre espírito e matéria, a existência do pecado, a divindade de Jesus Cristo, Deus feito homem, cai no relativismo e na perda de identidade da religião [que] vem ser o fim da mesma (ibid., p. 149).

5.14.4 O 'DEUS' DO MOVIMENTO NOVA ERA X O 'DEUS' DO CRISTIANISMO ORTODOXO

P371 – Jesus, que distinção existe entre o 'Deus' do Movimento Nova Era e o 'Deus' do cristianismo tradicional?

J – O sacerdote católico (espanhol) Felicísimo Martínez Diez avalia a religião e o 'Deus' do Movimento Nova Era, em contraste com a religião e o 'Deus' dos cristãos dogmáticos, nos seguintes termos:

A religião da Nova Era é uma religião sem Deus. Deus não está em outra parte nem é um Deus pessoal como é o Deus da revelação judaico-cristã ou o Deus de Jesus. Não há necessidade de se dirigir a ele, nem tem sentido fazê-lo, pois a salvação e a libertação não vêm de Deus, mas do próprio homem. Trata-se de uma autorredenção, de uma divinização de si mesmo. [...] Por isso a religião da Nova Era tem um caráter nitidamente individual. Seu objetivo final consiste em que o indivíduo tome consciência do divino que há nele ou que ele mesmo é. [...] Quando se contempla a religião da Nova Era da perspectiva cristã, percebem-se notáveis diferenças entre ela e a fé cristã (DIEZ, 1997, p. 78-79).

Entre os numerosos autores cristãos que criticam a Nova Era, quero mencionar também o escritor católico Aldo Natale Terrin (TERRIN, 1996), em seu livro *Nova Era: a religiosidade do pós-moderno*. Nas palavras desse autor, “a Nova Era é fundamentalmente gnóstica: é o conhecimento místico da realidade que nos salva; é panteísta: o mundo está ‘em Deus’; está impregnada de mística natural” (ibid., p. 40).

5.14.5 DOCUMENTO DA IGREJA CATÓLICA SOBRE O MOVIMENTO NOVA ERA

P372 – Jesus, como o Senhor avalia o documento da Igreja Católica sobre o Movimento Nova Era, lançado em 2003? (cf. PONTIFÍCIO CONSELHO DA CULTURA/PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO, 2003)

J – Esse documento, Pinheiro, aborda o confronto doutrinário entre o Movimento Nova Era e o catolicismo. Na realidade, esse documento não traz nenhuma novidade em relação à comparação doutrinária básica entre o cristianismo e o Movimento Nova Era, como apresentada até aqui por outros autores cristãos. Assim, as críticas do referido documento ao Movimento Nova Era giram quase sempre em torno da concepção de Deus: o 'Deus' da Nova Era não é o 'Deus' dos cristãos, sobretudo porque o Deus da Nova Era é *impessoal* e *imane*nte, enquanto o Deus dos cristãos

dogmáticos é *pessoal e transcendente, uno e trino*, o que, mais uma vez, corrobora minha tese segundo a qual, paradoxalmente, o conceito da divindade, que deveria ser fator de união entre todas as religiões, é realmente um dos maiores fatores de divisões e de brigas entre os credos religiosos, principalmente entre o cristianismo dogmático e mítico (“paulinismo”) e as religiões ou filosofias tradicionalmente não cristãs.

Além de rejeitar o panteísmo da Nova Era, o referido documento da Igreja Católica (em várias passagens) também alerta os católicos contra outros postulados básicos da Nova Era – todos julgados incompatíveis com os princípios do catolicismo – como:

- gnosticismo;
- evolucionismo;
- relativismo;
- monismo;
- esoterismo;
- holismo;
- o princípio holístico segundo o qual Deus reside dentro de nós;
- o princípio holístico da “unidade cósmica”: “Tudo é um”;
- a reencarnação;
- a autolibertação do ser humano;
- a preferência da Nova Era pelas religiões orientais e pré-cristãs;
- o objetivo de suplantar e superar as religiões particulares em favor de uma religião universal que tenha condições de unir toda a humanidade;
- o conceito de que Deus é a alma (a essência) do universo;
- a negação da minha suposta divindade (para a Nova Era, como já vimos, na linha de muitas religiões e/ou filosofias orientais, eu não sou a única, mas uma dentre as muitas manifestações do “Cristo universal e cósmico”).

Como estamos comprovando pela análise desse documento e pela opinião dos outros autores cristãos referidos, a ideologia do Movimento Nova Era é fortemente atacada pelos cristãos dogmáticos, por causa da incompatibilidade entre a visão de mundo do Movimento Nova Era e os dogmas do cristianismo tradicional, particularmente em relação ao conceito de Deus. Como vimos, os grupos que constituem a Nova Era, na linha da maioria das religiões e filosofias orientais, são monistas-panteístas, isto é, confundem Deus com a natureza. São igualmente criticados por sustentarem que, num nível mais profundo, **só há uma**

religião universal, a religião que nos une a Deus e ao próximo, a religião do amor. São ainda criticados por afirmarem que somos centelhas divinas e que Deus reside dentro de cada um de nós, quando o próprio apóstolo Paulo, considerado o verdadeiro fundador do “cristianismo dos cristãos”, como já vimos, afirmou a mesma verdade: “Não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito de Deus mora em vós”? (1Cor 3, 16). E eu mesmo, citando o Salmo 82,6, segundo o Evangelho de João (Jo 10, 34), afirmei aos judeus que, no aspecto *imane*nte da divindade, uma vez que o Espírito divino habita dentro de cada um de nós, “pois nele vivemos, nos movemos e existimos” (At 17,28), todos nós somos deuses e filhos de Deus, não no sentido literal (mas metafórico) dessas expressões: “Não está escrito em vossa lei: Eu disse: Sois deuses?”

Concluindo a resposta da presente pergunta, não temo em dizer que a maioria dos princípios fundamentais do Movimento Nova Era, como os de muitos outros movimentos semelhantes, são incompatíveis, sim, com os dogmas do cristianismo tradicional, mas não com as leis do código de moral universal que preguei, tais como a união, o amor, a paz, a solidariedade e a fraternidade.

O Movimento Nova Era, repito, caracteriza-se por ser uma visão holística do mundo, em que se procura unir ciência, filosofia e religião, como conhecimentos complementares, e não antagônicos. No pensamento do escritor Cláudio Azevedo, com o qual concordo plenamente, “essa visão holística seria a base para a implantação da verdadeira paz, em todos os níveis, do micro ao macrocosmo. Uma visão para o século XXI, uma NOVA ERA” (AZEVEDO, 2002, p. 225).

5.15 CRISTIANISMO X REENCARNACIONISMO

P373 – Jesus, vou fazer-lhe, no restante desta nossa quinta e última entrevista, várias perguntas sobre o “reencarnacionismo” em comparação com o cristianismo. O que é o “reencarnacionismo”?

J – O “reencarnacionismo” (ou a crença na “reencarnação”), Pinheiro, é a doutrina, comum a várias religiões e filosofias (antigas e modernas), que admite o renascimento da alma em um novo corpo físico. No dizer do escritor espírita L. Palhano Jr.,

trata-se da doutrina da pluralidade das existências corpóreas, do renascimento, das muitas vidas corpóreas sucessivas de que um Espírito necessita para aprender e aperfeiçoar-se, tanto na Terra como em outros planetas habitados do Universo (PALHANO, 1997, p. 315).

A “reencarnação” é um processo necessário de expiação e autorredenção do ser humano, isto é, como instrumento cármico de resgate de débitos contraídos em vidas anteriores e meio de evolução moral e intelectual do ser humano. Como disse, é uma crença antiquíssima, mas que, “em tempos recentes, encontra sempre mais adeptos também entre os cristãos” (WALDENFELS & KÖNIG, 1998, p. 460).

5.15.1 REENCARNAÇÃO X METEMPSICOSE

P374 – Jesus, “reencarnação” é o mesmo que “metempsicose”?

J – Em algumas crenças antigas, sim; não, porém, nas crenças modernas sobre a reencarnação. Como explica muito bem o escritor espírita L. Palhano Jr.,

metempsicose é a doutrina antiga da reencarnação que preconizava a transmigração da alma do homem para os animais e dos animais para o homem. Na doutrina moderna da reencarnação, os Espíritos rejeitam de maneira absoluta tal transmigração, porque ofende frontalmente a lei de evolução e do progresso, pois, uma vez que o Espírito avança em suas aquisições evolutivas, não mais retroage (PALHANO, 1997, p. 249).

5.15.2 A CRENÇA REENCARNACIONISTA NO JUDAÍSMO E NO CRISTIANISMO PRIMITIVO

P375 – Jesus, a crença na reencarnação era comum entre os judeus antigos e entre os cristãos da Igreja primitiva?

J – Com certeza. Embora a reencarnação não faça parte da literatura clássica judaica, ela é uma crença comum nos textos místicos judaicos da Cabala. No dizer de Brian L. Weiss, “a reencarnação e os planos intermediários são os princípios básicos da literatura cabalística, mas os judeus modernos não têm consciência disso” (WEISS, 1991, p. 140).

A crença na reencarnação era também bastante comum entre os judeus e os cristãos da minha época, o que pode ser comprovado por várias passagens do Novo Testamento, como a seguinte:

Chegando Jesus ao território de Cesareia de Filipe, perguntou aos discípulos: “Quem dizem os homens ser o Filho do Homem?” E eles disseram: “Uns afirmam que é João Batista, outros que é Elias, outros, ainda, que é Jeremias ou um dos profetas”. Então ele lhes perguntou: “E vós, quem dizeis que eu sou?” (Mt 16, 13-15)

Está mais do que claro que a hipotética resposta dos discípulos a essa pergunta demonstra a sua firme crença na reencarnação. Para uns, eu era a reencarnação de João Batista; para outros, a reencarnação de Elias; para outros, a reencarnação de Jeremias e para outros, ainda, a reencarnação de algum dos profetas.

Eu mesmo, na interpretação espírita de algumas passagens evangélicas, como em Mateus (Mt 17, 10-13), afirmei que João Batista era o profeta Elias reencarnado. E em João (Jo 3, 1-10), eu disse que para entrar no Reino de Deus é preciso “nascer de novo”, isto é, “reencarnar”. A tradução “nascer do alto” – adotada pela *Bíblia de Jerusalém* – fica totalmente sem nexo em face da pergunta de Nicodemos (cf. Jo 3, 4): “Como pode um homem nascer, sendo já velho? Poderá entrar uma segunda vez no seio de sua mãe e (re)nascer?”

A interpretação cristã tradicional desses versículos joaninos tem obviamente o objetivo de negar que eu, os judeus e os cristãos de minha época éramos reencarnacionistas, pois a crença na reencarnação, como já vimos, é radicalmente inconciliável com os principais dogmas ou mitos do cristianismo institucional (cf. SOUZA, 2007, cap. 8, p. 175-179).

Esses dados históricos comprovam indiscutivelmente, como afirma Sanderfur (1988, p. 38.), que a crença na reencarnação era bem difundida no judaísmo antigo e nos primórdios do pensamento cristão. É certo também que a seita judaica dos essênios era tipicamente reencarnacionista (cf. LEWIS, 1997, p. 51-66). Essas verdades, porém, não interessam aos cristãos de “fé-crença cega”. Nesse sentido, tem muita razão o padre e teólogo católico François Brune – defensor da comunicabilidade entre os “vivos” e os “mortos” – quando afirma em seu livro *Os Mortos nos Falam*, que “cada um não acredita senão no que quer acreditar. Os motivos da ciência ou da razão estão longe de ser os mais profundos e os mais decisivos” (BRUNE, 1994, p. 27).

A crença reencarnacionista, como ressaltai em nossa Entrevista nº 3, era defendida no cristianismo primitivo por ilustres cristãos e famosos escritores, como Clemente de Alexandria e Orígenes, padres e teólogos da Igreja Oriental do século III, radicados em Alexandria. As ideias reencarnacionistas de Orígenes foram condenadas, primeiramente, num édito do imperador Justiniano (527-565) e, em seguida, no Sínodo de Constantinopla (543), convocado pelo patriarca Menas de Constantinopla, a pedido do imperador Justiniano, conforme nos esclarece o escritor José Reis Chaves nos seguintes termos:

Em 543, Justiniano publicou um édito em que expunha e condenava as principais ideias de Orígenes, sendo uma delas a da preexistência. Em seguida à publicação do citado édito, Justiniano determinou ao patriarca Menas de Constantinopla que convocasse um sínodo (pequena assembleia de alguns bispos de uma região), convidando os bispos para que votassem em seu édito, condenando dez anátemas dele constantes e contra Orígenes. A principal cláusula, ou anátema, que nos interessa é a da condenação da preexistência que, em síntese, é a seguinte: “Quem sustentar a mítica crença na preexistência da alma e a opinião, conseqüentemente estranha, de sua volta, seja anátema”. [...] Do sínodo citado se conclui que a **reencarnação foi condenada**, pois ele condenou a preexistência do espírito, e, como vimos, não há reencarnação sem preexistência do espírito (CHAVES, 2006a, p. 232-233; 237-238) (negrito meu).

5.15.3 A REENCARNAÇÃO E OS DOGMAS OU MITOS CRISTÃOS

P376 – Jesus, é verdade mesmo que não há qualquer possibilidade de conciliar a crença na reencarnação com os dogmas ou mitos básicos do cristianismo tradicional?

J – Sim, é verdade. A crença na reencarnação é radicalmente inconciliável com pelo menos dez dogmas ou mitos básicos do cristianismo tradicional (cf. SOUZA, 2007, p. 175-180):

- 1) o mito da unicidade da existência no plano físico;
- 2) o mito da criação da alma no momento da concepção;
- 3) o mito da ressurreição da carne;
- 4) o mito do inferno eterno;
- 5) o mito do pecado original;
- 6) o mito do batismo;
- 7) o mito do juízo final;
- 8) o mito da redenção pelo meu sangue derramado na cruz;
- 9) o mito da confissão;
- 10) o mito do perdão dos pecados.

Esses dogmas ou mitos básicos do cristianismo ortodoxo, particularmente o da unicidade da existência humana no plano físico e o da criação da alma no momento da concepção, não explicam as aparentes injustiças da vida: bondade e maldade, sucesso e insucesso, riqueza e pobreza, saúde e doença, visão e cegueira, ignorância e genialidade etc. Se as almas são criadas no momento da concepção e têm uma só existência no plano físico, conforme a crença mítica da maioria dos cristãos, como se explicariam essas aparentes injustiças por parte de Deus, ao criar uns com perfeita saúde e outros cegos,

surdos, mudos ou aleijados desde o nascimento? Somente a reencarnação oferece uma explicação racional para essas aparentes injustiças por parte de Deus.

5.15.4 A REENCARNAÇÃO E O PROGRESSO DA HUMANIDADE

P377 – Jesus, sem a reencarnação, como se explicaria o progresso da humanidade?

J – Sem a reencarnação, Pinheiro, como argumenta convincentemente Allan Kardec (cf. KARDEC, *a Gênese*, cap. 11, n. 33), não se explicaria o progresso incontestável pelo qual vem passando a humanidade desde os tempos primitivos até os dias atuais. Sem essa doutrina, como se explicaria o fato de que os seres humanos deste século são muito mais evoluídos do que aqueles que nasceram nos tempos primitivos da humanidade? Se não existisse a reencarnação, ou seja, se houvesse uma só existência na Terra, seríamos todos seres humanos primitivos. Sem dúvida alguma, esse é um dos mais convincentes argumentos a favor da reencarnação.

5.15.5 A REENCARNAÇÃO E O MITO DO INFERNO ETERNO

P378 – Jesus, por favor, explique por que o mito do inferno eterno não se sustém diante da filosofia reencarnacionista.

J – Como apropriadamente argumenta Pietro Ubaldi,

a teoria do inferno eterno, considerada sem paixão, com a finalidade não de concluir a favor de uma religião ou de outra, mas apenas de conhecer a verdade, não se sustém diante da teoria reencarnacionista, ainda que possa ser aplicada como um terrorismo psicológico, produto de tempos ferozes, necessário para gente feroz (UBALDI, 1986, p. 184-188).

5.15.6 A REENCARNAÇÃO E A CIÊNCIA CONTEMPORÂNEA

P379 – Jesus, existe alguma relação entre a reencarnação e a ciência contemporânea?

J – Sim. O mesmo filósofo Pietro Ubaldi, há pouco referido, também relaciona a reencarnação com a ciência, particularmente com a Psicanálise de Freud, argumentando que

Freud, sem o querer dirigiu seus primeiros passos para levar a pesquisa psicológica positiva ao terreno da reencarnação. Fixando e aplicando o conceito do subconsciente, Freud afirmou e demonstrou a existência de

uma atividade espiritual que se não pôde exaurir na vida atual, mesmo se ele não ultrapassou o limiar desta (UBALDI, 1986, p. 188).

Ubaldi mostra com muita lógica como a teoria psicanalítica de Freud desemboca nas vidas anteriores:

De qualquer modo, Freud inaugurou um sistema que, levado apenas um pouco mais para trás, leva-nos à vida precedente. Ora, é um fato que, se com a psicanálise, com a pesquisa para a explicação dos traumas psíquicos e depois pelo dismantelo das posições psicológicas erradas, andamos para trás até a meninice e o nascimento, podem ainda existir traumas e posições tão profundamente congênitas que, para conhecê-las e corrigi-las, precisaria remontar até suas raízes, que são tão profundas, que só podem ser chamadas na vida anterior ao nascimento. Trata-se de casos de que, nem mesmo a vida dos pais ou avós nos mostra conter as causas, e que se apresentam como fato pessoal do sujeito, cujas origens não podem, pois, achar-se senão em sua vida individual antes do nascimento, desde que não sejam achadas na atual (UBALDI, *ibid.*, p. 214).

5.15.7 UNICIDADE DA EXISTÊNCIA E DESIGUALDADES HUMANAS

P380 – Jesus, gostaria que o Senhor voltasse a explicar mais detalhadamente por que a teoria da “unicidade da existência” no plano físico não explica as desigualdades humanas.

J – Conforme argumenta muito bem o escritor espírita Jayme Andrade (ANDRADE, 1995, p. 155-156), a ideia da unicidade da existência na Terra, ou seja, de uma só existência aqui neste planeta (como defendem os cristãos tradicionais), deixaria sem explicação a enorme diversidade intelectual, moral e social entre os seres humanos: por que as pessoas manifestam diferentes graus de inteligência? Por que umas nascem em berço esplêndido, enquanto outras morrem de fome ainda na infância ou até mesmo no ventre da mãe? Por que umas nascem perfeitamente saudáveis e fisicamente perfeitas, enquanto outras já nascem doentes e defeituosas? Por que muitas pessoas são moralmente boas e humildes desde a infância, enquanto outras já nascem depravadas e arrogantes? É um absurdo dizer que tudo isso acontece por vontade de Deus. Como explicar todas essas chocantes desigualdades entre as pessoas, sem admitir a reencarnação como meio de resgate de débitos contraídos em vidas passadas e como instrumento de evolução espiritual do ser humano? Todas essas anomalias só encontram uma explicação lógica na doutrina da reencarnação (cf. ANDRADE, *ibid.*, p.158).

5.15.8 UNICIDADE DA EXISTÊNCIA E EVOLUÇÃO

P381 – Jesus, é verdade que a teoria da unicidade da existência humana no plano físico é incompatível com o conceito de evolução?

J – Claro que sim. O objetivo principal da existência humana no plano físico é evoluir moral e intelectualmente. Mas, como pode uma pessoa atingir sua evolução intelectual e moral numa única existência nessa dimensão da vida? Por conseguinte, a doutrina da unicidade da existência humana não consegue dar uma explicação satisfatória ao conceito de evolução. Evolução, sobretudo em sua dimensão moral, é um processo muito lento e, por isso, exige muitas (re)encarnações. A essa altura, alguém poderia perguntar por que o ser humano deste planeta evoluiu até agora muito mais intelectual do que moralmente, e eu lhe responderia, prontamente, que o ser humano deste planeta evoluiu até agora muito mais intelectual do que moralmente, porque ainda não aprendeu a vivenciar o amor (cf. ANDRADE, 1995, p. 158).

5.15.9 REENCARNAÇÃO E TERAPIAS DE VIDAS PASSADAS

P382 – Jesus, atualmente, são comuns as experiências de laboratórios que realizam as chamadas TVPs (Terapias de Vidas Passadas), que não deixam de ser fortes evidências científicas a favor da reencarnação. Não é verdade?

J – Com certeza. Todos sabemos, Pinheiro, que estão se tornando cada vez mais comuns atualmente as experiências de laboratórios que realizam as chamadas TVPs (Terapias de Vidas Passadas), mostradas em vários programas de televisão (por exemplo, no *Globo Repórter* da Rede Globo de Televisão, que foi ao ar no dia 13.09.2002), em que o indivíduo, relativamente lúcido, recua nos depósitos de suas memórias e reencontra os clichês de suas vidas pretéritas, nas quais estão as causas de suas anomalias mentais e físicas atuais. As TVPs, além de serem instrumentos de cura, são também indubitavelmente fortes provas científicas a favor da reencarnação. As TVPs são hoje muito usadas como instrumento de cura nas psicoterapias da Psicologia Transpessoal (cf. TABONE, 2003, p. 60-61).

5.15.10 REENCARNAÇÃO, JUSTIÇA E MISERICÓRDIA DIVINAS

P383 – Jesus, por que somente a reencarnação é compatível com a justiça e a misericórdia divinas?

J – Somente a reencarnação é compatível com a justiça e a misericórdia divinas, porque Deus, sendo justo, não pode deixar impunes aqueles que livremente desrespeitam suas leis. Daí, a necessidade do resgate, da reparação. Deus, por outro lado, sendo infinitamente sábio e misericordioso, não iria criar um filho amado com a possibilidade de condená-lo a um castigo eterno. Deus não seria infinitamente inteligente e bom se tivesse criado seres humanos para vê-los eternamente infelizes. Como já disse, sendo Deus, em nossa linguagem figurada (analogica/metafórica), “pai” (e “mãe”), é inconcebível que ele vivesse alegre e feliz no céu contemplando um filho seu eternamente infeliz no inferno.

5.15.11 ADEPTOS DA REENCARNAÇÃO NO MUNDO

P384 – Jesus, quantos e quais são (aproximadamente) os adeptos da crença reencarnacionista no mundo?

J – Segundo Van Praagh, “dois terços da população mundial acreditam em reencarnação, o renascimento da alma em um novo corpo físico” (Van PRAAGH, 1999, p. 100). Idêntica convicção é expressa por Helena Petrovna Blavatsky (BLAVATSKY, 2000, p. 562-563).

De fato, inúmeras são as pessoas e correntes de pensamento (incluindo religiões, seitas, filosofias, povos antigos, ciências esotéricas etc.) que creem na reencarnação (também chamada de *palingenesia*). Várias delas serão listadas a seguir, a título de exemplificação:

1. Albigenses
2. Alquimia
3. Animismo
4. Antroposofia (fundada pelo austríaco Rudolf Steiner)
5. Arte Mahikari
6. Assírios
7. Astrologia
8. Bramanismo
9. Budismo
10. Caldeus
11. Candomblé
12. Cátaros
13. Cientologia
14. Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento
15. Conscienciologia
16. Cristãos Gnósticos
17. Cultura Racional
18. Ebonitas (seita da igreja cristã primitiva)

19. Egípcios antigos
20. Elcasaítas (seita da igreja cristã primitiva)
21. Espiritismo
22. Esoterismo
23. Essênios
24. Gnósticos
25. Gregos antigos (Pitágoras, Sócrates, Platão, Plotino etc.)
26. Hare Krishna
27. Hinduísmo
28. Igreja Messiânica Mundial (Johrei)
29. Jainismo
30. Judaísmo cabalístico (cf. WEISS, 1991, p. 140)
31. LBV (Legião da Boa Vontade)
32. Maniqueísmo (religião fundada por Mani)
33. Mazdeísmo (uma facção, os *parses*; cf. ANDRADE, 1999, p. 63)
34. Meditação Transcendental
35. Meninos de Deus
36. Monismo Ubaldista (do filósofo italiano Pietro Ubaldi)
37. Nova Era
38. Numerologia
39. Ocultismo
40. Ordem Rosacruz
41. Osho
42. *Perfect Liberty*
43. Projeciologia
44. Psicologia Transpessoal
45. Psicologias Esotéricas
46. Racionalismo Cristão
47. Reiki
48. Religiões politeístas
49. Seicho No Iê
50. Siquismo (ou sikhismo)
51. Tarô
52. Teosofia
53. Umbanda
54. Vale do Amanhecer
55. Vários judeus à época do cristianismo primitivo
56. Vários padres e teólogos do cristianismo primitivo (ex.: Orígenes e Clemente de Alexandria)
57. Vedismo
58. Xamanismo (cf. HARNER, 1995, p. 15)
59. Yoga
60. Zoroastrismo (cf. JOMANO, p. 74)

5.15.12 OBJEÇÕES À REENCARNAÇÃO

P385 – Jesus, antes de finalizarmos esta nossa última entrevista, gostaria que o Senhor, como reencarnacionista convicto, respondesse brevemente a **14 objeções** comuns dos cristãos dogmáticos à reencarnação.

J – Com muito prazer. Sempre fui reencarnacionista, embora os cristãos dogmáticos neguem essa verdade fundamental de meus ensinamentos. Pode iniciar as objeções.

OBJEÇÃO Nº 1:

P386 – Como é possível, alegam os cristãos antirreencarnacionistas, nas palavras de Jayme Andrade, que “no fim dos tempos estejam reunidos Gabriel e Satanás, Paulo e Caifás, as virgens com as prostitutas...?” (ANDRADE, 1995, p. 206)

J – Sem dúvida alguma, todos chegarão um dia ao estado de angelitude, pois “Deus quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade” (1Tm 2, 4) e, “se ele quer, assim há de cumprir-se” (ANDRADE, *ibid.*).

OBJEÇÃO Nº 2:

P387 – Mas se é verdade que todos devemos chegar um dia ao estado de angelitude, não há necessidade de nos privarmos dos prazeres da vida. Podemos, então, fazer tudo.

J – É verdade. Deus concede o livre-arbítrio para que o homem escolha, livremente, tudo o que desejar fazer ao longo de suas inúmeras (re)encarnações. O plantio é livre, mas a colheita é obrigatória. Logo, quem planta o bem colhe o bem, mas quem planta o mal será obrigado a colher o mal ao longo de sua caminhada evolutiva. Aquele que desejar acelerar a sua evolução deverá obviamente fazer de tudo para plantar só o bem nas múltiplas oportunidades reencarnatórias que Deus lhe oferece.

OBJEÇÃO Nº 3:

P388 – Que adianta reencarnar para sofrer, se não podemos lembrar a causa de nossos sofrimentos?

J – É melhor esquecer temporariamente a causa do sofrimento, pois a lembrança de nossos delitos cometidos em vidas passadas nos faria sofrer muito mais. Imaginem a perturbação de um esposo, ao tomar

conhecimento de que numa encarnação passada teria sido o assassino de sua atual esposa.

OBJEÇÃO Nº 4:

P389 – Por que reencarnar neste plano físico, para expiar as faltas cometidas, quando elas poderiam ser expiadas nos planos superiores?

J – Não podemos permanecer e aprender nos reinos superiores enquanto não tivermos dominado as lições da escola primária. É impossível mandar uma criança ao jardim de infância num dia e ao colégio no dia seguinte. A criança deve voltar ao jardim de infância dia após dia, e frequentar anos inteiros as escolas de primeiro e segundo graus, até que tenha condições de entrar na Faculdade.

OBJEÇÃO Nº 5:

P390 – Jesus, como pode haver reencarnação, se o apóstolo Paulo afirma na Carta aos Hebreus (Hb 9,27) que “os homens devem morrer uma só vez”?

J – Este famoso versículo da Carta aos Hebreus tem sido frequentemente usado por católicos e protestantes como argumento forte e definitivo contra a reencarnação. De fato, se tomado ao pé da letra, e sem uma análise mais profunda, o versículo parece colocar um ponto final na discussão sobre a reencarnação. Entretanto, quando o autor da Carta aos Hebreus afirma que “os homens devem morrer uma só vez”, ele certamente não se refere ao espírito (ou alma), mas à parte material do homem, seu corpo físico, o único que, de fato, “só morre uma vez”, pois o espírito (ou alma) é imortal. Por conseguinte, o presente versículo em nada se relaciona com a negação da reencarnação.

OBJEÇÃO Nº 6:

P391 – Jesus, os cristãos antirreencarnacionistas e outros adversários da reencarnação também alegam que, durante sua crucificação, o Senhor assegurou ao ladrão arrependido que ele estaria no Paraíso com o Senhor naquele mesmo dia: “Em verdade, eu te digo, hoje estarás comigo no Paraíso” (Lc 23,43),

coisa que pela suposta lei da reencarnação não aconteceria, dada sua condição de salteador, tendo de padecer muito e passar por sucessivas encarnações para redimir-se dos erros, até que finalmente pudesse entrar no paraíso (RINALDI & ROMEIRO, 1999, p. 163).

J – Pinheiro, este versículo evangélico é de autenticidade duvidosa. Além disso, conforme atestam vários estudiosos, ele foi mal traduzido e mal interpretado, podendo ter várias leituras, dentre as quais as que dizem: 1) “Em verdade te digo: hoje estarás comigo no Paraíso”; 2) “Em verdade te digo hoje: estarás comigo no Paraíso”; 3) “Em verdade te digo hoje que estarás comigo no Paraíso” etc. Como no original não havia vírgulas, o versículo se presta a diferentes e duvidosas interpretações. Conforme esclarecem, com muita razão, os pesquisadores do Seminário de Jesus, este versículo é inautêntico, ou seja, é palavra de Lucas – e não minha palavra. Além do mais, essa é a única vez em que o termo “paraíso” aparece nos Evangelhos como sendo palavra dita por mim (cf. FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, p. 397). Por conseguinte, não podemos nos apoiar em um único versículo evangélico e de duvidosa autenticidade (que se presta a diferentes leituras) para negar a reencarnação.

OBJEÇÃO Nº 7:

P392 – Jesus, os cristãos tradicionais alegam que a Bíblia não fala de “reencarnação”, mas de “ressurreição”.

J – Conforme já esclareci (cf. temas 4.72 e 5.15.2), a “reencarnação” fazia parte das crenças judaicas sob o nome de “ressurreição”, termo que tem pelo menos quatro sentidos na Bíblia, o último dos quais significa “reencarnação”. Eu mesmo, em Mateus (Mt 17, 10-13), afirmei que João Batista era o profeta Elias reencarnado. E em João (Jo 3, 1-10), eu disse que, para entrar no Reino de Deus, é preciso “nascer de novo”, isto é, “reencarnar”. A tradução “nascer do alto” – adotada pela *Bíblia de Jerusalém* – fica totalmente sem nexo em face da pergunta de Nicodemos (cf. Jo 3, 4): “Como pode um homem nascer, sendo já velho? Poderá entrar uma segunda vez no seio de sua mãe e (re)nascer?” Para os que afirmam que a Bíblia não fala de “reencarnação”, recomendo a leitura do livro do escritor José Reis Chaves, *A Reencarnação na Bíblia e na Ciência* (CHAVES, 2006a).

OBJEÇÃO Nº 8:

P393 – Jesus, os cristãos antirreencarnacionistas costumam também fazer-nos a seguinte objeção: Como podia João Batista ser a reencarnação de Elias, se o próprio João Batista (cf. Jo 1,21) negou tal suposição?

J – João Batista não podia saber que era a reencarnação de Elias, porque, como foi dito na resposta da objeção nº 3, o espírito reencarnado normalmente não se lembra de suas encarnações passadas.

OBJEÇÃO Nº 9:

P394 – Jesus, os cristãos antirreencarnacionistas alegam que o Senhor, na parábola do mau rico e o pobre Lázaro (Lc 16, 19-31), contesta abertamente a possibilidade de arrependimento e perdão, passados os umbrais da eternidade. Na crítica do Frei Boaventura Kloppenburg, o Senhor “ao menos nesta parábola, não era reencarnacionista, nem espírita, nem esoterista” (KLOPPENBURG, p. 104-105).

J – Pinheiro, você deve saber muito bem que, conforme atestam apropriadamente os pesquisadores do Seminário de Jesus (cf. FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, p. 361), essa parábola não é de minha autoria, ou seja, eles negam corretamente que ela tenha sido relatada por mim, pelas seguintes razões: 1) histórias de ricos e pobres cujos destinos se invertem após a morte são comuníssimas na literatura do Oriente Próximo; 2) em nenhuma outra parábola autenticamente narrada por mim as personagens recebem nomes próprios e 3) a atenção dada aos pobres é uma característica particular de Lucas.

Por conseguinte, quem se baseia na “fé raciocinada” não pode chegar com segurança à mesma conclusão a que facilmente chegou o Frei Boaventura Kloppenburg, ao afirmar que eu, “ao menos nesta parábola, não era reencarnacionista, nem espírita, nem esoterista...”, pois, como indicam as evidências científicas, a referida parábola não é palavra minha, mas de Lucas. O engano desse e de todos os demais adversários da reencarnação é achar que tudo o que está escrito na Bíblia é autêntico, por ser “Palavra de Deus”.

OBJEÇÃO Nº 10:

P395 – Jesus, os cristãos antirreencarnacionistas também alegam que o Senhor, na parábola de misericórdia do Filho Pródigo (Lc 15, 12-31), contesta abertamente a reencarnação, uma vez que o Pai dessa parábola, representando Deus, perdoa todos os pecados de seu filho pecador e o recebe em seu lar (que representa o céu) com festas, músicas e danças. Como conciliar essa misericórdia divina (que perdoa

todos os pecados de alguém e o recebe em seu lar, no céu) com a doutrina da reencarnação?

J – Pinheiro, essa parábola não pode ser interpretada ao pé da letra, mas alegoricamente, conforme atestam apropriadamente os pesquisadores do Seminário de Jesus (cf. FUNK, HOOVER & THE JESUS SEMINAR, p. 357). Eles explicam, em primeiro lugar, que essa parábola foi criada por Lucas para expressar os temas centrais de todo o seu Evangelho: a misericórdia e o arrependimento; em segundo lugar, essa parábola segue o estilo alegórico predileto do movimento cristão primitivo: o Pai representa Deus, o filho mais jovem representa os pagãos, enquanto o filho mais velho representa os judeus ou os fariseus. Uma vez que esta parábola se presta muito bem para expressar essa interpretação alegórica e para ajustar-se aos objetivos temáticos e estruturais do Evangelho de Lucas, os pesquisadores do Seminário de Jesus sustentam que ela foi provavelmente criada pela Igreja primitiva.

OBJEÇÃO Nº 11:

P396 – Os adversários da reencarnação costumam fazer-nos também a seguinte objeção: se existe a reencarnação, como explicar o fenômeno do crescente aumento populacional no planeta Terra? Não são as mesmas almas que retornam em novos corpos físicos?

J – Pinheiro, você deve saber muito bem que, como ensina a revelação espírita, a Terra não é o único planeta habitado. Existe uma pluralidade de mundos habitados e os seus habitantes praticam a solidariedade, de tal modo que haja intercâmbio reencarnatório (verdadeira imigração) entre os mundos habitados, ou seja, espíritos de um determinado mundo podem reencarnar-se em outros mundos, o que explica o fenômeno do crescente aumento populacional no planeta Terra.

OBJEÇÃO Nº 12:

P397 – Se existe a reencarnação, alegam os cristãos antirreencarnacionistas, como entender as inúmeras passagens bíblicas sobre penas eternas?

J – Conforme elucidai em nossa última entrevista (cf. tema 4.64), a expressão “inferno eterno” é pura questão de linguagem figurada. A palavra “eterno” pode ter diversos sentidos, podendo significar não somente “aquilo que não tem fim”, como também “algo de duração imprecisa ou indefinida” ou “algo de longa duração”. Como já falei, a filosofia

reencarnacionista não admite “penas eternas”, no sentido de sofrimentos que não têm fim, porque essa crença contradiz frontalmente a sabedoria e a bondade de Deus, que é definido como Pai e amor. Como poderia Deus – que é Pai e Mãe – viver feliz no céu contemplando seus filhos sofrendo eternamente no inferno?

OBJEÇÃO Nº 13:

P398 – Jesus, os cristãos ortodoxos alegam que, no encontro com Nicodemos (Jo 3,1-10), o Senhor, ao contrário da interpretação dos reencarnacionistas, não falou (cf. Jo 3, 7) que devemos “nascer de novo” (isto é, que devemos **reencarnar**), para entrar no Reino de Deus, mas sim, que devemos “nascer do alto”, ou seja, que devemos “nascer da água e do Espírito” (Jo 3,5) – “alusão ao batismo e à sua absoluta necessidade” – (*A Bíblia de Jerusalém*, Jo 3,5, nota z). Como o Senhor responde a essa objeção antireencarnacionista dos cristãos históricos?

J – Em primeiro lugar, quero reafirmar, conforme esclareci anteriormente, que, em João (Jo 3, 1-10), eu disse que, para entrar no Reino de Deus, é preciso “nascer de novo”, isto é, “reencarnar”. A tradução “nascer do alto” – adotada pela *Bíblia de Jerusalém* – fica totalmente sem nexo em face da pergunta de Nicodemos: “Como pode um homem nascer, sendo já velho? Poderá entrar uma segunda vez no seio de sua mãe e (re)nascer?” (Jo 3, 4)

Em segundo lugar, quero esclarecer, com Allan Kardec, o sentido de “água” e “Espírito” na expressão bíblica ora examinada “nascer da água e do Espírito” (Jo 3,5):

Para compreender o verdadeiro sentido dessas palavras, é necessário reportar à significação da palavra água, que não foi empregada em sua acepção própria. Os antigos tinham conhecimentos imperfeitos sobre as ciências físicas, e acreditavam que a Terra havia saído das águas. Por isso, consideravam a água como o elemento gerador absoluto. É assim que encontramos no Gênesis: “O Espírito de Deus era levado sobre as águas”, “flutuava sobre as águas”, “que o firmamento seja feito no meio das águas”, “que as águas que estão sob o céu se reúnam num só lugar, e que o elemento árido apareça”, que a água produza a terra e debaixo do firmamento”. Conforme essa crença, a água tornara-se o símbolo da natureza material, como o Espírito o era da natureza inteligente. Estas palavras: “Se o homem não renasce da água e do Espírito, ou em água e em Espírito”, significam, pois: “Se o homem não renasce com seu corpo e sua alma.” Neste sentido é que foram compreendidas no princípio. Essa

interpretação, aliás, está justificada por estas outras palavras: *o que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é Espírito.*[...] *O que é nascido da carne é carne*, indica claramente que só o corpo procede do corpo, e que o Espírito é independente do corpo (KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. 4.8).

Em suma, a expressão “nascer da água e do Espírito” significa “nascer de novo” (**reencarnar**), e não “nascer do alto” (Jo 3,5) – “alusão ao batismo e à sua absoluta necessidade” – (*A Bíblia de Jerusalém*, Jo 3,5, nota z).

OBJEÇÃO Nº 14:

P399 – Como aceitar a reencarnação, alegam os cristãos tradicionais, se essa crença rejeita o dogma cristão da “salvação” ou “redenção” da humanidade pelo seu sangue derramado na cruz?

J – É verdade que a filosofia reencarnacionista rejeita o mito da salvação ou redenção da humanidade pelo meu sangue derramado na cruz. Para mim, bem como para todos os demais espiritualistas reencarnacionistas, como já esclareci (cf. tema 4.62), “salvação” significa “libertação” e “evolução espiritual” do ser humano através da prática do amor em múltiplas (re)encarnações neste e em outros planetas.

Como já falei, para nós (reencarnacionistas), a palavra-chave não é “salvação” (nem “redenção”), mas “evolução”. Esses dois termos são bem distintos: “salvação” é algo que vem de fora, enquanto “evolução” é algo que vem de dentro; “salvação” é libertação concedida pela fé em um “salvador” externo ao indivíduo; “evolução” é desenvolvimento de nossas potencialidades divinas, é nosso aperfeiçoamento espiritual, gradativo, realizado por nós mesmos ao longo de nossas múltiplas existências na matéria. Deus não nos criou “árvores”, mas “sementes” para que nós as façamos germinar e desenvolver frutos: amor, inteligência, honestidade, humildade, caridade, perdão, fraternidade, justiça etc. A “evolução”, ao contrário da “salvação”, depende de nosso trabalho individual e coletivo para chegarmos à perfeição. Só com muita luta e esforço, conseguiremos, gradativamente, nosso desenvolvimento espiritual, enquanto a “salvação” é de graça, dada de uma vez por todas. Basta “crer” para recebê-la ou basta arrepender-se dos “pecados” para ganhar o céu e livrar-se do inferno eterno.

Quero concluir minhas respostas às **14 objeções** à reencarnação, reafirmando, com Allan Kardec (cf. KARDEC, *a Gênese*, cap. 11, n. 33),

que, sem a reencarnação, não se explicaria o progresso incontestável pelo qual vem passando a humanidade desde os tempos primitivos até os dias atuais. Se não existisse a reencarnação, ou seja, se houvesse uma só existência na Terra, seríamos todos seres humanos primitivos. Sem dúvida alguma, como já afirmei, mas convém repetir, esse é um dos mais convincentes argumentos a favor da reencarnação.

5.15.13 REENCARNAÇÃO X RESSURREIÇÃO

P400 – Jesus, chegamos ao final de nossas cinco entrevistas. Quero agradecer-lhe imensamente por ter aceitado participar dessas reflexões ecumênicas e macroecumênicas. Minha última pergunta repetitiva é esta: afinal, é possível conciliar “reencarnação” com “ressurreição”, no sentido cristão literal e dogmático de “ressurreição da carne”, isto é, no sentido de um espírito desencarnado retornar a viver com o mesmo corpo físico que tinha antes de morrer?

J – Antes de responder a esta última pergunta, quero dizer-lhe, Pinheiro, que fiquei muito feliz em poder participar como seu entrevistado e em poder responder-lhe a todas as 400 perguntas que você me fez sobre vários temas religiosos, a maioria dos quais bastante polêmicos. Oxalá, os leitores de nossas entrevistas possam refletir, à luz da “fé raciocinada” e da “racionalidade comunicativa”, sobre os vários assuntos discutidos e cheguem, através do diálogo, a um maior aprofundamento no conhecimento de verdades religiosas ou filosóficas.

Respondendo agora à sua última pergunta, Pinheiro, quero reafirmar-lhe que é impossível conciliar “reencarnação” com “ressurreição” (no sentido cristão literal, dogmático e mítico de “ressurreição da carne”), uma vez que são crenças frontalmente opostas. Ambas podem ser igualmente falsas, mas ambas não podem ser igualmente verdadeiras e, logicamente, ninguém pode crer tanto em **reencarnação** quanto em **ressurreição**. Minha opção de crença é pela reencarnação, por ser a alternativa que mais se coaduna com a ciência, com a “fé raciocinada”, com as desigualdades entre os seres humanos, com a justiça e a misericórdia divinas e com a maioria das crenças religiosas e filosóficas do mundo.

Como argumentei também em nossa quarta entrevista (cf. tema 4.48), não há “ressurreição dos mortos”, pois ninguém morre. O homem, na sua essência – que é alma ou espírito – é imortal. O que morre (ou melhor, o que se transforma) é apenas o corpo físico.

Convém lembrar (cf. tema 4.72) que o termo “ressurreição” tem, no mínimo, quatro sentidos na Bíblia judaico-cristã:

- 1) a volta à vida de um espírito desencarnado no mesmo corpo físico que tinha antes de morrer. É este sentido bíblico de “ressurreição” que é inteiramente incompatível com o de “reencarnação” (o “regressar” do espírito em novo corpo físico);
- 2) o ressurgimento do espírito para o plano espiritual, ou seja, a passagem de nossa vida do plano físico para o plano espiritual, após a morte do nosso corpo físico; nesse sentido, todos nós “ressuscitamos”;
- 3) a aparição de espíritos “desencarnados” pela vidência ou pelas “materializações” (o que tem ocorrido, por exemplo, em sessões espíritas e o que ocorreu comigo nos relatos de minhas aparições como “materializado”, após o meu “desencarne” – pois, nesse sentido, todos nós podemos “ressuscitar”) e
- 4) o “regressar” do espírito em novo corpo físico pelo processo da “reencarnação”, impropriamente designado em algumas passagens da Bíblia pelo termo “ressurreição”; nesse sentido, todos nós “ressuscitamos”, isto é, “reencarnamos”.

Mas quero reafirmar, Pinheiro, que não é a “crença” em “ressurreição” ou em “reencarnação” (ou em qualquer outro princípio religioso ou filosófico) que faz alguém ser melhor que outro, ou mais feliz que outro. O que torna as pessoas felizes é a prática do amor e, vice-versa, o que as torna infelizes é a prática do ódio, do preconceito e da discriminação, independentemente das crenças que tenham. Além do mais, como afirmado, toda crença é passageira. Só o amor é eterno. Que cada um procure, por conseguinte, romper as fronteiras dos preconceitos religiosos e ser um instrumento “afinado” na grande orquestra sinfônica do Reino de Amor de Deus.

CONCLUSÃO

Como o leitor deve ter observado, escrevi este livro para descrever a “revolução copernicana” que sofri, em meu modo de entender o cristianismo, principalmente após a leitura das obras de Allan Kardec.

Sem ter pretendido agredir a fé cristã dogmática (a qual merece todo o nosso respeito), nem diminuir o valor histórico do cristianismo e da Igreja Católica, mas apenas contribuir para o diálogo ecumênico e inter-religioso, bem como para o conhecimento da verdade que nos liberta (“*Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará*”), abordei neste livro, sobretudo, os temas relacionados com a maior polêmica cristã de todos os tempos, que sempre foi (e continua sendo) sobre a verdadeira identidade (ou natureza) de Jesus. Nesse sentido, defendi que **Jesus é só homem**, em contraposição à corrente dogmática cristã, segundo a qual **Jesus é Deus e homem**.

No contexto dessa polêmica cristológica, argumentei que é preciso distinguir o “Jesus (ou Cristo) real” do “Jesus (ou Cristo) mítico”, ou seja, é preciso distinguir o “Jesus histórico” do “Cristo da fé” e, conseqüentemente, distinguir o “cristianismo do Jesus histórico” (**o cristianismo do Jesus que é só homem**) do “cristianismo do Jesus mítico” (**o cristianismo do Jesus que é homem e Deus**) e este livro girou quase todo em torno do debate ou do diálogo entre esses dois personagens e entre essas duas modalidades de cristianismo.

Como também afirmei várias vezes, convencido da distinção fundamental entre esses dois personagens e entre essas duas modalidades antagônicas de cristianismo, resolvi ser adepto, a partir de 1995, somente do “cristianismo de Jesus”, ou seja, passei a aceitar o cristianismo apenas quanto àquilo que ele preservou de essencial e intemporal, isto é, o seu **código de moral** (ou **de ética**) **universal**, resumido na **lei do amor**, autenticamente ensinado pelo Jesus histórico (e por outros mensageiros enviados por Deus) como instrumento necessário e suficiente para a evolução espiritual do ser humano e para a realização do Reino de Deus em cada um de nós.

Ao concluir este livro (*Entrevistas com Jesus: reflexões ecumênicas*), espero ter cumprido meu **objetivo principal** – o de fazer apologia da “verdadeira religião” (**a vivência do amor**) – bem como os meus **dez objetivos ecumênicos e/ou macroecumênicos** (descritos

na Introdução), dentre os quais dei maior ênfase à defesa da **equivalência funcional (mas não doutrinal) de todas as religiões**, ou seja, procurei argumentar ao longo de todo o livro a favor da *perspectiva religiosa pluralista* que defende a *equivalência funcional* de todas as crenças religiosas (**NÃO IMPORTA O CAMINHO!**), em oposição aos pontos de vista religiosos que sustentam a *exclusividade, unicidade e superioridade* de **UM CAMINHO**, isto é, de uma religião, em relação às demais. Argumentei que, por essa tese da *equivalência funcional (mas não doutrinal)* de todas as religiões, o catolicismo é tão bom e válido para os católicos, quanto o judaísmo o é para os judeus, o budismo para os budistas, o espiritismo para os espíritas e assim por diante. Como vimos, essa tese pluralista da equivalência funcional das religiões tem sido fortemente combatida pela Igreja Católica, sobretudo por Joseph Ratzinger, hoje o Papa Bento XVI, que a chama de “relativismo da fé” (ou “relativismo eclesiológico” ou “ditadura do relativismo”), porque defender essa tese, como o fiz na presente obra, significa negar a primazia ou superioridade de uma religião (ou igreja) sobre as demais e, portanto, o mito de que a única religião verdadeira é a cristã e o de que a única verdadeira Igreja de Cristo é a católica.

Como argumentei ao longo do livro, num mundo cada vez mais globalizado como o planeta Terra, em que os meios de transporte e de comunicação romperam as distâncias entre as culturas e entre as pessoas, não é mais possível manter exclusivismos de nenhuma espécie, principalmente o exclusivismo religioso, em que uma crença pretende ser superior às demais, ou se julga a depositária única da verdade. Em virtude da grande pluralidade de crenças religiosas no mundo, a tese de única religião verdadeira torna-se, portanto, completamente insustentável.

Conforme afirmei no Prefácio da 1ª edição desta obra, com este livro, espero ter posto meu tijolinho na construção de um mundo mais fraterno, em que a vivência do amor universal possa, de fato, unir todas as pessoas, independentemente de estarem ou não filiadas a uma instituição religiosa ou filosófica particular.

Quero concluir o livro com a sua ideia maior de que, embora nem todos necessitemos de uma religião, todos precisamos da verdadeira religião – **A VIVÊNCIA DO AMOR**. Não esqueçamos de que, para Deus, não importa a religião que se professa (**NÃO IMPORTA O CAMINHO!**), mas o amor que se pratica!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABHEDÂNANDA, Swâmi. *O Evangelho de Râmakrishna*. São Paulo: Pensamento, 1995.
- A BÍBLIA de Jerusalém*. São Paulo: Edições Paulinas, 1981.
- ALEIXO, Sérgio Fernandes. Reencarnação. *Visão Espírita*, Salvador, ano 1, n. 5, p. 24-25, ago. 1998.
- _____. *Reencarnação: Lei da Bíblia, Lei do Evangelho, Lei de Deus*. Niterói, Rio de Janeiro: Lachâtre, 1999.
- ANDRADE, Hernani Guimarães. *Morte: uma luz no fim do túnel*. São Paulo: FE Jornalística, 1999.
- ANDRADE, Jayme. *O Espiritismo e as igrejas reformadas*. 4. ed. São Paulo: EME, 1995.
- ANKERBERG, John; WELDON, John. *Os Fatos sobre a maçonaria: a maçonaria entra em conflito com a fé cristã?* 2. ed. Porto Alegre: Obra Missionária da Meia-Noite, 1999.
- AQUINO, Felipe. *Porque sou católico*. Lorena, São Paulo: Cléofas, 2002a.
- _____. *Falsas doutrinas: seitas e religiões*. Lorena, São Paulo: Cléofas, 2002b.
- ARIAS, Juan. *Jesus, esse grande desconhecido*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- ARMOND, Edgard. *Religiões e filosofias*. 3. ed. São Paulo: Aliança, 1999.
- ARMSTRONG, Karen. *Em Nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- AZEVEDO, Cláudio. *Órion: Filosofia, religião e ciência*. Fortaleza: ABC Editora, 2002. v. 1.
- BACH, Marcus. *As Grandes religiões do mundo: origens, crenças e desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Nova Era, 1998.
- BAIGENT, Michael; LEIGH, Richard; LINCOLN, Henry. *O Santo graal e a linhagem sagrada*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1993.
- BARBOSA, Arnoldo Parente Leite. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: FUNECE, 2001.

- BARRERA, Pablo. Fragmentação do sagrado e crise das tradições na pós-modernidade. In: TRASFERETTI, José & GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes (Orgs.). *Teologia na Pós-Modernidade*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- BENIMELLI, J. A. F.; CAPRILE, G.; ALBERTON, V. *Maçonaria e Igreja Católica*. 4. ed. rev. São Paulo: Paulus, 1981.
- BERNARDI, Ricardo Di. A Reencarnação causaria a perda da personalidade? *Revista Espírita Allan Kardec*, Goiânia, ano 10, n. 39, p. 11, jul./set. 1998.
- _____. Salvação? Não, Obrigado. *Visão Espírita*, Salvador, ano 2, n. 20, p. 29-30, mar. 2000.
- BETTENCOURT, Estevão Tavares. *Crenças, religiões, igrejas, seitas: quem são?* Santo André, São Paulo: O Mensageiro de Santo Antônio, 1999.
- BETTENSON, H. 1998. *Documentos da Igreja Cristã*. 3. ed. São Paulo: ASTE, 1998.
- BIERLEIN, J. F. *Mitos paralelos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- BLANK, Renold J. *Reencarnação ou ressurreição? Uma Decisão de Fé*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1985.
- BLAVATSKY, Helena P. *A Doutrina secreta*. São Paulo: Pensamento, 1995. v. 1: Cosmogênese.
- _____. *Glossário teosófico*. 4. ed. São Paulo: Ground, 2000.
- BOFF, Leonardo. *A Ressurreição de Cristo: a nossa ressurreição na morte*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1989.
- _____. *A Águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. 37. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- _____. *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- _____. *Ética e moral: a busca dos fundamentos*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- _____. *Igreja: carisma e poder: ensaios de eclesiologia militante*. Edição revista. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.
- BOLTON, Lesley. *O Livro completo da mitologia clássica: deuses, deusas, heróis e monstros gregos e romanos de Ares a Zeus*. São Paulo: Madras, 2004.
- BOWKER, John. *Para entender as religiões*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- BROWN, Dan. *O Código Da Vinci*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

- BRUNE, François. *Os Mortos nos falam*. 2. ed. Sobradinho: Vozes; DF: EDICEL, 1994.
- BRUNEL, Pierre. *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1997.
- BULTMANN, Rudolf. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Teológica, 2004.
- BURNS, Edward McNall; LERNER, Robert E. ; Standish Meachan. *História da civilização ocidental*. 39. ed. São Paulo: Globo, 1998.
- CAMPBELL, Joseph. *As Máscaras de Deus: mitologia primitiva*. São Paulo: Palas Athena, 1992. v. 1.
- _____. *O Poder do mito*, com Bill Moyers. 28 ed. São Paulo: Palas Athena, 2011
- CAPELLI, Esse. As Condenações bíblicas e o espiritismo. *Revista Espírita Allan Kardec*, Goiânia, ano 10, n. 38, p. 12-13, abr./jun. 1998.
- CAPRA, Fritjof. *O Tao da Física: um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental*. São Paulo: Cultrix, 1983.
- _____. *O Ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 1999.
- _____. *A Teia da vida*. São Paulo: Cultrix, 2000.
- CECHINATO, Luiz. *Os Vinte séculos de caminhada da Igreja*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 26. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985.
- CHARPENTIER, Etienne. *Cristo ressuscitou*. São Paulo: Paulinas, 1984.
- CHAVES, José Reis. *A Reencarnação na Bíblia e na ciência*. 7. ed. rev. São Paulo: Editora Bezerra de Menezes, 2006a.
- _____. *A Face oculta das religiões: uma visão racional da Bíblia*. 2. ed. São Paulo: Editora Bezerra de Menezes, 2006b.
- COMBY, Jean. *Para ler a história da Igreja I: das origens ao século XV*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- COMMELIN, P. *Mitologia grega e romana*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *O Que é ecumenismo?* Uma ajuda para trabalhar a exigência do diálogo. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2000.
- CORNWELL, John. *Quebra da fé: o papa, o povo e o destino do catolicismo*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.
- COSTA, Valdeli Carvalho da. *Umbanda: os 'Seres Superiores' e os Orixás/Santos*. São Paulo: Loyola, 1983. v. 1 e 2.
- DELANNE, Gabriel. *O Fenômeno Espírita*. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1998.
- DENIS, Léon. *Cristianismo e Espiritismo*. 9. ed. Brasília-DF: FEB, 1919.
- DESROCHE, Henri. *O Homem e suas religiões: ciências humanas e experiências religiosas*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.
- DETHLEFSEN, Thorwald; DAHLKE, Rüdiger. *A Doença como caminho*. São Paulo: Cultrix, 2003.
- DIEZ, Felicísimo Martinez. *A Nova era e a fé cristã*. São Paulo: Paulus, 1997.
- DOM BOSCO. *O Jovem instruído*. 9. ed. São Paulo: Livraria Salesiana Editora, 1948.
- DONINI, Ambrogio. *Breve história das religiões*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965.
- DRUMOND, Henry. *O Dom supremo*. Adaptação de Paulo Coelho. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- EHRMAN, Bart D. *O Que Jesus disse? O que Jesus não disse?: quem mudou a Bíblia e por quê*. São Paulo: Prestígio, 2006.
- EINSTEIN, Albert. *Como vejo o mundo*. 22. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. 6. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006.
- ELSBURG, Robert (Ed.). *Gandhi e o cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1996.
- EUSÉBIO. *História eclesiástica*. São Paulo: Paulus, 2000.
- EVANS-WENTZ W. Y. (Org.). *O Livro tibetano dos mortos*. 10. ed. São Paulo: Editora Pensamento, 1998.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2.ed. Rev. Aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

- FRANGIOTTI, Roque. *História das heresias: conflitos ideológicos dentro do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1995.
- FUNK, Robert W.; HOOVER, Roy W., and THE JESUS SEMINAR. *The Five Gospels: what did Jesus really say? The search for the authentic words of Jesus*. New York: Macmillan Publishing Company, 1993.
- FUNK, Robert W., and THE JESUS SEMINAR. *The Acts of Jesus: what did Jesus really do? The search for the authentic deeds of Jesus*. New York: Harper Collins, and Harper San Francisco, 1998.
- GANDON, Odile. *Deuses e heróis da mitologia grega e latina*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- GONZÁLEZ-CARVAJAL, Luis. *Nossa fé: teologia para universitários*. São Paulo: Loyola, 1992.
- GOZZI, Paulo H. *Como lidar com as seitas*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 1989.
- GRIESE, Franz. *La Desilusion de un sacerdote: la verdad científica sobre la religion cristiana*. 2. ed. reformada y aumentada. Buenos Aires: Editorial Cultura Laica, 1957.
- GWERCAMAN, Sérgio. *Evangélicos. SUPER Interessante*. Edição 197, fev. 2004.
- HARNER, Michael. *O Caminho do xamã: um guia do poder e cura*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- HASSNAIN, Fida. *Jesus, a verdade e a vida: uma busca histórica pelos caminhos apócrifos, budistas, islâmicos e sânscritos*. São Paulo: Madras, 1999.
- HART, Michael H. *As 100 maiores personalidades da história: uma classificação das pessoas que mais influenciaram a História*. 10. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2005.
- HELLMAN, Hall. *Grandes debates da ciência: dez das maiores contendas de todos os tempos*. São Paulo: Unesp, 1999.
- HICK, John (Org.). *The Myth of God incarnate*. London: SCM Press, 1977.
- _____. *God has many names*. Philadelphia, Pennsylvania: The Westminster Press, 1982.
- _____. *Philosophy of religion*. 4. ed. Upper Saddle river, New Jersey: Prentice Hall, 1990.
- _____. *The Metaphor of God incarnate*. London: SCM Press, 1993.
- _____. *Dialogues in the philosophy of religion*. New York: Palgrave, 2001.

- _____. *John Hick: an autobiography*. Oxford: Oneworld 2002.
- HICK, John & KNITTER, Paul (Orgs.). *The Myth of christian uniqueness, toward a pluralistic theology of religions*. New York: Orbis Book, 1987.
- HICK, John & HEBBLETHWAITE, Brian (Orgs.). *Christianity and other religions*. Oxford: Oneworld 2001.
- HISLOP, Dr. John S. *Meu Baba e eu: vivências com o mestre indiano Sri Sathya Sai Baba*. Rio de Janeiro: Nova Era, 2003.
- HOORNAERT, Eduardo. *Origens do cristianismo: uma leitura crítica*. Brasília: Editora Ser, 2006.
- HORRELL, J. Scott. *Maçonaria e fé cristã*. São Paulo: Mundo Cristão, 1995.
- HORTAL, Jesús. *E Haverá um só rebanho: história, doutrina e prática católica do ecumenismo*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- HUXLEY, Aldous. *A Filosofia perene*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- IMBASSAHY, Carlos. *Religião*. Brasília: FEB, 1944.
- IRINEU DE LIÃO. *Contra as heresias: denúncia e refutação da falsa gnose*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1995.
- JOÃO PAULO II. *Cruzando o limiar da esperança*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.
- _____. *Fides et ratio*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 1999.
- JOMANO. *Onde está Deus*. São Paulo: Elevação, 2001.
- KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos. A Codificação da doutrina espírita: obras completas de Allan Kardec*. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1997a.
- _____. *O Evangelho Segundo o Espiritismo. A Codificação da doutrina espírita: obras completas de Allan Kardec*. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1997b.
- _____. *O Livro dos Médiuns. A Codificação da doutrina espírita: obras completas de Allan Kardec*. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1997c.
- _____. *O Céu e o Inferno. A Codificação da doutrina espírita: obras completas de Allan Kardec*. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1997d.

- _____. *A Gênese. A Codificação da doutrina espírita: obras completas de Allan Kardec*. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1997e.
- _____. *Obras Póstumas. A Codificação da doutrina espírita: obras completas de Allan Kardec*. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1997f.
- _____. *O que é o Espiritismo? A Codificação da doutrina espírita: obras completas de Allan Kardec*. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1997g.
- KERSTEN, Holger. *Jesus viveu na Índia: a desconhecida história de Cristo antes e depois da crucificação*. 17. ed. São Paulo: Best Seller, 1986.
- KING, Ursula. *Cristo em todas as coisas: a espiritualidade na visão de Teilhard de Chardin*. São Paulo: Paulinas, 2002.
- KLOPPENBURG, Frei Boaventura. *Espiritismo: orientação para os católicos*. 6. ed. São Paulo: Loyola, 1997.
- KÜNG, Hans. Is there one true religion? An essay in establishing ecumenical criteria. In: HICK, John & HEBBLETHWAITE, Brian (Orgs.). *Christianity and other religions*. Oxford: Oneworld, 2001.
- _____. *A Igreja Católica*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- LAURANT, Jean-Pierre. *O Esoterismo*. São Paulo: Paulus, 1995.
- LEITE, Eduardo. Uma experiência instrutiva com as Testemunhas de Jeová. *Visão Espírita*, Salvador, ano 3, n. 27, p. 44-45, jun. 2001.
- LEWIS, H. Spencer. *Perguntas e respostas rosacruz*. Biblioteca Rosacruz, 1975.
- _____. *A Vida mística de Jesus*. 7. ed. Curitiba-Paraná: Biblioteca da Ordem Rosacruz – AMORC, 1997.
- LIBÂNIO, J. B.; MURAD, Afonso. *Introdução à teologia: perfil, enfoques, tarefas*. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- MacLAINE, Shirley. *Minhas vidas*. 21. ed. Rio de Janeiro: Record, 1993.
- MANZANARES, César Vidal. *As Seitas perante a Bíblia*. São Paulo: Paulus, 1994.
- MARTINA, Giacomo. *História da Igreja: de Lutero aos nossos dias – III – A Era do Liberalismo*. São Paulo: Loyola, 1996.
- MATHER, George A.; NICHOLS, Larry A. *Dicionário de religiões, crenças e ocultismo*. São Paulo: Vidas, 2000.
- MEIER, John P. *Um Judeu marginal: repensando o Jesus histórico*. 3. ed. Rio de Janeiro: IMAGO, 1993. v. 1.

- _____. *Um Judeu marginal: repensando o Jesus histórico*. Rio de Janeiro: IMAGO, 1994. v. 2, livro 1.
- _____. *Um Judeu marginal: repensando o Jesus histórico*. Rio de Janeiro: IMAGO, 1998. v. 2, livro 2.
- _____. *Um Judeu marginal: repensando o Jesus histórico*. Rio de Janeiro: IMAGO, 1997. v. 2, livro 3.
- MINDÊLLO, Paulo. *O Trigo e o joio: a doutrina cristã e as falsas doutrinas*. 5. ed. Rio de Janeiro: Edições Louva a Deus Comunidade Emanuel, 1995.
- MIRANDA, Hermínio C. *Cristianismo: a mensagem esquecida*. Matão, São Paulo: O Clarim, 1988.
- _____. *O Evangelho de Tomé*. Rio de Janeiro: Arte e Cultura, 1991.
- _____. *Os Cátaros e a heresia católica*. 2. ed. Niterói – Rio de Janeiro: Lachâtrte, 2002.
- MIRANDA, Mário de França. *O Cristianismo em face das religiões*. São Paulo: Loyola, 1998.
- MORAIS, Jomar. Satã Vive. *Super Interessante*, Edição 174, p. 55-61, mar. 2002.
- MORALEDA, José. *As Seitas hoje: novos movimentos religiosos*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1994.
- NETO, José Barbosa de Sena. *Confissões surpreendentes de um ex-padre*. Niterói - RJ: Editora ADOS, 2004.
- NETO, F. Rivas (Arapiaga). *Umbanda: a proto-síntese cósmica. Pelo espírito Caboclo 7 Espadas*. 3. ed. São Paulo: Ícone, 1996.
- NOGUEIRA, Carlos Roberto F. *O Diabo no imaginário cristão*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2000.
- OALCORÃO. Tradução de Mansour Chalita. Rio de Janeiro: Associação Cultural Internacional Gibran. [s. d.]
- O CÓDIGO DE HAMMURABI. 3.ed. Introdução, tradução (do original cuneiforme) e comentários de E. Bouzon. Petrópolis: Vozes, 1980.
- OLINTO, Antônio. *Confúcio e o caminho do meio*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2001.
- OLIVEIRA, Francimar de. *O Centurião de Cafarnaum*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1995.

- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea*. São Paulo: Loyola, 1996.
- _____. *Diálogos entre fé e razão*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- OLIVEIRA, Raimundo F. de. *Seitas e heresias: um sinal dos tempos*. Rio de Janeiro: CPAD, 1987.
- OLSON, Roger. *História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas*. São Paulo: Vida, 2001.
- OSHO. *Tao: o portal dourado*. Poona, Índia: Osho Commune International, 1980.
- PAIVA, Antônio Corrêa de. Catolicismo, espiritismo e cristianismo. *Revista Espírita Allan Kardec*, Goânia, ano 4, n. 14, p. 23, nov. 1991 a jan. 1992.
- PALEARI, Giorgio. *Religiões do povo: um estudo sobre a inculturação*. São Paulo: AM Edições, 1990.
- PALHANO, L. Jr. *Dicionário de filosofia espírita*. Rio de Janeiro: Edições Celd, 1997.
- PANIKKAR, Raimundo. The Jordan, the Tiber, and the Ganges. In: HICK & KNITTER (Orgs.). *The Myth of christian uniqueness, toward a pluralistic theology of religions*. New York: Orbis Book, 1987.
- PAULA, Caco de. O Iluminado. *Super Interessante*, Edição 174, p. 40, 2002.
- PAULO VI. *Unitatis redintegratio*, 1964.
- _____. *Ecclesiam Suam*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1967.
- _____. *Nostra aetate*, 1965.
- PEDREIRA, Eduardo Rosa. *Do Confronto ao encontro: uma análise do cristianismo em suas posições ante os desafios do diálogo inter-religioso*. São Paulo: Paulinas, 1999.
- PIERRAKOS, Eva. *O Caminho da autotransformação: the pathwork of self-transformation*. São Paulo: Cultrix, 2003.
- PIRES, J. Herculano. *Visão Espírita da Bíblia*. 3.ed. São Bernardo do Campo, São Paulo: Correio Fraternal do ABC, 1991.
- PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO. *Diálogo e anúncio*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1999.

- PONTIFÍCIO CONSELHO DA CULTURA/PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO. *Jesus Cristo portador da água viva: uma reflexão cristã sobre a Nova Era*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- PRIETO, Atilano Alaiz. *As Seitas e os cristãos*. Lisboa: São Paulo, 1994.
- RAHNER, Karl. *Curso fundamental da fé*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- RAMACHÁRAKA, Yogue. *A Vida depois da morte*. São Paulo: Pensamento, 1998.
- RAMATÍS. *Missão do Espiritismo*. Psicografia de Hercílio Maes. 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1996a.
- _____. *O Evangelho à luz do cosmo*. Psicografia de Hercílio Maes. 5. ed. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1996b.
- _____. *A Vida humana e o espírito imortal*. Psicografia de Hercílio Maes. 7. ed. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1996c.
- _____. *O Sublime peregrino*. Psicografia de Hercílio Maes. 13. ed. Limeira, São Paulo: Conhecimento, 2001.
- RATZINGER, Joseph, Card. *Dominus Iesus: sobre a unicidade e universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2001.
- READ, Piers Paul. *Os Templários: a história dramática dos cavaleiros templários, a mais poderosa ordem militar dos cruzados*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- REEBER, Michel. *Religiões: mais de 400 termos, conceitos e ideias*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- RIFFARD, Pierre A. *O Esoterismo*. São Paulo: Mandarim, 1996.
- RINALDI, Natanael; ROMEIRO, Paulo. *Desmascarando as seitas*. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.
- RINPOCHE, Sogyal. *O Livro tibetano do viver e do morrer*. 7. ed. São Paulo: Talento, 2002.
- ROHDEN, Huberto. *Bhagavad Gita*. 11. ed. Ilustrada. São Paulo: Martin Claret. [s.d.]
- _____. *LAO-TSE: Tao Te King*. 13. ed. São Paulo: Martin Claret. [s.d.]
- _____. *Rumo à consciência cósmica*: São Paulo: Martin Claret. [s.d.]
- ROUSTAING, João Batista. *Os Quatro Evangelhos: espiritismo cristão ou revelação da revelação*. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1989.

- SAMARTHA, Stanley J. *The Cross and the Rainbow*. In: HICK & KNITTER (Orgs.). *The Myth of christian uniqueness, toward a pluralistic theology of religions*. New York: Orbis Book, 1987.
- SAMUEL, Albert. *As Religiões hoje*. São Paulo: Paulus, 1997.
- SANDERFUR, Glenn. *As Vidas do Mestre Jesus*. São Paulo: Pensamento, 1988.
- SANTIDRIÁN, Pedro R. *Dicionário básico das religiões*. São Paulo: Santuário, 1996.
- SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. *Dicionário enciclopédico das religiões*. Petrópolis: Vozes, 1995. v. 1 e 2.
- SCHURÉ, Édouard. *Krishna: Coleção Os Grandes Iniciados: esboço da história secreta das religiões*. São Paulo: Martin Claret Editores, 1986.
- SCHUTEL, Cairbar. *O Batismo*. 6. ed. São Paulo: O Clarim, 1986.
- SECRETARIADO PARA OS NÃO-CRISTÃOS. *A Igreja e as outras religiões – Diálogo e Missão*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2002.
- SIGNATES, Luiz. A filosofia espírita da fé raciocinada. *Revista Espírita Allan Kardec*, Goiânia, ano 10, n. 39, p. 32-33, jul./set. 1998.
- SILVA, Georges da.; HOMENKO, Rita. *Budismo: psicologia do autoconhecimento*. São Paulo: Pensamento, 1999.
- SOUZA, José Pinheiro de. *Mitos Cristãos: desafios para o diálogo religioso*. Divinópolis, MG: GEEC Publicações, 2007.
- _____. *Catecismo ecumênico: 200 perguntas e respostas à luz da “fé raciocinada”*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2010a.
- _____. *Paulinismo: a doutrina de Paulo em oposição à de Jesus*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2010b.
- _____. *Mentiras sobre Jesus: desafio para o diálogo religioso*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2011a
- _____. *Três Maneiras de Ver Jesus: a maneira histórica, a mítica literal e a mítica simbólica*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2011b.
- TABOR, James D. *A Dinastia de Jesus: a história secreta das origens do cristianismo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- TEIXEIRA, Faustino. *Teologia das religiões: uma visão panorâmica*. São Paulo: Paulinas, 1995.

- TERRIN, Aldo Natale. *Nova era: a religiosidade do pós-moderno*. São Paulo: Loyola, 1996.
- _____. *Introdução ao estudo comparado das religiões*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- TILESSE, Caetano Minette. *Revista Bíblica Brasileira*, Fortaleza, ano 13, Número Especial 1, 2, 3, 4, 1996.
- _____. *Revista Bíblica Brasileira*, Fortaleza, ano 5, 1998.
- TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Repensar a ressurreição*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- TOURINHO, Nazareno. *Kardec, Jesus e a filosofia espírita*. São Paulo: FEESP, 1994.
- TRACY, David. Metáfora e religião: o caso dos textos cristãos. In: SACKS, Sheldon (Org.). *Da Metáfora*. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992. p. 95-109.
- TREVISAN, Lauro. *Só o amor é infinito*. 12. ed. Santa Maria – Rio Grande do Sul: Editora da Mente, 1988.
- UBALDI, Pietro. *O Sistema: gênese e estrutura do universo*. 3. ed. Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro: Instituto Pietro Ubaldi, 1957.
- _____. *Problemas atuais*. 3. ed. Campos, Rio de Janeiro: Fundação Pietro Ubaldi, 1986.
- _____. *Deus e universo*. 3. ed. Campos, Rio de Janeiro: Fundação Pietro Ubaldi, 1987.
- _____. *Cristo*. 3. ed. Campos – Rio de Janeiro: Fundação Pietro Ubaldi, 1988.
- _____. *A Grande síntese*. 17. ed. Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro: Instituto Pietro Ubaldi, 1992.
- Van PRAAGH, James. *Em Busca da espiritualidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 1999.
- VASCONCELOS, Yuri. O Homem que inventou Cristo. *SUPER Interessante*. Edição 195, dez. 2003.
- VERCRUYSSSE, Jos. *Introdução à teologia ecumênica*. São Paulo: Loyola, 1998.
- VIEIRA, Vanessa. O que é a Igreja Copta? *Revista das Religiões/SUPER Interessante*, Edição 8, abr. 2004.

- WALDENFELS, Hans; KÖNIG, Franz Cardeal. *Léxico das religiões*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- WEISER, Alfons. *O Que é milagre na Bíblia*. São Paulo: Edições Paulinas, 1978.
- WEISS, Brian L. *Muitas Vidas Muitos Mestres*. 15. ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 1991.
- WIEBE, Donald. *Religião e verdade*. São Leopoldo – Rio Grande do Sul: Sinodal, 1998.
- WILES, Maurice. Myth in Theology. In: HICK, John (Ed.). *The Myth of God Incarnate*. London: SCM Press, 1977.
- WILGES, Irineu. *Cultura religiosa: as religiões no mundo*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- WILHELM, Richard. *I Ching: o livro das mutações*. 18. ed. São Paulo: Pensamento, 1998.
- WOLF, Elias. *O Ecumenismo no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1999.
- WOODWARD, Kenneth L. *O Livro dos milagres*. São Paulo: Mandarin, 2000.
- YOUNG, Frances. A Cloud of witnesses. In: HICK, John (Org.). *The Myth of God incarnate*. London: SCM Press, 1977.

ÍNDICE NUMÉRICO DOS TEMAS

ENTREVISTA Nº 1: O FENÔMENO RELIGIOSO	41
1.1 NÃO IMPORTA O CAMINHO	43
1.2 CONCEITOS DE “RELIGIÃO” E DE “RELIGIOSO”	44
1.3 NECESSIDADE DE “RELIGIÃO”, NÃO DE <u>UMA</u> RELIGIÃO	45
1.4 MUITAS RELIGIÕES, MAS <u>POUCA</u> RELIGIÃO	45
1.5 CRENÇA SEM AMOR X AMOR SEM CRENÇA	46
1.6 “ATEUS” RELIGIOSOS E CRISTÃOS	46
1.7 RELIGIÃO “SUBJETIVA” X RELIGIÃO “OBJETIVA”	47
1.8 AVALIAÇÃO CRÍTICA DAS RELIGIÕES	47
1.9 FÉ-CONFIANÇA X FÉ-CRENÇA	48
1.10 “FÉ CEGA” X “FÉ RACIOCINADA”	50
1.11 CRENÇAS X AMOR	52
1.12 EXEMPLOS DE PESSOAS QUE SOUBERAM VIVENCIAR O AMOR INDEPENDENTEMENTE DE SUAS CRENÇAS	54
1.13 OS MESTRES DA VERDADEIRA RELIGIÃO	55
1.14 SALVAÇÃO PELA FÉ X SALVAÇÃO PELAS OBRAS	55
1.15 EQUIVALÊNCIA FUNCIONAL DAS RELIGIÕES	56
1.16 EQUIVALÊNCIA DAS RELIGIÕES X UNICIDADE DA VERDADE	56
1.17 RELIGIÃO X SEITA	57
1.18 ANTIGUIDADE DO FENÔMENO DAS SEITAS	58
1.19 AS SEITAS EM FACE DO PLURALISMO RELIGIOSO	58
1.20 O MITO DA UNICIDADE CRISTÃ	59
1.21 EXCLUSIVISMO X DOCTRINA DA FRATERNIDADE	60
1.22 AS DIFERENÇAS RELIGIOSAS COMO RIQUEZA HUMANA	60
1.23 COMO SABER ONDE (E COM QUEM) ESTÁ A VERDADE	61
1.24 CONCEITO DE DIÁLOGO E DE DIÁLOGO RELIGIOSO	61
1.25 NECESSIDADE DO DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO	61
1.26 DEFINIÇÕES DE “CRISTIANISMO” E DE “CRISTÃO”	62
1.27 DEFINIÇÃO DE “CRISTÃO” DADA POR JESUS	62
1.28 O CRISTIANISMO DE JESUS E O DOS CRISTÃOS	63
1.28.1 AUTORES DA DISTINÇÃO ENTRE AS DUAS MODALIDADES DE CRISTIANISMO	64
1.28.2 MAIS JUSTIFICATIVA PARA A DISTINÇÃO	67
1.28.3 TEÓLOGO CATÓLICO QUE ADOTAA DISTINÇÃO	67
1.28.4 EXPRESSÕES SINÔNIMAS PARA A DISTINÇÃO	68
1.28.5 IMPORTÂNCIA MACROECUMÊNICA DA DISTINÇÃO	69
1.28.6 PRINCIPAL DIFERENÇA ENTRE AS DUAS MODALIDADES DE CRISTIANISMO	69

1.28.7 INCOMPATIBILIDADE ENTRE O “CRISTIANISMO DE JESUS” E AS DIVISÕES DOS CRISTÃOS	70
1.28.8 AS DISPUTAS PELO TÍTULO DE “VERDADEIRO CRISTÃO”	70
1.28.9 SOLUÇÃO PARA O IMPASSE	71
1.29 QUESTIONAMENTO DE CRENÇAS EXCLUSIVISTAS	71
1.30 COMBATE AO EXCLUSIVISMO RELIGIOSO	72
1.31 RAZÕES PARA O EXCLUSIVISMO CRISTÃO	72
1.32 A QUESTÃO DA VERDADE	73
1.32.1 DEFINIÇÃO DE VERDADE	73
1.32.2 JESUS: CAMINHO, VERDADE E VIDA (cf. Jo 14,6)	74
1.32.3 O CARÁTER SUPEREXCLUSIVISTA DE JOÃO 14,6	74
1.32.4 TEORIAS DA VERDADE	75
1.32.5 A VERDADE RELIGIOSA	76
1.32.6 UNICIDADE DA VERDADE	76
1.32.7 VERDADE CIENTÍFICA X VERDADE RELIGIOSA	77
1.32.8 AVALIAÇÃO DE DOCTRINA RELIGIOSA	78
1.32.9 O NÍVEL GRADATIVO DAS REVELAÇÕES	79
1.32.10 AUTENTICIDADE DAS REVELAÇÕES	79
1.32.11 REVELAÇÕES CONTRADITÓRIAS	79
1.32.12 IMPOSSIBILIDADE DE RELIGIÕES CONTRADITÓRIAS SEREM IGUALMENTE VERDADEIRAS	80
1.33 CONCEITO DE DEUS	80
1.33.1 IMPOSSIBILIDADE DE DEFINIR DEUS	81
1.33.2 LINGUAGEM ANALÓGICA / METAFÓRICA SOBRE DEUS	81
1.33.3 RELEVÂNCIA DO CONCEITO DE DEUS	82
1.33.4 ORIGEM DO TERMO “DEUS”	83
1.33.5 POLITEÍSMO X MONOTEÍSMO	83
1.33.6 PANTEÍSMO	84
1.33.7 DUALISMO	84
1.33.8 MONISMO	84
1.33.9 MONISMO DUALISTA	85
1.33.10 DITEÍSMO, DEÍSMO, TEÍSMO, ATEÍSMO E HENOTEÍSMO	85
1.33.11 TRINDADE X UNITARISMO	86
1.33.12 CRISTO CÓSMICO, CRISTO PLANETÁRIO, CRISTO DA FÉ E JESUS HISTÓRICO (OU CRISTO HISTÓRICO)	87
1.33.13 O VERDADEIRO JESUS DE NAZARÉ	89
1.33.14 DEUS-PAI/DEUS-MÃE/DEUS-AMOR	90
1.33.15 IMPLICAÇÕES ECUMÊNICAS E MACROECUMÊNICAS DA PLURALIDADE DE CONCEITOS SOBRE A DIVINDADE	91
1.34 RAZÕES PARA A PLURALIDADE RELIGIOSA	91
1.35 DOCTRINAS CONTRADITÓRIAS	92
1.36 PRINCIPAIS CAUSAS DAS DIVISÕES ENTRE CATÓLICOS E PROTESTANTES	94

1.37	O PAPEL DA RAZÃO NA BUSCA DA VERDADE	95
1.37.1	A LUTA ENTRE FÉ E RAZÃO NA BUSCA DA VERDADE	95
1.37.2	O MURO ENTRE FÉ E RAZÃO	96
1.37.3	A RAZÃO COMO UMA “FACULDADE DEMONÍACA”	96
1.37.4	RELIGIÃO E CIÊNCIA	97
1.37.5	CONCILIAÇÃO ENTRE CIÊNCIA E RELIGIÃO	98
1.38	IMPOSIÇÃO DA RELIGIÃO QUE SE PROFESSAS	99
1.39	IMPOSIÇÃO CÂRMICA DA RELIGIÃO QUE SE PROFESSAS	99
1.40	MUDANÇA DE RELIGIÃO	100
1.41	PLURALISMO X EXCLUSIVISMO	100
1.41.1	A PERSPECTIVA PLURALISTA REENCARNACIONISTA	102
1.41.2	A ABORDAGEM “INCLUSIVISTA” DA TEOLOGIA CRISTÃ	102
1.41.3	PLURALISMO X RELATIVISMO	103
1.41.4	DITADURA DO ABSOLUTISMO X DITADURA DO PLURALISMO ...	103
1.41.5	PLURALISMO X SINCRETISMO RELIGIOSO	104
1.41.6	SLOGANS RELIGIOSOS EXCLUSIVISTAS	105
1.41.7	SLOGANS RELIGIOSOS PLURALISTAS	105
1.41.8	IMPLICAÇÕES ECUMÊNICAS E MACROECUMÊNICAS DA ATITUDE EXCLUSIVISTA	105

ENTREVISTA Nº 2: O ECUMENISMO E O DIÁLOGO

INTER-RELIGIOSO 107

2.1	CONCEITO DE ECUMENISMO E DE DIÁLOGO INTER- RELIGIOSO	109
2.2.	O ECUMENISMO COMO DEFINIDO PELA CNBB	109
2.3	ORIGEM DA PALAVRA “ECUMENISMO”	110
2.4	SURGIMENTO DO ECUMENISMO	110
2.5	FALSOS CONCEITOS DE ECUMENISMO	111
2.6	ECUMENISMO: A BUSCA DA UNIDADE NA DIVERSIDADE	111
2.7	DIVERGÊNCIAS RELIGIOSAS QUE EXIGEM O DIÁLOGO ECUMÊNICO E INTER-RELIGIOSO	112
2.8	O ECUMENISMO CATÓLICO NA VISÃO PROTESTANTE	117
2.9	A RELAÇÃO DA IGREJA CATÓLICA COM AS OUTRAS RELIGIÕES ...	119
2.10	DOCUMENTOS PONTIFÍCIOS SOBRE O ECUMENISMO E O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO	121
2.10.1	A CARTA ENCÍCLIA <i>ECCLESIAM SUAM</i>	121
2.10.2	O DECRETO <i>UNITATIS REDINTEGRATIO</i>	122
2.10.3	A DECLARAÇÃO <i>NOSTRA AETATE</i>	124
2.10.4	O DOCUMENTO <i>DIÁLOGO E MISSÃO</i>	125
2.10.5	A ENCÍCLICA <i>REDEMPTORIS MISSIO</i>	126
2.10.6	O DOCUMENTO <i>DIÁLOGO E ANÚNCIO</i>	128

2.10.7 A CARTA ENCÍCLICA <i>UT UNUM SINT</i>	131
2.10.8 A DECLARAÇÃO <i>DOMINUS IESUS</i>	132

**ENTREVISTA Nº 3: CONFLITOS E DIVISÕES NO CRISTIANISMO
AO LONGO DE SUA HISTÓRIA 137**

3.1 DIVISÕES NO CRISTIANISMO PRIMITIVO	139
3.2 5 GRUPOS RIVAIS NO CRISTIANISMO NASCENTE	139
3.3 CONFLITOS SOBRE A VERDADEIRA IDENTIDADE DE JESUS	140
3.3.1 A DOCTRINA DOS CERINTIANOS	141
3.3.2 O ELCASAÍSMO	142
3.3.3 A DOCTRINA ADOCIONISTA	142
3.3.4 A DOCTRINA EBIONITA	143
3.3.5 A DOCTRINA ADOCIONISTA SISTEMATIZADA POR TEÓDOTO DE BIZÂNCIO	143
3.3.6 O DOCETISMO	145
3.3.7 O Gnosticismo	146
3.3.8 O MARCIONISMO	148
3.3.9 O MONARQUIANISMO	149
3.3.10 O SABELIANISMO	149
3.3.11 A DOCTRINA DE PAULO DE SAMÓSATA	150
3.3.12 O MONTANISMO	150
3.3.13 O DONATISMO	150
3.3.14 O SUBORDINACIONISMO	151
3.3.15 O ARIANISMO	151
3.3.16 O MACEDONIANISMO	152
3.3.17 O APOLINARISMO	152
3.3.18 O PRISCILIANISMO	152
3.3.19 O PELAGIANISMO	153
3.3.20 O NESTORIANISMO	154
3.3.21 O MONOFISISMO	155
3.3.22 O MONOTELISMO	155
3.4 A PRIMEIRA GRANDE DIVISÃO DO CRISTIANISMO	156
3.4.1 A SEDE CRISTÃ QUE PROMOVEU A PRIMEIRA GRANDE DIVISÃO DO CRISTIANISMO	157
3.4.2 OS CRISTÃOS ORTODOXOS	157
3.4.3 O MOTIVO TEOLÓGICO PRINCIPAL DO GRANDE CISMA	158
3.5 CONFLITOS PRECURSORES DA REFORMA PROTESTANTE	160
3.5.1 A INQUISIÇÃO	161
3.5.2 OS CÁTAROS E ALBIGENSES	162
3.5.3 OS VALDENSES	162
3.5.4 JOHN WYCLIFF	163
3.5.5 JAN HUSS	163

3.6	A SEGUNDA MAIOR DIVISÃO DO CRISTIANISMO: O PROTESTANTISMO E SUAS PRINCIPAIS RAMIFICAÇÕES	163
3.6.1	PONTOS CONVERGENTES E DIVERGENTES ENTRE CATÓLICOS E PROTESTANTES	164
3.6.2	O LUTERANISMO	165
3.6.2.1	DESAFIOS PARA O DIÁLOGO ECUMÊNICO ENTRE LUTERANOS E CATÓLICOS	166
3.6.3	O CALVINISMO	167
3.6.3.1	DESAFIOS PARA O DIÁLOGO ECUMÊNICO ENTRE CALVINISTAS E CATÓLICOS	168
3.6.4	O ANGLICANISMO	169
3.6.4.1	DESAFIOS PARA O DIÁLOGO ECUMÊNICO ENTRE ANGLICANOS E CATÓLICOS	169
3.6.5	OS BATISTAS	170
3.6.5.1	DESAFIOS PARA O DIÁLOGO ECUMÊNICO ENTRE BATISTAS E CATÓLICOS	170
3.6.6	O PENTECOSTALISMO	171
3.6.6.1	CONFLITOS ENTRE O PENTECOSTALISMO E O PROTESTANTISMO HISTÓRICO	171
3.6.6.2	AS PRIMEIRAS IGREJAS PENTECOSTAIS NO BRASIL	172
3.6.7	O NEOPENTECOSTALISMO	172
3.6.8	OS MÓRMONS	173
3.6.9	AS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ	174
3.7	DIVISÕES NO CATOLICISMO MODERNO	174
3.7.1	O JANSENISMO (séc. XVII-XVIII)	175
3.7.2	OS “VELHOS CATÓLICOS” (séc. XVIII-XIX)	175
3.7.3	A REVOLUÇÃO FRANCESA (séc. XVIII-XIX)	175
3.7.4	O MOVIMENTO MODERNISTA (séc. XIX-XX)	176
3.7.5	A IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA BRASILEIRA (séc. XX)	176
3.7.6	A FRATERNIDADE SÃO PIO X (séc. XX)	176
3.7.7	CONSERVADORES X PROGRESSISTAS (séc. XX)	177
3.7.7.1	A RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA	178
ENTREVISTA Nº 4: INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA		179
4.1	A BÍBLIA COMO FATOR DE CONFLITOS E DIVISÕES	181
4.2	GRUPOS RIVAIS DE CRISTÃOS NO MODO DE INTERPRETAR A BÍBLIA	181
4.3	A REAÇÃO DOS FUNDAMENTALISTAS À TEOLOGIA LIBERAL	183
4.4	A DOCTRINA DOS FUNDAMENTALISTAS CRISTÃOS	183
4.5	O EVANGELISMO	184
4.6	INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA NA VISÃO PLURALISTA	184
4.7	O PERIGO DAS INTERPRETAÇÕES BÍBLICAS EXCLUSIVISTAS ..	184

4.8	O EXCLUSIVISMO DOS AUTORES BÍBLICOS	185
4.9	O EXCLUSIVISMO DO CRISTIANISMO E DA BÍBLIA JUDAICO- CRISTÃ CONTRADITADO PELA HISTÓRIA DAS RELIGIÕES	188
4.10	SINCRETISMO DO CRISTIANISMO COM TRADIÇÕES RELIGIOSAS MAIS ANTIGAS	190
4.11	O EXCLUSIVISMO ATRIBUÍDO A DEUS, A JESUS E À FÉ CRISTÃ NOS ESCRITOS DA BÍBLIA	194
4.12	O MITO DA BÍBLIA INTEIRA COMO “PALAVRA DE DEUS”	195
4.13	CONTRADIÇÕES E PARCIALIDADES NO ANTIGO TESTAMENTO ..	195
4.14	CONTRADIÇÕES E INCOERÊNCIAS NO NOVO TESTAMENTO ...	197
4.15	ALTERAÇÕES DA BÍBLIA EM SEUS TEXTOS ORIGINAIS	199
4.16	ERROS DE TRADUÇÃO NA BÍBLIA	200
4.17	A BÍBLIA E A CIÊNCIA	201
4.18	O DEUS DO ANTIGO TESTAMENTO (AT) X O DEUS DO NOVO TESTAMENTO (NT)	202
4.19	O PIONEIRO NA BUSCA DO JESUS HISTÓRICO	203
4.20	A OBRA FUNDAMENTAL DO PROTESTANTISMO LIBERAL	204
4.21	OS EVANGELHOS COMO DOCUMENTOS DE FÉ	205
4.22	A OBRA DE ALBERT SCHWEITZER	206
4.23	O SEMINÁRIO DE JESUS	206
4.24	PESQUISADORES DO SEMINÁRIO DE JESUS	207
4.25	AUTENTICIDADE DAS PALAVRAS E AÇÕES ATRIBUÍDAS A JESUS NOS EVANGELHOS	207
4.26	A INSPIRAÇÃO DA BÍBLIA	207
4.27	A <i>INERRÂNCIA</i> DA BÍBLIA	208
4.28	A FINALIDADE PRINCIPAL DOS ESCRITOS DO NOVO TESTAMENTO	209
4.29	CONSEQUÊNCIAS DESASTROSAS DE DECLARAÇÕES BÍBLICAS EXCLUSIVISTAS	210
4.30	O NÚCLEO CENTRAL DA PREGAÇÃO DE JESUS E A LINGUAGEM UTILIZADA PARA EXPRESSÁ-LO	211
4.31	INCERTEZA E IRRELEVÂNCIA DAS “PALAVRAS EXATAS” DE JESUS	212
4.32	CONHECIMENTO DO JESUS HISTÓRICO	212
4.33	A VERDADEIRA MENSAGEM DO JESUS HISTÓRICO	213
4.34	O <u>ÚNICO</u> MESSIAS, O <u>ÚNICO</u> SALVADOR E O <u>ÚNICO</u> FILHO DE DEUS	214
4.35	PEDRO, A PEDRA	215
4.36	A ARTIFICIALIDADE DE MATEUS 16,13	216
4.37	IMPLICAÇÕES ECUMÊNICAS E MACROECUMÊNICAS DE MATEUS 16, 13-19	219
4.38	A <u>MINHA</u> RELIGIÃO E A <u>MINHA</u> IGREJA	218
4.39	A <u>ÚNICA</u> RELIGIÃO DE DEUS E A <u>ÚNICA</u> IGREJA DE DEUS	220

4.40	MITO, MITOLOGIA E MITOS CRISTÃOS	221
4.41	OS MITOS CRISTÃOS MAIS EXCLUSIVISTAS	223
4.42	VALOR DOS MITOS	223
4.43	SINCERIDADE DAS PESSOAS EM SUAS CRENÇAS	223
4.44	O MITO DA DIVINDADE DE JESUS	224
4.45	“FILHO DE DEUS” NO SENTIDO NATURAL X “FILHO DE DEUS” NO SENTIDO ANALÓGICO/METAFÓRICO	225
4.46	FILIAÇÃO DIVINA NATURAL X FILIAÇÃO DIVINA ADOTIVA	226
4.47	INFORMAÇÕES HISTÓRICAS IMPORTANTES SOBRE O 1º CONCÍLIO DE NICEIA	228
4.48	“EU E O PAI SOMOS UM” (Jo 10,30)	229
4.49	O DEBATE SOBRE A ENCARNAÇÃO DIVINA DE JESUS	231
4.50	A OBRA CLÁSSICA DE JOHN HICK E DE SEUS COLABORADORES SOBRE O MITO DO DEUS ENCARNADO	231
4.51	O ENCONTRO DA IMAGEM MITOLÓGICA JUDAICA DO “FILHO DE DEUS” COM A IMAGEM MITOLÓGICA GREGA DE “DEUS O FILHO”	232
4.52	A POSIÇÃO DOS TEÓLOGOS LIBERAIS E PLURALISTAS SOBRE O DOGMA DE CALCEDÔNIA	234
4.53	IMPLICAÇÕES DO DOGMA DE CALCEDÔNIA PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO	235
4.54	IMPLICAÇÕES DO DOGMA DE CALCEDÔNIA PARA O DIÁLOGO ENTRE OS PRÓPRIOS CRISTÃOS	236
4.55	O MITO DO PECADO ORIGINAL	237
4.56	O MITO DO PARTO VIRGINAL	239
4.57	O MITO DO JUÍZO FINAL	240
4.58	O MITO DE ENCARNAÇÕES DIVINAS NA HISTÓRIA	242
4.59	O CARÁTER HUMANO E DIVINO DOS “SALVADORES” NAS RELIGIÕES E CULTURAS ANTIGAS	243
4.60	EXEMPLOS DE DIVINIZAÇÕES NA BÍBLIA	243
4.61	DIVINIZAÇÕES NA ÉPOCA DOS PRIMEIROS CRISTÃOS	244
4.62	O MITO DA SALVAÇÃO	245
4.63	O MITO DO INFERNO ETERNO	246
4.64	O SENTIDO FIGURADO DE “ETERNO”	246
4.65	O MITO DE SATANÁS E DOS DEMÔNIOS NA BÍBLIA	248
4.66	O MITO DO BATISMO	249
4.67	RELAÇÃO ENTRE O BATISMO E O PECADO ORIGINAL	249
4.68	O VERDADEIRO FUNDADOR DO CRISTIANISMO MÍTICO	250
4.69	O ‘DEUS’ E O ‘JESUS’ DE PAULO	252
4.70	O NÚCLEO DA PREGAÇÃO DE PAULO E DA FÉ CRISTÃ	253
4.71	O MITO DA RESSURREIÇÃO DOS MORTOS	253
4.72	SENTIDOS DE “RESSURREIÇÃO” NA BÍBLIA	255

4.73	IMORTALIDADE DA ALMA X MORTALIDADE E RESSURREIÇÃO DO HOMEM INTEIRO	256
4.74	“SE NÃO HÁ RESSURREIÇÃO DOS MORTOS, TAMBÉM CRISTO NÃO RESSUSCITOU” (1Cor 15,13)	257
4.75	O SEPULCRO VAZIO	258
4.76	CURAS E EXORCISMOS	258
4.77	O MITO DE MILAGRES QUE ANULAM AS LEIS DA NATUREZA	259
4.78	A METÁFORA DO DEUS ENCARNADO	261
4.79	O MITO DA ENCARNAÇÃO MIRACULOSA E DIVINA DE JESUS ...	262
4.80	INFLUÊNCIA DA CULTURA GRECO-ROMANA NA CRIAÇÃO DO MITO DA DIVINIZAÇÃO DE JESUS	263
4.81	SENTIDO METAFÓRICO, E NÃO LITERAL, DA LINGUAGEM SOBRE FILIAÇÃO DIVINA	264
4.82	A TRANSIÇÃO DE “FILHO DE DEUS” PARA “DEUS O FILHO” E O MITO DA TRINDADE CRISTÃ	264

ENTREVISTA Nº 5: O CRISTIANISMO COMPARADO COM OUTRAS RELIGIÕES OU FILOSOFIAS 269

5.1	CRISTIANISMO X JUDAÍSMO	271
5.1.1	A PALAVRA-CHAVE DA RELIGIÃO JUDAICA	271
5.1.2	INIMIZADE E DIVERGÊNCIAS ENTRE JUDEUS E CRISTÃOS	272
5.1.3	MORAL JUDAICA E MORAL CRISTÃ	273
5.2	CRISTIANISMO X ISLAMISMO	273
5.2.1	AS CINCO PILASTRAS DO ISLAMISMO	274
5.2.2	A EXCLUSIVIDADE DA REVELAÇÃO ISLÂMICA	274
5.2.3	AS GUERRAS ENTRE CRISTÃOS E MUÇULMANOS	275
5.2.4	JUSTIFICATIVA PARA AS GUERRAS SANTAS ENTRE CRISTÃOS E MUÇULMANOS	275
5.2.5	INIMIZADE ENTRE CRISTÃOS E MUÇULMANOS	276
5.2.6	O ‘DEUS’ E O ‘JESUS’ DOS MUÇULMANOS X O ‘DEUS’ E O ‘JESUS’ DOS CRISTÃOS DOGMÁTICOS	276
5.2.7	PONTOS CONVERGENTES ENTRE O ISLAMISMO E O CRISTIANISMO	277
5.3	CRISTIANISMO X HINDUÍSMO	277
5.3.1	A LITERATURA SAGRADA DO HINDUÍSMO	277
5.3.2	COMPARAÇÃO ENTRE OS VEDAS E A BÍBLIA JUDAICO-CRISTÃ ...	278
5.3.3	PRECONCEITOS DE CRISTÃOS CONTRA OS HINDUS	280
5.3.4	A INFLUÊNCIA DE GANDHI SOBRE O CRISTIANISMO	281
5.3.4.1	AS MAIORES DIFICULDADES DE GANDHI COM O CRISTIANISMO TRADICIONAL	281
5.3.4.2	O ESCRITOR CRISTÃO QUE EXPLICOU A GANDHI A VERDADEIRA MENSAGEM DO JESUS HISTÓRICO	282

5.3.4.3	A VISÃO DE GANDHI SOBRE A SUPOSTA REDENÇÃO DA HUMANIDADE PELO SANGUE DE CRISTO	282
5.3.4.4	A VISÃO DE GANDHI SOBRE A SUPOSTA SUPERIORIDADE DA BÍBLIA CRISTÃ EM RELAÇÃO ÀS ESCRITURAS SAGRADAS DO HINDUÍSMO	282
5.3.4.5	A REPULSA DE GANDHI SOBRE O “CRISTIANISMO DOS CRISTÃOS”	283
5.3.4.6	A VISÃO DE GANDHI SOBRE RESSURREIÇÕES DE MORTOS	283
5.3.4.7	A VISÃO DE GANDHI SOBRE AS RELIGIÕES	283
5.3.4.8	O PENSAMENTO DE GANDHI SOBRE AS ORAÇÕES PROSELITISTAS DAS RELIGIÕES	284
5.3.4.9	A VISÃO DE GANDHI SOBRE O EXCLUSIVISMO RELIGIOSO	284
5.3.4.10	O PENSAMENTO DE GANDHI SOBRE A IMPERFEIÇÃO DAS RELIGIÕES	284
5.3.4.11	A VISÃO DE GANDHI SOBRE A TOLERÂNCIA RELIGIOSA	285
5.4	CRISTIANISMO X BUDISMO	285
5.4.1	PRINCIPAIS DIVISÕES DO BUDISMO	286
5.4.2	BUDISMO: UMA RELIGIÃO ATEIA	286
5.4.3	AS QUATRO NOBRES VERDADES DO BUDISMO	287
5.4.4	SEMELHANÇAS ENTRE A DOCTRINA DE BUDA E A DE JESUS ..	287
5.4.5	COMO OS BUDISTAS E OS CRISTÃOS MUDARAM A ORIGINAL IDENTIDADE DE BUDA E DE JESUS	288
5.5	CRISTIANISMO X CONFUCIONISMO	289
5.5.1	VIRTUDES FUNDAMENTAIS ENSINADAS POR CONFÚCIO	289
5.5.2	O LIVRO SAGRADO DO CONFUCIONISMO	289
5.5.3	RELIGIÃO (OU FILOSOFIA) ATEIA	290
5.5.4	O PRINCÍPIO BÁSICO DA MORAL CONFUCIONISTA	290
5.5.5	OS ENSINAMENTOS DE CONFÚCIO COMPARADOS COM OS DE JESUS E OS DE OUTROS MESTRES	290
5.5.6	OS “ANALECTOS” DE CONFÚCIO	291
5.6	CRISTIANISMO X TAOÍSMO	292
5.6.1	O LIVRO SAGRADO DO TAOÍSMO	293
5.6.2	O ‘DEUS’ DOS TAOÍSTAS X O ‘DEUS’ DOS CRISTÃOS	293
5.6.3	O MONISMO CÓSMICO DA DOCTRINA TAOÍSTA	294
5.6.4	A TESE TAOÍSTA DA UNIDADE DOS OPOSTOS	294
5.6.5	OS PRINCÍPIOS ÉTICO-MORAIS DO TAOÍSMO	295
5.7	CRISTIANISMO X ROSACRUCIANISMO (ORDEM ROSACRUZ)	295
5.7.1	O NASCIMENTO HISTÓRICO DOS ROSACRUZES	295
5.7.2	OS 16 SINAIS SECRETOS DA ORDEM ROSACRUZ	296
5.7.3	A ORDEM ROSACRUZ NA VISÃO DOS CRISTÃOS	296

5.7.4 RESUMO DAS PRINCIPAIS SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE O CRISTIANISMO E A ORDEM ROSACRUZ	297
5.8 CRISTIANISMO X MAÇONARIA	298
5.8.1 EXEMPLOS TÍPICOS DE SOCIEDADES ESOTÉRICAS	299
5.8.2 A SOCIEDADE ESOTÉRICA MAIS ATACADA E PERSEGUIDA PELA IGREJA CATÓLICA AO LONGO DA HISTÓRIA	299
5.8.3 O ATAQUE À MAÇONARIA PELOS PROTESTANTES	300
5.8.4 A MAÇONARIA NA CONCEPÇÃO DOS CRISTÃOS	300
5.8.5 A MAÇONARIA NA CONCEPÇÃO DOS MAÇONS	300
5.8.6 SEMELHANÇAS ENTRE A MORAL MAÇÔNICA E A CRISTÃ	303
5.9 CRISTIANISMO X TEOSOFIA	304
5.9.1 SIGNIFICADO DO TERMO “TEOSOFIA”	304
5.9.2 DEFINIÇÃO DE TEOSOFIA	305
5.9.3 OBJETIVOS DA SOCIEDADE TEOSÓFICA	305
5.9.4 O LEMA DA SOCIEDADE TEOSÓFICA	305
5.9.5 O ‘DEUS’ DOS TEÓSOFOFOS X O ‘DEUS’ DOS CRISTÃOS	305
5.9.6 A TEOSOFIA NA CONCEPÇÃO DOS CRISTÃOS	306
5.9.7 INTERPRETAÇÃO TEOSÓFICA DE “VÓS SOIS DEUSES” (SI 82,6) ..	306
5.10 CRISTIANISMO X ESPIRITISMO	309
5.10.1 A NOVIDADE TRAZIDA PELO ESPIRITISMO	310
5.10.2 ESPIRITISMO X ESPIRITUALISMO	311
5.10.3 O ESPIRITISMO KARDECISTA E SUA OBRA BÁSICA	312
5.10.4 A CONSTITUIÇÃO DO UNIVERSO NA VISÃO ESPÍRITA	312
5.10.5 A CONCEPÇÃO ESPÍRITA DE ‘DEUS’	312
5.10.6 IMPOSSIBILIDADE DE COMPREENDERMOS A NATUREZA ÍNTIMA DE DEUS	312
5.10.7 A CONCEPÇÃO ESPÍRITA DE ‘JESUS’	314
5.10.8 O MAL NA CONCEPÇÃO ESPÍRITA	314
5.10.9 O HOMEM NA VISÃO ESPÍRITA	314
5.10.10 O CORPO FÍSICO	315
5.10.11 O “PERISPÍRITO”	315
5.10.12 A ALMA OU ESPÍRITO	315
5.10.13 DISTINÇÃO ENTRE ESPÍRITO E ALMA	316
5.10.14 A MATÉRIA	316
5.10.15 O FLUIDO CÓSMICO UNIVERSAL	316
5.10.16 A MORTE	316
5.10.17 NOSSA PRINCIPAL MISSÃO NO MUNDO	317
5.10.18 O LIVRE-ARBÍTRIO	317
5.10.19 CAUSAS DO SOFRIMENTO	317
5.10.20 OUTROS MUNDOS HABITADOS	317
5.10.21 A PALAVRA-CHAVE DA DOCTRINA ESPÍRITA	318
5.10.22 OBJETIVOS DA REENCARNAÇÃO	318
5.10.23 O LEMA DO ESPIRITISMO	318

5.10.24	EVIDÊNCIAS A FAVOR DA REENCARNAÇÃO	318
5.10.25	A PERDA DA PERSONALIDADE	319
5.10.26	PERSONALIDADE DOS ESPÍRITOS DESENCARNADOS	319
5.10.27	PROVAS CIENTÍFICAS DA EXISTÊNCIA DA ALMA	320
5.10.28	DOUTRINA CONSOLADORA	320
5.10.29	O ESPIRITISMO “CRISTÃO”	321
5.10.30	DIFERENÇAS DOCTRINÁRIAS ENTRE O ESPIRITISMO E O CRISTIANISMO TRADICIONAL	323
5.10.31	A SUPOSTA CONDENAÇÃO DO ESPIRITISMO PELA BÍBLIA ..	325
5.10.32	O FENÔMENO CHICO XAVIER	327
5.11	CRISTIANISMO X UMBANDA	327
5.11.1	A RELIGIÃO TÍPICA DO POVO BRASILEIRO	328
5.11.2	OS ORIXÁS DA UMBANDA SINCRETIZADOS COM SANTOS CATÓLICOS	328
5.11.3	RAZÕES PARA O SINCRETISMO DOS ORIXÁS DA UMBANDA COM SANTOS CATÓLICOS	329
5.11.4	DESAFIOS PARA O DIÁLOGO RELIGIOSO ENTRE OS UMBANDISTAS E OS CRISTÃOS	329
5.12	CRISTIANISMO X LEGIÃO DA BOA VONTADE	330
5.12.1	ORGANIZAÇÃO OFICIAL DA LBV	331
5.12.2	SITUAÇÃO ATUAL DA LBV	331
5.12.3	DIFERENÇAS DOCTRINÁRIAS ENTRE A LBV E O CRISTIANISMO DOGMÁTICO	332
5.13	CRISTIANISMO X BAHAIÍSMO	333
5.13.1	RELIGIÃO PLURALISTA	334
5.13.2	OBJETIVO PRINCIPAL DA FÉ BAHÁ'Í	335
5.13.3	O BAHAIÍSMO E A UNIDADE DAS RELIGIÕES	335
5.13.4	DEUS E SEUS MENSAGEIROS NA VISÃO BAHAIÍSTA	335
5.13.5	O BAHAIÍSMO NA CONCEPÇÃO MUÇULMANA	335
5.13.6	DIVERGÊNCIAS DOCTRINÁRIAS ENTRE O BAHAIÍSMO E O CRISTIANISMO CONVENCIONAL	336
5.14	CRISTIANISMO X MOVIMENTO NOVA ERA	337
5.14.1	PRINCÍPIOS BÁSICOS DO MOVIMENTO NOVA ERA	337
5.14.2	PERSONALIDADES DO MOVIMENTO NOVA ERA	338
5.14.3	DIVERGÊNCIAS DOCTRINÁRIAS ENTRE O MOVIMENTO NOVA ERA E O CRISTIANISMO CONVENCIONAL	338
5.14.4	O ‘DEUS’ DO MOVIMENTO NOVA ERA X O ‘DEUS’ DO CRISTIANISMO ORTODOXO	339
5.14.5	DOCUMENTO DA IGREJA CATÓLICA SOBRE O MOVIMENTO NOVA ERA	339
5.15	CRISTIANISMO X REENCARNACIONISMO	341
5.15.1	REENCARNAÇÃO X METEMPSICOSE	342

5.15.2 A CRENÇA REENCARNACIONISTA NO JUDAÍSMO E NO CRISTIANISMO PRIMITIVO	342
5.15.3 A REENCARNAÇÃO E OS DOGMAS OU MITOS CRISTÃOS	344
5.15.4 A REENCARNAÇÃO E O PROGRESSO DA HUMANIDADE	345
5.15.5 A REENCARNAÇÃO E O MITO DO INFERNO ETERNO	345
5.15.6 A REENCARNAÇÃO E A CIÊNCIA CONTEMPORÂNEA	345
5.15.7 UNICIDADE DA EXISTÊNCIA E DESIGUALDADES HUMANAS	346
5.15.8 UNICIDADE DA EXISTÊNCIA E EVOLUÇÃO	347
5.15.9 REENCARNAÇÃO E TERAPIAS DE VIDAS PASSADAS	347
5.15.10 REENCARNAÇÃO, JUSTIÇA E MISERICÓRDIA DIVINAS	347
5.15.11 ADEPTOS DA REENCARNAÇÃO NO MUNDO	348
5.15.12 OBJEÇÕES À REENCARNAÇÃO	350
5.15.13 REENCARNAÇÃO X RESSURREIÇÃO	357

APÊNDICE: REFERÊNCIAS À 1ª EDIÇÃO DESTA OBRA

“O livro *Entrevistas com Jesus* ficou bonito e reflete uma pesquisa invejável.” (Frase extraída de um e-mail de **José Élcio Batista**, Mestre em sociologia e professor universitário, residente em Fortaleza, CE.)

“Li o livro *Entrevistas com Jesus* e confesso que concordo com mais de 90% de seu conteúdo.” (Frase transcrita de um telefonema de **Vicente Francimar de Oliveira**, escritor judeu, residente em Fortaleza, CE.)

“Prof. Pinheiro: Agradecemos a sua obra *Entrevistas com Jesus: Reflexões Ecumênicas*, na qual foi incluído o fôlder distribuído pela Grande Loja Maçônica do Estado do Ceará. [...] Desejamos parabenizá-lo pela lucidez e pela maneira imparcial com que a Maçonaria é tratada em seu livro.” (Trechos de uma carta enviada pelo maçom **Nathaniel Carneiro Neto** – Grão-Mestre da Grande Loja Maçônica do Estado do Ceará.)

“Caro amigo Pinheiro: Sempre tive a ideia de que as religiões não deveriam ser antagonismos, mas caminhos que se unificam no amor. Gostei muito de teu livro e das convicções que tens. Parabéns!” (E-mail do escritor e professor universitário **Dr. José Lemos Monteiro**, residente em Fortaleza, CE.)

“Senhor Pinheiro: Seu livro é uma obra de arte! O Senhor é um gênio!!! Adorei ler o seu livro, que tem tudo sobre religião. Para trabalho de faculdade, ele é riquíssimo em assuntos e detalhes. Ele é muito legal mesmo. A minha esposa sempre o lê nas horas vagas e a gente fica relacionando o que há no mundo com as questões abordadas no livro. Muito obrigado por tê-lo autografado.” (E-mail do estudante universitário **Eufrásio Neto Francisco**, residente em Fortaleza, CE.)

“Dr. Pinheiro: Parabéns! Sua obra é um legítimo e árduo trabalho de pesquisa, que lhe exigiu dedicação, conhecimento e experiência, e, seguramente, contribuirá para nossa lapidação espiritual. Grata por compartilhar conosco seus conhecimentos.” (E-mail da professora e engenheira judia **Elizabeth Parente V. Azikri de Deus**, residente em Fortaleza, CE.)

“Prezado José Pinheiro de Souza: Ontem me chegou, por surpresa, um exemplar de seu livro ‘Entrevistas com Jesus’. Já pela leitura da orelha do livro deu para perceber que se trata de um trabalho alicerçado em base sólida e ao mesmo tempo desconhecida pela grande maioria dos cristãos. Já em 1947, o escritor judeu Martin Buber fazia a distinção entre a ‘fé de Jesus’ (que significa confiança de que os graves problemas da humanidade e do ser humano possam ser resolvidos) e a ‘fé em Jesus’ (que é a divinização e a devoção, liturgia etc., base das igrejas). A fé de Jesus está acima das religiões, como você diz com clareza

cristalina e sempre repete: ‘não importa o caminho!’. A fé em Jesus é exclusivista e ritualista. [...] Mais uma vez, parabéns. Este livro merece ser amplamente divulgado. Oxalá isso aconteça.” (Trechos de um e-mail do historiador belga, e ex-padre católico, **Eduardo Hoornaert**, autor de vários livros e artigos sobre História do Cristianismo, residente em Lauro de Freitas, BA.)

“Prezado amigo Pinheiro: Foi com grande prazer que recebi seu livro *Entrevistas com Jesus*. Vai ser-me muito útil essa sua obra. Ela é fantástica. [...] Escrevo uma coluna para o diário de BH O TEMPO, de Belo Horizonte, às segundas-feiras. Escrevo também para algumas revistas espíritas encontradas nas bancas, entre elas a “Universo Espírita” e a “Espiritismo e Ciência”. Minha coluna em O TEMPO é espiritualista e, sempre que me é possível, introduzo nela algo da Doutrina Espírita. Temos muitas afinidades. Também eu estudei para padre e cheguei à reencarnação ainda como católico. [...] Quanto ao seu livro, ele é excelente. Vou usá-lo muito para consultas em meu trabalho, principalmente, para matérias que escrevo. Ele é rico de informações muito interessantes de teologia, Bíblia e história do cristianismo. [...] Seu livro merece, como poucos, ser lançado para todo o Brasil.” (**José Reis Chaves**, escritor mineiro, teósofo e biblista espírita, residente em Belo Horizonte, MG.)

“Prezado Tio Zezito: Parabéns por mais uma conquista! Recebemos o exemplar de seu livro e, com certeza, vamos esclarecer muitas dúvidas e, claro, aprender um pouco mais, pois, neste plano, a cada dia aprendemos mais para a nossa evolução espiritual. Gostamos muito da capa, a caricatura está bem adequada à sua pessoa. [...] A dedicatória para Tia Iaci foi merecida, pois ela, como esposa, mãe e mulher, mostra ser um exemplo do verdadeiro AMOR. O tema central é bastante interessante, oxalá, o mundo o entendesse e a situação seria bem diferente da que nos é apresentada atualmente.” (E-mail de **Claudia da Glória Pinheiro Barbosa**, residente em Guarulhos, SP, sobrinha do autor – chamado na família de Zezito.)

“Caríssimo Professor Pinheiro: Li recentemente seu livro *Entrevistas com Jesus: Reflexões Ecumênicas* e confesso que foi um dos melhores livros sobre religião e religiosidade que já li em toda a minha vida. Nele encontrei tudo o que eu pensava e entendia sobre o cristianismo, porém não tinha coragem de contar para ninguém, pois fui criado em família bastante católica e seria considerado um herege, um ateu se expressasse meu ponto de vista em público. Parabéns por excelente obra.” (E-mail do professor **Raul Soares Carneiro**, residente em Fortaleza-CE.)

“Olá... Inicialmente, como devo chamá-lo? “Pinheiro”, como “Jesus”? Estou lendo o seu livro *Entrevistas com Jesus* e se a minha cabeça já estava “balançada”, agora ficou a mil... Talvez a mesma “revolução copernicana”, à qual você se refere. Ah... nem sei se posso tratá-lo de você... desculpe-me. O fato é que gostaria de conversar com alguém que tem muita semelhança com o que eu penso. Acho que

encontrei. Gostaria de manter contato para troca de opiniões e encontrar mais algumas respostas. Sou católica e tenho raízes familiares profundas no Catolicismo. Porém, tenho muita admiração pela Doutrina Espírita e, apesar disso, tenho também alguns temores, quer sejam relacionados a familiares (meus pais) ou até mesmo dos charlatões à solta. Por hoje basta, não quero perturbá-lo muito. Um abraço, Jacinta Lúcia.” (E-mail de **Jacinta Lúcia Gomes**, residente em Fortaleza-CE.)

“Prezado Pinheiro, seu livro está operando uma grande transformação em minha vida espiritual, solidificando mais minhas convicções religiosas. Com admiração e agradecimentos.” (**Edmilson C. Michiles**, escritor católico pernambucano, residente em Fortaleza-CE.)

“Prezado confrade J. Pinheiro, seu livro é livro que deve ficar sempre sendo reeditado – Parabéns! [...] Um abraço do amigo desconhecido, **Arsace de Castro Sousa Júnior**.” (Frase de um e-mail desse confrade, residente em Fortaleza-CE.)

Mensagem psicografada de três espíritos desencarnados (durante uma palestra do autor sobre seu livro, num Centro Espírita de Fortaleza):

“Chegamos, meus amigos terráqueos, ou melhor, habitantes do Planeta Terra (presença na casa espírita). Somos aparelhos vindos de outros planos. Na verdade, estamos bem mais em trabalho no plano terrestre, circulando também nos cosmos celestiais desse mundo a fora. Carregados de amor, estamos aqui presentes para assistirmos juntos essa palestra do Prof. Pinheiro. Muito boa vontade do nobre Prof. Pinheiro, ecumênico por natureza agora, uma vez que antes era católico. Houve mudanças, um afloramento do Espírito do Prof. Pinheiro. Parabéns por esta obra magnífica e tão bem aproveitável na maneira da busca do conhecimento ecumênico. É preciso que tenhamos consciência cada vez mais para a abertura de novas ideias e sabedoria. Não podemos ficar à mercê de apenas uma religião, como cita o autor. É pela religião do amor, o amor ao próximo e a Deus, que chegaremos à evolução da humanidade. Portanto, queiram ler esta obra e conhecerão muitas verdades até então desconhecidas por milhares de pessoas. Reconhecemos o bem que esta obra fará para todos aqueles que adquirirem o livro. Sejam leitores assíduos das boas obras literárias, não só precisamente da religião a que pertençam. Façam uma boa leitura e tirem suas próprias conclusões.”

Psicografia: **Aélio Rocha** (médium espírita kardecista)

Local: Centro Espírita Antônio Alves de Linhares

Fortaleza-CE, 29/08/2006

Trabalhadores espirituais desencarnados autores da mensagem:

Carla Veridiana (terapeuta)

Júnior Guimarães (afazeres espirituais)

Tito Donadone (italiano interessado na obra literária)

JORNAL DIÁRIO DO NORDESTE

FORTALEZA, CEARÁ

OPINIÃO

Ideias (16/6/2007) (Matéria Republicada no Jornal CEARÁ ESPÍRITA, Órgão de Divulgação da Federação Espírita do Estado do Ceará, Ano XIX – nº 170 – Julho/Agosto/2007, p. 5)

“Entrevista com Jesus

Só um livro seria capaz de registrar uma entrevista com Jesus. Livro de reflexões ecumênicas. Produção literária de José Pinheiro de Souza. Ele ousou. Resolveu unir caracteres de uma inteligência privilegiada. Associou preparo e instrução. Deixou fluir sopro divino. Trabalhou mediunidade, no seu conceito lídimo de comunicação. Lançou um questionário de 400 perguntas, com suas respostas dentro da lógica e da razão de Jesus Cristo. Trabalho de fôlego. Rito belíssimo de uma paciência didática bem ao estilo do Mestre de Nazaré. Suas ideias milenares já implantadas no planeta, desde a sua criação. Religião numa expressão de amor nunca dissertada com tanta simplicidade. Livro para refletir ternura, em interpretações belíssimas. Sem floreios. Vocabulário da própria pureza de alma para dizer verdades incontestes, sem ferir ninguém. Laboração estudada para atingir objetivos de paz. Concórdia. Diálogo aberto para entender e aproximar outros credos às raízes de um ecumenismo necessário para conduzir espíritos ao aprisco da bondade inerente ao ser humano. O autor apresenta seu livro na forma de cinco hipotéticas entrevistas com Jesus. Dificilmente o leitor deixará de descortinar verdades. Respostas lúcidas, dentro dos parâmetros da sonhada paz universal. Brado filosófico capaz de unir. Nunca separar pela violência das disputas religiosas ocasionadoras de guerras fratricidas. Irmãos engolindo-se para forçar pontos de vista. O livre-arbítrio, que nos foi dado por Deus, não dá o direito de enveredar por tortuosas estradas do preconceito religioso ou qualquer outro. Afinal, somos todos irmãos. Fraternidade é irmã gêmea da caridade. Rima rica de uma compreensão salutar para evitar tormentos conscienciais incompatíveis com o avanço tecnológico da atualidade. Nas reflexões ecumênicas de José Pinheiro de Souza, encontramos toda uma caminhada religiosa sem rotulação. O bem está latente por onde o Cristo passou, deixando seu plantio no coração e mente de todos nós, irmãos por ascendência divina. Por que tanta briga, meu Deus? Está na hora de entendimento. A paz acena em todos os movimentos que priorizam a reflexão.”

PAULO EDUARDO MENDES

Juiz de Direito e jornalista

<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=443453>